NORUS
REVISTA NOVOS RUMOS SOCIOLÓGICOS
Volume 14 | N° 25 | janeiro-julho 2026



DOSSIÊ
ESTUDOS SOCIOCULTURAIS SOBRE O FUTEBOL

SOCIOLOGIA
Programa de Pós-graduação
IFISP | UFPEL

Revista Novos Rumos Sociológicos | vol. 14 n. 25 | Jan/Jul/2026
ISSN: 2318-1966

DOSSIÊ

APRESENTAÇÃO

Estudos Socioculturais sobre o Futebol

Fábio Machado Pinto[1]

Luiz Carlos Rigo[2]

Regis Fernando Freitas da Silva[3]

Liber Benítez[4]

Daniel Machado da Conceição[5]

Este dossiê foi planejado para acompanhar mais uma edição da Copa do Mundo de Futebol da FIFA, popularmente conhecida como Mundial, evento que mobiliza a atenção dos cinco continentes e é assistido e prestigiado em todo o mundo, momento em que a comunidade científica se debruça sobre o impacto social, político e econômico desse fenômeno. O futebol, no campo científico e acadêmico, vem ocupando um lugar de destaque como um "fato social total" que nos permite estudar e compreender aspectos intrincados da sociedade e da cultura, articulando uma diversidade de países em todos os continentes.

[1] Doutor em Ciências da Educação Université Paris 8. Pesquisador do INCT Futebol / CNPq. Professor da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Orcid: https://orcid.org/0000-0002-9480-4493. E-mail: fabiobage@yahoo.com.br.
[2] Doutor em Ciências da Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisador do INCT Futebol / CNPq. Professor da Escola Superior de Educação Física da UFPel. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-9586-0182. E-mail: rigoperini@gmail.com.
[3] Doutorando em Sociologia (PPGS/UFPel). Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2354-0299. E-mail: regisfernandosilva@gmail.com.
[4] Doutorando em Ciências Sociais – Universidad Nacional de La Plata (UNLP). Pesquisador do INCT Futebol / CNPq. Professor do Instituto Superior de Educación Física da Universidad de la Republica (Udelar). Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2022-2164. E-mail: liberbenitez.86@gmail.com.
[5] Doutor Em Educação – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisador do INCT Futebol / CNPq. Professor da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina (SED-SC). Orcid: https://orcid.org/0000-0002-6065-6656. E-mail: danielmdac1@gmail.com.

Especialmente para os países-sede, os investimentos em infraestrutura e as transformações urbanas alteram substancialmente a vida das populações residentes, exigindo uma análise crítica rigorosa.

Neste cenário de efervescência e reflexão, o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia: Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol) tem cumprido uma função primordial de mobilizar, ampliar e promover uma rede internacional, interdisciplinar e intercultural de grupos de pesquisa e universidades. O Instituto vem promovendo o estreitamento das relações entre o meio acadêmico e as entidades e comunidades locais, investigando os espaços e tempos em que o futebol acontece como lazer, profissão, prática cultural ou esportiva, em suas múltiplas dimensões educativas e de alto rendimento.

É com satisfação que nos reunimos a revista *Novos Rumos Sociológicos* (NORUS) para apresentar este dossiê temático, "Estudos Socioculturais sobre o Futebol". O objetivo central desta coletânea é reunir estudos, pesquisas, ensaios e reflexões que abordam o futebol enquanto fenômeno social revelador do espírito do nosso tempo. Os artigos aqui reunidos analisam, com adensamento teórico-metodológico, o desenvolvimento do esporte e seus impactos nas sociedades, nas instituições e nas culturas locais e globais.

A proposta do dossiê destaca-se por sua perspectiva crítica, problematizando questões urgentes do futebol contemporâneo, como a exclusão de mulheres e populações LGBTQIA+, as diversas formas de violência, o racismo estrutural, a mercantilização e a espetacularização do esporte. Além disso, as pesquisas exploram dinâmicas como a financeirização dos clubes através das Sociedades Anônimas do Futebol (SAFs), as trajetórias de migração e formação de atletas, e as práticas de resistência encontradas no futebol de várzea e comunitário. O conjunto de textos reflete as consequências dessas dinâmicas e as perspectivas de mudança social que o esporte pode promover.

O Dossiê recebeu um total de setenta e dois artigos, um indicador da atualidade, da relevância e da pertinência propiciado pela temática do Futebol. Dos setenta e dois artigos recebidos tivermos a difícil tarefa de selecionarmos doze. Os estudos selecionados, possuem a autoria de pesquisadores de diversas

regiões do país e também de países vizinhos, como Argentina e Uruguai e oferecem um panorama multifacetado das pesquisas atuais sobre o tema.

Entre os artigos que não foram selecionados muitos são estudos de qualidade que também atendem as exigências para serem publicados em boas revistas acadêmicas. Desse modo, sugerimos que outras revistas que possuem interfaces com a temática do esporte moderno avaliam a possiblidade de proporem dossiês a partir da temática do futebol.

O primeiro artigo, *"Tudo que eles não veem é o que a gente vive": sofrimento e resistência entre os jogadores profissionais do futebol da última divisão do Brasil*, investiga as repercussões subjetivas do trabalho precário na Série D do Campeonato Brasileiro. A pesquisa evidencia como a dinâmica institucional produz incerteza e sofrimento e como os atletas recorrem à religiosidade, à família e aos coletivos de trabalho como sustentáculos subjetivos para permanecer na profissão.

Em seguida, o texto *Financeirização do futebol e reações torcedoras: a SAF do Cruzeiro sob Ronaldo Nazário* analisa as respostas da torcida às transformações econômicas recentes no Brasil. O estudo documental revela as tensões entre a racionalidade econômica imposta pela financeirização e os significados culturais que estruturam a identificação torcedora, oscilando entre a adesão pragmática e a contestação.

O terceiro trabalho, *Diferenças constitutivas das frátrias no futebol e na escola, proeminência do filho atleta e o superinvestimento no esporte*, mergulha nas dinâmicas familiares e nas estratégias de escolarização. A pesquisa aponta para um superinvestimento familiar na carreira esportiva, resultando em uma proeminência do filho atleta em detrimento do não-atleta, reconfigurando a distribuição de recursos materiais e simbólicos na família.

No artigo *Projeto de vida e formação escolar de estudantes-atletas do futebol, estudantes-trabalhadores e estudantes-típicos*, os autores realizam uma análise comparativa das trajetórias educacionais. O estudo demonstra como a condição de atleta molda diferentes projetos de vida e oportunidades

educacionais, evidenciando os desafios de conciliar a formação esportiva de alto rendimento com a escolarização formal.

O quinto artigo, *Tornar-se uma "atleta de verdade": gênero, sofrimento e formação no futebol de mulheres*, aborda a intersecção entre gênero e os processos de profissionalização. A pesquisa explora os processos de subjetivação e o sofrimento inerente à construção da identidade profissional no futebol feminino, destacando as barreiras e resistências enfrentadas pelas jogadoras. Em diálogo com a temática anterior, o texto *Programa "Professoras Pretas": formação profissional e permanência no futebol de mulheres* foca na interseccionalidade de raça e gênero. O artigo analisa um programa de formação voltado para mulheres negras, ressaltando a importância de políticas afirmativas para garantir a inclusão, a permanência e a profissionalização em espaços historicamente excludentes.

O sétimo artigo, *"O crime é o crime e eu não posso errar": Torcidas Organizadas, PCC e a regulação do conflito no futebol paulista*, investiga as complexas dinâmicas de violência e regulação social. O estudo lança luz sobre a intersecção entre as torcidas organizadas em São Paulo e as estruturas do crime organizado, analisando como os conflitos são mediados e regulados nesses espaços.

No trabalho *Virando o jogo: o futebol de mulheres para além da exclusão com as Boleiras do Aterro no Rio de Janeiro*, o foco recai sobre as práticas de futebol comunitário. A pesquisa demonstra como o futebol praticado em espaços periféricos atua como uma poderosa ferramenta de resistência, sociabilidade e transformação social para mulheres frequentemente excluídas do modelo convencional.

O nono texto, *Futebol, paixão e renúncia: a biografia de Luiz Parise demarcando um sujeito e uma época no interior do Rio Grande do Sul*, utiliza a abordagem biográfica para explorar a história social do futebol. Através da trajetória de um indivíduo, o artigo ilustra como o esporte opera como elemento central na formação de identidades sociais e na demarcação de contextos históricos regionais.

O artigo *Deporte comunitario: fútbol, política e identidad* amplia a discussão para o contexto latino-americano, analisando as práticas de futebol comunitário como espaços de mobilização política. O estudo evidencia a profunda relação entre esporte, identidade coletiva e ativismo, onde o futebol se consolida como arena de disputa e afirmação comunitária.

A penúltima contribuição, *Futbolistas en formación: la inversión en uno mismo como condición de posibilidad de la carrera profesional*, investiga os processos de subjetivação em centros de treinamento na Argentina. O artigo detalha as "técnicas de si" e o trabalho contínuo sobre o corpo e a mente que os jovens atletas devem realizar para sustentar as incertezas da carreira profissional.

Por fim, o décimo segundo artigo, *Migraciones en un campo de profesionalización emergente y desigual: proyectos migratorios de futbolistas argentinas*, analisa as trajetórias de jogadoras argentinas no mercado internacional. O estudo mostra que essas migrações são projetos planejados que articulam aspirações de desenvolvimento esportivo com expectativas educacionais e laborais, refletindo tanto a expansão do futebol feminino quanto a persistência de desigualdades globais.

Este dossiê, portanto, oferece uma contribuição robusta e interdisciplinar para os estudos socioculturais do esporte. Esperamos que a leitura destes artigos estimule novos debates acadêmicos e fomente políticas públicas e ações sociais voltadas para a democratização, equidade e inclusão no universo do futebol.

Desejamos a todos uma excelente leitura.

Revista Novos Rumos Sociológicos | vol. 14 n. 25 | Jan/Jul/2026
Artigo recebido em 14-05-2026 | Aprovado em 13-07-2026
ISSN: 2318-1966

DOSSIÊ

"TUDO QUE ELES NÃO VEEM É O QUE A GENTE VIVE": SOFRIMENTO E RESISTÊNCIA ENTRE JOGADORES PROFISSIONAIS DO FUTEBOL DA ÚLTIMA DIVISÃO DO BRASIL

"Everything they don't see is what we live": Suffering and resistance among professional football players in the lowest division of Brazilian football

Aleff Silva Aleixo[I]

Resumo

Este artigo investiga as repercussões subjetivas do trabalho no futebol profissional da última divisão do campeonato brasileiro, enfocando principalmente as estratégias defensivas e formas de sustentação mobilizadas pelos jogadores para permanecer na profissão. Parte-se da compreensão do futebol não apenas como espetáculo esportivo, mas como organização do trabalho marcada por precariedade, instabilidade contratual, pressão por desempenho e intensa disciplina institucional. Metodologicamente, a pesquisa foi conduzida a partir de entrevistas semiestruturadas com 19 atletas de um clube da Série D do Campeonato Brasileiro, articuladas à observação participante realizada ao longo de seis meses na condição de psicólogo do clube. Os dados foram analisados à luz da antropologia/sociologia do esporte e da psicossociologia do trabalho. Os resultados apontam que a dinâmica institucional dos clubes da última divisão se organiza em torno da produção sistemática de incerteza e sofrimento, mobilizando mecanismos de controle, vigilância e concorrência permanentes. Em resposta a esse cenário, os jogadores recorrem a estratégias coletivas e simbólicas de elaboração do sofrimento, dentre as quais se destacam a religiosidade, a família, os coletivos de trabalho e o próprio desempenho da atividade futebolística. Conclui-se que os principais sustentáculos subjetivos da permanência na carreira são externos à instituição clubística, o que evidencia os limites das atuais discussões sobre saúde mental no futebol quando desvinculadas da organização concreta do trabalho nesses espaços.

Palavras-chave: Futebol; Futebol Profissional; Trabalho; Série D.

Abstract

This article investigates the subjective repercussions of labor in professional football within the lower divisions of the Brazilian championship, focusing primarily on the defensive strategies and forms of subjective support mobilized by players in order to remain in the profession. The study approaches football not merely as a sporting spectacle, but as a labor organization marked by precariousness, contractual instability, performance pressure, and intense institutional discipline. Methodologically, the research was conducted through semi-structured interviews with 19 athletes from a club competing in the Série D of the Brazilian Championship, combined with participant observation carried out over six months while acting as the club's psychologist. The material was analyzed through the lenses of the anthropology of

[I] Professor Substituto do Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba - Campus III. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-3084-0855. E-mail: aleffaleixo11@gmail.com.

sports and the psychosociology of work. The findings indicate that the institutional dynamics of lower-division clubs are organized around the systematic production of uncertainty and suffering, mobilizing permanent mechanisms of control, surveillance, and competition. In response to this context, players resort to collective and symbolic strategies for elaborating suffering, especially religiosity, family ties, work collectives, and the very experience of playing football itself. The study concludes that the main subjective supports sustaining permanence in the profession are external to the club institution, revealing the limits of current discussions on mental health in football when detached from the concrete organization of labor within these environments.

Keywords: Football; Professional Football; Labor; Série D.

Introdução

O futebol é um dos principais marcadores para se compreender a sociabilidade masculina no mundo. No Brasil, tido como mania nacional, é imprescindível para a compreensão da nossa formação social. Enquanto fenômeno sociocultural, é possível, a partir dele, extrair uma série de sínteses e leituras a respeito do Brasil como formação social: sua composição racial predominantemente preta e parda; sua organização como esporte e prática corporal; sua função enquanto entretenimento; as repercussões políticas nele e a partir dele; sua explosão como fenômeno midiático e de consumo; sua posição no imaginário popular a respeito de uma certa forma de ser brasileiro e de se jogar; dentre outras.

> O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir (DaMatta, 1982, p. 21).

Neste artigo, o futebol é tomado a partir do que pode revelar sobre a organização do trabalho no país, mais especificamente, sobre como essa organização, em seus elementos inferiores, repercute subjetivamente naqueles que dele sobrevivem: os jogadores profissionais. Aqui, ele é tomado como meio de vida e, fundamentalmente, como trabalho. Assim, ele é fonte de realização e sentido para uns; e promotor de adoecimento para outros (Dejours, 2015). Nesse caminho, os jogadores-trabalhadores tecem uma série de representações, ideologias e narrativas sobre os caminhos que os levaram à profissão, num caminho que vai do sonho à realização e do dom concedido por Deus ao treinamento e enfrentamento do sofrimento.

O futebol traz em sua história, no Brasil, as marcas da construção racializada de seu capitalismo e mercado de trabalho (Moura, 2019). Até as primeiras décadas do século XX, o futebol era amador e sua prática era permitida apenas a atletas brancos. Alguns clubes, a exemplo do Vasco da Gama, se destacaram por permitir, ainda na década de 1930, a presença de atletas negros em seus quadros. A profissionalização demarcou a ampliação da presença de negros no futebol e a posterior associação dos sucessos do futebol brasileiro a elementos socioculturais de sua população afrodescendente (DaMatta, 1982).

Entretanto, a organização do futebol também mantém essas heranças. Damo (2005) aponta uma cisão racial na constituição predominantemente branca das diretorias dos clubes, que contrasta com a dominância preta e parda entre os atletas, a base do sistema futebolístico. Ademais, a Lei do passe (Lei n. 6.354/76), que perdurou por décadas, assegurava aos clubes todos os direitos econômicos sobre o jogador, considerado como propriedade do clube, numa clara herança escravocrata no futebol (Brasil, 1976).

A Lei Pelé, que revoga a Lei do Passe, desfaz o vínculo entre jogadores e clube após o término do contrato (Brasil, 1998). Na prática, isso significou uma flexibilização na relação jogador-clube, com o atleta tendo mais liberdade para decidir individualmente seus rumos profissionais. Essa é uma liberdade de mercado, entretanto: na prática, as restrições da carreira, do mercado e a necessidade de outros capitais sociais (como empresários, agências, vínculos familiares etc.) ainda determinam os caminhos da carreira.

De acordo com Souza *et al.* (2022), de cada três mil jovens que almejam a carreira de jogador profissional de futebol, apenas um chegará ao objetivo. Alcançar esse objetivo não é o mesmo que enriquecer, uma vez que Tega (2014) identificou que apenas 20% dos jogadores profissionais têm rendimentos acima de cinco salários-mínimos. Isso impele muitos jogadores brasileiros a tentar a vida fora do país, predominantemente em países cuja tradição futebolística está ainda em formação (Damo, 2005).

> A propagação realizada pela mídia esportiva, ao enfatizar apenas a crescente venda e compra de atletas pelos clubes e destacando os jogadores que alcançaram patamares salariais elevados, encobre a esmagadora maioria dos atletas registrados que ganham até mil reais

> (82%) e, principalmente, o elevado número de desempregados nessa população (Souza *et al*, 2022, p. 70).

Ademais, cabe lembrar, ainda com Damo (2005), que a formação de um jogador de futebol, no Brasil, é marcada por uma baixa reversibilidade. Isso quer dizer que os capitais dos quais o indivíduo será investido são tão especializados para o futebol que não são aproveitados em outras profissões. Frequentemente, a rotina exaustiva de treinos inviabiliza o estudo e a qualificação profissional, fazendo com que os mais jovens deixem a escola e os mais velhos encontrem dificuldades para retomar os estudos. Os clubes, por outro lado, oportunizam apenas a formação no ensino médio. O tempo de vida dedicado ao futebol raramente é aproveitado fora dali, de modo que a inserção dos expelidos pelo futebol no mercado de trabalho é tortuosa. A carreira no futebol é, assim, um empreendimento de risco, de curta duração, com baixas probabilidades de sucesso e com um custo muito alto em caso de fracasso.

De acordo com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que gerencia o futebol profissional no país, no Brasil, há cerca de 882 clubes profissionais, com apenas 156 disputando o campeonato brasileiro, em suas quatro divisões (CBF, 2025). Isso implica dizer que uma parte significativa dos clubes do país não possuem calendário para o ano todo, tendo seu funcionamento restrito ao primeiro semestre, quando acontecem os campeonatos estaduais. Isso implica dizer que apenas uma minoria dos clubes do país funciona durante todo ano.

Na prática, estamos diante de uma forte retração dos postos de trabalho ao longo do ano, que acirra a concorrência para o segundo semestre. O último dado da CBF a esse respeito mostra que 60% dos jogadores perdem o emprego ao longo do ano (CBF, 2017). Essa concorrência pelos postos reforça a necessidade de um capital social específico para ingressar nos clubes, mesmo no futebol profissional, sendo o vínculo com empresários ou agências de atletas exemplos ilustrativos disso.

Souza *et al.* (2022) identificaram, para o ano de 2019, uma taxa de 11,4% de desemprego (flutuação de postos entre o primeiro e segundo semestre) entre jogadores de futebol – um número alto, considerando que é o

esporte mais popular e mais rentável do país, movimentando bilhões de reais. Entretanto, ampliando sua análise e considerando apenas os estratos inferiores do futebol brasileiro, as séries C e D do Brasileirão, esse número sobe para 18,7%. Há uma retração de postos de trabalho mesmo naquela minoria de clubes que dispõem de calendário para todo o ano. É nesse estrato inferior, de última divisão, que estão situados os participantes desta pesquisa, que o futebol tem mais atletas, paga menos e demite mais, sendo o campo onde é possível dizer que está parte significativa da realidade do futebol, longe dos milhões de reais, luxo e holofotes que caracterizam a imagem pública desse esporte.

Nesses estratos inferiores, onde circula menos dinheiro e os salários são menores, podemos vislumbrar um quadro de insegurança contratual crônica (contratos curtos e dispensas repentinas) associado a uma incidência maior do desemprego, o que caracteriza uma realidade material precária para esses jogadores, sobretudo quando estão desempregados e não contam com largas somas monetárias para atravessar esse momento. A repercussão subjetiva desse processo, entretanto, não é conhecida pela literatura.

Não há registros de pesquisas que investiguem como essa realidade econômica reverbera na saúde mental dos atletas, assim como não há estudos sobre as especificidades do trabalho como jogador dos clubes profissionais da última divisão. Se, em seus estratos superiores, há uma forte exposição, glamourização da profissão e alta rentabilidade, que podem repercutir positivamente na vida e subjetividade dos atletas, não sabemos o que pode ocorrer naquelas divisões que não contam com essas consequências positivas. Dito de outro modo, este artigo parte da seguinte pergunta: como o trabalho no futebol profissional da Série D repercute na experiência subjetiva dos jogadores, especialmente no que se refere às bases ideológicas e às estratégias defensivas que sustentam sua permanência na profissão?

Percurso metodológico

Para responder a essa pergunta, mobilizamos uma pesquisa de cunho qualitativo, conduzida a partir de entrevistas semiestruturadas com 19 atletas de um clube de futebol profissional da série D do campeonato brasileiro,

enfocando o trabalho como jogador de futebol e suas repercussões na saúde mental. Esses dados foram cotejados com dados provenientes da observação participante da realidade desse mesmo clube, na condição de profissional-psicólogo, no decurso de seis meses. Foram observadas e registradas em diário de campo reuniões, jogos, sessões de treinamento, grupos terapêuticos, viagens, celebrações, concentrações e os momentos em vestiário que antecedem e sucedem às partidas.

Entendemos que a dupla condição de pesquisador e psicólogo do clube pode condicionar a maneira como os atletas interagem com as questões e situação suscitadas pela pesquisa. Se, por um lado, ser psicólogo do clube concede ao pesquisador acesso privilegiado a atores e cenas que comumente não são abertas à pesquisa acadêmica, por outro pode produzir vieses relativos às diferenças percebidas e à assimetria de poder. Isso, entretanto, não inviabiliza a pesquisa, uma vez que já há uma extensa tradição das chamadas "etnografias implicadas", em que o pesquisador é, num só tempo, observador e membro efetivo da comunidade (Angrosino, 2009).

Entendemos, com Wacquant (2002), que fazer pesquisa etnográfica, sobretudo num contexto em que o corpo ocupa uma posição central, é uma tomada do corpo enquanto objeto e instrumento de pesquisa. Desse modo, para promover uma plena integração, o pesquisador participou de ritos iniciáticos, como "fechamentos", comemorações e batizados (raspando a cabeça para a estreia no futebol profissional e passando pelo chamado "corredor" onde novatos e aniversariantes são golpeados com camisas) e dos chamados "rachões". O intento era oferecer o próprio corpo à dinâmica social ali em curso, ser por ela investido e, nesse processo, assimilado o tanto quanto possível pelo grupo em questão, de modo a imergir em sua dinâmica.

Os dados aqui expostos, entretanto, não são analisados em sua dimensão clínica, mas como expressão individual e/ou coletiva de sujeitos (devidamente esclarecidos) a respeito de sua profissão. O nome do clube e a identidade dos profissionais foram preservadas. Todos concordaram em participar da pesquisa mediante a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A realização da pesquisa também contou com o

consentimento da presidência da instituição, mediante assinatura de termo de consentimento.

Os dados recolhidos foram analisados no intercurso de duas dimensões: uma de matiz socioantropológico, principalmente a partir das contribuições de Damo (2005) sobre a formação de jogadores de futebol como fenômeno sociocultural e de Goffman (2015) a respeito das dinâmicas de instituições disciplinares. Nessa dimensão, o clube de futebol é tomado como organização do trabalho e instituição disciplinar, cuja dinâmica produz um tipo específico de sociabilidade e de subjetividade.

Na segunda dimensão, procuramos adotar um enfoque mais psicológico, a partir das contribuições da psicossociologia do trabalho, que enfoca a relação do indivíduo com o trabalho por um viés psicodinâmico, numa relação que produz, necessariamente, uma subjetividade, na qual o indivíduo se realiza ou adoece (Dejours, 2015).

> Nossa concepção do trabalho está fundada em uma questão mais vasta: a da ação do homem sobre seu ambiente, ação que põe em jogo suas razões e até suas possibilidades de existir. O trabalho *stricto sensu* não pode ser separado das demais atividades humanas, individuais, coletivas ou cívicas. Em outras palavras, tudo o que leva a desarticular o trabalho dessas atividades contribui para sua desumanização (Lhuilier, 2014, p. 6)

Nessa dimensão, procuramos acessar os impactos subjetivos que a condição de trabalhador do futebol de última divisão causa nos jogadores, bem como as estratégias defensivas por eles adotadas para permanecer e dar sentido ao trabalho, a saber: a religiosidade, a família e os coletivos de trabalho (Clot, 2010).

Esses eixos estão, entretanto, consubstanciados nos resultados. A exposição transita entre um eixo e outro de modo a sublinhar as determinações recíprocas entre essas dimensões, de modo a expor um quadro o mais amplo possível do trabalho desses jogadores profissionais da última divisão do campeonato brasileiro.

A gestão do trabalho no futebol da última divisão

No futebol desse nível, praticamente não há espaço de fala para os jogadores. Afinal, há um senso de que eles são pagos (e bem pagos) para jogar,

não para falar ou reivindicar. Os clubes funcionam como instituições totais (Goffman, 2015): a forte hierarquia impõe regimes de concentração, padronização nos modos de jogar e vestir, horários para acordar, dormir e realizar cada refeição, metas nutricionais e fisiológicas. Essa dinâmica já é conhecida pela literatura.

> Devem, sobretudo, respeitar uma rígida regulamentação de conduta que, em alguns casos, como o da Holanda, dificilmente encontra paralelo entre outras profissões, senão na carreira militar. Horários rígidos pontuando o tempo de trabalho (e o do não-trabalho), disciplina vestimentária [...] fazem o dia-a-dia dos jogadores ser absolutamente controlado, e as penalidades previstas para os casos de transgressões, monetárias e de exclusão da equipe, fazem com que tenham interesse em aceitar o controle (Rial, 2008, p. 52).

Suas redes sociais têm seu conteúdo constantemente monitorado, mesmo nos dias de folga. As "reuniões" em que, em silêncio, os grupos de jogadores devem comparecer para ouvir instruções, reprimendas, receber normativas, cobranças e punições se sucedem, sem que a eles seja concedido o direito à fala.

A rotatividade, a concorrência de um mercado já saturado, os curtos contratos e, principalmente, a possibilidade de dispensa repentina gera um quadro de incerteza permanente, que é explorado pelos clubes como forma de motivar os jogadores e extrair melhores desempenhos. Em dado momento, foi possível ouvir de um dos diretores do clube que

> Jogador não pode ficar muito confortável pra não ficar acomodado. Eu preciso gerar neles uma incerteza, uma insegurança. Preciso deixar no ar se ele vai ficar com a gente ou não, preciso contratar outro pra concorrer com ele na posição, preciso cobrar, mostrar que tem regra. Só vai assim (Trecho do diário de campo).

O trecho acima aponta para a incerteza e a angústia dela decorrente enquanto ferramentas de gestão. É a mobilização do sofrimento como estratégia do incremento do desempenho. Somada aos caracteres que conformam o clube de futebol como uma instituição disciplinar, essa declaração indica que toda essa organização do trabalho não produz o sofrimento indiretamente, mas se organiza deliberadamente para promovê-lo.

> Quando ganha as pessoas te tratam bem, mas quando perde você não serve. Se você joga, você é útil, se você não joga as pessoas muitas vezes não te olham na cara. Quando olham, você sente que é

> menosprezado. Você não consegue fazer planos, pois você nunca sabe o que vai acontecer ali na frente... Literalmente afeta em tudo. (Jogador 3).

O quadro permanente de incerteza a respeito da própria condição faz com que os jogadores tenham sua autoestima no trabalho condicionada ao resultado dos jogos e ao seu desempenho individual – que deve ser sempre impecável, sobretudo em funções defensivas. Isso enseja um processo de incerteza a respeito de si, dos outros e, sobretudo, do próprio futuro, pois não se sabe até que ponto durará sua permanência no clube.

> Jogar na série D acredito que envolve muito mais pressão familiar, pressão de ter calendário, de fazer uma boa competição para conseguir se empregar no ano seguinte... Porque em muitos casos os clubes pagam pouco e alguns deles até atrasa salário. Isso é muito ruim (Jogador 8).

No futebol desse nível, é comum que, após más sequências e atuações, jogadores sejam dispensados em bloco, como forma de punição aos que vão e pressão/incerteza sobre os que ficam. Afinal, não se sabe quem será o próximo.

O sofrimento experimentado pelos jogadores é, portanto, um desdobramento natural desse processo, não um efeito colateral dele. É a expressão mental (e inconsciente) de uma disputa interna entre direção e jogadores que antecede as partidas contra outras equipes. O futebol carrega em si as mesmas contradições de classe de qualquer empresa privada sob o capitalismo. É nessa esteira que podemos colocar, inclusive, as provocações que são lançadas a qualquer um que se contraponha a essa forma de gestão.

> Numa reunião em que se discutia novas modalidades de multa aos jogadores, questionei a necessidade de algumas, já que as infrações levantadas jamais haviam ocorrido no clube. Seriam desgastes desnecessários. Ao que fui prontamente interpelado por um colega: Você está defendendo muito eles. Está com a gente ou está com os caras [jogadores]? Num primeiro momento, não entendi. Achei que fôssemos um time [Trecho do diário de campo].

Isso aponta para o caráter disciplinar da instituição e, também, para sua rígida estrutura hierárquica. Ali, a divisão do trabalho determina que à direção cabe gerir, à comissão técnica cabe pensar o processo de trabalho e, finalmente, aos jogadores executá-lo. A consciência dessa cisão e a certeza de sua condição impermanente, instável e precarizada impedem uma

identificação plena com o clube. Por mais que o discurso oficial seja de valorização, bem-estar, estrutura adequada para o trabalho e, mesmo, com a inserção da psicologia em seus quadros, preocupação com a saúde mental, o jogador profissional dessa divisão sabe que sua valorização está condicionada estritamente ao desempenho.

Em geral, o jogador da última divisão é tido como inferior em todos os aspectos: físicos, técnicos e cognitivos. A rígida hierarquia apenas lhes permite jogar conforme as instruções de treinadores, preparadores físicos, fisiologistas, médicos do esporte, entre outros profissionais. Não há espaço para o pensamento e a invenção. A inteligência do jogador, quando muito, figura como sua capacidade de assimilar as instruções que lhe são transmitidas. Uma conversa informal com um dos profissionais da comissão técnica explicita essa divisão:

> um time de futebol é como um carro de Fórmula 1. Você tem os mecânicos, que cuidam de cada componente e você tem o piloto, que só chega lá e dirige. Nós [Comissão técnica] somos os mecânicos, nossa função é deixar esse carro nas melhores condições possíveis para correr. O treinador é o piloto que vai conduzir esse carro. Os jogadores são as peças [Trecho do diário de campo].

Sujeitos pensantes são apenas aqueles que fazem o chamado "trabalho intelectual". Isso põe uma alienação no trabalho muito semelhante ao trabalho taylorizado, na linha de montagem, em que o trabalhador tem diminuído seu poder sobre a atividade, em que o prescrito impera sobre o trabalho real (Dejours, 2015).

No futebol da última divisão, os jogadores são tidos como mercadorias de qualidade inferior. Paira sobre eles o estigma da falta de inteligência, do "baixo nível cognitivo" e da indolência, como se aventa nos corredores do clube. Como "peças", são manipulados e prontamente descartados, caso sua utilidade não seja reconhecida. São mercadorias nas quais está invertido muito trabalho morto, que circulam por entre clubes, cidades, estados e países com grande velocidade e facilidade (Rial, 2008). "Somos produtos, por isso temos que estar bem todos os dias, mesmo estando com problemas" (Jogador 19).

Suas *performances*, gravadas, compõem vídeos em que recortes de seus melhores lances serão publicados em plataformas e redes sociais, com

vistas à divulgação do seu trabalho. Não jogar, isto é, não estar entre os titulares, é incorrer em dificuldades de permanecer no próprio clube e encontrar novos, pois não se está em exposição.

Trata-se de uma dupla estrutura de mando na qual os jogadores raramente têm poder: em campo, manda o juiz, a quem cabe a aplicação das regras; fora dele, manda a comissão técnica e a diretoria. O poder de agência dos jogadores jaz estritamente na boa *performance*: quando é boa, eles são bons; quando é má, eles são maus. Subjetivamente, quando lembramos da subsunção quase completa do jogador ao trabalho, isso consiste num processo de formação de autoestima condicionado à *performance* em campo, tão instável e imprevisível quanto ela.

Dom, religiosidade e rebeldia

A glamourização da profissão de jogador de futebol é o combustível que impele exércitos de jovens a se submeter a processos seletivos por um espaço na categoria de base dos clubes. Quando perguntados sobre a razão de terem se tornado jogadores de futebol, 15 dos 19 entrevistados falaram sobre o amor pelo esporte e o sonho de jogar. "Sempre foi um sonho de criança. Busquei incansavelmente realizar esse sonho. Graças a Deus, hoje eu vivo do meu sonho" (Jogador 13).

O futebol, portanto, nutre-se do trabalho de um exército de sonhadores. Esse sonho, formado desde a infância, associa à carreira o sucesso, o dinheiro, virilidade e admiração pelos pares. Entretanto, não é um sonho possível para todos, mas apenas para aqueles portadores de um dom, concedido por Deus – de acordo com as crenças dos entrevistados, como o jogador 4, que afirma: "nasci com o dom que Deus me deu". Por essa razão, o trecho da entrevista enfatiza que, graças a Deus, se vive um sonho.

Os meandros que levam do sonho à sua concretização são tortuosos. O processo se inicia desde as categorias de base, em que os aspirantes serão investidos por um processo formativo cujo objetivo é adequar o seu corpo às qualidades requeridas pelo exercício profissional do esporte.

> Nasci com o dom e com o treinamento eu procuro aprimorar esse meu talento todos os dias (Jogador 15).

> Nasci com o dom, mas fui aperfeiçoando com treinamento para ampliar minhas habilidades (Jogador 2).
> Acredito que fui escolhido no meio de tantos outros, mas com meu esforço consegui aprimorar mais (Jogador 6).

Para jogar futebol, então, não é preciso apenas talento, mas a sujeição a um processo pedagógico e disciplinar cuja finalidade é incutir no indivíduo o que Wacquant (2002, p. 84), ancorado em Pierre Bordieu, analisando a formação de pugilistas, chama de *habitus*:

> O ato de inculcar as disposições que formam o boxista relaciona-se, essencialmente, a um processo de educação do corpo, a uma socialização particular da fisiologia, em que o trabalho pedagógico tem por função substituir o corpo selvagem por um corpo 'acostumado', quer dizer, temporalmente estruturado e fisicamente remodelado segundos as exigências próprias ao campo.

Damo (2005) adapta o conceito de *habitus* ao futebol, chamando-o de "*habitus* futebolístico" e considerando as especificidades técnicas e morais do futebol. Dentre elas, figura a noção de dom concedido por Deus, que também é expressa pelos entrevistados e reforça os apontamentos do autor.

Trata-se da introjeção não apenas de uma determinada forma de dispor de e gerir o próprio corpo, mas também de uma mentalidade voltada à disciplina, à ascese e à competitividade, num processo que começa na adolescência, ainda na base, rumo à profissionalização. Não à toa, um dos entrevistados considera a escolha pelo futebol como uma vocação religiosa: "Eu amo jogar futebol e acredito que esse é o meu chamado missionário, além de jogar futebol, poder pregar a palavra de Deus onde quer que Deus me leve" (Jogador 12).

É possível enxergar uma circularidade do dom: concedido por Deus, ele carece de cuidado e disciplina para ser aprimorado. Uma vez alcançado o sonho, suas benesses devem ser partilhadas, inclusive na forma de testemunho missionário e disseminação da palavra do mesmo Deus que concedeu esse dom. O dom não é do jogador, é dádiva divina. O corpo do jogador, vetor do dom, deve ser zelado e investido por uma disciplina cuja função é fazer aflorar o que veio de Deus. À maneira de Mauss (2008), a dádiva deve voltar à sua origem, na forma da religião e, principalmente, na partilha das vantagens materiais da profissão. Em simultâneo, esse verniz religioso fornece sentido à investidura e permanência na profissão.

A ética da abnegação, da resistência à dor e ao sofrimento e do máximo esforço em muito se assemelha à ética protestante descrita por Weber (2004), daí a pertinência do discurso religioso como gramática do sentido dado à própria profissão. Aqui, é possível afirmar a religiosidade evangélica como ideologia defensiva (Dejours, 2015), uma estratégia simbólica defensiva adotada pelos trabalhadores para enfrentar as contradições e o sofrimento decorrente do trabalho, ou, dito em outras palavras, para civilizar aquilo que, no trabalho, escapa ao seu controle.

A carreira de um jogador de futebol é um processo árduo, em cujo percurso muitos sucumbem, que vai exigir do indivíduo uma ruptura total com formas seculares de vida para lograr êxito, o que aproxima esses atletas de instituições religiosas, sobretudo do protestantismo. Dentre os entrevistados, todos se afirmam cristãos, sendo oito católicos e 11 evangélicos. No Brasil, o cristianismo evangélico é uma tendência religiosa emergente; no futebol, já tem traços de hegemônica. No processo de observação participante, foi possível saber que é comum entre os clubes que, nas vésperas dos jogos, durante a concentração, sejam realizados encontros religiosos, geralmente com a participação de lideranças evangélicas. A esses encontros se dá o nome de célula.

A religião também ampara, sobretudo diante das dificuldades especificas do futebol dos estratos inferiores. Os salários menores, os contratos curtos, a alta rotatividade e as dispensas repentinas são a regra nesses estratos – o que impede, por exemplo, que as famílias os acompanhem até as cidades que sediam os clubes em que eles vão jogar. Isso repercute subjetivamente entre os jogadores como uma angústia crônica, decorrente da incerteza em relação ao futuro.

> As pessoas não sabem nem 10% do que se passa na nossa vida de atleta de futebol, a maioria acha que ganhamos salários exorbitantes, mas a realidade poucos sabem (Jogador 15).
> As pessoas não sabem muita coisa. Acham que só porque a gente joga bola somos milionários... E pensam que é fácil (Jogador 16).
> As pessoas não entendem que a nossa profissão é feita de altos e baixos. Elas só olham os resultados (Jogador 18).

Essa religiosidade dá ao jogador alento e conforto ante um contexto profissional marcado pela competitividade, imprevisibilidade, insegurança

(financeira, contratual), cobranças e assédios. Também dá respostas àquelas situações em que a razão é insuficiente, como numa goleada, num revés, numa bola que não entra e num resultado inesperado. Há toda uma variedade de momentos em que todos que compõem o clube se unem em oração: no começo de uma semana, antes de uma viagem para jogar fora, antes de um jogo ou na comemoração de aniversários. Essas orações, chamadas de fechamento, reiteradas, são espécies de rituais em que se quer domar a imprevisibilidade e as agruras do esporte, civilizando o real do trabalho (Lhuilier, 2014). A crescente presença de evangélicos, cujo emblema maior é o coletivo "Atletas de Cristo", foi estudada por Petrognani (2019) numa análise antropológica a partir da prática do fechamento.

Todos sabem, entretanto, que os adversários, do outro lado, repetem os mesmos procedimentos. É aqui que a religiosidade, enquanto componente da ideologia defensiva desses trabalhadores, encontra seus outros pilares constitutivos: Deus recompensará com a vitória, gols, boas atuações e ascensão profissional aqueles que trabalharem mais, forem mais fortes e resistentes às dificuldades – valores muito associados à virilidade masculina.

> Já a receita para permanecer no exterior incluiria o casamento, e se possível filhos, e o pertencimento a uma religião, preferencialmente evangélica, cujos preceitos rigorosos ajudam a suportar a disciplina imposta pela carreira de futebolista, por eles definida como "sofrimento" (Rial, 2008, p. 48)

A fala dos jogadores deve aparecer em campo, com boas atuações e, principalmente, bons resultados. O corpo, em atividade, é seu principal meio de expressão, como um vetor da catarse de todas as emoções reprimidas durante a rotina de trabalho. Aqui, o *habitus* aparece como aquisição de um gestual técnico padronizado, mas que possui brechas, lacunas, espaços liminares em que é possível imprimir o próprio estilo, a própria marca, a própria expressão no jeito de jogar. O corpo, afinal, é uma das poucas variáveis que o jogador pode controlar em seu trabalho.

> Eu entendo já há algum tempo que devo fazer meu trabalho e entregar resultados. Não tô aqui pela pessoa que sou e sim por aquilo que eu entrego dentro de campo. Sei das minhas qualidades e de tudo que posso contribuir. Mesmo não tendo controle sobre decidir se vou jogar ou não, tenho controle sobre minhas ações e meu trabalho. É isso que

> busco fazer todos os dias: me apresentar e fazer meu melhor (Jogador 3).

É possível estender esse argumento à própria forma como os jogadores fazem uso do próprio corpo: a estética considerada extravagante, com brincos, piercings, tatuagens, adereços e roupas diversas, pode aqui ser tomada como um espaço de expressão de suas individualidades, tão suprimidas ao longo da carreira.

Contudo, é preciso sublinhar: o corpo é meio de expressão e instrumento de trabalho. Subscritos ao conjunto de saberes e técnicas das ciências do esporte, esses corpos são treinados de modo a extrair o máximo de desempenho; subsumidos ao clube, enquanto instituição que dispõe desses corpos mediante contratos, são vigiados e controlados de modo a ter sua força de trabalho disponível e consumida o tanto quanto possível. A vigilância por câmeras, os horários para chegar, sair, dormir, acordar, se alimentar, treinar, folgar e todo o amplo conjunto de regras (implícitas e explícitas) têm no desempenho sua justificativa.

Há de se levantar a hipótese de que o perfil do jogador é sempre definido na relação com essa disciplina imposta. Como Goffman (2015) identificou em outras instituições totais, há aqueles que aderem completamente à dinâmica, confundindo-se com ela e há aqueles que contra ela se rebelam, rotulados negativamente. No futebol, essa relação pode ser definida na forma de um gradiente, com dois extremos: no primeiro, a adesão é completa a ponto de o jogador adotar uma religiosidade congruente à disciplina, como o é a evangélica; no outro, há a rebeldia a nível de corpo, com brincos, tatuagens e um padrão comportamental marrento, conhecido como "perna", dado à vida noturna e à malandragem (DaMatta, 1982).

Os clubes lidam de forma ambígua com esses perfis. Embora, por um lado, promovam a disciplina e esperem docilidade dos jogadores, por outro, a docilidade excessiva pode prejudicar. Em campo, pode significar falta de criatividade, de energia e de agressividade, que também são qualidades valorizadas no futebol. Os atletas evangélicos, por exemplo, são exemplos de moral e disciplina, mas sua presença excessiva incomoda. Certa vez, em

diálogo com funcionários do clube num contexto de baixa da equipe no campeonato, os reveses foram atribuídos à presença evangélica no clube.

> Olha... Quando você vir que tem mais de 10 jogadores participando da célula, pode saber que tá errado. Pode ter certeza de que nós vamos perder. Jogador bom é porra louca. Pastor, varão, irmão demais não dá certo [Diário de campo].

A rebeldia, portanto, é pontualmente celebrada, como um contrapeso da disciplina, sobretudo quando é diretamente associada à inventividade, virilidade e a resultados positivos. O tipo social do jogador rebelde, que frequenta festas, consome álcool e outras drogas, é figura frequente no imaginário popular e midiático a respeito da profissão. Na prática, pode ser tomado como a contraparte dialética da rigorosa disciplina a que são submetidos os atletas, como resistência agonística a ela, como forma de afirmação da masculinidade ante a rígida hierarquia dos clubes.

Dejours (2015), ao analisar trabalhadores da construção civil, identificou a recorrência de padrões arriscados de comportamento entre os operários, num trabalho cujas condições, em si, já são demasiado arriscadas. Essa exposição ao risco é entendida pelo autor como parte de uma ideologia defensiva na qual coragem, virilidade e comportamentos limítrofes são valorizados, numa espécie de ironia cujo objetivo é enfrentar a angústia que a profissão, pela sua própria natureza, produz. Trata-se de satirizar ao máximo os riscos que envolvem seu trabalho a ponto de torna-los ridículos e, por conseguinte, menos ameaçadores, ao passo que se valoriza, pela via da masculinidade, aqueles que conseguem tolerá-los e ridicularizá-los. Entretanto, essa ideologia é aproveitada pela empresa, que se vê dispensada da melhoria dessas condições de trabalho e investimento na segurança dos trabalhadores.

Essa compreensão pode ser estendida ao futebol. Aqui, o que se aproveita é a agressividade, a inventividade e a malandragem, com os resultados em campo. A rebeldia em relação às normas é, então, esperada. O excesso de regras, cobranças e assédios, que têm sua justificativa na produção de docilidade, produz um cenário crônico de angústia diante do qual se espera a rebeldia de alguns – mas não de todos, para que se preserve a coesão do grupo.

Paira uma crença de que a virilidade da noite, da festa, da malandragem e das múltiplas parceiras sexuais se converte em resolutividade. A disciplina produziria, portanto, homens altamente angustiados, sob estresse crônico, que irão explodir em campo, intimidando adversários, enfrentando arbitragem, encarando a torcida adversária e "resolvendo" partidas. Daí as histórias quase míticas das aventuras noturnas de grandes craques brasileiros, como Romário, Ronaldo e, mais recentemente, Neymar, fazerem sucesso na crônica esportiva.

Família: investidura, sustentação emocional e responsabilidade

A literatura antropológica sobre o futebol confere centralidade à família na carreira do jogador de futebol profissional (Damo, 2005; Rial, 2008). Frequentemente, a carreira já aparece como projeto familiar antes mesmo do nascimento da criança. Pais, tios e avós já carregam essa carreira como ideal de profissão e ascensão profissional, tendo pessoalmente tentado ingressar nessa carreira. Cabe aos pais (ou um parente mais próximo) dirigir aquelas crianças consideradas mais talentosas às categorias de base dos clubes ou escolinhas de futebol, onde elas adquirirão o *habitus* futebolístico (Damo, 2005; Wacquant, 2002). "Desde criança eu fui inserido no meio do futebol, meu pai me colocou numa escolinha e desde então tive um sonho de me tornar um jogador profissional" (Jogador 8).

Uma vez inserido na carreira e colhendo frutos positivos de seu trabalho, a parentela imediata é a que será favorecida. A carreira de jogador é um empreendimento familiar, afinal. Os ganhos são socializados entre toda a família (Damo, 2005). Mais tarde, entretanto, antes mesmo de se profissionalizar, esse jogador entrará no movimento migratório entre localidades e clubes que Rial (2008) chamou de "rodagem". Isso o afasta da parentela imediata, provocando isolamento e saudade, como já referido acima.

Como já referido, a formação de um jogador de futebol consiste na sua modelagem como mercadoria. Para tanto, uma série de saberes, técnicas e profissionais trabalham sobre ele, de modo a formar um *habitus* futebolístico adequado ao futebol de espetáculo (Damo, 2005). Noutros termos, o jogador de futebol, além de trabalhador, é uma mercadoria com valor de troca, que em

si abriga a investidura de muito trabalho morto. Como mercadoria, está subsumido aos seus círculos de produção, circulação e consumo.

E circulam com muita frequência e facilidade, trabalhando em diversas cidades, estados e países, num processo que começa no meio da adolescência. Rial (2008) aponta que a entrada nas categorias de base de um clube é apontada pelos jogadores como a principal ruptura em suas vidas, quando se isolam da família, amigos, da terra natal e de sua comunidade de origem. A partir daí, começam o que chamam de "rodagem", pulando de clube em clube, cidade em cidade, país em país. Nesse processo, não conformam o cosmopolitismo que se espera de quem conhece realidades diversas, pois sua experiência, de trabalho e disciplina intensa, se reduz aos espaços dos clubes, do futebol, hotéis e aeroportos.

É comum que, assim que se profissionalizam, começam a ascender e a "rodar", os jogadores de futebol encontrem uma companheira, se casem e tenham filhos. O casamento, assim, sucede à saída do espaço familiar original, suprindo a ausência e promovendo a regulação emocional ante as dificuldades impostas pelo trabalho (Rial, 2008). É comum ouvir nos bastidores que, após se casarem, muitos jogadores "entram na linha", aderindo de modo mais intenso à disciplina exigida pelo clube. O casamento, aqui, aparece como regulador emocional e reforçador da adesão à disciplina, promovendo alguns avanços significativos na carreira.

Esposas e filhos, contudo, também estão subsumidos às mesmas irregularidades e incertezas às quais o jogador está: sentem saudade do lugar de origem, de suas próprias famílias e redes de amigos. São atingidos na mesma medida pela insegurança, irregularidade e cobrança. Vivem o futebol a partir de uma perspectiva própria.

Juntas, essas esposas formam um coletivo próprio, com encontros, grupos em redes sociais e celebrações regulares. Estão presentes nos jogos, vestidas sempre com a camisa do clube da vez. Na saída dos estádios, após os jogos, independentemente do resultado, ficam perfiladas, à espera do companheiro. Aderem à mesma religiosidade evangélica de seus esposos, numa forma de alento e elaboração dos mistérios do esporte, vicissitudes do esporte (DaMatta, 1982). E, assim como os jogadores, fazem seus próprios

encontros religiosos, conhecido como "célula feminina". A religiosidade é uma reforçadora de toda a família. O clube designa uma profissional do sexo feminino para estabelecer uma ponte e organizar ações que contemplem as esposas. É comum ouvir recomendações a profissionais do clube para que evitem contato com essas mulheres, pois "com mulher de jogador não se mexe".

Nas entrevistas, a família e a religiosidade aparecem como os principais sustentáculos da carreira do jogador de futebol, como está disposto no Quadro 1. Marginalmente, com uma resposta, aparece "necessidade", que figura noutras parte deste texto. A comunhão entre família e religião, representada pelos encontros religiosos de mulheres, é uma consubstanciação quase intuitiva.

QUADRO 1 - SUSTENTÁCULOS DO JOGADOR

Categoria	Frequência
Família	14
Religião	6
Necessidade	1

Fonte: Elaboração própria (2026).

Outra parte dos jogadores desta pesquisa não levou suas famílias (esposas e filhos, principalmente) para residir na cidade onde está sediado o clube. Eles moram nas dependências do clube e dividem quartos entre si, numa forma de desonerar o clube de custas com moradia, tornando mais atrativa a possibilidade de firmar um contrato. Na prática, isso intensifica a experiência do isolamento.

Exilados de sua terra, da família, do mundo secular e, mesmo, dos demais funcionários do clube (que não são submetidos ao mesmo regime de trabalho nem às mesmas cobranças). Tornam-se jogadores através da família e o continuam sendo para a família. Numa carreira cujos sacrifícios são feitos em nome de um bem-estar coletivo, não individual.

> [O futebol] afeta em tudo. Distância da família, saudade, muitas vezes solidão [...] você não consegue fazer planos, pois você nunca sabe o que vai acontecer ali na frente, literalmente afeta em tudo (Jogador 3).

> As pessoas só veem os 90 minutos, não veem o dia-a-dia, e nem o que os atletas abrem mão da sua vida, família e tudo mais (Jogador 10).

A construção da identidade do jogador de futebol passa muito pela via da masculinidade provedora. A esses homens cabe trabalhar, resistir, silenciar e suportar dinâmicas de alto sofrimento, pressão e privação em nome da família. Precisam resistir, permanecer e vencer numa carreira em que os familiares também investem afetivamente e por ela são investidos. Essa instituição perfaz, então, um tensionamento: de um lado, confere sustentação emocional; do outro, pesa como responsabilidade.

> Muitos pensam que é só jogar e nada mais. Deixamos muitas coisas para trás: deixamos nossas famílias, pais, irmãos... Nossos parentes como um todo, né? Vivemos no mundo. Muitas vezes ficamos longe dos filhos, temos pressão de tudo quanto é lado e temos que estar com a cabeça boa todos os dias pra poder trabalhar. Mesmo tendo problemas, temos que ser fortes para trabalhar bem. Temos que nos provar todos os dias (Jogador 19).

Diante desse contexto generalizado de isolamento, renúncias e pressão, não resta outra alternativa senão a união com os pares. Forma-se, assim, um coletivo sólido de trabalho entre aqueles que partilham da vivência comum de ser um jogador dos escalões menos prestigiados do país.

Coletivos de trabalho no futebol

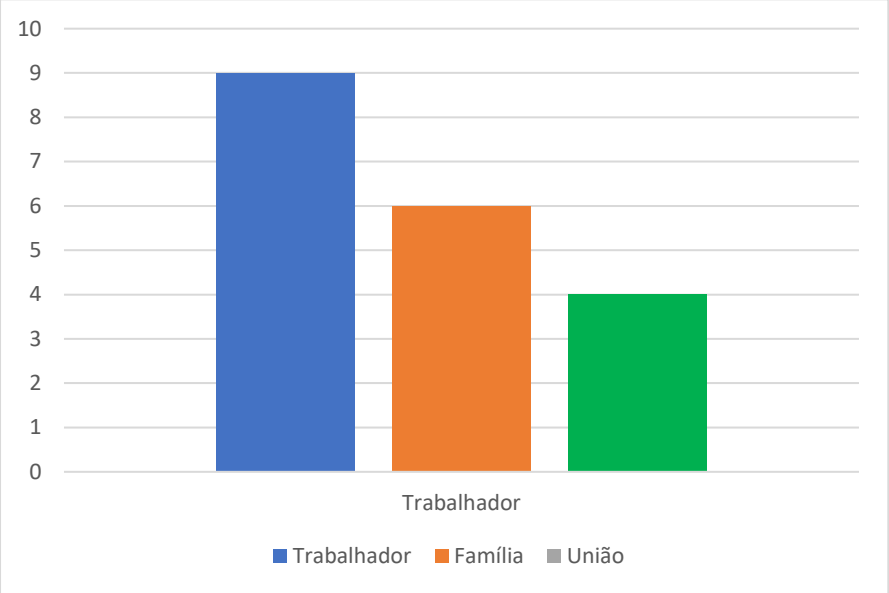
A observação participante mostrou que a direção dos clubes e a comissão técnica enxergam os jogadores de futebol como corporativistas, fechados num coletivo cujos interesses não coincidem com os do clube. Essa experiência antagônica cria coletivos distintos dentro de uma mesma instituição clubística, cujo interesse maior, a vitória de todos, esconde uma miríade de interesses e disputas outras que se dão internamente.

Damo (2005) atribui essas contradições internas à divisão do trabalho no futebol: aos jogadores, de origem preta e pobre, cabe jogar, desempenhar o trabalho manual. Às camadas mais abastadas, branca e burguesa, cabe pensar os processos de trabalho/treinamento e, sobretudo, dirigir os clubes. Esse cenário se repete no clube em questão, sobretudo quando se observa a constituição social e racial de seus membros – 63% dos jogadores se autodeclararam pretos ou pardos, enquanto a diretoria é composta apenas

por brancos – a tônica do capitalismo brasileiro, com suas classes sociais se constituindo racialmente (Moura, 2019).

Durante um grupo focal, os atletas foram perguntados sobre a palavra que melhor define seu coletivo. O resultado, ilustrado pela Gráfico 1, é elucidativo.

GRÁFICO 1 - AUTODEFINIÇÃO DO GRUPO



Fonte: Elaboração Própria (2026).

O coletivo de jogadores se considera, predominantemente, trabalhador, numa união que se dá a partir de uma experiência comum de dificuldades, incertezas, pressão e, sobretudo isolamento. O tempo despendido juntos e as experiências partilhadas fazem com que as uniões que constituem entre si ganhem um estatuto familiar, como se as amizades feitas no trabalho ocupassem o espaço deixado pela família, como atesta o Jogador 13: "Fico distante de familiares e amigos, porém também é um espaço de fazer novos amigos que, às vezes, levamos para vida toda".

É notável a facilidade com que se estabelecem e se dissolvem os laços, em razão da alta flutuação de jogadores no mercado. A defesa contra essa volatilidade é exatamente a certeza de que, independentemente do clube para onde se está indo, a acolhida pelo coletivo será certa, pura e simplesmente a partir da condição de uma profissão em comum.

Esses coletivos de trabalho funcionam ao modo das corporações de ofício, acolhendo novatos, regulando o exercício do grupo e defendendo seus interesses junto à direção – em relações horizontais, pautadas na reciprocidade e fraternidade. Essa similaridade também foi identificada por Feltran (2018), em coletivos situados à margem da lei – que experienciam também uma espécie de isolamento. Dejours (2015) e Clot (2010) sublinham a função pedagógica e reguladora desses coletivos: transmitem ensinamentos sobre o ofício (*métier*), conferem coesão grupal, solidificam a identidade e promovem relações de regulação emocional. A saúde do trabalhador é conformada pela sua inserção em um coletivo de trabalho (Clot, 2017).

Cada coletivo, entretanto, possuirá suas particularidades, em função da natureza do trabalho. No coletivo deste estudo, por exemplo, as lideranças são estabelecidas a partir de processos informais de reconhecimento, que envolvem inteligência, carisma, disponibilidade afetiva, técnica e facilidade no manejo da "resenha". Durante a observação participante, era comum dois ou três jogadores específicos procurarem a direção (ou serem por ela procurados) para tratar de acordos coletivos, como premiações e folgas, por exemplo. Em casos mais extremos, essas lideranças procuravam a comissão técnica para debater estratégias de jogo.

> Não é, portanto, prescrita ou estabelecida de fora, mas construída pelos próprios membros de um coletivo. Estabelece-se, desse modo, uma retroação entre a formação do coletivo e a cooperação. Forma-se, em consequência, uma visibilidade a partir da qual os pares podem partilhar experiências e oferecer retribuições simbólicas ao trabalho bem realizado por cada um (Machado *et al.*, 2010, p. 701).

A cooperação desse coletivo de trabalho é fundamental não apenas para a organização do trabalho (Dejours, 2015), mas também para a consecução dos objetivos individuais e coletivos que envolvem um clube de futebol. É comum ouvir, por exemplo, que um treinador precisa ter o grupo "na mão" para se sustentar no cargo – e isso não depende apenas de suas qualidades como técnico, mas da sua capacidade de fazer e manter vínculos com os jogadores. Caso haja descontentamento geral com um treinador, esse mesmo coletivo provoca, direta ou indiretamente, sua demissão.

Há, ainda, um componente que determina a força e a importância desse coletivo para a saúde do jogador: a sensação de isolamento, mencionada

acima, não se dá em relação apenas à terra natal, à família, amigos e aos outros grupos dentro do próprio clube. Devido à glamourização da profissão, existe um senso consolidado entre os jogadores de que sua experiência com o trabalho árduo e os sofrimentos por ele ensejados são invisíveis, apreensíveis apenas por aqueles que partilham dessa condição.

> Eles [Os de fora] acham que jogar futebol é fácil, não sabem o preço que tem que pagar todos dos dias e os sacrifícios (Jogador 1).
> "[As pessoas não sabem] as renúncias que são feitas, o trabalho que é feito dia a dia, pois o futebol não é apenas 90 minutos. Existem os bastidores, que exigem esforço, disciplina resiliência e muito foco, determinação (Jogador 2).
> As pessoas de fora acham que o futebol é aquilo que elas veem na televisão. Mas nós sabemos que aquilo é somente o topo do iceberg. Tudo aquilo que eles não veem, é aquilo que nós vivemos (Jogador 3).

Pertencer a um coletivo, então, além de cooperar ou aprender técnicas constitutivas da profissão, é ser visto e ter o próprio sofrimento reconhecido. O coletivo, no futebol, exerce uma função de escuta implícita, na medida em que as relações se dão num contexto complexo de isolamento e silenciamento.

Esses apontamentos, em alguma medida, se alinham aos de Flores (1982) quanto ao igualitarismo inerente aos coletivos de jogadores profissionais: ali, de acordo com o autor, desaparecem (e são repudiadas) as diferenças individuais e individualismos. Mesmo os mais bem sucedidos comem da mesma comida, vestem os mesmos uniformes, têm os mesmos treinamentos e recebem as mesmas premiações coletivas. Esses sujeitos, que experimentam assimetrias de poder durante toda a sua trajetória pessoal e profissional, incluindo nos bastidores do futebol, encontram nesse coletivo a igualdade, fraternidade, acolhimento e apoio de que necessitam.

Sonho e realização na atividade

Em síntese, podemos dizer que a profissão de jogador de futebol, em sua forma mais conhecida e afortunada, no Brasil, é uma realidade acessível apenas àqueles inseridos em seus escalões de cima, da primeira e segunda divisão, principalmente. A fama, reconhecimento e o dinheiro, que podem recompensar todo o sacrifício, isolamento e sofrimento relatados neste artigo, estão lá.

Entretanto, há outros marcadores que sustentam a permanência da profissão. A escolha pelo futebol não vem apenas de suas recompensas materiais, mas do próprio gosto pelo esporte. "Sempre fui apaixonado por futebol" (Jogador 3); "Sempre foi o que mais gostei de fazer (Jogador 6)"; Porque é a coisa que mais amo" (Jogador 7).

Dos 19 entrevistados, 18 relataram que escolheram o futebol pelo gosto e, principalmente, por ser o seu sonho, como sintetiza o Jogador 8: "Sempre foi um sonho de criança. Busquei incansavelmente realizar esse sonho. Graças a Deus, hoje eu vivo do meu sonho". Viver do que gosta de fazer e, sobretudo, do que sonhou desde criança é um fator de realização, a despeito das dificuldades encontradas recorrentemente no trabalho.

É na atividade, momento em que objetivam o seu gosto, dom e trabalho, que esses jogadores se realizam, a despeito das dificuldades. É na oportunidade de objetivar seu *métier* que esses jogadores são ativos e, em alguma medida, autônomos nessa função. Dentro de campo, a despeito de todas as prescrições, existe uma margem de ação que cabe apenas ao jogador: o uso do corpo, a tomada de decisão, o controle do espaço, tempos e movimentos da atividade. É aí que, em relação ao seu trabalho, esses trabalhadores produzem saúde (Clot, 2017). "Dentro de campo eu sou capaz de esquecer de tudo (Jogador 7); "Quando estou treinando esqueço dos problemas de fora e aproveito o momento de fazer o que mais gosto" (Jogador 12).

A argumentação tecida até aqui permite apontar que os fatores que conferem sustentação ao jogador de futebol na carreira são externos à instituição em que estão: a família, a religiosidade, o coletivo de trabalho (que se forma em oposição à instituição) e, finalmente, a atividade (pela qual se tem gosto e com a qual se sonhou). Esses eixos estão sintetizados no Quadro 2, abaixo.

QUADRO 2 - SUSTENTÁCULOS DO JOGADOR DE FUTEBOL DA ÚLTIMA DIVISÃO

Eixo	Função

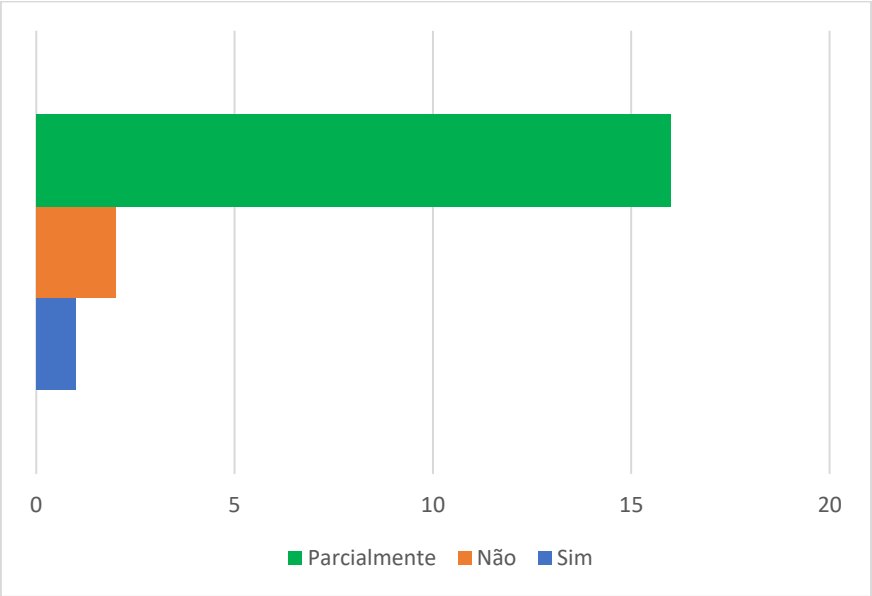
Religiosidade	Elaboração/sentidos do sofrimento
Família	Apoio/Sustentação afetiva
Coletivo	Reconhecimento/Defesa de interesses
Atividade	Realização subjetiva

Fonte: Elaboração Própria (2026).

Na verdade, é desse gosto e sonho que o futebol, enquanto instituição, se nutre para atrair exércitos de jovens – geralmente pretos e das classes menos favorecidas – para os seus quadros. Esse exército de reserva (Marx, 2013) é o fundamento para a manutenção de vínculos precários, baixos salários, alta pressão/assédio e práticas institucionais de produção de sofrimento. Afinal, como já visto, na última divisão há uma quantidade permanentemente alta de jogadores desempregados. Aos jogadores empregados, esse coletivo de trabalhadores, sonhadores e apaixonados pelo esporte, resta o recurso a fatores externos ao futebol como estratégia de resistência e permanência, na esperança de que a carreira um dia lhe conceda as promessas de reconhecimento e riqueza que o ideário popular constrói.

O Gráfico 2 ilustra que apenas 10,5% dos profissionais entrevistados realizou os objetivos de vida através do futebol:

GRÁFICO 2 - REALIZAÇÃO DE OBJETIVOS DE VIDA NO FUTEBOL



Fonte: Elaboração Própria (2026)

São objetivos modestos, como garantir aposentadoria dos pais, casa própria para a família, estabilidade financeira, bem-estar material para os filhos. Alguns, como o Jogador 19, ainda não têm casa própria e vivem de aluguel: "Quero realizar o sonho de construir minha casinha ainda... Já comprei o terreno, agora falta subir". Objetivos e dilemas comuns à maior parte da classe trabalhadora brasileira, o que perfila esses profissionais nessa condição. Não estão acima nem abaixo daqueles que comparecem às arquibancadas para torcer, cobrar e, por vezes, idolatrá-los. Isso qualifica o mercado de trabalho do futebol profissional da última divisão como mais uma expressão do capitalismo brasileiro.

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo principal investigar a maneira como o trabalho no futebol profissional da última divisão do Brasil produz subjetividade entre seus jogadores, enfocando principalmente as estratégias subjetivas e coletivas mobilizadas para garantir sua permanência na profissão. Como motores analíticos, figuram a antropologia/sociologia do esporte, que contribui para o entendimento do futebol como prática social, e a psicossociologia do trabalho, que sublinha a atividade do jogador como trabalho, para além do desporto.

O desenrolar da pesquisa evidenciou que marcadores como família, religiosidade, coletivo de trabalho e o próprio desempenho da atividade são os principais sustentáculos subjetivos dessa permanência. A organização do trabalho no futebol, encarnada pelo clube, se dinamiza a partir da disciplina, da pressão por desempenho, do estímulo à concorrência, da precariedade do vínculo de trabalho e, principalmente, da produção sistemática de incerteza e ansiedade entre os jogadores como ferramenta de gestão.

Isso nos leva a inferir que o trabalho nas instituições clubísticas da última divisão não garante aos jogadores a mesma fama, prestígio e condições materiais/financeiras de que gozam seus pares das divisões superiores. Aqui, o trabalho se organiza em torno da produção de sofrimento, um mecanismo de superexploração dos estratos mais precarizados da classe trabalhadora como um todo, que só é tolerada pelos jogadores a partir da mobilização de

estratégias externas de gestão coletiva do sofrimento, a saber: a família, religiosidade, o coletivo de trabalho e a própria atividade.

Isso nos permite questionar até que ponto o discurso do bem-estar, do respeito e, principalmente, da promoção de saúde mental, que começa a figurar no futebol atual, tem pertinência num dinâmica de trabalho organizada em torno do sofrimento. Até que ponto é possível cuidar da saúde mental desses atletas? Acreditamos que, nesse contexto institucional, a psicologia deve almejar práticas e ações que vão além do funcionalismo e do individualismo tradicional de sua inserção no esporte, apontando para as dinâmicas grupais, institucionais e sociais que determinam a condição psicológica desses atletas em seu trabalho e trabalhando pela sua transformação. No esporte (e onde quer que esteja situada) a psicologia deve se posicionar criticamente contra práticas e estratégias de opressão da pessoa humana e sustentar seu compromisso social.

Este estudo, entretanto, está baseado apenas em um clube da última divisão. Suas contribuições não pretendem esgotar a temática da organização e do trabalho no futebol desse escalão, mas evidencia a necessidade de mais incursões acadêmicas nesse que é um território cuja dinâmica ainda resta conhecer.

Referências

ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante.* Porto Alegre: Artmed, 2009.

BRASIL. *Lei n. 6.354, de 2 de setembro de 1976*. Dispõe sobre as relações de trabalho do atleta profissional de futebol e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1976. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6354.htm

BRASIL. *Lei n. 9.615, de 24 de março de 1998*. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1998. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9615consol.htm

CLOT, Yves. *Clínica da atividade*. Horizontes, Bragança Paulista, v. 35, n. 3, p. 18-22, set./dez. 2017. Disponível em: http://dx.doi.org/10.24933/horizontes.v35i3.526. Acesso em: 14 maio 2026.

CLOT, Yves. *Trabalho e poder de agir*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL (CBF). *CBF anuncia novo calendário do futebol profissional masculino*. Rio de Janeiro: CBF, 2025. Disponível em: https://www.cbf.com.br/a-cbf/por-dentro-da-cbf/comissao-dopagem/substancias-de-abuso/cbf-anuncia-novo-calendario-do-futebol-profissional-masculino. Acesso em: 14 Março de 2026.

CBF – CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. *Raio-X do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: CBF, 2017.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. *In*: DAMATTA, R. (org.). *Universo do futebol*: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. p. 19-42.

DAMO, Arlei S. *Do dom à profissão*: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho*: estudo de psicopatologia do trabalho. 6. ed. São Paulo: Cortez; Oboré, 2015.

FELTRAN, Gabriel S. *Irmãos*: uma história do PCC. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FLORES, Luiz Felipe B. N. Na zona do agrião: algumas mensagens ideológicas sobre o futebol. *In*: DAMATTA, R. (org.). *Universo do futebol*: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. p. 59-86.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

LHUILIER, D. Introdução à psicossociologia do trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, v. 17, n. spe. 1, p. 5-19, 2014. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v17i1espp5-19

MACHADO, Genilza E.; ARAÚJO, Anísio J. S.; ZAMBRONI-DE-SOUZA, Paulo César; ATHAYDE, Milton Raimundo C. de. Coletivos de trabalho, inserção e formação: o caso dos juízes do trabalho. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 30, n. 4, p. 698-711, 2010. DOI: https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000400003

MARX, Karl. *O capital*: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70, 2008.

MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

PETROGNANI, Claude. Religião e futebol no Brasil: análise do “fechamento”. *Civitas*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 247–260, jan./abr. 2019. DOI: https://doi.org/10.15448/1984-7289.2019.1.27424

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21–65, dez. 2008. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200002

SOUZA, Thaís N. *et al.* O cenário do desemprego de jogadores profissionais de futebol brasileiro durante a temporada 2019. *Revista Brasileira de Futebol*, v. 15, n. 3, p. 63–75, 2022. Disponível em: https://www.rbf.ufv.br/index.php/RBFutebol/article/view/372.

TEGA, E. Futebol e sustentabilidade | Eduardo Tega | TEDxInatel. Publicado pelo canal TEDx Talks, 13 out. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ImHRzXfzlYY. Acesso em: 11 maio 2026.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma*: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Revista Novos Rumos Sociológicos | vol. 14 n. 25 | Jan/Jul/2026
Artigo recebido em 19-05-2026 | Aprovado em 13-07-2026
ISSN: 2318-1966

DOSSIÊ

FINANCEIRIZAÇÃO DO FUTEBOL E REAÇÕES TORCEDORAS: A SAF DO CRUZEIRO SOB RONALDO NAZÁRIO

Financialisation of football and supporters' reactions: Cruzeiro's SAF under Ronaldo Nazário

Fernando Mascarenhas[1]

Silvio Ricardo da Silva[2]

Resumo

Este artigo analisa as reações de torcedores à gestão de Ronaldo Nazário no Cruzeiro Esporte Clube durante a implementação da Sociedade Anônima do Futebol (SAF) no Brasil. A pesquisa adota um estudo de caso qualitativo, baseado na análise documental de 421 materiais jornalísticos publicados no Brasil e na Espanha entre dezembro de 2021 e abril de 2024. Desse conjunto, 38 documentos relativos ao Cruzeiro, contendo manifestações explícitas de torcedores, foram selecionados para análise temática, complementada por fontes auxiliares. A trajetória prévia de Ronaldo no Real Valladolid é mobilizada de forma contextual e comparativa. Os resultados indicam que as reações torcedoras se estruturam em uma dinâmica contraditória, oscilando entre adesão pragmática inicial, ambivalência crítica e contestação. O capital simbólico de Ronaldo contribuiu para legitimar o apoio inicial à SAF, posteriormente tensionado por decisões associadas à racionalidade econômica do capital. O estudo argumenta que tais respostas expressam tensões entre a financeirização do futebol e os significados culturais que sustentam a identificação torcedora, evidenciando o papel ativo dos torcedores na mediação dessas transformações.

Palavras-chave: Financeirização; Futebol; Torcedores; Ronaldo Nazário; Sociedade Anônima do Futebol.

Abstract

This article analyses supporters' reactions to the management of Ronaldo Nazário at Cruzeiro Esporte Clube during the implementation of the Sociedade Anônima do Futebol (SAF) model in Brazil. The study adopts a qualitative case-study approach based on the documentary analysis of 421 journalistic materials published in Brazil and Spain between December 2021 and April 2024. From this corpus, 38 documents concerning Cruzeiro and containing explicit supporters' reactions were selected for thematic analysis, complemented by auxiliary sources. Ronaldo's previous trajectory at Real Valladolid is mobilised in a contextual and comparative manner. The findings indicate that supporters' reactions were structured

[1] Faculdade de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em de Educação Física, Universidade de Brasília. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-0265-502X. E-mail: fernandom@unb.br.

[2] Escola de Educação Física, Universidade Federal de Ouro Preto Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-0584-3675. E-mail: prof.srs@gmail.com.

through a contradictory dynamic, oscillating between initial pragmatic support, critical ambivalence and contestation. Ronaldo's symbolic capital contributed to legitimising initial support for the SAF, which was subsequently strained by decisions associated with managerial rationality. The study argues that these responses express tensions between the financialisation of football and the cultural meanings underpinning supporters' identification, highlighting the active role of supporters in mediating such transformations.

Keywords: Financialisation; Football; Supporters; Ronaldo Nazário; Sociedade Anônima do Futebol.

Introdução

Nas últimas décadas, o futebol profissional tem passado por transformações político-institucionais associadas à crescente presença de investidores privados na propriedade e gestão de clubes. Esses processos integram uma reorganização mais ampla do esporte, marcada pela intensificação da mercantilização, pela circulação global de capitais e pela articulação entre clubes e diferentes agentes financeiros (Birkhäuser *et al.*, 2015; Bull; Whittam, 2016; Kennedy; Kennedy, 2016). Nesse contexto, o futebol vem sendo reconfigurado como ativo econômico e setor de investimento, inserido nas dinâmicas das indústrias culturais e do complexo esportivo-midiático (Bolaño, 2000; Santos, 2019; Simões, 2017, 2023; Karak, 2016).

Em revisão da produção científica sobre o tema, Kirsch *et al.* (2024) identificam que a crescente presença de investidores na propriedade e gestão de clubes tem se refletido na literatura recente sobre governança e modelos de negócio no futebol profissional. Esses estudos sugerem que tais transformações expressam a expansão de lógicas empresariais, reconfigurando não apenas a gestão dos clubes, mas também sua inserção em circuitos econômicos internacionais, nos quais atuam investidores individuais, fundos de investimento, conglomerados multiclubes, empresas de *private equity* e patrocinadores estratégicos.

Predomina a lógica de valorização patrimonial e investimento financeiro. Todavia, a financeirização do futebol exige considerar a dimensão cultural. Os clubes não operam apenas como organizações econômicas, mas como instituições vinculadas à identificação coletiva e ao pertencimento social. Nesse sentido, operam em dois registros: de um lado, inserem-se em

circuitos econômicos cada vez mais sofisticados, mobilizando investimentos e expectativas de retorno; de outro, mantêm elevada importância simbólica, associada a identidades e memórias compartilhadas. A coexistência dessas dimensões produz tensões recorrentes entre a reorganização econômica da modalidade e os sentidos culturais que estruturam as relações com as torcidas (Kennedy; Kennedy, 2012, 2016).

Com efeito, a presença crescente de investidores na propriedade de clubes tende a provocar reações diversas entre torcedores. Em muitos casos, essas respostas não são lineares, combinando expectativas de modernização e recuperação esportiva com preocupações sobre impactos nas identidades e tradições dos clubes. Essa coexistência de percepções e avaliações distintas pode ser compreendida por meio da noção de ambivalência torcedora, formulada por Llopis-Goig (2009) para descrever a presença simultânea de apoio, expectativas, desconfianças e críticas nas interpretações que torcedores produzem diante dos processos de transformação no futebol.

Ao mesmo tempo, essas manifestações podem ser interpretadas como parte de dinâmicas mais amplas de reação social à mercantilização do esporte. Em contextos de reorganização das instituições esportivas segundo lógicas empresariais, torcedores mobilizam repertórios simbólicos e formas de ação voltadas à defesa de valores, tradições e pertencimento. Segundo Webber (2015), tais respostas podem ser compreendidas como um movimento de proteção social diante da expansão de lógicas de mercado. O autor propõe interpretar essas mobilizações à luz da noção de "duplo movimento", desenvolvida por Polanyi (2000).[3] Nessa perspectiva, diferentes manifestações torcedoras podem ser compreendidas como expressões de um movimento de proteção simbólica em torno das instituições esportivas, por meio do qual torcedores buscam reafirmar dimensões culturais que percebem como tensionadas pelos processos de reorganização econômica do futebol.

[3] O conceito de "duplo movimento", formulado por Polanyi (2000), descreve a dinâmica do capitalismo em que a expansão do mercado autorregulado suscita reações de proteção social. À medida que o mercado avança, emergem movimentos voltados a regular ou limitar seus efeitos desestruturadores. Inspirado nessa perspectiva, Webber (2015) analisa as mobilizações torcedoras no movimento *Against Modern Football*, no futebol inglês.

O caso brasileiro oferece um cenário relevante para observar essas dinâmicas. Nos últimos anos, mudanças no marco jurídico do futebol possibilitaram a criação da Sociedade Anônima do Futebol (SAF), modelo que permite a transformação de clubes associativos em empresas aptas a captar investimentos privados.[4] A difusão desse modelo introduziu novas configurações de propriedade e gestão, ampliando a presença de investidores e intensificando debates sobre os impactos dessas transformações na organização dos clubes e nas relações com suas torcidas (Rodrigues, 2023; Simões, 2017, 2023).

A expansão das lógicas empresariais no futebol brasileiro não altera apenas os modelos de governança dos clubes, mas também redefine as formas de relação entre clubes e torcedores. Simões (2017) argumenta que os processos de mercantilização e arenização promovem uma "clientelização" do público, reposicionando o torcedor como consumidor individualizado do espetáculo esportivo. Entretanto, tais transformações também suscitam formas de resistência coletiva, expressas em mobilizações contrárias ao chamado "futebol moderno", que reivindicam pertencimento, participação e preservação das culturas populares do torcer. Nesse sentido, a crescente orientação mercantil do futebol produz uma tensão entre a figura do torcedor-cliente, ajustado às racionalidades do mercado, e a do torcedor-rebelde, que contesta a redução do clube a ativo econômico e defende seu significado social e identitário.

No contexto recente das SAFs, essas tensões se intensificam à medida que investidores privados e racionalidades financeiras assumem posição central na condução dos clubes. O caso do Cruzeiro, sob gestão de Ronaldo Nazário, evidencia como a financeirização do futebol pode coexistir com formas ambivalentes de apoio e contestação torcedora. A aquisição do controle do clube, em 2021, destacou-se como uma das primeiras experiências de grande escala da SAF no Brasil, em meio à grave crise financeira e institucional do Cruzeiro (Bergamo, 2022; Cruzeiro..., 2023a). Ao assumir a nova estrutura

[4] A SAF foi instituída no Brasil pela Lei nº 14.193/2021, criando um regime jurídico específico para a organização empresarial do futebol. A legislação permite que clubes associativos transformem seus departamentos de futebol em sociedades empresariais, viabilizando a entrada de investidores e novos mecanismos de financiamento e governança.

empresarial, Ronaldo passou a ocupar posição ambivalente: investidor responsável pela reestruturação econômica e personagem associado à memória afetiva do clube. Se esse capital simbólico favoreceu o apoio inicial à SAF, decisões ligadas à racionalidade empresarial reativaram tensões sobre a mercantilização do futebol e os limites da transformação do torcedor em consumidor.

Isso introduz maior complexidade nas reações torcedoras. Diferentemente de casos em que investidores externos são percebidos apenas como agentes de mercantilização, a figura de Ronaldo Nazário mobiliza também capital simbólico associado à sua trajetória no futebol e à sua identificação com o clube (Simões, 2012). Essa configuração tende a produzir respostas ambivalentes, nas quais expectativas de recuperação institucional e reconhecimento do ídolo coexistem com críticas, questionamentos e contestação às transformações econômicas em curso.

A experiência de Ronaldo como proprietário de clubes insere-se em um contexto internacional mais amplo, que inclui sua atuação como investidor no Real Valladolid entre 2018 e 2025. Embora marcado por realidades institucionais distintas, esse percurso evidencia sua inserção nos circuitos contemporâneos de investimento no futebol e reforça a relevância de analisar como diferentes comunidades de torcedores interpretam esses processos. Nesse contexto, este artigo analisa as reações torcedoras à gestão de Ronaldo no Cruzeiro durante a implementação da SAF, buscando compreender como manifestações públicas da torcida expressam respostas ambivalentes à presença de investidores e às tensões entre dimensões econômicas e culturais que marcam a reorganização recente do futebol.

Metodologia

Este artigo adota a estratégia metodológica do estudo de caso qualitativo, abordagem adequada para a investigação aprofundada de fenômenos sociais situados em contextos específicos. Conforme argumenta Yin (2001), o estudo de caso permite examinar empiricamente fenômenos contemporâneos em seu contexto real, sobretudo quando as fronteiras entre fenômeno e contexto não estão claramente delimitadas.

A unidade de análise da pesquisa corresponde às manifestações públicas de torcedores relacionadas à propriedade de Ronaldo Nazário do Cruzeiro no contexto de implementação da SAF.[5] O objetivo consiste em analisar como torcedores reagiram à presença do investidor no clube, observando de que maneira essas reações expressam a contradição entre dimensões econômicas e culturais na reorganização institucional do futebol.

O recorte temporal da investigação compreende o período entre dezembro de 2021 e abril de 2024, correspondente ao intervalo em que Ronaldo esteve à frente da gestão do futebol do Cruzeiro. Embora o foco empírico recaia sobre o caso brasileiro, a experiência anterior do investidor no Real Valladolid, abrangendo o período de setembro de 2018 a maio de 2025, é mobilizada de forma contextual e contrastiva, permitindo situar sua trajetória em circuitos contemporâneos de investimento no futebol.

Do ponto de vista empírico, a pesquisa baseia-se predominantemente em levantamento documental. O *corpus* total é composto por 421 documentos jornalísticos, selecionados a partir dos descritores "Ronaldo" e "Valladolid", e "Ronaldo" e "Cruzeiro", provenientes de veículos de ampla circulação na Espanha e no Brasil, incluindo: El País (20 documentos), Marca (111), El Norte de Castilla (88); Folha de S. Paulo (30), Estado de Minas (26) e Globo Esporte (146). Esses materiais incluem reportagens, entrevistas e análises publicadas ao longo do período investigado.

Desse conjunto, os documentos relacionados ao Cruzeiro constituem o principal *subcorpus* analítico da pesquisa. Após leitura integral, foram identificados 38 documentos que continham manifestações explícitas de reações torcedoras, os quais foram selecionados para codificação temática. Os demais documentos do *corpus* brasileiro foram utilizados como base contextual para compreensão dos eventos e da evolução da gestão. As matérias referentes ao Real Valladolid foram empregadas sobretudo como material contextual e contrastivo, contribuindo para situar a trajetória internacional do investidor.

[5] No caso do Cruzeiro, o clube associativo é acionista da Cruzeiro SAF, responsável pela gestão do futebol profissional. Para simplificação, "Cruzeiro" poderá designar o clube ou a SAF, conforme o contexto. O Real Valladolid Club de Fútbol, constituído como Sociedade Anônima Desportiva (SAD), será referido como Real Valladolid, assim como outras menções a clubes serão simplificadas.

Além desse *corpus* central, a pesquisa mobilizou materiais auxiliares de interpretação, utilizados para ampliar a contextualização qualitativa das reações torcedoras observadas. Entre essas fontes complementares foram examinadas publicações em redes sociais digitais, especialmente o perfil público da torcida organizada Máfia Azul, no Instagram (@mafiaazuloficial).[6] Adicionalmente, foram realizadas observações diretas em dias de jogo, buscando captar elementos do ambiente social de produção das experiências torcedoras. Em maio de 2025 foi realizada uma visita ao Estadio José Zorrilla, em Valladolid, durante uma partida da La Liga.[7] A observação do contexto do estádio, das dinâmicas de torcida e das formas de manifestação pública dos torcedores contribuiu para enriquecer qualitativamente a interpretação das reações observadas no material documental.

No caso brasileiro, em novembro de 2025 foi realizada uma visita ao Estádio Mineirão, em Belo Horizonte, em dia de jogo do Cruzeiro,[8] ocasião em que foram conduzidas entrevistas informais com lideranças da torcida organizada Máfia Azul. No mesmo período, realizou-se uma apresentação e roda de conversa com estudantes torcedores do Cruzeiro vinculados ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGIEL/UFMG), na qual foram apresentados resultados preliminares da pesquisa e coletadas impressões dos participantes sobre a atuação do investidor no clube.

As observações e interlocuções realizadas nestes momentos tiveram caráter complementar e exploratório, sendo utilizadas para contextualização qualitativa e discussão dos resultados obtidos a partir do *corpus* documental principal. Por sua vez, a análise desse material empírico foi conduzida por meio de codificação temática, conforme a abordagem de Braun e Clarke (2006), permitindo a identificação de padrões interpretativos, tensões e categorias emergentes relacionadas às reações torcedoras diante da

[6] A Máfia Azul é a principal torcida organizada do Cruzeiro, fundada em 1977, caracterizando-se por ampla capilaridade organizativa e forte presença nas arquibancadas e na cultura torcedora do clube (CRFB, s.d.). Seu perfil oficial no Instagram reúne aproximadamente 548 mil seguidores.
[7] A visita ocorreu em 13 de maio de 2025, durante a partida entre Real Valladolid e Girona, pela 36ª rodada da La Liga 2024/2025, no Estadio José Zorrilla, com vitória do Girona por 1-0.
[8] A visita ocorreu em 4 de dezembro de 2025, durante a partida entre Cruzeiro e Botafogo, pela 37ª rodada do Campeonato Brasileiro Série A 2025, no Mineirão, com empate por 2-2.

financeirização do futebol e atuação do investidor.[9] Esse procedimento permitiu organizar o material em torno de padrões interpretativos recorrentes, evidenciando manifestações de apoio, tolerância, crítica ou contestação nas percepções expressas por torcedores ao longo do período analisado.

A partir desses procedimentos, o artigo organiza-se em três seções. A primeira contextualiza a presença de investidores no futebol e a experiência de Ronaldo no Cruzeiro. Em seguida, analisam-se as reações torcedoras: adesão pragmática, ambivalência crítica e contestação. Por fim, as considerações finais retomam os principais resultados.

Torcida *versus* capital na gestão de Ronaldo Nazário

A trajetória recente de Ronaldo como proprietário de clubes exemplifica a crescente inserção de ex-atletas nos circuitos contemporâneos de investimento do futebol profissional. Estudos indicam que esses investimentos raramente se orientam apenas por objetivos esportivos ou vínculos afetivos, predominando estratégias voltadas à obtenção de retornos econômicos diretos e indiretos, inclusive sobre outros negócios e ativos associados (Kirsch *et al.*, 2024). Nesse contexto, ex-atletas investidores articulam capital simbólico, reputação global e conhecimento do campo esportivo a estratégias financeiras voltadas à inserção dos clubes em mercados transnacionais cada vez mais integrados.

A atuação de Ronaldo como investidor no mercado de clubes evidencia, assim, a centralidade crescente das lógicas econômicas na organização contemporânea do futebol. Nessa configuração, o valor dos clubes ultrapassa os limites do desempenho esportivo em campo e passa a incorporar dimensões relacionadas à exploração de direitos de transmissão, receitas comerciais, internacionalização de marcas, valorização de ativos e potencial de inserção em negócios esportivos globais.

Antes de assumir o controle de clubes europeus, Ronaldo Nazário já havia participado de iniciativas de investimento no futebol internacional (Kay, 2016). Em 2014, integrou o grupo proprietário do Fort Lauderdale Strikers,

[9] Para o auxílio à codificação e análise das informações contextuais qualitativas, utilizou-se o *software* de pesquisa Taguette (https://www.taguette.org).

em uma aposta na futura inserção da equipe na Major League Soccer (MLS). O modelo fechado de franquias adotado pela liga, entretanto, inviabilizou a estratégia, especialmente após a consolidação da franquia liderada por David Beckham – atualmente, o Inter Miami CF – no mesmo mercado (Shapiro *et al.*, 2019).

Posteriormente, Ronaldo avaliou adquirir um clube da EFL Championship – segunda divisão do futebol inglês –, mas os valores de mercado impediram a operação. Em 2018, adquiriu participação majoritária no Real Valladolid, que disputa competições organizadas pela La Liga (Antes..., 2021). A operação integrou uma estratégia mais ampla no esporte e entretenimento, na qual se destaca sua empresa Tara Sports, voltada à aquisição de clubes (Bergamo, 2022; Posada, 2020). Esse movimento inseriu o ex-jogador em um ambiente já marcado por estruturas societárias que favorecem a entrada de investidores e a circulação internacional de capitais no futebol.[10]

Inicialmente, a chegada de Ronaldo ao Real Valladolid foi recebida com entusiasmo por torcedores e autoridades locais, como oportunidade de modernização administrativa e fortalecimento esportivo (Nieto, 2018). Ao longo da gestão, contudo, episódios passaram a tensionar essa relação. Destaca-se a alteração do escudo institucional no contexto de reposicionamento de marca, que gerou forte reação da torcida, sintetizada no lema "*El escudo no se toca*" (Baraja, 2022) A controvérsia se agravou após o segundo rebaixamento em cinco anos, quando críticas aumentaram e declarações do dirigente, classificando setores da *hinchada* – a torcida – como "radicais", intensificaram o conflito (Navarro, 2023). Nesse cenário, a disputa pelo escudo passou a expressar tensões entre estratégias de gestão orientadas por marca e expectativas ligadas à identidade do clube.

Nos momentos finais, a deterioração da relação tornou-se mais evidente. Em meio a maus resultados, torcedores lançaram notas falsas com a imagem de Ronaldo e o lema "*Ronaldo Go Home, Ronaldo vete ya*" (Navarro,

[10] À época da aquisição do Real Valladolid por Ronaldo, a presença de investidores estrangeiros na LaLiga já era significativa, com casos como Valencia, Espanyol, Girona e Atlético de Madrid. Segundo Llopis-Goig (2009) e Ferreira e Figols (2020), a criação das SADs pela Ley 10/1990 e a liberalização do capital estrangeiro com a Ley 50/1998 abriram o futebol espanhol ao capital transnacional.

2025; Afición..., 2025). Gritos como "*desastre*" e "*vergüenza*" passaram a ser recorrentes, enquanto a Federación de Peñas solicitou que Ronaldo fosse declarado "*persona non grata*" em Valladolid, apontando seu distanciamento da torcida e problemas de gestão (FPRV, 2025). Esses episódios simbolizam a ruptura da relação e a percepção de afastamento em relação ao clube.

O percurso evidencia a atuação de Ronaldo segundo um padrão recorrente de aquisição de clubes em crise, reestruturação da gestão com foco em redução de custos e otimização de ativos (jogadores, estádio, marca) e busca por acesso a competições mais rentáveis. Essa reorganização tende a elevar o valor de mercado do clube – por meio da valorização de jogadores, expansão da torcida, aumento de receitas ou melhora esportiva –, permitindo ao investidor obter lucro via venda ou abertura de capital (Pittz *et al.*, 2021). Contudo, ao subordinar dimensões sociais e culturais a objetivos econômicos, o projeto enfrentou limites de legitimidade: rebaixamentos e desempenho insatisfatório corroeram o apoio da torcida, indicando que a valorização financeira sem sustentação esportiva fragiliza sua aceitação pública.

Esse antecedente contribui para compreender a aquisição do controle do futebol do Cruzeiro, iniciada em dezembro de 2021 com a transformação do clube em SAF e a compra da maioria acionária por Ronaldo, no contexto de implementação do modelo no Brasil.

Ambivalência e proteção como reações torcedoras

As reações torcedoras à gestão de Ronaldo no Cruzeiro não se organizaram de forma linear ou homogênea. Ao longo do período analisado, manifestações públicas oscilaram entre apoio, tolerância crítica e contestação aberta, evidenciando as tensões associadas à crescente presença de investidores e à difusão de lógicas empresariais na administração do clube.

Nesse contexto, a noção de ambivalência torcedora permite compreender como avaliações distintas sobre a presença de investidores coexistem e se transformam ao longo do tempo. Ao mesmo tempo, tais manifestações podem ser interpretadas como expressões de um movimento protetivo em torno do clube, no qual torcedores mobilizam repertórios simbólicos para defender valores, tradições e identidades percebidas como

constitutivas da instituição. Como se observa na Tabela 1, a análise empírica identifica três formas predominantes de reação torcedora durante a gestão de Ronaldo no Cruzeiro – adesão pragmática, ambivalência crítica e contestação pública –, cujas manifestações se sobrepõem e variam conforme o contexto esportivo, institucional e simbólico do clube.

TABELA 1 – REAÇÕES TORCEDORAS À GESTÃO DE RONALDO NO CRUZEIRO SAF

Reações	Características	Exemplos
Adesão pragmática	Apoio inicial à SAF e ao investidor como alternativa para superar a crise institucional do clube. Aceitação da lógica empresarial como solução emergencial.	Pressão da torcida pela aprovação da SAF; apoio inicial a Ronaldo; mobilização nas arquibancadas durante o acesso à Série A em 2022; percepção de que Ronaldo "tinha crédito" junto à torcida.
Ambivalência crítica	Coexistência entre apoio ao processo de reconstrução e críticas a decisões da gestão ou a tensões envolvendo símbolos e tradições do clube.	Reações a decisões esportivas; críticas ao nível de investimentos; esvaziamento do programa sócio-torcedor; polêmica envolvendo o mascote Raposão; manifestações da Máfia Azul.
Contestação e ruptura	Questionamento aberto da legitimidade do investidor e de sua gestão, acompanhado de protestos simbólicos e manifestações públicas de rejeição.	Vaias e protestos nas arquibancadas; invasões à Toca da Raposa; queima do bandeirão com a imagem de Ronaldo; críticas de lideranças torcedoras; paralelos com protestos ocorridos durante sua gestão no Real Valladolid.

Fonte: Elaboração própria.

Adesão pragmática

A chegada de Ronaldo Nazário ao controle da SAF do Cruzeiro ocorreu, como mencionado, em um contexto de profunda crise institucional e financeira. Rebaixado à segunda divisão e com elevado endividamento, o clube enfrentava desgaste administrativo e perda de confiança entre torcedores (Bergamo, 2022; Cruzeiro..., 2023a). Nesse cenário, a transformação do departamento de futebol em empresa e sua venda a um investidor privado passaram a ser percebidas por amplos setores da torcida como alternativa para evitar o colapso institucional.

Isso ajuda a compreender o ambiente de adesão pragmática que marcou o momento inicial da implementação da SAF. A aprovação da nova estrutura societária pelo conselho deliberativo foi acompanhada por intensa mobilização torcedora nas proximidades da assembleia. Conforme registrado na cobertura do episódio, torcedores concentraram-se na entrada do local da reunião, exercendo forte pressão sobre conselheiros que chegavam para votar,

em meio a protestos pela aprovação da SAF e da transferência do controle do futebol a Ronaldo Nazário. “Se o conselho não aprovar, o pau vai quebrar”, gritavam os torcedores (Conselho..., 2022). A mobilização evidenciava que, para parte significativa da torcida, a SAF não aparecia como opção entre projetos, mas como medida emergencial diante da gravidade da crise.

Esse quadro de tensão insere-se em um processo mais amplo de financeirização do futebol que, embora não seja novo, ganha impulso no Brasil com a institucionalização das SAFs. Para legitimar esse modelo, consolida-se um conjunto de argumentos que apresenta o associativismo como ineficiente e incompatível com exigências econômicas contemporâneas, enquanto estruturas empresariais são defendidas como solução inevitável e alinhada a experiências internacionais (Motta, 2020; Simões, 2023). Tal discurso integra um movimento mais amplo de reestruturação do capitalismo nas últimas décadas, marcado pela ascensão do neoliberalismo, que fornece bases ideológicas e institucionais para a expansão de lógicas de mercado a diferentes esferas sociais (Harvey, 2008).

No futebol, esse processo se expressa na intensificação da mercantilização e da espetacularização, reconfigurando clubes como ativos inseridos em circuitos ampliados de valorização (Matias, 2020; Reis, 2023; Teixeira *et al.*, 2023; Mascarenhas *et al.*, 2024). Ainda assim, sua difusão não ocorre de forma homogênea, sendo atravessada por resistências e mediações locais. No caso do Cruzeiro, essas mediações assumem contornos específicos, pois a implementação da SAF se articula à trajetória de Ronaldo, ex-jogador formado no clube e detentor de elevado prestígio. Como afirmou o então presidente Sérgio Rodrigues, “o clube revelou o Ronaldo para o mundo, agora o Ronaldo está abrindo as portas do mundo para esse clube de novo” (Ronaldo..., 2021).

Com efeito, a figura de Ronaldo desempenhou papel central na legitimação simbólica da operação. O prestígio acumulado ao longo de sua trajetória – iniciada profissionalmente no Cruzeiro – contribuiu para atenuar

resistências à transferência do controle a um investidor privado.[11] Como sintetizou um torcedor em roda de conversa realizada com estudantes do PPGIEL/UFMG, em atividade exploratória de discussão dos resultados da pesquisa, naquele momento inicial "Ronaldo era ídolo e tinha crédito" junto à torcida.

A estratégia de reestruturação combinou controle de custos e renovação do elenco, produzindo efeitos ambivalentes na relação com a torcida. Se decisões como a não renovação do contrato de ídolos históricos geraram críticas iniciais, o desempenho esportivo contribuiu para preservar níveis significativos de apoio. O acesso do Cruzeiro à Série A em 2022 reforçou esse ambiente de adesão: a campanha vitoriosa foi acompanhada por forte mobilização nas arquibancadas e frequentemente apresentada pela gestão como evidência da reconstrução institucional (Macedo, 2022; Retrospectiva... 2022).

As implicações econômicas do projeto empresarial tendiam a ser secundarizadas, à medida que a urgência da recuperação esportiva e a expectativa de superação da crise orientavam as percepções da torcida. Esse movimento revela uma forma de adesão pragmática, na qual críticas pontuais à condução administrativa não impedem o apoio ao projeto, desde que este se mostre eficaz na recuperação esportiva e institucional.

Ambivalência Crítica

À medida que a reestruturação do clube avançava, emergiram manifestações torcedoras mais ambivalentes em relação à gestão de Ronaldo. O apoio inicial passou a conviver com críticas associadas tanto a decisões esportivas quanto a iniciativas percebidas como tensionadoras de elementos simbólicos da identidade do clube. Simões (2017) argumenta que os processos de mercantilização do futebol tendem a produzir resistências justamente quando ameaçam formas históricas de sociabilidade e pertencimento associadas às arquibancadas.

[11] Paula Simões (2012) mostra que a imagem pública de Ronaldo, associada a superação, talento e proximidade, confere-lhe alto reconhecimento social. Isso ajuda a explicar seu poder de legitimação para além do âmbito esportivo.

Esse movimento expressa a contradição entre a racionalidade econômica da gestão empresarial – orientada à eficiência e ao controle de custos – e a dimensão cultural do futebol, fundada em vínculos identitários e afetivos. Nesse sentido, a experiência evidencia que a incorporação de lógicas de mercado produz tensões ao incidir sobre essas referências simbólicas, em linha com a caracterização do esporte como esfera "semicapitalista", na qual torcedores atuam como proprietários simbólicos capazes de influenciar a gestão (Kennedy; Kennedy, 2012, 2016).

Parte dessas tensões relaciona-se à preservação de símbolos da cultura cruzeirense. Em maio de 2023, discussões sobre alterações na mascote Raposão geraram críticas, expressas em cânticos como "Ronaldo, gordão, devolve o Raposão", indicando percepção de distanciamento entre a gestão e os sentidos culturais do clube. Embora contenham elementos preconceituosos, tais manifestações também revelam a percepção de afronta à tradição. Em resposta, Ronaldo classificou as reações como "desproporcionais" e suspendeu o projeto, evidenciando tensões entre inovação e expectativas simbólicas, com desgaste na relação com a torcida (Após..., 2023).

Esse tipo de reação pode ser compreendido como expressão de um movimento protetivo em torno de elementos simbólicos do clube (Webber, 2015). Diante de transformações institucionais associadas à crescente presença de lógicas empresariais no futebol, torcedores mobilizam repertórios de defesa de símbolos, tradições e narrativas que estruturam sua relação afetiva com a instituição. Assim, disputas pontuais – como a preservação de mascotes ou de elementos identitários – passam a funcionar como formas de proteção cultural frente à expansão da racionalidade econômica na gestão do esporte.

Situações semelhantes podem ser observadas na experiência de Ronaldo como investidor no futebol europeu. Durante sua gestão no Real Valladolid, propostas já mencionadas de alteração do escudo desencadearam mobilizações sintetizadas no *slogan* "*El escudo no se toca*" (Baraja, 2022). Assim como no caso cruzeirense, a defesa de um símbolo tradicional

expressava tensões entre estratégias de modernização da marca e expectativas culturais da torcida.

Manifestações de ambivalência intensificaram-se entre torcedores do Cruzeiro ao longo de 2023, expressas em críticas à gestão – sobretudo em suas tensões com elementos simbólicos – e, de forma mais incisiva, ao desempenho esportivo. Já em março, em meio a resultados insatisfatórios no Campeonato Mineiro, parte da torcida passou a direcionar vaias e xingamentos a Ronaldo, marcando inflexão relevante na relação até então favorável (Ronaldo..., 2023). No mesmo período, protestos também se materializaram fora dos estádios, com faixas cobrando contratações, títulos e maior transparência na condução da SAF (Gestor..., 2023, Faixas..., 2023).

Ao longo da temporada, esse quadro evoluiu para uma relação mais tensionada, marcada por desconfiança, como reconhecido pelo próprio Ronaldo, que passou a destacar a perda de apoio incondicional e seus impactos sobre o desempenho da equipe (Duarte, 2023). As críticas também alcançaram a gestão econômica, como a política de preços de ingressos e o fim de benefícios a torcedores, evidenciando fricções entre a lógica empresarial da SAF e expectativas construídas na relação tradicional entre clube e torcida (Cobrado..., 2023). Mesmo em momentos pontuais de desempenho positivo, manifestações críticas persistiram, especialmente nas redes sociais, frequentemente direcionadas à qualidade do elenco e às decisões de contratação (Cruzeiro..., 2023b).

Uma publicação da torcida organizada Máfia Azul no Instagram (@mafiaazuloficial), de 22 de julho de 2023, referente à manifestação realizada por torcedores na Toca da Raposa II, ilustra essa inflexão. No texto, ao mesmo tempo que se reconhece a "grande reestruturação" em curso e se reafirma o apoio histórico, explicita-se a recusa em aceitar o desempenho esportivo, com cobrança direta por resultados e críticas a setores da equipe (Máfia Azul, 2023). A ida ao centro de treinamento reforça uma postura ativa e vigilante, na qual o apoio convive com a pressão, evidenciando um engajamento condicionado à capacidade do projeto de produzir resultados e responder a expectativas sociais e culturais.

Outra evidência dessa postura é o esvaziamento progressivo dos estádios ao longo de 2023, fenômeno de significado econômico e cultural. Do ponto de vista financeiro, a retração impacta receitas como bilheteria e programas de sócio-torcedor: após cerca de 72 mil associados em 2022, impulsionados pelo "efeito Ronaldo", o clube encerrou 2023 com menos de 46,5 mil sócios, bem abaixo da meta de 100 mil (Macedo; Parrela, 2022; Cruzeiro..., 2023b). No plano simbólico, o esvaziamento sinaliza o enfraquecimento do vínculo entre torcida e equipe, evidenciando a erosão de um apoio que havia sido central na empresarização do clube. A menor presença de público não apenas reflete o descontentamento esportivo, mas reforça um ciclo negativo ao reduzir o apoio no estádio e intensificar a pressão sobre a gestão.

Esse conjunto de episódios – incluindo protestos e esvaziamento das arquibancadas – indica a consolidação de um padrão de apoio condicionado, expressão da ambivalência crítica que passa a caracterizar a relação entre torcida e gestão. O respaldo ao projeto passa a depender não apenas dos resultados esportivos, mas também da capacidade de articular diferentes dimensões de criação de valor. Nesse sentido, a gestão envolve a conciliação entre capital econômico – associado ao equilíbrio financeiro – e capital social, ligado à manutenção de vínculos de confiança e pertencimento, além do capital cultural que sustenta símbolos e identidades, e do capital estratégico necessário à legitimação das decisões.

Como sugerem Bull e Whittam (2016), a criação de valor no futebol depende da coordenação dessas diferentes formas de capital. No caso do Cruzeiro, as tensões observadas ao longo de 2023 evidenciam as dificuldades dessa conciliação, à medida que iniciativas orientadas pela racionalidade econômica entram em fricção com expectativas sociais e culturais, tornando o apoio mais contingente e dependente do desempenho esportivo.

Contestação e ruptura

O ambiente inicialmente marcado por ambivalência evoluiu para manifestações mais explícitas de contestação. Esse movimento esteve diretamente associado ao baixo rendimento esportivo no Campeonato

Brasileiro Série A de 2023, no qual o Cruzeiro lutou contra o rebaixamento até as rodadas finais.[12]

Nesse contexto, episódios de protesto nas arquibancadas e em espaços vinculados ao clube evidenciam o desgaste na relação entre parte da torcida e a gestão da SAF ao longo de 2023, especialmente na reta final da temporada, marcada por resultados inconsistentes e pela luta contra o rebaixamento. Embora as manifestações tenham se intensificado entre outubro e dezembro, já havia sinais anteriores, como a entrada não autorizada de torcidas organizadas na Toca da Raposa II em janeiro, relatada por Ronaldo como invasão, que pode ser interpretado como prenúncio da escalada de tensões. Destacam-se, nesse período, vaias recorrentes, manifestações organizadas e ações mais incisivas, indicando que a ambivalência crítica coexistiu com um movimento gradual de contestação e ruptura. (Duarte, 2023, Cobrado..., 2023).

O baixo rendimento esportivo e a pressão da torcida são centrais para compreender esse processo, ao configurarem um ciclo de retroalimentação entre desempenho insatisfatório e pressão externa. Em 2024, o quadro se agravou com resultados negativos no início da temporada – incluindo a perda do título estadual e tropeços na Copa Sul-Americana –, ampliando a insatisfação e o desgaste na relação com a gestão. Nesse contexto, uma reação emblemática ocorreu em 12 de abril de 2024, quando torcedores queimaram um bandeirão com a imagem de Ronaldo Nazário (Torcedores..., 2024). A peça, apresentada em 2022 na celebração do retorno à Série A, simbolizava o reconhecimento ao investidor; sua destruição pública sinalizou ruptura com Ronaldo como liderança do projeto.

Ao final de abril de 2024, foi anunciada a decisão de Ronaldo de revender sua participação na SAF do Cruzeiro. Junto aos protestos, o elemento determinante da crise residiu nas limitações econômico-financeiras, sobretudo na incapacidade de ampliar investimentos no elenco sem comprometer o equilíbrio financeiro. A sustentabilidade do projeto dependeria de um aumento expressivo de receitas, pouco factível no curto prazo, restando

[12] Em 3 de dezembro, venceu o Goiás por 1 a 0 fora de casa, garantindo a permanência na Série A na 37ª e penúltima rodada após campanha instável (Goiás..., 2023).

como alternativa aportes diretos do proprietário, cuja capacidade de alavancagem mostrou-se limitada (Objetivo..., 2024). Por sua vez, a ruptura com a torcida implicou perda de capital social necessário à sustentação do projeto, aspecto reconhecido pelo próprio comprador da SAF, Pedro Lourenço, que associou a venda ao ambiente de contestação e desgaste com os torcedores (Comprador..., 2024).

No período que antecede a venda da SAF para Pedro Lourenço, torcedores passaram a exibir faixas como "Tchau, Ronaldo" no Mineirão, sinalizando não apenas insatisfação pontual, mas a consolidação de uma crise de legitimidade da gestão (Duarte, 2024a). A deterioração dessa relação também se evidencia em relatos de campo: durante visita ao estádio, um líder da torcida organizada Máfia Azul associou o desgaste à percepção de que Ronaldo Nazário, ao ser criticado, teria responsabilizado a torcida pelas dificuldades enfrentadas, especialmente ao afirmar que, em gestões anteriores, parte dos torcedores usufruía de benefícios que não seriam mantidos em sua administração. Tal posicionamento foi interpretado negativamente, sendo visto como deslocamento de responsabilidades institucionais. Em interlocução informal realizada durante visita de campo ao Mineirão, uma liderança da torcida organizada contrastou a postura de Ronaldo com a de Pedro Lourenço, descrito como uma figura próxima da torcida, "como um pai". Essa caracterização sugere expectativas de proximidade e proteção na relação entre torcedores e dirigentes, historicamente associadas ao modelo tradicional brasileiro de clubes organizados como associações.[13]

Esse tipo de reação evidencia o peso das expectativas de reciprocidade simbólica que estruturam a relação entre clubes e torcedores. Mesmo em contextos de crescente financeirização, proprietários e dirigentes são avaliados não apenas por critérios econômicos, mas também por sua capacidade de demonstrar identificação com a história e os valores da instituição. Nessa direção, Kennedy e Kennedy (2012, 2016) destacam que torcedores tendem a

[13] Pedro Lourenço, empresário mineiro e fundador da rede Supermercados BH, é torcedor do Cruzeiro e já atuava como patrocinador, conselheiro e credor. Em abril de 2024, adquiriu cerca de 90% da SAF, tornando-se seu principal controlador (Duarte, 2024b).

se perceber como "quase-proprietários", reivindicando reconhecimento e participação simbólica, enquanto Bull e Whittam (2016) enfatizam que o engajamento constitui um ativo central de capital social, indispensável à sustentação organizacional. Assim, a ruptura observada não se limita ao plano simbólico, implicando também a erosão de um recurso estratégico para a viabilidade do clube.

De forma convergente, manifestações semelhantes foram registradas durante a experiência de Ronaldo como proprietário do Real Valladolid. Em momentos de maior insatisfação, torcedores exibiram faixas com a mensagem "*Ronaldo go home*" e arremessaram notas de euro com o rosto do ex-jogador, gesto que ironizava o valor anunciado para a venda do clube. Como já mencionado, a Federación de Peñas formalizou junto à cidade de Valladolid um pedido para que o dirigente fosse declarado "*persona non grata*", reforçando, em nível institucional, a ruptura entre torcida e proprietário (FPRV, 2025).

À luz desses acontecimentos, observa-se que as reações torcedoras à presença de investidores no futebol assumem caráter profundamente ambivalente. No caso do Cruzeiro, a figura de Ronaldo mobilizou simultaneamente expectativas de reconstrução institucional e tensões decorrentes da aplicação de lógicas empresariais. Nesse processo, o apoio inicial, as críticas intermediárias e os episódios de ruptura podem ser interpretados, à luz de Webber (2015) e Polanyi (2000), como momentos de um movimento protetivo da torcida, por meio do qual se reafirmam dimensões culturais e identitárias do clube diante das transformações econômicas em curso. Ao mesmo tempo, essas reações evidenciam a torcida como sujeito coletivo dotado de capacidade de intervenção, reconhecimento e disputa simbólica nas dinâmicas decisórias que atravessam o futebol contemporâneo.

Considerações finais

O caso do Cruzeiro evidencia que a inserção de investidores no futebol, orientada pela financeirização, não se limita à reestruturação econômica, mas produz uma tensão constitutiva entre a racionalidade do capital e a dimensão histórico-cultural que sustenta o pertencimento torcedor. A atuação de

Ronaldo Nazário inscreve-se no ciclo típico do capital especulativo – aquisição, reestruturação e desinvestimento – no qual o clube é tratado como ativo voltado à valorização patrimonial (Pittz *et al*, 2021). Nesse processo, a produção esportiva tende a ser subordinada à lógica da valorização, em consonância com Chesnais (1996) e Harvey (2011, 2013).

Tal dinâmica incide sobre instituições cujo valor de uso – associado aos divertimentos, à memória, identidade e experiência coletiva – entra em tensão com o valor de troca que orienta a ação do investidor (Marx, 2013). Nesse ponto, evidencia-se a ambivalência torcedora: longe de adesão linear ou rejeição imediata, as reações configuram um movimento protetivo, no qual os torcedores oscilam entre apoio estratégico e vigilância crítica. Observa-se, inicialmente, adesão pragmática, marcada pela aceitação da SAF como alternativa à crise; em seguida, ambivalência crítica, em que melhorias administrativas convivem com frustrações esportivas e simbólicas; e, por fim, formas de contestação que expressam a preservação do clube como patrimônio coletivo, recusando sua redução a ativo financeiro.

Desse modo, a financeirização não apenas reorganiza estruturas econômicas, mas reconfigura o engajamento torcedor, ativando respostas ambivalentes que operam como mecanismos de proteção simbólica. Nesse sentido, a ambivalência – em diálogo com Llopis-Goig (2009) – manifesta-se como forma relacional de engajamento, articulando apoio, crítica e contestação. Essa dinâmica pode ser compreendida, à luz de Webber (2015), como expressão de um "duplo movimento", no qual a expansão da lógica mercantil suscita respostas voltadas à preservação simbólica das tradições do clube e torcidas.

As reações torcedoras observadas no caso do Cruzeiro Esporte Clube aproximam-se da dinâmica descrita por Polanyi (2000) como "duplo movimento", na qual a expansão das lógicas de mercado suscita respostas sociais de proteção. Nesse sentido, as formas de contestação identificadas dialogam com aquilo que Simões (2017) define como resistências ao "futebol moderno", caracterizadas pela rejeição da transformação do torcedor em mero consumidor e pela defesa do futebol como espaço de pertencimento coletivo.

Ao mesmo tempo, o caso sugere que essas respostas não se dirigem necessariamente ao modelo institucional da SAF em abstrato, mas aos agentes que o operacionalizam e aos sentidos simbólicos associados à sua atuação. No Cruzeiro, a contestação à gestão de Ronaldo assumiu caráter personalizado, enquanto a transição do controle para Pedro Lourenço foi acompanhada por maior identificação e expectativa positiva entre torcedores. Isso indica que percepções sobre a financeirização são mediadas por atributos simbólicos, trajetórias sociais e formas de vínculo construídas pelos investidores, produzindo avaliações distintas dentro de uma mesma estrutura institucional.

Embora o caso do Cruzeiro permita identificar dinâmicas recorrentes de adesão, ambivalência e contestação, tais reações não devem ser compreendidas como universais ou homogêneas dos processos de financeirização do futebol. Diferentes contextos nacionais, estruturas de propriedade, trajetórias institucionais e culturas torcedoras produzem formas diversas de recepção, legitimação e conflito em torno das SAFs e de modelos empresariais semelhantes. Isso quer dizer que as reações e tendências observadas neste estudo não devem ser tomados como expressão homogênea dos processos de financeirização do futebol ou da implementação das SAFs.

A experiência do Cruzeiro relaciona-se a condições específicas, como a profundidade da crise econômico-financeira do clube, a centralidade simbólica de Ronaldo e características particulares da cultura torcedora brasileira. Em outros contextos, as formas de adesão, tolerância ou contestação podem assumir configurações distintas. Nesse sentido, o ciclo de valorização não se realiza de forma linear, sendo atravessado por mediações culturais, institucionais e afetivas. As torcidas não apenas reagem, mas interpretam e atuam sobre essas transformações, articulando estratégias de preservação diante da mercantilização. Embora sua influência sobre decisões estruturais seja limitada, manifestações marcadas por ambivalência e impulso protetivo expressam formas contraditórias de mediação social frente à crescente subordinação do futebol à lógica do valor.

O artigo demonstra empiricamente que essas reações não são residuais, mas estruturantes, operando como mediações do próprio ciclo de

valorização. Ao evidenciar a ambivalência como forma social específica e o movimento torcedor como resposta protetiva à financeirização, contribui para compreender o futebol como espaço em que a subsunção ao valor-mercadoria é continuamente negociada, tensionada e parcialmente contestada. Essa dimensão relacional das reações torcedoras, ainda pouco explorada na literatura, aponta para a necessidade de investigações futuras sobre o papel dos atributos simbólicos dos investidores na legitimação e contestação de modelos empresariais no futebol.

Uso de Inteligência Artificial

Foi utilizada a ferramenta ChatGPT (OpenAI), baseada no modelo GPT-5.5, para apoio em revisão gramatical e aprimoramento de estilo acadêmico. O conteúdo analítico, interpretações e conclusões são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Referências

AFICIÓN del Valladolid explota contra Ronaldo Nazario tras consumar un nuevo descenso: “go home”. *Marca*, 25 abr. 2025. Disponível em: https://us.marca.com/soccer/la-liga/2025/04/25/680b03acca4741e71b8b45a1.html. Acesso em: 22 jun. 2025.

ANTES de comprar Valladolid e Cruzeiro, Ronaldo quis clube inglês. *Estado de Minas*, 23 dez. 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/superesportes/2021/12/23/interna_superesportes,1333271/antes-de-comprar-valladolid-e-cruzeiro-ronaldo-quis-clube-ingles.shtml. Acesso em: 22 jun. 2025.

APÓS polêmica com Raposão, Cruzeiro anuncia detalhes de comitê; veja a opinião de Ronaldo. *Globo Esporte*, 23 maio 2023. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2023/05/23/apos-polemica-com-raposao-cruzeiro-anuncia-detalhes-de-comite-veja-a-opiniao-de-ronaldo.ghtml. Acesso em: 22 jun. 2025.

BARAJA, Jesús P. Aficionados del Real Valladolid protestan en Zorrilla contra el cambio de escudo. *Marca*, 23 jun. 2022. Disponível em: https://www.marca.com/futbol/valladolid/2022/06/23/62b4d230ca47419e488b460f.html. Acesso em: 22 jun. 2025.

BERGAMO, Mônica. Ronaldo acumula R$ 1 bilhão em empresas e diz não ser cartola. *Folha de S. Paulo*, 30 jun. 2022. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2022/06/ronaldo-acumula-r-1-bi-em-empresas-e-diz-nao-ser-cartola.shtml. Acesso em: 22 jun. 2025.

BIRKHÄUSER, Stephan; KASERER, Christoph; URBAN, Daniel. Investor presence and competition in major European football leagues. *Technische Universität München*, 2015. Disponível em: https://www.fa.mgt.tum.de/fileadmin/w00chf/fm/pdf/BirkhaeuserKastererUrban_Investor_Presence_and_Soccer_Competition.pdf. Acesso em: 5 jul. 2025.

BOLAÑO, Cesar R. S. *Indústria cultural, informação e capitalismo*. São Paulo: Hucitec, 2000.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. DOI: https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa.

BULL, Mike; WHITTAM, Geoff. Do football club owners create value? *In*: INTERNATIONAL SOCIAL INNOVATION RESEARCH CONFERENCE, 8., 2016, Glasgow. *Anais* [...]. Glasgow: ISIRC, 2016. Disponível em: https://hdl.handle.net/10779/mmu.32440164. Acesso em: 25 set. 2025.

CRFB – CENTRO DE REFERÊNCIA DO FUTEBOL BRASILEIRO. Máfia Azul [Online]. *Museu do Futebol*, s.d. Disponível em: https://museudofutebol.org.br/crfb/instituicoes/652092/. Acesso em: 30 jun. 2025.

CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996.

COBRADO no Cruzeiro, Ronaldo defende preço de ingressos: "Está entre os mais baratos do Brasil". *Globo Esporte*, 21 out. 2023. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2023/10/21/cobrado-no-cruzeiro-ronaldo-defende-preco-de-ingressos-esta-entre-os-mais-baratos-do-brasil.ghtml. Acesso em: 22 jun. 2025.

COMPRADOR da SAF do Cruzeiro mantém CEO e técnico e explica motivo da venda por Ronaldo. *Globo Esporte*, 29 abr. 2024. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2024/04/29/comprador-da-saf-do-cruzeiro-mantem-ceo-e-tecnico-e-explica-motivo-da-venda-por-ronaldo.ghtml. Acesso em: 22 jun. 2025.

CONSELHO do Cruzeiro aceita exigências de Ronaldo para concretizar venda da SAF. *Folha de S. Paulo*, 4 abr. 2022. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2022/04/conselho-do-cruzeiro-aceita-exigencias-de-ronaldo-para-concretizar-venda-da-saf.shtml. Acesso em: 22 jun. 2025.

CRUZEIRO: SAF de Ronaldo estima repasse de até R$ 682 milhões para pagamento de dívidas. *Globo Esporte*, 13 jun. 2023a. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2023/06/13/cruzeiro-saf-de-ronaldo-estima-repasse-de-ate-r-682-milhoes-para-pagamento-de-dividas.ghtml. Acesso em: 22 jun. 2025.

CRUZEIRO fecha 2023 com menos da metade da meta de sócios; Ronaldo quer reaproximação. *Globo Esporte*, 26 dez. 2023b. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2023/12/26/cruzeiro-fecha-2023-com-menos-da-metade-da-meta-de-socios-ronaldo-quer-reaproximacao.ghtml. Acesso em: 22 jun. 2025.

DUARTE, Gabriel. Jogo do Cruzeiro tem faixa "Tchau Ronaldo" e sacola de supermercado do comprador da SAF; veja reações. *Globo Esporte*, 28 abr. 2024a. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2024/04/28/jogo-do-cruzeiro-tem-faixa-tchau-ronaldo-e-sacola-de-supermercado-do-comprador-da-saf-veja-reacoes.ghtml. Acesso em: 22 jun. 2025.

DUARTE, Gabriel. Quem é Pedro Lourenço, o Pedrinho, comprador da SAF do Cruzeiro de Ronaldo. *Globo Esporte*, 29 abr. 2024b. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2024/04/29/quem-e-pedro-lourenco-o-pedrinho-comprador-da-saf-do-cruzeiro-de-ronaldo.ghtml. Acesso em: 22 jun. 2025.

DUARTE, Gabriel. No Cruzeiro, Ronaldo vive relação de desconfiança com a torcida e defende gestão: "Crédito nós temos". *Globo Esporte*, 20 out. 2023. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2023/10/20/no-cruzeiro-ronaldo-vive-relacao-de-desconfianca-com-a-torcida-e-defende-gestao-credito-nos-temos.ghtml. Acesso em: 22 jun. 2025.

FAIXAS cobram SAF de Ronaldo no Cruzeiro, e presidente da associação comenta. *Globo Esporte*, 21 mar. 2023. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2023/03/21/faixas-cobram-saf-de-ronaldo-no-cruzeiro-e-presidente-da-associacao-sergio-rodrigues-veja-imagens.ghtml. Acesso em: 22 jun. 2025.

FERREIRA, Daniel; FIGOLS, Victor L. Ley de Deporte na Espanha e o modelo de sociedad anónima deportiva: um balanço dos últimos 30 anos. *In*: SANTOS, I. C. S. (org.). *Clube empresa*: abordagens críticas globais às sociedades anônimas no futebol. Rio de Janeiro: Corner, 2020.

FPRV – FEDERACIÓN DE PEÑAS DEL REAL VALLADOLID. Propuesta de declaración de persona non grata a Ronaldo Nazário. *La voz de la afición*, 7 maio. 2025. Disponível em: https://www.fdprealvalladolid.com/la-voz-de-la-aficion-propuesta-de-declaracion-de-persona-non-grata-a-ronaldo-nazario/. Acesso em: 16 ago. 2026.

GESTOR do Cruzeiro, Ronaldo revela invasão de 30 pessoas à Toca para cobrar melhorias para organizadas. *Globo Esporte*, 23 jan. 2023. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2023/01/23/gestor-do-cruzeiro-ronaldo-revela-invasao-de-30-pessoas-a-toca-para-cobrar-melhorias-para-torcidas-organizadas.ghtml. Acesso em: 22 jun. 2025.

GOIÁS x Cruzeiro: piores ataques do Brasileiro se enfrentam em busca de fôlego contra a Série B. *Globo Esporte*, 27 nov. 2023. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2023/11/27/goias-x-cruzeiro-piores-ataques-do-brasileiro-se-enfrentam-em-busca-de-folego-contra-a-serie-b.ghtml. Acesso em: 22 jun. 2025.

HARVEY, David. *Os limites do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.

HARVEY, David. *O enigma do capital*. São Paulo: Boitempo, 2011.

HARVEY, David. *O neoliberalismo: história e implicações*. São Paulo: Loyola, 2008.

KARAK, Anirban. Accumulation by dispossession: a marxist history of the formation of the English Premier League. *Review of Radical Political Economics*, v. 49, n. 4, p. 615–632, 2016. DOI: https://doi.org/10.1177/0486613416635039.

KAY, Bryan. Ronaldo and the Fort Lauderdale Strikers: a Florida soccer project turned sour. *The Guardian*, 14 set. 2016. Disponível em: https://www.theguardian.com/football/2016/sep/14/ronaldo-fort-lauderdale-strikers-florida-soccer-project. Acesso em: 17 jul. 2025.

KENNEDY, Peter; KENNEDY, David. *Football in neo-liberal* times: a Marxist perspective on the European football industry. Nova York: Routledge, 2016.

KENNEDY, Peter; KENNEDY, David. Football supporters and the commercialisation of football: comparative responses across Europe. *Soccer & Society*, v. 13, n. 3, p. 327–340, 2012. DOI: https://doi.org/10.1080/14660970.2012.655503.

KIRSCH, Benedikt; SAUER, Tim; ZÜLCH, Henning. Decrypting the specifics of professional football club investments: Why? What? How? An integrative review. *Sport, Business and Management*, v. 14, n. 2, p. 267–296, 2024. DOI: http://dx.doi.org/10.1108/SBM-10-2022-0095.

LLOPIS-GOIG, Ramón. *Fútbol postnacional*: transformaciones sociales y culturales del fútbol en la era global. Barcelona: Anthropos, 2009.

MACEDO, Guilherme. Cruzeiro: antes de jogo, torcedores homenageiam Ronaldo com "corte cascão" no Mineirão. *Globo Esporte*, 5 out. 2022. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2022/10/05/cruzeiro-antes-de-jogo-torcedores-homenageiam-ronaldo-com-corte-cascao-no-mineirao.ghtml. Acesso em: 22 jun. 2025.

MACEDO, Guilherme; PARRELA, Leonardo. Impulsionado por Ronaldo, Cruzeiro está entre principais programas de sócios do Brasil. *Globo Esporte*, 3 out. 2022. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2022/10/03/impulsionado-por-ronaldo-cruzeiro-esta-entre-principais-programas-de-socios-do-brasil.ghtml. Acesso em: 22 jun. 2025.

MÁFIA AZUL. Todos sabem que o cruzeiro é o maior de minas e o único representante honrado do nosso estado no cenário esportivo. Belo Horizonte, 22 jul. 2023. Instagram: @mafiaazuloficial. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CvATLNPtNRh/?igsh=c3JhM3Zud20yeHE5. Acesso em: 15 maio 2026.

MARX, Karl. *O capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.

MASCARENHAS, Fernando; REIS, Nadson S.; TEIXEIRA, Marcelo R. Indústria do futebol e acumulação capitalista: um debate a partir da economia política da Premier League. *Movimento*, v. 30, e30049, 2024. DOI: https://doi.org/10.22456/1982-8918.140847.

MATIAS, Wagner B. *Futebol espetáculo*. Curitiba: Appris, 2020.

MOTTA, Luciano. *O mito do clube-empresa*. Belo Horizonte: Sporto, 2020.

NAVARRO, Juan. El entierro anunciado del Real Valladolid del ausente Ronaldo. *El País*, 24 abr. 2025. Disponível em: https://elpais.com/deportes/futbol/2025-04-24/el-entierro-anunciado-del-real-valladolid-del-ausente-ronaldo.html. Acesso em: 21 jun. 2025.

NAVARRO, Juan. El segundo descenso del Real Valladolid en cinco años agrieta el proyecto de Ronaldo. *El País*, 9 jun. 2023. Disponível em: https://elpais.com/deportes/2023-06-09/el-segundo-descenso-del-real-valladolid-en-cinco-anos-agrieta-el-proyecto-de-ronaldo.html. Acesso em: 21 jun. 2025.

NIETO, Antonio. Ronaldo revoluciona Valladolid. *El País*, 4 set. 2018. Disponível em: https://elpais.com/deportes/2018/09/03/actualidad/1535969662_044937.html. Acesso em: 21 jun. 2025.

OBJETIVO cumprido: Ronaldo revende participação na SAF do Cruzeiro. *Estado de Minas*, 29 abr. 2024. Disponível em: https://www.em.com.br/internacional/2024/04/6847910-objetivo-cumprido-ronaldo-revende-participacao-na-saf-do-cruzeiro.html. Acesso em: 22 jun. 2025.

PITTZ, Thomas; BENDICKSON, Joshua S.; COWDEN, Birton J.; DAVIS, Phillip E. Sport business models: a stakeholder optimization approach. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, v. 28, n. 1, p. 134–147, 2021. DOI: https://doi.org/10.1108/JSBED-12-2019-0409.

POLANYI, Karl. *A grande transformação*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

POSADA, Arturo. Tara Sports, la parte empresarial de Ronaldo. *El Norte de Castilla*, 19 fev. 2020. Disponível em: https://www.elnortedecastilla.es/realvalladolid/tara-sports-parte-20200219201808-nt.html. Acesso em: 21 jun. 2025.

REIS, Nadson S. *Esboço da crítica da economia política do esporte*. Curitiba: CRV, 2023.

RETROSPECTIVA do Cruzeiro: Ronaldo supera incertezas e polêmicas e ergue clube com 2022 animador. *Globo Esporte*, 27 dez. 2022. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2022/12/27/retrospectiva-do-cruzeiro-ronaldo-supera-incertezas-e-polemicas-e-ergue-clube-com-2022-animador.ghtml. Acesso em: 22 jun. 2025.

RODRIGUES, Sérgio S. *Futebol S.A.* São Paulo: Amanuense, 2023.

RONALDO admite abatimento por reações da torcida do Cruzeiro e rebate críticas: "Dia muito triste". *Globo Esporte*, 11 mar. 2023. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2023/03/11/ronaldo-admite-abatimento-por-reacoes-da-torcida-do-cruzeiro-e-rebate-criticas-dia-muito-triste.ghtml. Acesso em: 22 jun. 2025.

RONALDO Fenômeno anuncia compra do Cruzeiro. *Folha de S. Paulo*, 18 dez. 2021. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2021/12/ronaldo-fenomeno-anuncia-compra-do-cruzeiro.shtml. Acesso em: 22 jun. 2025.

SANTOS, Anderson David G. dos. *Os direitos de transmissão do campeonato brasileiro de futebol*. Curitiba: Appris, 2019.

SHAPIRO, Stephen L.; DESCHRIVIER, Timothy D.; RASCHER, Daniel A. The Beckham Effect: examining the longitudinal impact of a star performer on league marketing, novelty, and scarcity. *SSRN Working Paper*, 2019. DOI: https://doi.org/10.2139/ssrn.3421674.

SIMÕES, Irlan. *A produção do clube*. Rio de Janeiro: Mórula, 2023.

SIMÕES, Irlan. *Clientes versus Rebeldes:* novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.

SIMÕES, Paula G. *O acontecimento Ronaldo*: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo. 2012. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-8YQNQ9. Acesso em: 24 maio 2025.

TEIXEIRA, Marcelo R.; REIS, Nadson S.; MASCARENHAS, Fernando. O "ativo" jogador e sua produção no contexto da economia política do futebol: diálogos

preliminares. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 45, e20230026, 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/rbce.45.e20230026.

TORCEDORES do Cruzeiro queimam bandeirão com imagem de Ronaldo; assista. *Globo Esporte*, 12 abr. 2024. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2024/04/12/torcedores-do-cruzeiro-queimam-bandeirao-com-imagem-de-ronaldo-assista.ghtml. Acesso em: 22 jun. 2025.

WEBBER, David M. "Playing on the break": football fans and the "Against Modern Football" movement. *International Review for the Sociology of Sport*, v. 53, n. 7, p. 875–893, 2015. DOI: https://doi.org/10.1177/1012690215621025.

YIN, Robert K. *Estudo de caso*: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Revista Novos Rumos Sociológicos | vol. 14 n. 25 | Jan/Jul/2026
Artigo recebido em 26-05-2026 | Aprovado em 13-07-2026
ISSN: 2318-1966

DOSSIÊ

DIFERENÇAS CONSTITUTIVAS DAS FRATRIAS NO FUTEBOL E NA ESCOLA: PROEMINÊNCIA DO FILHO ATLETA E O SUPERINVESTIMENTO NO ESPORTE[1]

Constitutive Differences in Sibling Structures in Football and Schooling: The Prominence of the Athlete Child and the Overinvestment in Sports

Carlus Augustus Jourand Correia[2]

Resumo

O estudo analisa as dinâmicas familiares de fratrias e os investimentos materiais e simbólicos sobre os filhos na profissionalização no futebol e na escolarização. Para isso, foi realizado acompanhamento de quatro famílias nos espaços do clube de futebol em que treinavam, nas escolas onde estudavam e no seu dia a dia no período entre 2015 e 2017. O objetivo do estudo é compreender as estratégias de escolarização empreendidas sobre os filhos do mesmo núcleo familiar e como a profissionalização no futebol influencia o acesso aos recursos e investimentos familiares. Os resultados da pesquisa apontam um superinvestimento no esporte dentro das famílias e, consequentemente, uma proeminência do filho atleta diante do não atleta. No estudo, as famílias que possuem filhos atletas e não atletas reorganizaram a vida familiar em torno da carreira esportiva do filho em detrimento das rotinas do filho não atleta. Diante disso, ao contrário de outras pesquisas que apontam o posicionamento na fratria como elemento principal do tratamento de um filho pelo outro, no caso dessas famílias, a atividade esportiva assumiu centralidade relevante nos investimentos familiares observados.

Palavras-chave: Fratria; Família; Esporte; Escolarização.

Abstract

The study analyzes the family dynamics of sibships and the material and symbolic investments made in children in relation to both professionalization in football and schooling. To this end, four families were followed in the football club settings where the children trained, in the schools they attended, and in their everyday lives between 2015 and 2017. The objective of the study is to understand the schooling strategies undertaken for children belonging to the same family unit, as well as how professionalization in football influences access to family resources and investments.

The results point to an overinvestment in sport within these families and, consequently, to the prominence of the athlete child over the non-athlete child. Families with both athlete and non-athlete children

[1] Estudo realizado com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por meio de bolsa de doutorado concedida durante o período da pesquisa entre 2014 e 2018.
[2] Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ). Orcid: https://orcid.org/0000-0001-6022-0759. E-mail: carlus.jourand@gmail.com.

reorganized family life around the sporting career of the athlete child, to the detriment of the routines of the non-athlete child. In this regard, contrary to other studies that identify one's position within the sibship as the main factor shaping the treatment of one child in relation to another, in the case of these families, sporting activity becomes the central element guiding family investments.

Keywords: Sibling; Family; Sports; Schooling.

Introdução

As relações sociais no interior das famílias são heterogêneas, permeadas por disputas, relações de poder, representações sociais e sistemas de reciprocidade, em diferentes configurações familiares (nuclear, estendida, recomposta) ou da classe social. Assim, ações, estratégias e objetivos familiares são atravessados por elementos que geram investimentos desiguais – materiais, afetivos e simbólicos – nos filhos ao longo da vida. Balarini e Romanelli (2012) destaca a relevância da fratria,[3] pois as relações entre irmãos envolvem diferenças de gênero, idade e escolaridade, além de vivências afetivas. O autor mostra como o arranjo familiar, o número de filhos, a ordem de nascimento e o gênero influenciam trajetórias distintas, inclusive escolares. A fratria funciona como uma rede em que os investimentos feitos em um irmão repercutem nos demais.

O sistema fraterno inicia-se com o nascimento do segundo filho, provocando um rearranjo familiar. Essa mudança afeta a estrutura material (espaço, tempo) e as relações entre membros, já que o aumento de integrantes intensifica interações e subsistemas (Piccinini *et al.*, 2007). As formas de constituição das fratrias impactam não só a escolarização, mas também a ascensão social e a identidade familiar. Pesquisas apontam que o tamanho da família influencia o desempenho escolar e a mobilidade social. No Brasil, Marteleto (2002) propõe a hipótese da rivalidade entre irmãos: estes competem por tempo e recursos parentais, que tendem a privilegiar o(s) filho(s) com maior retorno esperado.

A desvantagem em famílias numerosas é confirmada por Hasenbalg e Silva (1999), ao mostrarem que "o tamanho da família parece desempenhar

[3] A Sociologia da Família entende por fratria o "conjunto de irmãos e irmãs nascidos do mesmo pai e da mesma mãe". No entanto, novas abordagens também já compreendem a fratria como um sistema que agrupa também o relacionamento entre meios-irmãos e enteados, produtos do fenômeno das famílias recompostas. Nesses termos, é atribuída a noção de fratria mista.

um papel bastante significativo" (p. 145) no acesso escolar das crianças brasileiras. A literatura sugere que famílias maiores tendem a enfrentar mais dificuldades para escolarizar seus filhos. Famílias com menos filhos podem reunir melhores condições para concentrar investimentos em projetos coletivos, incluindo a escolarização e o esporte, foco desta análise. Em síntese, a literatura aponta correlação entre número de filhos e possibilidades de realização de objetivos, já que famílias numerosas diluem recursos e esforços, dificultando projetos que exigem altos custos de tempo ou finanças.

No universo do futebol, a literatura aponta que a trajetória dos jovens atletas das categorias de base do futebol brasileiro é atravessada por obstáculos estruturais que ultrapassam a dimensão esportiva e adentram a esfera social e econômica (Pinto *et al.*, 2023). Nesse sentido, a profissionalização exige dos jovens não apenas talento esportivo, mas a capacidade de lidar com as limitações materiais de suas famílias que, muitas vezes, enfrentam precariedade de renda e a necessidade de conciliar o investimento no projeto de profissionalização futebolística com demandas cotidianas de sobrevivência (Rocha *et al.*, 2025).

As barreiras econômicas, como os custos de transporte, alimentação adequada e materiais esportivos, podem se tornar relevantes filtros "invisíveis" que antecedem a avaliação técnica dentro dos clubes. A rotina intensa de treinamentos, viagens e competições se sobrepõe às exigências escolares e familiares, configurando uma sobrecarga que compromete o desenvolvimento integral do atleta. Rocha (2017) aponta que a gestão do tempo entre escola, prática esportiva e responsabilidades familiares revela-se um dilema cotidiano, em que o jovem é frequentemente levado a priorizar o futebol em detrimento da formação educacional. Diante desse cenário esportivo, as famílias precisam criar estratégias privadas para a concretização do projeto de profissionalização de um dos filhos, fato que acaba por influenciar toda a dinâmica da fratria.

O antropólogo Gilberto Velho (2003) conceitua "projeto" como a capacidade dos indivíduos de formular e perseguir metas que orientam suas trajetórias de vida, em diálogo com os contextos sociais, culturais e históricos em que estão inseridos. Esse conceito, ao ser aplicado ao universo esportivo,

permite compreender o "projeto futebolístico" como a construção de um conjunto de expectativas, estratégias e investimentos – materiais e simbólicos – que organizam a vida de jovens atletas e de suas famílias em torno da possibilidade de profissionalização no futebol. O objetivo do estudo foi analisar quais as estratégias utilizadas pelas famílias dos jovens atletas no processo de profissionalização no futebol e como isso impacta na dinâmica familiar, em especial, os investimentos econômicos e afetivos sobre o(s) outro(s) irmão(s).

2. Metodologia

O estudo, desenvolvido entre 2015 e 2017, teve como foco quatro jovens jogadores de futebol e seus respectivos núcleos familiares, abordados nesta pesquisa pela ótica do conceito de famílias futebolísticas.[4]

A família futebolística é um construto mais vasto do que o de família, articulado pelas relações que adquirem novos significados dentro do sistema futebolístico. Essa abordagem busca compreender a noção de família analisando a construção de redes de relacionamento que conectam pessoas e contextos através de suas experiências cotidianas. Desse modo, a partir de um núcleo mais definido, normalmente situado no interior da família consanguínea (pais, mães e irmãos), alarga-se a noção de pertencimento dentro dessa instituição para indivíduos que possuam algum nível de engajamento na construção dos projetos esportivos desses jovens (Spaggiari, 2015).

A investigação foi conduzida em um clube do Rio de Janeiro que, naquele período, integrava a elite do Campeonato Brasileiro.[5] Todos os atletas acompanhados faziam parte dessa instituição e suas famílias estavam diretamente atravessadas pela rotina esportiva e pela forma de organização da vida cotidiana imposta pela prática futebolística. O clube em questão foi selecionado por ser, na época, um dos quatro do estado que detinham o certificado oficial de clube formador.[6]

[4] Os nomes dos indivíduos e das famílias foram ocultados por questões éticas. No seu lugar foram adicionados nomes individuais e familiares fictícios.
[5] O nome do clube foi ocultado, por questões éticas.
[6] Para receber o certificado, o clube precisou cumprir uma série de itens e, posteriormente, ser homologado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

A decisão de concentrar a análise em jogadores de uma mesma equipe justificou-se pelo fato de que, inseridos no mesmo contexto de treinamentos e exigências esportivas, esses jovens compartilhavam condições semelhantes, o que impactava também na gestão privada das famílias. O grupo observado abrangia atletas das categorias de base infantojuvenil (15–16 anos) e juvenil (17–18 anos), fases cruciais para definir as possibilidades de profissionalização. É nesse intervalo que, em conjunto com seus familiares, os jovens precisam optar entre a continuidade no futebol ou a busca por caminhos profissionais fora do esporte. Além disso, tratava-se de uma faixa etária que correspondia ao ensino médio da educação básica, adicionando outra camada de decisões importantes.

Para compreender como eram construídas as escolhas e quais estratégias orientavam tanto os atletas quanto suas famílias, foram levantadas informações relacionadas a treinos, competições, tempo dedicado à escola e composição do núcleo familiar. Selecionaram-se quatro famílias a partir dos contatos estabelecidos durante a fase exploratória do trabalho de campo. A escolha recaiu sobre aquelas que demonstraram maior receptividade ao diálogo e à participação.

A escolha por meio desse critério traz uma limitação metodológica reconhecida. Contudo, em pesquisas qualitativas dessa natureza, o acesso ao campo muitas vezes é restrito por desconfianças. Por isso, a receptividade ao diálogo não foi interpretada como um critério de representatividade, mas como uma condição concreta de viabilização da análise empírica, e não como sinônimo de neutralidade.

Com o objetivo de reduzir o viés de seleção, o processo de coleta de dados combinou observação participante,[7] observação não participante e entrevistas semiestruturadas. Essas entrevistas foram realizadas tanto com os atletas quanto com seus familiares, com o intuito de compreender como se davam as dinâmicas internas da família diante da profissionalização de um dos filhos. Elas serviram ainda para detalhar e ampliar questões previamente percebidas nas observações em campo.

[7] Com base na observação participante, foi criado um diário de campo com análises cotidianas.

Ao todo foram realizadas 23 entrevistas, utilizando-se a técnica da saturação: o processo foi encerrado quando as respostas passaram a se repetir, sem acrescentar novos elementos. Além de atletas e familiares, também foram entrevistadas profissionais do clube, como psicólogas e assistentes sociais, a fim de enriquecer a compreensão do contexto pesquisado.

2. 1. Resultados e Discussão

a. O futebol como projeto familiar e a relativização da ordem de nascimento

Estudos de Damo (2007), Rial (2008), Souza *et al.* (2008), Correia (2014) e Soares *et al.* (2009) indicam que a profissionalização no futebol exige dos jovens atletas e de suas famílias investimentos financeiros e temporais significativos, envolvendo materiais, alimentação adequada e acompanhamento das rotinas esportivas.[8]

Na análise feita sobre as quatro famílias acompanhadas nesta pesquisa, em nenhuma delas os pais possuíam mais de três filhos, mesmo depois de construírem novos arranjos familiares. Em três dessas famílias, o filho atleta só tinha um irmão (famílias Almeida, Torres e Guimarães). Somente na família Moreira havia dois irmãos ligados ao jovem atleta.[9] Ampliando essa análise para o universo do clube em que essas famílias estavam inseridas, Rocha (2017) evidenciou, por meio de dados coletados entre 2015 e 2016, que as famílias dos atletas do clube possuíam, em média três pessoas por residência. Tal informação permite inferir que os casos analisados não se afastam do perfil observado dentro do nome do clube, ou seja, grande parte das famílias inseridas no futebol possui até dois filhos.

A constatação de que as famílias engajadas no processo de formação futebolística possuem um número reduzido de filhos parece estar ligada ao custo que esse esporte requisita dos indivíduos que decidem assumi-lo como projeto de vida. Das quatro famílias analisadas nesta pesquisa, duas delas

[8]O alto custo para a profissionalização no futebol também pode ser pensado como um dos fatores pelos quais é tão difícil observar dois irmãos inseridos em centros de treinamento de base, bem como vê-los alcançar os profissionais. Parte expressiva desses recursos teria de ser ampliada, o que poderia dificultar o investimento simultâneo em dois filhos atletas.

[9] Esses irmãos de Joel, da família Moreira, eram meio irmãos de Joel, já que eram filhos de Marcos com a madrasta dele.

(Almeida e Torres) experimentaram uma mobilidade social descendente motivada pelas escolhas relacionadas ao projeto futebolístico, especialmente aquela voltada para a migração dos seus estados de origem rumo ao Rio de Janeiro para que seus filhos treinassem no clube. Na existência de uma configuração familiar composta por vários filhos, a possibilidade de operar as escolhas e estratégias feitas por esses pais, tais como abandonar empregos, viver de doações de parentes e empresários torna-se mais difícil.

A possibilidade de estruturação de um projeto futebolístico familiar parece, então, mais tangível para aquelas famílias situadas a partir das classes médias. Isso relativiza a concepção, de que os jogadores de futebol são comumente egressos das classes populares, em especial aquelas com condições de vida abaixo da linha da pobreza. Os casos analisados sugerem que a formação futebolística pode favorecer famílias com alguma capacidade de investimento, não sendo possível afirmar predominância geral sem dados mais amplos

Além do tamanho da família, o posicionamento ocupado pelo filho na organização das fratrias também deve ser visto como um elemento importante no direcionamento de alguns filhos para determinadas trajetórias de vida, alheias ao destino de outros filhos. Essa concepção pode ser vista em Laurens (1992), quem, por meio de dados quantitativos, evidenciou nos primogênitos uma dotação de vantagens em todas as classes sociais, em relação aos outros filhos da família. Para alguns autores, entre eles Desplanques (1981), haveria uma vantagem e um privilégio de investimento sobre os filhos primogênitos, pois, durante um período determinado, estes experimentam a situação de ser filho único, sendo objeto do investimento de maiores recursos e de maior atenção pelos seus pais. Além disso, em geral, os pais depositariam maiores expectativas de realização escolar e ocupacional em seus primeiros filhos. Nesse caso, devemos perceber que fatores múltiplos podem mudar essa vantagem do primogênito verificada pelos estudos, principalmente a partir das diferentes possibilidades de investimento nos filhos.

No caso do Brasil, Balarini e Romanelli (2012) apontou a possibilidade da vantagem dos caçulas em construir mais facilmente seus projetos individuais e de tê-los compartilhados e mantidos pelos pais. O autor vincula

o alargamento das oportunidades e o aumento da capacidade de investimentos à possível melhora nas condições socioeconômicas que os indivíduos podem obter ao longo da vida. Dessa forma, os filhos caçulas poderiam experimentar pais com uma condição material mais estável e mais favorável à realização de investimentos nos projetos individuais dos filhos. Isso pode ocorrer especialmente nas famílias que vivenciam um processo de ascensão social, sendo que o caçula pode ser privilegiado na medida em que sua família tenha melhorado suas condições financeiras.

O lugar da criança na fratria parece, pois, exercer também uma influência sobre sua trajetória e sobre a construção das configurações familiares, entre elas o projeto coletivo. Ser primogênito, caçula ou mesmo ocupar um lugar intermediário parece implicar processos de socialização diferenciados que se constituem no espaço familiar e que podem ter algum impacto em seu percurso e destino escolares.

No grupo pesquisado, muitos pais e filhos afirmam não haver diferenças de tratamento entre irmãos, mas percebem que primogênitos são frequentemente mais exigidos, especialmente em questões escolares. Essa cobrança não decorre apenas da ordem de nascimento, mas do papel que cada filho ocupa nos projetos familiares: enquanto o caçula pode ser direcionado a um projeto futebolístico, outros filhos recebem investimentos em áreas como a escolarização.

Além da cobrança acadêmica, espera-se do primogênito engajamento no projeto familiar futebolístico, servindo muitas vezes como exemplo para os irmãos mais novos. Contudo, essa dinâmica não é universal; em certas circunstâncias, outros filhos também podem se beneficiar de atenção ou investimentos específicos.

A pesquisa indica que, em famílias de jovens em processo de profissionalização no futebol, a construção e atualização do projeto esportivo dependem do tamanho da família, do intervalo entre os nascimentos, das estratégias educativas adotadas pelos pais e da percepção de “qualidades especiais” em determinados filhos. Estudos prévios apontam a posição na fratria como elemento relevante para investimentos parentais. Entretanto, nos casos analisados, essa questão da posição é secundária: o diferencial de

atenção e recursos se concentra no filho identificado com talento futebolístico e a profissionalização esportiva passa a constituir o principal projeto familiar.

> Tomaz**:** O Murilo, ele começou no futebol bem cedo. Mas também desde pequeno ele já gostava da bola, ao contrário do irmão (mais velho) que nunca se interessou. Chutava a bola e ele tinha um chute forte. O primeiro presente que dei para ele foi uma bola e ele parece ter adorado. De lá para cá ele sempre está jogando bola. [...] Ele entrou no futebol com seis anos de idade, indo para uma escolinha de futebol pequena, perto da casa em que morávamos no subúrbio de Salvador. Eu e a mãe dele concordamos que era uma boa ideia colocar o Murilo numa escolinha. Eu via que ele tinha potencial. Era pequeno, mas sabia jogar bola. Com seis anos ele jogava com os meninos maiores.[10]

O relato evidencia que as trajetórias e projetos das famílias analisadas não seguiram a ordem de nascimento dos filhos; os tratamentos diferenciados decorreram da identificação precoce do talento e da disposição do jovem em seguir no futebol. Elementos como idade e posição na família tiveram apenas papel secundário, conforme relatado pelos entrevistados, especialmente na família Torres.

Os dados mostraram tratamentos diferenciados tanto para primogênitos (famílias Moreira e Almeida) quanto para caçulas (família Torres e Guimarães), sendo o futebol o principal fator desencadeador dessa distinção. Assim, na dinâmica das famílias futebolísticas, a posição na fratria não se mostrou o fator central, relativizando argumentos sobre privilégios vinculados à ordem de nascimento. Além disso, os investimentos diferenciados aumentam à medida que o filho se torna mais comprometido com o projeto futebolístico.

Quando a possibilidade de profissionalização é percebida como real, a família intensifica estratégias e ações para concretizá-la e todos que orbitam em torno do filho atleta acabam sendo envolvidos, ainda que a contragosto, no projeto familiar. A pesquisa indicou que, com o aprofundamento do projeto esportivo, os comportamentos e engajamentos dos pais se tornam progressivamente distintos em relação aos filhos.

Os dados da pesquisa indicam um equilíbrio: das quatro famílias com irmãos, em duas o caçula era atleta. Nesses casos, os caçulas se beneficiavam de maiores investimentos, decorrentes da melhor situação econômica familiar.

[10] Entrevista com Tomaz, pai de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 15/05/2016.

Além disso, familiares relataram maior experiência no cuidado dos filhos, acumulada pelas vivências com irmãos mais velhos ou pelo auxílio destes no cuidado do caçula, incorporando-se às trajetórias familiares e influenciando positivamente o desenvolvimento do filho mais novo. Um exemplo é a família Torres, em que o pai Tomaz, após a tentativa fracassada de profissionalizar um filho de outro casamento, ajustou suas ações para não repetir os mesmos erros na profissionalização de Murilo.

No caso dos Guimarães, a maior diferença de idade pareceu tornar mais visível a vantagem da experiência familiar. Nesta família, Pedro (não atleta) e Paulo (atleta) têm sete anos de diferença. O pai observa que dificuldades financeiras iniciais impediram o ingresso do primogênito no futebol, que precisou contribuir com a renda familiar. Após o nascimento do segundo filho, com a situação econômica mais estável, foi possível apoiar Paulo no projeto esportivo.

Os dados encontrados na pesquisa dialogam com os achados de Spaggiari (2015) e de Rial (2008) acerca do fenômeno do "caçulismo". Rial define esse conceito como:

> a ideia de que a carreira de jogador de futebol é um projeto familiar (Damo, 2007; Rial, 2003, 2004) no qual é necessário algum excedente econômico para propiciar a liberação de um integrante da família do trabalho remunerado. Assim, o fato de serem os caçulas os que com mais probabilidade conseguem realizar o projeto de serem jogadores profissionais pode ser explicado tanto por terem tido a possibilidade de serem liberados da tarefa de garantir a sobrevivência do grupo familiar com o seu trabalho (função assumida pelos irmãos mais velhos) quanto por poderem contar com a presença de um integrante da família, irmão mais velho, pai e muitas vezes a mãe, para acompanhá-los à escolinha ou campos de prática, o que às vezes implica em longos deslocamentos em transporte público (Rial, 2008, p. 35).

Nos dados auferidos no estudo com as quatro famílias, os motivos mais listados para o investimento no filho caçula foram, respectivamente: a posse do talento, as condições financeiras, a *expertise* adquirida na educação dos filhos anteriores e o suporte dado pelos outros irmãos. Os dados da pesquisa indicam que as diferenciações de tratamento entre irmãos se estendem para além do campo subjetivo, podendo ser observadas em questões práticas do cotidiano e na divisão dos recursos.

b. Escolarização diferenciada: escola como projeto para o não atleta e flexibilização para o atleta

Na pesquisa, os entrevistados afirmam buscar oportunidades para todos os filhos conforme suas condições financeiras. Exceto pela família Guimarães, nas demais famílias os jovens não atletas recebem maior cobrança acadêmica e investimentos diferenciados em relação aos irmãos atletas. Na maioria dos casos (famílias Torres, Almeida e Moreira), os irmãos não estudam na mesma escola, refletindo a preocupação dos pais em buscar melhores oportunidades de escolarização para os não atletas, visando à inserção futura no mercado de trabalho, enquanto os atletas frequentam instituições que permitam a flexibilização das rotinas escolares em razão da profissionalização no futebol.

O acompanhamento da rotina de estudos e da relação da família com a escola também varia. O relato de Marta, mãe de Diego e Maurício da família Almeida sugere algumas questões:

> Eu sempre acompanhei as coisas da escola dos dois sabe. Sempre que tem reunião, ou que a escola chama, eu vou. Disso a escola não pode reclamar. Eu sempre quis ver nota, olhar caderno para ver como estava. Mas, assim, com o Maurício (mais velho e não atleta) eu sempre pude acompanhar mais, porque tinha mais tempo livre e ele se dedicava à escola. O Diego (mais novo e atleta), a gente também se dedica muito para acompanhar a rotina de estudos dele, mas, assim, nem todas as reuniões que chamam no colégio dá para ir, porque às vezes também temos (ela e o pai) que acompanhar alguma coisa do futebol dele. Não tem como o pai trocar dia de trabalho o tempo todo e ele sempre pede pra gente ver ele jogando.[11]

Marta deixa claro que buscou investir na educação dos dois filhos, acompanhando seus estudos e estreitando a relação com a escola. Entretanto, seu discurso revela clivagens: enquanto Maurício contou com maior vigilância e dedicação materna à vida escolar, no caso de Diego, atleta, o acompanhamento foi parcial, já que parte do tempo livre da família era direcionado ao futebol. Na hierarquização das rotinas, a formação esportiva do filho atleta ocupava posição prioritária, ainda que sem abandono da escolarização. Em consonância com Rocha (2017), observa-se que Marta,

[11] Entrevista com Marta, mãe de Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 20/05/2016.

assim como outras famílias, flexibilizou a escolarização do filho atleta em favor do projeto esportivo.

Esse padrão apareceu também em outras famílias, sugerindo uma tendência de secundarização relativa da escola para os atletas nas famílias Moreira, Guimarães e Torres: a estruturação dos projetos designados a cada filho orientou diretamente as estratégias parentais, relegando a escola a papel secundário para os atletas. O custo dessa escolha é uma secundarização progressiva nas atividades escolares. O grau de diferenciação depende da crença familiar na profissionalização: os dados sugerem que, quanto mais sólida parecia ser a expectativa de profissionalização, maior tendia a ser a distância entre as trajetórias escolares de atletas e não atletas. Em alguns casos, como na família Moreira, chegou-se a aceitar reprovações do filho atleta, desde que a perspectiva esportiva permanecesse viável.

Em geral, os filhos não atletas frequentavam escolas particulares (exceto na família Guimarães), vistas como investimento legítimo. Ainda que essa realidade não reflita o conjunto da sociedade brasileira, evidencia-se a seleção de instituições – públicas ou privadas – que privilegiam qualidade e oportunidades entre os não atletas. Para os atletas, entretanto, nos casos observados, a escolha escolar pareceu ser fortemente orientada pela lógica do futebol: mudança de instituições e turnos para conciliar treinos e competições, com a qualidade de ensino em segundo plano.

Apesar do discurso de igualdade no tratamento educacional, observações de campo revelaram dissonâncias: em três famílias (Moreira, Torres e Almeida), exigia-se que os filhos não atletas cumprissem rotinas fixas de estudo em casa, geralmente à noite, sob supervisão de algum familiar, algo que não se repetia com os atletas. As consequências dessa diferenciação podem ser observadas na fala de alguns filhos não atletas como é o caso de Maurício da família Almeida.

> Aqui em casa eu sou muito mais cobrado que o meu irmão, porque à noite quase sempre preciso fazer as coisas da escola e ele não precisava fazer nada. Parece que não, mas ler e resolver os exercícios cansa. Parece que não, mas escola também é trabalho...Isso é chato, porque acabo sendo muito cobrado e ele não.[12]

[12] Entrevista com Maurício, irmão de Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 18/10/2016.

O descontentamento de Maurício tensiona o discurso vigente de igualdade no tratamento entre irmãos, pois ao afirmar que "escola também é trabalho" ele procura se reposicionar como protagonista no interior do arranjo familiar. Sua percepção revela uma contradição importante: enquanto os pais tendem a enxergar as tarefas escolares domésticas como uma obrigação leve, naturalizada e pouco cansativa, o filho não atleta as percebe como esforço, cobrança e desgaste, que o desgasta mais do que as atividades desempenhadas pelo irmão atleta.

Há, portanto, na visão de Maurício, uma invisibilização do trabalho escolar. Ler, resolver exercícios, estudar à noite e manter rendimento também exigem disciplina, tempo e energia. Ao não reconhecer esse esforço como trabalho, a família produz uma assimetria moral: o cansaço do atleta é legitimado, enquanto o cansaço escolar do irmão não atleta é minimizado.

Quando observada a cobrança sobre os atletas, verificou-se que, muitas vezes, os pais faziam "vista grossa" sobre as obrigações escolares dos filhos atletas. Desses filhos, não era exigido um segundo turno de estudos, a não ser que as tarefas da escola fossem julgadas de extrema importância, a exemplo de avaliações enviadas para casa para compor a nota do bimestre, conforme foi visto algumas vezes nas famílias Torres e Almeida. A parte da noite desses atletas era usada principalmente para o repouso. Os familiares justificavam que a noite era o único momento que este atleta tinha para descansar, depois de um "dia muito desgastante de treinos no clube e estudos na escola" (discurso realizado pelas quatro famílias descritas) e, por isso, era bom preservar os meninos para voltar a fazer tudo novamente no dia seguinte.

c. A casa como extensão do clube: alimentação, controle do tempo e otimização de rotinas familiares

As ações e estratégias desenvolvidas pelas quatro famílias do estudo dialogam com achados de Silva (2016), que também identificou estratégias familiares voltadas à maximização dos resultados esportivos. A análise com as quatro famílias apreende um elemento igualmente encontrado no estudo de Silva (2016), a saber, a disputa interna e velada dos filhos pelos recursos oferecidos dentro da família com a proeminência do filho atleta sobre o não

atleta. Em alguns casos analisados, esse privilégio ao filho futebolista é explícito nas ações cotidianas.

A profissionalização no futebol exige tempo, além da conciliação com a escolarização. Nesse cenário, o atleta e sua família enfrentam longos deslocamentos que dificultam a gestão da rotina. Por isso, muitas famílias envolvidas em projetos futebolísticos elaboram estratégias para otimizar o tempo e conciliar o futebol com trabalho, escola e lazer. Nesse processo, as decisões tendem a se concentrar, em graus variados, nas demandas do filho atleta, em torno do qual os demais membros passam a gravitar. Essa situação interfere na rotina dos irmãos não atletas, que podem perder recursos e oportunidades, não pela falta de dinheiro, mas pela necessidade de adequar-se às exigências do projeto esportivo.

Exemplo disso é a família Almeida, que, para viabilizar a carreira de Diego, optou por transferir o filho mais velho, Maurício, de uma escola tradicional e distante para um cursinho próximo à residência, no qual o pai também trabalhava. A mudança não teve como motivação central razões econômicas, já que ambas eram gratuitas em razão do vínculo funcional do pai, mas sim a necessidade de otimizar o tempo, reduzir deslocamentos e custos indiretos, permitindo ao pai acompanhar melhor os treinos do filho atleta. Dessa forma, parte do esforço antes direcionado a Maurício foi realocado para Diego por meio da reorganização escolar do irmão.

As formas de consumo configuram-se como importantes elementos de diferenciação entre as fratrias, ainda que, muitas vezes, se expressem de modo pouco explícito em práticas cotidianas difíceis de identificar sem acompanhamento minucioso, sobretudo porque não são verbalizadas pelos indivíduos.

Nos hábitos alimentares das famílias, observou-se uma dinâmica centrada no filho atleta. Em todas as famílias, a alimentação foi considerada fundamental para o desenvolvimento esportivo, pois as exigências físicas da modalidade demandam uma dieta regrada e saudável. No clube em que os jovens treinavam no Rio de Janeiro havia acompanhamento de fisiologia e nutrição, com dietas personalizadas em casos específicos, como ganho de massa ou emagrecimento.

Apesar das particularidades socioeconômicas e das estratégias das famílias, verificou-se que o cardápio doméstico tende a se estruturar em torno das restrições do atleta, reduzindo significativamente a presença de alimentos ricos em açúcar e gordura. Na família Moreira, por exemplo, produtos gordurosos só circulavam durante a semana, quando Joel está na concentração do clube. Nos fins de semana, permaneciam disponíveis, mas em quantidade restrita tanto para ele quanto para os demais familiares.

Nas famílias Torres, Almeida e Guimarães, itens como refrigerantes, biscoitos, bolos e salgadinhos eram controlados e distribuídos por meio de negociações – em dias específicos ou cotas diárias. Nos casos em que os irmãos não atletas são mais velhos, como nas famílias Torres e Guimarães, eles costumam comprar e consumir tais alimentos em momentos em que o atleta não esteja presente.

Se alguns alimentos são desencorajados, outros são incentivados e ofertados para todos, como frutas, verduras e legumes. Contudo, a diferenciação se intensifica em relação a insumos como a carne, revelando o investimento prioritário no filho atleta. Em certas situações, quando não há possibilidade de oferecer cortes de qualidade para toda a família, as melhores partes são destinadas ao jogador. Na família Guimarães, por exemplo, enquanto os demais consumiam carne moída de acém, o atleta recebia alcatra, e essa hierarquia alimentar era aceita por todos como necessária ao seu desenvolvimento esportivo.

A carne constitui o exemplo mais evidente da diferenciação alimentar, mas não o único. Nas famílias acompanhadas, suplementos como aminoácidos, proteínas e isotônicos eram sistematicamente adquiridos para os atletas, mesmo que implicasse reduzir outros itens da dieta familiar.

d. Reciprocidade, moral familiar e obrigação de engajamento dos irmãos

Na pesquisa pode-se verificar que a existência bem como os impactos desses tratamentos diferenciados sobre os filhos é maior quando as distâncias etárias na fratria são menores. Esse é o caso verificado nas famílias Torres e Almeida nas quais as diferenças entre os filhos são, respectivamente de quatro anos e dois anos.

Powell e Steelman (1993) revelam que os recursos familiares, em termos econômicos, são mais escassos quando os irmãos têm idades próximas, o que acaba por prejudicar sua distribuição entre os irmãos, bem como a melhor utilização deles. Conforme a distância etária entre os irmãos aumenta essa disputa por recursos não se mostrou tão constante, apesar de também estar presente em determinadas situações (Black *et al.*, 2005).

A família Guimarães exemplifica essa questão, pois nela existem todos os atravessamentos e disputas de recursos mencionados anteriormente. Contudo, ao contrário das famílias Torres e Almeida, a distância de sete anos entre os irmãos traz menos concorrência de recursos entre eles. Na família, à época da estruturação do projeto futebolístico de Paulo, então com 13 anos, o irmão mais velho (Pedro) tinha 20 anos de idade e possuía um emprego fixo no qual seu salário ajudava nas despesas da casa. Nessa situação, a diferença de idades entre os irmãos dentro da evidenciou menores disputas por recursos, uma vez que um desses irmãos (Pedro) encontrava-se numa realidade na qual ele já não dependia tanto dos recursos da família.

Todos esses investimentos diferenciados no interior das fratrias, realizados pelos pais e pelos parentes próximos, caracterizam a proeminência do filho atleta dentro da configuração familiar. Esse fenômeno aumenta à medida que cresce a crença da família sobre a concretização do projeto futebolístico.

Os investimentos feitos na profissionalização do jovem atleta que caracterizam a sua proeminência dentro da família inscrevem-se também em um sistema de reciprocidades (Malinowski, 1976). Nos relatos analisados, a legitimidade do acesso aos benefícios futuros parecia associada ao grau de engajamento no projeto futebolístico. A redistribuição parecia ser reconhecida como mais legítima quando associada ao engajamento familiar no projeto.

A família Torres é um exemplo dessas configurações baseadas em ações desinteressadamente interessadas em torno do projeto futebolístico. O pouco compromisso de Santiago (irmão de Murilo) com o desenvolvimento do projeto futebolístico familiar era muito malvisto dentro da família, suscitando, por diversas vezes, comentários desgostosos dos pais, dos demais parentes e até mesmo do irmão futebolista Murilo. Certa vez, Elisa chegou a dizer que

"depois que o Murilo se tornar jogador, o Santiago que não venha querer se aproximar e aparecer na televisão junto com irmão, porque sempre ligou pouco para o irmão no futebol".

Na mesma direção, o pai (Tomaz) também se dizia chateado com a postura do filho mais velho:

> Eu acho que o Santiago podia participar mais da vida do irmão. A distância dificulta, claro! Mas eu também moro aqui na Bahia, aliás, ele mora comigo, mas ele se importa muito menos com as coisas de futebol do irmão do que eu, por exemplo. Família tem que se ajudar sabe?! Essa postura me parece um pouco egoísta dele, mas é coisa dele mesmo, não podemos fazer muito mais que não seja uma conversa.[13]

Os posicionamentos da mãe e do pai indicam que a adesão ao projeto futebolístico familiar deveria ser uma expectativa de todos os membros da família, especialmente do irmão. Ao não se engajar, Santiago passou a ser percebido pelos pais e demais parentes como alguém "que não está agindo de acordo com aquilo que seria o certo". Esse padrão, considerado legítimo pela família Torres pode ser entendido como um *ethos* familiar: um conjunto de valores e crenças fundamentais que orienta comportamentos e decisões em relação ao futuro, assumindo, portanto, uma dimensão moral.

No entanto a fala de Santiago traz outra dimensão a esse processo de construção do *ethos* e adesão projeto coletivo familiar.

> É complicado ser irmão de quem está tentando ser jogador. Porque tudo é pensado nisso. Nós (eu e meu pai) saímos de Salvador para vir para cá, eu deixei muita coisa que gostava lá. Aqui muito da rotina e das decisões está para meu irmão ser jogador. No fim, acho que não existe o Santiago, é meio que o Murilo 2.0. Mas é melhor nem ficar falando disso.[14]

A fala de Santiago desloca a interpretação dos pais. Para ele, a questão não se resume a "ajudar" ou "não ajudar" o irmão, mas ao modo como a vida familiar foi reorganizada em torno do projeto futebolístico de Murilo. Ao afirmar que "tudo é pensado nisso" e que "não existe o Santiago, é meio que o Murilo 2.0", ele revela um processo de apagamento simbólico, no qual sua

[13] Conversa informal com Tomaz realizada em setembro de 2016. Parte integrante do diário de campo do dia 02 de setembro de 2016.
[14] Conversa informal realizada com Santiago durante uma competição do irmão em setembro de 2015. Registro em diário de campo.

identidade passa a ser definida de forma secundária, como irmão daquele que busca se tornar jogador.

Há, assim, uma tensão entre solidariedade familiar e assimetria de reconhecimento. Enquanto os pais entendem o projeto de Murilo como uma causa comum, Santiago parece vivenciá-lo como algo construído sem a devida consideração por suas próprias perdas, desejos e projetos. O silêncio final – "é melhor nem ficar falando disso" – sugere que sua discordância encontra pouco espaço legítimo de expressão, pois questionar o projeto pode ser interpretado como egoísmo, inveja ou falta de apoio familiar.

Independentemente das motivações ou sistemas de crenças que orientam as ações familiares, observou-se, em todas as famílias investigadas, que o filho atleta assume posição de protagonista. Os parentes mais próximos são "convocados" a contribuir para a concretização do projeto, ainda que de forma heterogênea. Em cada caso, um indivíduo tende a se destacar, assumindo o papel de "guardião do projeto", responsável por centralizar decisões e estratégias de estruturação.

Esse guardião, geralmente pai ou mãe, articula os demais parentes em torno do atleta e se vê obrigado a assumir responsabilidades que exigem maior dedicação do que a dos demais familiares. Em todas as famílias analisadas, esses sujeitos apresentaram engajamento tão intenso que suas ações configuravam verdadeiros superinvestimentos, aproximando-os da figura de um "pai profissional de atleta em formação" ou de uma "mãe profissional de atleta em formação".

e. *Pais e mães profissionais de atletas em formação*

O termo "pai e mãe de atleta profissional" foi utilizado como uma adaptação do conceito de "pai e mãe profissional de aluno" cunhado por Establet (1987). Nesse trabalho, o autor caracteriza pais que realizam um superinvestimento escolar dos filhos, mobilizando estratégias e planejamentos específicos com o objetivo de maximizar seus resultados educacionais. Uma das marcas centrais dessa atuação é o chamado "cultivo orquestrado", isto é, a tomada de decisões meticulosas voltadas à concretização de um projeto definido (Lareau, 2003).

Ao identificar homologias entre esse comportamento e o dos pais de atletas em formação, que também encaram a trajetória esportiva de base como uma carreira, optou-se pelo uso do termo "pai e mãe profissional de atleta em formação". O conceito evidencia o caráter organizado, orquestrado e quase profissional com que esses responsáveis administram a vida esportiva e privada de seus filhos atletas – e, em consequência, a dinâmica dos não atletas da família.

A principal característica observada nas famílias acompanhadas é a consolidação da proeminência do filho atleta, processo que converte ao menos um dos responsáveis em "pai ou mãe profissional de atleta em formação". Movidos pelo desejo de assegurar o sucesso esportivo e um futuro promissor aos filhos, esses pais assumem um papel análogo ao descrito por Establet (1987), apropriando-se de orientações e informações de especialistas e definindo, de forma sistemática, repertórios de práticas e atividades que consideram indispensáveis ao desenvolvimento das competências exigidas pelo futebol contemporâneo.

O compromisso com um futuro profissional promissor e rentável para o filho atleta constitui um aspecto central da vida familiar, explicando o forte investimento, as altas expectativas e os tratamentos diferenciados dentro da fratria verificados nessas famílias. Nesse aspecto, muitos pais e mães se transformam em treinadores, preparadores físicos, nutricionistas, *coachs* e psicólogos dos seus filhos.

Nas famílias analisadas, percebeu-se que os responsáveis, fortemente comprometidos com um projeto futebolístico, não poupavam esforços e sacrifícios para assegurar o sucesso esportivo do filho atleta, inclusive canalizando os recursos dos outros irmãos e dos próprios pais. Na estruturação do projeto futebolístico familiar percebe-se que o desempenho esportivo do filho passava a funcionar como balizador de seu próprio êxito ou fracasso, fonte de orgulho ou de culpa frente a um projeto futebolístico meticulosamente estabelecido. Por isso, em conversas cotidianas e nas entrevistas realizadas o "ele" e o "nós" confundiam-se e interconectavam-se como evidenciam algumas falas dos pais.

> Quando nós entramos nessa história de virar jogador profissional, nós já sabíamos de todas as dificuldades que poderiam aparecer. [...] Nós já conquistamos muito até agora no futebol, estamos com o primeiro contratinho profissional e tudo vai indo bem. Se der certo vai ter essa subida para o profissional em algum momento.[15]

> Eu vejo todos os jogos que posso do Paulo. Competição então, aí não perco uma que seja aqui por perto, pelo Rio de Janeiro mesmo. Pego esses ônibus de rodoviária e vou. Já fui em Cardoso Moreira, Região dos Lagos e até Serrana. Teve uma vez num jogo que ganhamos... quer dizer que ele ganhou (risos). Falo até como se tivesse jogado. Mas voltando, nesse jogo passei uma grande dificuldade para chegar em Friburgo porque chovia muito, acho que foi um dos jogos que achei que não conseguiria ver.[16]

> Quando o Murilo perde todos nós perdemos sabe. As derrotas dele, também me derrubam um pouco, porque eu fico pensando que poderia ter feito alguma coisa melhor. Um planejamento melhor, uma atenção maior. [...] Quando nós chegamos aqui no Rio de Janeiro, o sentimento era de que em certa parte estávamos no caminho certo, que vencemos aquela etapa.[17]

Nas falas das famílias, é possível ver como as conquistas e os fracassos pessoais e profissionais dos filhos são vistos também como questões inerentes a todos que se inserem no projeto futebolístico. Tudo se passa como se o êxito do filho constituísse uma espécie de símbolo do êxito pessoal dos pais, de seus valores e de sua concepção; como se esse êxito se tornasse para os pais um critério fundamental de sua autoestima. O projeto dessas famílias enquanto um construto coletivo é, ao mesmo tempo, um projeto individual dos filhos atletas em processo de profissionalização, mas também dos pais e familiares que procuram pavimentar essa construção.

Nos depoimentos, um dos fatores citados pelos pais e que parece impulsioná-los ainda mais para uma conduta de superinvestimento decorre da constatação de que hoje o mercado futebolístico está ainda mais profissionalizado e competitivo, sendo a inserção profissional mais difícil. Para eles, é necessário ir além daquilo que todos os outros atletas fazem, pois consideram que o sucesso na profissão está no terreno daquilo que os outros não fazem.

Aquilo que é feito no clube é considerado somente lugar comum e insuficiente para transformar os filhos em atletas. Por isso, os pais analisados

[15] Entrevista com Marcos, pai de Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 09/08/2015.
[16] Entrevista com Henrique, pai de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 20/03/2017.
[17] Entrevista com Elisa, mãe de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 20/10/2015.

buscam inserir em suas rotinas diárias ações e investimentos que permitam ao atleta continuar desenvolvendo suas habilidades esportivas enquanto não está no clube ou em momentos destinados à prática esportiva. Diante disso, as estratégias empreendidas no interior da fratria, de superinvestimento no filho atleta são enxergadas como aquele diferencial frente aos demais indivíduos dentro desse contexto futebolístico de formação.

Com exceção da família Torres, nas outras três famílias acompanhadas, o superinvestimento no futebol feito por esses pais profissionais transformava a casa em um anexo do clube. O tempo livre passava a ser destinado ao exercício de atividades esportivamente rentáveis, ou seja, atividades formais capazes de contribuir para o sucesso na profissionalização.

Nessas famílias, o cotidiano doméstico era invadido pelas exigências e expectativas esportivas em um processo de intensa esportivização, que exigia não só a manutenção de um espírito de atleta[18] constante, mas também a presença e a disponibilidade diária de um adulto apto a acompanhar, organizar, disciplinar e orientar a boa execução das rotinas diárias, assegurando o controle sobre todas as atividades esportivas e escolares. Sendo assim, dentro de casa, eram exigidas práticas que não comprometessem a atividade física e que na verdade pudessem potencializá-la. Nesse sentido, o lar passa a ser uma extensão do clube e os pais, sobretudo a mãe, desempenham o papel de "treinador oculto na família". Prevalecia, ainda, entre pais e os familiares, a percepção de que as atividades esportivas extras se constituem como prática legítima, importante e necessária para assegurar um desempenho esportivo de excelência.[19]

Sendo a casa dessas famílias uma extensão do espaço do clube, e o tempo nela uma mimetização das concentrações dos clubes, as rotinas dos filhos não atletas e as permissões dadas a eles sobre atividades triviais dentro de casa estavam balizadas nas regras impostas aos filhos atletas. Por isso,

[18] O termo mencionado significa um conjunto de comportamentos morais considerados pelas famílias e pelos membros do campo futebolístico como imprescindíveis para o desenvolvimento de uma carreira no futebol. Podemos citar o repouso, o ascetismo, a alimentação balanceada, entre outros.
[19] As ações parentais têm ainda um caráter preventivo, com o fim de evitar dificuldades futuras que possam comprometer a conquista dos tão almejados postos de trabalho no futebol.

elementos como cronograma das refeições, horário de dormir e até mesmo recepção de colegas em casa – por parte dos filhos não atletas – eram balizados pelo planejamento da rotina do filho atleta.

Em todas as famílias analisadas havia pelo menos um adulto que não exercia trabalho remunerado e, por isso, era o responsável por essa coordenação da vida pessoal e profissional do jovem atleta, sendo, em alguns casos, requisitado também o auxílio do filho não atleta. Nas famílias Torres e Almeida, a decisão das mães por não trabalharem relacionava-se à intenção de acompanhar melhor a rotina esportiva dos filhos. O conjunto dos depoimentos deixa transparecer que, ao assumirem a responsabilidade de acompanhar a trajetória e a rotina esportiva dos filhos, na maioria dos casos, as mães tiveram que arcar com prejuízos e restrições à vida profissional.

A caracterização desses responsáveis enquanto pais e mães profissionais de atletas em formação não se faz presente apenas pela elevada dedicação dada ao acompanhamento das rotinas esportivas dos filhos – abrindo mão até dos seus empregos – e nem pela transformação do espaço da casa como um anexo do clube. Esses pais, diante do acesso facilitado às redes de informação (livros, internet e conversas com terceiros), buscavam melhorar os resultados esportivos dos seus filhos por meio do oferecimento de suporte para além daquele dado pelo clube.

Os "pais profissionais", ancorados numa forte adesão ao projeto futebolístico dos filhos, passam a buscar mais informações consideradas importantes para a profissionalização e, consequentemente, tentam implementá-las sobre a rotina dos filhos. Com isso, observa-se que algumas famílias buscavam sistematicamente conselhos com a nutricionista do clube, pais levando seus filhos a endocrinologistas, administrando o consumo de suplementos alimentares por conta própria, contratando preparadores físicos para criarem programas de treinamento nas férias, incentivando o filho a fazer consultas sistemáticas ao psicólogo, entre outras ações. Tudo isso, como dito, aliado ao monitoramento do tempo livre.

Na família Almeida, Roberto, que era professor de educação física, relatou que, costumeiramente, nas férias de Diego gostava de elaborar "planos de trabalho" para que o jovem não perdesse completamente o ritmo da

temporada. Segundo o pai do menino, a intenção dos programas feitos por ele era a regeneração física e a preocupação para que o jovem não perdesse o tônus muscular. Como o período de recesso na temporada coincidia com as férias do pai, que era professor, ele acompanhava de perto os programas e atividades físicas daquilo que ele intitulava pré-temporada da pré-temporada.

Além desse caso, ligado diretamente à implementação de ações físicas para o desenvolvimento futebolístico dos atletas, também devemos lembrar que as flexibilizações na rotina escolar realizadas por todas essas famílias bem como as escolhas de estabelecimentos de ensino ancoradas principalmente pelos imperativos das atividades de treinamento também se constituem como ações e estratégias com vistas ao desenvolvimento das atividades esportivas. Esse desenvolvimento não ocorre de forma direta, como se verifica por meio da relação entre investimento na preparação física e *performance* esportiva, mas ao flexibilizar as atividades escolares e secundarizá-las, os pais também estão elaborando estratégias para ampliar o tempo dedicado às atividades físicas e à preparação esportiva.

Nas famílias analisadas, essa mobilização doméstica pressupunha um trabalho contínuo de avaliação, regulação e adequação das estratégias, com o intuito de viabilizar a obtenção constante do capital futebolístico pelo filho atleta. Toda essa mobilização se apoiava no conjunto de informações que os pais detinham sobre o campo futebolístico e sobre o desempenho esportivo dos filhos. O conhecimento das novas formas de preparação física, dos novos produtos alimentícios, dos novos materiais esportivos, dos melhores clubes para profissionalizar-se e das escolas que cobram menos resultados acadêmicos permitiam aos pais realizar com precisão, seu "ofício" cotidiano de "pais de atletas em formação".

As famílias desse grupo, apoiadas no sonho de ascensão social por meio do futebol, faziam a escolha de realizar superinvestimentos nesse campo, muitas vezes desproporcionais aos seus recursos, o que, como visto anteriormente, exigia a contenção de outros gastos, a redução da prole e a canalização de recursos em prol da estruturação do projeto futebolístico familiar. Apoiados nessa crença, os pais, de forma direta, metódica e

incansável, administravam a profissionalização dos filhos atletas "como se fossem suas próprias carreiras profissionais".

O superinvestimento dos pais na profissionalização dos filhos, tornando-os praticamente pais profissionais de atleta em formação, aliado ao desenvolvimento da proeminência do filho atleta dentro da família, reforça a existência de um projeto futebolístico que, a partir da sua consolidação, torna esses investimentos mais explícitos dentro das famílias analisadas. Com a construção desse projeto familiar em torno do filho atleta, esse jovem paulatinamente torna-se o centro do núcleo doméstico, com a maioria das ações e estratégias girando em torno do objetivo de profissionalização no futebol. A partir da estruturação desse projeto e do seu fortalecimento, foi possível verificar um aprofundamento nas diferenças de tratamento, recursos e oportunidades ofertados aos filhos dentro da fratria.

Os pais, bem como os familiares, identificam e compreendem que os filhos possuem trajetórias de vida diferentes e, consequentemente, campos de possibilidades diferenciados. Por possuírem expectativas diferenciadas, realizam sobre os filhos investimentos diferenciados, por exemplo, na escolarização, na administração do seu tempo livre e na ajuda nos afazeres domésticos. Contudo, como o projeto familiar gira em torno da profissionalização no futebol, percebe-se nessas famílias uma predisposição a maiores investimentos de tempo e recursos sobre a trajetória do filho atleta em detrimento do filho não atleta. Essas diferenciações, muitas vezes, não são verbalizadas, mesmo assim são perceptíveis dentro do convívio familiar e, podem suscitar, em determinados momentos, debates, inconformidades e relutâncias, principalmente por parte do filho não atleta que se sente prejudicado diante dos objetivos coletivos da família.

Conclusão

Este estudo investigou como famílias de jovens jogadores de futebol em formação direcionam investimentos simbólicos e materiais e como essas estratégias afetam as relações entre irmãos em contextos esportivos e educacionais. Nos casos analisados, a ordem de nascimento perdeu parte de sua centralidade diante da condição de atleta: o filho identificado com talento

esportivo, muitas vezes o caçula, tornou-se o principal foco dos superinvestimentos familiares, recebendo recursos financeiros, atenção parental e apoio dos irmãos mais velhos. Essa centralidade reorganizou cuidados cotidianos, rotinas escolares, alimentação e dinâmicas domésticas, confirmando o filho atleta como núcleo do projeto familiar. A pesquisa qualitativa, baseada em observações e entrevistas, permitiu captar essas reconfigurações simbólicas, econômicas e relacionais, embora limitada a quatro famílias de um clube de elite do Rio de Janeiro. Assim, o estudo evidencia que, quando o futebol se torna projeto familiar, ele redefine tempos, recursos, hierarquias e identidades.

Assim, estudos futuros poderão expandir esse panorama ao explorar diferentes modalidades esportivas ou contextos escolares não esportivos, a fim de avaliar se padrões similares de superinvestimento se repetem, bem como adotar perspectivas longitudinais além do período de base (2015–2017).

Referências

BLACK, Sandra E.; DEVEREUX, Paul J.; SALVANES, Kjell G. The more the merrier? The effect of family size and birth order on children's education. *Quarterly Journal of Economics*, Londres, v. 120, n. 2, p. 669-700, 2005. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/25098749

CORREIA, Carlus Augustus J. *Entre a profissionalização e a escolarização*: projetos e campo de possibilidades em jovens atletas do Colégio Vasco da Gama. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

DAMO, Arlei S. *Do dom à profissão*: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Hucitec, 2007.

DESPLANQUES, Guy. La chance d'être aîné. *Économie et Statistique*, Paris, n. 137, p. 53-56, oct. 1981. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/estat_0336-1454_1981_num_137_1_4534.

ESTABLET, Roger. *L'école est-elle rentable ?* Paris: PUF, 1987.

HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson V. *Estrutura social, mobilidade e raça*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1999.

LAREAU, Annette. *Unequal childhoods: class, race, and family life*. Berkeley: University of California Press, 2003.

LAURENS, Jean. P. *1 sur 500: la réussite scolaire en milieu populaire*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 1992.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MARTELETO, Letícia. J.. O Papel do Tamanho da Família na Escolaridade dos Jovens. *Revista Brasileira de Estudos de População* (Impresso), Belo Horizonte, v. 19, n.2, p. 159-177, 2002. Disponível em: https://rebep.org.br/revista/article/view/317

PICCININI, Cesar Augusto; PEREIRA, Caroline R. R.; MARIN, Angela Helena; LOPES, Rita de C. S.; TUDGE, Jonathan. O nascimento do segundo filho e as relações familiares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 23, n. 3, p. 253-261, 2007. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000300003

PINTO, Erika A.; ROCHA, Hugo P.; CORREIA, Carlus Augustus J.; LEITÃO, Larissa M.; FERREIRA, Mariana C.; SOARES, Antonio J. G. Estudantes-atletas: questões e implicações acerca do direito à educação e à formação profissional no esporte. *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 37, p. 1-26, 2023. Disponível em: https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/55407

POWELL, Brian; STEELMAN, Lala C. The educational benefits of being spaced out: sibship density and educational progress. *American Sociological Review*, v. 58, n. 3, p. 367-381, 1993. DOI: https://psycnet.apa.org/doi/10.2307/2095906

RIAL, Carmen. *Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior*. Horizontes Antropológicos, v. 14, n. 30, p. 21-65, jul./dez. 2008. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200002

ROCHA, Hugo P. A.; COSTA, Felipe R. da; CASAS, Anna Jordana; TORREGROSSA, Miguel. Siblings in adolescents' sports careers: a systematic mapping review. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, v. 1, n. 32, p. 575-592, 2025. https://doi.org/10.1080/1612197X.2025.2461692

ROCHA, H. P. A. *Futebol como carreira, a escola como opção: o dilema do jovem atleta em formação*. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

BALARINI, Fernanda Belinassi; ROMANELLI, Geraldo. O processo de escolarização de irmãos de acordo com a posição na fratria. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 8, n. 12, p. 61–79, 2012. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/687.

SILVA, André L. C. *Esporte e escolarização*: projetos, biografias e programa governamental. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016. Disponível em: https://educacaofisica.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGEF/detalhes-da-tese?id=9747

SOARES, Antonio J. G.; MELO, Leonardo B. S.; COSTA, Felipe R. da; Bartholo, Tiago L.; BENTO, Jorge O. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Porto Alegre, v. 33, n. 4, p. 905-921, 2009. https://doi.org/10.1590/S0101-32892011000400008

SOUZA, Camilo A. M.; VAZ, Alexandre F.; BARTHOLO, Tiago L.; SOARES, Antonio J. G. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. *Horizontes Antropológicos*, v. 12, n. 30, p. 85-111, 2008. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200004

SPAGGIARI, Enrico. *Família joga bola*: constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose*: antropologia das sociedades complexas. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

Revista Novos Rumos Sociológicos | vol. 14 n. 25 | Jan/Jul/2026
Artigo recebido em 27-05-2026 | Aprovado em 13-07-2026
ISSN: 2318-1966

DOSSIÊ

PROJETO DE VIDA E FORMAÇÃO ESCOLAR DE ESTUDANTES: ATLETAS DO FUTEBOL, ESTUDANTES -TRABALHADORES E ESTUDANTES -TÍPICOS

Life plans and educational backgrounds of students: soccer athletes, working students, and typical students

Camilo Araújo Máximo de Souza[1]

Hugo P. A. da Rocha[2]

Antonio Jorge G. Soares[3]

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar e comparar a escolarização e os projetos de vida de jovens estudantes atletas do futebol com jovens estudantes trabalhadores, e jovens estudantes típicos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada através de entrevistas semiestruturadas com cinco estudantes típicos, seis estudantes trabalhadores e quatro estudantes atletas do futebol. As entrevistas foram transcritas e analisadas de forma criteriosa seguindo os fundamentos metodológicos da análise temática. Os resultados encontrados evidenciam que a trama central da pesquisa está apoiada em cinco eixos de sustentação que estão inter-relacionados: ambiente escolar, barreiras a escolarização, estratégias para o enfrentamento das demandas da dupla carreira, identidade profissional e projetos de vida, e envolvimento familiar. A escola revelou-se um espaço de enfrentamento de diferentes demandas: se, para os estudantes típicos, a realidade mostrou-se menos complexa devido à sua dedicação exclusiva à formação acadêmica, os estudantes atípicos em dupla carreira apresentaram conflitos de conciliação de agendas e demandas entre escola, trabalho e esporte. A criação de leis específicas para a organização das rotinas e demandas dos estudantes atletas e a exigência de contratos de trabalho para todos os estudantes trabalhadores, impactaria de forma positiva na qualidade de vida dos jovens em dupla carreira.

Palavras-chave: Projeto de vida; Estudantes típicos; Estudantes atletas; Estudantes trabalhadores; Futebol.

[1] Docente do Instituto de Educação Física e Desportos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-8607-4312. E-mail: camilomaximo@gmail.com.
[2] Docente do Colégio Pedro II. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2237-1155. E-mail: hrocha.ufrj@gmail.com.
[3] Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro Docente da Universidade Iguaçu. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7769-9268. E-mail: ajgsoares@gmail.com.

Abstract

The objective of this article is to analyze and compare the educational experiences and life plans of young student soccer players with those of young working students and typical young students. This is a qualitative study conducted through semi-structured interviews with five typical students, six working students, and four student soccer players. The interviews were transcribed and carefully analyzed following the methodological principles of thematic analysis. The findings reveal that the central focus of the research is supported by five interrelated pillars: school environment, barriers to schooling, strategies for coping with the demands of a dual career, professional identity and life plans, and family involvement. School proved to be a space for coping with different demands: while for typical students the reality was less complex due to their exclusive dedication to academic studies, atypical students pursuing dual careers faced conflicts in balancing schedules and demands between school, work, and sports. The creation of specific laws to organize the routines and demands of student-athletes, and the requirement of employment contracts for all working students, would positively impact the quality of life for young people pursuing dual careers.

Keywords: Life plan; Non-athletic students; Student-athletes; Working students; Soccer.

Introdução

A noção de projeto de vida busca a compreensão da maneira como os indivíduos constroem suas trajetórias profissionais e identitárias nas sociedades complexas. A viabilidade de um projeto de vida depende do campo de possibilidades que o indivíduo encontra à sua frente. Este campo se constitui a partir da percepção dos indivíduos sobre as oportunidades de desenvolvimento da carreira na sociedade (Velho, 2003). O projeto de vida é, também, em nossa sociedade, uma dimensão da relação com o saber e com o mundo, constituída por meio das experiências escolares e extraescolares (Charlot, 2000). Todavia, apesar da centralidade da escola na vida dos jovens, essa é uma instituição vista como descolada das realidades juvenis, e que, muitas vezes, não dialoga com os interesses, necessidades e tempos dos estudantes (Arroyo, 2013). Neste artigo, abordaremos os projetos de vida de três grupos de estudantes da educação básica: os estudantes-trabalhadores, os estudantes-atletas e os estudantes típicos.

A categoria de estudantes atípicos, tal como a utilizamos neste estudo, refere-se àqueles que combinam, simultaneamente, a formação escolar com outra atividade que exige dedicação e/ou processos de aprendizagem sistemática: seja no campo laboral, seja no campo esportivo. Trata-se de jovens que precisam conciliar dois projetos formativos – o escolar e o laboral

ordinário ou esportivo – e, por isso, enfrentam especificidades e desafios próprios que os distinguem do conjunto dos estudantes dedicados à escola.

Os estudantes-trabalhadores são aqueles que exercem atividades laborais remuneradas, seja no mercado formal (com algum tipo de contrato) ou no mercado informal, acumulando, portanto, as obrigações escolares e as do mundo do trabalho. Já os estudantes-atletas são jovens envolvidos em modalidades esportivas, que demandam alto investimento físico, técnico e emocional, incluindo participação em treinos, competições e deslocamentos. Os estudantes- atletas, mesmo que nem sempre formalizados como trabalhadores – dado que a prática esportiva se confunde com uma dimensão da educação juvenil – atuam sob lógica de desempenho, expectativa de rendimento e, em muitos casos, possuem vínculos remuneratórios ou contratos informais ou regulados após os 16 anos (Pinto et al., 2023).

Por contraste, designamos como estudantes típicos aqueles cuja única atividade a que se dedicam é a escola. Esses jovens não se encontram inseridos em duplas formações e, portanto, podem em tese ter dedicação exclusiva às exigências e oportunidades da escolarização, a depender do projeto de vida e do *background* familiar em relação ao projeto de vida (Senkevics; Carvalho, 2020; Meyer; Andrade, 2014). O grupo típico, em tese, serve como parâmetro de comparação para a análise dos efeitos da dupla jornada sobre os estudantes atípicos.

A educação formal pode representar, para todos esses jovens, uma oportunidade singular de mobilidade social e econômica ascendente (Ribeiro, 2011). Contudo, o acesso, a permanência e a qualidade da escolarização são profundamente atravessadas pelas condições sociais, culturais e econômicas de origem (Meyer; Andrade, 2014). As redes públicas e privadas de ensino, ainda que formalmente regidas por diretrizes comuns, oferecem padrões de atendimento heterogêneos, com escassa adaptação às demandas específicas de estudantes com inserção simultânea em outra atividade (esporte, trabalho, dedicação religiosa etc.). A padronização institucional a partir de um ideal de estudante típico acaba por limitar o direito à educação e contribui para a reprodução das desigualdades educacionais (Ernica *et al.*, 2025).

No caso dos estudantes-trabalhadores, diversos indicadores apontam os efeitos negativos da sobreposição entre trabalho e estudo: evasão escolar, reprovações, defasagem idade-série, abandono, migração para a escola noturna e o efeito *start-stop* – vários processos de abandono e reingresso intermitentemente (Carrano *et al.*, 2015). A conciliação entre trabalho e escola sem o devido planejamento institucional pode comprometer a trajetória escolar, afetando o tempo, o tipo e a qualidade da formação. Dependendo das condições e da carga horária do trabalho, o risco de abandono escolar aumenta (Ferreira *et al.*, 2024).

Os estudantes-atletas enfrentam desafios similares. A intensa rotina de treinos, competições e cobranças por desempenho pode entrar em conflito com o calendário escolar e com as exigências acadêmicas. Em muitos casos, ocorre o abandono parcial ou total da escolarização, ou a migração para instituições com menor exigência pedagógica, como o ensino noturno ou escolas privadas de baixo custo (Correia *et al.*, 2022; Rocha *et al.*, 2023).

Já os estudantes típicos, apesar de não enfrentarem a sobreposição de atividades formativas, não estão isentos de desafios que se associam às desigualdades escolares nos sistemas escolar, territoriais e de origem social (Meyer; Andrade, 2014; Senkevics; Carvalho, 2020). A precariedade das condições de ensino, a baixa infraestrutura escolar, a desvalorização docente, as incertezas quanto ao futuro e a pressão por resultados podem influenciar negativamente suas experiências no processo de escolarização (Schneider; Frantz; Alves, 2020). Nesse sentido, a análise das condições socioeconômicas e institucionais que conformam o cotidiano escolar de todos os grupos é essencial para compreender as barreiras à efetivação do direito à educação de qualidade (Schneider *et al.*, 2020).

Diante disso, o artigo apresenta duas questões centrais: (1) Como ocorre a conciliação das rotinas e quais os principais desafios enfrentados pelos estudantes-atletas, estudantes-trabalhadores e estudantes típicos na escolarização básica? (2) Como os jovens desses três grupos elaboram seus projetos de vida? Ainda que o esporte e o trabalho compartilhem certas características – como a busca por resultados, a necessidade de comprometimento, as interações sociais e o desenvolvimento pessoal (Aladim

et al., 2024) –, os contextos nos quais essas práticas se desenvolvem são distintos. Cada espaço social impõe aos jovens exigências, valores e oportunidades diferentes, o que se reflete na forma como os projetos de vida são idealizados, elaborados e reelaborados diante das possibilidades de continuidade das trajetórias escolares.

Dessa forma, o objetivo deste artigo é analisar e comparar a escolarização e os projetos de vida de jovens estudantes-atletas do futebol com os de jovens estudantes-trabalhadores e jovens estudantes típicos. Os objetivos específicos são: comparar as rotinas e identificar os principais desafios enfrentados por estudantes-trabalhadores, estudantes-atletas e estudantes típicos; observar os processos de conciliação e organização dos tempos destinados às atividades escolares, laborais, esportivas e de lazer; compreender como os diferentes contextos moldam os sentidos atribuídos à escola e aos projetos de vida, por esses jovens.

1. Metodologia

Este estudo de caráter exploratório está inserido em um projeto de pesquisa maior que contou com a participação de 176 jovens estudantes atípicos e típicos, que participaram da primeira fase da pesquisa respondendo a um questionário estruturado do tipo *survey*. O grupo era composto por 70 estudantes típicos, 42 estudantes trabalhadores e 64 estudantes atletas, todos homens. A Tabela 1 apresenta o perfil dos estudantes.

TABELA 1 – PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO POR GRUPOS DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Indicador	Estudante	Estudante / trabalhador	Estudante / atleta
Média de idade	17,6 anos	18,0 anos	16,7 anos
Cor da pele			
Branco	36,6%	35,8%	29,4%
Pardo	40,8%	38,5%	47,0%
Preto	19,7%	23,1%	22,1%
Não desejo declarar	1,4%	2,6%	0%
Amarelo	1,5%	0%	0%
Indígena	0%	0%	1,5%
Turno escolar			
Manhã	25,4%	20,5%	17,6%
Tarde	22,5%	12,8%	22,1%
Noite	52,1%	66,7%	60,3%
Tipo de escola			

Pública	100%	100%	100%
Privada	0%	0%	0 %
Série escolar			
1ª série do E.M	43,7%	33,3%	44,6%
2ª série do E.M	46,4%	35,9%	45,6%
3ª série do E.M	9,9%	30,8%	9,8%
Já repetiu de ano			
Sim	35,2%	46,2%	41,2%
Não	64,8%	53,8%	58,8%
Classe social			
A	1,4%	2,6%	8,8%
B1	2,8%	7,7%	7,4%
B2	35,2%	28,8%	39,7%
C1	26,7%	29,2%	17,6%
C2	25,4%	18,9%	14,7%
D/E	8,5%	12,8%	11,8%

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

A classificação socioeconômica dos participantes foi realizada com base nos critérios da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP), permitindo a categorização dos estudantes em classes sociais (A, B1, B2, C1, C2, D/E). Essa variável foi utilizada para compreender as desigualdades de origem e suas implicações na escolarização e nos projetos de vida dos jovens.

O resultado dos dados sociodemográficos – média da idade, cor da pele, turno escola, tipo de escola, série escolar, reprovação escolar e classe social – possibilitou a identificação do perfil dos estudantes típicos e atípicos e, posteriormente, a adaptação do roteiro de entrevistas realizadas na segunda fase da pesquisa. Os dados expostos na tabela apresentam indicadores comuns aos três grupos analisados.

Este artigo está diretamente relacionado à segunda fase da pesquisa, na qual selecionamos cinco estudantes típicos, seis estudantes-trabalhadores e quatro estudantes-atletas para serem entrevistados, com o objetivo de aprofundarmos algumas temáticas que julgamos de grande relevância. Os estudantes estavam matriculados em duas escolas de ensino médio da rede estadual de ensino (SEEDUC/RJ), em turmas da primeira, segunda e terceira séries do Ensino Médio Regular. O Quadro 1 apresenta os dados sociodemográficos dos estudantes que participaram da segunda fase da pesquisa.

QUADRO 1 – PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS 15 ESTUDANTES SELECIONADOS PARA A SEGUNDA FASE DA PESQUISA

Tipo de Estudante	Idade	Cor da pele	Turno escolar	Tipo de escola	Série escolar	Já repetiu de ano	Classe social
Típico 1	16	Pardo	Manhã	Pública	2ª série do E.M	Não	C1
Típico 2	17	Branco	Manhã	Pública	3ª série do E.M	Não	B2
Típico 3	16	Branco	Tarde	Pública	1ª série do E.M	Não	B2
Típico 4	16	Pardo	Noite	Pública	1ª série do E.M	Sim	C2
Típico 5	17	Preto	Tarde	Pública	2ª série do E.M	Não	B2
Trabalhador 1	17	Preto	Manhã	Pública	3ª série do E.M	Não	B2
Trabalhador 2	17	Pardo	Manhã	Pública	3ª série do E.M	Não	B2
Trabalhador 3	16	Pardo	Noite	Pública	1ª série do E.M	Sim	C2
Trabalhador 4	16	Branco	Tarde	Pública	2ª série do E.M	Sim	B2
Trabalhador 5	17	Preto	Tarde	Pública	2ª série do E.M	Sim	C1
Trabalhador 6	17	Preto	Noite	Pública	2ª série do E.M	Sim	C1
Atleta 1	17	Branco	Noite	Pública	2ª série do E.M	Sim	B2
Atleta 2	17	Pardo	Noite	Pública	3ª série do E.M	Não	B1
Atleta 3	16	Branco	Tarde	Pública	1ª série do E.M	Não	B1
Atleta 4	17	Preto	Noite	Pública	3ª série do E.M	Não	C1

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

A construção desta amostra contou com os seguintes critérios de inclusão: a) estudantes que assinalaram na primeira fase da pesquisa o desejo de continuar sua participação na pesquisa, caso fossem requisitados para as entrevistas; b) jovens estudantes típicos e estudantes trabalhadores entre 16 e 17 anos; c) estudantes trabalhadores envolvidos em trabalhos formal e informal; d) estudantes atletas de futebol vinculados à categoria sub 17 de clubes inscritos na Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro.

1.1. Análise dos dados

O processo de análise ocorreu da seguinte forma: as entrevistas foram transcritas e analisadas de forma criteriosa seguindo os fundamentos metodológicos da análise temática. A análise temática é um método para descrever, analisar e identificar padrões dentro de um conjunto de dados, elaborando códigos que possibilitem a interpretação desses dados (Braun; Clarke, 2006). Este método é composto por seis fases: 1) na primeira fase ocorreu a familiarização com os dados através de sua leitura detalhada e da realização de registros das ideias iniciais; 2) na etapa seguinte, ocorreu a identificação sistemática de características importantes nos dados, gerando

códigos – palavras ou pequenas frases – para trechos importantes das entrevistas; 3) o agrupamento de todos os códigos relacionados a potenciais temas foi realizado nesta fase; 4) neste estágio, o aprimoramento dos temas foi efetuado; todos os extratos foram lidos e agrupados para cada tema, buscando a coerência dos dados dentro dos temas; 5) neste momento, ocorreu a nomeação dos temas, através de uma análise clara do que cada tema significava e de que maneira contribuía para a compreensão dos dados; 6) a última fase apresentou a sistematização e a comunicação dos resultados através de uma narrativa analítica que articula os dados coletados, os temas identificados e a discussão teórica.

2. Resultados

Nesta análise temática, foram identificados cinco temas centrais e 10 subtemas que se repetiam com frequência nos discursos dos estudantes-atletas, estudantes-trabalhadores e estudantes típicos. Os temas e subtemas são apresentados no Quadro 2.

QUADRO 2 – SÍNTESE: TEMAS, SUBTEMAS E EXEMPLOS DE FALAS POR GRUPO DE ESTUDANTES

Tema Central	Subtema	Estudantes Típicos	Estudantes -Trabalhadores	Estudantes -Atletas
1. Identidade Profissional e Projetos de Vida	Planejamento da carreira	"Quero seguir a carreira militar. " (Típico 5)	"Pretendo seguir na área administrativa, onde já atuo como jovem aprendiz. " (Trab. 5)	"Quero ser jogador de futebol profissional; depois, cursar Educação Física. " (Atleta 2)
	Mudança de área de atuação	–	"Quero sair da marcenaria; pretendo fazer curso técnico em logística. " (Trab. 2)	–
2. Barreiras à Escolarização	Rotinas diárias complexas	"Ajudo nas tarefas de casa pela manhã, já que meus pais trabalham o dia todo. À tarde vou para a escola." (Típico 3)	"Escola de manhã; à tarde trabalho, e à noite faço curso para o ENEM. " (Trab. 3)	"Treino à tarde e estudo à noite até as 22 h." (Atleta 4)
	Cansaço físico e mental	–	"Às vezes falto à escola por cansaço do trabalho. " (Trab. 2)	"O cansaço é físico e mental; difícil focar nas aulas. " (Atleta 1)

Tema Central	Subtema	Estudantes Típicos	Estudantes -Trabalhadores	Estudantes -Atletas
3. Estratégias para o enfrentamento das demandas da dupla carreira	Separação das demandas escolares, de treino e trabalho	–	"No trabalho não consigo estudar; foco nas tarefas na escola. " (Trab. 2)	"Quando treino, foco só no treino; na escola, foco só nos estudos. " (Atleta 4)
	Priorização entre atividades	–	"O trabalho é prioridade, preciso ajudar em casa. " (Trab. 1)	"Evito faltar ao treino; a escola é mais flexível em relação às faltas. " (Atleta 4)
4. Ambiente Escolar	Relação com profissionais da escola	"Os professores são abertos e receptivos, me sinto à vontade para falar e tirar dúvidas. " (Típico 2)	"Saio do trabalho meio-dia, mas as vezes entro atrasado na escola, só que não recebo falta porque a professora sabe que venho do trabalho. " (Trab. 1)	"Quando preciso faltar por causa de jogos, a escola entende e não me dá falta. " (Atleta 3)
5. Envolvimento Familiar	Investimento financeiro em formação	"Faço curso preparatório para carreira militar. " (Típico 2)	"Minha mãe paga um curso de inglês e de administração. " (Trab. 5)	"Os meus pais compram chuteiras, bancam a passagem e o lanche. " (Atleta 4)
	Dedicação e apoio moral	"A minha família acompanha muito os meus estudos, principalmente a minha mãe. " (Típico 1)	"Consegui trabalho por indicação de um conhecido do meu pai. " (Trab. 2)	"Os meus avós mudaram para o Rio para acompanhar minha formação. " (Atleta 3)
	Evitar a dupla carreira	"Meus pais preferem que eu estude e não trabalhe agora. " (Típico 5)	–	–

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

A identidade profissional dos estudantes atípicos e típicos e a relação com os seus projetos de vida pode ser observada ao analisarmos o conteúdo das entrevistas. A maioria dos estudantes típicos desejava o ingresso na carreira militar ou em cursos técnicos profissionalizantes, após o término do ensino médio, apenas um estudante típico entrevistado pretendia ingressar no curso de engenharia elétrica em uma universidade.

> Estou focado nos concursos militares, eu faço um curso preparatório todos os dias depois da escola, para no final do ano fazer as provas. A carreira militar tem estabilidade, e oferece bons salários, pode ser uma boa escolha para o meu futuro (Estudante típico 2).

> Neste ano eu comecei a fazer um curso técnico de eletrônica, aos sábados, tem a duração de um ano, com este diploma eu já consigo buscar um trabalho. No final do ano vou fazer o ENEM, vou tentar para engenharia elétrica, mas, se eu não passar para uma faculdade, vou procurar trabalho como técnico em eletrônica (Estudante típico 1).

Os estudantes-atletas valorizavam fortemente a sua posição esportiva e almejavam alcançar o profissionalismo no futebol, se possível na própria equipe em que atuavam. No caso de a profissionalização no futebol não ocorrer, ou como uma opção para o reingresso no mercado de trabalho após o fim da carreira esportiva, desejavam ingressar no curso de Educação Física.

> O meu maior sonho é chegar ao profissional, se for possível aqui no clube em que estou hoje, se não der, pode ser em outro clube. Eu tenho noção de que ser um profissional do futebol de um clube grande é uma coisa muito difícil, mas eu acredito em mim, este é o meu sonho. Na escola o meu objetivo principal é terminar o ensino médio. Penso em fazer educação física mais tarde, só não sei quando, vai depender do futebol, se eu conseguir vencer no futebol, vou fazer educação física quando eu parar de jogar, se eu não der certo como jogador, vou fazer educação física para trabalhar em alguma coisa ligada ao futebol (Estudante-atleta 1).

Os estudantes-trabalhadores vinculados a empregos formais estavam contratados como jovens aprendizes e exerciam a função de auxiliar administrativo: numa metalúrgica, em um escritório de tecnologia da informação e numa empresa de engenharia. Esses três jovens estudantes-trabalhadores pretendiam continuar suas carreiras profissionais após o término do ensino médio, nas mesmas áreas em que estavam inseridos no mercado de trabalho. Os jovens, possuíam expectativas de ampliar suas

formações através de cursos técnicos profissionalizantes voltados para a área profissional em que atuavam.

> O meu trabalho é de jovem aprendiz, trabalho na parte administrativa de um escritório de informática e eu pretendo ser um técnico em informática no futuro. Esse curso que eu estou fazendo, no final do ano ele já me dá um certificado que você pode trabalhar em outra empresa ou pode ter o seu contrato renovado (Estudante-trabalhador 6).

Os estudantes-trabalhadores vinculados a ocupações informais atuavam no mercado de trabalho como: auxiliar de marcenaria, ajudante de pedreiro e auxiliar de transporte em uma lavanderia. Neste grupo, nenhum jovem pretendia continuar vinculado ao local em que estava trabalhando no momento da realização da pesquisa; desejavam alcançar um novo posto no mercado de trabalho, que oferecesse melhores condições de trabalho e melhor remuneração.

> Eu trabalho com transporte de roupas de hospital, trabalho numa lavanderia, o meu trabalho é coletar a roupa limpa lá na lavanderia e depois levar para os hospitais e pegar a roupa suja dos hospitais e levar para a lavanderia. O trabalho é pesado e cansativo porque eu começo a trabalhar na parte da noite, às sete horas, e normalmente eu volto para casa as cinco horas da manhã do outro dia (Estudante-trabalhador 4).

A gestão do tempo foi um desafio encontrado pelos jovens estudantes em suas rotinas diárias. Os jovens estudantes típicos e atípicos enfrentavam em média uma jornada escolar de cinco horas diárias para os turnos matutino e vespertino; no turno noturno essa média foi reduzida para quatro horas.

> A escola aqui começa as sete horas da manhã e termina meio-dia (Estudante típico 4).

> A carga horária de aula é menor à noite. São, na verdade, quatro horas de aula por dia no máximo, muita gente deste horário estuda e trabalha, às vezes, chega aqui mais cansado (Estudante-atleta 1).

A situação dos estudantes atípicos envolvia também o tempo gasto diariamente em suas outras formações. No caso dos estudantes atletas, a carga horária média de treinamento diária era de tres horas por dia.

> Eu chego no clube umas oito horas, faço a primeira parte do treinamento na academia de musculação. Às nove ou 10 horas, tem o treino de campo que dura até umas 11 horas. Depois do treino, eu vou

> para casa almoço e vou para a escola, que começa uma da tarde e termina às seis (Estudante-atleta 3).

Na realidade dos estudantes-trabalhadores, ocorria uma variação de acordo com o tipo de vínculo trabalhista. Os estudantes-trabalhadores inseridos no mercado de trabalho formal, regulamentado por contrato de trabalho, tinham a sua carga horária limitada a quatro horas diárias; já os vinculados a trabalhos informais não possuíam um padrão de horas trabalhadas por dia, em alguns casos, ultrapassavam oito horas de trabalho.

> Eu sou Jovem Aprendiz em uma firma de engenharia civil. Tenho contrato de trabalho de quatro horas por dia. Eu entro no trabalho as oito horas da manhã e saio meio-dia. Saio direto do trabalho para a escola, chego mais cedo para almoçar e, depois do almoço, eu espero até uma hora para a aula começar. Normalmente, eu saio da escola por volta das seis da tarde (Estudante- trabalhador 5).

> Eu estudo na parte da manhã, de sete até meio dia, almoço aqui na escola e vou direto para o meu trabalho. O meu horário de trabalho é de uma hora às cinco horas da tarde, isso é o combinado, mais sempre que tem trabalho para entregar, a gente precisa ficar até mais tarde, depois de cinco horas (Estudante- trabalhador 4).

Os estudantes atípicos e típicos, relataram dificuldades para estudar fora do ambiente escolar; a maioria dos jovens estudava apenas nas semanas de provas, ou quando recebiam alguma tarefa para ser feita em casa. A justificativa para a falta de tempo para os estudos mostrou semelhanças e diferenças entre os grupos de estudantes. No caso específico dos estudantes típicos, o compromisso com as tarefas domésticas e o auxílio aos irmãos menores são fatores relevantes que consomem o tempo livre fora da escola.

> Os meus pais trabalham o dia todo, por isso, quando eu saia da escola eu voltava para casa para ver o almoço dos meus irmãos, botar eles para a escola e depois arrumar a casa, tudo fica comigo, cuidar dos meus irmãos e da casa (Estudante típico 2).

No caso específico dos estudantes atípicos, a dupla jornada de formação, escola-trabalho ou escola-treino, acabava por sobrecarregar os jovens, que eram obrigados diariamente a enfrentar demandas vindas de duas instituições de formação diferentes. Com isso, o desgaste acabava gerando cansaço físico e mental impactando negativamente no desempenho desses jovens.

> Conciliar trabalho e escola é bem complicado, muito cansativo. No começo fiquei meio perdido para organizar as duas coisas, mas, com o tempo eu fui me adaptando (Estudante-trabalhador 4).
>
> Me sinto muito cansado, às vezes eu estou em casa à noite e vou me sentar para estudar, o meu olho fecha sozinho, não consigo ficar acordado para estudar porque estou cansado demais (Estudante-atleta 3)

As estratégias elaboradas pelos estudantes atípicos para amenizar as barreiras impostas pela conciliação estavam estruturadas a partir da separação das demandas exigidas pela escola, pelo treino e pelo trabalho. As tarefas da escola eram realizadas apenas no horário escolar, na maioria das vezes, para estudantes atípicos, limitando o tempo de estudos diários ao tempo da jornada escolar.

> Procuro aproveitar o máximo de tempo em que eu estou na escola para fazer tudo o que eu preciso. Por isso, eu presto bastante atenção na aula. No trabalho eu não consigo estudar (Estudante-trabalhador 2).
>
> Eu costumo resolver tudo da escola aqui na escola. Não gosto de levar tarefa para fazer lá no alojamento, porque eu posso esquecer de fazer, ou pode não dar tempo, eu só estudo lá no centro de treinamento quando tem algum teste, prova ou apresentação de seminário (Estudante-atleta 2).

O grau de exigência, o nível de controle impostos pelas diferentes agências formadoras e as demandas de caráter financeiro influenciavam nas tomadas de decisões dos jovens atípicos em suas atividades do cotidiano.

> Eu não gosto de faltar na escola, só falto se eu estiver doente ou muito cansado. No trabalho eu não falto, por dois motivos: primeiro que se eu faltar eu sou descontado, segundo é que eu posso ser dispensado da empresa se eu ficar faltando muito, e eu preciso desse dinheiro para ajudar em casa (Estudante- trabalhador 1).
>
> Não falto ao treino, porque eu moro dentro do clube, está todo mundo me vendo aqui o tempo todo. Se eu faltar ao treino, o clube desconta do meu salário o dia que eu faltei e a cada dia que eu não treino o meu desempenho cai; e nós estamos sempre precisando mostrar um bom desempenho para poder jogar e continuar no clube, a disputa por uma vaga aqui é muito grande. Em relação à escola, eu evito faltar para não perder matéria ou ficar reprovado por falta, mas, se eu tiver que faltar, é um problema menor, porque eu posso pegar a matéria com outro colega, e também ninguém da escola vai me procurar para saber por que eu faltei (Estudante-atleta 4).

Os jovens típicos relataram sentir-se bem no ambiente escolar, recebiam da maior parte dos profissionais da escola apoio para a resolução de impasses provenientes de questões do cotidiano escolar. Os jovens atípicos,

por dividirem suas rotinas entre duas formações, acabavam necessitando de apoio com maior frequência para resolver questões específicas de suas realidades como: ampliação de prazo para entrega de trabalhos, remarcação de provas, justificativa de faltas e atrasos, possibilidade de alteração na jornada escolar. Os jovens estudantes atípicos contavam, na maioria das vezes, com a colaboração dos coordenadores e diretores das escolas, porém, muitas questões acabavam, no dia a dia, sendo resolvidas pelos estudantes de forma direta com os docentes. O apoio dos colegas de turma também foi outro elemento marcante como estrutura de apoio aos jovens estudantes de uma maneira geral, mas principalmente para os jovens atípicos, que eram obrigados a faltar a escola em alguns momentos devido a compromissos com outras formações. Nestas situações, os jovens recorriam aos seus colegas de classe para recuperar o conteúdo das disciplinas relativo aos dias em que faltaram.

> Porque eu preciso sair um pouco mais cedo da escola, vinte minutos mais cedo todos os dias, para não me atrasar no trabalho. Eu tenho esse direito, a escola cedeu esse tempo para mim (Estudante-trabalhador 1).
>
> O pessoal aqui da escola demonstra um carinho muito grande com a gente que é jogador, porque eles têm a compreensão que a nossa vida não é fácil e que para levar a escola e o treino durante um ano todo é muito difícil. Eu posso falar que, no meu caso, os professores são muito disponíveis para resolver alguma questão que eu leve para eles, eu procuro recorrer aos professores só em último caso, primeiro eu tento resolver perguntando para algum colega da turma (Estudante-atleta 3).
>
> Eu sempre que preciso de alguma coisa, de alguma ajuda dos professores, eu tenho apoio, essa semana mesmo eu procurei o professor de geografia para resolver uma questão e ele me explicou tudo com maior calma (Estudante típico 2),

Esta realidade de compreensão e acolhimento não englobava todos os docentes da escola, obrigando os estudantes, quando preciso, a criar estratégias de negociação diferentes, de acordo com as condições impostas por cada um dos docentes, principalmente os estudantes atípicos que necessitavam resolver demandas de duas agencias formadoras.

> Depende, alguns professores entendem, outros não, a minha situação, não tem uma regra. Porque tem professores que você consegue conversar, tem outros professores que são muito regrados, entendeu,

> é mais difícil de conversar, eles não têm muita abertura e não permitem mudança nos planos (Estudante-atleta 2).

> Quando eu preciso resolver alguma coisa da escola, um trabalho que eu não consegui entregar ou um teste que eu faltei, eu procuro falar direto com o professor. Às vezes eu consigo resolver, não é sempre, vai depender do professor, se ele for muito rigoroso, com certeza não vai deixar entregar um trabalho fora do prazo, por exemplo (Estudante trabalhador 4).

As famílias dos jovens estudantes atletas apoiavam suas formações acadêmica e esportiva, promovendo meios que garantissem a permanência de seus filhos na dupla carreira. O apoio familiar ocorria de várias formas, desde o apoio material e financeiro para a manutenção de seus filhos na atividade esportiva ou, em casos mais impactantes, como a mudança de estado de todo o núcleo familiar para acompanhar de perto o desenvolvimento esportivo do jovem atleta, em outro estado do país.

> Os meus pais me apoiam muito, sai de Porto Seguro na Bahia, com nove anos, os meus pais deixaram tudo que tinham lá, trabalho, família, amigos, para acompanhar a minha carreira, vieram morar no Rio de Janeiro (Estudante-atleta 2).

No caso dos familiares dos estudantes trabalhadores, o apoio ao trabalho ocorreu na maior parte das famílias, inclusive algumas dessas famílias participaram ativamente da busca por postos de trabalho para os seus filhos, através de suas redes de contato. Essas famílias também investiam recursos financeiros em suas formações, financiando cursos de informática e língua estrangeira para ampliar as possiblidades da conquista do primeiro emprego.

> A minha mãe tem um amigo que trabalha numa empresa de construção civil, ela perguntou para ele se não tinha uma vaga de jovem aprendiz para mim, ele mandou eu passar lá, fui à entrevista e eles me contrataram (Estudante-trabalhador 5).

O apoio familiar aos jovens típicos permitia que estes se dedicassem apenas à formação acadêmica, sem precisar dividir o seu tempo com outra formação. As famílias compreendiam que a inserção numa dupla jornada poderia impactar de forma negativa na formação acadêmica de seus filhos. Além disso, a remuneração oferecida aos jovens inseridos no mercado de trabalho não é atrativa para que seus filhos arriscassem comprometer sua

qualificação acadêmica. Nesse grupo de famílias, também encontramos casos de investimento financeiro na formação de jovens, em cursos preparatórios para concursos direcionados para a carreira militar, curso de línguas estrangeira, e de informática.

> Não, atualmente não penso em trabalhar. Eu pretendo só estudar, para que quando eu comece a trabalhar eu consiga trabalhar em algo que eu realmente goste muito e algo que me dê uma boa renda financeira. Se eu for trabalhar agora, vai atrapalhar os meus planos para o futuro. A minha família me ajuda muito; para eles, o mais importante é que eu tenha uma boa base na escola, isso vai me facilitar entrar no mercado de trabalho (Estudante Típico 3).

Os estudantes-trabalhadores e estudantes-atletas enfatizam em suas falas questões relacionadas aos temas das barreiras e estratégias, mostrando as dificuldades da conciliação entre as formações acadêmica, laboral e esportiva. Esses dados apontam para uma rotina de maior complexidade e exigência, caracterizada pelo cansaço, gestão do tempo e necessidade de estabelecer prioridades entre as formações. Por outro lado, os estudantes típicos, ao abordarem os temas de ambiente escolar e apoio familiar, indicaram uma vivência escolar mais estável e com suporte familiar favorecendo a dedicação exclusiva aos estudos. O tema identidade profissional é fundamental para todos os grupos, refletindo que, independentemente da rotina, os jovens estão preocupados com o futuro e elaboram projetos de vida com base nas oportunidades percebidas.

3. Discussão

Os estudantes típicos e atípicos encontram situações diferenciadas para elaborar seus projetos de vida e seus caminhos no ambiente escolar. A formação acadêmica ainda é apresentada como uma possibilidade real de ascensão social, porém, a realidade apresenta algumas barreiras para que isso ocorra. Os jovens estudantes buscam, através dos recursos próprios, construir estratégias para enfrentar essas dificuldades e as diferentes demandas exigidas em suas vidas.

As aspirações profissionais de jovens estudantes típicos e atípicos possuem divergências e convergências e parecem estruturadas a partir da relação construída entre os seus projetos de vida e as possibilidades reais que

surgem em suas trajetórias de vida. A necessidade de inserção rápida no mercado de trabalho estimula jovens de baixa renda a buscarem caminhos que tornem mais rápida esta inserção (Abramo *et al.*, 2020).

A carreira militar e os cursos profissionalizantes de nível médio são possibilidades reais para jovens típicos e atípicos oriundos de escolas públicas brasileiras. Os motivos que levam os jovens a escolher a carreira militar como sua primeira opção não são poucos e têm suas origens em diferentes fatores: a estabilidade da carreira, a possibilidade de crescimento profissional, remuneração atrativa e imediata, segurança e *status* social. A formação técnica profissionalizante surge como outra opção factível, devido à disponibilidade de cursos técnicos ofertados por iniciativas públicas ou privadas, que podem apresentar um caminho mais rápido e possível de ser trilhado em direção ao seu primeiro emprego. Estas escolhas mostram um pensamento racional a respeito das possibilidades reais na vida dos jovens das camadas populares no Brasil (Marcassa; Conde, 2017).

Os estudantes típicos e os estudantes-trabalhadores avaliam o ingresso em uma universidade pública como algo difícil. Além disso, alguns afirmam não possuírem condições econômicas para arcar com os custos de estudar em uma universidade privada. A inserção no ensino superior também pode representar um adiamento da possibilidade imediata de conseguir algum recurso financeiro de forma regular. As barreiras enfrentadas pelos jovens pobres, oriundos de escolas públicas, para ingressar na universidade são conhecidas e se constituem como um dos principais problemas do sistema educacional brasileiro, demonstrando que as opções de escolha, para essa parte da população brasileira, são limitadas pelas dificuldades estruturais precocemente impostas a esses jovens (Senkevics; Carvalho, 2020).

A realidade dos estudantes-trabalhadores mostra que o tipo de vínculo empregatício impacta nas aspirações ao futuro profissional desses jovens e, consequentemente, nos seus projetos de vida. A conquista do primeiro emprego através do programa Jovem Aprendiz (Lei 10.097) mostrou ser um aspecto positivo na vida dos jovens trabalhadores – estar respaldado por contrato de trabalho e pelas leis trabalhistas eleva as expectativas dos jovens em relação às suas possibilidades de ascensão profissional nas áreas onde

estão inseridos como jovens aprendizes. Por isso, pretendem seguir a carreira profissional nas áreas em que estão atuando. O estudo de Barbosa e Paiva (2022) apresenta dados que corroboram nossa pesquisa – os jovens envolvidos no mercado de trabalho formal através do Programa Jovem Aprendiz apresentam menor rotatividade de emprego, melhores oportunidades laborais e a possibilidade de contratação pelas empresas ao final do período de vigência de seus contratos.

Por outro lado, a situação dos jovens trabalhadores inseridos no mercado de trabalho informal revela uma realidade de precariedade e desvalorização profissional, estimulando os jovens deste grupo a buscar por mudança de área profissional, vislumbrando melhores condições de trabalho e remuneração. Os estudos de Ferreira, Prata e Souza (2024) e de Peregrino, Pinheiro e Souza (2018) demonstram a difícil realidade enfrentada por grande parte dos jovens trabalhadores brasileiros vinculados a trabalhos informais e que esta condição pode impactar negativamente o processo de formação acadêmica. Os dois grupos de estudantes-trabalhadores, formais e informais, vislumbram prosseguir em suas formações basicamente através de cursos de formação técnica após o fim do ensino médio.

Os estudantes-atletas demonstram maior valorização da formação esportiva em detrimento da acadêmica. Esta condição já havia sido detectada em outros estudos da área (Correia *et al.*, 2022; Melo *et al.*, 2016). A carreira esportiva mescla alguns fatores relevantes que podem auxiliar na compreensão da escolha dos estudantes atletas por este caminho: a extrema competitividade e seletividade do ambiente esportivo; a possibilidade de enriquecimento e ascensão social rápida para aqueles que obtiverem sucesso em suas carreiras; e uma grande visibilidade midiática, que pode transformá-los em celebridades. Os estudantes atletas reconhecem as dificuldades enfrentadas em busca da profissionalização no meio esportivo, sabem que poucos jovens conseguem acessar a categoria profissional nos clubes, mas optam por enfrentar estes desafios em busca de um futuro improvável.

A valorização do ambiente esportivo ocorre também para a segunda opção de inserção no mercado de trabalho de jovens estudantes-atletas, a formação em Educação Física surge como uma outra opção, caso o

profissionalismo no futebol não aconteça. Os anos de treinamento nas categorias de base faz com que ocorra o aprendizado de conhecimentos específicos, que podem ser valorizados caso o jovem permaneça no meio esportivo. Além disso, os anos de prática permitem a criação de redes de contatos, com ex-companheiros de time, profissionais da área, diretores e empresários que facilitam a entrada no ambiente profissional (Conceição; Vaz, 2020). Os estudantes atletas demonstram resistência em priorizar a formação acadêmica e expõem o desejo de permanecerem no campo esportivo, seja através da profissionalização como atleta ou, caso não obtenham sucesso, da formação em Educação Física.

O controle do tempo diário da jornada escolar, esportiva e laboral é de fundamental importância para evitar uma sobrecarga excessiva nas vidas dos jovens estudantes envolvidos em duas formações concomitantes. No ambiente esportivo, a Lei Pelé (Brasil, 1998) determina um tempo máximo de quatro horas de jornada de treinamento diário para os jovens atletas. No caso dos clubes que cederam estudantes atletas para esta pesquisa, este tempo de dedicação era respeitado nas sessões diárias de treinamento. Porém, se considerarmos o tempo de envolvimento dos jovens com o clube nos períodos de competições e de viagens, esta jornada extrapolava consideravelmente o tempo previsto em lei. Essa falta de comunicação efetiva entre escola e clube aumenta a sobrecarga dos jovens envolvidos em dupla carreira (Melo *et al.*, 2016; Rocha *et al.*, 2021).

Os estudantes-trabalhadores são submetidos a uma sobrecarga de atividades diárias, ocasionando desgaste físico e emocional. Entretanto, apresentam condições diferentes para enfrentar a dupla carreira. Os jovens trabalhadores protegidos por contratos de trabalho tinham maior facilidade em gerir o seu tempo, devido à jornada de trabalho limitada ao período estipulado por contrato (Brasil, 2000). A falta de vínculo profissional estabelecido por contrato de trabalho submetia os jovens trabalhadores na informalidade a jornadas de trabalho mais extensas e mais desgastantes, comprometendo a organização de suas atividades diárias, como tempo para estudar e um período adequado de descanso.

Os estudantes típicos, teoricamente, estão mais protegidos. Contudo, também enfrentam sobrecargas de menor visibilidade, como os afazeres domésticos e os cuidados com familiares idosos ou menores de idade. Estas tarefas estão inseridas nas rotinas de atividades diárias e se constituem com um grande desafio a ser enfrentado geralmente por jovens membros de famílias das camadas sociais desfavorecidas (Abramo *et al.*, 2020). A realidade vivenciada por estes jovens deve ser compreendida como uma dupla jornada não oficializada que impõe aos jovens: estresse físico e emocional, redução do tempo de estudo, limitação de participação em atividades extraclasse e isolamento social, comprometendo a gestão do tempo e criando dificuldades para a formação acadêmica (Meyer; Andrade, 2014).

A organização do tempo é um elemento crucial para a compreensão das diferenças entre as realidades enfrentadas por estudantes típicos e atípicos. O tempo aparece como um fator que permeia a formação acadêmica desses jovens. As múltiplas jornadas submetem os jovens a uma condição desgastante e estressante que interfere negativamente no desempenho acadêmico e em outras esferas da vida.

As questões relacionadas à dupla carreira ainda necessitam de amplo debate na sociedade com o intuito de criar políticas públicas eficazes para atendimento de jovens nessa situação. Na realidade brasileira, as questões operacionais relacionadas à conciliação da dupla carreira, como faltas à escola devido a compromissos com o clube ou trabalho, impossibilidade de cumprir toda a jornada escolar diária, perda de prazo para entrega de trabalhos, por exemplo, são solucionadas principalmente pelos estudantes, familiares e profissionais da escola mediante acordos informais. Isso ocorre devido à falta de políticas públicas que auxiliem na organização das rotinas dos jovens estudantes atletas, demonstrando que a escola direciona o seu foco apenas para os alunos típicos, desconsiderando outras realidades vividas por estudantes atípicos dentro do sistema de educação básica (Melo *et al.*, 2016; Rocha *et al.*, 2023).

Por outro lado, a construção de um ambiente favorável, que atenda as demandas específicas deste grupo de jovens estudantes atípicos, ajuda a minimizar barreiras recorrentes, como a evasão escolar, a defasagem idade-

série e o abandono da formação esportiva (Rocha *et al.*, 2021). Em países como Alemanha, Dinamarca, e Inglaterra, existem escolas criadas especificamente para atender as necessidades dos jovens estudantes-atletas. Estas instituições apresentam resultados positivos no desempenho acadêmico, esportivo e no bem-estar dos estudantes atletas, mostrando ser possível atenuar as barreiras impostas pela dupla carreira (Sallen *et al.*, 2023).

Os jovens estudantes-trabalhadores teoricamente estão protegidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Brasil, 1996), pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), e pela Lei do Jovem Aprendiz (Brasil, 2000), que oferecem respaldo legal para as questões que envolvem os estudantes, a escola e o trabalho – o que garantiria, em tese, um processo de dupla carreira menos desgastante. Porém, na prática, estas leis parecem pouco eficazes, devido a mecanismos falhos na relação entre as empresas e as escolas (Marcassa; Conde, 2017). A situação dos estudantes-trabalhadores na informalidade possui maior complexidade, todas as questões são de sua responsabilidade, precisam resolver por conta própria as demandas criadas pela dupla jornada (Abramo *et al.*, 2020). A falta de escolas vocacionais destinadas aos estudantes trabalhadores é mais um fator agravante. Para este grupo, o ensino noturno acaba sendo o destino mais procurado para conciliarem a dupla carreira (Senkevics; Carvalho, 2020).

As duas escolas investigadas neste estudo tinham um histórico de trabalho com jovens estudantes-atletas e estudantes-trabalhadores de mais de duas décadas, o que permitiu, com o passar dos anos, a construção de uma abordagem acolhedora e proativa por parte dos profissionais das escolas, que buscavam identificar e compreender as demandas impostas nas vidas desses jovens e elaborar mecanismos de apoio para impactar de forma positiva a vida desses estudantes em dupla carreira.

Os jovens estudantes típicos e atípicos têm os seus projetos de vida apoiados por suas famílias. Os pais dos estudantes típicos e atípicos compreendem que a conclusão do ensino médio é uma condição básica para que os jovens possam buscar inserções no mercado de trabalhos em postos de trabalho minimamente valorizados. Por isso, essas famílias buscam meios

para acompanhar o desempenho de seus filhos e proveem recursos, dentro de suas possibilidades, para que esta etapa de formação seja vencida.

A condição socioeconômica das famílias influencia as trajetórias percorridas pelos jovens estudantes. No caso dos estudantes típicos, estes podem ter o seu período de moratória social alargado, com adiamento da entrada no mercado de trabalho, permitindo a dedicação exclusiva à formação acadêmica. Este investimento familiar é acompanhado pela expectativa futura de um melhor posicionamento no mercado de trabalho devido a uma formação escolar mais sólida.

As famílias de jovens estudantes-atletas sabem que conseguir prosperar na carreira futebolística é algo difícil de acontecer, mas pode oferecer possibilidades de ascensão social rápida e a níveis dificilmente alcançados no mercado de trabalho formal. Esta possibilidade estimula algumas famílias a realizarem um esforço maior para que seus filhos continuem sua formação esportiva. As apostas feitas na carreira dos jovens estudantes atletas, por vezes, podem mobilizar o núcleo familiar inteiro, transformando o sonho da profissionalização no futebol em um sonho coletivo (Correia *et al.*, 2022).

Os jovens inseridos no mercado de trabalho formal ou informal recebem suporte de seus familiares para a conquista do primeiro emprego, através de redes de contato, de investimento em cursos de formação que podem complementar o conhecimento adquirido na escola e capacitar os jovens para demandas específicas do mercado de trabalho. Por fim, valorizam o trabalho como um importante elemento para o amadurecimento de seus filhos.

As diversas formas de apoio familiar apresentam pontos importantes para o debate. Os projetos de vida dos jovens estudantes típicos e atípicos são elaborados de forma coletiva, em que os jovens, suas famílias e suas redes de apoio promovem mediações com intuito de facilitar as trajetórias idealizadas.

Conclusão

A contribuição desse texto se direciona à compreensão das múltiplas trajetórias juvenis e dos efeitos concretos da articulação (ou conflito) entre os diferentes campos formativos que incidem sobre o jovem homem no Brasil contemporâneo diante do processo de escolarização.

Os resultados encontrados a partir da análise temática evidenciam que a trama central da pesquisa está apoiada em cinco eixos de sustentação, que estão inter-relacionados: identidade profissional e projetos de vida, barreiras à escolarização, estratégias para o enfrentamento das demandas da dupla carreira, ambiente escolar, e envolvimento familiar. As realidades diferentes de estudantes típicos, estudantes-trabalhadores e estudantes-atletas são determinantes para a interação com cada um desses eixos.

A escola revelou-se um espaço de enfrentamento de diferentes demandas. Se, para os estudantes típicos, a realidade mostrou-se menos complexas devido à sua dedicação exclusiva à formação acadêmica, os estudantes atípicos, em dupla carreira, apresentaram conflitos de conciliação de agendas e demandas entre escola, trabalho e esporte, mostrando que a escola ainda concentra suas atenções sobre os estudantes típicos e está despreparada para atender os estudantes em dupla carreira, do ponto de vista institucional. A capacidade de negociação dos estudantes típicos e atípicos e de seus familiares, juntamente com atuações pontuais de professores e coordenadores das escolas, mostrou-se como um fator importante para resolução de problemas relativos às diferentes instituições de formação.

As aspirações profissionais impactaram de forma relevante na dedicação às atividades educacionais no presente. De acordo com as expectativas profissionais, as prioridades eram deslocadas e uma maior tolerância à perda de foco na formação acadêmica foi percebida. O apoio familiar para todos os estudantes, típicos e atípicos, potencializou as possibilidades de realização dos seus projetos de vida, mostrando-se um elemento fundamental na vida dos jovens.

A estrutura social, política e econômica, na qual os jovens estudantes típicos e atípicos estão inseridos, impacta diretamente a construção dos seus projetos de vida. Algumas barreiras identificadas são escolhas institucionais

e, para modificá-las, será necessário promover mudanças nas políticas vigentes e apresentar novos paradigmas que possam tornar o processo mais humano e efetivo.

Dessa forma, é necessário que o poder público, em conjunto com as instituições formadoras, elabore mudanças. A criação de leis específicas para a organização das rotinas e demandas dos estudantes-atletas, assim como a exigência de contratos de trabalho para todos os estudantes-trabalhadores possibilitariam uma melhor condução de todo o processo, impactando de forma positiva a qualidade de vida dos jovens em dupla carreira. As instituições de ensino poderiam flexibilizar os seus horários, estabelecer tutorias, criar possibilidades de aulas *online* para que os estudantes não percam conteúdo quando estiverem impossibilitados de frequentar a escola, estruturar parcerias com maior nível de profundidade com clubes e empresas visando o alinhamento das condutas. Os clubes e empresas deveriam criar espaços específicos onde os jovens pudessem estudar sempre que for necessário, estruturar um calendário em comum com o calendário escolar, reduzir o horário de treinamento e trabalho nas semanas de avaliação na escola.

Este estudo desvendou padrões importantes para a compreensão dos desafios escolares, gestão do tempo, aspirações profissionais e apoio familiar de estudantes típicos e atípicos. Porém, o pequeno quantitativo de jovens entrevistados limita generalizações sobre a realidade dos jovens nessas condições de forma geral. Futuras pesquisas podem ampliar o número de participantes, desenvolver um acompanhamento longitudinal, ampliar o enfoque para questões de gênero, raça e classe social.

Referências

ABRAMO, Helena W.; VENTURI, Gustavo; CORROCHANO, Maria Carla. Estudar e trabalhar: Um olhar qualitativo sobre uma complexa combinação nas trajetórias juvenis. *Novos estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 523-542, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.25091/s01013300202000030004 Acesso em: 2 maio 2025.

ALADIM, Carolina T.; PAIVA, Kely C. M. de; BARBOSA, Milka A. C. Competências profissionais e sua gestão na percepção de jovens atletas. *In*: PAIVA, K. C. M. de (org.). *Jovens trabalhadores*: teorias, pesquisas e reflexões no contexto brasileiro. Bauru: Gradus Editora, 2024. p. 143-165.

ARROYO, Miguel. Juventudes e escolarização: do direito à educação ao direito à vida. *In*: DAYRELL, J. (org.). *As juventudes e a escola*: perspectivas teóricas e práticas. Belo Horizonte: UFMG, 2013. p. 17-39.

BARBOSA, Jane Kelly D.; PAIVA, Kely C. Martins de. Trajetória profissional e marcadores interseccionais: um estudo com jovens trabalhadores. *In*: ENCONTRO DA ANPAD, 46, 2022, online. *Anais* [...]. Maringá: ANPAD. p. 1-20. Disponível em: https://anpad.com.br/uploads/articles/120/approved/5c971edc0c2cc92fc99b5a3609450cb7.pdf Acesso em: 21 jul. 2025.

BRASIL. *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 15 abr. 2025.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 15 abr. 2025.

BRASIL. *Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998*. Institui normas gerais sobre o desporto e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1998. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9615consol.htm. Acesso em: 10 mar. 2025.

BRASIL. *Lei nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000*. Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943. Brasília, DF: Presidência da República, 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10097.htm. Acesso em: 10 mar. 2025.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa. Acesso em: 14 maio 2025.

CARRANO, Paulo Cesar R.; MARINHO, Andreia C.; OLIVEIRA, Viviane N. M. Trajetórias truncadas, trabalho e futuro: jovens fora de série na escola pública de ensino médio. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. esp., p. 1439-1454, dez. 2015. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201508143413. Acesso em: 2 jun. 2025.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber*: elementos para uma teoria. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CONCEIÇÃO, Daniel M. da; VAZ, Alexandre F. A concomitância entre estudar e jogar: observações sobre o processo de descontinuidade na escolarização de jogadores de futebol em formação. *CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, Juiz de Fora, n. 31, p. 91-108, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.34019/1981-2140.2020.30510. Acesso em: 19 abr. 2025.

CORREIA, Carlus Augustus Jourand; SOARES, David Gonçalves; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Estratégias e visões familiares na escolarização de jovens atletas. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 47, e108135, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2175-6236108135 Acesso em: 13 dez. 2024.

ERNICA, Mauricio; RODRIGUES, Erica C.; SOARES, José Francisco. Desigualdades educacionais no Brasil contemporâneo: definição, medida e resultados. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 68, n. 1, p. 1-44, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.1590/dados.2025.68.1.345. Acesso em: 10 maio 2025.

FERREIRA, Mônica D. P.; PRATA, Juliana de M.; SOUZA, Marcelo André. Tendencias en la transición escuela-trabajo: el caso de la Investigación sobre Juventudes en Brasil. *Revista de Ciencias Sociales*, DS-FCS, v. 37, n. 54, e202, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.26489/rvs.v37i54.2. Acesso em: 20 fev. 2025.

MARCASSA, Luciana P.; CONDE, Soraya F.. Juventude, trabalho e escola em territórios de precariedade social. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 35, n. 4, p. 1296-1313, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.5007/2175-795X.2017v35n4p1296. Acesso em: 22 mar. 2025.

MELO, Leonardo Bernardes Silva de; ROCHA, Hugo Paula Almeida da; SILVA, André Luiz da Costa; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Jornada escolar versus tempo de treinamento: a profissionalização no futebol e a formação na escola básica. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Goiânia, v. 38, n. 4, p. 400–406, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.rbce.2015.11.003. Acesso em: 28 jul. 2025.

MEYER, Dagmar E.; ANDRADE, Sandra dos S. Juventudes, moratória social e gênero: flutuações identitárias e(m) histórias narradas. *Educar em Revista*, Curitiba, ed. esp., n. 1, p. 85-99, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0104-4060.36463. Acesso em: 11 mar. 2025.

PINTO, Erika Alcântara; ROCHA, Hugo Paula Almeida da; CORREIA, Carlus Augustus Jourand; LEITÃO, Larissa Meireles; FERREIRA, Mariana Carvalho; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Estudantes-atletas: questões e implicações acerca do direito à educação e à formação profissional no esporte. *Esporte e Sociedade*, Niterói, v. 16, n. 37, p. 1-28, 2023. Disponível em: https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/55407. Acesso em: 17 mar. 2025.

RIBEIRO, Carlos Antonio C. Desigualdade de oportunidades e resultados educacionais no Brasil. *Dados: Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v.

54, n. 1, p. 41-87, 2011. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0011-52582011000100002. Acesso em: 10 dez. 2024.

ROCHA, Hugo Paula Almeida da; MELO, Leonardo Bernardes Silva de; COSTA, Miguel Ataíde Pinto da; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Educação e esporte: analisando o tempo escolar do estudante-atleta de futebol. *Educação em Revista*, [S.l.], v. 37, n. 1, p. 1-20, 2021. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/0102-469820719. Acesso em: 21 abr. 2025.

ROCHA, Hugo Paula Almeida da; SOUZA, Camilo Araújo Máximo de; MELO, Leonardo Bernardes Silva de; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Dupla carreira no Brasil de 2018 a 2023: um panorama dos estudos recentes. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Goiânia, v. 45, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1590/rbce.45.e20220045. Acesso em: 01 fev. 2025.

SALLEN, Jeffrey; WENDEBORN, Thomas; GERLACH, Erin. Talented athletes as high achievers – only in sports? Analysis of academic performance and the impact of dual career assistance programmes in upper secondary school. *German Journal of Exercise and Sport Research*, v. 53, p. 410-419, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1007/s12662-023-00878-7. Acesso em: 19 nov. 2024.

SCHNEIDER, Gabriela; FRANTZ, Maíra G.; ALVES, Thiago. Infraestrutura das escolas públicas no Brasil: desigualdades e desafios para o financiamento da educação básica. *Revista Educação Básica em Foco*, Goiânia, v. 1, n. 3, p. 1-13, out./dez. 2020. Disponível em:https://educacaobasicaemfoco.net.br/02/Artigos/Infraestrutura_das_escolas_publicas_no_brasil_SCHNEIDER-Gabriela_FRANTZ-Maira-Gallotti_ALVES-Thiago.pdf. Acesso em: 22 jun. 2025.

SENKEVICS, Adriano S.; CARVALHO, Marilia P. de. Novas e velhas barreiras à escolarização da juventude. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 34, n. 99, p. 333-352, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.020. Acesso em: 25 nov. 2024.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose*: antropologia das sociedades complexas. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

Revista Novos Rumos Sociológicos | vol. 14 n. 25 | Jan/Jul/2026
Artigo recebido em 29-05-2026 | Aprovado em 13-07-2026
ISSN: 2318-1966

TORNAR-SE UMA "ATLETA DE VERDADE": GÊNERO, SOFRIMENTO E FORMAÇÃO NO FUTEBOL DE MULHERES

Becoming a "real athlete": Gender, suffering, and formation in women's football

Debora Yamamoto[I]

Resumo

Este artigo busca analisar como se dá o processo de formação de jogadoras no futebol de mulheres, argumentando que essa construção vai além do aprendizado de técnicas corporais e táticas esportivas. Defendo que a formação de uma atleta envolve, intrinsecamente, uma educação moral, emocional e de gênero. Assim, a partir de uma etnografia realizada com treinadoras de equipes de base do futebol de mulheres, pretendo argumentar que se tornar uma "atleta de verdade" é um produto complexo de dinâmicas, conflitos e afetos, em que experiências de sofrimento e superação são utilizadas para moldar não apenas o desempenho esportivo das meninas, mas também as compreensões do que é ser mulher nesse futebol.

Palavras-chaves: Futebol de mulheres; Marcadores sociais da diferença; Sofrimento.

Abstract

This article examines the process through which players are formed in women's football, arguing that such formation goes beyond the learning of bodily techniques and sporting tactics. I contend that becoming an athlete intrinsically involves a moral, emotional, and gendered education. Drawing on an ethnography conducted with coaches of youth teams in women's football, I argue that becoming a "real athlete" is a complex product of dynamics, conflicts, and affects, in which experiences of suffering and overcoming are mobilized to shape not only the girls' athletic performance, but also their understandings of what it means to be a woman in this football context.

Keywords: Women's football; Social markers of difference; Suffering.

Introdução

A rotina no Em Busca do Impossível (EBI) se assemelha à do Centro de Treinamento Esportivo. Os treinos ocorrem em dias da semana em horários que não interferem nas aulas das alunas, no caso, período da tarde. As meninas chegam, algumas acompanhadas de seus responsáveis, e se vestem com os uniformes para o treino. Os responsáveis têm um local específico para

[I] Universidade de São Paulo. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2933-7809. E-mail: deboracaje@usp.br.

ficar, em uma área um pouco afastada do campo, local escolhido pela instituição para que eles não ficassem assistindo os treinos e interferissem diretamente na dinâmica. Minutos antes dos treinos, algumas meninas conversam entre elas, outras jogam *altinha* e outras se ocupam com exercícios de *mobilidade* que lhes são ensinados para melhorar seus treinos. Assim que o relógio marca duas horas da tarde, as treinadoras saem das salas e vão até as atletas, indicando que o treino irá começar.

Em alguns dias da semana, as meninas realizam exercícios de preparação física, em uma espécie de academia improvisada localizada em um galpão no próprio CT. Os preparadores físicos, Liz e Lucas, são formados em educação física também, mas, diferentemente das treinadoras, especializaram-se na área de treinamento voltado ao desempenho físico. Ao menos, foi o que me explicaram sobre a preparação física. Nas primeiras vezes que acompanhei Liz e Lucas, achei fascinante o que faziam. Eles colocavam as meninas para fazerem exercícios que tinham o objetivo de *potencializar a performance* da atleta. Era sempre interessante ver como ocorria esse treinamento corporal, essa produção de um corpo treinado.

Com o tempo, notei como algumas meninas mudavam, pareciam mais coordenadas, outras pareciam mais fortes. Essas mudanças eram ressaltadas por Liz como um feito positivo de seu trabalho, como um objetivo cumprido. Isso alude a uma discussão já presente no campo da antropologia das práticas esportivas, em que a construção de uma atleta se dá por meio de uma construção corporal (Carreirão Gonçalves *et al.*, 2012). Esse corpo que alude ao esporte é um corpo que é lido como atlético. Recordo de uma das vezes em que estive na academia, acompanhada de Flavia – psicóloga –, e uma garota se aproximou de nós e perguntou o que eu fazia ali. Respondendo à menina de forma retórica, Flavia questionou, perguntando a ela o que achava que eu era, e, sem pensar duas vezes, ela respondeu, "preparadora física".

A confusão ocorria com certa frequência. Em uma de minhas conversas com a mãe de uma das atletas, lembro de ela se surpreender quando disse que estava ali fazendo uma pesquisa antropológica. Ela me disse: "achava que você era da preparação física, pelo seu porte". Dessa conversa, entendi que a confusão vinha de um certo *porte* que eu dotava e que

aludia a minha proximidade com essa área. Esse porte nada mais era do que uma certa estrutura corporal, a qual sinalizava às pessoas que eu pertencia a esse espaço esportivo; era a composição muscular visível em meu corpo que me associava a eles.

Pensar a produção desse corpo para o futebol de mulheres me levou a frequentar mais a academia e esses espaços. Notei como se construía, através de movimentos e exercícios de musculação, um corpo considerado fisicamente apto para o esporte de alto rendimento, mas não era apenas isso que se aprendia, ou melhor dizendo, que se fazia ali. Ainda que um corpo nesse espaço deva ser lido como atlético, com o tempo fui notando como, para as treinadoras, ser uma "atleta de verdade" exige um conjunto de técnicas e conhecimentos. O "transformar meninas em atletas" que, me era dito, se refere a um conjunto de técnicas do corpo que não só dizem respeito ao correr e chutar a bola, mas também a uma certa *postura* e *mentalidade* que lhes é exigida. Se, em primeiro momento, a produção estética desse corpo é o que o faz ser lido como parte desse campo, é na junção entre a *performance* atlética (correr, chutar, pular) e ter a "postura de atleta" que o "ser atleta" se concretiza e que, enfim, meninas se tornam jogadoras.

Postura e mentalidade de atleta

É comum que algumas equipes realizem as chamadas "seletivas" ou "peneiras" (jeito mais popular de se referir), as quais consistem em processos seletivos em que as meninas vão a um determinado local, geralmente a sede do clube, e são testadas, através de dinâmicas esportivas, pela comissão técnica. Muito se comenta sobre a efetividade dessas seletivas, isto é, o quanto elas conseguem abstrair o "talento" da atleta. Nos anos em que acompanhei o EBI, notei como essas seletivas eram questionadas e passavam por processos de incrementação, com a inclusão de outros profissionais para a avaliação do desempenho esportivo; dentre eles, a psicóloga foi ganhando um certo espaço.[2]

[2] A inserção da psicologia no campo esportivo de alto rendimento não é nova, mas tem ganhado espaço desde as olímpiadas de 2020 e o debate acerca da saúde mental. Entretanto, a presença desses profissionais não se dá de forma tranquila, causando, muitas vezes, disputas internas nas próprias comissões, especialmente com treinadoras e treinadores ditos como "das antigas".

Em uma das seletivas, atuei tirando fotos, gravando vídeos e auxiliando na separação e verificação da documentação das atletas inscritas. Quase duzentas meninas se inscreveram, com idades entre onze e quatorze anos. Quase todas acompanhadas de um responsável, que variava entre ser o irmão, tia, pai ou, como na maior parte dos casos, a mãe. Faziam filas imensas, enquanto eu ia conferindo os documentos e entregando uma folha com um número, que seria colado nelas durante a atividade, como forma de identificá-las. Terminado essa fase, as garotas foram chamadas para o campo, momento que pude também acompanhar, agora fazendo o registro das atividades.

As meninas se reúnem em um grande círculo onde a comissão técnica se apresenta e conversa com elas, explicando o intuito da atividade. Angela e Marília, que estavam à frente naquele dia, ressaltaram em suas falas para as meninas que não desistissem caso não fossem selecionadas. Às que fossem escolhidas, disseram que aquela era uma primeira fase da seletiva e explicaram que a segunda consistiria em um período de teste, no qual treinariam com as meninas da equipe. Terminada a conversa, as preparadoras físicas se apresentaram, colocando alguns exercícios que iam desde o aquecimento até outros que serviam como um teste de condicionamento físico. Conforme as treinadoras, essa era a primeira característica na escolha de uma atleta, ainda que, muitas vezes, não fosse um fator determinante já que, por sua idade, essas garotas poderiam desenvolver melhor essa parte. As que mostravam maior velocidade, pouco cansaço, destacavam-se nesse momento, assim como as que teriam uma certa "aptidão" para o futebol. Muitas garotas já chamavam a atenção das treinadoras pela altura, vistas como possíveis "zagueiras" ou mesmo "atacantes" por terem um "porte físico" que supostamente geraria uma vantagem para a posição.

Há que se dizer que, no esporte, as posições das atletas são pensadas conforme suas habilidades, mas também por um certo entendimento dos treinadores de uma suposta facilidade a partir da estrutura corporal, que seria aprimorada. Contudo, atrelar características físicas a uma suposta vantagem ou desvantagem no esporte é um tema que exige certo cuidado. Como apontam Abrahão e Soares (2020), o futebol se construiu por meio de

metáforas e analogias sobre diferenças culturais e raciais. No caso brasileiro, sul-americano, a oposição ao estilo europeu colocou esse futebol em um lugar no imaginário comum que define o jeito de jogar brasileiro a partir de suas características sociais, culturais e políticas. Assim, o estilo à brasileira de jogar alude a esse jeito que tem no carisma, na ginga, na malandragem e no jogo de cintura uma marca do futebol (DaMatta, 1994). Como argumenta Marcos Alvez de Souza (1996), essa visão tem raízes fundadas em discursos biologizantes que associam o corpo negro à malandragem.

Tais discursos se viram ainda mais fortes após a derrota brasileira na década de 1950, que alimentou a ideia de que o futebol latino-americano estaria em atraso, comparado ao europeu, especialmente pela suposta impossibilidade de um progresso frente a um país marcado por tanta diversidade racial (Silva; Saudt, 2021). Daniel M. da Conceição (2023) demonstra como o futebol nunca esteve alheio às questões políticas, pelo contrário, a busca pela construção de uma nação e o debate da mestiçagem (Munanga, 2008, 2017) acompanharam a inserção dos negros no esporte.

Há ainda aqueles que argumentam sobre uma pedagogia do esporte que apoie o desenvolvimento de habilidades em lugar de impor uma forma de jogar a partir do que se considera adequado a uma dada estrutura corporal. Nathalia Servadio, interlocutora e amiga que conheci nesses anos de pesquisa, é uma das defensoras dessa forma de aprendizagem, que daria mais autonomia às meninas sobre seus próprios corpos e que lhes permitiria escolher as posições em que quisessem jogar.

Retomando a seletiva, as meninas terminaram o aquecimento com a preparação física e foram divididas em times com quatro jogadoras. Cada metade do campo foi dividida ao meio, fazendo com que tivessem quatro minis campos de jogo onde os times se enfrentariam. As treinadoras e treinadores, ficavam nas laterais observando, olhando para cada jogo e anotando coisas em seus cadernos. Em um dado momento, as treinadoras pararam e deram um pequeno intervalo para as meninas beberem água. Aproveitei a pausa e fui até as treinadoras e perguntei quais eram os critérios que definiam se uma menina estava apta ou não a entrar no clube. Sem hesitar, elas me

responderam "domínio das técnicas, ter um bom condicionamento físico e ter a mentalidade para ser jogadora".

O domínio das técnicas, isto é, chutar, dar bons passes, eu já imaginava, assim como o condicionamento físico; afinal de contas, por mais que elas defendam que isso se aprimora dentro do clube, há uma exigência mínima. O que me chamou a atenção na fala foi a "mentalidade para ser jogadora".

A ideia de uma "mentalidade" nesse contexto de esporte competitivo, de alto rendimento, foi algo que apareceu de forma muito recorrente nas falas das treinadoras. Quando falavam de mentalidade, geralmente se referiam a um certo comportamento ou personalidade que as atletas precisariam ter para lidarem com as "pressões" e demandas presentes no esporte profissional. Algo que elas tiveram quando foram atletas também. Para elas, formar uma atleta "mentalmente forte" era uma metodologia, um jeito de pensar essa formação de base.

Marília me dizia que a "mentalidade de atleta" foi importante para ela ter se tornado uma jogadora de futebol. Afirmava que, depois que entendeu que era preciso ter um comportamento adequado, priorizar os jogos, descansar ao invés de ir a festas, ela atingiu seus melhores desempenhos. Mas a mentalidade, para ela, não era só essa disciplina, envolvia também uma certa capacidade de lidar com as situações adversas que o esporte traz. Quando falava da mentalidade, ela falava também de um certo "pensamento de vencedor" que, ao que me explicava, era uma habilidade que tornava possível enfrentar os desafios do futebol e não desistir. Os momentos ruins da carreira de atleta seriam parte de um "processo" que faria com que elas se tornassem cada vez mais fortes.

Entendi melhor essa mentalidade em duas ocasiões vivenciadas em campo. A primeira com Marília e a segunda com Bruna. Em um dos jogos que acompanhei, a torcida adversária direcionava falas e xingamentos a uma atleta específica. A partida estava acirrada, o EBI perdia por apenas um gol de diferença. Nesse dia, eu estava em uma área reservada à equipe do clube, coordenadoras e diretoras, no lado oposto à torcida, mas ouvia nitidamente as falas repetidas por aqueles homens direcionadas a menina de "sua ruim" e

"vai errar". Terminado o jogo, senti um clima diferente, o silencio entre as atletas e Marília era incomodo, sentia como se algo precisasse ser dito, mas que ninguém, naquele momento, gostaria de falar. Passados os dias, após um dos treinos, sentei-me junto a Marília para mais um de nossos cafés da tarde e conversamos sobre esse jogo. Em tom de desabafo, ela disse que sentiu que a equipe estava bem no jogo, até melhor que a adversária. Perguntei a ela se ela achou que a torcida adversária tinha impactado em algo do jogo, o que rapidamente ela me respondeu dizendo que sim.

Marília falou de que algumas vezes as torcidas adversárias buscam "desestabilizar" as atletas. Isto é, que fazem provocações e falas com o intuito de abalar emocionalmente. Aqui, além da disputa que se faz dentro do campo de futebol, entre as jogadoras, há uma outra que ocorre com a torcida adversária que busca nessa desestabilização uma maneira de favorecer seu time. Enquanto falava, Marília direcionava seus olhos para o campo, segurando a xícara com café em uma mão e o pão com manteiga na outra. Virou-se para mim e continuou contando de coisas que ouviu durante a época que jogou profissionalmente. Disse que ouviu de muitos que futebol não era coisa para mulher e que ela não deveria estar jogando bola, mas sim estudando ou cuidando da casa. Foi então que, entre um gole e outro de seu café, ela disse que para jogar futebol precisou criar mecanismos para lidar com essas situações, para sobreviver a elas. Acrescentou dizendo que era algo que ela comentava e tentava ensinar às meninas porque sabia que elas precisariam, que, assim como ela, as meninas tinham que "ter casca".

A casca à qual Marília se referia nesse momento designava uma forma de proteção, um escudo. Segundo o dicionário Michaelis (2025), a botânica define casca como uma: "substância externa, espessa e impermeável, que envolve plantas, frutos, sementes, ovos, tubérculos etc."; "cobertura óssea de um animal" (Michaelis, 2025). Ou seja, a casca nada mais é que um material orgânico que se forma para proteger a estrutura de um organismo. Outro sentido que o dicionário traz de casca é figurativo, remete àquilo que se mostra no público e esconde o interno, é a camada que separa o que é visto do que não pode ser visto. Além dos significados trazidos pelo dicionário, a casca é ainda uma camada que se forma no corpo humano após algum dano,

é um revestimento que cobre a ferida até que ela cicatrize e, naturalmente, a casca cai, assim que o corpo revestido de uma nova pele se encontra pronto para novas interações.

A "casca" de que falava Marília era uma metáfora que se referia também a essa mentalidade, uma maneira que ela encontrou de lidar com todas os sofrimentos que viveu no esporte. Ser jogadora de futebol na época de Marília era algo quase impossível, como ela costuma dizer. Não havia estrutura, remuneração e muita visibilidade. Grande parte das equipes eram desmontadas após os campeonatos e as atletas não tinham muitas perspectivas de carreira. Passados vinte anos, o cenário é um pouco mais promissor, mas ainda enfrenta dificuldades. Diziam as treinadoras que o "funil" para ser uma atleta de futebol era grande, que de 100 meninas talvez 10 conseguissem de fato seguir a carreira. Além disso, o ambiente era difícil, teriam que lidar com treinadores que cobram muito delas e por situações de "humilhação", algo que, segundo elas, era comum no esporte.

Esse cenário de dificuldades é relatado também pelas atletas que viajam horas em ônibus ou carros, de estado para estado em busca de oportunidades melhores no futebol. Em muitas das falas dessas meninas, o futebol aparece como algo quase que inatingível e que, para conquistá-lo, é preciso ter coragem, força, garra, ou, como elas mesmo diziam, ter a "mentalidade de atleta".

Claudia Kessler (2015) investiga como os apelidos atribuídos a times de futebol feminino refletem determinados imaginários sobre o feminino e mobilizam discursos de luta e superação. A partir do apelido do time da Ferroviária (SP) – as Guerreiras Grená –, a autora mostra que a construção identitária em torno da figura da guerreira busca posicionar a equipe num lugar de empoderamento, reconhecendo a força e a resistência dessas mulheres na conquista de um espaço que historicamente lhes foi negado. Kessler (2015) também destaca que a dor ocupa papel central na constituição dessa guerreira: é justamente por meio da resistência ou da superação da dor que essas mulheres se fortalecem. A presença de narrativas de superação no discurso de mulheres é algo que aparece em diversos trabalhos antropológicos. Claudia Fonseca (1995) identifica, a partir de narrativas de

mulheres traídas, a construção da figura da "mulher valente" – aquela que age, trabalha, cuida da casa, protege a família e "sabe se mexer" (Fonseca, 1995, p. 126). Segundo a autora, essa valentia surge enquanto uma resposta moral às traições que exigem uma ação dessas mulheres que se veem em uma situação de injustiça ou sofrimento. Ainda, essa "mulher valente" é uma figura que tensiona certos imaginários de mulher como passiva, estabelecendo uma outra representação daquela que, mesmo em meio a uma situação desfavorável, age e revida.

Heloisa Buarque de Almeida (2007), por sua vez, observa que a imagem da mulher lutadora é amplamente recorrente no Brasil, manifestando-se, entre outros espaços, como nas telenovelas. A autora analisa a relação entre telenovelas, consumo e gênero, argumentando como o consumo se feminiliza nesses casos em que a audiência é majoritariamente composta por mulheres. É nesse sentido que compreendendo como essas novelas podem ser vistas como uma tecnologia do gênero, nos termos de Teresa de Lauretis (2018), que Almeida (2007) analisa a construção de um tipo de mulher, que incorpora certas pautas como independência financeira e profissional, vida sexual ativa, associando a outras como ser uma boa mãe e uma mulher dedicada a família. Heloisa B. de Almeida (2007) aponta, no mesmo sentido, que muitas personagens femininas das novelas brasileiras são construídas como heroínas modernas, independentes, capazes de conciliar casa, filhos e trabalho, enfrentando as adversidades da vida com determinação.

Essa percepção em relação ao sofrimento também aparecia nas falas das atletas. Em um dos dias em que estive no Centro de Treinamento, uma das atletas, que havia saído do EBI por ter fechado contrato com um clube de futebol, estava visitando as treinadoras e colegas. As meninas conversavam e mostravam muita alegria em ouvir sobre as histórias de Amanda, que contava como estava sendo sua nova rotina. Encerrados os treinos, fui embora como de costume e, enquanto aguardava meu ônibus, Amanda se sentou ao meu lado e perguntou sobre minha pesquisa. Falamos bastante naquele dia, ela parecia muito curiosa sobre o que eu buscava entender e mais ainda sobre minha formação. Aproveitei nossa conversa para parabenizá-la por ter conseguido ser aprovada no clube e perguntei como estava sendo sua

experiência lá. Por sorte, pegaríamos o mesmo ônibus nesse dia, em direção ao metrô.

Amanda começou contando sobre como a rotina no clube era muito diferente da que estava acostumada no EBI; disse que "lá não tem moleza, a coisa é mais séria". Continuou, dizendo que a comissão técnica era bem rígida, corrigia as meninas uma na frente da outra como uma forma exemplar, sem se preocupar com como isso poderia ressoar para a garota – situação que ela via diferente em relação ao EBI. Disse que o treinador já chegou a dizer para algumas meninas de outros clubes que elas jamais jogariam no time dele, porque elas estavam muito abaixo das atletas dele. Após essas histórias, questionei a Amanda como ela se sentia em relação a isso. Foi quando ela, olhando fixamente para frente do ônibus, respondeu: "difícil". Depois de um pequeno intervalo, seguiu dizendo que, apesar disso, ela lidaria com essas situações.

Em silêncio, eu mostrava concordar com Amanda. Foi então que ela resolveu me falar que o importante, ali, era "sair da zona de conforto". Sem entender direito do que se tratava essa zona de conforto, questionei, e ela me explicou. Contou que chegava horas antes do treino, estava sempre pronta no horário, buscava se alimentar direito, evitava sair à noite para conseguir descansar e dormir e se empenhava nos treinos, dando o melhor de si. Falou ainda de outras meninas que não faziam isso e que estava nessa "zona de conforto". Obedecer a essa rotina e lidar com essas situações difíceis é, para ela, uma forma de não estar nessa zona e de alcançar bons lugares na equipe; referindo-se a suas colegas que considerava confortáveis disse: "quando elas acordarem, eu já vou estar lá na frente. Tô aprendendo o que é vida de atleta de verdade".

Nesse sentido, penso como o sofrimento aparece com regularidade nas narrativas das treinadoras e atletas. Contudo, não se trata de um sofrimento passivo. O que mais importa, na verdade, é o que ele produz: a resistência que forja, os discursos de superação que engendra e a agência que coloca em evidência. Especialmente nas falas das treinadoras, as experiências como atletas eram narradas com ênfase nas emoções e nas adversidades, sempre em movimento em direção à superação. Claudia Rezende (2019), em seu

estudo sobre a experiência do parto entre mulheres de diferentes gerações, mostra como elas frequentemente mobilizam discursos de superação a partir das emoções vividas – situando dores, imprevistos e complicações dentro de uma trajetória que culmina na superação. De forma análoga, as treinadoras e atletas narram as situações que viveram ou vivem, sempre a partir de um lugar de quem superou os desafios encontrados. Ainda, no caso das treinadoras, essas narrativas do passado parecem fundar um presente que é atravessado por essas memórias. De tal forma que ser treinadora de futebol não se trata apenas da obtenção de um título ou certificado, mas, também, fruto de experiências vividas. Assim, a figura da treinadora se constitui por meio das relações que são criadas e estabelecidas nesse espaço futebolístico.[3]

Formando atletas, fazendo mulheres

Como venho argumentando ao longo de outros trabalhos e aqui (Yamamoto, 2025), a formação de atletas se dá tanto pela construção de um corpo, de uma musculatura, estrutura que o faz ser lido como atlético, quanto por uma educação emocional e moral. O corpo e a pessoa, segundo Margaret Lock (1993), não podem ser pensados de forma separada. A autora clássica do campo da antropologia médica, demonstra como esse corpo, por vezes tratado como apenas uma matéria, é, na verdade, constituído por meio da experiência, percebido e vivido por meio das relações. O que chamamos de subjetividade está no corpo, bem como o corpo está na subjetividade.

Em sua etnografia das boxeadoras, Antônia Gabriela Araújo (2025) argumenta como essa produção do corpo é atravessada pelos marcadores sociais de gênero, raça e classe. A partir disso, a autora elabora o conceito de ontologias musculares fugitivas, que se refere aos processos de racialização presentes na categoria "raçuda". No seu contexto estudado, das boxeadoras de Havana e do Complexo da Maré, Araújo (2025) vê como o se tornar mulher é um processo marcado por experiencias de violências raciais e de gênero. Ser *raçuda*, nesse caso, é ser resistente, forte, dura. O corpo raçudo, argumenta

[3] Neste artigo, analiso mais especificamente a relação entre treinadoras e atletas. Porém, cabe dizer que outras relações também fazem parte dessa produção. Em minha dissertação, analiso como essas treinadoras se viam como mulheres nesses espaços, a partir da relação com os juízes de partidas de futebol (Yamamoto, 2025).

Araújo, é um prisma composto pelas dores, sofrimentos e traumas da violência racial, de gênero e de classe e dá braços torneados, musculosos e fortes.

É nesse sentido que argumento, também, que formar atletas no futebol de mulheres é fruto de múltiplos aprendizados. Wagner X. Camargo e Claudia Kessler (2017) argumentam que o esporte, muitas vezes, exige *performances* corporais ligadas à matriz sexo-gênero. A "postura de atleta", exigência trazida pelas treinadoras, designa um comportamento esperado das mulheres jogadoras de futebol. Viver a sexualidade de maneira privada e quase escondida é uma forma (por muitas, vista até como uma necessidade) de "se preservar". Evidentemente, além da compreensão de que há uma separação entre a "vida pessoal" e a "vida profissional", há também que considerar que muitas dessas relações são homoafetivas, em que a necessidade de preservar vem também do risco de uma violência.

A "postura" também envolve chegar no horário combinado e estar sempre uniformizada. Aparentemente simples, o uso de uniformes é algo importante nos clubes que pedem para que as meninas não customizem. Ele cumpre a função de padronizar as meninas, buscando produzir uma ideia de "agora todas são iguais" já que todas usam o mesmo short, camiseta e meião. Também, o uniforme produz uma ideia de pertencer a algo, é o "vestir a camisa". Não se trata apenas de fazer parte de uma instituição, mas de pertencer e partilhar os valores morais ali presentes. Cria-se um "nós" que se opõe também ao "eles".[4]

Desde 1980, os uniformes têm sido alvo de discussões no futebol feminino. Nos primeiros campeonatos disputados pela seleção, por exemplo, as atletas não tinham vestimentas próprias, sendo obrigadas a pegar as sombras ou empréstimos da equipe masculina. Em 2019, a marca esportiva patrocinadora oficial da seleção lançou um uniforme para a seleção feminina com o *slogan* "mulheres guerreiras do Brasil". A marca, na época, optou por manter o escudo com as estrelas das Copas masculinas, o que foi questionado por parte do público. Em 2023, a marca lançou uma linha para a seleção

[4] Em minha dissertação, explico como só tive acesso livre à instituição quando ganhei da equipe um uniforme. A partir daquele momento, já não precisava mais me identificar na portaria e aguardar liberação, entrava apenas com um bom dia. Ao mesmo tempo, em eventos e jogos a que fosse, deveria ir vestida com ele, mostrando que fazia parte daquele lugar, que partilhava desse "nós".

feminina, com o *slogan* de "Mãe Natureza" e, agora, com o escudo da própria seleção. As roupas, aqui, não só foram alvo de disputa, como também podem ser vistas como parte importante desse corpo que se insere na produção de gênero e raça (Facchini, 2014).

O esporte é esse lugar de educação dos corpos, em que se aprende também *performances* de gênero e sexualidade (Goellner, 2016), que se vê no jeito de vestir, andar, falar e chutar. Na maioria dos casos, essa educação designa uma manutenção das normas sexuais e de gênero que reiteram padrões de feminilidade e masculinidade heterossexual, branca e cisgênero. Contudo, isso não ocorre de forma homogênea, pelo contrário, é possível ver fissuras nessa produção (Camargo, 2014; Pisani, 2018). Como propõe Judith Butler (2015), a performatividade de gênero, ainda que busque constantemente reiterar a norma, ela também se frusta, produzindo quebras e outras performatividades.

Caroline de Almeida (2018) argumenta que, na década de 1990, os clubes buscaram enquadrar o futebol de mulheres dentro de uma feminilidade aceitável e desejada na época. Desde o uso de uniformes mais justos ou curtos, formas de como prender o cabelo ou de alisá-los, até a contratação de atletas consideradas modelos foram estratégias usadas pelos clubes para construir uma imagem de futebol feminino dentro das normas de gênero, raça e sexualidade. Essas práticas, como mostra Almeida (2018), tornaram o futebol mais aceitável pela mídia brasileira. Em contrapartida, marginalizaram ainda mais os corpos que não se encaixavam nessas normas.

Nesse sentido, ser uma jogadora de futebol é uma maneira de vivenciar o futebol a partir dos marcadores sociais da diferença. E não se trata, neste caso, de qualquer futebol, mas sim, do futebol voltado à formação de atletas de alto nível e competitividade. Digo isso porque, em meu campo, quanto mais profissionalizada a relação que se estabelece com o futebol, maior a necessidade dessas treinadoras e atletas de se encaixarem nas normas que são, muitas vezes, ditadas pelos clubes e federações, como a de estar com o

"cabelo arrumado", "vestir uniforme adequadamente" e, até mesmo, a forma de falar com outros agentes do campo, como juízes e empresários.[5]

No caso aqui estudado, a experiência de ser mulher futebolística – treinadora ou atleta – é marcada geracionalmente. As treinadoras, por exemplo, são mulheres que viveram o futebol dos anos 2000, ainda muito marcado pela falta de estrutura e pelo estigma da homossexualidade (Pisani, 2018). Caroline Almeida e Mariane Pisani (2015) argumentam que a noção de profissionalização no futebol de mulheres está atrelada a um reconhecimento público de ser jogadora e à possibilidade de remuneração. Em certo sentido, a necessidade de esconder a vida pessoal é uma forma de se manter nesse espaço e de se proteger. Não deixa de ser uma forma de agência, de sobrevivência de quem entende que é preciso ter "casca" para chegar aonde chegou.

As gerações mais jovens vivenciam um momento do futebol de maior visibilidade bem como de outros entendimentos acerca de gênero e sexualidade, com mudanças nas formas com que são compreendidos socialmente (Carrara, 2010). Ainda, ressalta-se como os discursos feministas têm adentrado mais no cotidiano dessas jovens, seja pelas redes sociais ou mesmo pela maior presença de algumas pautas em filmes, novelas e programas de televisão. Porém, apesar das mudanças e da aparente sensação de que hoje é possível vivenciar e experienciar sexualidades não heteronormativas, notei como a manutenção da binariedade de gênero ocupa um lugar de certa invisibilidade, não pela inexistência de corpos trans nesses espaços, mas, sobretudo, pela necessidade que esse futebol competitivo vê em manter uma matriz cis heteronormativa.

Retomando as figuras das treinadoras e atletas, ser mulher, aqui, partilha de um discurso presente na mídia e entidades esportivas que reiteram a mulher como guerreira e valente. Ou seja, que passa por dificuldades. A ascensão aparece menos em um lugar de remuneração econômica e mais social. A menina que sonha em ser jogadora de futebol pode não se tornar muito rica e conquistar o mundo, até porque o futebol feminino ainda está em

[5] Abordo mais explicitamente isso em minha pesquisa (Yamamoto, 2025).

desenvolvimento, mas, ao ser uma jogadora, ela se torna a mulher que superou todas as dificuldades e barreiras dessa carreira.

Considerações Finais

Ao longo deste artigo, busquei demonstrar como tornar-se atleta no futebol de mulheres envolve processos físicos, sociais, emocionais e morais. Ainda, discuti como as treinadoras de futebol se inserem nesse processo, legitimando uma maneira de ser jogadora através de suas experiências com o futebol. Entender a necessidade de ter certos comportamentos, para as atletas, é um conhecimento que essas mulheres possuem e que adquiriram por meio da ordem prática, da experiência.

Simoni L. Guedes (1997) elabora uma distinção entre dois tipos de saberes presentes nas classes trabalhadoras, o saber prático e o saber teórico. Para a autora, esses saberes coexistem, mas também se opõem e se hierarquizam. A oposição, teoria versus prática, ganha contornos distintos conforme o contexto analisado, não existindo uma ideia por si de um saber que é melhor que o outro. Ainda que o saber teórico ocupe um lugar de prestígio e valorização na sociedade, Guedes mostra que homens estudantes que não trabalhavam poderiam estar mais próximos de serem vistos como "vagabundos" do que como "trabalhadores". No caso, a autora argumenta como o saber prático nesses contextos é valorizado, um saber que se dá no dia a dia, no cotidiano e, principalmente, na experiência.

A valorização desse conhecimento prático apareceu em muitas das narrativas de minhas treinadoras, que ressaltavam a importância de terem jogado futebol e conhecerem todo esse "universo do futebol feminino", bem como de como o dia a dia de treinadoras é algo que não se aprende em cursos ou apostilas. Sem dúvida, há uma compreensão de que o aprendizado na prática, que ocorre no futebol de homens também – sendo comum ver ex-jogadores tornarem-se treinadores também. Porém, gostaria de ressaltar como, em ambos os casos, os marcadores sociais da diferença provocam formas distintas de experienciar esse futebol, bem como a própria modalidade, com uma história política e social diferente, se coloca de outra maneira.

A experiência dessas treinadoras surge, nesse fazer, como um jeito de pensar a formação de atletas que é interpelada, a todo momento, pelos marcadores sociais de gênero, raça e classe. Não se trata de pensar que, para elas, esses sofrimentos são banalizados. Pelo contrário, a casca é uma necessidade de algo que surge a partir de uma ferida, de uma ruptura, um corte, na normalidade. Assim, trata-se de pensar essas experiências e vivências como um conhecimento – nos termos de Veena Das (2020), um conhecimento venenoso, que se dá pelo sofrimento e que atravessa o cotidiano das pessoas, permeando suas relações. É o passado habitando o presente e permitindo que, mesmo tendo vivido o que se viveu, ainda se está aqui. Apesar da proibição, do estigma, da falta de estrutura, do pouco reconhecimento, ainda se vê na figura da treinadora uma possibilidade de viver o futebol.

O futebol de mulheres como um desses "futebóis", como propõe Arlei Damo (2020), em que a dinâmica do jogo e a relação com o esporte é atravessada tanto pelos corpos ali presentes quanto pela história política e social. É nessa pluralidade e disputa de um fazer no futebol de mulheres que entendo estar o desenvolvimento da modalidade. É no reconhecimento das futebolísticas, as do passado (Goellner; Cabral, 2022) e as do presente e de suas "dores" como um lugar de potência e produção também. As treinadoras viam nessas dores uma maneira de pensar essa formação de atletas, que se insere em uma relação também marcada por uma hierarquia entre treinadoras e atletas, em que as dinâmicas de poder ocorrem, muitas vezes, de formas sutis. Enfim, é nas próprias experiências dessas mulheres que a figura de treinadora e formadora se constitui, bem como a de atleta.

Referências

ABRAHÃO, Bruno Otávio de L.; SOARES, Antonio Jorge. O "racismo à brasileira" no futebol. *In*: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. (org.). *O futebol nas ciências humanas no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p. 721-739.

ALMEIDA, Caroline de. *Mulheres em campo*: etnografia sobre futebol feminino e formação de jogadoras no Brasil. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ALMEIDA, Caroline de; PISANI, Mariane. Carreiras e profissionalismo de futebolistas brasileiras após a regulamentação do futebol feminino no Brasil. *Labrys*, jul.-dez. 2015. Disponível em: https://www.labrys.net.br/labrys28/sport/caroline.htm. Acesso em: 6 dez. 2021.

ALMEIDA, Heloisa B. de. Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, n. 1, p. 177-192, jan. 2007.

ARAÚJO, Antônia Gabriela. Raçudas: meninas negras criando ontologias musculares. *Horizontes Antropológicos*, v. 31, n. 72, e720407, 2025. https://doi.org/10.1590/1806-9983e720407.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CAMARGO, Wagner Xavier de. Considerações antropológicas sobre sexualidades e masculinidades no esporte. **Revista de Antropologia da UFSCar**, *[S. l.]*, v. 6, n. 1, p. 41–62, 2014. DOI: 10.52426/rau.v6i1.111.

CAMARGO, Wagner Xavier; KESSLER, Cláudia Samuel. Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. *Horizontes Antropológicos* (Online), v. 23, p. 191-225, 2017.

CARRARA, Sérgio. Políticas e direitos sexuais no Brasil contemporâneo. *Bagoas: Revista de Estudos Gays*, v. 4, p. 131-149, 2010.

CARREIRÃO GONÇALVES, Michelle; TURELLI, Fabiana Cristina; VAZ, Alexandre Fernandez. Corpos, dores, subjetivações: notas de pesquisa no esporte, na luta, no balé. *Movimento*, v. 18, n. 3, p. 141-158, 2012. DOI: 10.22456/1982-8918.27166. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/27166. Acesso em: 5 nov. 2025.

DAMO, Arlei Sander. Futebol e antropologia. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. (org.). O futebol nas ciências humanas no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. Cap. 17.

DA CONCEIÇÃO, Daniel M. Entre vira-latas e heróis: o racismo no futebol brasileiro. *Captura Críptica: direito, política, atualidade*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 224-248, 2023. Disponível em: https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/capturacriptica/article/view/6161. Acesso em: 5 nov. 2025.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio - Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, Brasil, n. 22, p. 10–17, 1994. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i22p10-17.

DAS, Veena. *Vida e palavras*: a violência e a descida ao ordinário. Tradução de Bruno Gambarotto. São Paulo: Editora Unifesp, 2020.

FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras*: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo. Campinas: Editora Unicamp, 2014.

FONSECA, Claudia. A mulher valente: gêneros e narrativas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 113-129, 1995. https://doi.org/10.1590/S0104-71831995000100009

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1*: a vontade de saber. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GOELLNER, Silvana V. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. *Revista USP*, São Paulo, n. 108, p. 29-38, 2016. https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i108p29-38

GOELLNER, Silvana V.; CABRAL, Juliana R. *As pioneiras do futebol pedem passagem*: conhecer para reconhecer. São Paulo: Ludopédio, 2022.

GUEDES, Simoni L. *Jogo de corpo*: um estudo antropológico sobre trajetória social e corporalidade. Niterói: EdUFF, 1997.

KESSLER, Claudia S. **Mais que barbies e ogras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos**. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

LOCK, Margaret. Cultivating the body: anthropology and epistemologies of bodily practice and knowledge. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, v. 22, p. 133-155, 1993.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*: identidade nacional versus identidade negra. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MUNANGA, Kabengele. As ambiguidades do racismo à brasileira. *In*: MUNANGA, K. (org.). *O racismo e o negro no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 33-44.

PISANI, Mariane da S. "Sou feita de chuva, sol e barro": o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-11102018-110139/. Acesso em: 2 ago. 2021.

REZENDE, Claudia B.. (2019). Histórias de superação: parto, experiência e emoção. *Horizontes Antropológicos*, *25*(54), 203–225. https://doi.org/10.1590/S0104-71832019000200008

SILVA, André Luiz dos Santos; STAUDT, Jéferson Luís. "Mais um belo modelo da nova geração que a Educação Física está construindo no Brasil": sadio,

forte, belo e branco. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte,* São Paulo, Brasil, v. 35, n. 1, p. 95–107, 2021. DOI: 10.11606/issn.1981-4690.v35i1p95-107.

SOUZA, Marcos Alves de. **A "Nação em Chuteiras": raça e masculinidade no futebol brasileiro**. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1996.

YAMAMOTO, Débora Cajé. Ser atleta não é ser baladeira: treinadoras e atletas no futebol de mulheres em São Paulo. *Ponto Urbe*, São Paulo, v. 33, n. 1, e234343, 2025. https://doi.org/10.11606/issn.1981-3341.pontourbe.2025.234343

Revista Novos Rumos Sociológicos | vol. 14 n. 25 | Jan/Jul/2026
Artigo recebido em 29-05-2026 | Aprovado em 13-07-2026
ISSN: 2318-1966

DOSSIÊ

PROGRAMA "PROFESSORAS PRETAS": FORMAÇÃO PROFISSIONAL E PERMANÊNCIA NO FUTEBOL DE MULHERES

"Black Women Teachers" Program: professional development and retention of women in football

Beatriz de França Alves[1]

Ivalda Kimberlly Santos Portela[2]

Cristiano Mezzaroba[3]

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão[4]

Resumo

O presente trabalho aborda o programa "Professoras Pretas", iniciativa da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) voltada à formação de mulheres negras no futebol. A pesquisa parte da compreensão de que o futebol é um espaço historicamente marcado por desigualdades étnico-raciais e de gênero, especialmente no acesso e na permanência de mulheres negras em cargos de liderança técnica. Nosso objetivo é compreender sua contribuição para a formação profissional e permanência de mulheres no futebol. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo-exploratório, que utiliza a análise documental e a análise narrativa a partir de um material audiovisual disponível no *YouTube*, no qual participantes do programa compartilham suas trajetórias, desafios e experiências no campo esportivo. Os resultados evidenciam que o programa atua não apenas na ampliação do acesso à formação, mas também no fortalecimento da permanência, da representatividade e do sentimento de pertencimento dessas mulheres no futebol. Conclui-se que iniciativas como o "Professoras Pretas" são fundamentais para o enfrentamento das desigualdades estruturais e para a construção de um futebol mais inclusivo e democrático.

Palavras-chave: Professoras Pretas; Futebol de Mulheres; Formação Profissional.

Abstract

This study addresses the "Black Women Teachers" Program, an initiative developed by the Brazilian Football Confederation (CBF) aimed at the professional development of Black women in football. The research is grounded in the understanding that football has historically been marked by racial and gender inequalities, especially regarding the access and permanence of Black women in technical leadership

[1] Universidade Federal da Bahia Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7963-385X. E-mail: beatriz.franca090@gmail.com.
[2] Universidade Federal da Bahia Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5969-8015. E-mail: kportela44@gmail.com.
[3] Universidade Federal de Sergipe Orcid: https://orcid.org/0000000342140629. Email: cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br.
[4] Universidade Federal da Bahia Orcid: https://orcid.org/0009-0002-1924-1720. E-mail: bruno.abrahao@ufba.br.

positions. The objective of this study is to understand the contribution of this program to the professional development and retention of women in football. Methodologically, this is a qualitative, descriptive-exploratory study that employs document analysis and narrative analysis based on audiovisual material available on YouTube, in which participants share their trajectories, challenges, and experiences within the sports field. The findings indicate that the program contributes not only to expanding access to professional training, but also to strengthening the permanence, representativeness, and sense of belonging of these women in football. It is concluded that initiatives such as the "Black Women Teachers" Program are fundamental for confronting structural inequalities and for building a more inclusive and democratic football environment.

Keywords: Black Women Teachers Program; Women's Football; Professional Development.

Introdução

Em 2022, foi lançado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) o programa "Professoras Pretas", com o objetivo de ampliar a presença de mulheres negras em espaços de liderança técnica e pedagógica no futebol, oferecendo formação, apoio pedagógico e articulação com redes do campo esportivo. A formação contempla conteúdos técnicos e educacionais relacionados ao futebol, enquanto o apoio pedagógico e a articulação de redes visam favorecer a inserção, o desenvolvimento profissional e a permanência dessas mulheres em um espaço tradicionalmente marcado por barreiras estruturais. Nesse sentido, a iniciativa se apresenta como uma importante estratégia de enfrentamento das desigualdades estruturais e de promoção da equidade de gênero e raça.

O futebol, que historicamente se constituiu como um espaço majoritariamente masculino, acaba refletindo e também reforçando desigualdades presentes na sociedade brasileira, especialmente no que diz respeito às relações étnico-raciais e de gênero. Mesmo com a presença significativa de mulheres negras no esporte, sua inserção em cargos de liderança técnica ainda é bastante limitada. Isso evidencia processos de exclusão e invisibilização que não são recentes, mas que continuam estruturando esse campo. Os espaços de comando – gerenciamento de clubes, coordenação de equipes técnicas, cargos de treinadores etc. –, em sua imensa maioria, são ocupados por homens brancos, o que evidencia que o problema não está apenas no acesso, mas também nas condições de permanência e reconhecimento profissional.

Para compreender melhor esse cenário, é importante considerar que o racismo no Brasil não se manifesta de forma isolada, mas de forma ordinária (Conceição, 2023) e estrutural (Almeida, 2019). Ordinária, em função de sua manifestação no cotidiano, por meio de práticas sutis e naturalizadas, conforme argumenta Conceição (2023), o que se expressa em silenciamentos, exclusões e pequenas ações que dificultam tanto o ingresso quanto a permanência dessas mulheres nesses espaços. Estrutural, porque é o racismo participando dentro das instituições e na própria organização social, impactando diretamente no acesso e nas oportunidades e espaços de poder, de acordo com Almeida (2019). No futebol, isso se traduz na marginalização de mulheres negras, especialmente em posições de liderança.

No que se refere às relações de gênero, essa desigualdade se torna ainda mais evidente. O futebol foi historicamente construído como um espaço masculino, no qual a presença das mulheres, por muito tempo, foi negada ou desvalorizada. No Brasil, mais especificamente, o Decreto-Lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941, assinado pelo então presidente Getúlio Vargas, foi o documento oficial que impediu as mulheres de jogar futebol, alegando "incompatibilidade" entre a "natureza feminina" e a prática futebolística. Foi apenas em 1983, coincidindo com o momento de redemocratização do país, que o futebol feminino passa a ser regulamentado, tornando-se uma prática legal em nosso país. Nesse sentido, conforme Goellner (2013), o esporte não deve ser compreendido apenas como reflexo das desigualdades sociais, mas como um espaço que também produz e reproduz essas diferenças, contribuindo para a construção de masculinidades e feminilidades. Quando articuladas às questões étnico-raciais, essas desigualdades se intensificam, colocando as mulheres negras em uma posição ainda mais vulnerável no campo esportivo.

No campo da Educação Física (EF), apesar das várias lacunas e dificuldades, a formação profissional vem sendo compreendida de maneira mais ampliada com a participação das Ciências Humanas na articulação com múltiplas temáticas e problemáticas, ultrapassando o espaço escolar e alcançando contextos como clubes, projetos sociais e instituições esportivas. Nesse sentido, atuar no futebol exige não apenas domínio técnico, mas

também competências pedagógicas, sociais e críticas. No entanto, a dimensão étnico-racial ainda aparece de forma limitada nesses processos formativos, contribuindo para a reprodução das desigualdades no campo profissional.

Essa lacuna formativa dialoga com reflexões de Oliveira e Abrahão (2025), que concluíram, a partir de entrevistas do técnico Roger Machado, que o futebol brasileiro ainda reproduz barreiras raciais que restringem o acesso da população negra aos espaços de comando e liderança. Com efeito, no futebol de homens há uma denúncia de discriminação racial que pretere homens pretos e prefere os brancos, o que culminou com uma ação semelhante: o "Programa Professores Pretos". Ambos os programas convergem para o entendimento de que a formação profissional a partir de uma perspectiva antirracista é fundamental para enfrentar as desigualdades estruturais presentes no campo esportivo e ampliar as possibilidades de inserção, permanência e ascensão de profissionais negros aos cargos de liderança, prestígio e poder.

Quando se trata da mulher negra no futebol, ao preconceito racial soma-se também uma dimensão de gênero, marcada por valores sociais historicamente construídos, que desvalorizam e invisibilizam essas mulheres em diferentes espaços sociais e profissionais (Gonzalez, 1984). Nesse contexto, a inserção em espaços historicamente masculinizados como o futebol torna ainda mais evidentes as barreiras relacionadas ao reconhecimento, à permanência e à ocupação de cargos de visibilidade e liderança por mulheres negras. Diante desse cenário, este artigo parte da seguinte questão: qual a contribuição do programa "Professoras Pretas" para a formação profissional de mulheres negras no futebol e para a sustentação da permanência dessas mulheres em espaços de liderança historicamente excludentes? Nosso objetivo é compreender o papel deste programa nesse processo, problematizando as desigualdades étnico-raciais e de gênero, evidenciando a importância de criar condições institucionalizadas para que essas mulheres não apenas acessem, mas consigam se manter no futebol.

Método

Do ponto de vista metodológico, este estudo caracteriza-se como qualitativo, de caráter descritivo-exploratório, conforme Gil (2002), por buscar compreender as experiências e percepções de mulheres negras no campo do futebol. Como procedimento, foi utilizada a análise documental, nos termos de Triviños (1995), a partir de um material audiovisual disponível na plataforma *YouTube*, no qual a apresentadora Adja Andrade conduz uma conversa com participantes do programa "Professoras Pretas". A escolha desse material se justifica por possibilitar o acesso às narrativas das próprias participantes, valorizando suas experiências e os sentidos atribuídos por elas às suas trajetórias.

De acordo com Gil (2002), a tipologia da análise documental é um tipo de pesquisa que utiliza materiais que ainda não receberam tratamento analítico aprofundado, permitindo ao pesquisador(a) interpretar documentos diversos a partir dos objetivos propostos pelo estudo.

Neste trabalho, o documento analisado consiste em uma *live* (encontro em forma de palestra que ocorre em formato remoto e digital) disponibilizada publicamente na plataforma *YouTube*, exibida no canal da TV FPFPE[5] em 11 de agosto de 2025. A transmissão integra um programa mediado por Adja Andrade e contou com a participação de Keila Lima, Ana Clara Rosa e Isabela Andrade, mulheres negras contempladas pelo programa "Professoras Pretas", iniciativa desenvolvida pela CBF.

Para a análise dos dados, foi adotada a Análise Narrativa (Muylaert *et al.*, 2014), entendida como uma abordagem que permite interpretar não apenas o que é relatado, mas também como as experiências são construídas e significadas pelas participantes. Conforme Muylaert *et al.* (2014), esse tipo de técnica analítica considera tanto o conteúdo das falas quanto a forma como são expressas, incluindo elementos como entonação, pausas e expressões, que contribuem para a compreensão de sentidos não explicitamente verbalizados. Além disso, conforme Rabelo (2011), a análise de narrativas se caracteriza pela

[5] A TV FPFPE é o canal oficial da Federação Pernambucana de Futebol (FPF) na plataforma YouTube. Criado em 2013, o canal realiza transmissões ao vivo de competições organizadas pela entidade, abrangendo categorias profissionais, de base e do futebol feminino, além de disponibilizar entrevistas, programas e conteúdos relacionados ao futebol pernambucano. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0ss6BGRNK7A. Acesso em: 22 de abril de 2026.

articulação entre a interpretação do(a) pesquisador(a) e a valorização da voz do(a) informante, reconhecendo a centralidade das experiências vividas na construção do conhecimento.

A escolha do material audiovisual se justifica pela possibilidade de acessar as narrativas produzidas pelas próprias participantes acerca de suas experiências pessoais e profissionais no futebol. Além disso, o uso da *live* como fonte documental permite compreender não apenas os conteúdos expressos verbalmente, mas também elementos simbólicos presentes nas falas, como emoções, pausas, entonações e expressões corporais, ampliando as possibilidades interpretativas da pesquisa qualitativa.

O programa "Professoras Pretas" foi escolhido como objeto de investigação por se constituir como uma iniciativa voltada especificamente para a formação e fortalecimento da presença de mulheres negras em espaços de liderança técnica no futebol. Assim, analisar as narrativas das participantes possibilita compreender de que maneira políticas de inclusão e ações afirmativas contribuem para ampliar o acesso, a permanência e a representatividade dessas mulheres em um campo historicamente masculinizado e racialmente excludente.

Para a produção dos dados, realizou-se inicialmente a escuta integral da *live*, seguida da transcrição das falas consideradas mais significativas para os objetivos do estudo. Após esse processo, as narrativas foram organizadas e sistematizadas a partir de aproximações temáticas identificadas ao longo da análise. Entre os principais eixos construídos destacam-se:

(1) desigualdades étnico-raciais e de gênero no futebol;

(2) acesso à formação profissional;

(3) permanência em cargos técnicos;

(4) representatividade e liderança; e,

(5) fortalecimento, pertencimento e resistência.

A interpretação dos dados foi articulada ao referencial teórico da pesquisa, especialmente às contribuições de Almeida (2019), ao discutir o

racismo estrutural; de hooks[6] (2013) e Gonzalez (2020), no que se refere às experiências de mulheres negras e aos processos de resistência; de Goellner (2013), ao problematizar o esporte como espaço de produção de desigualdades de gênero; e de Bourdieu (2007), ao compreender as relações entre capital econômico, cultural e social na inserção em espaços de poder e prestígio. Por se tratar de uma pesquisa realizada a partir de material audiovisual de acesso público, disponibilizado em plataforma digital aberta, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. Ainda assim, buscou-se preservar a integridade das falas das participantes, respeitando seus contextos de produção e utilizando os relatos exclusivamente para fins acadêmicos.

O Programa "Professoras Pretas": breve descrição

A *live* analisada foi exibida no canal da TV FPFPE em 11 de agosto de 2025, integrando um programa apresentado por Adi Jandad. No episódio, participam Keila Lima, ex-atleta de futebol e futsal, que atualmente atua como treinadora nas categorias de base do Recife; Ana Clara Rosa, ex-atleta de futsal e futebol de campo; e Isabela Andrade, professora de EF com atuação no futsal e na preparação física. As três participantes são mulheres negras contempladas pelo programa "Professoras Pretas", iniciativa da CBF em parceria com os projetos CBF Transforma e Conmebol *Evolución*.

O Programa Professoras Pretas estrutura suas ações a partir de três eixos principais: formação, apoio pedagógico e articulação em rede. Por meio de cursos, encontros formativos e espaços de diálogos, a iniciativa busca qualificar mulheres negras para atuação no futebol, ao mesmo tempo que promove o compartilhamento de experiências e o fortalecimento de vínculos entre profissionais e instituições do campo esportivo. Dessa forma, o programa procura não apenas ampliar o acesso dessas mulheres a espaços de liderança técnica e pedagógica, mas também contribuir para sua permanência e desenvolvimento profissional. É nesse contexto que se insere o episódio

[6] A autora adotava o pseudônimo bell hooks grafado em letras minúsculas como uma escolha política, buscando deslocar a atenção de sua figura pessoal para suas ideias e produções intelectuais.

analisado nesta pesquisa, que reúne participantes do programa para refletir sobre suas trajetórias, desafios e experiências no futebol.

Gravado no estúdio da Uninassau, com apoio institucional da própria instituição, o encontro se configura como um espaço de compartilhamento de trajetórias, desafios e expectativas no processo de formação de treinadoras. A partir de uma perspectiva narrativa, a *live* evidencia o futebol como um campo historicamente atravessado por desigualdades étnico-raciais e de gênero, ao mesmo tempo em que revela possibilidades de transformação social, inclusão e ampliação da representatividade de mulheres negras em posições de liderança.

A narrativa construída ao longo da conversa se desenvolve a partir das experiências pessoais e profissionais das participantes, evidenciando os caminhos percorridos até o ingresso no programa. Esses relatos revelam trajetórias marcadas por obstáculos, inseguranças e dificuldades de acesso, mas também por expectativas, conquistas e processos de fortalecimento. Nesse sentido, as experiências narradas dialogam com as reflexões de bell hooks (2013), ao destacar a centralidade da experiência vivida na produção de saberes e na afirmação de identidades historicamente marginalizadas.

Ao longo das narrativas, torna-se recorrente a percepção sobre a baixa presença de mulheres, especialmente mulheres negras, em cargos técnicos, tanto no futebol de alto rendimento quanto em contextos amadores. Essa ausência é significada pelas participantes não como algo pontual, mas como parte de trajetórias atravessadas por desigualdades estruturais que historicamente limitaram o acesso a espaços de formação e liderança. Essa compreensão dialoga com as contribuições de Bourdieu (2007), ao evidenciar como o acesso a esses espaços é mediado por diferentes formas de capital, econômico, social e cultural, distribuídas de maneira desigual nos mais variados espaços sociais – por conseguinte, também no campo esportivo.

Outro elemento que atravessa as narrativas diz respeito às barreiras financeiras associadas à formação profissional. Ao relatarem as dificuldades relacionadas ao custo das licenças exigidas para atuação no futebol, as participantes evidenciam como o acesso à qualificação está diretamente condicionado a possibilidades materiais (pertencimento a classe social, capital

social e capital econômico – utilizando-se a nomenclatura bourdieusiana). Nesse contexto, o programa "Professoras Pretas" é narrado como um ponto de inflexão em suas trajetórias, ao possibilitar o ingresso por meio de apoio financeiro e institucional.

Nesse sentido, as falas sintetizam as experiências vividas ao expressarem, simultaneamente, desafios e conquistas. Ao afirmarem que "a gente sabe o quanto é difícil entrar e se manter nesse meio, porque precisamos provar o tempo todo que somos capazes" e que "esse tipo de oportunidade muda a nossa perspectiva, porque abre portas que antes pareciam impossíveis de alcançar", as participantes constroem narrativas que evidenciam tanto as barreiras estruturais quanto os efeitos concretos do programa em suas trajetórias. Quando destacam que "não é só sobre o curso, é sobre acreditar que a gente também pode ocupar esses espaços", reforçam processos de fortalecimento da confiança, da identidade e do sentimento de pertencimento no campo do futebol.

A partir dessas narrativas, evidencia-se que a inserção e a permanência de mulheres, especialmente mulheres negras, no futebol são marcadas por processos contínuos de resistência. Como afirma Keila Lima na *live*, "as mulheres precisam provar todos os dias que são capazes", o que revela a exigência constante de validação de suas competências em um espaço historicamente masculinizado (Professoras..., 2025).

De modo semelhante, Isabela Andrade, outra participante, destaca que "não existe referência de treinadora negra no futebol feminino", evidenciando a escassez de representatividade e seus impactos na construção de trajetórias profissionais. Ao mesmo tempo, a mediadora Adja enfatiza a importância de iniciativas formativas ao afirmar que é necessário "formar novas treinadoras para que, no futuro, a gente tenha referências à beira do gramado", apontando para o caráter coletivo dessa luta (Professoras..., 2025).

Desse modo, as falas convergem ao demonstrar que a presença dessas mulheres no futebol não se dá de forma naturalizada, mas como resultado de enfrentamentos cotidianos às desigualdades étnico-raciais e de gênero. Assim, reafirma-se o futebol como um espaço de disputa, afirmação e potencial transformação social (Professoras..., 2025), e também como espaço de

visualização de iniquidades sociais, que precisam ser enfrentadas oferecendo-se mais oportunidades e outras estratégias a essas mulheres, para que possam se inserir nesse universo esportivo/futebolístico e realizar suas atividades com eficiência e qualidade.

Resultados e discussões a partir da análise narrativa

A análise das narrativas permitiu identificar um conjunto de temas recorrentes relacionados às experiências das participantes no futebol. Os relatos evidenciam desigualdades étnico-raciais e de gênero que atravessam suas trajetórias, manifestadas tanto nas dificuldades de acesso à formação profissional quanto nos desafios de inserção e permanência em cargos técnicos. As narrativas também revelam a baixa representatividade de mulheres negras em posições de liderança e os impactos subjetivos produzidos por processos de exclusão e invisibilização.

Em contrapartida, destacam-se experiências de fortalecimento, pertencimento e resistência construídas a partir da participação no Programa Professoras Pretas. Com base nesses elementos, a análise foi organizada em torno dos seguintes eixos temáticos apresentados na metodologia que são: (1) desigualdades étnico-raciais e de gênero no futebol; (2) acesso à formação profissional; (3) permanência em cargos técnicos; (4) representatividade e liderança; e (5) fortalecimento, pertencimento e resistência. A partir desses eixos, buscou-se compreender como as participantes vivenciam as desigualdades étnico-raciais e de gênero presentes no futebol, bem como os impactos do Programa Professoras Pretas em suas trajetórias. A seguir, são discutidos os principais elementos identificados nas narrativas analisadas.

(1) Desigualdades étnico-raciais e de gênero no futebol

A partir desse eixo, foi possível compreender que o programa "Professoras Pretas" se apresenta como uma importante ação de enfrentamento às desigualdades históricas presentes no futebol brasileiro, sobretudo aquelas relacionadas às questões étnico-raciais e de gênero. As narrativas construídas pelas participantes revelam experiências marcadas por processos contínuos de exclusão, invisibilização e resistência, demonstrando

que a presença de mulheres negras em espaços de liderança técnica no futebol ainda ocorre de forma limitada e permeada por diferentes obstáculos estruturais.

Nesse contexto, as falas evidenciam que o futebol permanece como um espaço historicamente masculinizado, no qual as mulheres, especialmente as mulheres negras, precisam enfrentar constantes mecanismos de deslegitimação de suas capacidades profissionais. Segundo Gonzalez (2020), no cerne da história, as mulheres negras sempre estiveram na base da pirâmide das cadeias produtivas de trabalho, servindo como empregadas domésticas, serviços agrícolas manuais, entre outras funções, sempre subalternas aos homens, sendo que, no contexto futebolístico, esse cenário é ainda mais arcaico, pois a mulher ainda é vista como não pertencente e rodeada por violências simbólicas.

Tal realidade dialoga diretamente com as contribuições Almeida (2019), ao compreender o racismo como estrutural e constitutivo das instituições sociais. O referido autor evidencia que o racismo não se manifesta apenas em ações individuais e explícitas, mas está presente nas formas de organização da sociedade, definindo quem possui acesso aos espaços de poder, reconhecimento e prestígio social. No contexto do futebol, isso se expressa na baixa presença de mulheres negras em posições de comando e na dificuldade de consolidação de suas trajetórias profissionais.

Além disso, as narrativas analisadas demonstram que o racismo se articula ao sexismo na produção dessas desigualdades. A condição de ser mulher e negra no futebol coloca essas profissionais em uma posição ainda mais vulnerável, marcada por processos de invisibilização, silenciamento e desprestígio. As participantes revelam que, muitas vezes, não se sentem pertencentes aos espaços esportivos justamente porque historicamente não enxergaram mulheres negras ocupando posições de liderança técnica.

Nesse aspecto, a discussão aproxima-se das reflexões de hooks (2013) e de Gonzalez (2020), ao defenderem que as experiências vividas por sujeitos historicamente marginalizados possuem centralidade na produção de conhecimento e nos processos de resistência. As narrativas compartilhadas pelas participantes não representam apenas relatos individuais, mas

experiências coletivas que revelam as marcas das desigualdades estruturais presentes no esporte como um todo e no futebol de modo explícito.

(2) Acesso à formação profissional

Outro elemento recorrente nas narrativas refere-se às dificuldades financeiras associadas à formação profissional no futebol. As participantes relatam que os cursos, licenças e certificações exigidos para atuação técnica possuem custos elevados, tornando-se inacessíveis para grande parte das mulheres negras interessadas em ingressar nesse campo profissional.

Essa questão evidencia que as desigualdades presentes no futebol também estão diretamente relacionadas às condições materiais de acesso à qualificação. Nesse sentido, as contribuições de Bourdieu (2007) tornam-se fundamentais para compreender a forma como os diferentes tipos de capital (econômico, cultural e social) influenciam as possibilidades de inserção profissional. O acesso às formações técnicas no futebol não depende apenas do interesse ou da capacidade individual, mas das condições objetivas que permitem o acesso aos cursos e às redes de sociabilidade valorizadas nesse campo.

As participantes demonstraram que, antes do programa, muitas dessas possibilidades pareciam distantes ou inalcançáveis. Quando afirmam que "esse tipo de oportunidade muda a nossa perspectiva, porque abre portas que antes pareciam impossíveis de alcançar", as narrativas evidenciam o impacto concreto do apoio financeiro e institucional promovido pela iniciativa. O programa passa, então, a representar não apenas um espaço de formação técnica, mas uma possibilidade real de mobilidade profissional e inclusão social.

(3) Permanência em cargos técnicos

Os relatos presentes no audiovisual evidenciam que a permanência de mulheres negras nos espaços esportivos não depende apenas da formação técnica, mas também da necessidade contínua de afirmação de competência e pertencimento. Ocupar esses espaços de poder significa enfrentar barreiras historicamente construídas para limitar o acesso e a permanência desses

corpos em posições de reconhecimento e liderança no futebol. Nesse sentido, as narrativas revelam que a qualificação profissional, embora fundamental, não elimina os desafios cotidianos vivenciados por essas mulheres em suas trajetórias profissionais.

Quando Keila Lima afirma que "as mulheres precisam provar todos os dias que são capazes", a narrativa evidencia um processo permanente de validação profissional que atravessa as trajetórias de mulheres negras no futebol. Diferentemente dos homens, cuja presença em cargos técnicos costuma ser naturalizada, as mulheres precisam constantemente reafirmar sua competência para serem reconhecidas e legitimadas nesses espaços.

Esse cenário reflete a desigual distribuição de oportunidades no campo esportivo. Com isso, Passero *et al.* (2020), ao analisarem as comissões técnicas do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino entre 2013 e 2019, identificaram que aproximadamente 86% desses cargos eram ocupados por homens, evidenciando a predominância masculina em posições de liderança e tomada de decisão. Essa exigência cotidiana de comprovação revela a permanência de estruturas sociais que associam autoridade, liderança e conhecimento técnico ao universo masculino.

(4) Representatividade e liderança

As narrativas analisadas evidenciam que a representatividade constitui um elemento central na construção das trajetórias profissionais de mulheres negras no futebol. A ausência de referências em posições de liderança contribui para a reprodução de desigualdades históricas e limita as possibilidades de identificação e projeção profissional dessas mulheres.

De acordo com Gonzalez (2020, p. 192), "a maior concentração da força de trabalho feminina ocorre nos setores de prestação de serviços e comércio de mercadorias. A maioria das mulheres negras (69%) trabalha na agricultura e na prestação de serviços". Essa ausência de referências no futebol e em outros espaços de poder aparece de forma bastante significativa nas falas de Isabela Andrade, ao afirmar que "não existe referência de treinadora negra no futebol feminino". A declaração evidencia que a baixa representatividade não é apenas uma questão quantitativa, mas também simbólica e que se repete no

âmbito dos espaços de poder de toda a sociedade (na política, no campo jurídico, nas instâncias de poder de universidades e agências de pesquisa etc.). A inexistência de modelos de identificação impacta diretamente a construção das trajetórias profissionais, dificultando que outras mulheres negras consigam imaginar a si mesmas ocupando esses espaços.

Além disso, a análise evidencia que o programa "Professoras Pretas" possui potencial para produzir transformações que ultrapassam as trajetórias individuais das participantes. Ao enfatizar a necessidade de "formar novas treinadoras para que, no futuro, a gente tenha referências à beira do gramado", Adja Andrade evidencia o caráter coletivo e político da iniciativa. Essa perspectiva demonstra que o programa busca ampliar a presença de mulheres negras em espaços de liderança técnica não apenas como forma de inclusão individual, mas como estratégia de transformação das estruturas históricas do futebol brasileiro. A presença dessas mulheres em posições de comando contribui para tensionar normas sociais historicamente estabelecidas e ampliar as possibilidades de construção de um esporte mais diverso e democrático.

(5) Fortalecimento, pertencimento e resistência

Se os eixos anteriores evidenciaram os obstáculos enfrentados pelas participantes em suas trajetórias no futebol, as narrativas também revelam processos de fortalecimento individual e coletivo construídos a partir da participação no Programa Professoras Pretas. Os relatos demonstram que a iniciativa não atua apenas na qualificação profissional, mas também na construção de vínculos, identidades e estratégias de resistência diante das desigualdades vivenciadas por mulheres negras no campo esportivo.

Ao mesmo tempo que evidenciam os desafios enfrentados, as falas também revelam processos de fortalecimento e construção de novas possibilidades de pertencimento. As participantes demonstram que o programa "Professoras Pretas" atua como um espaço de acolhimento, reconhecimento e valorização de suas trajetórias, contribuindo para romper sentimentos de isolamento historicamente produzidos pela ausência de representatividade. Além da dimensão econômica, as falas revelam que o

programa produz importantes impactos subjetivos e identitários. Ao participarem de um espaço formativo voltado especificamente para mulheres negras, as participantes relatam sentimentos de valorização, reconhecimento e fortalecimento da autoestima profissional. A experiência de estar entre outras mulheres com trajetórias semelhantes possibilita a construção de vínculos coletivos e o compartilhamento de experiências de resistência.

Esse aspecto aparece de forma bastante significativa quando as participantes afirmam que "não é só sobre o curso, é sobre acreditar que a gente também pode ocupar esses espaços". A frase demonstra que o processo formativo ultrapassa os conteúdos técnicos e alcança dimensões subjetivas relacionadas à confiança, ao pertencimento e à construção de novas perspectivas de futuro. As narrativas indicam que o programa contribui para romper processos históricos de silenciamento e exclusão, permitindo que essas mulheres se reconheçam como protagonistas dentro do futebol. Isso é particularmente importante em um contexto no qual os espaços esportivos foram historicamente organizados a partir de referências masculinas e brancas, produzindo barreiras simbólicas para a inserção de mulheres negras.

Outro aspecto relevante identificado na análise refere-se à construção de redes de apoio e solidariedade entre as participantes. A *live* evidencia que o compartilhamento de experiências semelhantes fortalece processos coletivos de resistência e permanência. As participantes demonstram que a troca de vivências possibilita não apenas apoio emocional, mas também fortalecimento político e profissional. Essa dimensão coletiva torna-se importante porque rompe com a lógica individualizante e meritocrática frequentemente presente no esporte de alto rendimento. Em vez de compreender o sucesso profissional como resultado exclusivamente do mérito individual, as narrativas apontam para a importância das redes de apoio, das políticas de inclusão e das ações afirmativas na ampliação das oportunidades para mulheres negras no futebol.

Nesse contexto, o programa também pode ser compreendido como uma ação de resistência às formas tradicionais de organização do futebol. Ao criar condições para que mulheres negras tenham acesso à formação e às redes de profissionalização, a iniciativa atua diretamente no enfrentamento das desigualdades estruturais que historicamente limitaram a presença desses

sujeitos em cargos de liderança. As narrativas analisadas demonstram que o futebol se constitui como um espaço de disputa simbólica e política. A presença de mulheres negras em posições técnicas desafia estruturas historicamente consolidadas, questionando padrões de autoridade e competência associados ao masculino e à branquitude.

Desse modo, percebe-se que a luta dessas mulheres por reconhecimento e permanência no futebol não se limita ao âmbito esportivo, mas se articula a processos mais amplos de enfrentamento ao racismo e ao sexismo na sociedade brasileira. Suas trajetórias revelam que ocupar espaços de liderança representa também disputar narrativas, produzir novas referências e ampliar possibilidades para outras mulheres negras.

A análise permite compreender ainda que o programa "Professoras Pretas" atua em diferentes dimensões simultaneamente. No plano técnico, oferece formação e qualificação profissional por meio de cursos, encontros formativos e atividades voltadas à atuação no futebol. No plano econômico, reduz barreiras de acesso ao custear a participação das selecionadas em processos de formação que, muitas vezes, seriam inacessíveis devido aos seus custos. No plano simbólico, promove espaços de troca de experiências e visibilização de trajetórias de mulheres negras, fortalecendo identidades, autoestima e sentimentos de pertencimento. Já no plano político, contribui para ampliar a representatividade dessas mulheres ao favorecer sua inserção em redes profissionais e em espaços de liderança historicamente ocupados por homens. Dessa forma, o programa articula ações que buscam enfrentar obstáculos estruturais presentes na formação e na atuação profissional no futebol.

Os elementos apresentados ao longo dos eixos analíticos demonstram que as experiências das participantes ultrapassam os desafios individuais relacionados à formação e à atuação profissional no futebol. As narrativas evidenciam os múltiplos impactos produzidos pelo Programa Professoras Pretas, revelando sua importância na promoção de oportunidades, no fortalecimento de trajetórias profissionais e no enfrentamento das desigualdades étnico-raciais e de gênero presentes no campo esportivo.

Os resultados evidenciam que o programa não deve ser compreendido apenas como uma ação pontual de capacitação profissional, mas como uma iniciativa que atua diretamente na construção de condições mais igualitárias dentro do futebol brasileiro, operando a partir da superação das iniquidades no contexto esportivo. Ao possibilitar acesso, permanência e fortalecimento de mulheres negras em cargos técnicos, o programa contribui para questionar estruturas históricas de exclusão e ampliar processos de transformação social no esporte. As narrativas analisadas demonstram que a presença de mulheres negras em espaços de liderança no futebol constitui não apenas uma conquista individual, mas um movimento coletivo de resistência, afirmação identitária e transformação política.

O programa "Professoras Pretas" emerge, assim, como uma importante estratégia de promoção da equidade étnico-racial e de gênero, possibilitando a construção de novas referências e contribuindo para a democratização do futebol brasileiro. Dessa forma, compreende-se que as experiências compartilhadas pelas participantes evidenciam tanto as marcas das desigualdades estruturais quanto as possibilidades de construção de novos caminhos no esporte. As narrativas mostram que, embora o futebol ainda seja atravessado por relações desiguais de poder, iniciativas como o programa "Professoras Pretas" demonstram a importância das políticas de inclusão e representatividade na criação de condições para que mulheres negras possam acessar, ocupar e permanecer em espaços historicamente negados.

Considerações finais

A presente pesquisa buscou compreender de que forma o programa "Professoras Pretas" contribui para a formação profissional de mulheres negras no futebol e sua atuação na sustentação da permanência dessas mulheres em espaços de liderança historicamente marcados por desigualdades étnico-raciais e de gênero. A partir da análise narrativa da *live* realizada no canal da TV FPFPE, foi possível identificar que o programa se constitui não apenas como uma iniciativa de qualificação técnica, mas como uma importante estratégia de enfrentamento às estruturas excludentes que atravessam o futebol brasileiro. Ao mesmo tempo, revela como as próprias

plataformas digitais, a partir de ações institucionalizadas como este Programa, podem operar estratégias de qualificação da informação e de enfrentamento aos problemas estruturais que vemos eclodir nas mais diversas formas de preconceitos, discriminações e violências (físicas, materiais e simbólicas).

As narrativas das participantes evidenciaram que a trajetória de mulheres negras no futebol é marcada por processos contínuos de invisibilização, deslegitimação e necessidade constante de comprovação de competência. Os relatos demonstraram que ocupar espaços de liderança técnica ainda representa um desafio atravessado por barreiras estruturais relacionadas ao racismo, ao sexismo e às desigualdades econômicas. Nesse sentido, o estudo permitiu compreender que as dificuldades enfrentadas por essas mulheres não estão associadas apenas ao acesso à formação, mas também às condições de permanência, reconhecimento e valorização profissional dentro do campo esportivo.

Os resultados apontaram que o programa "Professoras Pretas" possui relevância justamente por atuar em múltiplas dimensões. No plano técnico, possibilita acesso à formação profissional e às licenças necessárias para atuação no futebol; no plano econômico, reduz barreiras financeiras historicamente limitadoras; no plano simbólico, fortalece a autoestima, a confiança e o sentimento de pertencimento das participantes; e, no plano político, contribui para ampliar a representatividade de mulheres negras em espaços de liderança técnica. Além disso, a análise narrativa da *live* selecionada evidenciou que a ausência de referências de treinadoras negras no Brasil produz impactos significativos na construção das trajetórias profissionais dessas mulheres. A baixa representatividade dificulta processos de identificação e pertencimento, reforçando sentimentos de isolamento e distanciamento em relação aos espaços de poder no futebol. Nesse contexto, o programa analisado emerge como uma ação importante de visibilidade e fortalecimento identitário, ao possibilitar que mulheres negras compartilhem experiências, construam redes de apoio e se reconheçam como sujeitas capazes de ocupar posições de liderança.

Outro aspecto relevante identificado ao longo da análise refere-se ao caráter coletivo da iniciativa. As falas das participantes demonstraram que o

programa não atua apenas na formação individual, mas também na construção de processos coletivos de resistência e transformação social. Ao promover espaços de troca, acolhimento e fortalecimento entre mulheres negras, o "Professoras Pretas" contribui para romper lógicas historicamente individualizantes presentes no esporte e fortalece movimentos de permanência e enfrentamento às desigualdades estruturais.

Nesse sentido, compreende-se que a importância do programa ultrapassa a dimensão esportiva, tendo implicações no campo social e político, por exemplo. A presença de mulheres negras em cargos técnicos desafia estruturas historicamente consolidadas no futebol brasileiro, questionando relações de poder construídas a partir da masculinidade e da branquitude como referências de autoridade e competência. Assim, ocupar esses espaços representa não apenas uma conquista profissional individual, mas também um movimento político de resistência, representatividade e transformação social.

Ao mesmo tempo, os resultados permitem reconhecer que, embora iniciativas como o "Professoras Pretas" sejam fundamentais, elas não eliminam, por si só, as desigualdades historicamente presentes no futebol. As narrativas analisadas mostram que as participantes ainda enfrentam processos cotidianos de desvalorização, silenciamento e necessidade constante de validação profissional. Isso evidencia que a construção de um futebol mais diversos e inclusivo exige não apenas ações pontuais de formação, mas mudanças estruturais mais amplas nas instituições esportivas e nos modos de organização desse campo. Se as iniquidades sociais são produto de uma longa história, o enfrentamento dessa questão demandará ações contínuas e de forte enfrentamento para romper com esses ciclos que envolvem dimensões étnico-raciais e de gênero.

Desse modo, o estudo reforça a importância de políticas afirmativas e programas de inclusão que articulem acesso, permanência, suporte institucional e reconhecimento profissional. Mais do que ampliar oportunidades individuais, essas iniciativas possuem potencial para tensionar estruturas históricas de exclusão e contribuir para a democratização dos espaços de liderança no esporte. Destaca-se que esta pesquisa representa um

movimento inicial de investigação sobre a presença de mulheres negras em processos de formação técnica no futebol. A análise realizada evidencia a necessidade de ampliação dos estudos sobre o tema, especialmente pesquisas que aprofundem as trajetórias profissionais dessas mulheres, suas experiências nos espaços esportivos e os impactos das políticas afirmativas em suas formas de inserção e permanência.

Assim, espera-se que este trabalho contribua para fortalecer o debate acadêmico sobre gênero, questões étnico-raciais, formação profissional e representatividade no futebol brasileiro, evidenciando a urgência de construir práticas esportivas mais democráticas, plurais e socialmente referenciadas. Por fim, chama atenção a limitada visibilidade alcançada pela *live* analisada. Mesmo estando disponível há aproximadamente nove meses em um canal que possui mais de 223 mil inscritos, o conteúdo registrava apenas 328 visualizações no momento da coleta dos dados. Embora esta pesquisa não tenha investigado os fatores que explicam esse alcance reduzido, o dado suscita reflexões sobre a circulação e a visibilidade de debates relacionados às questões étnico-raciais e de gênero no futebol. Tal cenário evidência que, além da ampliação de oportunidades para mulheres negras no campo esportivo, permanece o desafio de conferir maior destaque e alcance às discussões sobre as desigualdades do futebol.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção*: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2007.

CONCEIÇÃO, Daniel M. da. Entre vira-latas e heróis: o racismo no futebol brasileiro. *Captura Críptica: direito, política, atualidade*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 224-248, 2023. Disponível em: https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/capturacriptica/article/view/6161. Acesso em: 17 abr. 2026.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. *Revista Tempo*, v. 19, n. 34, p. 45-52, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tem/a/vbn6CksZ5vyDDpKrCZPWMhS/?lang=pt. Acesso em: 17 abr. 2026.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, p. 223-244, 1984. Disponível em: https://patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/GONZAL1.pdf. Acesso em: 28 maio 2026.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir:* a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MUYLAERT, Camila J.; SARUBBI JR., Vicente; GALLO, Paulo R.; ROLIM NETO, Modesto L.; REIS, Alberto Olavo A. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 48, n. spe2, p. 184-189, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reeusp/a/NyXVhmXbg96xZNPWt9vQYCt/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 17 abr. 2026.

OLIVEIRA, George R. B.; ABRAHÃO, Bruno Otávio de L. Antirracismo e futebol: a denúncia do preconceito contra técnicos negros através do ativismo de Roger Machado. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, n. 55, p. 153-173, 2025. https://periodicos.ufs.br/rihgse/article/view/23411

PASSERO, Julia G.; BARREIRA, Júlia; TAMASHIRO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José; GALATTI, Larissa Rafaela. Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. *Movimento*, Porto Alegre, v. 26, e26060, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.22456/1982-8918.100575. Acesso em: 17 abr. 2026.

PROFESSORAS pretas: protagonismo negro no futebol feminino. Publicado no canal TV FPF BETNACIONAL, 11 ago. 2025. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0ss6BGRNK7A. Acesso em: 22 abr. 2026.

RABELO, Amanda O. A importância da investigação narrativa na educação. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 32, n. 114, p. 171-188, jan./mar. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/fSZvft63V58mv3ZVGx3wVzr/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 17 abr. 2026.

TRIVIÑOS, Antonio N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987

Revista Novos Rumos Sociológicos | vol. 14 n. 25 | Jan/Jul/2026
Artigo recebido em 30-05-2026 | Aprovado em 13-07-2026
ISSN: 2318-1966

DOSSIÊ

"O CRIME É O CRIME E EU NÃO POSSO ERRAR": TORCIDAS ORGANIZADAS, PCC E A REGULAÇÃO DO CONFLITO NO FUTEBOL PAULISTA

The crime is what it is and I cannot make mistakes": *Torcidas Organizadas*, the PCC, and conflict regulation in São Paulo football

Edson Linhares da Silva[1]

Eduardo Armando Medina Dyna[2]

Resumo

Este trabalho investiga como a ordem criminal do Primeiro Comando da Capital (PCC) incide sobre as formas de convivência e de administração de conflitos entre Torcidas Organizadas (TO) no Estado de São Paulo. Partindo de uma perspectiva que recusa tanto a redução das torcidas à violência quanto a leitura do crime organizado como agente externo ao universo do futebol, o trabalho sustenta que esses fenômenos compartilham territórios e redes de sociabilidade que os tornam mutuamente constitutivos. A hipótese central é a de que os "Salves" e demais mecanismos de regulação produzidos pela facção, "Debates", "Proceder" e "Ética", atravessam de modo seletivo e situacional as dinâmicas torcedoras, instituindo limites aos conflitos e produzindo formas locais de controle e pacificação que, em certos contextos, são percebidas como mais eficazes do que a mediação estatal. A metodologia utilizada é qualitativa, de caráter exploratório e analítico, combinando revisão bibliográfica nas sociologias do esporte, da violência e do crime, conversas informais com interlocutores vinculados a TO e observação de campo. Os resultados indicam que a redução de conflitos entre TO não decorre exclusivamente de políticas públicas ou da repressão policial, mas também de arranjos informais de regulação capazes de produzir adesão, sanção e credibilidade moral em territórios onde o Estado atua de forma insuficiente. Conclui-se que o PCC não opera como presença meramente repressiva e externa, mas como instância que reorganiza condutas, reconfigura rivalidades e impacta profundamente a sociabilidade torcedora em São Paulo.

Palavras-Chave: Torcidas Organizadas (TO); Futebol; Primeiro Comando da Capital (PCC); Governança Criminal; Regulação de Conflitos.

Abstract

This work investigates how the criminal order imposed by the crime group, Primeiro Comando da Capital (PCC), shapes forms of sociability and conflict management among the fans clubs, *Torcidas Organizadas* (TO) in the state of São Paulo, Brazil. Rejecting both the reduction of these fan groups to violence and the interpretation of organized crime as an external agent to the football universe, the study argues that these phenomena share territories and networks of sociability that make them mutually constitutive. The

[1] Doutorando do Programa Pós-Graduação em Sociologia na Universidade Federal de São Carlos. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4165-5383. E-mail: linhares.edson@yahoo.com.br.
[2] Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia na Universidade Federal de São Carlos. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-6149-2753. E-mail: eduardo.dyna@estudante.ufscar.br.

central hypothesis is that the "*Salves*" (settlements) and other regulatory mechanisms produced by the faction, including "Debates", "Codes" of conduct, and "Ethical" principles, selectively and situationally permeate supporter dynamics, establishing limits to conflicts and producing local forms of control and pacification that, in certain contexts, are perceived as more effective than state mediation. The methodology is qualitative, exploratory, and analytical, combining bibliographic review in the sociology of sport, violence and crime, informal conversations with interlocutors connected to TO, and field observation. The findings indicate that the reduction of clashes between TO cannot be explained solely by public security policies or police repression, but also by informal regulatory arrangements capable of generating adherence, sanction, and moral credibility in territories where state action is insufficient. The article concludes that the PCC does not operate merely as an external or repressive presence, but as an instance that reorganizes conduct, reconfigures rivalries, and deeply impacts fans' sociability in São Paulo.

Keywords: Torcidas Organizadas (TO); Football; Primeiro Comando da Capital (PCC); Criminal Governance; Conflict mediation.

Introdução

Poucos fenômenos mobilizam tantas pessoas, territórios e formas de pertencimento quanto o futebol. Institucionalizado na Inglaterra do século XIX e difundido globalmente ao longo do processo de expansão imperialista, o esporte tornou-se um espaço importante de expressão de identidades, tensões e valores sociais (Giulianotti; Robertson, 2009). Para Norbert Elias e Eric Dunning (1992), o futebol moderno deve ser compreendido no interior dos processos civilizatórios, mobilizando espetacularização, profissionalização e intensificação das emoções coletivas. Desse modo, para além do entretenimento, observa-se uma instituição social que produz, reflete e influencia formas da vida coletiva.

No Brasil, Roberto DaMatta (1982, p. 16) sintetizou essa dimensão com precisão: "o jogo está na sociedade tanto quanto a sociedade está no jogo. Ambos se expressam mutuamente, sendo que suas relações [são] muito complexas". O jogo não aparece separado da vida social, mas diretamente imbricado nela. Essa relação torna-se ainda mais evidente quando observamos que o futebol atravessa os mesmos espaços de sociabilidade em que se manifestam conflitos, exclusão e criminalidade.

O episódio do Massacre do Carandiru apresenta de forma emblemática esse entrelaçamento. A rebelião iniciada na Casa de Detenção de São Paulo teve como estopim uma briga entre presos durante uma partida de futebol no Pavilhão 9, culminando na maior chacina do sistema prisional brasileiro, com

111 mortos (Onodera, 2007; Machado; Machado, 2015; Moraes, 2021). O futebol aparecia ali como espaço de convivência, disputa e projeção de conflitos que extrapolavam o próprio jogo.

As Torcidas Organizadas[3] (TO) fazem parte desse universo. Para além de agrupamentos de apoio aos clubes, constituem formas complexas de sociabilidade, pertencimento e organização territorial (Toledo, 1996). Suas práticas relacionam rivalidades, alianças, circulação urbana e redes comunitárias que atravessam bairros periféricos e diferentes dimensões da cultura popular. Ao mesmo tempo, essas dinâmicas aproximam as torcidas de outras formas de organização presentes nesses mesmos territórios, incluindo aquelas associadas ao crime organizado.

É nesse cenário que se insere o problema deste trabalho. Partindo da realidade do Estado de São Paulo, busca-se investigar os efeitos da atuação do Primeiro Comando da Capital[4] (PCC) sobre as formas de convivência e administração de conflitos entre TO. A hipótese principal sustenta que a facção atua de maneira seletiva na mediação de disputas entre torcidas, produzindo mecanismos informais de regulação e contenção de confrontos que, em determinados contextos, passam a ser percebidos como mais eficazes, ou mais coercitivos, do que os dispositivos tradicionais de controle estatal.

A pesquisa possui caráter qualitativo, exploratório e analítico, combinando revisão bibliográfica sobre Sociologia do Esporte, Sociologia da Violência e Sociologia do Crime, observação de campo e conversas informais com interlocutores ligados às TO paulistas. O artigo está dividido em três seções, além desta introdução e das considerações finais. A primeira discute as TO e suas formas de sociabilidade; a segunda aborda as relações entre ordem estatal e governança criminal em São Paulo; e a terceira examina as interseções entre o PCC e as TO, com foco nas formas de mediação, controle e regulação dos conflitos.

[3]As Torcidas Organizadas são uma particularidade brasileira, com ritos e elementos culturais próprios. Em outros contextos, denominações análogas incluem os "Barras Bravas" na América do Sul, os "Ultras" no Norte da África e Europa, e os "Hooligans" no Reino Unido.

[4] Para fins didáticos, será designado o Primeiro Comando da Capital como "PCC", "Facção", "Comando", "Organização" e "Grupo".

Torcidas Organizadas e sociabilidade futebolística

A história das TO no Brasil é inseparável da própria trajetória do futebol no país. Os primeiros agrupamentos estruturados surgiram entre as décadas de 1930 e 1940, sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro. A primeira referência conhecida é a fundação da Torcida Uniformizada do São Paulo (TUSP), em 1939, seguida pela charanga do Flamengo, no ano seguinte. Essas primeiras experiências organizavam-se em torno da figura do chefe de torcida, personagem que exercia autoridade de forma personalista e, em muitos casos, vinculada às diretorias dos clubes (Lopes, 2023). Como demonstra Hollanda (2012), esse modelo predominou até a década de 1960, quando foi progressivamente deslocado pelo surgimento de dissidências torcedoras.

Essa transformação esteve diretamente ligada às mudanças culturais e políticas que atravessaram o mundo no final dos anos 1950 e ao longo da década de 1960 – mobilizações estudantis, lutas anticoloniais, contestação política e cultural em diferentes contextos (Collins, 2009). No Brasil, esse cenário se relacionava à ditadura militar instaurada em 1964, que restringia os canais institucionais de expressão política (Oliveira, 2009). As antigas torcidas uniformizadas, vistas como excessivamente controladas e subordinadas às diretorias dos clubes, passaram a ser questionadas por jovens torcedores que demandavam maior autonomia. Hollanda (2012) identifica esse movimento como uma passagem da carnavalização para a juvenização, uma alteração não apenas geracional, mas das próprias formas de organização e comportamento coletivo.

Uma das primeiras dissidências ocorreu com torcedores do Fluminense, em 1967. No Rio de Janeiro, em 1969, surgiu a Torcida Jovem do Flamengo, a primeira a incorporar explicitamente o termo "jovem" em sua denominação, seguida pela Torcida Jovem do Botafogo, a Força Flu, a Young Flu e a Força Jovem do Vasco. Em São Paulo, o Grêmio Gaviões da Fiel, relacionado ao Corinthians, foi fundado em julho de 1969, sob o lema "Força Independente", que expressava a recusa à tutela das diretorias (Lopes, 2023). Em setembro do mesmo ano, treze jovens do bairro do Brás fundaram a Torcida Jovem do Santos. Em 1972, membros insatisfeitos da TUSP

romperam com a antiga estrutura após conflitos em uma viagem ao Paraguai, dando origem à Torcida Independente, cuja própria denominação sinalizava a valorização da autonomia coletiva (Capestrani, 2009).

A criação do Campeonato Brasileiro, em 1959, foi outro fator decisivo. Os deslocamentos interestaduais passaram a exigir organização logística própria, arrecadação de recursos, planejamento de trajetos, produção de materiais, incorporando, com o tempo, mecanismos de proteção nos conflitos com rivais. Hollanda (2012) identifica nesse processo uma terceira transformação: a passagem da juvenização para a militarização. A partir dos anos 1970, e mais intensamente nos 1980, rivalidade, revanche e enfrentamento tornaram-se elementos presentes na dinâmica de muitos agrupamentos, produzindo sistemas internos de reconhecimento associados à disposição para o conflito, sem que as dimensões festiva e juvenil desaparecessem, mas passando a coexistir com uma lógica de antagonismo mais permanente.

Desse modo, Toledo (1996, p. 119) define as TO como agrupamentos que compartilham regras, rituais, símbolos e linguagens que "transcendem os padrões normais e, em grande parte, socialmente aceitos daquilo que se entende por torcer". Sua formulação desloca a análise do ato de torcer para um modo de vida em que a pertença à TO envolve formas específicas de vestir, circular, ocupar territórios e construir vínculos, reorganizando, para muitos integrantes, rotinas familiares, profissionais e afetivas. Pimenta (2000) aprofunda essa leitura ao mostrar que, sob a visibilidade dos confrontos explorados pela mídia, operam formas complexas de sociabilidade entre diferentes torcidas, incluindo diálogo, negociação e alianças circunstanciais. O perfil social de seus integrantes é igualmente heterogêneo: trabalhadores, estudantes, pais de família e mulheres de diferentes classes sociais, raças e trajetórias.

Essa heterogeneidade desafia as leituras simplificadoras construídas pela cobertura jornalística e por setores do poder público que, ao conferir centralidade à violência, acabaram obscurecendo outras dimensões constitutivas delas. Campanhas de arrecadação de alimentos, doações de sangue, apoio a famílias vulneráveis e atividades beneficentes fazem parte da

rotina de muitas agremiações (Toledo; Souza Junior, 2020; Caldas; Andrade; Souza Junior, 2022). Essa dimensão aparece de maneira visível nas ações desenvolvidas por diferentes torcidas paulistas em seus territórios de atuação. Sua influência também ultrapassa o universo do futebol, alcançando o carnaval, movimentos culturais e debates públicos mais amplos (Souza Junior, 2022). Em São Paulo, TO como os Gaviões da Fiel, a Mancha Verde e a Dragões da Real mantêm escolas de samba de grande projeção no carnaval paulistano. Conforme apresenta Souza Junior (2022), essa conexão entre torcida e escola de samba evidencia como futebol e cultura popular urbana se entrelaçam em práticas sociais compartilhadas.

As TO ocupam, assim, um espaço marcado por ambiguidades permanentes, produzem pertencimento, solidariedade e reconhecimento coletivo. Em muitos territórios periféricos, preenchem lacunas deixadas pela ausência de políticas públicas, consolidando redes locais de apoio e circulação (Toledo; Souza Junior, 2020). Compreendê-las implica situá-las nas contradições mais amplas da sociedade brasileira. Desse modo, o crime organizado encontra possibilidades de aproximação. O PCC não aparece nas TO como elemento externo a esse universo, mas atravessa os mesmos bairros, circuitos urbanos e redes de sociabilidade que historicamente deram forma a essas agremiações desde o final da década de 1960.

Governança criminal, ordem e mecanismos da regulação do PCC

O PCC surgiu em 31 de agosto de 1993 na Casa de Custódia de Taubaté, o "Piranhão", penitenciária localizada no interior do Estado de São Paulo. Suas causas são múltiplas e se consolidam em dois planos. No plano externo, o contexto do sistema penal fornecia o caldo estrutural, superlotação, infraestrutura precária, violência sistemática dos agentes penais, omissão estatal e ausência de direitos básicos aos detentos. No plano interno, operavam a opressão entre os próprios presos e os interesses econômicos e políticos de indivíduos que detinham o poder fundante da organização (Dias, 2011; Jozino, 2017).

O futebol atravessa esse surgimento de modo que não pode ser reduzido à coincidência. Como mencionado anteriormente, o Massacre do

Carandiru, desencadeado por uma briga durante uma partida de futebol no Pavilhão 9, não apenas catalisou a indignação nas unidades prisionais paulistas, mas também o próprio diretor que presidiu aquela chacina, José Ismael Pedrosa, foi depois transferido para comandar o "Piranhão", tornando-se, paradoxalmente, figura fundamental no contexto que gestou a facção. Se, na introdução, o Carandiru aparece como emblema do futebol como palco da vida social, aqui ele reaparece com outra função: antecedente político e institucional do PCC (Onodera, 2007; Machado; Machado, 2015; Moraes, 2021).

A segunda conexão com o futebol aparece no próprio mito fundador do PCC. Seu surgimento remete a uma partida disputada entre presos ligados ao time Comando da Capital e o Comando Caipira. Os detentos do Comando da Capital emboscaram os rivais durante a partida, resultando em dois mortos. Diante da repressão institucional que se seguiu, oito presos se uniram para defender interesses comuns, enfrentar as condições do sistema penal e construir uma rede de solidariedade entre detentos, pacto do qual emergiu o PCC (Dias, 2011; Jozino, 2017). A dispersão dos envolvidos para diferentes unidades prisionais, ao invés de conter o grupo, favoreceu sua difusão pelo sistema carcerário paulista (Moraes, 2021).

Entre 2002 e 2003, o PCC atravessou uma ruptura interna que resultou na expulsão e no decreto de morte de antigos fundadores e dirigentes. Esse rearranjo marcou a ascensão de uma nova liderança, a centralidade do tráfico de drogas e o fortalecimento de mecanismos próprios de disciplina e regulação de conflitos, ampliando a influência da facção para além das prisões (Jozino, 2017). Era o começo de uma presença que ultrapassaria o sistema carcerário e alcançaria territórios, periferias e, como este artigo demonstrará, o próprio universo das TO.

Os ataques de maio de 2006 expressam esse processo de expansão, rebeliões simultâneas em dezenas de presídios, atentados contra equipamentos públicos, paralisação de bairros inteiros e centenas de mortes ligadas tanto às ações do crime quanto à repressão policial (Salla, 2007; Feltran, 2012). Paradoxalmente, foi após esse período que São Paulo passou a registrar queda consistente nos homicídios. Embora a literatura aponte

múltiplos fatores explicativos, parte significativa das análises destaca o papel das normas difundidas pelo PCC nas periferias paulistas, produzindo formas próprias de administração da violência e regulação das condutas (Biondi, 2018; Silvestre, 2018; Manso; Dias, 2018).

Ao longo das décadas de 2010 e 2020, apesar de momentos de recrudescimento da violência, como em 2012 e 2015, o poder de dissuasão da facção manteve capacidade de impor regras, sancionar desvios e administrar conflitos em diferentes territórios (Dias *et al.*, 2015; Vedovello, 2022). Isso não implica o desaparecimento da violência, mas ajuda a compreender por que, em determinados contextos, parcelas da população passaram a reconhecer no PCC uma instância capaz de produzir proteção, previsibilidade e mediação onde a ação estatal é percebida como insuficiente ou arbitrária (Sinhoretto, 2014).

Os instrumentos que o PCC foi produzindo ao longo do tempo podem ser sintetizados a partir de um conjunto de mecanismos singulares, ou seja, dispositivos próprios da organização que, simultaneamente, ressignificam e incorporam elementos provenientes da justiça estatal, de distintas ordens morais (cristã, periférica e prisional) e de repertórios simbólicos relativos a culturas, masculinidades e virtudes (Dyna, 2023). A esses elementos soma-se uma apropriação estratégica de um *ethos labor*, isto é, de uma ética de trabalho e disciplina que atravessa a maneira como os membros se constituem como sujeitos, organizam-se em redes e se apresentam perante outros grupos e territórios (Rusche; Kirchheimer, 1999; Melossi; Pavarini, 2006).

Esses mecanismos se expressam em quatro categorias articuladas entre si: os "Salves"; os "Debates" ou "Ideias"; a "Ética"; e o "Proceder", cada qual com desenvolvimento próprio, mas todos integrados ao modo de direção que a facção exerce sobre territórios, populações e mercados em que atua. Os "Salves" são um fenômeno polissêmico cujas formas têm se transformado com os avanços tecnológicos e as mudanças sociais. Em resumo, são orientações normativas emitidas pelos dirigentes da alta hierarquia do grupo, que funcionam simultaneamente como ordens, esclarecimentos, discussões internas e mandatos morais, disciplinando comportamentos de membros,

regulando territórios e suas populações sob sua influência (Biondi, 2013, 2018; Dyna, 2023).

Os "Debates" ou as "Ideias" constituem procedimentos internos de resolução de conflitos equivalentes a audiências informais, nos quais os acusados são julgados e punidos a partir de uma base moral ancorada em estratégias discursivas, honestidade e reputação moral perante os membros. Nesses espaços, que podem ser tanto físicos quanto digitais, são avaliadas intenções, lealdade e a gravidade das infrações, incorporando rituais de acusação, produção de prova e deliberação coletiva, mas guiados por uma moralidade própria que prioriza a imagem da facção sobre critérios da justiça estatal (Dyna, 2023). A literatura especializada revela que moradores, trabalhadores e sujeitos no mundo do crime frequentemente acionam as "Ideias" como forma mais prática e eficaz de resolver suas pendências, em substituição às, ou antes das, instituições estatais de justiça e segurança pública (Marques, 2010; Gonçalves; Brito, 2019; Paula; Santos, 2023).

O "Proceder" é outro fenômeno que transcende o próprio PCC, remetendo a códigos morais mais amplos do universo criminal e da violência. No interior da facção, o termo designa uma conduta compatível com sua ética normativa, em oposição às ações consideradas "sem proceder", associadas à deslealdade, ao descontrole, ao desconhecimento das regras do crime ou a práticas moralmente condenáveis. Entre elas, figuram estupros e violências sexuais, roubos em territórios sob influência do Comando, agressões contra sujeitos que são percebidos como indefesos (crianças, gestantes e idosos), além da violência dirigida a usuários de drogas em condição de vulnerabilidade, popularmente denominados "nóias" (Marques, 2010).

A "Ética" do PCC emerge como um sistema moral híbrido, que incorpora valores cristãos, códigos de honra periféricos e prisionais e uma disciplina de caráter laboral, sintetizados em uma expressão que circula entre interlocutores: "o lado certo da vida errada". Essa "Ética" empírica, ao mesmo tempo difusa e coercitiva, condena os desvios de conduta e promove laços de lealdade, obediência e proteção coletiva, relacionados ao "Proceder" individual de membros e pessoas próximas à facção. Ela justifica intervenções como "Salves", posicionando a facção como provedora de ordem nos espaços onde o

Estado atua de forma ineficiente ou arbitrária, numa governança que mescla violência corretiva e solidariedade comunitária a serviço de interesses próprios (Marques, 2010; Biondi, 2018; Dyna, 2023).

Esses componentes podem ser compreendidos, em perspectiva foucaultiana, como dispositivos biopolíticos por meio dos quais se regulam a violência, os riscos e as condutas, produzindo formas específicas de governo da vida, da subjetividade e dos comportamentos. Nesse processo, moldam-se sociabilidades, disciplinas internas e hierarquias de comando no interior da própria organização criminal (Foucault, 2008). "Salves", "Ideias", "Proceder" e "Ética" integram esse repertório normativo que estrutura aquilo que a literatura denomina governança criminal.

A governança criminal constitui um campo interdisciplinar dedicado à análise das formas pelas quais grupos ilegais exercem funções de regulação, punição, mediação de conflitos e administração de interesses em territórios marcados pela fragilidade, omissão ou conivência estatal. Essas dinâmicas não se orientam, necessariamente, pela tomada ou substituição do Estado, mas pela exploração de suas contradições em benefício próprio, estabelecendo relações por vezes simbióticas, por vezes parasitárias (Lessing, 2021; Ferreira, 2025). Nesse arranjo híbrido, atravessado pela coexistência de autoridades públicas, atores privados e agentes não estatais, organizações como o PCC ocupam vazios de poder e produzem formas locais de ordenamento em periferias, prisões e zonas cinzentas, por meio de negociações informais e complementaridades estratégicas (Arias, 2019; Sampó, 2021; Valencia, 2023).

Importa destacar que o PCC não mobiliza esses mecanismos por benevolência. Seus interesses na contenção de conflitos são fundamentalmente econômicos, ligados à proteção de mercados legais e ilegais, e políticos, relacionados à manutenção de uma ordem funcional à sua coesão interna e à legitimidade de sua atuação. Estudos recentes reforçam esse argumento ao demonstrar como a facção se beneficia de falhas estruturais do Estado, como a superlotação prisional, a precariedade das políticas públicas e o abandono de territórios periféricos, consolidando legitimidade local e capacidade regulatória em contextos marcados por mediações estatais insuficientes (Dias, 2024; Dyna, 2023).

O PCC produziu, portanto, a partir de seus mecanismos de ordem e regulação social, uma forma singular de governança criminal, mobilizada em diferentes contextos, temporalidades e situações da realidade em que se insere. Esses conceitos e instrumentos serão retomados na próxima seção, de modo a explicitar como os "Salves" que chegam às TO e à opinião pública, ao mesmo tempo que tensionam conflitos, formas de administração deles e seus efeitos, reverberam no universo do futebol e produzem efeitos sobre milhões de brasileiros. Nesse sentido, a noção de governança criminal, associada aos instrumentos produzidos pelo PCC, permite compreender quais estratégias, causas e efeitos a ordem criminal engendra nas TO, incidindo diretamente sobre os debates em torno do futebol e da segurança pública no Brasil.

Interseções entre PCC e Torcidas Organizadas

No início dos anos 2000, circulavam entre frequentadores de TO indícios de aproximação entre esses agrupamentos e dinâmicas associadas ao crime organizado. Não se tratava de informações confirmadas ou publicamente verificáveis, mas de comentários recorrentes que atribuíam, por exemplo, a um presidente de uma grande TO do Estado, vínculos diretos com o PCC. Ainda que tais associações pudessem decorrer de relações indiretas ou de proximidade com indivíduos ligados ao chamado "Partido", sua recorrência no cotidiano das torcidas indicava um ambiente em que essas conexões eram, ao menos, concebidas como plausíveis.

Entre os anos de 2009 e 2011, os confrontos envolvendo membros da Torcida Independente, do São Paulo, e da Mancha Verde, do Palmeiras, passaram por um processo de intensificação que extrapolou o espaço-tempo tradicional das partidas de futebol. Episódios de emboscadas e agressões deixaram de se restringir aos dias de jogos e passaram a atingir outros âmbitos da vida cotidiana, como locais de trabalho, residências, lares e deslocamentos urbanos. Esse deslocamento ampliou o alcance dos confrontos e produziu um cenário marcado por maior imprevisibilidade e tensão.

Nesse contexto, aparecem de forma mais perceptível referências à imposição de regras externas às torcidas, voltadas a conter a escalada desses conflitos. A partir de relatos compartilhados entre os próprios torcedores,

menciona-se a convocação de lideranças para as "Ideias", ocasião em que teriam sido estabelecidos limites informais para essas práticas. Entre eles, destacava-se a proibição de ações direcionadas a integrantes em seus espaços privados, como residências e locais de trabalho, bem como a delimitação dos confrontos ao contexto dos jogos. Essa regulação, contudo, não se restringia aos torcedores, membros do próprio PCC estariam igualmente proibidos de participar de conflitos entre TO, sendo que o envolvimento nesses episódios poderia acarretar consequências graves dentro da própria organização criminal. O descumprimento dessas diretrizes implicaria, portanto, consequências que poderiam recair não apenas sobre indivíduos isolados, mas sobre os coletivos de modo mais amplo.

Mesmo que fragmentadas e pouco formalizadas, essas intervenções indicavam a presença de mecanismos de mediação que começavam a atuar para além das próprias torcidas. Nos anos seguintes, a relação entre TO e integrantes ligados ao PCC deixaria de aparecer apenas como rumor ou instância ocasional de contenção de conflitos, passando a produzir tensões internas mais evidentes dentro das próprias agremiações.

Um episódio emblemático dessa dinâmica foi o assassinato de Moacir Bianchi, um dos fundadores da Mancha Verde, relacionada ao Palmeiras, executado em março de 2017, na zona oeste da capital paulista. A morte ocorreu após um período de forte instabilidade interna na torcida, marcado por disputas políticas, conflitos entre grupos dirigentes e acusações envolvendo a presença crescente de integrantes associados ao PCC no interior da organizada. Investigações policiais conduzidas à época apontaram a participação de indivíduos ligados à facção, além da existência de reuniões tensas ocorridas horas antes da execução. Reportagens e depoimentos de integrantes da própria torcida descreviam um ambiente de ruptura interna e crescente radicalização das disputas de poder (Polícia apura..., 3 mar. 2017).

Entre torcedores e interlocutores próximos à Mancha Verde, consolidou-se a interpretação de que Moacir representava um setor mais antigo da torcida que resistia à ampliação da influência de membros ligados ao PCC na dinâmica interna da organizada. Apesar dessa motivação não ter sido oficialmente comprovada, ela aparece de maneira recorrente em relatos

produzidos dentro do próprio universo torcedor. A execução de uma figura historicamente associada à fundação e consolidação da torcida foi percebida, por muitos integrantes, como sinal de uma mudança mais intensa nas formas de poder e regulação que atravessavam esses agrupamentos. O caso revelou que as relações entre crime organizado e TO já não podiam mais ser compreendidas apenas como coexistência circunstancial ou presença marginal de determinados indivíduos. As disputas em torno da autoridade, da gestão interna e da própria condução política das torcidas passaram a ser atravessadas por conflitos que extrapolavam o universo esportivo e se conectavam a redes mais amplas de poder territorial e criminalidade urbana.

Essa realidade ajuda a compreender episódios posteriores, como o encontro realizado na Praça Charles Müller, em frente ao Estádio Municipal do Pacaembu, em 2016, que passou a ser reinterpretado retrospectivamente à luz dessas transformações. Reunindo integrantes de diferentes agremiações historicamente marcadas por rivalidades e conflitos recorrentes, o ato foi amplamente divulgado como uma manifestação de solidariedade após o acidente aéreo envolvendo a delegação da Chapecoense. A imagem de torcedores lado a lado, entoando cânticos e suspendendo antagonismos, rapidamente ganhou projeção pública como símbolo de uma trégua possível, mesmo que circunstancial (Torcidas organizadas..., 4 dez. 2016).

Paralelamente à narrativa construída pela cobertura midiática, circularam interpretações que situavam aquele episódio em um quadro mais amplo de regulação das condutas coletivas entre TO. Investigações conduzidas por órgãos de segurança pública chegaram a mencionar a hipótese de que a ausência de conflitos – e a própria realização do ato conjunto – pudesse estar relacionada à difusão de orientações atribuídas ao PCC, no sentido de suspender rivalidades naquele momento de forte comoção pública. Independentemente da confirmação definitiva dessas interpretações, o episódio demonstrou a capacidade de rápida reorganização das condutas coletivas das torcidas e antecipou dinâmicas que se tornariam mais visíveis nos anos seguintes (Adorno, 8 dez. 2016).

Essa hipótese se apoia em conjecturas retrospectivas e também dialoga com um conjunto de elementos observáveis, como a rápida adesão de grupos

historicamente antagônicos, a ausência de incidentes em um contexto que, em outras circunstâncias, seria considerado de alto risco e a circulação de relatos, inclusive em formato de áudio, que indicavam a existência de advertências quanto à continuidade de conflitos. Mesmo que não seja possível estabelecer uma cadeia de comando verificável, o episódio demonstra a presença de uma instância de autoridade reconhecida, capaz de produzir efeitos concretos sobre o comportamento desses coletivos.

O contraste entre a narrativa pública de "paz" e as leituras que apontam para uma indução externa permite tensionar a forma como esses eventos foram interpretados. A suspensão das rivalidades, naquele momento, não necessariamente indica a superação dos confrontos, mas pode ser compreendida como resultado de um processo de regulação que opera por outros meios, fora do alcance direto das instituições estatais. Nesse sentido, a cena do Pacaembu pode antecipar um movimento que se tornaria mais visível nos anos seguintes, a consolidação de limites mais rígidos a conflitos entre TO no Estado de São Paulo, associados à atuação de redes que extrapolam o universo esportivo.

Quando observado nessa perspectiva, esse episódio ajuda a compreender o cenário atual, no qual a redução significativa de conflitos entre TO não pode ser atribuída exclusivamente às políticas públicas de segurança ou às ações das forças policiais. A existência de uma "paz" relativa, nesse caso, parece estar vinculada a arranjos informais de regulação, cuja eficácia reside menos na formalização de normas e mais na capacidade de produzir adesão e impor sanções em circuitos sociais específicos.

Iniciativas pontuais nessa direção já eram mencionadas antes de 2023, geralmente associadas a acordos localizados e de alcance limitado. Um exemplo ilustrativo envolve uma cisão interna à própria Torcida Independente do São Paulo F.C. na qual membros da sede da capital e integrantes do chamado "Bonde do Interior", ligado à cidade de Campinas e região, acumulavam tensões que se traduziam em conflitos recorrentes entre os dois grupos. Para resolver a situação, lideranças de ambos os lados teriam sido convocadas para as "Ideias" com o PCC.

O acordo resultante estabeleceu o fim dos embates e garantiu ao Bonde do Interior o direito de frequentar os jogos do São Paulo F.C. sem restrições. O episódio é representativo da lógica que caracteriza esse tipo de intervenção, mediação pontual, circunscrita a um conflito interno específico, com definição de regras práticas e previsão implícita de sanções em caso de descumprimento. Embora com alcance limitado, casos como esse demonstram que a capacidade de regulação do PCC sobre o universo das torcidas antecede o decreto mais amplo de 2023 e se construiu de forma gradual, por meio de intervenções situacionais que foram sedimentando uma autoridade reconhecida pelos envolvidos.

Os acontecimentos de 2023 são frequentemente descritos, pelos próprios torcedores, como o momento em que uma orientação mais abrangente de contenção dos conflitos teria sido estabelecida. O episódio envolvendo o ataque de integrantes da Mancha Verde contra ônibus que transportavam membros dos Gaviões da Fiel e da Camisa 12 aparece, nesses relatos, como o ponto de inflexão que teria levado à definição de uma regra mais abrangente (RESK, 16 fev. 2023).

A gravidade das agressões e sua repercussão interna entre os envolvidos teriam desencadeado uma cadeia de reações que ultrapassou o circuito habitual das rivalidades futebolísticas. Entre torcedores e interlocutores próximos a essas redes, passou a circular a informação de que o episódio teria atingido indivíduos com conexões diretas com o PCC, o que teria levado o caso a instâncias consideradas superiores dentro da facção. A partir daí, mencionam-se convocações de lideranças de diferentes TO para as "Ideias" em um território específico da capital paulista, nas quais teriam sido estabelecidas diretrizes mais rígidas quanto à continuidade dos conflitos. Segundo esses relatos, a orientação passava a incluir a proibição geral de embates entre TO em todo o Estado de São Paulo, acompanhada de sanções severas em caso de descumprimento, podendo atingir não apenas os envolvidos diretos, mas também posições de liderança das próprias torcidas. A mudança é percebida como um deslocamento de escala, de orientações situacionais para uma diretriz percebida como válida de forma permanente e extensiva.

Nesse contexto, emerge a referência ao conceito de "Decreto". No vocabulário corrente dos interlocutores, o termo designa uma decisão tomada em instâncias reconhecidas de autoridade, cuja validade se estende a diferentes territórios e redes. Falar em "Decreto" implica atribuir a essa orientação um caráter geral, duradouro e dotado de capacidade coercitiva. Seria uma forma de nomear decisões que não operam como acordos negociados entre partes equivalentes, mas como diretrizes cuja observância é esperada e cuja transgressão pode acarretar sanções severas.

Nesse ponto, o "Decreto" é uma interpretação do mecanismo dos "Salves" do PCC, dado por discussões internas que foram externalizadas para o alcance das TO, na forma de uma norma e controle das condutas. Caso o "Salve" fosse descumprido, as cobranças e punições seriam expressas nas "Ideias" entre os integrantes do Comando e os infratores, o que constitui a movimentação da governança criminal do PCC, nesse caso, sobre as TO.

Embora não seja possível acessar empiricamente os procedimentos internos associados a esse tipo de decisão, a própria circulação da categoria "Decreto" produz efeitos relevantes. Ela contribui para estabilizar expectativas de comportamento, delimitar o que é considerado aceitável e, sobretudo, reforçar a percepção de que determinadas práticas, como a organização de conflitos entre TO, deixaram de ser toleradas em qualquer circunstância.

O que se destaca, nesse caso, não é apenas a possível intervenção de uma instância externa, mas a maneira como sua autoridade é reconhecida e operacionalizada nos circuitos sociais em que as torcidas estão inseridas. A eficácia dessas diretrizes parece depender menos de sua formalização e mais da credibilidade das sanções associadas a seu descumprimento, bem como da capilaridade dessas orientações nos territórios e redes de sociabilidade que atravessam o universo das TO.

Entre os dias 15 e 16 de fevereiro de 2023, praticamente todas as consideradas grandes TO do Estado de São Paulo passaram a publicar, de maneira quase simultânea, comunicados oficiais em suas redes sociais proibindo a participação de seus integrantes em confrontos e atos de brigas. A Torcida Independente publicou uma nota oficial com os seguintes dizeres:

> Dentro dos nossos 50 anos de história, a nossa entidade nunca compactuou ou incentivou atos de violência ou covardia.
> Impusemos nossa força e firmamos a nossa tradição, perante o São Paulo FC, rivais e sociedade, sem jamais esquecer do alicerce do "Futebol e Samba", como prioridades da nossa caminhada cinquentenária.
> Sabemos que podemos ajudar a mudar esse cenário de violência atual e assim o faremos.
> Somos uma torcida com um projeto grande de renovação e crescimento, e sabemos da nossa responsabilidade com essa nova geração que está sendo formada.
> Lembramos que defendemos a tese que "violência é proibir a festa", quanto menos festa na arquibancada, o futebol só tem a perder.
> Em reunião entre nossos líderes, diretoria e conselho, foi determinado que não serão tolerados atos de violência ou covardia entre os integrantes das torcidas, ACABARAM AS BRIGAS, sendo passível de punição e exclusão dos quadros de associado (TTI, 2023, p. 1).

A Mancha Verde divulgou comunicado semelhante, afirmando que não toleraria a participação de associados em confrontos, informando ainda que lideranças de bairros e subsedes já haviam sido orientadas a repassar a determinação aos integrantes. Já a Torcida Jovem do Santos declarou que seus associados estavam proibidos de praticar "qualquer ato de violência contra qualquer torcida organizada no estado", acrescentando que o descumprimento acarretaria responsabilizações "dentro e fora do estatuto" (Stabile; Dias, 16 fev. 2023).

A semelhança entre os comunicados, a proximidade temporal de suas divulgações e o caráter imperativo das mensagens produziram forte repercussão entre torcedores, jornalistas e órgãos de segurança pública. Para além de campanhas genéricas pela paz nos estádios, os textos eram percebidos como demonstração de uma orientação comum que ultrapassa decisões isoladas de cada TO. A linguagem utilizada também chama atenção. Expressões como "determinação", "responsabilização", "punição" e "não serão tolerados" indicavam um nível de cobrança distinto daquele normalmente empregado em campanhas institucionais promovidas por clubes ou autoridades esportivas.

Outro aspecto relevante diz respeito ao alcance territorial dessas orientações. As menções às lideranças de bairros e subsedes demonstram a existência de redes organizativas capilarizadas, responsáveis pela circulação das diretrizes e pela fiscalização de seu cumprimento nos diferentes territórios em que essas torcidas atuam. Nesse sentido, a proibição de conflitos deixava

de aparecer como simples recomendação moral ou tentativa circunstancial de pacificação, assumindo contornos de norma coletiva acompanhada de possíveis consequências para aqueles que a desrespeitassem.

A repercussão desses comunicados consolidou, entre muitos interlocutores ligados ao universo das TO, a percepção de que a mediação dos conflitos havia ingressado em uma nova etapa. Se, em períodos anteriores, as intervenções apareciam associadas à contenção de episódios específicos, a partir de 2023 passa a predominar a concepção de uma restrição mais ampla e permanente aos confrontos entre TO no Estado de São Paulo.

Quando comparado a momentos anteriores, esse cenário indica uma mudança significativa. Se, em períodos como o início dos anos 2010, as intervenções apareciam relacionadas à contenção de excessos específicos, como a proibição de ataques a espaços privados, o que se observa a partir de 2023,[5] é a consolidação de um limite mais amplo, que redefine as próprias condições de possibilidade de conflitos entre TO no Estado de São Paulo. Mesmo que episódios de embates não tenham sido completamente eliminados, sua ocorrência passa a ser acompanhada por desdobramentos que extrapolam o universo imediato das torcidas, envolvendo instâncias de cobrança e mediação que atuam em outros circuitos.

Um dos casos mais emblemáticos nesse período ocorreu na madrugada de 27 de outubro de 2024, na Rodovia Fernão Dias (BR-381), na altura da cidade de Mairiporã, quando integrantes da Mancha Verde emboscaram membros da Máfia Azul, torcida ligada ao Cruzeiro. A ação resultou na morte de um torcedor e deixou mais de uma dezena de feridos, além da destruição de ônibus. A gravidade do episódio mobilizou forte presença policial na região nos dias seguintes, afetando inclusive dinâmicas locais associadas ao comércio ilegal de produtos ilícitos.

Diferentemente de outros casos, não circularam relatos consistentes de que os envolvidos tenham sido levados diretamente para as "Ideias", em parte porque muitos foram considerados foragidos pelo Ministério Público de São Paulo após o ocorrido. Ainda assim, menções posteriores indicam que

[5] Esse período não é estranho ao processo de incursão dos mecanismos de ordem e regulação do PCC em outras esferas da vida social, saindo de elos criminais para a governança nas TO. Outros episódios de tentativas de ordem, disciplina e punição são exemplificados nesse contexto histórico (Dyna, 2023).

integrantes da torcida paulista que foram presos preventivamente estariam no chamado "seguro" dentro do sistema prisional, afastados do "convívio", o que sugere algum tipo de consequência indireta (Marques, 2010). No plano das percepções internas às torcidas, o episódio foi frequentemente classificado como "pilantragem", categoria que demarca práticas vistas como ilegítimas dentro de um universo onde o conflito é historicamente presente.

Meses depois, em 26 de janeiro de 2025, um novo conflito ocorreu na Avenida Marquês de São Vicente, na Barra Funda, zona oeste da capital paulista, envolvendo cerca de cinquenta torcedores ligados aos Gaviões da Fiel e à Torcida Independente. O episódio aconteceu horas antes de um clássico pelo Campeonato Paulista, com uso de pedaços de madeira e artefatos explosivos. Apesar da ausência de feridos graves ou prisões no local, relatos posteriores indicam que envolvidos teriam sido convocados para as "Ideias". Não há informações precisas sobre a consequência final dessas reuniões, mas sua recorrência reforça a percepção de que conflitos passaram a ser rapidamente absorvidos por instâncias de cobrança.

No interior do Estado, durante o primeiro semestre de 2025, confrontos entre membros da Independente e da Mancha Verde também evidenciam esse padrão. Em Campinas, um ataque a torcedores palmeirenses em um bar no bairro Botafogo, durante o período do Campeonato Mundial de Clubes, foi seguido por relatos de punições internas direcionadas a integrantes da torcida são-paulina. O episódio é particularmente revelador quando considerado à luz do caso anteriormente mencionado, em que os envolvidos pertenciam justamente ao 'Bonde do Interior', grupo que, como visto, não mantém vínculos orgânicos com a Independente da capital e que, em momento anterior, havia sido parte de um acordo mediado pelo PCC. A ausência de filiação direta à sede da torcida não operou, nesse caso, como atenuante, pelo contrário, o envolvimento no conflito foi tratado como descumprimento do "Decreto", independentemente da origem institucional dos infratores. Entre as sanções mencionadas, aparecem agressões físicas com caráter exemplar, descritas pelos interlocutores como formas de disciplinamento por terem "passado por cima do Decreto".

Situação semelhante é relatada em 20 de novembro de 2025, na região central de São Paulo, no bairro da Bela Vista (Bixiga), após um clássico entre São Paulo e Corinthians. O conflito, ocorrido na Rua Conselheiro Carrão, envolveu uso de paus, barras de ferro e rojões, gerando pânico em uma área residencial e de intensa circulação. Embora não tenha havido detenções no momento, o caso teria sido posteriormente levado para as "Ideias". Relatos indicam que integrantes da Independente foram cobrados e que houve expulsões de membros da torcida por conta da indisciplina. Narrativas mais contundentes mencionam a existência de ameaças diretas às lideranças, com referência à preparação de "duas covas" destinadas aos presidentes das torcidas envolvidas, o que explicita o nível de gravidade associado à transgressão das diretrizes vigentes.

Percebe-se, desse modo, que a chamada "paz" entre torcidas e a ausência de conflitos nesse contexto não se apresentam como resultado de iniciativas institucionais ou de políticas públicas de segurança, mas como efeito de arranjos informais que atuam na conexão entre futebol, território urbano e dinâmicas do crime organizado.

Considerações Finais

A investigação permite sustentar que a presença do PCC sobre as TO paulistas não pode ser compreendida como simples interferência externa no universo do futebol, tampouco como substituição direta da ordem estatal por uma ordem criminal. Os casos analisados apontam para uma forma de regulação situada e relacional, na qual a facção passa a incidir sobre as dinâmicas internas das torcidas quando os conflitos extrapolam a rivalidade esportiva e passam a produzir impactos territoriais, morais, organizacionais e midiáticos mais amplos.

O PCC não emerge nesses contextos como mero agente de violência ou organização orientada exclusivamente pela acumulação econômica. Surge, antes, como instância que estabelece limites, pune desvios, define fronteiras do aceitável e produz expectativas de comportamento reconhecidas por torcedores, lideranças e interlocutores do universo das torcidas. Isso é decisivo para a interpretação dos casos, em que a regulação criminal não opera apenas

pela força física, mas também pela legitimidade prática, pela capacidade de difusão normativa e pela credibilidade da sanção, elementos constitutivos de uma governança criminal.

Os episódios analisados dimensionam esse processo. Os rumores sobre vínculos entre dirigentes e integrantes de torcidas e a facção, as narrativas em torno da morte de Moacir Bianchi, os encontros públicos entre torcidas rivais e os comunicados simultâneos de 2023 indicam que o PCC passou a atuar como instância de delimitação de condutas. Os confrontos de 2024 e 2025 mostram que os conflitos não desapareceram, o que mudou foi sua forma de processamento. Os embates tendem a ser rapidamente absorvidos por circuitos de cobrança, reuniões e sanções orientadas ao restabelecimento da ordem interna ("Salves"), na qual as "Ideias" funcionam como espaço fundante de deliberação e punição.

A governança criminal observada não corresponde, portanto, a uma pacificação absoluta, mas a uma gestão seletiva da violência. O conflito não é eliminado, é regulado, administrado e reorganizado de acordo com interesses de manutenção da autoridade e da estabilidade territorial da facção. A eficácia dessa ordem depende menos da visibilidade de sua cadeia de comando do que da crença compartilhada de que determinadas orientações têm força suficiente para produzir consequências diretas sobre o comportamento dos grupos envolvidos.

A redução dos conflitos entre torcidas em São Paulo não pode, assim, ser explicada exclusivamente por políticas públicas de segurança ou por estratégias repressivas do Estado. Parte desse processo decorre de mecanismos informais de regulação que operam em outra escala de legitimidade, marcada pela capilaridade territorial, pela circulação de normas e pela credibilidade das punições em circuitos que atravessam o legal e o ilegal. Nessa chave, o PCC intervém onde o Estado não alcança de forma qualitativa, mas não o faz para substituir a esfera pública, sua ação está orientada à proteção de interesses próprios, à estabilidade de sua rede e à manutenção de uma ordem funcional à sua governança.

O que se confirma, em síntese, é que a relação entre o PCC e as TO expressa uma modalidade específica de governança criminal que reorganiza

formas de convivência, repertórios de violência e mecanismos de autoridade no interior desse universo. Para além de episódios isolados de intervenção, o que se observa é a incorporação dessas dinâmicas ao próprio modo como os conflitos passam a ser percebidos, administrados e sancionados pelas torcidas, estruturando, de forma duradoura, suas hierarquias internas e suas relações com o território urbano.

Dois desdobramentos, no entanto, escapam aos limites deste artigo e merecem investigação específica. O primeiro diz respeito à crescente presença de empresas de apostas esportivas (as chamadas *bets*), como patrocinadoras de TO em todo o território brasileiro. Investigações recentes sugerem vínculos entre essas plataformas e circuitos de lavagem de dinheiro ligados ao crime organizado, o que coloca o universo das torcidas em uma zona de exposição financeira e criminal ainda pouco mapeada academicamente.

O segundo envolve a reverberação da lógica de contenção dos conflitos entre torcidas em outros estados da federação, particularmente no Ceará, território sob influência do Comando Vermelho (CV), facção rival do PCC. A existência de dinâmicas semelhantes em contextos dominados por outras organizações criminais sugere que o fenômeno aqui analisado pode ser expressão de um padrão mais amplo de governança criminal sobre o futebol no Brasil, e não uma particularidade paulista. Ambas as questões apontam para uma agenda de pesquisa, na qual o futebol se revela, uma vez mais, espelho fiel das contradições que atravessam a sociedade brasileira.

Referências

ADORNO, Luís. Polícia Civil investiga possível ameaça do PCC a torcidas organizadas de SP. *Ponte Jornalismo*, 8 dez. 2016. Disponível em: https://ponte.org/policia-civil-investiga-possivel-ameaca-do-pcc-a-torcidas-organizadas-de-sp/. Acesso em: 16 maio 2026.

ARIAS, Enrique Desmond. Social responses to criminal governance in Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Kingston, and Medellín. **Latin American Research Review**, v. 54, n. 1, p. 165-180, 2019.

BIONDI, Karina. **Junto e misturado**: uma etnografia do PCC. Editora Terceiro Nome, 2018.

BIONDI, Karina. **O PCC**: da organização à ética. *In*: Antônio Rafael Barbosa; Brígida Renoldi; Marcos Veríssimo. (Orgs.). **(I)Legal:** etnografias em uma fronteira difusa. 1ª ed. Niterói: Editora da UFF, 2013, v. 1, p. 23-33..

CALDAS, Phelipe; ANDRADE, Marianna; SOUZA JUNIOR, Roberto. Entre Torcidas Organizadas e Torcidas Antifascistas: considerações sobre as políticas do torcer e suas resistências. **FuLiA**/UFMG, Belo Horizonte/MG, v. 7, n. 1, p. 52–81, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/35626. Acesso em: 14 maio 2026.

CAPESTRANI, Carlos Eduardo. **A festa como transgressão das Torcidas Organizadas**: uma etnografia da Torcida Tricolor Independente. Dissertação em Ciências Sociais – Programa de Ciência Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

COLLINS, Patricia Hill. Freedom Now! 1968 as a Turning Point for Black American Student Activism. *In*: BHAMBRA, Gurminder K; DEMIR, Ipek (ed.). **1968 in Retrospect:** History, Theory, Alterity. New York: Palgrave Macmillan, 2009. p. 3-28.

DAMATTA, Roberto. **Esporte na sociedade**: um ensaio sobre o futebol brasileiro. *In*: **Universo do Futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DIAS, Camila Nunes. **Da pulverização ao monopólio da violência**: expansão e consolidação do Primeiro Comando da Capital (PCC) no sistema carcerário paulista. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

DIAS, Camila Nunes. "Não é só a economia, estúpido": uma abordagem analítica do PCC através do Eixo Prisional-Construtivo-Ideológico. **Revista do Sistema Único de Segurança Pública**, v. 3, n. 1, p. 11-35, 2024.

DIAS, Camila Nunes *et al.* A prática de execuções na região metropolitana de São Paulo na crise de 2012: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, v. 9, n. 2, 2015.

DYNA, Eduardo Armando Medina. **O crime produz segurança?** Uma análise do dispositivo de proteção, segurança e administração de conflitos do Primeiro Comando da Capital nas periferias paulistas. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Marília, 2023. Acesso em: 19 maio 2026.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Governo que produz crime, crime que produz governo: o dispositivo de gestão do homicídio em São Paulo (1992–2011). **Revista Brasileira de Segurança Pública**, v. 6, n. 2, p. 232-255, 2012.

FERREIRA, Marcos Alan. **Organizaciones criminales y gobernanza criminal**. Análisis Carolina, n. 11. Madrid: Fundación Carolina, 2025.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GIULIANOTTI, Richard; ROBERTSON, Roland. **Globalization & Football**. London: SAGE, 2009.

GONÇALVES, Rosângela Teixeira; BRITO, Josiane Silva. Os acordos entre Estado e PCC: a disseminação do Comando nas unidades femininas de São Paulo. **O Público e o Privado**, v. 17, n. 33, p. 41-72, jan./jun. 2019.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **A festa competitiva**: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. *In*: HOLLANDA, Bernardo B. B. de *et al*. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

JOZINO, Josmar. **Cobras e lagartos**: a vida íntima e perversa nas prisões brasileiras: quem manda e quem obedece no partido do crime. Editora Objetiva, 2017.

LESSING, Benjamin. Conceptualizing criminal governance. **Comparative Politics**, v. 53, n. 4, p. 551-573, jul. 2021.

LOPES, Felipe Tavares Paes. **O "trio de ferro" contra a dominação**: torcedores de futebol, ativismo e resistência. 2023. Tese (Doutorado em Ciências Humanas e Sociais) –Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo, 2023.

MACHADO, Maíra Rocha; MACHADO, Marta Rodriguez de Assis. **Carandiru não é coisa do passado**: um balanço sobre os processos, as instituições e as narrativas 23 anos após o massacre. São Paulo: FGV Direito SP, 2015.

MANSO, Bruno Paes; DIAS, Camila Nunes. **A guerra**: a ascensão do PCC e o mundo do crime no Brasil. Editora Todavia SA, 2018.

MARQUES, Adalton. "Liderança", "proceder" e "igualdade": uma etnografia das relações políticas no Primeiro Comando da Capital. **Etnográfica.** Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, v. 14, n. 2, p. 311-335, 2010.

MELOSSI, Dario; PAVARINI, Massimo. **Cárcere e fábrica**: as origens do sistema penitenciário (séculos XVI–XIX). 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

MORAES, Fernanda Rodrigues Pires de. **Primeiro Comando da Capital (PCC)**: organização criminosa ou terrorista? Tese (Doutorado em Direito) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2021.

OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. O esporte brasileiro em tempos de exceção: sob a égide da Ditadura (1964-1985). *In*: PRIORE, Mary del; MELO,

Victor Andrade de (org.). **História do esporte no Brasil**: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 387-416.

ONODERA, Iwi Mina. **Estado e violência**: um estudo sobre o massacre do Carandiru. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

PAULA, Liana de; SANTOS, Wesley Lima dos. Administração de conflitos entre moradores da periferia paulista: o caso do condomínio Tangará em Guarulhos durante a pandemia de Covid-19. **Revista de Sociologia**, v. 56, n.1, 2023. https://doi.org/10.22409/antropolitica.i.a57947

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Violência entre torcidas organizadas de futebol. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 2, p. 122-128, 2000.

POLÍCIA APURA ação de facção criminosa em morte de fundador da Mancha. **Globo Esporte**, São Paulo, 3 mar. 2017. Disponível em: https://ge.globo.com/sp/futebol/noticia/2017/03/policia-apura-acao-de-faccao-criminosa-em-morte-de-fundador-da-mancha.html. Acesso em: 16 maio 2026.

RESK, Felipe. Polícia investiga "salve" do PCC que proíbe briga de torcidas em SP. **Metrópoles**, 16 fev. 2023. Disponível em: https://www.metropoles.com/sao-paulo/policia-investiga-ordem-do-pcc-que-proibe-briga-de-torcida-organizada. Acesso em: 16 maio 2026.

RUSCHE, Georg; KIRCHHEIMER, Otto. **Punição e Estrutura Social**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1999.

SALLA, Fernando. De Montoro a Lembo: as políticas penitenciárias em São Paulo. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, v. 1, n. 1, p. 72-90, 2007. https://doi.org/10.31060/rbsp.2007.v1.n1.8

SAMPÓ, Carolina. Una aproximación teórica: el concepto de Gobernanza Criminal en América Latina.*In*: MEJÍAS, Sonia Alda (Coord.). **Los actores implicados en la gobernanza criminal en América Latina**. Real Instituto Elcano, 2021. (pp.9-19)

SILVESTRE, Giane. **Controle do crime e seus operadores**: política e segurança pública em São Paulo: Annablume Editora, 2018.

SINHORETTO, Jacqueline. Controle social estatal e organização do crime em São Paulo. **Dilemas** - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 7, n. 1, p. 167-196, 2014.

SOUZA JUNIOR, Roberto A. P. de. **Torcidas Organizadas entre Futebol e Carnaval**: uma etnografia sobre a materialização do torcer e do sambar nos Gaviões da Fiel. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022.

STABILE, Artur; DIAS, Carlos Henrique. Torcidas organizadas de futebol divulgam notas para proibir integrantes de se envolverem em brigas. **G1 SP**, São Paulo, 16 de fev. de 2023. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/02/16/policia-civil-de-sao-paulo-investiga-salve-do-crime-organizado-para-proibir-brigas-entre-torcidas-de-futebol.ghtml. Acesso em 19 maio 2026.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique de; SOUZA JUNIOR, Roberto de Alencar Pereira de. Redes populares de proteção: Torcidas Organizadas de futebol no contexto da pandemia da COVID-19. **Ponto Urbe**, n. 26, 2020. https://doi.org/10.4000/pontourbe.8706

TORCIDAS ORGANIZADAS de SP se unem em ato em homenagem à Chapecoense. **G1-SP**, São Paulo, 4 dez. 2016. Disponível em: https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/torcidas-organizadas-de-sp-se-unem-em-ato-em-homenagem-a-chapecoense.ghtml. Acesso em: 16 maio 2026.

TORCIDA TRICOLOR INDEPENDENTE. Nota Oficial Torcida Independente: dentro dos nossos 50 anos de história [...]. São Paulo, 16 fev. 2023. **Instagram**: @torcidaindependenteoficial. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CotWjokOgem/?igsh=MXdrZXNvY25taGYwag==. Acesso em: 19 maio 2026.

VALENCIA, Luis Daniel Vazquez. **Vigilantism and criminal governance**: A family air. **Contemporânea** - Revista de Sociologia da UFSCar, v. 13, n. 3, 2023.

VEDOVELLO, C. D. L. **Quem sangra na fábrica de cadáveres?:** as chacinas em São Paulo e RMSP e a Chacina da Torcida Organizada Pavilhão Nove. 2022. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022.

Revista Novos Rumos Sociológicos | vol. 14 n. 25 | Jan/Jul/2026
Artigo recebido em 30-05-2026 | Aprovado em 13-07-2026
ISSN: 2318-1966

VIRANDO O JOGO: O FUTEBOL DE MULHERES PARA ALÉM DA EXCLUSÃO COM AS BOLEIRAS DO ATERRO NO RIO DE JANEIRO

Turning the tide: women's soccer beyond exclusion with the Aterro Soccer Players in Rio de Janeiro

Liliane Macedo[I]

Resumo

Esse artigo é derivado de uma tese de doutorado em que foi realizada uma etnografia juntamente com um grupo de mulheres que jogam futsal semanalmente em uma quadra pública no Rio de Janeiro. Em um diálogo entre Educação e Antropologia foram levantadas questões sobre gênero, agência e sociabilidade. Para obtenção dos dados foi utilizada a observação participante. O trabalho de campo revelou como se dão as interações das mulheres com esse espaço, entre elas mesmas e com os homens que participam dos jogos. É um grupo fluido, no qual, semanalmente, acontecem associações e dissociações e o único fator recorrente é o acontecimento dos jogos. A relação com os homens, os usos do espaço público, os churrascos, o grupo do WhatsApp e a heterogeneidade desse grupo fazem com que ele seja único. A Teoria Ator-Rede (ANT) de Bruno Latour foi utilizada para descrever como a realidade das Boleiras se descortina e como ocorrem as agências. No Aterro do Flamengo, essas mulheres constituem um modo próprio de prática desse esporte. Em uma relação em que o futebol é o elo e o parque o espaço que possibilita a ocorrência da prática, elas incorporam o jogo e todas as relações nele implicadas. O texto enfatiza que o futebol de mulheres vai além da simples resistência à exclusão, configurando-se como uma produção cotidiana de subjetividades e identidades. O grupo subverte normas de gênero e transforma a quadra em um território de aprendizado e convivência coletiva.

Palavras-chave: Futebol; gênero; agência; sociabilidade

Abstract

This article stems from a doctoral thesis that conducted an ethnography with a group of women who play soccer weekly on a public court in Rio de Janeiro. Through a dialogue between Education and Anthropology, questions about gender, agency, and sociability were raised. A participant observation was carried out to obtain the data. The fieldwork revealed how women interact with this space, among themselves, and with the men who participate in the games. It is a fluid group where associations and dissociations occur weekly, and the only recurring factor is the occurrence of the games. The relationship with the men, the uses of the public space, the barbecues, the WhatsApp group, and the heterogeneity of this group make it unique. Bruno Latour's Actor-Network Theory (ANT) was used to describe how the reality of Boleiras unfolds and how agency occurs. At Aterro do Flamengo, these women constitute their

[I] Doutorado concluído na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Orcid: https://orcid.org/0000-0003-0478-8686. E-mail: liicamacedo@gmail.com.

own way of practicing this sport. In a relationship in which soccer is the link and the park is the space that allows the practice to occur, they incorporate the game and all the relationships involved in its practice. The text emphasizes that women's soccer goes beyond simple resistance to exclusion, configuring itself as a daily production of subjectivities and identities. The group subverts gender norms and the sports court becomes a space for learning and collective interaction.

Keywords: Soccer; gender; agency; sociability

Introdução

No Brasil, o futebol é um esporte que ocupa um local de destaque entre os demais e isso se deve à sua ampla difusão e intersecção com fatos sociais. Aqui, o futebol não é somente uma modalidade esportiva. E, por isso, passou a ser um objeto de estudo e espaço de discussão para cientistas sociais em fóruns acadêmicos nacionais e latino-americanos (Damo *et al.*, 2008).

Roberto DaMatta (1994) sinaliza como se deu o processo de popularização do futebol no Brasil que o transformou neste instrumento privilegiado de dramatização de muitos aspectos da nossa sociedade. O futebol, hoje em dia, é uma prática em que códigos, interesse, identidades, redes de sociabilidade e uma diversidade de sujeitos estão envolvidos, constituindo-se como prática profissional, educativa, ritual e cotidiana, como coloca Eliene Lopes Faria (2008).

Apesar dessa identificação do futebol com o povo brasileiro, este esporte ainda é marcadamente masculino. Como apontado por diversos autores[2] que estudam o futebol no Brasil, a democratização deste esporte e sua consolidação enquanto identidade nacional não aconteceu da mesma forma para as mulheres. Elas foram vítimas de um intenso processo de exclusão dessa prática, fomentada por leis. Somente na década de 1980 as mulheres foram autorizadas legalmente a praticar esse esporte. Entretanto, esses próprios autores mencionados afirmam que, mesmo ilegalmente, mulheres já praticavam esse esporte.

Em menores proporções quando comparado ao futebol masculino, o futebol feminino hoje possui maior representatividade no cenário esportivo brasileiro e mundial. Ao praticar futebol, as mulheres movimentam uma série

[2] Faria (2008), Esperança Sardinha (2011), Silvana Goellner (2005), Fábio Franzini (2005), Suraya Darido (2002) etc.

de símbolos e significados que envolvem questões de gênero, sociabilidade e aprendizagem. Para Damo *et al.* (2008), as *performances* do esporte promovem entretenimento, excitação e sociabilidade do público.

O texto deste artigo deriva de uma tese de doutorado situada nesse contexto de análise dos significados implicados na prática desse esporte por mulheres, como também na investigação da fruição dessa atividade em seu contexto histórico e social. A pesquisa foi realizada juntamente a um grupo de mulheres que praticam o futebol/futsal[3] amador, semanalmente, em uma quadra pública na cidade do Rio de Janeiro – as "Boleiras do Aterro". O futebol amador praticado por essas mulheres não é apenas lazer ou prática esportiva, mas uma forma cotidiana de produção de sociabilidade, ocupação do espaço público e construção de agência feminina, tensionando normas históricas de gênero no futebol brasileiro.

O grupo das Boleiras do Aterro é um grupo grande e bem heterogêneo, considerando o perfil de suas participantes, e possui organização e regras próprias, além de acontecer em um espaço público – o Aterro do Flamengo.[4] Esses fatores fazem com que esse grupo tenha sua própria individualidade e importância social. As jogadoras possuem idades bem diferenciadas. Durante a observação em campo, que se deu entre 2021 e 2023, identificamos meninas de 16 anos, assim como mulheres de 63. Elas são oriundas de diversos bairros do Rio de Janeiro e não somente dos arredores do Aterro. É um grupo que se reúne desde 2016 e tem uma rotatividade muito grande de participantes. Nas redes sociais do grupo encontramos a descrição do mesmo como:

> Grupo de mulheres que amam jogar futebol. Nos reunimos todos os domingos das 09:00 às 11:00 h na quadra perto do posto 2 - Praia do Flamengo (Aterro). Entre em contato conosco para que seu número seja incluído no nosso grupo de WhatsApp.

[3] Vale pontuar que em alguns momentos do texto uso Futebol e Futsal como sinônimos. O Futsal é uma adaptação do futebol para prática em uma quadra esportiva, com times de cinco jogadores cada. Anteriormente era chamado também de Futebol de Salão. Maiores informações podem ser encontradas em: <https://www.cbfs.com.br/futsal-origem>. Acesso em 20 mar. 2021.

[4] O Parque do Flamengo, oficialmente nomeado Parque Brigadeiro Eduardo Gomes, mas conhecido popularmente como Aterro do Flamengo, é um parque urbano à beira mar com 1.251.244, 20 m² de área verde, localizado no Bairro do Flamengo, junto à orla da Baía de Guanabara. Ele se estende do Aeroporto Santos Dumont até o início da Praia de Botafogo. Foi inaugurado em 12 de outubro de 1965, mesmo ano de seu tombamento realizado pela Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN) o atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) – com base em Ana Almeida (2012); Márcia Chuva, (2017); Maria Lucia Menezes (2017); Ana Rosa Oliveira (2006); Haruyoshi Ono (2002); Portal Multirio (O Aterro..., [s.d.[); e Portal Rio Prefeitura (Parque..., [s.d.]; Informações..., [s.d.]).

O Aterro é conhecido por seus frequentadores e moradores do Rio de Janeiro como um lugar privilegiado para a prática de atividades físicas, esportes e lazer desde sua inauguração. O tombamento foi importante para garantir que não houvesse outras implicações e usos diferentes das suas finalidades iniciais. Apesar da disputa constante e das inseguranças sobre os usos do espaço, o parque se tornou uma grande área de lazer e práticas esportivas na cidade do Rio de Janeiro e é frequentado por moradores de todos os bairros e não somente por aqueles que residem no entorno e, mesmo localizado na Zona Sul, não se elitizou, tornando-se uma área de convívio e diversão popular (Almeida, 2012).

De acordo com Almeida (2012), as peladas acontecem nas quadras de futebol do Aterro desde sua inauguração, e estas são provavelmente o "pedaço" mais ocupado e disputado do parque. Ela mostra, a partir de sua pesquisa em jornais, como o Aterro do Flamengo passou a ser considerado o lugar das peladas e "templo sagrado" dos peladeiros na cidade do Rio de Janeiro. Sobre os peladeiros, ela afirma que:

> Eles compartilham códigos comuns e fazem daquelas quadras uma área de sociabilidade que, em determinadas circunstâncias, vai além do esporte. Aquelas quadras de futebol são o 'pedaço' dos peladeiros no Aterro do Flamengo e na cidade do Rio de Janeiro e lá eles se identificam enquanto tal (Almeida, 2012, p. 29).

Em uma reportagem da revista Placar, em 1971, sobre o Campeonato Carioca de pelada, o Aterro já era conhecido como palco das peladas na cidade. Entretanto, esse espaço é ocupado majoritariamente pelo público masculino. Na pesquisa, foi possível identificar como as Boleiras enxergam a relação de ser mulher nesse espaço. Elas reconhecem as discriminações enfrentadas em razão do gênero, mas também compreendem todo o caminho que já foi percorrido até aqui e o papel que possuem ao perpetuar essa prática em um espaço público e aberto a todas as mulheres que desejam jogar. As jogadoras afirmam que o grupo, que ocupa esse espaço há muitos anos, possui uma responsabilidade social pela ocupação desse espaço masculino e que servem de exemplo para outras meninas e mulheres.

Quando abordamos o futebol de mulheres, grande parte das pesquisas focam nas discriminações, exclusões e proibições históricas. Poucas pesquisas focam na compreensão do futebol para além do jogo, o jogo como um "fato social" no qual o foco está nas jogadoras e o jogo enquanto um espaço de produção de subjetividades, de construção de relações e de aprendizagem e sociabilidade. Assim, a discussão sobre agência permitiu compreender as jogadoras de futebol a partir de uma perspectiva comparativa e crítica. Observou-se que cada mulher possui modos singulares de ser e existir no mundo, tensionando os estereótipos de gênero e as práticas discriminatórias que frequentemente reduzem suas vivências no esporte tão somente às situações de preconceito. Na Antropologia, encontrei o aporte teórico que permitiu ir além dessa visão reducionista do que é o futebol feminino, especialmente o amador, no Brasil, reconhecendo as discriminações enfrentadas pelas Boleiras em sua prática futebolística, em razão do gênero, mas não reduzindo sua participação ao preconceito enfrentado.

Assim, este artigo busca analisar como mulheres praticantes de futebol amador no Aterro do Flamengo produzem formas de resistência cotidiana, agência e sociabilidade através da ocupação coletiva do espaço público. Para obtenção dos dados foi realizado um trabalho de campo etnográfico utilizando a observação participante.

Meu esforço foi o de buscar compreender o futebol para além do jogo, o jogo como um "fato social" a partir da noção de "fato social total" de Marcel Mauss (2003), em que o foco está nas jogadoras e o jogo enquanto um espaço de produção de subjetividades, de construção de relações, de aprendizagem e sociabilidade. Segundo o autor:

> Nesses fenômenos sociais 'totais', como nos propomos chamá-los, exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo –; econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição –; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam estes fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam (Mauss, 2003, p. 187).

Agência, futebol e redes de sociabilidade

A ocupação do espaço do Aterro pelas mulheres é, por si só, uma modalidade de agência e um ato de resistência. A partir da prática do futebol, as Boleiras constroem redes de sociabilidade que subvertem a ordem urbana vigente.

A agência, aqui, é entendida por meio do paradoxo da subjetivação, sendo – segundo Saba Mahmood (2006, p. 135):

> um processo que não só assegura a subordinação do sujeito às relações de poder, mas também produz os meios através dos quais ele se transforma numa entidade autoconsciente e num agente. Nesta perspectiva, a agência não é simplesmente um sinônimo de resistência a relações de dominação, mas também uma capacidade para a ação facultada por relações de subordinação específicas.

Dessa forma, devemos pensar a "agência" não simplesmente como um sinônimo de resistência às normas sociais, mas como uma modalidade de ação que levanta questões interessantes sobre o tipo de relação estabelecida entre o sujeito e a norma (Mahmood, 2005). É preciso "conceptualizar a agência não só como um sinônimo de resistência a relações de dominação, mas também como uma capacidade para a ação criada e propiciada por relações de *subordinação* específicas" (Mahmood, 2006, p. 133, ênfase no original).

Pensar a prática de futebol por mulheres, em um espaço público ocupado majoritariamente por homens, a partir do conceito de agência contribui para reflexão e compreensão das ações realizadas pelas Boleiras para permanência nesse espaço, que podem ser de resistência ou não. Existem poucas pesquisas que apontam as estratégias utilizadas pelas jogadoras na prática do futebol e as poucas que apresentam não fazem nenhuma relação com o conceito de agência. Mas, ao fazer essa relação, podemos compreender as praticantes desse esporte, como agentes, e entender que suas ações dentro desse espaço esportivo são feitas conscientemente.

Pensando no grupo das Boleiras do Aterro, o futsal é o que une essas pessoas. Entretanto, apesar de ter participantes que estão presentes praticamente todos os domingos, este agrupamento possui uma especificidade: existe uma constante modificação das integrantes. Praticamente todo domingo é possível observar uma nova jogadora, ou

jogadoras pontuais, que estão pelo Aterro e participam somente naquele dia. Também acontece de Boleiras que participam do grupo há muitos anos passarem muito tempo sem ir jogar. Portanto, nessa dinâmica, não importa quem são as mulheres presentes, o que realmente importa é que tenha a quantidade necessária para que seja possível a realização do jogo. Nessa dinâmica, semanalmente acontecem associações e dissociações e o único fator recorrente é o acontecimento dos jogos, independentemente de quais sujeitas estejam presentes.

George Simmel (1983, 2006) defende que a base da sociedade humana se dá a partir da interação entre os indivíduos que se agrupam em unidades a partir de seus interesses individuais, e se desenvolvem conjuntamente para satisfazer tais interesses. É na interação com o outro que as coisas se tornam sociais. Simmel nomeia essa forma de interação como "Sociação". A sociação depende da forma e do conteúdo, sendo a forma caracterizada como a maneira em que os indivíduos interagem e o conteúdo é tudo que existe no indivíduo como interesses, impulsos e objetivos. Dessa maneira, a sociação cria diversas formas de interagir, guiadas pelo interesse. Esse interesse e necessidade faz com que os indivíduos se unam em um desejo de estar associados, pois existe uma satisfação nisso. Simmel (1983) nomeia esse fenômeno como "impulso da sociabilidade", que faz com que a sociação seja um valor apreciado. Isso constitui a sociabilidade.

A sociabilidade é definida pelo autor como forma lúdica ou autônoma da sociação, desligada de qualquer formalidade. Para ter sociabilidade é preciso que haja autonomização total na interação, ou seja, ela precisa estar desvencilhada da realidade, deve ser pura, com interesses múltiplos e não ter outra finalidade além do prazer de socializar. A sociabilidade é restrita aos associados e aquele espaço de tempo não é compartilhável com terceiros, não pode ser acumulada e deve atender a interesses comuns. A sociação é prazerosa para as pessoas envolvidas, que se associam por vontade própria e se ligam uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si.

Elias e Dunning (1992) também abordam a questão da sociabilidade, especialmente na questão do lazer e desporto. Para os dois autores, a sociabilidade é um elemento básico do lazer. E por isso promove um

sentimento agradável de prazer ao estar na companhia de outras pessoas, livre de obrigação e por vontade própria. Nesse sentindo, o lazer proporciona uma maior interação entre as pessoas. Os autores argumentam ainda que "as categorias de sociabilidade como uma forma de passar o seu tempo livre, tanto quanto se pode ver, diferem grandemente nos diferentes estratos da sociedade" (Elias; Dunning, 1992, p. 109).

Apesar de as Boleiras realizarem essas associações de forma voluntária e lúdica, em seu contexto, o objetivo não é necessariamente o lazer, a diversão, ou estar perto das demais jogadoras, pois a cada domingo as pessoas ali presentes podem ser diferentes. No caso delas, o maior objetivo é jogar futebol, esse é o motivo pelo qual elas realizam as associações. Diferente de Simmel, para quem o indivíduo é uma entidade discreta, em Latour (2012) ele é um coletivo ou, como o autor nomeia, actante.[5] Durante o trabalho de campo com as Boleiras do Aterro, um dos pontos que observei foi essa rede, que envolve homens, mulheres, os espaços públicos, redes sociais e outros actantes, em que minhas interlocutoras estão inseridas. É um grupo que possui um ordenamento próprio, no qual as relações são tecidas de maneira que o futebol se torna o elo, ou o conteúdo, impulso, interesse, que leva essas jogadoras até o Aterro.

Então, para compreender e descrever o grupo Boleiras do Aterro, utilizei as contribuições de Bruno Latour (2012) e sua Teoria Ator- Rede (ANT). A ANT nos ajuda a apreender de forma descritiva como a realidade se descortina e como ocorrem as agências. Para Latour, o social, tido como dado e estabilizado, deve ser questionado e explicado. A ANT é uma teoria provocativa, que modifica tudo que conhecemos como base teórica para compreensão dos fenômenos sociais. Nessa perspectiva, não existe e nunca existiu uma divisão entre sujeito e objeto, estrutura e ação, macro e micro. Essas dualidades são invenções da modernidade. Dentro das associações, esses papéis podem se inverter e um sujeito tornar-se objeto e um objeto tornar-se sujeito. As relações são heterogêneas e sempre associativas e descritivas (Latour, 2012).

[5] Latour utiliza esse termo para incluir não humanos, pois o termo ator se refere a humanos.

Latour (2012) sinaliza que actante, que se trata de um coletivo de agências humanas e não humanas, é tudo aquilo que gera uma ação, cria movimento, transforma, traduz, modifica e até distorce o sentido e significado que ele mesmo carrega. Humanos e não humanos devem ser tratados simetricamente e a análise deve ser feita em termos de inter-relações, mediações e traduções. Um indivíduo nunca é um ser isolado, ele está sempre em relação com tudo que está ao seu redor. Assim, é importante não considerar o indivíduo ou os objetos de forma separada.

O ator não é a fonte da ação, essa causalidade não existe na ANT. O que existe é o ator enquanto alvo em movimento de um conjunto de entidades que vão se alinhar em direção a esse ator. Na ação, nunca temos a certeza de quem ou o que está agindo. Um ator em cena nunca está sozinho, ele sempre vai estar associado a outros atores. Então, a ação vai ser sempre uma atividade coletiva. Dessa forma, a rede é o conjunto das interações dinâmicas entre os actantes, que se transformam e afetam mutuamente e continuamente. Essas ações que definem as redes. A agência é uma propriedade que emerge das redes a partir da interrelação entre humanos e não humanos.

As interações entre os actantes, ou seja, as conexões criadas dentro de uma rede são chamadas de associações. Para Latour (2012) essa associação está sempre em constante movimento e é feita entre elementos heterogêneos que se encontram, se recombinam e se refazem, criando novos agrupamentos. A partir das redes, ideia de um condutor que permite que as translações ocorram a partir das associações, é possível explicar uma realidade que se mostra como estável. Em rede não existe um domínio compartimentalizado – todos os domínios são formados por elementos extremamente heterogêneos – , o que existe são associações heterogêneas que se dão pelo efeito rede. Os atores são efeitos do trabalho das redes.

Na ANT, a realidade nunca é estável, é sempre fluída, performática e composta por redes que fluem, que são inconstantes e sempre em movimento. Ao explorar uma organização, como o grupo das Boleiras, a partir da teoria ator-rede, precisamos entendê-la como um efeito, uma consequência e não algo dado, pronto e estável. Para que essa organização se mantenha é

necessário que se operem várias estratégias para gerar uma durabilidade de rede. O que é mostrado como estável são, na verdade, padrões recorrentes de associações que estão em constante movimento para manter determinada estabilidade, são padrões de rede amplamente executados (Latour, 2012).

As organizações, ou grupos, são redes heterogêneas que possuem interesses comuns. Durante o trabalho de campo com as Boleiras do Aterro, o que mais me chamou atenção foi essa rede de sociabilidade, em que as associações são temporárias, pois são feitas e desfeitas semanalmente, envolve homens, mulheres, espaços públicos, momentos de lazer, objetos, fatores climáticos, comidas, bebidas, redes sociais e outros actantes – e as interlocutoras estão inseridas nessa rede.

As Boleiras compõem essa rede que, apesar se mostrar estabilizada, pois acontece todos os domingos há alguns anos, está sempre em movimento, criando novas associações e mantendo algumas já existentes a partir de um movimento de translação constante em que as relações são tecidas de maneira que o futebol se torna o elo, ou o conteúdo, impulso, o interesse, que leva essas jogadoras até o Aterro. O que é apresentado neste artigo se trata de "uma etnografia das Boleiras do Aterro" na qual o grupo Boleiras do Aterro é descrito de forma densa, revelando as associações que são feitas entres os actantes para construção dessa realidade.

A sociabilidade nessa composição é marcada por uma dinâmica que envolve não somente as partidas de futebol em si, mas momentos anteriores como as conversas no grupo do WhatsApp, disponibilidade da quadra, equipamentos, condições climáticas e momentos pós- jogo como os churrascos, as resenhas,[6] a ida a algum bar, a relação com homens e outros elementos que iremos aprofundar abaixo.

O grupo do Whatsapp

O grupo das Boleiras no WhatsApp é elemento importante na dinâmica e manutenção do grupo. É pelo aplicativo de mensagens que se organiza, semanalmente, o próximo jogo. Somente depois de comparecer aos jogos no Aterro por três domingos consecutivos uma jogadora novata é adicionada ao

[6] Termo muito utilizado pelas boleiras para designar esse momento de confraternização pós-jogo.

grupo do aplicativo de mensagens e passa a ser oficialmente uma Boleira do Aterro. Dessa forma, as novas integrantes ficam às cegas sobre o que irá acontecer no próximo domingo, podendo se deslocar até o Aterro e não encontrar o grupo em quadra. O grupo possui regras e todas as participantes precisam se submeter a elas para permanecerem como membras.

Para que os jogos aos domingos aconteçam, é necessário que dias antes alguma participante inicie a lista de presença. A partir da lista, é possível saber se haverá pessoas suficientes para realizar os jogos. Em alguns dias já aconteceu de no sábado à noite a lista ainda não ter sido iniciada. Nesses casos, as jogadoras mais assíduas costumam cobrar a realização da mesma. A cobrança pela lista e pela participação é comum, sempre com a justificativa de que, se não houver jogo, elas podem acabar perdendo o horário da quadra, que pode vir a ser ocupada por outras pessoas. A cobrança costuma funcionar e sempre surgem nomes na lista. Em datas como feriados costuma ocorrer mais ausências devido às viagens.

Se a lista não é feita no grupo, as Boleiras entendem, por consequência, que não haverá futebol naquele domingo que se seguirá. Assim como em situações em que não se atinge um número mínimo de jogadoras para que seja possível montar dois times, de quatro jogadoras cada e um homem como goleiro, ou seja, oito mulheres. Nesses casos, sempre há algum tipo de conflito no grupo. Algumas jogadoras ficam incomodadas quando a lista não alcança esse número mínimo de pessoas. Em alguns casos sinalizam que, apesar de o grupo ter muitas participantes, a maioria não é participativa e chamam atenção das moderadoras do grupo para excluir as jogadoras inativas que só “ocupavam o grupo”.

Também é no grupo que o jogo pode ser cancelado devido a fatores como chuva, calor intenso, falta de material ou impossibilidade do uso da quadra. A quadra utilizada pelas Boleiras não é coberta; então, em casos de chuvas ou até mesmo no calor intenso, que às vezes acomete o Rio de Janeiro, os jogos precisam ser cancelados. Durante meu trabalho de campo, diversas situações como essa aconteceram, especialmente no período das chuvas. Algumas vezes a lista estava cheia, mais de 10 participantes, e no domingo amanhecia chovendo e o jogo precisava ser cancelado.

O aplicativo de mensagens também é utilizado para conversar sobre futebol profissional. Na copa do mundo de futebol, tanto masculina quanto feminina, o grupo estava sempre movimentado, todas comentando os jogos, dando palpites técnicos, criticando e comemorando as vitórias. Em jogos de times cariocas, essa situação também é recorrente. É comum o envio de memes, áudios ou imagens com o objetivo de "tirar sarro" das Boleiras que torcem para o time perdedor. Esses assuntos, por se tratar de futebol, são permitidos no grupo e geram uma grande interação das participantes, sempre em clima amigável, mesmo com as "zoações".

Diferentemente das "zoações" sobre futebol, durante as eleições presidenciais, assuntos sobre política surgiram no grupo e geraram conflitos e discussões. É regra, fixada na descrição do grupo, que assuntos envolvendo política não são permitidos no grupo. As moderadoras solicitaram que as mensagens de cunho político fossem apagadas e que não enviassem mais. No caso de descumprimento, as participantes poderiam ser excluídas do grupo.

Dessa forma, numa perspectiva ANT, o grupo de WhatsApp é um actante que está sempre fazendo e desfazendo associações em torno da realidade que é futebol aos domingos. As Boleiras do Aterro não existem sem o grupo do WhatsApp, elas se fazem juntamente com ele a partir dessas interrelações.

Futebol (não só) de mulheres

Desde minha primeira ida a campo, pude observar que a presença masculina no futebol das mulheres era um ponto essencial para a pesquisa. Os jogos sempre acontecem com a presença de homens como goleiros. Em todas as idas a campo, lá estavam eles atuando junto com as Boleiras como goleiros e, em alguns casos, em outras posições. Ainda no início do trabalho de campo, pude conhecer alguns desses homens que eram figuras recorrentes aos domingos no futebol das boleiras. Posteriormente, descobri que eles fazem parte de um grupo de homens que também jogam futsal todo domingo naquela quadra, e ocupam o horário das 07:00h às 09:00h, antecedendo o horário das Boleiras. Além de participarem como goleiros em todos os jogos – não houve nenhum domingo durante o trabalho de campo que não tivesse pelo menos

dois homens como goleiros –, eles possuem papel essencial na dinâmica estabelecida pelas Boleiras.

O grupo masculino é majoritariamente composto por homens adultos, na casa dos 30/40/50 anos, e que, assim como as mulheres, se reúnem semanalmente para jogar. Alguns deles se dispõem a jogar como goleiros no futebol das mulheres, e assim completar os times,[7] tendo em vista que raramente alguma goleira está presente nos jogos. Muitas das vezes, se os goleiros não estivessem presentes, não seria possível realizar o jogo feminino. Dessa forma, eles têm papel fundamental na dinâmica desses jogos.

Ao trocar a utilização do termo "futebol feminino" para "futebol de mulheres" Kessler (2015) sinaliza que universo futebolístico de mulheres é composto por mulheres e homens que assumem diferentes papéis sociais e ressalta que, apesar de o futebol ser de mulheres, a presença masculina se faz necessária e importante. "O futebol de mulheres é um espaço de prática futebolística e sociabilidade no qual predominam as mulheres, mas elas não são exclusividade" (Kessler, 2015, p. 31).

> Esse futebol não é um futebol 'das' mulheres, elas não o possuem e não são apenas elas que o compõem. Neste universo transitam não apenas mulheres, mas também homens que realizam investimentos de tempo, dinheiro ou emoções. O futebol é "de" mulheres, porque essa prática assume diferentes significados e suas condições materiais e sociais são diferentes, precisando se adequar ou se recriar. É um futebol que não se enquadra nas análises apenas adaptadas do futebol de homens; é um novo mundo que se apresenta, no qual as mulheres não são intrusas, mas participantes ativas (Kessler, 2015, p. 33).

Mizrahi (2018), em seu texto "'O Rio de Janeiro é uma terra de homens vaidosos': mulheres, masculinidade e dinheiro junto ao funk carioca", mostra que a mulher é fator essencial para produção do masculino. No baile *funk*, ter mulheres consigo atribuiu poder ao homem, assim como o dinheiro. Então, os homens ficam dependentes de se fazer sempre na relação com as mulheres. As mulheres, por sua vez, não adquirem poder somente pela companhia do homem. Muitas delas usam esses homens somente para desfrutar do dinheiro, bebidas e *status*. Mizhari (2018), entretanto, afirma que os homens,

[7] Às vezes, também é preciso jogar em outras posições, quando não tem o número necessário de jogadoras.

em muitas situações, estão cientes de estarem sendo usados pelas mulheres, mas se submetem ao jogo assim mesmo.

Da mesma forma, as jogadoras reconhecem essa importância e essencialidade da participação masculina para realização do futebol das boleiras. Elas os caracterizam como parceiros, amigos, colegas e possuem uma relação boa e amistosa com todos. Em conversa com algumas mulheres, em um dos domingos, comentei sobre a importância dos homens para que o jogo ocorresse. Nesse dia, um rapaz jogava também como "jogador de linha"[8] completando uma equipe em que só havia três mulheres. Elas concordaram, e, segundo Lua, uma das participantes, os meninos contribuem muito para que elas não percam a quadra, pois, quando não conseguem chegar às 9:00h, são eles que seguram a quadra para elas. Normalmente, eles continuam jogando após seu horário, até que chegue um número significativo de jogadoras.

> A questão dos rapazes que estão aqui, foi um casamento com a gente. Querendo ou não foi um casamento legal, porque não são todos os homens mesmo que aceitam. Eu creio que isso foi mesmo, mais por causa da idade, a maioria que está aqui, já passa dos 30 e tem uma cabeça totalmente diferente, respeita as mulheres. Esse grupo que está aqui, respeita as mulheres e eles participam muito com a gente, em relação tanto de jogar quanto no divertimento. (Lua, boleira do Aterro)

O relato de Lua sobre a relação com os homens corrobora o que pude observar nos quase dois anos de trabalho de campo, eles sempre estão jogando com elas. Sobre a relação com os homens, em um dia de churrasco, Bia me contou que é bastante amigável, embora mais distante do que a relação com as meninas. Ela também contou que alguns homens, não aqueles que sempre estão presentes com elas, algumas vezes se opõem à presença feminina e não são tão amigáveis.

> Porque eles têm o futebol deles aqui e nem sempre a gente é bem-vinda para integrar o futebol deles. Na maior parte do tempo a gente é bem-vinda para integrar o espaço deles, mas às vezes não. Às vezes eles colocam certos entraves como deixar a gente esperando por mais tempo. Alguns dos colegas deles se colocam contra a nossa participação e os outros têm que vir nos defender. Às vezes rolam discussões também entre os meninos e as meninas, os meninos que

[8] Jogadores de linha no Futsal são os quatro jogadores que formam o time juntamente com o goleiro. Normalmente se joga com um ala esquerda, uma ala direita, um pivô e um fixo.

> agarram, em virtude de falas. Porque as falas dos meninos acabam sendo mais ríspidas, mais agressivas e as meninas não curtem muito a abordagem (Bia, boleira do Aterro).

Os homens quase sempre utilizam o momento pós-futebol e o momento do futebol feminino para ficarem na lateral da quadra, conversando, tomando cerveja, fumando cigarro, ouvindo música e, como acontece em alguns domingos, realizando um churrasco. As Boleiras, quando não estão em quadra, também participam desses momentos, conversam com os homens e demais pessoas que se encontram ali, algumas tomam cerveja com eles, outras um licor, e, quando tem churrasco, normalmente os times se juntam e fazem um churrasco coletivo.

Os churrascos costumam acontecer uma vez a cada mês para comemorar os aniversariantes daquele mês. Normalmente fazem uma lista, assim como a lista do futebol, e as pessoas que irão participar colocam seu nome e o que irão levar, como carnes, saladas e bebidas. Uma pessoa, geralmente dentre aquelas que moram perto, fica responsável por levar a churrasqueira. Também dividem as obrigações como: quem deve levar copos, talheres e pratos. É sempre um churrasco com muita fartura e que se estende tarde adentro, muitas vezes só sendo finalizado no final da tarde e início da noite. Em dias de churrasco, é comum que um número maior de mulheres vá ao Aterro. De acordo com Lua, é um momento de descontração e diversão. Nesses dias também é comum que namoradas, esposas, maridos, filhos e outros parentes também cheguem ao Aterro para participar da "resenha". Essas pessoas também levam alguma coisa para o churrasco como carnes, bebidas e outras comidas.

Gi é uma jogadora que também sempre está presente nos jogos Muito habilidosa, atleta profissional de futebol freestyle[9], na casa dos 20 e poucos anos, negra, tatuada e muito forte, possui um chute extremamente potente, que muitas vezes faz com que os goleiros se esquivem da bola. Em dos churrascos, um dos homens que sempre estava presente, mas não participava dos jogos das Boleiras, estava fazendo piadas machistas com os goleiros que

[9] Futebol Freestyle é uma variante do futebol em que um jogador realiza manobras com uma bola ou a equilibra em várias as partes do corpo. O Freestyle se baseia na arte de compor sequências de manobras, tentando unir controle, criatividade e dificuldade, utilizando o corpo todo em interação com a bola.

jogavam com as mulheres. Sempre que os goleiros tomavam algum gol ele falava algo zombando por estarem tomando gol de mulheres. Gi se mostrou bem incomodada e irritada com essa situação e afirmou "por isso eu não gosto de jogar com homem, não suporto esses babacas, por isso não converso muito com eles". Ao ser questionada sobre a presença masculina, ela afirmou que não era amiga desses homens e que só aguentava a chatice porque precisava deles para que o futebol acontecesse.

Gi escolhe manter uma relação amigável, mesmo que distante, com esses homens, pois assim eles seguem atuando como goleiros para que o futebol de mulheres aconteça. Apesar de gênero ser uma categoria importante ao se falar de futebol feminino, ele não aparece muito nas falas de minhas interlocutoras, nesses termos. Por mais que elas não estejam discutindo gênero, não significa que as questões de gênero não estejam sendo associadas. Então, não entendemos o gênero como algo que está dado. Não é só porque são mulheres que precisam falar sobre gênero, mas porque são mulheres jogando futebol, em um espaço público dominado por homens, com a participação masculina acontecendo de forma amigável, é que nesse contexto o gênero está sendo reiterado. É um futebol de mulheres, mas, que para acontecer, precisa dos homens. As Boleiras, conscientemente, ignoram os fatores ruins dessa relação com os homens e preservam os aspectos positivos como a garantia de que a quadra será guardada para elas, a garantia de sempre ter goleiros, os momentos de confraternização e a relação de amizade.

A relação amigável das Boleiras com os homens foi um fator surpresa na pesquisa. Não esperava, inicialmente, que elas fossem ter essa relação harmônica, mas sim uma relação conflituosa marcada pelo preconceito de gênero que acomete as mulheres que jogam futebol, como mostrado na introdução deste texto. O problema é que, ao chegar em campo, normalmente já temos as questões de gênero postas e compartimentalizadas em domínios e espera-se respostas e confirmações sobre elas. O grupo das Boleiras me conduziu para um caminho oposto e que vai ao encontro da Antropologia e da ANT, nada está dado e o social precisa ser explicado. "No mundo futebolístico de produção e reprodução de significados, o *futebol de mulheres* é também um

espaço de transformação das relações de gênero e expressão de contestações" (Kessler, 2015, p. 32, grifos da autora).

Lazer e sociabilidade

Além de futebol por si só, muitas Boleiras também têm os domingos no Aterro como momento de sociabilidade. Estar ao ar livre, cercadas de amigos, aproveitando o dia e a praia, são fatores muito importantes para a presença dessas mulheres no Aterro aos domingos.

Mel é uma mulher de quase 40 anos, negra, divorciada, tem uma filha adolescente, trabalha com contabilidade, é formada em Ciências Contábeis e é moradora do bairro de Cascadura. Ela é uma das jogadoras que mora mais distante do Aterro, aproximadamente 24km, mas, em contrapartida, também é uma das Boleiras que mais comparece aos domingos. Ela sempre chega cedo e joga com os homens. Em seu relato, ela afirma chegar bem cedo para aproveitar o dia. Normalmente se reveza entre a quadra, jogando, e a lata de cerveja que sempre estava na mão quando estava fora de quadra. Muitas vezes, ela está acompanhada de sua filha. Mel afirma que, apesar da distância, não deixa de ir aos jogos, pois "futebol é meu momento de relaxar o corpo e a mente. O domingo é o meu dia! É um dia que tiro para mim, para aproveitar e fazer o que eu gosto". Ela ainda assinalou que gosta muito de frequentar o Aterro aos domingos, mesmo sendo longe e gastando muito dinheiro.

> Eu sou Contadora, a minha profissão, o meu trabalho, o tempo todo eu trabalho sentada né, de frente para o computador. Então, isso acaba trazendo uma vida sedentária para mim, então o que eu busco aqui é exatamente isso, uma atividade que eu possa movimentar minha mente, meu corpo de forma a ter uma vida mais saudável e uma qualidade de vida (Mel, boleira do Aterro).

Dani, uma jovem negra, de cabelos curtos e loiros, aproximadamente 30 anos, natural do Espírito Santo, funcionária pública e moradora do Aterro, afirma que, para ela, o futebol também era prioridade. A jovem afirmou que parou de ir para as baladas no sábado a fim de estar bem fisicamente no domingo para jogar. Segundo ela, o futebol do domingo é o momento mais esperado da sua semana "eu passo a semana toda ansiosa porque sei que

domingo vai ter futebol", e acrescenta que, para ela, esse momento é muito importante e feliz, fora da rotina cansativa de trabalho. Estar ao ar livre e praticando esportes é uma coisa que a deixa muito satisfeita.

Bia é uma mulher branca, ruiva, 31 anos, advogada e que mora na Lapa. Ela também sinalizou que evita ir para a balada, ou eventos com bebida alcoólica nos sábados que antecedem os domingos de futebol, para conseguir acordar disposta e jogar bem nos domingos. Esse momento para Bia é um ponto alto da semana e possui grande importância enquanto momento de lazer e socialização. Ela ainda disse que o fato de os jogos serem no Aterro traz mais motivação para que ela vá, pois sabe que além de jogar, irá desfrutar de momentos ao ar livre. Ela também aproveita a ida ao Aterro para visitar a Feira da Glória e fazer compras de frutas, legumes e vegetais.

O relato das participantes acima mostra como o lazer e a sociabilidade são elementos importantes da dinâmica do grupo e funcionam como uma espécie de extensão da agência feminina, ocupando o espaço público dentro e fora de quadra.

Futebol para todas!

Uma especificidade do grupo das Boleiras é que qualquer mulher pode participar. O número de integrantes nunca é fixo, pois pessoas novas se associam a todo momento e pessoas que já fazem parte, deixam de frequentar, mesmo que somente por um período. Não existe uma idade mínima ou máxima, um corpo ideal, nível técnico necessário, sexualidade, local de moradia ou algum outro fator que impeça que uma mulher participe dos jogos. Nas redes sociais do grupo elas reforçam que são um grupo aberto e que todas são bem-vindas. Basta uma ida ao Aterro nos domingos para confirmar a heterogeneidade do grupo. O grupo é composto por mulheres de diferentes idades – uma das fundadoras é a Maria que tem 63 anos –, diferentes corpos, diferentes etnias, diferentes habilidades técnicas no esporte, mulheres lésbicas, bissexuais e heterossexuais que residem nos mais diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro.

Sobre essa diversidade Karla comenta que:

> Na verdade, uma das coisas que me atraiu além do futebol em si é justamente essa diversidade. Eu comecei a perceber a diferença mesmo de pensamentos, de escolhas políticas, religiosas, tudo misturado, mas quando se trata de futebol o pessoal deixa do lado de fora da quadra e se une e joga. E isso também é o diferencial da gente se reunir aqui nesse espaço. Não somente por encontrar pessoas que vão jogar futebol, dividir esse hobby, mas também ter esse contato com pessoas de diferentes culturas, diferentes histórias de vida, e lugares (Karla, boleira do Aterro).

Para jogar com as Boleiras, basta chegar à quadra e solicitar a participação. Normalmente as jogadoras são muito receptivas com pessoas novas, então, sempre que chega uma nova participante, mesmo que seja somente por um dia, ela é instruída de como funciona o grupo e como é a dinâmica dos jogos. Normalmente, a pessoa só precisa aguardar a próxima partida para entrar em campo.

É comum, durante os jogos, mulheres que estejam pelo parque, ao verem as Boleiras jogarem, interessarem-se e quererem participar do grupo ou simplesmente saber mais informações para participar nas semanas seguintes. Durante meu trabalho de campo, observei diversas vezes essas interações; e os perfis dessas pessoas são os mais diversos: mulheres não brasileiras, mães, adolescentes e até idosas. Karla afirma que essa é uma especificidade muito interessante do grupo, de estar sempre recebendo pessoas novas e se renovando. Em suas palavras:

> Sempre acaba se renovando assim... Claro que é necessário ter aquelas que mantêm o futebol vivo, eu vi essa necessidade. Tem que ter uma que se comprometa a estar aqui 09:00h da manhã, que se preocupe com a bola, que se preocupe em chamar meninas, que se preocupe em estar aqui guardando a quadra para manter. A gente até usa esse termo "vai morrer" porque teve outros grupos aqui que aconteceu muito isso, as pessoas se reuniam e foi diminuindo, diminuindo... até desanimou quem organizou e deixou de lado (Karla, boleira do Aterro).

O relato de Karla mostra que, apesar de parecer estabilizado, o grupo das Boleiras precisa de um esforço para se manter. Como sinalizado por Latour (2012), para que uma organização se mantenha, é necessário que se operem várias estratégias para gerar uma durabilidade de rede. No caso das Boleiras, esse esforço para que o futebol não "morra", o cuidado com a quadra e com os materiais, a cobrança pela presença das jogadoras são os padrões recorrentes de associações que acontecem semanalmente.

Por exemplo, Eva é holandesa e veio ao Brasil estudar, mora na Glória e sempre frequenta o Aterro para andar de bicicleta ou correr. Em um desses dias, ela se aproximou e perguntou se poderia jogar. Apesar de falar português, sua pronúncia e sotaque dificulta um pouco o entendimento do que ela diz, mas isso não fez com que ela fosse impedida de jogar. Ela é uma mulher branca, loira, alta, bem magra o que a favorecia na corrida. Eva não é extremamente habilidosa, tecnicamente falando, mas joga bem o futsal e desde o primeiro contato conseguiu participar dos jogos.

Algumas mulheres que integram o grupo são mães e é comum que elas levem seus filhos para o Aterro aos domingos. Day é uma boleira que participa do grupo há algum tempo, ela é uma mulher branca, moradora de uma comunidade localizada no Flamengo e trabalha como ambulante na praia do Flamengo localizada no Aterro. Ela tem um filho pequeno e algumas vezes o leva consigo nos domingos de futebol. Nos momentos em que está em quadra a criança fica nos arredores, sempre acompanhada de alguém de sua família ou, como já aconteceu, as próprias boleiras que estão fora de quadra tomam conta e brincam com o garoto enquanto sua mãe joga.

A idade das mulheres também não é um impedimento para participação no futebol das Boleiras. Mulheres nos seus 40, 50 e até 60 anos participam dos jogos de forma regular. Uma das fundadoras do grupo, Maria, é uma senhora de 63 anos, natural do Maranhão, mas mora no Rio há muitos anos. Ela é uma mulher negra, baixinha, e aparenta ter a idade muito inferior a 63 anos, trabalha como cabeleireira atualmente e é moradora da Glória. Sempre que ela revela sua idade para alguém a pessoa se mostra surpresa. Maria está sempre presente nos jogos e é o "xodó" do grupo. Adorada por todos ela está sempre com muito bom humor, é calma e muito paciente. Em seu relato ela afirma:

> Para mim esporte é vida cara, é tudo! Minha vida é essa! Quando eu não estou aqui jogando, nem em casa nem no trabalho eu venho aqui andar de bicicleta, participo de corridas. Sempre aqui no Aterro, porque eu sempre morei aqui em volta do Aterro né. Aqui é praticamente a minha casa! O Aterro é minha segunda casa, sempre! (Maria, boleira do Aterro)

Sobre ser mais velha que as demais Boleiras, Maria afirma que é uma situação muito tranquila.

> As meninas nunca falaram nada disso e também se falarem eu não ligo. Eu não me troco por uma de 20 nem de 30. Eu com 63 anos me sinto mais eu do qualquer uma de 20 ou 25. Vejo as meninas cansando, se elas fizessem metade do que eu faço e chegar à idade que eu cheguei com a disposição que eu tenho elas podem dizer que elas são todas muito felizes. Quanto mais idade eu tenho, mais disposição eu tenho, mais energia eu tenho. A minha vida eu não consigo parar! A minha relação com as meninas é excelente, especialmente com a Lua que eu conheço há muito tempo, nós somos amigas (Maria, boleira do Aterro).

Karla, que sempre enfatiza a sua admiração pela pluralidade que há nas Boleiras, afirmou que essa diversidade é um ponto positivo, e, segundo ela:

> Eu extraí nesses quatro anos uma amizade com pessoas... A gente se dá bem todo mundo, mas aí a gente meio que tirou um grupo do grupo do futebol onde são cinco pessoas que são completamente diferentes. No caso, diferente de idade, de pensamento, de história de vida, e de localidade mesmo, de onde mora. E através dessa amizade que surgiu aqui a gente está levando para a vida. Está além de só esse momento de estar aqui no Aterro, no futebol, mas a gente se reúne uma vez no mês, faz atividade fora daqui (Karla, boleira do Aterro).

Assim como a diversidade etária, existe também a diversidade sexual. Dentre as boleiras temos mulheres heterossexuais, lésbicas e bissexuais. Um ato recorrente é a presença de parceiros e parceiras das jogadoras nos domingos de jogo. Homens e mulheres acompanham suas parceiras e permanecem ao lado da quadra assistindo aos jogos ou aproveitando o Aterro enquanto elas jogam e muitas vezes também participam dos momentos de churrasco e interação. Sobre a diversidade do grupo, Karla afirma que:

> As pessoas ainda têm muito isso de relacionar futebol feminino à sexualidade. Quando eu falo que jogo futebol já ligam a isso: as mulheres que jogam futebol são homossexuais. Dificilmente você encontra uma maioria hetero se reunindo para jogar. Isso porque eu fiz essa... nessa coisa de buscar outros ambientes, outros grupos eu vi que sempre sou a minoria. Aqui, com as boleiras, é 100% okay. Para mim independe, tanto que eu formei amizade com pessoas que são homossexuais e eu falo sobre tudo com elas, elas se tornaram amigas do meu marido, a gente saí junto. A gente fez um passeio que inclusive uniu mais ainda esse grupo, onde estavam dois casais homossexuais e eu com meu marido. O nosso grupo se chama Fut Amizade porque realmente saiu desse encontro da gente aqui e foi um processo porque quando acabava o futebol o assunto era só futebol e dificilmente alguém falava da vida privada. Com a convivência depois do futebol, de marcar um churrasco e tal que deu a possibilidade de isso acontecer. Tanto que muito tempo depois que a gente foi perceber que a gente tem uma advogada, a gente tem uma administradora, uma ex-

> jogadora e aí a gente foi percebendo as histórias de vida totalmente diferentes (Karla, Boleira do Aterro).

A fala de Karla aponta a heterogeneidade dos atores dessa realidade. Como foi possível perceber também com a breve descrição de algumas jogadoras, elas são de diferentes etnias, diferentes corpos e sexualidades. Outra distinção são as profissões exercidas por essas mulheres. Dentre as participantes consegui identificar profissões como: advogada, cabeleireira, arquiteta, contadora, administradora, ambulante, professora, engenheira e doutoranda, estudantes universitárias, barbeira, empreendedora, funcionária pública e atleta. As profissões dessas mulheres comprovam o quão diferente elas são, mas que no Aterro se unem em torno de um objetivo em comum: jogar futebol.

Outro ponto de diferenciação entre essas jogadoras é o local de moradia, que impacta diretamente as experiências vivenciadas por cada uma dessas mulheres. O Rio de Janeiro é uma cidade grande e nem todas as boleiras moram próximo ao Aterro. Elas moram nos mais diversos bairros e favelas da cidade como: Copacabana, Flamengo, Lapa, Glória, Tijuca, Engenho Novo, Niterói, Cascadura e outros. O que permite que essas mulheres estejam juntas praticando futebol é justamente por ser no Aterro e ser aberto a todos. O Aterro é um espaço utilizado por toda população carioca. O fato de ser um parque público permite o acesso de todos.

Não podemos ignorar o fato de que o acesso é facilitado para aqueles que vivem nos arredores e bairros próximos ao parque. Mas não é somente esse público que o frequenta. É muito comum que famílias inteiras que moram em bairros mais distantes se desloquem para o Aterro aos domingos para aproveitar o dia e desfrutar de tudo que o local oferece, assim como fazem as Boleiras. O Aterro possui diversos espaços para atividades física, praia, gramados, espaços para crianças, além de aos domingos ser proibida a circulação de veículos. Todos esses atrativos fazem com que o parque se torne um grande espaço de lazer a céu aberto para a população aos domingos. Esse é o caso das Boleiras. Mesmo tendo que se deslocar pela cidade, muitas vezes pegando trânsito ou gastando dinheiro com transporte, ali estão elas todos os domingos. Isso tudo só é possível por esse caráter democrático e gratuito que

o Aterro do Flamengo tem para o carioca (e para os não cariocas também). A variação das participantes, a entrada e saída constante das jogadoras só é possível por ser um futebol que acontece em um espaço público.

Portanto, a partir dessa etnografia do domingo de jogo, é possível dizer que o único dado estável sobre o futebol das Boleiras é que elas vão ao Aterro aos domingos para jogar futebol. A vontade de jogar futebol é o que as une, é o que elas têm em comum. As associações são feitas para que o jogo aconteça. A diversidade do grupo é um dado primordial e que faz com que ele tenha suas próprias especificidades. O futebol funciona como elo que permite a mulheres de mundos diferentes trocarem experiências de vida.

Conclusão

As Boleiras do Aterro demonstram que o futebol amador de mulheres constitui uma prática coletiva de ocupação urbana e produção de sociabilidade que tensiona historicamente a masculinização do futebol brasileiro. Mais do que resistência à exclusão, o grupo produz novas formas de presença feminina na cidade e no esporte.

O objetivo deste artigo foi analisar como mulheres praticantes de futebol amador no Aterro do Flamengo produzem formas de resistência cotidiana, agência e sociabilidade através da ocupação coletiva do espaço público. A partir de uma compreensão do futebol para além do jogo, enquanto um fato social, em que o foco esteve nas praticantes.

Apoiada no diálogo entre Antropologia e Educação, foram levantadas questões sobre gênero, agência e sociabilidade, tendo o Aterro do Flamengo como palco para construção dessas relações. O Parque do Flamengo é um espaço público que favorece a sociabilidade e é um local de produção dessa mulher Boleira, no qual se aprende ser uma boleira e tudo que isso implica, dentro e fora das quatro linhas. Essa produção se dá a partir da interação entre mulheres (e homens) de diferentes idades, classes sociais, corpos, etnia, profissão, lugar de moradia e sexualidade, e pela sociabilidade do corpo na prática desse esporte genderizado.

Embora o espaço urbano e as quadras públicas ainda imponham desafios ao acesso feminino, é nesse ambiente marcadamente masculino que

o grupo se consolido. Reiterando e subvertendo as fronteiras de gênero, através de uma prática cotidiana e sua presença dominical, criaram esse espaço de sociabilidade feminina no qal podemos compreender o conceito de agência, sendo resistência ou não, na ocupação de um espaço público urbano. As mulheres participantes desse grupo reconhecem e afirmam a importância de ocuparem esse ambiente e se preocupam em ser um local aberto, seguro e acolhedor para outras mulheres que também queiram jogar futebol.

A imersão no universo das Boleiras do Aterro revelou que o futebol, como espaço de socialização feminina, recusa um padrão único e universal de mulher. As trajetórias das jogadoras são atravessadas por categorias interseccionais de raça, classe e sexualidade. Elas reconhecem as discriminações de gênero, mas não reduzem sua participação sem, contudo, limitar suas vivências esportivas ao enfrentamento dessas barreiras.

O grupo das Boleiras do Aterro tem o futebol como elo. Semanalmente, acontecem associações e dissociações em que o único fator recorrente é o acontecimento dos jogos, na mesma quadra, independentemente de quais jogadoras estejam presentes. Sendo assim, uma rede é tecida nas associações que ocorrem entre humanos e não humanos, envolvendo homens, mulheres, os espaços públicos, redes sociais e outros actantes, e as Boleiras estão inseridas aqui. As relações tecidas têm o futebol como o elo, ou o conteúdo, impulso, interesse, que leva essas jogadoras até o Aterro. Nesse contexto, a rede é o conjunto das interações que acontecem entre os actantes, que se transformam e afetam mutuamente e continuamente.

Tornar-se uma Boleira é participar de uma forma de sociabilidade marcada por um ritual, e não somente nos momentos de jogo, como a entrada no grupo, a participação no grupo do WhatsApp, a lista de presença, a disponibilidade da quadra, equipamentos, jogadoras, as condições climáticas, a relação com os homens, os momentos pós-jogo como os churrascos, as resenhas ou a ida a algum bar, dentre outros elementos. Os domingos são convertidos em um potente espaço de lazer, bem-estar e desconexão das rotinas laborais. A relação com os homens mostra que o futebol feminino também pode ser um lugar de produção e transformação das relações de gênero.

O caráter aberto e público do grupo é valorizado pelas participantes e permite associações diversas entre pares que talvez nunca se encontrassem fora dali. No Brasil, onde o futebol é uma manifestação cultural naturalizada e historicamente excludente às mulheres, o Aterro do Flamengo se torna, então, um lugar onde essas dualidades são contestadas e onde as Boleiras subvertem essa ordem vigente, fazendo da quadra localizada no posto 2 um lugar de sociabilidade feminina e de aprendizagem.

Nesse contexto, a função social do jogo de futebol extrapola os limites da quadra. Nunca será apenas futebol. Essas jogadoras constituem em sua prática uma maneira única de praticar e aprender esse esporte. No Aterro do Flamengo, o jogo acontece em uma rede de relações heterogêneas, associativas e descritivas, em que os actantes se transformam e se afetam mutuamente e continuamente. Para concluir, em consonância com a ANT proposta por Latour, este relato etnográfico não busca fixar o universo das Boleiras do Aterro em uma estrutura rígida, mas sim retratar um arranjo social fluido, dinâmico e em constante transformação. Trata-se de uma realidade fluida, que está sempre em movimento, criando e desfazendo associações, mas nunca pronta. Todavia, sob as contribuições de Tim Ingold, a Antropologia cumpriu seu papel de abrir nossos olhos para novas formas de perceber o mundo e para outras possibilidades de ser uma jogadora de futebol.

Referências

ALMEIDA, Ana Letícia C. *Entrando em campo*: a "pelada organizada" no Aterro do Flamengo. 2012. 119p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

CHUVA, Márcia Regina R. Parque do Flamengo: projetar a cidade, desenhando patrimônio. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 25, n. 3, p. 139-166, 2017. DOI: https://doi.org/10.1590/1982-02672017v25n0305

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista USP*, n. 22, p. 10-17, 1994. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i22p10-17

DAMO, Arlei S.; OLIVEN, Ruben G.; GUEDES, Simoni L. Sports: An anthropological perspective. *Horizontes Antropológicos*, v. 4, n. se, p. 0-0, 2008.

DARIDO, Suraya C. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. *Motriz*, v. 8, n. 2, p. 43-49, 2002.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Elias. *A Busca da Excitação*: desporto e lazer no processo civilizacional. Lisboa: DIFEL, 1992.

FARIA, Eliene L. *A aprendizagem na e da prática social*: um estudo etnográfico sobre as práticas de aprendizagem do futebol em um bairro de Belo Horizonte. 2008. 229 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: https://hdl.handle.net/1843/FAEC-85FJZJ

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

GOELLNER, Silvana V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte,* v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005. DOI: https://doi.org/10.1590/S1807-55092005000200005

INFORMAÇÕES sobre o uso de quadras de esporte no Aterro. *Portal Rio Prefeitura*, [s.d]. Disponível em: https://carioca.rio/servicos/informacoes-sobre-o-uso-de-quadras-de-esporte-no-aterro/. Acesso em: 30 mar. 2023.

INGOLD, Tim. *Antropologia e/como educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. 124p.

KESSLER, Claudia S. *Mais que barbies e ogras*: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/131770

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social*: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: EDUFBA-EDUSC, 2012.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egipto. *Etnográfica*, v. X, n. 1, p. 121-158, 2006. DOI: https://doi.org/10.4000/etnografica.3009

MAHMOOD, Saba. Agency, gender and embodiment. *In*: MAHMOOD, S. *Politics of Piety*. Princeton: Princeton University Press, 2005. p. 153-188.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. *In*: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia.* Rio de Janeiro: Cosac & Naify, p. 183-314, 2003.

MENEZES, Maria Lucia P. O Aterro e o Parque do Flamengo. 50 anos de espaço público. Sucessos e conflitos. *Biblio3W Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, v. 22, 2017. Disponível em: https://revistes.ub.edu/index.php/b3w/article/view/26422

MIZRAHI, Mylene. “O Rio de Janeiro é uma terra de homens vaidosos”: mulheres, masculinidade e dinheiro junto ao funk carioca. *Cadernos Pagu*, n. 52, e185215, 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/18094449201800520015

OLIVEIRA, Ana Rosa. Parque do Flamengo: instrumento de planificação e resistência. *Arquitextos,* São Paulo, v. 7, 2006. Disponível em: https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.079/288

ONO, Haruyoshi. Recuperação e revitalização do Parque do Flamengo. *Paisagem e Ambiente*, n. 15, p. 127-141, 2002.

O ATERRO do Flamengo: marco paisagístico. *Portal MultiRio*, [s.d]. Disponível em: https://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/historia-do-brasil/rio-de-janeiro/3358-o-aterro-do-flamengo-marco-paisagistico. Acesso em: 8 maio 2023.

PARQUE Brigadeiro Eduardo Gomes. *Portal Rio Prefeitura*, [s.d]. Disponível em: https://www.rio.rj.gov.br/web/fpj/exibeconteudo?id=10245255. Acesso em: 8 maio 2023.

SARDINHA, E.M. A estrutura do futebol feminino no Brasil. *Revista Hórus*, v. 6, n. 1, p. 92-110, 2017. Disponível em: https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/revistahorus/article/view/993

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*. Zahar, 2006.

SIMMEL, Georg. *Georg Simmel*: sociologia. Org. Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática, 1983.

Revista Novos Rumos Sociológicos | vol. 14 n. 25 | Jan/Jul/2026
Artigo recebido em 30-05-2026 | Aprovado em 13-07-2026
ISSN: 2318-1966

DOSSIÊ

FUTEBOL, PAIXÃO E RENÚNCIA: A BIOGRAFIA DE LUIZ PARISE DEMARCANDO UM SUJEITO E UMA ÉPOCA NO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL

Football, passion and sacrifice: the biography of Luiz Parise, marking an individual and an era in the interior of Rio Grande do Sul

Paulo Ricardo do Canto Capela[1]

Julio Cesar Couto de Souza de Souza[2]

Fabio Machado Pinto[3]

Resumo

Esta pesquisa situa-se no campo dos estudos (auto)biográficos, técnica de pesquisa de abordagem qualitativa, consolidada na Sociologia da Educação. Trata-se da biografia de Luiz Parise Fedozzi, que atuou como jogador de futebol, preparador físico e gestor executivo, tanto em clubes de futebol, como em outras esferas do esporte. O trabalho estabelece um diálogo sociológico entre um sujeito e uma época no interior do Rio Grande do Sul. Para a compreensão desse sujeito, entendendo suas decisões e escolhas em determinada situação e contexto, utilizaram-se os conceitos sartrianos de Projeto e Desejo-de-ser. Quanto ao futebol, tema amplo que atravessou o trabalho, buscamos refleti-lo à luz da sociologia, mais precisamente da sociologia do esporte. Sendo uma pesquisa biográfica, utilizamos os elementos de sua condução pautados no método biográfico progressivo-regressivo. Para o desenvolvimento do presente trabalho, utilizou-se o cruzamento entre fontes orais, documentos pessoais, fotos e fontes jornalísticas. Diante do material analisado, que nos possibilitou tecer a teia existencial de nosso biografado, e dos resultados por eles fornecidos, foi possível evidenciar a intensa presença de Luiz Parise no futebol no interior do Rio Grande do Sul, caracterizando, com sua *práxis*, por vezes intempestiva, por vezes não, uma época circunstancial do futebol.

Palavras-chave: Biografia; Futebol; Projeto; Método progressivo-regressivo.

Abstract

This research is situated within the field of (auto)biographical studies, a qualitative research technique consolidated in the Sociology of Education. It is a biography of Luiz Parise Fedozzi, who worked as a football player, physical trainer, and executive manager, both in football clubs and in other areas of sport. The work establishes a sociological dialogue between a subject and an era in the interior of Rio Grande do Sul. To understand this subject, including his decisions and choices in a given situation and context,

[1] Universidade Federal de Pelotas. Orcid: 0009-0008-2578-0513. E-mail: pcapela@ufsc.br.
[2]IFSC/Florianopolis e Universidade Avantis. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2484-5633. E-mail: juliocoutodoutorado@gmail.com.
[3] Universidade Federal de Pelotas. Orcid: 0000-0002-9480-4493. E-mail: fabiobagé@gmail.com.

we used Sartre's concepts of Project and Desire-to-Be. Regarding football, a broad theme that permeated the work, we sought to reflect on it in the light of sociology, more precisely the sociology of sport. Being a biographical research, we used elements of its conduct based on the Progressive-Regressive biographical method. For the development of this work, we used a cross-referencing of oral sources, personal documents, photos, and journalistic sources. Based on the analyzed material that allowed us to weave the existential web of our subject, and the results it provided, we were able to highlight Luiz Parise's intense presence in football in the interior of Rio Grande do Sul, characterizing, with his sometimes impetuous, sometimes not, practice, a specific period in football history.

Keywords: Biography; Football; Project; Progressive-regressive method.

Introdução

Luiz Parise[4], como era conhecido no cenário esportivo do Rio Grande do Sul, viveu o futebol gaúcho entre as décadas de 1970 a 2010, totalizando quarenta anos de atuação. Sua expressão mais importante ocorreu a partir da década de 1970, momento em que atuou no futebol profissional como jogador e preparador físico, transitando por diversos clubes tradicionais do interior do Rio Grande do Sul. Como atleta, foi convocado para a Seleção Gaúcha em 1976, e como preparador físico chegou ao time da capital gaúcha, o Grêmio Foot-ball Porto Alegrense, em 1991.

Alternou suas atividades entre jogador profissional, preparador físico, treinador e gestor executivo. Couberam, ainda, entre essas atividades profissionais, a de coordenador do Projeto Esportivo UCS-Olimpíadas, na modalidade de futebol, comentarista esportivo da Radio Caxias em Caxias do Sul, assessor esportivo na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul e Secretário Municipal de Turismo, Esporte e Lazer (SMTEL), na cidade de Rio Grande, na gestão do Partido dos Trabalhadores.

Embora tenha desenvolvido outras atividades, vai ser no futebol que demarcará não somente sua carreira profissional, mas também sua existência enquanto Projeto[5] (Sartre, 1972). O Rio Grande do Sul é o seu campo principal de atuação e reconhecimento. Neste estado construirá seu nome, demarcará uma identidade em que seu nome terá peso e relevância, a ponto de transitar,

[4] A partir de então, iremos nos referir por nomes como Luizinho, Luiz Parise, ou Parise. O nome Luizinho se apresentará mais na sua infância e como jogador de futebol. Parise ou Luiz Parise será utilizado já na sua fase como Preparador Físico ou Gestor, conforme os jornais da época se referiam.

[5] Quando estivermos nos referindo a projeto como um conceito sartreano, usaremos o mesmo com a primeira letra maiúscula, como "Projeto".

enquanto atleta profissional, preparador físico e gestor, pelos principais times gaúchos.

Parise era formado em Educação Física. Conseguiu, entre a carreira de jogador de futebol, e a constante rotina de transferências entre clubes, formar-se em 1983, na Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas – Ufpel.

Foi um jogador de futebol de estatura mediana, mas estrutura muscular forte, condições importantes para ser um bom jogador de futebol. Veloz, foi considerado mais tarde, pelos jornais locais, como um excelente atacante. Sua posição era a do antigo ponteiro direito.

Desde sua infância, conviveu com as mazelas de uma vida pouco confortável e com as obrigações próprias de um mundo adulto impostas ao seu mundo infantil. Sua relação com o pai, a moradia com seu avô, o trabalho precoce, a infância interrompida perfazem sua existência. Entretanto, sempre foi um sujeito atento à sua época. Politizado, costumava ler muitos livros, inclusive os esportivos. Mantinha-se informado diariamente pelas leituras dos jornais locais e pelos tradicionais programas de rádios. Assistia tudo que fosse possível de jogos de futebol televisionados. Isso tudo lhe rendeu, mais adiante, um convite para compor o quadro de comentaristas de uma das principais rádios da cidade de Caxias do Sul.

O Rio Grande do Sul, entre as décadas de 1970 e 1990, com todas as suas tradições culturais, aspectos socioeconômicos e, tradição esportiva, foi o campo antropológico que constituiu o jogador Luizinho e o preparador físico Luiz Parise. Esse último, particularmente, vai absorver e reproduzir as características de uma escola à parte de preparação física no Brasil e mais tarde demarcará com suas próprias cores e singularidade uma época desta preparação no interior do estado do Rio Grande do Sul.

Esta pesquisa buscou recuperar e sistematizar sua história através da pesquisa (auto)biográfica e do método progressivo-regressivo. Trata-se de, a partir da existência de um sujeito, traçar relações que possam ser examinadas à luz de conceitos debatidos na Sociologia do Esporte e, também, no campo da Sociologia da Educação, tendo em vista tratar-se de um sujeito que atuou

como um educador no seu sentido mais amplo, num campo em que o processo educacional, mesmo que de maneira informal, estava presente.

2. Sobre o método

A condução deste trabalho orientou-se pelo método biográfico progressivo-regressivo. Trata-se de um método dialético que Sartre (1972) utilizara em suas principais biografias, as quais buscam a compreensão da vida dos sujeitos biografados.

Um primeiro e importante passo, evidenciado nas biografias sartrianas, é situar o sujeito no mundo, visto que é preciso entendê-lo em sua práxis e sua relação com o mundo. Nisso está presente uma primeira aproximação com o movimento regressivo analítico (Cunha, 2019). Para Sartre, "os factos particulares nada significam, não são nem verdadeiros nem falsos, visto que não são restituídos através das diferentes totalidades parciais à totalização em curso" (Sartre, 1961 *apud* Cunha, 2019, p. 30).

Para tanto é preciso recolocar o biografado no tempo histórico. "Recolocar" (olhar para o passado a partir do presente), porque não estamos mais no mesmo tempo histórico, na mesma temporalidade, há um cenário que se fez, mas também se desfez, e precisamos restituí-lo. Para Dosse (2015, p. 67), a unidade estrutural da vida de um biografado "enfrenta a pluralidade de olhares e apreciações das testemunhas de sua existência e do que sucedeu depois de sua morte".

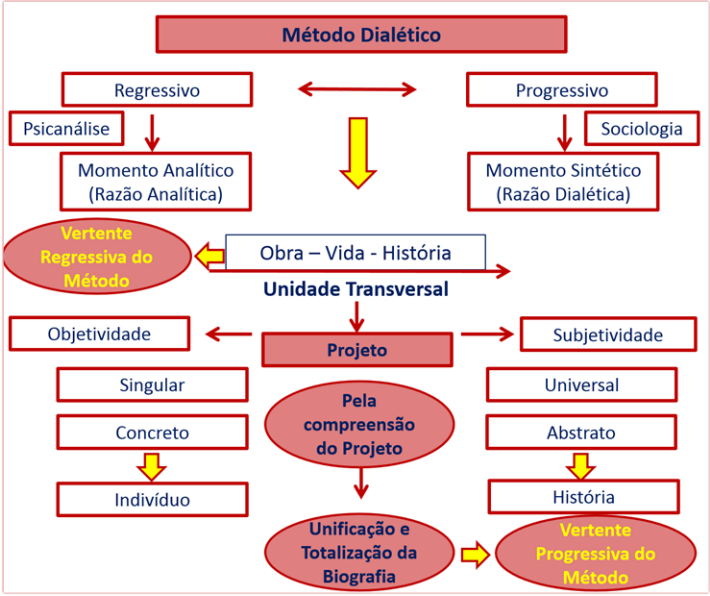
Urge necessariamente uma exigência fundamental. E a exigência fundamental "que se deve ter em relação a um método capaz de uma compreensão total da realidade humana é, precisamente, a de situar o seu objeto de estudo (isto é, o indivíduo concreto) relativamente ao processo histórico total" (Cunha, 2019, p. 26). O método é um movimento constante de ir e vir do indivíduo concreto às estruturas e vice-versa, e o existencialismo, para Sartre, é um método de compreensão da realidade humana.

O indivíduo concreto é aquele presente no mundo, na história, não apenas como um mero coadjuvante, mas como partícipe principal dela mesma. E aqui está uma das críticas de Sartre endereçadas ao marxismo, que, segundo ele, dissolve o sujeito no abstrato: a universalidade sem o

indivíduo concreto é pura abstração. Para Cunha (2019), Sartre pretende, então, racionalizar a história ao nível do concreto. O homem concreto em situação é, para o existencialismo sartriano, o verdadeiro campo da história. É aqui que a compreensão é possível. "Será preciso, pois, utilizar o método simultaneamente regressivo e progressivo, isto é, que proceda por um contínuo vaivém entre o abstrato e o concreto, entre o universal e o singular" (Cunha, 2019, p. 34). Este método é dialético e, conforme Ferrarotti (2013), somente a razão dialética permite a compreensão de um ato na sua totalidade, ou seja, compreender um comportamento específico como a síntese de uma sociedade.

Analisamos nosso biografado partindo de três cenários: a Obra, a Vida e a História de Luiz Parise. O primeiro movimento do método é regressivo, dirigindo-se à singularidade na tentativa de apreender o vivido, sendo a obra tudo aquilo que o sujeito fez. Posteriormente, é necessário considerar os fatos relativos à vida, na medida em que a primeira reflete a segunda, para, em seguida, buscar-se estudar as estruturas sociais e o tempo histórico, pois é no próprio decurso da vida singular que se descobre o geral. Por fim, há necessidade, nessa fase da análise, de construir uma unidade transversal, pois há uma certa heterogeneidade entre os três cenários de análise, os quais precisam ser unificados. Aqui entra a noção de Projeto, pois "é ela que permitirá a unificação/totalização da biografia" (Cunha, 2019, p. 36). A partir daí, entramos na vertente progressiva do método. É o momento da síntese.

FIGURA 1 – MÉTODO DIALÉTICO[6]



Fonte: Elaboração própria (2026).

3. A vida – a obra – a história

3.1. Entre o Projeto e Desejo-de-ser e o campo de possibilidades: a infância em Caxias do Sul e a ascensão ao futebol

A cidade de Caxias do Sul, o Bairro Exposição, a casa de dois andares, a avó Ida Martini Parise, a mãe Claire, o tio Clovis, o tio Jamir, a tia Aide, a tia Nivar, a tia Merci – o avô Euclides Parise já havia falecido –, o amigo Paulo Borges, os colegas do time, o segurança do parque. E o banquinho de concreto – inerte emsi, ao largo da rua –, porque as coisas, os objetos são em-si, precisando apenas de uma consciência que os revele e de uma linguagem que lhes dê sentido – compunham o terreno sociológico em que Luiz Parise se reconhece como sujeito/mundo.

Luiz Parise nasce em 29 de janeiro de 1949, registrado na cidade de Paim Filho, mas tem uma vivência maior e mais intensa na cidade de Caxias do Sul. A família veio para uma casa muito próxima à prefeitura de Caxias do Sul, num bairro chamado Exposição, nome pertinente à tradicional festa da uva. A casa pertencia ao avô, chamado Euclides Parise.

O bairro Exposição era um bairro considerado acolhedor. A casa se situava quase em frente aos antigos pavilhões da festa da uva, cujo espaço

[6] Desenvolvido pelo autor, a partir da síntese de leituras sobre o método progressivo – regressivo, particularmente expresso no capítulo “Questões de método” em Cunha (2019).

atualmente tornou-se obsoleto para a festa, sendo apenas um espaço público pertencente à prefeitura de Caxias do Sul, mas que mantém, ainda, suas quadras de futsal e área de lazer. A movimentação maior deste bairro acontecia quando da exposição da principal festa da cidade de Caxias do Sul, a Festa da Uva. O sobrado da família Fedozzi, construído por seu avô, Euclides Parise, situava-se à rua Dom José Baréa, 2356.

É nessa casa que Luiz Parise chega para morar com sua mãe e seu tio, que iniciam suas primeiras experiências singulares num contexto universal. Na sua infância, 'Luizinho' vai tensionar constantemente entre aquilo que o campo lhe possibilita e aquilo que o condiciona, e a assunção de ser um sujeito ontologicamente livre. Uma das problemáticas que estará sempre posta se dá na relação entre infância e trabalho. A corda estará sempre esticada.

O cenário sociopolítico-econômico do Brasil e do Rio Grande do Sul no início da década de 1960, década em que a família Parise se desloca para Caxias do Sul, exige atenção. O presidente Jânio Quadros renunciava e seu vice João Goulart foi praticamente impedido pelos militares, na espreita de um golpe, de assumir o comando do país. Esse fato, tão conhecido na história política brasileira e gaúcha, levou a um levante do Estado, a fim de garantir a legalidade constitucional, liderado pelo então governador gaúcho, Leonel Brizola. O Brasil, nessa década, respirava os ventos que vinham também de parte da Europa naquele momento, entre eles, os movimentos culturais e político-ideológicos. O campo cultural também estava em plena ebulição. Enfim, um contexto de mudanças, o qual também integra a família Parise.

A família necessitava trabalhar – aquela mudança para a cidade de Caxias do Sul não era uma mudança qualquer, era uma necessidade pautada por toda uma situação de desestruturação familiar e pela escassez econômica. É então, nesse momento, que o jovem Luizinho precisa fazer escolhas. Precisa trabalhar e, assim como aconteceria em vários outros momentos, renunciar àquilo que seria elementar para uma criança de 12 anos: brincar. Não seria essa a primeira vez! O menino Luizinho constrói uma caixa de engraxar sapatos e vai trabalhar no centro da cidade para angariar recursos financeiros e contribuir nas despesas da casa. O jovem Luisinho já teria em momentos anteriores, entre 8 e 9 anos de idade, trabalhado na churrascaria do então

marido de sua tia Nivar, irmã de sua mãe. Isso aconteceu ainda na cidade de Lagoa Vermelha, cidade onde a família morou antes de chegarem a Caxias do Sul e depois de terem saído de Sananduva. Era uma churrascaria em frente à rodoviária da cidade, e a função do jovem Luiz era arrecadar possíveis clientes para o almoço antes que a churrascaria concorrente o fizesse. Luizinho chamava os clientes que ali desembarcavam para almoçarem na churrascaria do tio emprestado. A função de engraxate, vem depois, em Caxias do Sul, e soma-se àquela de vendedor de garrafas, à de pedreiro com seu avô, à de atendente na lanchonete do pai em Porto Alegre. Mais tarde, à de funcionário da empresa Kalil Sehbe S/A, e, posteriormente, ao primeiro contrato profissional de futebol em cinco de maio de 1967. É nessa teia que transita entre o singular e o universal, que, permeada por uma ação entre sujeito e mundo, sua existência vai se delineando. O mundo do trabalho é precoce em sua vida e importante categoria de análise. É nesse contexto que vai se desenhando seu Projeto Fundamental, entendendo que ele "é escolhido livremente, embora essa escolha sempre esteja situada, ou seja, é sempre uma combinação do que o mundo traz e do que eu faço daquilo que o mundo traz" (Cannon, 2020, p. 116).

O seu Projeto se construía tendo o futebol como desejo – e aqui lembramos Sartre (1972) quando escreve que o Homem pode superar-se em cada situação e superá-la ao mesmo tempo. Esta superação é encontrada "na raiz do humano e de início na carência" (Sartre, 1972, p. 78). E Luizinho parecia estar disposto a fazer algo mais, a ir além, buscar dentro da liberdade que lhe é possível o projeto que talvez tenha sido o seu maior objetivo até então: jogar futebol.

Existia para Luizinho algo sempre a ser conquistado, projetado à sua frente, que necessitava de todo o seu empenho para ser mobilizado. Isso aconteceu em diversas situações de sua vida profissional, porém, em sua juventude, nos campos de jogos, surgia mais fortemente. Suas arrancadas potentes em campo, que deixavam seus marcadores para trás, seu chute forte contra os goleiros, suas divididas na bola, suas reclamações veementes contra a arbitragem são as melhores expressões disso tudo.

Essa potência, essa energia, essa quase raiva contida, como um adolescente em crise consigo mesmo e com o mundo, devido à negação da própria adolescência, – que o fazia disparar de seus marcadores e chutar a bola com força –, talvez fosse a sua própria existência totalizada e, ao mesmo tempo, sua melhor forma de protesto a tudo que o campo de possibilidades até então lhe negara. Luiz necessitou, em sua juventude, arrancar, correr, driblar, dividir e chutar com força. Sua existência era um jogo de futebol mesmo fora dos campos. Esse é o Projeto e a sua liberdade! Os campos de futebol talvez tenham sido o cenário possível de "reconstrução" do jovem Luizinho, até então invisível socialmente como engraxate, vendedor de garrafas, ajudante de pedreiro e trabalhador da empresa Khalil Sehbe S/A. As fontes orais consultadas nesta pesquisa afirmam que é justamente um de seus empregadores que reconhece em Luizinho seu potencial para o futebol, assim como seu desejo de profissionalizar-se. É, então, por uma dessas pessoas, encaminhado ao clube caxiense Grêmio Esportivo Flamengo para fazer um teste no futebol.

3. 2. A ascensão ao futebol

Em 29 de março de 1967, está registrado em sua carteira de trabalho assinada pela empresa Tec. e Art. Kalil Sehbe S/A que o funcionário Luiz Parise Fedozzi opta pelo regime de Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, pedindo, com isso, sua demissão. Já no dia dois de maio de 1967 Luiz Parise tem sua carteira assinada pelo clube de Caxias do Sul, tendo como natureza do cargo jogador de futebol.

Luizinho foi um jogador atacante que iniciou como um antigo centroavante no futebol, mas se destacou mesmo como ponteiro direito. Era considerado um jogador de pequeno porte físico, baixo, com 1,59[7] mas forte, hábil, e veloz, conforme jornais da época. Além disso, cumpria as funções básicas para um jogador dessa posição naqueles idos do futebol de 1960 e 1970, ou seja, chegar à linha de fundo e cruzar. E Luizinho fazia isso muito bem! Indo além, ainda entrava em diagonal, nas situações de ataque pelo outro lado de sua posição, e recompunha a defesa fechando por dentro na

[7] Conforme Certificado de Reservista do Exército.

perda da posse de bola.[8] Era tudo que um treinador precisava. Esses atributos lhe renderam muitos gols, várias equipes e a Seleção do Interior Gaúcho, além de inúmeras matérias e fotos diárias nos principais jornais do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

O jogador Luizinho, além de seus atributos físicos e técnicos, também era considerado um jogador politicamente engajado. Tentava ampliar para os campos de futebol uma reflexão sobre o contexto social e político pelo qual o país estava imerso naquelas décadas. Pronunciava-se, sempre que possível, sobre as condições trabalhistas que envolviam os jogadores em sua época. Representava a voz do Sindicato dos Atletas junto aos colegas jogadores e enfatizava nas suas sindicalizações. Insistia, em cada contrato, que a carteira deles fosse sempre assinada. Luizinho vivenciou um momento do futebol em que vigorava a Lei do Passe, cujo processo jurídico deixava os jogadores reféns dos dirigentes de clubes. Isso o afetou algumas vezes; uma delas na relação entre o S.E.R. Caxias e o clube Ypiranga de Erechim, dono de seu passe. Diante de cenários como esse, Luizinho se pronunciava:

> É uma dificuldade para cobrar as mensalidades para o sindicato. É uma falta de consciência de classe. O jogador não está acostumado com estas coisas. Vai demorar muito até ele botar na cabeça que tem que participar do sindicato, que só através dele vamos conseguir alguma coisa. Esta desunião da classe existe em grande parte devido à competição. [...] Há mais tristeza no futebol que alegrias. Estas são muito poucas, muito poucas mesmo...[9]

O envolvimento em questões políticas parece ser algo presente não somente na sua juventude, mas ao longo de sua vida. Luizinho era sindicalizado, posteriormente foi filiado ao Partido dos Trabalhadores e, muito tempo depois, assumiu cargo de Secretário de Esportes na gestão do mesmo partido. Em sua carreira esportiva, Luizinho, tanto como atleta quanto como preparador físico, ou ainda como gestor, teve sua Carteira de Trabalho sempre assinada, demonstrando não somente uma compreensão da rápida carreira de jogador de futebol e da necessidade das garantias futuras, mas também

[8] Basta ler as descrições de seus gols em jornais da época.
[9] Entrevista concedida para uma série jornalística cujo tema era: "O jogador como assalariado". Não existe no material, a fonte jornalística, nem a data.

um comprometimento para que a legislação trabalhista fosse sempre cumprida pelos empregadores.

Se Luizinho, no auge da sua carreira futebolística era bom de reinvindicações, de falas e posicionamentos, era também considerado pela imprensa esportiva um bom jogador de futebol. Sua carreira futebolística se inicia profissionalmente em 1º de maio de 1967, já com 18 anos, no Grêmio Esportivo Flamengo de Caxias do Sul, clube pequeno que teve sua maior conquista na década de 60, quando foi campeão do interior.[10]

O jogador Luizinho, em sua carreira como jogador, percorreu diversos clubes de futebol no interior do Rio Grande do Sul, assim como em Santa Catarina. Entretanto, no ano de 1978, como jogador do Grêmio Esportivo Brasil da cidade de Pelotas, Luizinho traçava caminhos paralelos ao de jogador de futebol no clube. Enquanto a situação da compra de seu passe não se resolvia, auxiliava o treinador Osvaldo na preparação física da equipe ao final do ano de 1978. "[...] Luisinho, que não teve um bom ano no Brasil, enfrentando lesões, ao final de 78, assumiu a direção da parte física, assessorando o então treinador Osvaldo Barbosa".[11]

A década de 80 é a década de despedida do atacante Luizinho do futebol. Seu último jogo foi em um clássico Bra-Pel,[12] cujo resultado foi a vitória da equipe do Pelotas por 2 x 0. O jogo aconteceu em 19 de novembro de 1980. No início do ano seguinte, em dois de fevereiro de 1981, o Grêmio Esportivo Brasil assina a carteira do agora "professor" Luiz Parise. O técnico Galego foi um dos treinadores que passaram pela equipe do Brasil no ano de 1981. No decorrer da competição, ele pede demissão, e a direção do Brasil pensa em dar ao professor Luiz Parise o cargo de treinador. Luiz nega, pois seu projeto estava na preparação física: "eu nunca quis ser técnico e nunca cheguei a pensar nessa possibilidade. Sou um apaixonado pela educação física e gosto da minha função de preparador físico, sendo que nela pretendo permanecer."[13]

[10] https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/flamengo-de-caxias-451
[11] Matéria: "Gaúcho/PF quer comprar Luizinho" (sem fonte).
[12] Clássico Brasil X Pelotas
[13] Matéria: "Brasil procura treinador" (sem fonte).

3.3 O início de uma nova carreira: o preparador físico

O ano de 1981 abre algumas possibilidades para o ex-atleta Luizinho: por um lado, a nova experiência de não somente colaborar com o clube xavante na preparação física, mas, de ser um profissional contratado e remunerado para exercer a função. De outra feita, o preparador Luiz Parise ingressa na Escola de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (Esef/Ufpel). Luiz Parise já teria começado o curso de Educação Física na Universidade de Caxias do Sul (UCS), sendo a Universidade Federal de Pelotas, uma vaga de transferência. Luiz Parise era, ao mesmo tempo, um acadêmico e um profissional da preparação física nos campos de futebol.

Na vida de Luiz Parise, foi possível perceber que os desafios são constantes; esse não seria o primeiro diante de muitos já assumidos, e certamente não seria o último. Sua experiência dentro do campo, ao lidar com os companheiros de equipe, agora como "seus" atletas e comandados, talvez lhe tenha sido favorável em inúmeros aspectos. Parise sabia transitar muito bem nesse terreno. Reunia em si alguns elementos próprios de personalidade que, naquele momento, seriam necessários para a função que começava a exercer. Tinha a marca do temperamento forte, impositivo e mandão, talvez trazido de sua família italiana. Embora sempre fosse um sujeito divertido e alegre, nos treinamentos não esboçava qualquer possibilidade de sorriso, mantinha a cara fechada e séria. Minucioso nos planejamentos dos treinos, assim como outrora na formação de seus alunos na UCS, cientificista fervoroso, fala alta, gestos extremos, e, ainda, para aqueles que estavam iniciando, era uma referência expressiva por todo seu futebol apresentado nos gramados. Não se tem todos os dias no vestiário um preparador físico goleador de uma equipe representativa no cenário futebolístico do Rio Grande do Sul como Luizinho foi na Associação Caxias, nem um jogador revelação de um campeonato estadual como, também, fora em1975.

Luiz Parise reproduzia uma certa tradição daquilo que se reconhecia como futebol gaúcho. Damo (1999), busca refletir sobre o significado desta tradição. Para isto, é necessário compreender o processo de disseminação do futebol no Rio Grande do Sul que, na sua totalidade, é uma mistura de um futebol com resquícios de colonização europeia, principalmente alemã e

italiana, e da veia platina com a qual o Rio Grande do Sul estabelece estreitas fronteiras. Ao menos isso é o que sistematicamente os meios de comunicação, principalmente em território gaúcho, também afirmam. Em seu trabalho, Damo (1999) destaca as narrativas dos principais jornais do Rio Grande, principalmente nos jogos do time do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense. Para Damo, "[e]m termos genéricos, o estilo do futebol gaúcho resulta da apropriação, por parte dos futebolistas – sejam eles torcedores, dirigentes, jogadores ou cronistas esportivos –, de um discurso preestabelecido de culto às tradições" (1999, p. 95).

Também no trabalho de Bandeira e Franzoni (2017) é possível verificar a busca identitária nas narrações e mídias esportivas, quando este se volta a analisar as narrações esportivas pela mídia gaúcha nos quatro títulos de Libertadores da América dos times de Porto Alegre. *Sangue*, *suor*, *garra*, *força*, *valentia* são alguns dos atributos exigidos para esse futebol, os quais também são encontrados nas narrações esportivas e nos comentários.

Se a localização geográfica influenciou um estilo de jogo "gaúcho", é preciso compreender também o clima que se estabelece no Rio Grande do Sul, principalmente nos meses de inverno. Essa época do ano, no Rio Grande do Sul, é cenário de um clima extremamente rigoroso e chuvoso, acompanhado, por vezes, do famoso vento minuano que se origina no deserto da Patagônia, na Argentina, e chega ao pampa gaúcho.

Nesse cenário eram disputadas as competições regionais nas décadas de 1980 e 1990.[14] Tendo em vista que esses campeonatos, além de longos, atravessavam todo o inverno gaúcho, os jogos eram praticados sob condições de gramados extremamente embarrados, exigindo uma adaptação da preparação para esse tipo de enfrentamento. Assim, os treinamentos de futebol no Rio Grande do Sul, hegemonicamente, caracterizaram-se por treinamentos voltados para os ganhos de força muscular, elemento extremamente importante para a prática do futebol sob essas condições.

[14] O campeonato gaúcho de 1980 ocorreu entre os dias 26/6 e 23/11. O de 1985, ocorreu entre 4/8 e 8/12. O de 1990, ocorreu entre 4/2 e 29/7, e o de 1995 ocorreu entre 17/2 e 13/8. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Campeonato_Ga%C3%BAcho_de_Futebol.

Em qualquer clube gaúcho era importante, nessas décadas, a construção da academia para exercícios de força e, com isso, se assegurava parte dos treinamentos físicos. A metodologia e a proposta desse tipo de trabalho foram iniciadas por alguns preparadores mais antigos no Estado, principalmente na equipe do Grêmio, time que se caracterizava por esse conceito de futebol-força. Citemos Aduíno Zílio, nas décadas de 1960 e 1970; Ícaro Rodrigues na década de 70, ainda Ithon Fritzen e, mais adiante, Júlio Espinosa, Paulo Paixão e Darlan Schneider, apenas para citar em sequência cronológica essas escolas e seus preparadores. No Internacional, essa proposta de trabalho sistematiza-se fortemente com a chegada do preparador físico Gilberto Tim ao Beira-Rio, na década de 1970. Luiz Parise acompanhará essa tendência.

Ao que tudo indica, seu começo na nova carreira e o ano de 1981 não foram particularmente ruins para um "iniciante". Ainda que estivesse no primeiro ano da faculdade de Educação Física, no comando da preparação física recebe um elogio considerável de um importante colunista de esportes daquela época. Ruy Carlos Ostermann, em sua coluna do Jornal Zero Hora com o título "Viver e correr", escreve:

> O Brasil correu maravilhosamente contra o Grêmio. Deu combate no campo todo, marcou zagueiros, homens de meio campo e atacantes. Só Leão ficou liberado e mesmo assim era marcada a sua reposição de bola. Um futebol ofegante, enérgico, corajoso e decidido, elogio interminável a Luisinho Paresi (sic) que faz correr seus jogadores na areia fofa do Laranjal. O Brasil está correndo assim desde o início do campeonato. Correu junto com o Caxias, e agora que o Caxias desandou, o time de Galego se mantém no seu ritmo. [...] e deve continuar correndo esta tarde no Bento Freitas (Ostermann, 1981, p. 45).

A areia fofa da praia do Laranjal representava os treinamentos de força que Luiz introduziu nos seus treinamentos, juntamente com as "maratonas" que sempre aconteciam no começo de semana, priorizadas no chamado Período Preparatório – que, diga-se de passagem, estiveram ausentes e reclamadas por Luíz Parise numa matéria sobre os fisicultores.[15] Tudo isso era o mapeamento geral da preparação física no futebol, que correspondia à década de 1980 e que replicava no vestiário do Grêmio Esportivo Brasil numa

[15] Matéria: "Elogiado os fisicultores brasileiros" (Sem fonte).

discussão infindável entre Luíz Parise e seu mestre Galego. Embora Parise se firmasse naquilo que dominava melhor, pois sua vida de atleta fora regada com esse modelo tradicional de treinamento, era um sujeito atento às mudanças de seu tempo. Guardava consigo matérias jornalísticas que apontavam para alguma novidade, para algo que pudesse ser considerado moderno na sua esfera de trabalho. Como, por exemplo, os recortes guardados tratando da preparação física da Seleção Brasileira no ano de 1982 – em plena Copa do Mundo da Espanha –, cujo título "Elogiados os fisicultores brasileiros" tratava de novos elementos incorporados na preparação dos futebolistas, como os alongamentos antes do treino com bola, copiados pelo preparador físico Moraci Santana de um outro preparador norte-americano chamado Bob Anderson, que Moraci teria conhecido em Nova Iorque. Também era destaque, na mesma matéria, a divisão dos treinos quanto à especificidade da função dos jogadores e os treinos anaeróbicos, representados pelos tiros 100, 200 e 300 metros. Segundo Moraci, dizia a matéria "a preparação da equipe brasileira é toda ela anaeróbica,"[16]

O jovem fisicultor Luiz Parise acompanhava de perto todo o movimento da preparação física e, talvez, já estivesse na iminência de trazer para seus treinos o moderno método anaeróbico de treinamento. Na faculdade de Pelotas conheceu um professor com o qual teve grande afinidade e que sempre esteve atento ao desenvolvimento de novas metodologias do treinamento desportivo. Chamava-se Florismar Oliveira Thomaz, treinador de atletismo e profundo conhecedor dessas teorias, do qual Luiz relatou, em algum momento, ter sofrido forte influência.

Fato é que o Brasil de Pelotas, no ano de 1981, acessa o octogonal final, mas acaba ficando em último lugar, atrás da dupla Grenal e de seis equipes do interior. Um jornal de circulação no Rio Grande do Sul,[17] faz uma reportagem sobre as seis equipes do interior, cujo título é "Os times do interior ainda têm fôlego?" Cinco fisicultores das equipes do interior diziam que seus times estavam preparados para aquele momento e que chegariam de igual forma no que diz respeito ao condicionamento físico dos atletas. Luiz Parise

[16] Matéria: "Elogiado os fisicultores brasileiros" (Sem fonte).
[17] O ano foi de 1981, porém não temos a fonte.

foi o único que não cogitou essa possibilidade, dizia não estar muito tranquilo, pois sua equipe teria sido muito prejudicada pela tabela da competição que impôs à equipe pelotense um desgaste muito grande. Parise afirmava estar "numa situação diferente dos seus colegas de preparação e diz que haverá um reflexo na condição física pelo grande desgaste sofrido nas duas primeiras etapas do campeonato."[18] Blefe ou não, fato é que o preparador Luiz Parise abriu mão dos otimismos contagiantes, que dominam situações como essa, e vociferou que seu time estava em condições físicas bem abaixo do necessário, chamando para si uma certa responsabilidade. O resultado final demonstrou que aquilo que ele tinha proferido estava correto.

O trabalho de Luiz Parise, desenvolvido junto ao Grêmio Esportivo Brasil, e posteriormente nos próximos clubes, será uma síntese muito bem elaborada da longa trajetória do futebol no Rio Grande do Sul (o que podemos chamar de tradição esportiva), das metodologias de treinamento utilizadas à época e da singularidade de um futebol praticado sob circunstâncias diversas e adversas. Entre elas, o clima próprio do Rio Grande do Sul, principalmente o inverno gaúcho, os gramados, muitos deles maltratados pelo rigor do frio e da chuva, e a tabela da competição de futebol do Estado. Todos esses elementos somados dão a tonalidade do futebol no Rio grande do Sul e da preparação física dos atletas nesse estado, principalmente nas décadas de 1970 e 1980, tradição que Luiz Parise sempre seguiu, metódica e metodologicamente.

3.4. O Grêmio Foot-ball Portoalegrense

No início da década de 90, Luiz Parise ainda se mantém firme na sua função de preparador físico. A condição de gestor apareceria mais adiante, no Esporte Clube Juventude. Entretanto, em 11 de janeiro de 1991, Parise assina contrato com o Grêmio Foot-ball Porto Alegrense. Luiz Parise chega ao Grêmio por intermédio de Beto Almeida, com quem já trabalhara em 1989. Beto era o assessor do clube da capital gaúcha nesse momento. Juntamente com Parise, a comissão técnica se compunha por Claudio Duarte, como treinador,

[18] Matéria: "Os times do interior ainda tem folego?" (Sem fonte).

e Luiz Alberto Monteiro, também trazido por Beto Almeida para assumir a coordenação da preparação física do clube.

O Grêmio, no ano de 1991, era um clube de desafios, um elenco, conforme descrevia Beto Almeida, com a qualidade dos bons jogadores e da boa comissão técnica. Mas os resultados não vieram. No início do ano, no retorno das férias, ao mesmo tempo que o clube anunciava as novidades, Claudio Duarte, Beto Almeida e Luiz Parise externavam problemas com jogadores importantes, como Paulo Egídio, que já avisara que não compareceria à apresentação. O clube ainda tinha problemas com outros jogadores importantes como Alfinete e Assis, ídolos do clube à época. Esse era o panorama que o trio iria enfrentar. Além dessas questões, situações estressantes também se acumularam durante o ano, como a punição de jogadores importantes, caso do jogador Caio, por exemplo, julgado à época por ofensa moral ao árbitro e por praticar vias de fato, e do próprio treinador Claudio Duarte por dar instruções fora dos limites permitidos de demarcação,[19] punindo-o com alguns jogos.

Luiz Parise chega com bom currículo e com boa credibilidade junto à imprensa. Em Caxias do Sul, o jornal Pioneiro anuncia: "Luiz Parise é o fisicultor do Gremio,"[20] um comentarista destaca que "certamente, o Grêmio, com o *status* – e as condições financeiras que possui – não iria entregar uma área tão importante a um fisicultor que não tivesse as condições para realizar um bom trabalho. Na matéria intitulada "Parise garante o fôlego do Grêmio" (Meneghetti, 1991, s.p.), Luiz, como sempre metódico naquilo que faz, destaca que seu trabalho ainda está num processo e que precisaria de mais tempo para colocar os jogadores em ritmo de jogo.

A formação da dupla Alberto Monteiro e Luiz Parise – que se estenderia como uma grande amizade e uma nova possibilidade de parceria de trabalho mais adiante – na preparação do Grêmio, sem dúvida, reunia o que existia de melhor naquele momento. Por seu lado, Monteiro trazia aquilo que tinha vivenciado num trabalho de ponta como consultor na Seleção Brasileira e o

[19] Jornal Zero Hora, 8/03/1991, p. 54.
[20] Jornal Pioneiro – 10/01/91, p. 14.

que também tinha estudado nos Estados Unidos. Por outro lado, Parise era o estudioso, o detalhista, o organizador minucioso do processo.

Parise, por sua vez, vai implementando sua forma de trabalho e métodos de treinamentos, que vinha aos poucos estudando e ajustando. Além dos treinamentos considerados "intervalados", que Luiz já teria incorporado, os treinos de força a partir do método pliométrico – desenvolvidos pela "escola" do cientista da antiga União Soviética, Yuri Verkhoshanski, que permeia a preparação física no início da década de 90 no Brasil –, também são incorporados em seus treinamentos no Grêmio.

Para desenvolvê-los, o material utilizado são caixotes individuais, na maioria das vezes com alturas de 60 cm em que cuja base o atleta sobe para executar saltos que estimulariam o que se chama de "força reativa do aparelho neuro-muscular" (Verkhoshanski, 1996). Para Beto Almeida, "era uma certa ousadia aquilo, simplesmente não se usava plinto no futebol". Mas Parise acha interessante fazer caixotes maiores, algo próximo de 4m de comprimento por 60 cm de largura e com alturas diferentes, para vários jogadores fazerem ao mesmo tempo. O problema foi que esses caixotes, nessas dimensões, tornavam difíceis seu deslocamento, devido ao peso e ao tamanho. A resolução seria deixá-los na pista atlética do antigo estádio Olímpico, porém, o problema agora se daria com o paisagista do estádio, queda de braço que Luiz perdeu.

Para além de tudo que envolveu uma mútua dedicação, um somatório de trabalhos e conhecimentos dos dois profissionais, o que, nas palavras de Beto Almeida, talvez tenha sido um trabalho de vanguarda e, de fato, tinha todos os elementos para ser, Parise, por sua vez, vai implementando sua forma de trabalho e métodos de treinamentos que vinha aos poucos estudando e ajustando. Porém, com resultados pífios em campo, – em primeiro de abril de 1991, o Grêmio perde de 1 x 0 para a S.E. Palmeiras, em Porto Alegre, e o treinador Claudio Duarte pede demissão –, Luiz Parise, levado por aquilo que sempre exaltou como fidelidade e, transitando pelo terreno daquilo que entendia como ética, pede também sua demissão. No cargo da comissão ficam apenas Beto Almeida e Luiz Alberto Monteiro. Beto assumiria como técnico interino até a chegada do treinador Dino Sani. O Grêmio fica, a partir de então, como um passado importante na carreira esportiva de Luiz Parise.

3.5 Um italiano gestor

Não existem dúvidas quanto à personalidade marcante e metódica de Luiz Parise, somada ao seu elevado conhecimento técnico para exercer com propriedade o cargo de preparador físico que o consagrou como uma das referências na área, no Rio Grande do Sul. Porém, o cargo de gestor esportivo lhe vestia como um terno feito sob medida. Temperamento forte, mandão e convicto de suas ideias, Parise "desfilava" como numa passarela nesse cargo, pois, sobravam-lhe atributos para agir dessa forma.

Parise era o que se chama de um sujeito proativo, pois atuava com certo grau de autonomia e com grande poder de persuasão. Defendia suas ideias ferrenhamente e seguidamente vencia o confronto. Tinha, verdade seja dita, uma boa oratória e uma capacidade de convencimento importante, o que tornava suas propostas tentadoras e acolhidas por todos frequentemente. Por vezes, democrático, por vezes, impositivo, dependendo do grau de importância do que estava sendo proposto, mas era sempre inteligente e atento ao movimento do cenário local.

Essa personalidade, porém, ficava longe de um sujeito que pudéssemos considerar autoritário. Ele gostava que suas ideias prevalecessem, exercia certa tensão para emplacá-las, mas sabia da necessidade de diálogo e da ação democrática que sua função exigia. "Convicto e duro nas horas necessárias, quando o trabalho necessita de um rumo", como destaca Tite, "mas com um coração gigante."[21] Em reuniões dava muxoxos, sacudia a cabeça, fazia caras e bocas, mas, por vezes, com uma boa justificativa era voto vencido.

As experiências de Luiz Parise em cargos diretivos, ou de gestão, deram-se em diferentes instâncias. Aconteceram tanto no futebol quanto em outras áreas profissionais, porém, todas envolvidas com o esporte. A esse cargo diretivo de gestor no futebol dava-se o nome de gerente de futebol. Entretanto, essa nomenclatura, devido às mudanças estruturais ocorridas no futebol, é absorvida e considerada um pouco ultrapassada, e o nome mais utilizado passou a ser diretor executivo. Para entender melhor essa mudança

[21] Entrevista com Tite.

de nomenclatura, é preciso entender e acompanhar as mudanças ocorridas no futebol, principalmente na transformação do modelo associativo para o futebol empresa.[22] Luizinho, – talvez pelo *status* que carrega uma nomenclatura em detrimento da outra –, gostava de ser chamado de diretor executivo. Não temos dúvidas quanto ao seu conhecimento das diferenças conceituais e executivas de cada nomenclatura, já que por diversos momentos palestrou sobre essa sua função.

Um dos primeiros cargos que ocupou como gestor, fora do futebol profissional, foi no ano de 2004, num projeto chamado UCS/Olimpíadas, coordenado por seu amigo Luiz Alberto Monteiro. Nessa época, Luiz estaria desempregado do futebol, situação que se repetiu inúmeras vezes em sua vida profissional e Alberto Monteiro buscando alguém para ajudar no projeto.

A UCS (Universidade de Caxias do Sul) lançou, no ano de 1996, um projeto chamado UCS Olimpíada 2004, em alusão à candidatura da cidade do Rio de Janeiro para a Olimpíada daquele ano. No ano de 2004, o projeto recebe o nome de UCS Olimpíadas, mostrando que iria mais além. Aquele, procurava dar apoio aos atletas da região da Serra Gaúcha, assim como incentivar novos e também já confirmados talentos.

Luiz Parise assumiria a gestão da formação esportiva, mais especificamente a Escola de Futebol, que funcionava como preparatória de futuros atletas, ficando claro que não era uma atuação no alto rendimento, conforme ele sempre havia trabalhado nos clubes de futebol. Entretanto era uma empreitada, um desafio colocado que se transforma, nas mãos de Parise, numa das mais importantes áreas dentro do projeto. O projeto UCS era um campo de formação acadêmica que Luiz sabia profundamente organizar e coordenar. O futebol, por incrível que possa parecer, não existia, pois era uma modalidade que necessitava de muito recurso, diante de um orçamento, conforme Luiz Alberto Monteiro, condizente para o projeto, mas austero. Com a entrada de Parise no projeto, o futebol não só passou a existir, como se transformou numa das mais importantes categorias de formação esportiva dentro do Projeto UCS- Olimpíadas.

[22] Cito aqui para consulta, o trabalho de Luciano de Campos Prado Motta (2020).

Posteriormente ao Projeto UCS, a ideia de gestão acompanhou Luiz Parise que, nesta função, atuou no Juventude de Caxias do Sul, no Sport Club Rio Grande, no Clube Náutico Marcilio Dias da cidade de Itajaí, no Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas e, por fim, no Grêmio Náutico Almirante Barroso, também da cidade de Itajaí. Mas o Brasil de Pelotas é a consumação de um ciclo importante do futebol na vida de Luiz Parise. Ali, naquele momento, naquele cenário de encerramento, de recolhimento, de retorno para casa, de expectativas não correspondidas é, no que diz respeito à sua vida dedicada plenamente ao futebol, a cerimônia do adeus.[23]

Vivendo o processo de cicatrização de uma ferida ainda aberta, Parise levava sua vida na cidade de Balneário Camboriú. Ali tinham alugado uma casa, juntamente com Sandra sua esposa e seus filhos. Os convites para o futebol se restringiram, Luiz não estava mais no Rio Grande do Sul, local onde seu nome tinha uma determinada importância. A cidade do litoral catarinense era quase um retiro, um distanciamento do local em que viveu o futebol intensamente. Entretanto, no ano de 2010, Alexandre Lindenmeyer, é eleito Deputado Estadual com 93.768 votos pelo Partido dos Trabalhadores e, em 31 de janeiro de 2011, toma posse na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. Uma das pautas estabelecidas como prioridade por Alexandre era o esporte, mais especificamente o futebol, como um elemento cultural e econômico de sustentabilidade para microrregiões; e é nesse cenário que o nome de Luiz Parise é retomado na agenda de Lindenmeyer, para assumir o cargo de Assessor de Esportes.

O então deputado estadual via em Luiz as condições necessárias para assumir o cargo, pois sabia que ele reunia os requisitos para assumi-lo com total responsabilidade. Alexandre já percebera o comprometimento de Luiz, quando estiveram trabalhando juntos no Sport Club Rio Grande – e era justamente a característica de Parise como alguém proativo que Alexandre precisava a seu lado. A pauta do esporte, tão defendida por Alexandre, seria tocada por Parise.

[23] Aqui pego de empréstimo o título do livro de Simone de Beauvoir (2015).

O projeto do futebol seria construído juntamente com a Secretaria Estadual do Esporte e Lazer, o Banrisul e o Governo do Estado do Rio Grande do Sul – cuja gestão estava sob o comando do Governador Tarso Genro do Partido dos Trabalhadores – e com os clubes do interior do Estado. Já teria um nome, que seria: Jogo Aberto. Nele estava exposto o futebol como um resgate da história, cultura e identidade locais, através de clubes centenários que estavam desaparecendo no interior do Rio Grande do Sul, – principalmente pelo descaso da federação com os clubes do interior do Estado –, assim como também a valorização dos espaços urbanos como as praças e os clubes amadores. Tratava da participação do Estado como um agente importante de fomento ao esporte, distanciando-se de uma proposta neoliberal de um estado mínimo no que diz respeito às políticas públicas, assim como, também, fazendo uma repartição igualitária dos recursos disponíveis. Era a contramão das políticas de pautas conservadoras e minimalistas do Estado, possível de ser implementada por conta de o governo do Estado estar sob o governo do Partido dos Trabalhadores naquele momento.

O Deputado Alexandre se candidata a prefeito da cidade de Rio Grande e, em outubro de 2012, se elege. Teria então de renunciar a seu mandato de deputado, deixando para trás vários projetos, entre eles, o carro chefe do esporte, o Jogo Aberto. Desfeito esse cenário, outro se abre na vida de Luiz Parise. Finalmente, algo realmente novo e singular, comparado com a sua trajetória dentro dos campos de futebol. Luiz Parise chegaria através de um cargo altamente disputado. Chegava na cidade de Rio Grande como Secretário de Esportes e Turismo no governo do Partido dos Trabalhadores.

Os desafios políticos colocados à sua Secretaria não foram poucos. Entre eles estavam o carnaval da cidade, um Complexo Esportivo de uma praça de esportes da cidade, o futebol amador e, ainda, Luiz Parise era um *outsider*. A comunidade rio-grandina torceu o nariz para o fato de um secretário de esportes ser um caxiense empres**t**ado. Mesmo com um relatório de 100 dias da Secretaria de Turismo, Esporte e Lazer, permeado de inúmeras atividades desenvolvidas e outras tantas por desenvolver – e mesmo com um

projeto já pronto sobre a mesa, de reestruturação daquele Complexo Esportivo –, o nome de Luiz na pasta, não era mais unanimidade.

O primeiro ano do governo de Alexandre Lindenmeyer termina e, pouco antes, chega ao fim também a gestão de Luiz Parise como Secretário de Esportes. A situação de Alexandre na Câmara Municipal vai se encaminhando para um terreno de ajustes, e a composição com outros partidos para a base do governo se torna necessária, como já destacado. Uma das Secretarias que entra para a negociação é a do Turismo, Esporte e Lazer. No remanejo, ela sai do PT e vai para as mãos do PC do B. A saída de Parise está decretada. Sem mais o que fazer na cidade de Rio Grande, Luiz se encaminha para Balneário Piçarras. Novos ventos, novos rumos.

4. A volta pra casa

4.1. Os refletores apagando. O jogo terminando, o retorno para *Ítaca*

A viagem de Ulisses em seu retorno para casa, que Homero expõe em 24 cantos e 12 mil versos na monumental obra *Odisseia*, possibilita inúmeras traduções do que pode significar a concepção de sujeito, principalmente a sua autoafirmação na sociedade moderna. Mas não apenas isso, pois também é possível a obra ser interpretada sob o signo da renúncia de Ulisses, entre tantas outras leituras pertinentes numa obra de tamanha dimensão.

Parise não era Ulisses, mas era o guerreiro que em algum momento precisou retornar e resgatar sua Ítaca. Seu retorno para casa ocorreu imediatamente após seu desligamento da Secretaria de Esportes da cidade de Rio Grande. Corria o ano de 2014. Não era o desfecho que Luiz Parise imaginava, tendo em vista que tudo ocorre já no primeiro ano de seu mandato, e sua perspectiva era de fazer um grandioso trabalho junto à Prefeitura de Rio Grande, principalmente em se tratando do esporte local. A Secretaria de Esportes tinha sido um movimento realizado com uma certa antecedência, quando ainda era o Assessor da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Chegar ao cargo de Secretário foi uma construção minuciosa durante esse período. A praia de Balneário Piçarras era a sua Ítaca.

A rotina em Balneário Piçarras andava como a rotina de um pequeno balneário no litoral catarinense. Parise tinha seus afazeres, mas excetuando

o verão, quando o movimento é considerável, no restante do período do ano, a rotina de vida era calma. Luiz, acostumado com a movimentação, a turbulência e as emoções vivenciadas numa rotina de um clube de futebol, mesmo passados alguns anos distante desse ambiente, ainda sentia o calor dessa rotina. Para falar a verdade, fazia falta ao seu temperamento inquieto.

Luiz Parise abriu um restaurante neste balneário. O restaurante tinha sua movimentação, compromissos próprios, exigia uma certa responsabilidade, mas não tinha emoção. Nem de perto se comparava com uma semana de decisão experimentada no Juventude, ou no Grêmio, no Brasil de Pelotas ou em qualquer outro clube, cujo ambiente se aproxima de uma "panela de pressão" prestes a explodir. Esse ambiente mobilizava e contaminava Parise, ele era produto disso e viveu isso como ninguém. Foram longas décadas experimentando esse tipo de emoção, esse fascínio de precisar se movimentar com extremo cuidado, de colocar as palavras certas no lugar certo, de ter uma semana minimamente controlada, para que qualquer descuido não colocasse tudo a perder. São os jogadores, a imprensa, os torcedores, os treinamentos, todas as variáveis sob controle. As variáveis, o seu controle, fazem parte de uma certa excitação, de uma certa mobilização psicológica, um certo vício que traz consigo a sensação do prazer. Era disso que Luiz sentia falta e, por mais intensa que fosse a vida de um proprietário de restaurante, ela não tinha as emoções de um vestiário de futebol. O restaurante não cheirava a éter, o restaurante não tinha o barulho estridente das chuteiras batendo ao chão como gladiadores batendo espadas em estado de transe prestes a entrar na arena.

O Restaurante, a Associação de Bairros, novas rotinas na vida de Luiz, que não substituíram sua grande paixão – o futebol. Mesmo diante de todas essas atividades que vão permeando a sua vida, dando-lhe um outro sentido, Parise parece querer confessar algo. Parece que os campos de futebol andavam invadindo seus sonhos à noite, e, secretamente, pedindo seu retorno, seu eterno retorno. Dava a entender que o desejo era muito mais dos campos que sofriam e confessavam-lhe a ausência do que, propriamente, um desejo categórico seu. Como se o futebol viesse todas as noites fazer um pedido, um último pedido: "retorne, Luiz!" A Ítaca estava com seu guerreiro de volta, mas

as batalhas, as lutas, os adversários, o cheiro do terreno de lutas, tudo isso ainda era muito mais atrativo que a segurança de estar em casa.

Em 2020, o Brasil e o mundo, a partir de determinações da Organização Mundial da Saúde (OMS), sofre medidas de restrição, os Estados brasileiros decretam emergência e suspendem atividades coletivas. O negacionismo, o atraso na compra de vacinas, o incentivo a tratamentos sem eficácia cientifica, falhas na coordenação nacional de medidas sanitárias, e ainda, um general do exército como ministro da saúde, decretaram a morte de mais de 700 mil pessoas no território brasileiro, tornando-se um dos países com maior número de mortes no mundo.

Em 2021 Luiz Parise falece na cidade de Itajaí/SC vítima de Covid-19. Os jogos de quinta-feira do Campeonato Gaúcho tiveram seu minuto de silêncio. Como toda Fênix que renasce de suas cinzas, em Caxias do Sul, em 2022, foi realizado o primeiro campeonato "Sub-15 e Sub-17 Luiz Parise", um campeonato com o objetivo de revelar valores esportivos na comunidade da serra gaúcha, aquilo a que Parise, durante vários anos, dedicou-se profundamente. Como escreveu Sartre, (2018, p. 20) "no entanto, ele amou, quis viver, viu-se morrer; é quanto basta para fazer todo um homem".

Final de jogo – Considerações

A biografia de Luiz Parise nos permitiu compreender a expressão de sua atuação em diversos momentos, exercendo diversas atribuições profissionais nos esportes de forma geral, e no futebol de forma especifica, principalmente no interior do Rio Grande do Sul. Insurgiu-se quase sempre, em cada momento, como um exemplar nada comum, como um sujeito de personalidade firme, polêmico e, sobretudo, destacando-se quase sempre como um pioneiro em seu tempo, com inovadoras proposições, algumas oportunas e bem aceitas, outras tantas repelidas pelos momentos culturais e formas de serem propostas e/ou implementadas. Existiu deixando rastros (Gagnebin, 2018), posteriormente seguidos por aqueles que o acompanharam ou foram por ele formados. Lembrando, entretanto, que a renúncia é marcada, por vezes, em cada rastro deixado, como sendo parte de uma vida em si renunciada; e o futebol, em si, já carrega consigo esta renúncia. O rastro é a

renúncia, aquilo que, de alguma maneira, foi deixado para trás ou negado. "Qualquer rastro já é algo deixado para trás, já é algo renunciado" (Gagnebin, 2018, p. 115).

Luiz Parise ultrapassa inúmeros obstáculos estabelecidos por seu campo de possibilidades, utilizando-se de toda uma gama de "ferramentas" construídas por dentro desse mesmo cenário delimitante. O mundo do trabalho se apresenta desde muito cedo, sufoca o mundo infantil e o acompanha como tarefa árdua a ser superada.

Essas características forjaram sua postura profissional no futebol, o que lhe fez ser um profissional singular ao tornar-se, por onde andava, um porta voz de muitas reivindicações e inovações, sobretudo nos cargos que exerceu no futebol do interior. Foi um rebelde do futebol como atleta, preparador físico, gestor e formulador de políticas públicas, marca que também acompanhou a formação que deixa como legado às novas gerações de profissionais, atletas, dirigentes e demais trabalhadores dos esportes. Mas, acima de tudo, Parise demarcou uma época no futebol do Rio Grande do Sul e, ao mesmo tempo, sofreu todo o clima socioantropológico da mesma, o que nos permite corroborar com Sartre (2015), ao afirmar que o Homem é um universal singular, totalizado por sua época e pela história que o atravessa.

O tempo apenas temperou Parise como homem concreto em situação, que, para o existencialismo, é o verdadeiro campo da história. O futebol ocupou sua existência. A ele dedicou uma vida, e pagou com a "renúncia" da mesma. Essa renúncia deixou um legado que este trabalho buscou recuperar.

Referências

BANDEIRA, Gustavo Andrada & FRANZONI, Sabrina. Macho, Corajoso e Bravo: a construção dos sentidos sobre o futebol campeão da América, pelo jornalismo esportivo no Rio Grande do Sul. Revista Latino-americana de Jornalismo. Ano 4, v. 4, n.1, jan - jun, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ancora/article/view/35850>. Acesso em: 21/01/2022.

BEAUVOIR. Simone de. *A Cerimônia do Adeus*. Ed. Especial. Tradução Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. 493 p.

CANNON, Betty. Psicanalise e psicanalise existencial. *In* Jean-Paul Sartre: conceitos fundamentais. Ed. Vozes, 2020 p. (110 – 130).

CUNHA, Tito Cardoso e. *Universal singular*: filosofia e biografia na obra de Jean-Paul Sartre. Covilhã: Labcom-Ifp, 2019. 118 p.

DAMO, Arlei Sander. Ah! Eu Sou Gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 23, p. 87-118, 1999. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2085. Acesso: 30 jan. 2022.

DOSSE, François. *O desafio biográfico*: escrever uma vida. 2. ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2015. 438 p.

FERRAROTTI, Franco. *Sobre a ciência da incerteza*. Tradução Narrativa Traçada. Angola; Portugal: Mulemba & Pedago, 2013. 98 p.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

MENEGHETTI, Leonardo. Parise garante o folego do Grêmio. *Jornal Zero Hora,* 17 fev. 1991.

MOTTA, Luciano. O mito do clube-empresa. Ed. Sporto, 2020.

OSTERMANN, Ruy Carlos. Viver e correr. *Jornal Zero Hora*, p. 45, domingo, 25 out. 1981.

SARTRE, Jean-Paul. *As Palavras*. 3. ed. Tradução J. Guinsburg. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. 149 p.

SARTRE, Jean-Paul. *Crítica da razão dialética*: precedido por questões de método. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2015. 881 p.

SARTRE, Jean-Paul. *Questão de Método*. 3. ed. Tradução Bento Prado Júnior. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972. 149 p.

VERKHOSHANSKI, Yuri V. *Força*: treinamento da potência muscular. Tradução Antonio Carlos Gomes e Ney Pereira de Araujo Filho. Londrina: Editora Cid, 1996.

Revista Novos Rumos Sociológicos | vol. 14 n. 25 | Jan/Jul/2026
Artigo recebido em 30-05-2026 | Aprovado em 13-07-2026
ISSN: 2318-1966

DEPORTE COMUNITARIO: FÚTBOL, POLÍTICA E IDENTIDAD

Community Sports: Football, politics, and identity

Jorge Rettich Martinez[I]

Resumen

Este trabajo se enmarca en los resultados de uno de los ejes de análisis desarrollado en el Proyecto de Investigación + Desarrollo, financiado por la Comisión Sectorial de Investigación Científica de la Universidad de la República del Uruguay, sobre la relación entre las prácticas deportivas y la participación comunitaria. En esta investigación se estudiaron por medio del análisis de discurso francés (Pêcheux, 2013), documentos oficiales de la política pública de diferentes organismos del Estado uruguayo relativos al tema, tales como Intendencias Municipales, Ministerio de Salud Pública, Secretaría Nacional de Deporte. Para esta breve presentación, seleccionamos únicamente el primer Plan Nacional Integrado de Deporte de la Secretaría Nacional de Deporte, el cual es muy relevante, no solo por ser el primero, sino porque aún hoy rige la política pública al respecto. Nos proponemos dar cuenta de cómo emergen los mismos supuestos que sostienen el fútbol mundial, pero a escala local. Las bases conceptuales del deporte en el registro comunitario se yuxtaponen con la semántica de la eficiencia, el resultado y la competencia, y es parte de la política pública del país. El fútbol, tradicionalmente relacionado a la política, la economía, y la identidad nacional, hoy día especialmente apela a la semántica de la comunidad. En este sentido, también nos proponemos presentar otras claves para pensar las ideas de comunidad e identidad, con las cuales otras formas de entender el deporte comunitario sean posibles.

Palabras clave: Fútbol; Deporte; Comunidad; Identidad; Política pública.

Abstract

This study is part of the findings from one of the strands of analysis developed in the Research and Development Project, funded by the Sectoral Commission for Scientific Research at the University of the Republic of Uruguay, on the relationship between sports practices and community participation. In this research, we used French analysis of discourse to examine official public policy documents from various Uruguayan government agencies related to this topic, such as municipal governments, the Ministry of Public Health, and the National Secretariat of Sports. For this brief presentation, we selected only the first Integrated National Sports Plan from the National Secretariat of Sports, which is highly relevant not only for being the first but also because it continues to govern public policy on the matter to this day. We aim to understand how the same assumptions that underpin global football emerge on a local scale. The conceptual foundations of the sport at the community level are juxtaposed with the semantics of efficiency, results, and competition, without addressing relevant ethical issues, and it

[I] Docente investigador del Instituto Superior de Educación Física de la Universidad de la República. Orcid: 0009-0002-8638-2582. E-mail: jrettich@gmail.com.

serves as a driving force behind a national policy that no political sector can deny. Football, traditionally linked to politics – whether economic or identity-based – now appeals particularly to the semantics of community. In this regard, we also aim to present alternative frameworks for thinking about the concepts of community and identity, through which other ways of understanding community-based sports become possible.

Keywords: Football; Sports; Community; Identity; Public policy.

Introducción

Las vísperas del inicio de la edición número 23 de la Copa del Mundo masculina organizada por la FIFA generan un revuelo a nivel global y local. El mismo no es únicamente económico, aunque es parte fundamental, sino cultural y político. Dentro de estos tres registros funciona el fútbol: la Copa del Mundo es un emprendimiento económico en el rubro espectáculos, es un culto a la emergencia de una práctica corporal vuelta tradición para ciertas culturas, o un campo de batallas políticas. Decir que son los dos primeros registros los que caracterizan la Copa es lo que pueden responder hoy día tanto un hincha, un periodista, como cualquier representante de un sistema político. Sin embargo, el registro político, si bien es evidente, siempre se tiende a ocultar con gran visibilidad. Sí, ocultar con visibilidad no es un error semántico, sino la expresión que puede dar cuenta de un juego: por doquier el fútbol en general, pero la Copa del Mundo en particular, históricamente ha obedecido a proyectos o necesidades políticas explícitas, y sin embargo los políticos y dirigentes del fútbol del momento no dejan de negarlo. Es tan evidente el uso político y tan explicita la negación, que realmente parece un juego.

Se podría afirmar, aunque aún con tensión, que esto está resuelto. Mal que nos pese, se acepta sin demasiada resistencia. Nadie deja de ver o ir a la Copa del Mundo y embarcarse en los gastos que esto requiera; desde boletos de entrada, pasajes, arrendamiento de tv cable, compra de remeras y banderas, hasta la colección de figuritas del álbum del mundial. Al mismo tiempo, según la clase social en que cada quien se encuentre, unos viajan a buenos hoteles y sacan buenas entradas, otros juegan a la "tapadita" con figuritas en su barrio y se juntan para ver los partidos hacinados en alguna precaria habitación del mundo. Ambas imágenes no tienen identidad

nacional, son globales, pueden responder a cualquier país y cultura. Esto da cuenta en forma evidente que el fútbol es global. Sin duda cabe preguntarse si la idea de cultura global no encierra alguna paradoja, pero la economía global parece ya no hacerlo, por más que el *oikos* del que proviene la economía ya no dé cuenta de nada doméstico u hogareño.

Pero al margen de esta aceptación, un problema persiste. Si el registro económico prevalece, la política parece diluirse o por lo menos ponerse a su servicio. Si el registro cultural prevalece, la política parce hacer eje en la identidad, se presenta la Copa como un espacio de integración cultural, cuando son los nacionalismos lo que se exalta. Así, el fútbol en la Copa del Mundo, pero no solo ahí, es una práctica que se ve afectada por factores económicos, culturales y políticos, casi indefectiblemente. Ahora bien, esto que parece evidente por lo menos a unos ojos mínimamente críticos, y que se puede ver en una Copa del Mundo, quizás no sea tan evidente en las prácticas de fútbol en lo que se ha dado en llamar el nivel comunitario. Partiremos de un sucinto relevo que muestra las anteriores afirmaciones sobre la relación entre política y fútbol mundial, para dar cuenta de que el deporte comunitario no necesariamente escapa a las lógicas y bases del deporte global, y menos si hablamos de fútbol.

No es pretensión de esta presentación el análisis de la Copa del Mundo, para esto hay suficientes trabajos. Nuestro interés es dar cuenta, por medio de una actividad que es a las claras de un orden global como la Copa del Mundo, las formas en que estas dimensiones se ponen en juego en el fútbol a nivel local, para luego ver que las políticas públicas, al menos en el caso del gobierno uruguayo, se sostienen o funcionan en supuestos similares a los de la Copa y en sinergia con las propias organizaciones de base. Lo principal que se pretende demostrar con esto, es que las ideas de comunidad e identidad son esa base sobre la que se deslizan sin solución de continuidad, las políticas deportivas de lo global a lo local. Con esto, pretendemos dar cuenta de una crítica a las formas identitarias de entender la comunidad como fundamento de la política deportiva comunitaria.

Si bien nuestra referencia es solamente Uruguay, quizás las bases conceptuales que utilizaremos, así como los elementos que ponemos en análisis, alimenten posibles revisiones similares en el resto de la región.

El fútbol al orden de la política totalitaria

En los últimos tiempos, en la región, se han producido trabajos que ponen de relieve la relación entre mercado y futbol, así como entre lo que podemos decir gobiernos bélicos y fútbol. En Uruguay tenemos un caso muy claro, el llamado popularmente Mundialito, en 1980. Como plantea Bruno Mora por medio del historiador Gerardo Caetano, este pequeño mundial de fútbol organizado por la Asociación Uruguaya de Fútbol con el reconocimiento de la FIFA, donde participaron los campeones del mundo al momento, menos Inglaterra, tuvo una relación directa con la pretensión de la Dictadura Militar[2] de mantenerse en el poder: "El régimen tenía un objetivo político claro: obtener el respaldo de la reforma constitucional y el mundialito era la exhibición de ese éxito en la dictadura (Caetano en Bednarik y Varela, 2010)" (Mora, 2019, p. 45).

En la idea de Mora por "organizar la tentativa de una historia de las memorias" (2019, p. 47), el Mundialito no solo constituyó un lugar en la memoria colectiva que la Dictadura intentó montar para su perpetuación, sino también la posibilidad de expresión del rechazo popular desde la pasión de un pueblo que se identifica con el fútbol. Pan y circo dice el dicho en Uruguay, pan y toros o pan y fútbol dicen en España (Úbeda, Molina, Villamón, 2014). La contradicción era fragante: "Una ebullición de sentimientos contradictorios, que era un circo para la dictadura y que era una fiesta deportiva. Alegría y vergüenza. Tristeza y emoción" (Mora, 2019, p. 47).

El fútbol que pudo ser utilizado por las Fuerzas Armadas para dar cuenta de su poderío y capacidad de gestión – como la organización de semejante torneo, con visibilidad internacional – también pudo ser, quizás especialmente porque se jugó inmediatamente después del resultado del

[2] Estamos hablando de la Dictadura Civico-Militar en Uruguay entre los años 1973 y 1985, en el marco de un proyecto geopolítico de la conocida Doctrina de la Seguridad Nacional promovida por los EEUU en el marco de las dictaduras del Cono Sur.

Plebiscito Constitucional de 1980,[3] un momento de expresión y festejo del plebiscito.

> […] los gobiernos de turno utilizan al deporte para pergeñar una apoteosis de su poderío unificado, para deslumbrar con su capacidad de organizar un evento de estas magnitudes y muchas veces para dejar en la nimiedad del olvido problemas socialmente trascendentales de fondo. En el caso del Mundialito de 1980, realizado en Montevideo, a los militares les 'salió el tiro por la culata' (MORA, 2019, p. 50).

Cabría preguntarse acá cuales son los aspectos que hacen que una misma práctica y expresión cultural pueda ser utilizada por corrientes ideológicas o perspectivas políticas totalmente enfrentadas. Algo al respecto intentaremos plantear sobre el final.

En el mismo sentido que el trabajo de Mora, Diego Alsina y Alejando Correa plantean que se pueden distinguir significados diferentes en el deporte: "uno que responde al poder legitimador del mismo, a las definiciones más tradicionales sobre la nacionalidad y el vínculo directo como aparato ideológico; y otro que se sostiene en aquellas afirmaciones que lo ubican dentro de los límites de la cultura" (2024, p. 20). Vemos nuevamente este enfoque dual del deporte y en especial del fútbol, que puede legitimar la hegemonía o puede resultar un espacio de rebeldía.

Allende de este evento de, hace algo más de 40 años, en este pequeño país, en 1930, la FIFA organizó la primer Copa del Mundo. No era casual que se hiciera precisamente en 1930, a 100 años de la primer Jura de la Constitución del Uruguay, más allá de que se justificara por ser la selección uruguaya la que ganó las copas organizadas en el marco de los Juegos Olímpicos de 1924 en Colombes y en 1928 en Amsterdam. Dicha copa implicó un claro gesto de celebración de una identidad nacionalista sobre las postrimerías del llamado período Batllista, correspondiente a los dos períodos de gobierno de José Batlle y Ordónez, que se caracterizaron por la generación de un "Estado de bienestar", con un progreso en derechos y una obra pública importante. Para la Copa del Mundo de 1930, en Montevideo se construyó un enorme estadio para su época, una epopeya arquitectónica,

[3] En el plebiscito de 1980, la ciudadanía uruguaya por un 57% rechazó la reforma de la Constitución de 1967, que hubiera significado la continuidad del gobierno cívico-militar, con el cual la dictadura pretendía perpetuarse en el poder. De todos modos costó casi cinco años más retomar la democracia.

que elocuentemente con la celebración se lo nombró: Estadio Centenario. Así, es innegable el papel político en la autoafirmación identitaria que implica el fútbol en torneos de este tipo desde siempre, en este caso con un nacionalismo progresista.

La misma autoafirmación identitaria y política se podría decir que operó en las Copas del Mundo posteriores: 1934, organizada por la dictadura fascista de Benito Mussolini en Italia y que fuera campeona su selección, como la de 1938, en Francia, donde fuese bicampeona La Nazionale. Claro que el signo era totalmente contrario. La reafirmación de un régimen dictatorial por medio del fútbol, no puede ser desestimado. Tampoco las razones por las que la selección uruguaya no participó de 1934, como tampoco participaron en 1938 la argentina ni la uruguaya. Los motivos por los que el fútbol mundial viró de una supuesta floreciente democracia en 1930 en Uruguay, a un fascismo como el italiano, merece detenimiento. Nosotros, en esta breve presentación, solo lo vamos a tomar como síntoma de un fenómeno mundial. Podemos sospechar que el fútbol, cuando está atado a la economía del mercado, no parece reparar demasiado en servir al poder que lo requiera, mientras sea eficiente para sus propósitos comerciales. Ni que hablar de la Copa del Mundo de 1978, en plena dictadura militar en Argentina. Pero todo eso llevaría otro trabajo, y de algunas de estas cosas ya se ha escrito bastante.

El problema de la identidad en el fútbol: su uso contradictorio

Dicho de este modo, quizás suene muy fuerte, pero la identidad es una de esas palabras, al igual que comunidad, que tiene dos caras. Por un lado, se piensa como espacio de reivindicación y reconocimiento cuando determinada cultura, o formas de vida, tienden a quedar en el olvido, a ser oprimidas o simplemente desvalorizadas en favor de las identidades dominantes. Por ejemplo, lo podemos ver en las luchas de los movimientos feministas, el reconocimiento de la ascendencia afro, los movimientos LGTBIQ+, las organizaciones indígenas, la clase obrera, etc. Todas luchas que reclaman legítimamente el reconocimiento y una identidad que les

mancomuna, y que a partir de sus luchas se han dado transformaciones importante y vitales para nuestras sociedades.

Pero esto tiene su reverso. También, y hoy parecen revivir por todos lados, los grupos de derechas extremas reclaman una identidad. Por ejemplo, la Génération Identitaire en Francia, que reclamaba preservar una identidad europea frente a las olas inmigratorias, los movimientos bolsonaristas que se apropiaron de la verdeamarela y la bandera en actos políticos e incluso en el asalto a las sedes de los tres poderes en Brasília el 8 de enero de 2023, poco después de la asunción a la presidencia de Luiz Inácio Lula da Silva por tercera vez. También, Acción Identitaria en Chile, y podríamos seguir. Todo esto sin recurrir a las viejas y oscuras épocas de los supremacismos blancos como el Ku Klux Klan, el racismo biológico Nazi en la búsqueda de la *Volksgemeinschaft,* una comunidad de raza aria.

Entonces nos enfrentamos a un problema, y es que la identidad no implica algo positivo de por sí y, en cualquier caso, es un recurso necesario para unificar, ya sea en un sentido totalitarista, como en uno reivindicativo de las minorías oprimidas. Podríamos llegar a advertir que mismo en cualquier movimiento reivindicativo, si la identidad se exacerba, puede rápidamente tomar tintes o acciones totalitarias, al margen que sus intenciones no lo sean. La identidad es una cornisa, un campo de lucha. De patriotismos independentistas a nacionalismo conservadores estamos repletos. De las luchas históricas que han forjado la independencia de las naciones, al sostenimiento del nacionalismo más expulsivo, la comunidad de identidad ha operado como horizonte, sea internacional, nacional o local.

En este sentido, nos interesa analizar la idea de identidad en el fútbol. Son interesantes los planteos de Pablo Alabarces (2014, p. 31) respecto a la relación entre identidad y fútbol, donde la semántica de la comunidad parece cumplir un rol necesario. “Lo cierto es que afirmar que el fútbol tiene que ver con las identidades personales – de cada sujeto – o colectivas – de una comunidad barrial, de una ciudad, de un pueblo, de un país – es una obviedad”. En el capítulo donde desarrolla la idea de identidad, la referencia a la comunidad parece volverse bastante central. La idea de sangre, raza y esencia, como elementos constitutivos de la identidad desde

los discursos de las derechas, y más radicalmente por el nazismo, es un campo de referencias a las que también apela el discurso futbolero. El planteo de Alabarces es que, a pesar de los estudios de Lévi-Strauss, que descalificaron académicamente y científicamente seguir hablando de razas, en el discurso futbolero, estas referencias continúan construyendo identidad, lo que "alimenta una enorme cantidad de lugares comunes de la cultura futbolística" (2014, p. 34).

Para avanzar sobre la identidad en la contemporaneidad, Alabarces continúa apelando a la idea de comunidad, ya sea desde los postulados de Anderson sobre las comunidades imaginadas y, por lo tanto, dando cuenta de la falacia de cualquier comunidad de origen o esencia, como de la idea de las tribus planteada por Maffesoli, para plantear que "las identidades futboleras parecen ratificar su tribalismo todo el tiempo" (2014, p, 42). A estas referencias de Alabarces respecto a las nuevas formas de la comunidad y la pertenencia identitaria en el fútbol, las podemos complementar, en una sintonía similar, con los estudios de Pablo de Marinis (2005, pp. 29-30) que, si bien no hablan de fútbol, ratifican la idea de que "las nuevas comunidades están signadas por la electividad, y tienen un tufillo a 'libertad' [...] los individuos pueden adherir a muchas de ellas a la vez, entrar y salir de ellas".

Así, el fútbol, como espacio donde se inventan identidades, es un escenario o puesta en escena de la identidad pretendida. Cuando de Copa del Mundo hablamos, esa identidad se vuelve nacionalista y, sin lugar a dudas, muestra su faz de invención. Invención que, como plantea Pastorino (2021, p. 152) para el caso en Uruguay, pero no dudaría de que es para otras latitudes igual, "la supuesta identidad uruguaya está sostenida en una estructura fundamentalista (Grimson, 2011) masculina, capitalina, caucásica y con un sesgo de clase (media-alta y alta) que deja por fuera un sinfín de relatos de quienes no ocupan lugares de privilegio en la sociedad". De este modo, la comunidad de identidad cierra sus lazos reforzando siempre lo que en ella es predominante, generando exclusión, determinando un adentro y un afuera. En el caso del fútbol, no es el feminismo, la diversidad, las masculinidades diferentes lo que predomina.

> [...] las comunidades tribales o nacionales muestran en el fútbol lo que quieren mostrar de sí mismas ante la mirada de los otros pero también ante la propia mirada de la comunidad, que de ese modo se reconoce y, a veces, se celebra. Pero como la identidad es un relato y no una esencia, nuevamente, lo que se pone en escena no es lo que una comunidad *es*, sino lo que *imagina que es*: y también lo que no es, y también lo que sueña, y también lo que desea, y también lo que quiere que los otros (las demás comunidades) piensen que es (Alabarces, 2014, p. 57).

Sin embargo, en este punto nos interesa la novedad que nuestro proyecto de investigación tiene para poner en análisis. ¿Qué sucede si la semántica de la comunidad cambia su registro? Las nociones con que la comunidad se presenta como sustancia, o en forma realizada, aunque sea imaginada, pero siempre como algo logrado, concreto, representable, la comunidad se piensa asociada a la idea de identidad. Las filosofías modernas, y con estas la sociología y la antropología, en general han girado su producción entorno a una idea de comunidad realizada, que suele reportar un sentido de bienestar, armonía y seguridad, como plantea Zigmunt Bauman (2006).

Nuestra hipótesis es que las nociones de comunidad e identidad que operan en la promoción del fútbol, son funcionales al establecimiento de una sinergia entre política de estado y mercado, tanto a nivel global como local.

En lo que sigue, intentaremos presentar una crítica a la idea de comunidad como identidad y dar cuenta, por medio del análisis de una política pública, de cómo opera la noción de comunidad, hasta como dispositivo de gubernamentalidad en el sentido dado por Foucault (2006).

La comunidad más allá de la identidad

El pionero trabajo de uno de los fundadores de la sociología, el alemán Ferdinand Tönnies, estableció la forma en que aun hoy comprendemos lo comunitario. En 1887 escribía sobre la oposición creciente entre sociedad y comunidad, donde la última, organizada por la relación natural, sanguínea, territorial, daba paso a las crecientes formas de lo social, organizadas por el contrato, la artificialidad y la instrumentalidad, (Tönnies, 1887/2011). Lo comunal, en franco retroceso, daba cuenta de un cambio de época, efecto de la revolución industrial y el creciente proceso de

urbanización. Nace así lo social como objeto de una disciplina junto a las formulaciones de Max Weber y de Émile Durkheim. Hoy, esa creciente sociedad del siglo XIX y XX, a decir de Pablo de Marinis (2005) se está desconvirtiendo. En un proceso que implica la dilución de lo social y la reactivación de lo comunitario, en sus nuevas formas contemporáneas, la apelación a la semántica de la comunidad cobra lugar en luchas sociales, proyectos locales y políticas públicas.

Sin embargo, para el campo de las ciencias sociales y humanas en general, especialmente en la región, el debate entre los franceses Jean-Luc Nancy y Maurice Blanchot en la década de los 80, a partir de la idea de comunidad en Georges Bataille, no parece haber sido recepcionado. Tampoco las derivas italianas en los trabajos de Giorgio Agamben y Roberto Esposito sobre la cuestión de la comunidad, las formas-de-vida, el ser-en-común y la biopolítica. Los pensamientos popular, académico y político sobre lo comunitario no parecen poder salir del problema de las identidades.

La comunidad se sigue pensando como una sustancia que efectivamente está allí, sea realizada como conjunto de individuos o como idea, imagen, pero siempre apela a la unidad, la identidad y la pertenencia. Por eso Pastorino (2021, p. 153) plantea que "es posible entender los discursos futbolísticos como una expresión de la cultura popular de masas [...] [que] relata el deseo de comunidad, la necesidad de un discurso homogéneo y homogeneizador sobre qué es la patria". La idea de aunar a un conjunto de individuos, no ya ciudadanos, bajo la identidad de la Celeste, la Verde-amarela o la Albiceleste, entre otras, no es más que el proyecto de una comunidad ideal unida, armonizada por un símbolo. Que, más allá de que exista, sea imaginada, o sea un proyecto, se representa como unidad, como una identidad compartida. "El fútbol no es una actividad física aislada del contexto social y político donde se desarrolla. [...] El uso político del fútbol se fundamenta en la creación de una identidad colectiva, con frecuencia asociada al patriotismo o al nacionalismo, sobre un equipo" (Úbeda *et al.*, 2014, p. 5).

Esta ilusión se renueva entre los y las habitantes del país representado, cada vez que gana su selección; y al otro día de salir a festejar

a las calles, los hinchas, periodistas y políticos repiten, como un mantra, el fenómeno siempre deseado de que por un momento no habían diferencias en el pueblo, eran todos uno. Pero ¿qué significa ese deseo de olvido de las diferencias, de las reivindicaciones, de las penurias, las exclusiones, las clases? Este tipo de pregunta parece estar obturada en la euforia de la victoria. La idea de que todos somos uno bajo la identidad de la celeste en Uruguay es recepcionada por el público como algo que le parece sentar bien al semblante del éxito. Evidentemente se puede ver relacionado con lo que Jean-Marie Brohm (1982, p. 113) definió como la "función positiva del deporte", el hecho de que pueda ser presentado como algo imparcial, donde "el deporte aparezca como una institución neutra por sobre las contingencias políticas y las opciones de los Estados, las razas y las clases".

Veremos más adelante, en el estudio de documentos oficiales del Estado uruguayo, como la semántica de la comunidad en relación con el deporte, y el fútbol en particular, produce esta ilusión bajo la idea de integración, ciudadanía e identidad, a la vez que convive contradictoriamente con la exposición al rendimiento y el mercado. Ya lo dijo Marinis: "no hay prácticamente forma de acción colectiva que en algún momento no recurra a la mágica fórmula comunitaria. No existe casi ninguna programática estatal que deje de recurrir a la utilización del vocabulario comunitario para la definición de sus *targets* de gobierno" (2005, p. 28).

Pero ahora queremos dejar desarrollado brevemente el problema sobre la comunidad de identidad. Los desarrollos de la naciente sociología de finales de siglo XIX establecieron la desagregación de tipos ideales para pensar los fenómenos sociales como objetos para el estudio. Así nació, como dijimos, la dicotomía sociedad-comunidad en la tesis de Tönnies (1887/2011, p. 92): "la teoría de la comunidad parte del supuesto de la perfecta unidad de las voluntades humanas en tanto que condición original o natural". Estas miradas junto a las de la filosofía moderna, fueron llamadas por Jean-Luc Nancy y Roberto Esposito, como miradas sustancialistas. Representantes de una unidad en que se comparte una propiedad que caracteriza a sus miembros, otorgándoles una pertenencia y una identidad. Como dice Nancy, para esas concepciones,

> la comunidad no es solamente la comunicación íntima entre sus miembros, sino también la comunión orgánica de ella misma con su propia esencia. No sólo está constituida por una justa distribución de las tareas y de los bienes, ni por un feliz equilibrio de las fuerzas y de las autoridades, sino que está hecha ante todo de la partición y de la difusión o de la impregnación de una identidad en una pluralidad con la que cada miembro, por ello mismo, no se identifica más que por la mediación suplementaria de su identificación con el cuerpo vivo de la comunidad (Nancy, 2001, p. 27)

Ese reparto de propiedades puede ser el territorio, el lenguaje, la historia, las costumbres, pero en cualquier caso son signos de identidad que se refleja en rituales y símbolos. Nada que no veamos en todas las representaciones de las selecciones mundialistas, sus hinchadas y las representaciones políticas, donde los medios integran en imágenes montadas, identidades que hoy sufren guerras y discriminación xenófoba, pero en el fútbol hacemos como si eso no existiera. Claro, también sucede que ese escenario de montaje a veces es interrumpido por un hincha que irrumpe a correr por la cancha con una protesta, y las cámaras rápidamente filman nuevamente las hinchadas coloridas llenas de alegría. Todos lo sabemos, pero pasa por alto.

A esa forma de la comunidad, que Nancy sintetiza en cita que hicimos más arriba, el filósofo va a contraponer otra manera ontológica de entender la comunidad: "nada está dado, ni al principio ni al final, como la unidad sustancial de una comunidad, pero 'la comunidad' nombra el hecho de una compartición incesante que no reparte nada dado, sino que se confunde con la condición de estar-expuesto" (Nancy, 2016, p. 34). Así, la comunidad no es un conjunto de individuos autoidentificados, sino la exposición a lo otro, al ser con el otro, al "ser-en-común".

Según un estudio de la etimología de la palabra, realizado por Esposito (2003), el término comunidad deriva de la palabra latina *communitas*, que puede desagregarse en una doble raíz: el *cum* y el *munus.* Así el "*cum* es lo que vincula (si es un vínculo) o lo que junta" (Nancy, 2003, p. 15), es el establecimiento de un "con", una relación. Por otro lado, "el *munus* del *communis* [...] [implica] el reparto de una carga, de un deber o una tarea, y no la comunidad de una sustancia" (Nancy, 2016, pp. 15-16).

La etimología remite a que lo que se reparte es una responsabilidad, no una propiedad ni una característica. No encuentra en su fundamento una identidad compartida, lo cual no significa que en un recorrido histórico no se conformen identidades culturales, pero no es este el principio de fundación de la comunidad.

> El primer significado que los diccionarios registran del sustantivo *communitas*, y del correspondiente adjetivo *communis*, es, de hecho, el que adquiere sentido por oposición a <<propio>>. En todas las lenguas neolatinas, y no sólo en ellas, <<común>> (*commun, comune. common, kommun*) es lo que no es propio, que empieza allí donde lo propio termina: *Quod commune cum alio est desinit esse proprium* (Quint. Inst., 7, 3, 24). Es lo que concierne a más de uno, a muchos o a todos, y que por tanto es <<público>> en contraposición a <<privado>>, o <<general>> (pero también <<colectivo>>) en contraste con <<particular>> (Esposito, 2003, pp. 25-26)

Un deber que lleva a lo general no puede ser en ningún momento la unidad de una particularidad, una identidad. La comunidad así se conforma como una apertura donde todas las diferencias pueden ir al encuentro, no sin conflicto, y sin por eso adquirir una identidad. “La comunidad no es un modo de ser – ni, menos aún, de «hacer» – del sujeto individual. No es su proliferación o multiplicación. Pero sí su exposición a lo que interrumpe su clausura y lo vuelca hace el exterior” (Esposito, 2003, p. 32)

Bajo una identidad, lo que se expresa es *el* ser común, una unidad representada en ese ser que convoca a ser parte de una mismidad, de una identidad, de un ritual, una costumbre, una camiseta, una bandera, una forma de la práctica corporal. El asunto es que la convocatoria, como vimos, puede ser a la unidad de una identidad que, en tanto oprimida, se reúne para luchar y reivindicar su lugar en la historia, como a una identidad totalitaria destructiva del otro diferente. Análogo, el fútbol puede ser tanto un espacio de expresión de una práctica cultural, escenario de una reivindicación, como escenario de exaltación del nacionalismo.

La identidad no determina que *el* ser común sea solidario o temerario. Por eso estos filósofos se plantean el ser-*en*-común. El eje se corre de la unidad de un ser, al ser en tanto acción de ser. Se es en tanto se está siendo en un espacio vacío de identidad. Se es-en-común. No se puede ser sino en el estar en común. No se es antes o después, solo se es-en-común. El

ser en relación con lo otro. “El ser-en-común se define y constituye por una carga, y en último análisis no está a cargo de otra cosa sino del mismo *cum*” (Nancy, 2003, p. 26). A cargo de una relación, y no de una discriminación. La comunidad es el espacio donde las diferencias, las otredades se ponen en relación. Relación que *a priori* no implica armonía, sino conflicto, por lo que el espacio para la política está, de suyo, como forma necesaria de la con-vivencia, efecto necesario para evitar el absolutismo. Tanto una ontología de la existencia relacional, como una política de la con-vivencia.

A nuestro parecer, esto nos pone en un desafío, porque, lejos de un espacio armónico, la con-vivencia la podemos entender como un espacio de conflicto, lo que no implica destrucción, sino el devenir de las diferencias. Esto no niega las identidades, solo que no hace de una identidad el fundamento del ser de una comunidad, sino que la comunidad está dada por las singularidades puestas en juego en un espacio donde una identidad no domina la escena. Para que un espacio sea realmente comunitario, para que permanezca abierto y no cerrado a una identidad, el conflicto no se puede resolver en forma totalitaria. La comunidad siempre será un estar siendo, un movimiento y no una identidad fija.

Por eso hay que prestar atención a los sistemas de exclusión en el fútbol, que no solo son visibles en el profesionalismo, sino también en los espacios cotidianos que se quieren reflejar en el mismo. Por eso Martina Pastorino (2021, p. 152) plantea la necesidad de una revisión del “ideal identitario construido alrededor de las narrativas futboleras en el Uruguay, para intentar entender las formas en que estos discursos excluyen a grandes sectores de la sociedad, con el espíritu de construir comunidad, nación, identidad”. El discurso del fútbol ha construido patria bajo la forma dominante del héroe macho.

El análisis de una política pública: el caso del deporte comunitario en el Plan Nacional Integrado de Deporte en Uruguay

Como plantea Brohm (1982, p. 114), “[e]l deporte espectáculo, perfectamente escenificado en el teatro de los estadios, ofrece un modelo notable debido a que el sistema social se halla en condiciones de resolver

sus terribles contradicciones de manera organizada y, sobre todo, eficaz: mito tecnocrático". Pero podríamos decir que este planteo de Brohm para el deporte espectáculo, puede no quedar solo allí. Por lo menos en Uruguay, en un sentido similar, el deporte comunitario es propuesto por las políticas públicas para cumplir con este mito. Apelando a una esencia o naturaleza deportiva, casi ingenua, las frase "el deporte es salud" o "el deporte enseña valores", cuadra con una fantasía que no parece más que replicar una lógica del modelo del espectáculo. Por momentos, la vida deportiva cotidiana también parece tornarse un estadio.

En el caso de Uruguay – y seguramente también de otros países de la región –, la palabra deporte obtiene esa misma aura positiva que las palabras identidad y comunidad. Cuando estas tres se combinan en el programa de una política pública, el poder que el enunciado revela es aplanador. No hay clases sociales, facciones partidarias, ni movimientos sociales diferentes que no admitan esto como primer axioma.

Para esta presentación, de todo el campo documental analizado en el proyecto de investigación al inicio planteado, que implica programas, guías y planificaciones, diagnósticos y evaluaciones de tres organismos diferentes del Estado, seleccionados por ser sectores donde las políticas deportivas cobran un eje central, vamos a desarrollar en particular el análisis de un documento fundamental para el deporte en Uruguay. Nos referimos al Plan Nacional Integrado de Deporte (PNID) a cargo de la Dirección Nacional de Deporte (DINADE), en el marco del Ministerio de Turismo y Deporte (MTD)[4] de la República Oriental del Uruguay.

Este estudio se realiza por medio del análisis de discurso de tradición francesa, donde nos planteamos un análisis interpretativo a partir "de poder 'oír' la presencia de lo no-dicho al interior de lo que es dicho" (Pêcheux, 2013, p. 10). En este sentido, el trabajo interpretativo no apunta a registrar todas las entradas en que un concepto es puesto en juego, a fin de determinar regularidades o generalidades que posibiliten una definición o categorización, sino el punto de ruptura con la continuidad del discurso. Así

[4] A partir del 2015, el deporte se desprende del Ministerio de Turismo y se crea la Secretaría Nacional del Deporte (SND), al mando directo de Presidencia.

la emergencia de la comunidad de identidad como dispositivo gubernamental es una categoría central en el análisis.

El PNID, en inicio pensado para el período 2012 a 2018, continua vigente. En dicho documento, nos centraremos en el Área de Deporte Comunitario. Cabe destacar que el Plan se formuló durante el período de un gobierno de izquierda, se mantuvo un siguiente período de derecha, y no parece sufrir cambios en un nuevo período de izquierda.[5]

> 1) La historia deportiva del país, pionero en el desarrollo del deporte comunitario.
> Una de las fortalezas más importantes, al igual que se señala en otros ámbitos, es la historia del deporte uruguayo y, en los aspectos más asociados al deporte comunitario, el proceso de construcción de las Plazas de Deporte, de los sistemas de formación de los docentes, del concepto de asociación del deporte con el bienestar y los éxitos deportivos – en el caso del fútbol – que generan una identificación positiva de los ciudadanos (PNID; DINADE; MTD, 2012, p.26).

Una de las fortalezas del deporte comunitario, descritas en el diagnóstico del PNID, es la referencia a las Plazas de Deporte. Este desarrollo se inició con el proceso Batllista señalado más arriba. La construcción de grandes pabellones, con gimnasios y todos los implementos necesarios para la prácticas deportiva y el alejamiento de la población de los vicios del momento. La primer plaza fue creada en 1913, dos años después de creada la Comisión Nacional de Educación Física (CNEF), en 1911, en el segundo gobierno de José Batlle y Ordóñez. Ambas, unos años antes de los Juegos Olímpicos de 1924 y 1928, y de la ya mencionada primer Copa del Mundo. Esto se ve reflejado en la investigación sobre el inicio histórico de las Plazas de Deporte en el Uruguay, al principio llamadas Plazas Vecinales de Cultura Física, realizada por Inés Scarlato.

> Al decir de los miembros de la CNEF, el fútbol sería el primer deporte que se popularizó en el país. [...] Instalar un espacio para la práctica del fútbol en la plaza sería estratégico principalmente para los "niños y jóvenes que iniciaban sus prácticas futbolísticas en patios, calles y baldíos montevideanos, no rendían expreso culto a las teorías de la

[5] En 2005, por primera vez, el Frente Amplio, fundado en 1971 como coalición de todas las izquierdas del país, llega al gobierno nacional. En 2012, durante el segundo período de mandato se aprueba el Plan Nacional Integrado de Deporte para el que se hizo un estudio profundo de la realidad nacional a ese nivel, proyectando líneas de acción. En el tercer gobierno, hasta el 2020, el Plan se mantiene. En el retorno a un gobierno marcadamente de derecha (2020-2025), el Plan se mantuvo, y hoy día, retomado un período de gobierno de izquierda, sigue siendo el rector de la política pública en materia de deporte.

> higiene pública (González Sierra, 1996, p. 218)" (Scarlato, 2018, p. 70).

Como veíamos que resulta de las fortalezas diagnosticadas por el PNID, el deporte comunitario – y en particular el fútbol – se ha pensado desde siempre desde una perspectiva que entrelaza el bienestar – claramente asociado a lo higiénico como veíamos en la cita de Scarlato y se mantiene en la actualidad – a la construcción de ciudadanía. El fútbol, para un gobierno que se lo podría catalogar de progresista en su momento, como el de Batlle, era una pieza fundamental de una política pública en marcha. Si bien los deportes en esa época no tenían el raigambre que tenían las gimnasias para la cultura física del momento, fueron, en el correr de siglo XX, sustituyéndolas. En los pasos seguidos por las políticas públicas, el vínculo del éxito deportivo del fútbol con la construcción de identidad – la "garra charrúa" se va gestando en ese proceso – es claramente un promotor de esa sustitución y popularización.

De hecho, en el PNID, en el diagnóstico del sistema deportivo en general, se plantea como fortaleza el proceso que significó desde el inicio la alta asociación entre Estado y organizaciones civiles para hacer del deporte un espacio de integración de las clases sociales, a la vez que se tornaba competitivo, para hoy ya hablar de un deporte profesional.

> Muy temprano en términos comparativos con otros países de la región, el Estado uruguayo asume un rol central y protagónico en la creación de una política de promoción del deporte y el desarrollo de una institucionalidad para sostenerla. […] Complementaria y paralelamente surge y se desarrolla un muy fuerte movimiento de clubes deportivos, promovidos, desarrollados y gestionados desde la sociedad civil a través del trabajo voluntario, con fuerte raigambre local, fuerte liderazgo y con gran capacidad para movilizar recursos e integrar personas de diversas clases sociales. Estos clubes darán lugar a las Federaciones Deportivas y al nacimiento del deporte competitivo auto organizado a partir del trabajo voluntario y el apoyo del Estado (PNID; DINADE; MTD, 2012, p. 56).

El PNID va haciendo un recorrido en el cual los vaivenes del registro de lo ciudadano al de la economía son pasajes que se recorren sin problematización. El deporte, y en particular el fútbol, parece ser una cinta transportadora que entra y sale de estos registros de manera intacta, neutral, como si la forma ciudadanía no se viera afectada por la forma

mercado, parafraseando a Foucault (2007). Hagamos el recorrido por el texto del PNID que da cuenta de esto, donde especialmente la figura más importante parece ser el Fútbol Infantil.

> Se ha identificado como una de las fortalezas del deporte comunitario uruguayo la existencia de una de las estructuras más potentes y solventes que sobre una actividad deportiva podemos encontrar en el mundo (en términos también proporcionales a la dimensión del país) y que es la Organización Nacional de Fútbol Infantil, [...] Se identifica asimismo como fortaleza la existencia de un voluntariado deportivo en el ámbito local y comunitario. El deporte existe en nuestro país porque hay personas capaces de impulsarlo de manera desinteresada; [...] muchos proyectos deportivos comunitarios, son posibles, sobre todo, por la existencia de un movimiento voluntario de personas colaboradoras [...] Ese movimiento voluntario en el ámbito local es una fortaleza a aprovechar para el futuro (PNID; DINADE; MTD, 2012, pp. 72-73).

Ya veremos que, en el cierre del plan, específicamente en las conclusiones, se retoma esta idea de aprovechar una base que se ha construido históricamente entre el Estado y vitalmente el tejido de organizaciones de base local. Pero, antes de esto, el PNID hace un llamado de atención, ya que es algo que desborda a cualquier mirada ingenua, sobre el problema de la profesionalización del deporte. Queda claramente planteada la cadena de montaje en la que, especialmente respecto al fútbol infantil, las bases locales enmarcadas en lo que el Estado llama deporte comunitario, son finalmente ordenadas y funcionales a un régimen global. La competencia, el logro y el ingreso al mercado. Debemos puntualizar el contexto particular en el que se presenta este plan en 2012. Es inmediatamente posterior a que la selección uruguaya quedó cuarta en la Copa del Mundo 2010 en Sudáfrica y salió campeona en la Copa América 2011 organizada en Argentina. La empatía general de la población con las figuras de la selección y su técnico, el Maestro Óscar Washington Tabárez, son las telas de fondo que están en el discurso de "Uruguay como potencia mundial en el fútbol". No nos importa cuestionar qué tanto realmente ese momento haya podido colocar a la selección como potencia del mundo o no. Pero, que el éxito en dos resultados seguidos otorgue la posibilidad o legitimidad de deslizar sin problemas tales enunciados en el PNID da cuenta del efecto mismo que el propio PNID plantea que han tenido los resultados deportivos en la población, y que mostramos en la primer cita que

realizamos del mismo. Los éxitos en el fútbol y la asociación positiva de los y las ciudadanas permiten que quizás un exabrupto, como hablar de la selección como potencia, sea bienvenido por miradas de autoridades y dirigentes. No colocamos a la población que, en general, no accede a estos documentos, pero que, si los leyeran, igualmente se sentirían reconfortados con tal enunciado. El efecto performativo del mismo es claro.

Retomando el llamado de atención realizado en el PNID, lo analizaremos a continuación.

> Se ha identificado asimismo como debilidad un hecho constatado que tiene que ver con el impacto negativo que, en las familias, los propios niños y las instituciones deportivas – especialmente los clubes – generan la alta profesionalización del fútbol y su traslado al deporte infantil. El hecho de que Uruguay sea una potencia mundial en el fútbol internacional, con resultados espectaculares en los últimos tres años, es un elemento que está ayudando – y de qué manera – a mejorar la imagen del país, y a cambiar la percepción tradicionalmente "pesimista" de los ciudadanos uruguayos con respecto a sus posibilidades como nación. Pero es un elemento que, visto desde el lado de la promoción del deporte comunitario, puede tener un efecto negativo sobre el fútbol infantil – que, no olvidemos, y así lo hemos reflejado en las fortalezas, dispone de una estructura organizativa también de referencia mundial – al considerar que sólo el deporte profesional es el que sirve, sólo el deporte profesional tiene sentido, y, además, genere problemas de explotación de los jóvenes futbolistas. (PNID; DINADE; MTD, 2012, p.77).

La alta profesionalización, que arrastra al futbol infantil a un sistema de competencia, se afirma sobre los resultados deportivos de la selección masculina de fútbol. Al tiempo que advierte sobre los aspectos negativos de tal profesionalización del fútbol infantil, destaca que los logros transforman la autopercepción ciudadana en vistas a una mirada no tan pesimista respecto a la potencialidad de la nación. Todo esto en el acto discursivo mismo de ensalzarse con las victorias. Esta advertencia es algo que elocuentemente no se podía evadir. Se enuncia para ocultarla. Es la figura de una forma de inclusión – excluyente (Esposito, 2009). Debe explicitarse para que nadie llame la atención de su falta, pero a su vez se la sobrepasa y supera automáticamente, dejándola excluida de la problematización a modo de una simple advertencia.

Por eso, hay que tener en cuenta, como lo expresan Benítez y Amgarten (2021, p. 320), que

> La regulación respecto a la institucionalidad internacional federada en la que se desenvuelve la práctica deportiva profesional no es, por tanto, independiente del deporte practicado por niños y niñas, [...]. El estado junto a las federaciones deportivas, en una suerte de solidaridad y unificación entre leyes y reglamentos, marcan las reglas del juego tanto deportivo, como mercantil.

Es por esto que, en las conclusiones del PNID, el fútbol aparece como una oportunidad que integra de forma aproblemática las ideas de éxito del fútbol, marca país, intereses comerciales, fútbol infantil y oportunidad, bajo el manto de la idea de que es "muy importante para todos".

> 5.- El fútbol como oportunidad. [...]
> Los éxitos de la selección uruguaya de fútbol en la última Copa del Mundo y la victoria en la Copa América están ayudando – como ya ocurrió en las décadas de los 30 y 50 del siglo pasado – a mejorar y posicionar la "marca país". Uruguay es conocido en el mundo por muchas cosas, pero, sobre todo por un deporte, el fútbol. Este hecho representa una gran oportunidad para el desarrollo del deporte en el propio país, pero también una gran responsabilidad porque, asociada a esa marca, hay, asimismo, intereses comerciales y estratégicos de país que son muy importantes para todos. El fútbol en Uruguay, que además presenta en el caso del fútbol infantil una organización modelo y referencia en el mundo, es una fortaleza y una oportunidad (PNID; DINADE; MTD, 2012, p.115).

El último párrafo, enuncia específicamente al fútbol infantil como esa oportunidad para el fútbol, la cual, orientada por los éxitos, posiciona en forma destacada a la marca país a nivel internacional, lo que favorece claramente a la expansión del comercio. Lo que parece estar funcionando por detrás de la idea de que esos "intereses comerciales" sean "muy importantes para todos", es que todos serían beneficiados de los mismos. La base conceptual que podría afirmar que los intereses particulares de los agentes de comercio que están detrás del deporte deben ser asumidos con "gran responsabilidad" por parte del Estado que ejecuta la política, ya que es de importancia "para todos", deja un desliz semántico de tendencia neoliberal. Podría leerse que, si somos exitosos en el fútbol, nuestros productos y servicios se reconocen internacionalmente a través de su marca país, el comercio se expande, las inversiones llegan, el enriquecimiento de las clases poderosas derrama en la forma de empleo sobre las clases oprimidas. Las poderosas empresas dueñas de los medios se fortalecen y el puesto de calle de la esquina vende más banderitas durante el campeonato. Claro, las cifras de enriquecimiento son muy disímiles. La oportunidad no es

para la consolidación ciudadana, que debería ser una mirada de tendencia igualitaria, sino para la diversificación y expansión del mercado.

Así el fútbol comunitario se vuelve un dispositivo de gubernamentalidad (Foucault, 2006), ya que no solo obedece a directrices de una política pública, sino que se entreteje en los movimientos locales, en las formas propias de autorganización barrial, sin que esto emerja como contradicción con los propios parámetros de ideal de ciudadanía, derechos y disfrute del ocio. La política pública plantea la posibilidad de expansión para el comercio por medio de la promoción de la marca país en el fútbol, del mismo modo que el padre o madre del niño o niña que juega en la canchita el domingo ve en su hija o hijo la esperanza de un profesional del fútbol que lo saque de la pobreza. También los vecinos y vecinas voluntarias, dirigentes de esos clubes de fútbol infantil, ven en sus jugadores y jugadoras la posibilidad de una comisión que hoy deben recibir los clubes de fútbol infantil por un convenio entre la ONFI y la AUF[6], si en el futuro aquel niño o niña que jugó hasta los 12 años en su club logra un pase importante a un cuadro profesional. Montaje que hace el fútbol cotidiano un escenario para el mercado y la política, más allá de toda práctica cultural.

Un domingo en la tarde, en una canchita de un barrio cualquiera, en cualquier pueblo o ciudad del Uruguay, no solo se juega el disfrute de un niño o niña que corre detrás de la pelota, sino también, y al mismo tiempo, se puede jugar la posibilidad de un gran negocio que, de una escala local, tiene proyección global. El fútbol no es positivo ni negativo, al igual que la identidad. El fútbol en tanto práctica corporal ha devenido en un marco cultural, político y económico, sea este de escala global o local. Ese marco nunca es neutro o inocente, y es como se disponen los elementos en el escenario lo que determina la preponderancia económica, política o cultural.

Esta base de distinciones nos permite entender que puede tener efecto novedoso pensar la comunidad al margen de la identidad. Pensar lo

[6] La ONFI es la Organización Nacional de Fútbol Infantil, con reconocimiento de la Secretaría Nacional de Deporte de Presidencia de la República. La AUF es la Asociación Uruguaya de Fútbol, que regula en forma privada las selecciones nacionales de fútbol y la liga de fútbol profesional. Entre ambas firmaron un convenio que asegura una pasaje de recursos de los clubes profesionales a los clubes de futbol infantil frente a un pase de un jugador que jugó en el club de futbol infantil, y que una vez fichado por un club profesional, es vendido a otro club. Acceso al convenio: https://onfi.org.uy/wp-content/uploads/2023/07/convenio-AUF-ONFI.pdf

comunitario como un lugar donde están puestos en juego todos estos elementos en el marco de cuerpos singulares que se relacionan en un espacio contingente permite evidenciar que no nos encontramos en un espacio seguro, armónico e ideal donde todos nos identificamos, sino en un lugar donde las relaciones de poder hacen su juego. Donde, lejos de pensarse por fuera de las lógicas globales, se puede perfectamente estar orientado y regulado por estas. Quitar el mando de seguridad que la comunidad barrial le parece dar al fútbol es poder analizar como un sistema neoliberal opera en las capilaridades de las microexperiencias. Con facilidad, podemos hacer evidente las dinámicas globales del fútbol respecto a la política y el mercado que consideramos al inicio del trabajo, pero lo más difícil es ver sus operaciones en el tejido mismo de aquello que creemos a salvo de dichas operaciones globales. Así, lo comunitario, revisado conceptualmente, no tiene que verse como un espacio seguro, sino como una noción que nos permita develar el funcionamiento global del fútbol en la experiencia cotidiana de lo local.

Conclusiones

Entendemos que los análisis presentados permitieron dar cuenta de que el fútbol es una práctica corporal que ofrece un campo privilegiado para el estudio de las relaciones entre comunidad, identidad, política y economía. Más allá de ser una práctica cultural, vimos que este deporte puede ser un dispositivo efectivo para articular proyectos políticos, estrategias de mercado y formas de relación ciudadana orientadas a los mismos, tanto a nivel local como global.

Es por esto que presentamos, como novedad, incorporar a estos análisis ya realizados por otros autores el debate filosófico contemporáneo sobre la comunidad y la identidad ofrecido por autores como Nancy y Esposito, entre otros. La comunidad que se funda en la identidad tiende a formas de cierre y exclusión por medio de mecanismos de pertenencia. Estas formas son claramente visibles cuando el fútbol es asociado a la promoción de la nación o la patria. En cambio, la idea de comunidad que se funda sobre la diferencia, la singularidad, y no la identidad, nos permite no solo

observar las derivas de las comunidades identitarias, sino las vías por las cuales se puede analizar el deporte para no reducirlo a prácticas asociadas que sean homogéneas o globalmente organizadas.

En cierta medida, esto lo intentamos demostrar con el análisis del PNID, especialmente el desarrollo del deporte comunitario, a modo de develar que, antes de ser un espacio de integración y ciudadanía, puede ser en forma simultánea un espacio que responde a las lógicas del rendimiento, la profesionalización y la expectativa de comercialización globales. Lógicas que hasta están reguladas por convenios y que articulan recursos económicos que derivan de un juego de fútbol en un barrio, con un futuro exitoso en el exterior.

Esto deja ver que la aparente oposición entre el fútbol comunitario y el fútbol de espectáculo puede ser reduccionista, ya que la complejidad que implica el fútbol, no asegura un ámbito entendido como comunitario que lo ponga a salvaguarda de las derivas comerciales y globales. Por eso, pensar lo comunitario no como ámbito de identidad sino como categoría crítica de la sociedad o una ontología permite develar estos funcionamientos y pensar posibles alternativas, las cuales difícilmente estarán exentas de esta dinámica, pero quizás puedan ser más atenuadas. Siempre, en todo caso, será una posibilidad de revisión de las políticas públicas, las formas de organización barriales y locales, para pensar la convivencia y la ciudadanía como formas de vida siempre conflictivas, abiertas a la singularidad de los cuerpos.

Referencias

ALABARCES, Pablo. **Héroes, machos y patriotas**: el fútbol entre la violencia y los medios. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2014.

ALSINA, Diego; CORREA, Alejandro. Fútbol y dictadura en Uruguay. La memoria deportiva en la construcción de narrativas nacionales. **Avatares de la comunicación y la cultura**, n. 28, 2024.

BAUMAN, Zigmunt. **Comunidad**: en busca de seguridad en un mundo hostil**.** España: Siglo XXI, 2006.

BENÍTEZ, Liber; AMGARTEN, Evelise. La formación de futbolistas entre el amateurismo, el profesionalismo y el sistema deportivo global: un estudio a partir del fútbol infantil en Uruguay. **Arquivos em Movimento**, v.17, n.1, 2021.

BROHM, Jean-Marie. **Sociología política del deporte.** México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1982.

ESPOSITO, Roberto. **Communitas**: origen y destino de la comunidad**.** Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

ESPOSITO, Roberto. **Bíos**: biopolítica y filosofia**.** Buenos Aires: Amorrortu, 2011.

FOUCAULT, Michel. S**eguridad, territorio, población:** Curso en el Collège de France: 1977-1978. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Nacimiento de la biopolítica**: curso en el College de France: 1978~1979. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

DE MARINIS, Pablo de. **16 comentarios sobre la(s) sociología(s) y la(s) comunidad(es).** Papeles del CEIC, n. 5, 2005.

MORA Bruno. Deporte y dictadura: memorias del Mundialito de fútbol de 1980. **Alesde**, Curitiba, v. 11, n. 2, 2019.

NANCY, Jean-Luc. **La comunidad desobrada.** Madrid: Arena Libros, 2001.

NANCY, Jean-Luc. Conloquium. En: ESPOSITO, Roberto. **Communitas**: origen y destino de la comunidad**.** Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

NANCY, Jean-Luc. **La comunidad revocada.** Buenos Aires: Mardulce, 2016.

PASTORINO, Martina. Futbolistas, la patria o la tumba. **Cuadernos del Claeh**, n. 114, 2021.

PÊCHEUX, Michel. El discurso: ¿estructura o acontecimiento? **Décalages**. v. 1. 2013.

PLAN NACIONAL INTEGRADO DE DEPORTE (PNID), Dirección Nacional de Deporte (DINADE). Ministerio de Turismo y Deporte (MTD). 2012.

SCARLATO, Ines. Plazas vecinales de cultura física/plazas de deportes. “templos laicos” de la ciudad batllista de Montevideo (1911-1918). **Rev. Iberoam. Patrim. Histórico-Educativo,** Campinas (SP), v. 4, n. 1, 2018.

TÖNNIES, Ferdinand. **Comunidad y asociación**: el comunismo y el socialismo como formas de vida social. Madrid: Biblioteca Nueva / Minerva, (1887/2011).

ÚBEDA, Joan; MOLINA, Pere; VILLAMÓN, Miguel. El fútbol como instrumento sociopolítico: un arma de doble filo. **Revista de História do Esporte**, v. 7, n. 1, 2014.

Revista Novos Rumos Sociológicos | vol. 14 n. 25 | Jan/Jul/2026
Artigo recebido em 22-05-2026 | Aprovado em 13-07-2026
ISSN: 2318-1966

DOSSIÊ

FUTBOLISTAS EN FORMACIÓN: LA INVERSIÓN EN UNO MISMO COMO CONDICIÓN DE POSIBILIDAD DE LA CARRERA PROFESIONAL

Footballers in training: investing in oneself as a prerequisite for a professional career

Débora Majul[1]

Mariano Pussetto[2]

Resumen

El artículo analiza procesos de subjetivación en la formación futbolística a través de los cuales los jóvenes aprenden técnicas de sí orientadas a la inversión en el propio cuerpo y en la propia trayectoria como condición para sostener el proyecto de una carrera profesional. Desde un enfoque socioantropológico, basado en entrevistas biográficas tomadas a jugadores que residen en un centro de formación de un club de la ciudad de Córdoba, se indaga sobre las prácticas y sentidos mediante los cuales se construyen como futbolistas. El trabajo se apoya en las herramientas teóricas de Michel Foucault para abordar las *técnicas de sí*, entendidas como las operaciones mediante las cuales los sujetos actúan sobre sí mismos con el objetivo de transformarse y alcanzar determinados modos de ser. El análisis identifica tres dimensiones centrales en este proceso: el deseo de convertirse en futbolista profesional; la disciplina y el cuidado sobre el propio cuerpo; y el trabajo mental para afrontar las incertidumbres de la carrera deportiva. Finalmente, estas dimensiones nos permiten comprender el modo en que la formación futbolística implica un trabajo permanente sobre uno mismo de modo tal que organiza la vida cotidiana de los jugadores y orienta sus decisiones.

Palabras clave: Fútbol; Formación deportiva; Técnicas de sí; Procesos de subjetivación; Clubes.

Abstract

This article analyzes processes of subjectivation in football training, through which young players learn self-techniques oriented toward investment in their own bodies and their own trajectories as a condition for sustaining a professional career. From a socio-anthropological perspective based on biographical interviews with players residing at a training center of a club in the city of Córdoba, the study explores the practices and meanings through which they construct themselves as footballers. The work draws on the theoretical tools of Michel Foucault to address *self-techniques*, understood as the operations through which subjects act upon themselves with the aim of transforming themselves and achieving certain ways

[1] CONICET/CIFFyH-UNC, Centro de Investigaciones de la Facultad de Filosofía y Humanidades de la Universidad Nacional de Córdoba, Argentina. Orcid: 0000-0001-8560-2550. E-mail: debora.majul@unc.edu.ar.
[2] CONICET/CIFFyH-UNC, Centro de Investigaciones de la Facultad de Filosofía y Humanidades de la Universidad Nacional de Córdoba, Argentina. Orcid: 0000-0001-8868-095X. E-mail: mariano.pussetto@unc.edu.ar.

of being. The analysis identifies three central dimensions in this process: the desire to become a professional footballer, discipline and care for one's own body, and the mental work required to cope with the uncertainties of a sports career. Finally, these dimensions show that football training involves ongoing work on oneself that organizes the players' daily lives and guides their decisions.

Keywords: Football; Sports training; Self-techniques; Processes of subjectivation; Clubs.

Introducción

La expansión del deporte en la Argentina puede vincularse con el desarrollo de la sociedad civil, en tanto los clubes y asociaciones deportivas generaron espacios de autonomía y participación social al margen del Estado (Frydenberg, 2011). Asimismo, las transformaciones en las condiciones de vida, los procesos de modernización y las luchas gremiales —que ampliaron el acceso al ocio y al tiempo libre no sólo para los sectores dominantes sino también para los sectores populares— resultaron factores clave en la configuración de una identidad nacional fuertemente asociada al fútbol (Alabarces, 2002).

En este contexto de expansión, el desarrollo del espectáculo futbolístico y su creciente inserción en lógicas mercantiles transformaron progresivamente las condiciones de la práctica deportiva. Para muchos jugadores, la necesidad de sostener un empleo formal entraba en tensión con la posibilidad de dedicarse plenamente al fútbol, mientras que para otros la práctica continuaba siendo un pasatiempo. Desde mediados de la década de 1920, la prensa comenzó a destacar la importancia de las técnicas de entrenamiento y de la especialización atlética (Frydenberg, 2011). Estas transformaciones "desembocaron en el profesionalismo, signo último de la democratización de la práctica institucional del fútbol argentino" (Alabarces, 2002, p. 95).

En el caso de Córdoba, durante la década de 1930, se produjo un proceso que condujo al fútbol local desde el denominado "amateurismo marrón" – caracterizado por formas ilegales de remuneración – hacia la profesionalización formal, marcada por el blanqueo de las prácticas, la especialización y la incorporación de los futbolistas al mercado laboral mediante contratos temporarios de locación de servicios (Reyna, 2015). En ese

escenario, también comenzaba a consolidarse una representación particular del éxito en el ámbito futbolístico, asociada a la posibilidad de mejorar las condiciones de vida en un contexto de crisis económica. El fútbol se vislumbraba como "una forma de mejorar la condición material y de adquirir mayor reconocimiento y prestigio" (Reyna, 2015, p. 9).

Como ha señalado Archetti (2001), la figura del *pibe* ocupa un lugar central en el imaginario futbolístico nacional, asociada tanto a la creatividad y el talento natural como a la idea de un origen popular desde el cual es posible proyectar una carrera deportiva. Sin embargo, lejos de tratarse únicamente de una expresión espontánea del talento individual, comenzó a adquirir mayor relevancia la formación temprana de los jugadores en el ámbito de los clubes (Frydenberg, 2011).

En las últimas décadas, distintos trabajos provenientes de los estudios sociales del deporte comenzaron a focalizar su atención en los procesos de formación de futbolistas y en las trayectorias que conducen hacia el profesionalismo. Investigaciones desarrolladas principalmente en Europa y Brasil han sido pioneras en este campo, al analizar las condiciones sociales e institucionales en las que se producen las dinámicas que organizan su formación de jóvenes jugadores dentro de los clubes (Roderick, 2006; Bertrand, 2012; Damo, 2007; Rial, 2008). En Argentina, el trabajo de Federico Czesli (2016) y los elaborados junto a Diego Murzi (2016, 2018) repusieron las particularidades del contexto argentino y dieron bases al desarrollo de una producción que miró con atención las relaciones entre los jóvenes futbolistas y la diversidad de actores que forman parte del proceso formativo, como los entrenadores, dirigentes, familias, escuelas, entre otros. Esas relaciones comenzaron a ser profundizadas y abrieron nuevas lecturas para complejizar la mirada sobre ellas. Así es como el trabajo de Débora Majul (2021) desarrolla la construcción de subjetividades de jóvenes futbolistas y, al igual que Natalia Lascialandare (2020), pone especial atención al vínculo institucional que se da en los espacios de las pensiones de los clubes de fútbol.

En este marco, el presente artículo se propone analizar los procesos de subjetivación que se configuran en las instancias de formación futbolística, atendiendo a los modos en que los jóvenes aprenden y ponen en práctica

determinadas *técnicas de sí* orientadas a la inversión en sí mismos como condición para sostener el proyecto de una carrera profesional. Desde esta perspectiva, interesa comprender cómo estas prácticas se producen en el marco de instituciones deportivas que organizan las experiencias formativas y modelan las formas en que los jóvenes se piensan a sí mismos como futuros futbolistas profesionales. Para abordar este problema, el artículo se apoya en el concepto de procesos de subjetivación (Foucault, 2016; Bonvillani, 2023) y en la noción de *técnicas de sí* desarrollada por Foucault (2016), en diálogo con los aportes de Vázquez García (2005) y Laval y Dardot (2013) sobre las formas contemporáneas de inversión sobre uno mismo.

Contexto conceptual

Siguiendo a Bonvillani, nos proponemos desplazar las concepciones modernas de identidad, que buscan responder de manera unívoca a la pregunta "¿quién soy?", para pensar las subjetividades en términos relacionales y situados. La autora sugiere que la riqueza del concepto permite imaginar distintas respuestas a partir de la interrogación: "¿cómo estoy habitando el mundo con otras y otros?" (Bonvillani, 2023, p.2). En este marco, lo subjetivo puede comprenderse como lo social singularizado, es decir, como el resultado de procesos históricos y culturales que se encarnan de manera particular en las trayectorias biográficas de los sujetos. La singularidad del concepto radica en la producción de sentidos que surge del encuentro/desencuentro con otros. Desde esta perspectiva, resulta pertinente referirse a las subjetividades en plural, en tanto se trata de configuraciones múltiples y heterogéneas, según las trayectorias biográficas de los sujetos. En este sentido, el pasaje de la noción de subjetividades a la de subjetivación permite desplazar la mirada desde las formas de estar hacia los procesos mediante los cuales estas se constituyen.

Para abordar las experiencias formativas de los jóvenes futbolistas, este trabajo recupera el concepto de *procesos de subjetivación*, desarrollado en la obra de Michel Foucault (2016) para analizar los modos en que los sujetos se constituyen a sí mismos en el marco de determinadas relaciones de poder. Desde esta perspectiva, la subjetivación no refiere a una identidad fija

o estable, sino a un proceso dinámico mediante el cual los individuos se constituyen como sujetos a través de prácticas, discursos y normas que orientan su conducta.

Michel Foucault denomina *técnicas de sí* o *tecnologías del yo* a aquellas operaciones mediante las cuales los individuos actúan sobre sí mismos – sobre su cuerpo, sus pensamientos, sus emociones o su conducta – con el objetivo de transformarse y alcanzar determinados estados considerados deseables, tales como la perfección, la pureza o el dominio de sí (Foucault, 2016). Estas prácticas permiten comprender los modos en que los sujetos participan activamente en su propia constitución moral, en tanto implican un conjunto de ejercicios y reflexiones orientados a la formación de sí mismos.

No obstante, Foucault advierte que estas técnicas no constituyen prácticas puramente individuales o autónomas. Por el contrario, los sujetos encuentran estas formas de relación consigo mismos en los marcos culturales e institucionales en los que se inscriben, donde son promovidas, sugeridas o incluso exigidas. En este sentido, las *técnicas de sí* se articulan con lo que Foucault denomina *técnicas de dominación*, es decir, aquellas prácticas mediante las cuales los individuos son conducidos o gobernados por otros. La interacción entre ambos tipos de técnicas permite comprender cómo se configuran formas específicas de gobierno de sí y de los otros, en las que los sujetos participan activamente en la regulación de su propia conducta.

En este marco, el *proceso de subjetivación* puede entenderse como un movimiento simultáneo de sujeción y producción de sí, en el que los sujetos internalizan normas sociales al mismo tiempo que elaboran formas singulares de relacionarse con ellas.

En las últimas décadas, diversos autores han señalado que los procesos contemporáneos de subjetivación se encuentran atravesados por la racionalidad neoliberal, que promueve una forma particular de relación del sujeto consigo mismo. En este contexto emerge la figura del "empresario de sí" (Vázquez García, 2005; Laval; Dardot, 2013), mediante la cual el individuo deja de ser concebido como un ciudadano protegido por el Estado, en su función social, para convertirse en un sujeto responsable de gestionar su propia vida como si se tratara de una empresa. Tal como señalan Foucault y,

posteriormente, Laval y Dardot (2013), el sujeto neoliberal es impulsado a organizar su existencia bajo la lógica de la inversión y la optimización de recursos, buscando maximizar su propio capital humano en diferentes dimensiones de la vida, como la formación, la salud, el rendimiento o la gestión de las emociones. En este marco, las *técnicas de sí* adquieren una centralidad particular, en tanto se orientan al trabajo constante sobre uno mismo con el objetivo de mejorar el propio desempeño y sostener la competitividad en distintos ámbitos sociales. De este modo, el gobierno de los individuos ya no opera únicamente a través de mecanismos externos de control, sino mediante la producción de sujetos que se perciben a sí mismos como responsables de invertir en su propio desarrollo y de gestionar su trayectoria personal.

Esta lógica resulta particularmente visible en el campo del fútbol profesional. Como señalan Majul e Hijós (2023), la industria futbolística no solo captura cuerpos y su potencial productivo, sino que también moldea subjetividades alineadas con las lógicas del propio sistema. En este proceso se configura un sujeto productivo, flexible y plenamente comprometido con su actividad, que debe intensificar de manera constante sus esfuerzos en la búsqueda de resultados. En el caso de los futbolistas profesionales, esta lógica se expresa en la internalización de una ética meritocrática de la carrera deportiva, donde el éxito aparece como resultado de la inversión individual, el esfuerzo constante y la gestión estratégica de la propia trayectoria.

En este sentido, el fútbol puede comprenderse como parte de un mercado global que se organiza a partir de reglas específicas de producción, circulación y valorización de jugadores. En este marco, los futbolistas se insertan en redes de intermediación y gestión en las que intervienen representantes, directores técnicos, directores deportivos, ojeadores y dirigentes de clubes (Uliana, 2023), configurándose como activos cuyo valor se produce y se negocia dentro del propio mercado deportivo.

Estas aproximaciones permiten problematizar los procesos de subjetivación que atraviesan los jóvenes futbolistas en sus experiencias formativas, particularmente en aquellos contextos institucionales donde la formación deportiva se articula con la construcción de proyectos de vida

orientados al profesionalismo. En este sentido, en el presente artículo nos preguntamos por los modos en que estas lógicas se materializan en las trayectorias de jugadores que residen en un centro de formación de un club de la ciudad de Córdoba, atendiendo a las *técnicas de sí* que instrumentan en la construcción de una carrera deportiva.

Estrategia metodológica

Este artículo se inscribe en una investigación doctoral en Ciencias de la Educación titulada *"Entre la escuela y el fútbol. Procesos de construcción de subjetividades y experiencias educativas de jugadores/as pensionados/as"*[3]. La investigación analiza las experiencias formativas de jóvenes futbolistas que residen en la pensión de un club de la ciudad de Córdoba. Los materiales empíricos que se analizan en este trabajo provienen del trabajo de campo desarrollado en el marco de dicha investigación. Partimos de sostener un enfoque socioantropológico que concibe los fenómenos sociales desde una perspectiva relacional y dialéctica, atenta a los procesos y a los movimientos que se producen en las prácticas y relaciones sociales, sin perder de vista su carácter contradictorio y conflictivo (Achilli, 2005).

El trabajo de campo comenzó a inicios del año 2021 en un club de fútbol de la ciudad de Córdoba (en adelante el Club).[4] La institución cuenta con un centro de formación, que cumple la función de espacio residencial destinado a jóvenes futbolistas provenientes de diferentes localidades del país. Aquí habitan entre ochenta y noventa jugadores que van desde los doce hasta los veinte años. Actualmente el Centro de Formación cuenta con un equipo integrado por: un director, una coordinadora encargada principalmente de las cuestiones escolares, cuatro preceptores, repartidos en los turnos mañana, tarde y noche; y dos mujeres, que realizan la tarea del apoyo escolar.

[3] El trabajo está dirigido por el Dr. José Garriga Zucal y la Dra. Guadalupe Molina. Dicha investigación se enmarca dentro del proyecto de investigación titulado "Procesos de escolarización, prácticas escolares y experiencias estudiantiles en Córdoba desde mediados del siglo XX hasta la actualidad", radicado en el Área de Educación del Centro de Investigaciones de la Facultad de Filosofía y Humanidades (FFyH, UNC) y del Programa de investigación titulado "Estudios socioantropológicos en instituciones educativas" radicado en el Centro de Estudios Avanzados (FCS, UNC), ambos están dirigidos por la Dra. Silvia Servetto.

[4] En este trabajo se evitará el uso del nombre propio de la institución deportiva para resguardar su anonimato, tal cual fue pactado con sus representantes. De igual manera se utilizarán nombres ficticios en los jugadores para el mismo fin.

El trabajo de campo se realizó a través de la presencia sostenida utilizando la observación participante a lo largo de tres años para la producción de registros. Asimismo, se utilizaron diversas estrategias de recolección de datos propias de la investigación cualitativa, entre ellas entrevistas en profundidad, conversaciones informales y una encuesta. Estos recursos se configuraron como una instancia de profundización de la información relevada y permitieron acceder de manera directa a los sentidos y lógicas de los interlocutores. Los espacios distinguidos para su desarrollo fueron la pensión y la escuela, y, en menor medida, el predio en el cual se lleva adelante la práctica deportiva.

Para los fines de este artículo se privilegia el análisis de un conjunto de entrevistas realizadas a jóvenes futbolistas que residen en el centro de formación del Club, abordadas desde una perspectiva biográfica. Como señala Meccia (2019a), los relatos biográficos ponen en escena la articulación entre distintos niveles de la vida social:

> reconocen la existencia de un «yo» (representante del nivel microsocial) que se mueve afectando y siendo afectado por múltiples vinculaciones interpersonales, grupales e institucionales (el nivel de análisis mesosocial) y que, a la vez, es un ciudadano de su tiempo, es decir, que vive inmerso en un momento sociohistórico determinado (el nivel de análisis macrosocial) (Meccia, 2019a, p. 40).

Asimismo, como resalta el autor, "estudiar la historia de la vida de las personas, es distinto a estudiar las formas con las que esas personas cuentan sus vidas" (p. 54). Con esa alerta metodológica, entendemos que proponer una mirada biográfica de la vida de los jugadores pensionados nos permite profundizar sobre sus relatos de vida y con ello la narración de un devenir, su manera de significar el tiempo transcurrido.

En este artículo se analizan los relatos de vida de seis jóvenes futbolistas – Agustín[5], Bernardo[6], Jeremías[7], Tomás[8], Facundo[9] y Braian[10] – que residen en el centro de formación del Club. A partir de estos relatos, se busca explorar, mediante el uso de herramientas conceptuales mencionadas anteriormente, referidos a los *procesos de subjetivación*, las *técnicas de sí*, la inversión en uno mismo, los modos en que estos jóvenes construyen sentidos sobre sí mismos, sobre su trayectoria deportiva y sobre las expectativas asociadas a la carrera profesional en el fútbol.

"Desde que empecé a tocar la pelota sentí que mi sueño era jugar al fútbol": la construcción del deseo como *técnica de sí*

El deseo de convertirse en futbolista profesional no surge de manera espontánea ni exclusivamente individual. Por el contrario, se inscribe de manera temprana en las trayectorias de los jóvenes y configura al fútbol como una práctica cotidiana y un horizonte posible de identificación. En muchos casos, el vínculo con el fútbol comienza en el ámbito familiar y barrial, donde el juego aparece como una actividad compartida con padres, hermanos o amigos. Como recuerda Agustín, el fútbol estuvo presente en su vida desde muy temprano:

> Yo siempre de chico, desde que empecé a tocar la pelota, sentí que mi sueño era jugar al fútbol, pero, bueno, yo era muy chiquito, en ese momento era divertirme, ir a jugar, a divertirme. Y, bueno, yo tengo un par…, tengo padre, abuelo, bisabuelo: son todos futboleros, y esa también es como la genética mía (Agustín, entrevista, marzo 2022).

[5] Agustín nació en el año 2003, en El Trébol provincia de Santa Fe. Su madre es trabajadora doméstica y su padre albañil. Tiene una hermana y un hermano más chicos que él.
[6] Bernardo nació en el año 2004, en la ciudad de Mendoza. Su padre trabaja en un local de ventas de electrodomésticos y su madre es contadora y trabaja en la administración de un hospital. Tiene un hermano dos años mayor y un hermano menor de dos años.
[7] Jeremías nació en el año 2004, en Reconquistas, provincia de Santa Fe. Su madre trabaja como portera en una escuela y su padre trabaja en una fábrica de gaseosas. Tiene una hermana menor de 12 años y un hermano mayor que, cuando él tenía siete años, falleció de una enfermedad. Su hermano falleció a los 13 años, y en ese momento vivía en Buenos Aires porque jugaba al fútbol en un club de esa ciudad.
[8] Tomás nació en el año 2004, en Rafaela, provincia de Santa Fe. Su madre no trabaja fuera de la casa desde que él nació y su padre es empleado lácteo. Tiene una hermana y dos hermanos mayores que él. El más grande vive en España y es futbolista profesional.
[9] Facundo nació en el año 2001, en Chivilcoy, provincia de Buenos Aires. Su padre es odontólogo y su madre mecánica dental. Tiene dos hermanos mayores. Facundo actualmente juega en un club de Buenos Aires y su paso por el Club fue de tan solo un año.
[10] Braian nació en el año 2004, en la ciudad de Leones, provincia de Córdoba. Tras la separación de sus padres comenzó a vivir con su tío, hermano de su mamá, espacio que lo menciona como "su casa". Tiene dos hermanos menores que viven con su madre.

En estas primeras experiencias, el fútbol se vive fundamentalmente como juego, pero también como un espacio de reconocimiento y pertenencia. A través de partidos informales, entrenamientos y torneos infantiles, los niños comienzan a construir una relación significativa con esta práctica, al tiempo que incorporan la idea de que el fútbol puede constituir algo más que una actividad recreativa.

En este contexto, las ligas infantiles y el *baby* fútbol cumplen un papel central en la consolidación de ese horizonte. Allí no solo se intensifica la práctica deportiva, sino que también se introducen dinámicas de competencia, selección y evaluación del rendimiento. En este proceso, algunos jugadores comienzan a ser identificados – por entrenadores, familiares o dirigentes – como portadores de determinadas condiciones o talentos, lo que contribuye a reforzar la posibilidad de imaginar una trayectoria en el fútbol. Como señalan Czesli (2024) y Czesli y Murzi (2023), el sueño de llegar a ser profesional se vuelve socialmente posible en la medida en que ciertas trayectorias son reconocidas como prometedoras dentro de estos espacios.

De este modo, el sueño de ser futbolista se construye progresivamente como un horizonte de futuro. No se trata solo de una aspiración infantil, sino de una expectativa que comienza a organizar proyectos y decisiones. En este proceso, la posibilidad de ser incorporado a las divisiones inferiores de un club y trasladarse a vivir a una pensión constituye un momento clave en la trayectoria de los jóvenes jugadores. Ingresar a una pensión implica, en muchos casos, dejar el hogar familiar, adaptarse a nuevas rutinas y asumir una serie de exigencias vinculadas al entrenamiento y al rendimiento deportivo.

Las entrevistas realizadas muestran que esta decisión suele ser vivida como un "punto de inflexión" en la trayectoria personal, entendiendo a este como "un momento vital identificado como una encrucijada a partir de la cual el itinerario biográfico de la persona tomó un rumbo distinto o inició una nueva etapa" (Kornblit, 2007, p. 23). Para muchos jugadores, aceptar la propuesta de trasladarse a otra ciudad o provincia supone una combinación de entusiasmo, incertidumbre y sacrificio. Como señala Bernardo:

> En el momento de venir hasta acá [la pensión del Club], o sea cuando vos te vas de tu casa para venir acá, es el momento que decís: voy para ser jugador de fútbol. Ahí, en ese momento, es el que decidí: o me quedó acá y estudio, o voy allá para ser jugador. Y nada, creo que en ese momento uno decide qué es lo que quiere para su vida (Bernardo, entrevista, abril 2022).

En un sentido similar, Tomás y Agustín recuerdan el momento en que decidieron irse a la pensión:

> mi mamá siempre quiso que yo me vaya de ahí porque, que se yo, por ahí la junta que yo tenía en ese momento, ya como que se veía que cuando sean un poco más grandes iban a ser un desastre. […] Con mi papá fue más duro lo de venir acá y que me dé el permiso porque, qué sé yo, soy el más chico... yo lo veo por ese lado. En el momento me costó mucho a mí y me dio mucha impotencia y bronca, pero bueno, le dije que yo me iba, que no quería estar más en Rafaela" (Tomás, entrevista, abril 2022).

> Fue un cambio muy grande para mí, lo que más me costó fue alejarme de mi familia, que creo que es lo que más le cuesta a la mayoría de los que estamos acá en la pensión, digamos, alejarse de la familia y más yo, porque siempre de chiquito mi familia siempre fue muy unidad a mí, y como que me costó el doble, capaz. Yo cuando era más chico, mucho más chico, o sea a los diez años, por ahí, tuve la oportunidad de irme a otros clubes, de Buenos Aires, Santa Fe, pero nunca quise irme. Viajaba, estaba ahí, extrañaba y le decía a mi viejo: "che, vení a buscarme que no, quiero estar allá con mis amigos, con ustedes". Después, antes de venir acá, pasé por una especie de psicóloga, para que me ayude un poco ¿viste? O sea, yo quería jugar al fútbol, no quería quedarme allá. Y fui seis meses ahí y te juro que me cambió la cabeza (Agustín, entrevista, marzo 2022).

Estas experiencias ponen de manifiesto que el sueño de ser futbolista comienza a traducirse en decisiones concretas que implican reorganizar la vida cotidiana y asumir costos afectivos y personales. En este punto, el deseo de jugar profesionalmente deja de ser únicamente una aspiración y se transforma en un proyecto que orienta prácticas, elecciones y sacrificios.

En este proceso, el sueño de ser futbolista puede entenderse como una forma particular de relación consigo mismo. Más que un simple deseo, funciona como un principio que organiza la trayectoria personal y que impulsa a los jóvenes a realizar determinadas operaciones sobre su propia vida con el objetivo de acercarse a aquello que desean ser. En este sentido, el sueño se configura como una *técnica de sí*, en tanto orienta decisiones, prácticas y esfuerzos dirigidos a la construcción de una carrera deportiva. De esta forma los entrevistados narran cómo se transforman sus prácticas, no solo deportivas, sino – sobre todo – de la vida cotidiana, para lograr ser

considerados como *proyecto*[11] por el Club. En ese movimiento se despliegan una serie de operaciones sobre sus propios cuerpos para buscar alcanzar, siguiendo a Foucault (2016), cierto estado de perfección.

"Si no lo tomara como un trabajo no estaría acá": el cuerpo como objeto de inversión y técnica de sí

El trabajo de Czesli y Murzi (2018) analiza las transformaciones en las representaciones sociales sobre el futbolista argentino en los últimos treinta años. Según, los autores, en la actualidad, los jugadores "desde las infancias se identifican con la imagen del profesional disciplinado" (p. 68). De modo que, la figura del futbolista asociado al fútbol potrero – vinculada a la creatividad, la espontaneidad y la libertad – parece haber cedido lugar a una práctica desarrollada de manera sistemática.

> Desde edades que oscilan entre los cuatro y seis años, los chicos pelean por un puesto, compiten en posiciones especializadas, dialogan con presiones de los entrenadores, de sus padres, y en algunos casos, con lo que se espera de ellos (Czesli; Murzi, 2018, p. 70).

Estas representaciones también se encuentran en los jugadores entrevistados. En sus relatos, llegar a jugar en primera división se presenta como un horizonte, lo que exige la construcción de un profesionalismo que implica un hacer cotidiano, un hacer sobre sus propios cuerpos. En este sentido, Agustín describe cómo su relación con el fútbol se transformó a lo largo del tiempo:

> Mariano: Cuando pensás en el fútbol, ¿lo podés relacionar con un trabajo, o lo pensás como un juego?
> Agustín: No, lo pienso de las dos formas, capaz que antes lo pensaba como solamente un juego, pero bueno, yo ahora, estando parado en donde estoy hoy en día, creo que también lo tomo como un trabajo. Ante lo tomaba como un juego nomás pero ahora... O sea, yo todavía tengo una rutina y tengo en mi cabeza que a esa rutina la tengo que cumplir todos los días. Levantarme temprano, ir a entrenar, volver, dormir la siesta, me levanto, voy al gimnasio, vuelvo, meriendo. Tengo un tiempo libre: estoy con el celular, tomando unos mates [esto es enunciado como formas de descansar el cuerpo]. Pero sí, qué sé yo, creo que si no lo tomara como un trabajo no estaría acá, estaría en mi

[11] Ser "proyecto" implica ser reconocidos como un capital muy valioso del Club y se distingue en lo deportivo por sobre el resto de los jugadores. Ser citados a la selección argentina para integrar sus combinados juveniles suele ser uno de los principales motivos por el cual entran en esta categoría, más no el único. De un "proyecto" se espera que juegue en la primera división del Club, pero, sobre todo, que sea parte de una transacción económica con otro equipo que favorezca el ingreso de capitales económicos.

> casa, con mis amigos, con mi familia, divirtiéndome, pero bueno, yo estoy acá por algo (Agustín, entrevista, marzo 2022).

Asumir el fútbol como un trabajo implica, en estos relatos, organizar la totalidad de la vida cotidiana en torno a esa actividad. A diferencia de otros empleos, sus responsabilidades no se circunscriben a un horario laboral, sino que abarcan múltiples dimensiones de la vida diaria: horarios de descanso, alimentación, cuidado físico y actividades fuera del club. En la misma línea, Jeremías profundiza en el profesionalismo como una práctica que se sostiene día tras día:

> Y yo creo que profesional se tiene que ser día a día, en los entrenamientos ser siempre puntual y ver cómo podés llegar a mejor día a día, levantarte temprano, ir temprano al entrenamiento, laburar para vos primero, sobre tu físico, la parte preventiva y hacer hincapié en eso. Y después bueno, entrar al entrenamiento: en la parte de gimnasio hacer todo. Después la parte del campo [de juego] también, esforzarte al 100% todos los días, siempre pensando en la mejoría tuya digamos. Yo creo que eso es ser profesional. Y además también está la parte extra futbolística, donde uno no puede estar comiendo boludeces durante el día o a la noche o al mediodía o durante la tarde, tiene que llevar esa dieta diaria. No se es profesional cuando firmás un contrato recién, sino que, como dije antes, es como un proceso antes de llegar (Jeremías, entrevista, marzo 2022).

En estos relatos se destacan una serie de acciones orientadas a potenciar su rendimiento: levantarse temprano e ir a entrenar, ser disciplinado con los horarios, trabajar su cuerpo en el gimnasio, realizar ejercicios para prevenir lesiones, mantener una dieta específica, atender el descanso, entre otras. Muchas de estas prácticas se realizan por fuera del entrenamiento oficial y son consideradas por los propios jugadores como condición necesaria para alcanzar el profesionalismo. En este sentido, como lo advierte Jeremías, convertirse en futbolista no radica únicamente en la firma de un contrato laboral, sino que se configura como un proceso sostenido, rutinario, de acciones sobre sus propios cuerpos. Esta dimensión se vuelve particularmente visible en la noción de "invertir en uno mismo", que aparece en los relatos de los jugadores. Como explica Tomás:

> Tomás: empezás a invertir más en vos y en tu cuerpo
> Mariano: ¿y qué tipo de cosas hacés, por ejemplo, que las sentís como una manera de invertir en vos?
> Tomás: Y…, si yo necesito algo que, ponele, me siento muy cansado, me pago una sesión de un kinesiólogo, de un masajista, de un quiropráctico. Si necesito alguna crema, o algo, voy y me compro en la

> farmacia. Y yo veo que hay algunos que eso lo esperan del club, sería, que vengan y se lo den todo servido. Y, o sea, tenemos todo servido en el club, porque si vos querés, te levantas temprano y vas al gimnasio, al club... bah, yo hago eso. La mayoría de los días me levanto más temprano que mi hora de entrenar y voy, y hago gimnasio (Tomás, entrevista, abril 2022).

En este tipo de prácticas, el cuerpo aparece como un objeto de inversión permanente. Los jugadores no solo cumplen con las exigencias del club, sino que asumen la responsabilidad de gestionar activamente su propio rendimiento físico mediante decisiones individuales que implican tiempo, disciplina y, en algunos casos, recursos económicos.

Los trabajos de Czesli y Murzi (2018) muestran dos nociones que ocupan un lugar central en las representaciones de los futbolistas en formación: la "humildad" y el "sacrificio". Mientras que la primera se asocia al esfuerzo y el trabajo cotidiano, el sacrificio aglutina diversos elementos:

> el dolor por el desarraigo y por no poder estar junto a la familia, el extenuante trabajo físico que implica la práctica, la capacidad de sobreponerse a la adversidad mediante el trabajo disciplinado y, fundamentalmente, la relación que asumen los jugadores frente a los esfuerzos que realizaron sus familias para que ellos pudieran continuar con su carrera, esfuerzos frente a los que ellos se sienten con la responsabilidad de retornar con trabajo y disciplina (p. 74).

En los relatos de los jugadores entrevistados, estas ideas se articulan con la noción de inversión personal, que condensa tanto disposiciones morales como prácticas concretas orientadas al cuidado del propio cuerpo. Retomamos la noción de *carrera laboral moral* propuesta por Galvani y Garriga Zucal (2015), quienes señalan que las trayectorias laborales no solo implican la sucesión de posiciones y jerarquías, sino también la incorporación de valores, normas y formas de evaluarse a sí mismo y a los otros. En este sentido, toda carrera laboral es también una carrera moral, en la medida en que configura modos legítimos e ilegítimos de ser dentro de un determinado mundo social.

Al mismo tiempo, estos sentidos se articulan con una fuerte valorización del esfuerzo individual. Aunque reconozcan y valoren los aportes de otros actores (como la familia, el club, entrenadores, psicólogos, entre otros), sus trayectorias se cimientan en acciones personales. En la encuesta[12]

[12] Esta estrategia metodológica fue utilizada con el fin de conocer algunos datos que amplíen el campo a la totalidad de los futbolistas pensionados. La encuesta se realizó en el primer semestre de 2023, de carácter optativa y anónima y fue respondida por 64 jugadores, los cuales representaban el 80% de

realizada a los jugadores pensionados encontramos que el 90% de los jóvenes está de acuerdo con la afirmación "ser futbolista depende cien por ciento de uno mismo"; el 84% acuerda con la afirmación "en el fútbol nadie te regala nada"; y el 64% está en desacuerdo con la afirmación "para jugar en primera se necesita suerte". Estas frases, ampliamente difundidas en el mundo del fútbol por futbolistas consagrados, periodistas y entrenadores, forman parte del sentido común que enfatiza la responsabilidad individual de la carrera deportiva y posee un efecto performativo que encuentra anclaje en jugadores en formación.

No obstante, algunas entrevistas nos permiten matizar estas ideas. En una conversación, Facundo compara su trayectoria futbolística con una carrera universitaria:

> Yo lo relaciono con una carrera universitaria, por ejemplo: yo cuando entré a Estudiantes [el primer club en donde vivió en una pensión] a los quince años, arranqué la universidad, estudié todo el proceso y hoy me tocó recibirme. Yo lo relaciono de esa forma. Pero vos cuando estudias haces todo para…, ponele estudias chef, haces todo lo posible para ser el mejor chef. En nuestro caso entrenás, comés bien, vas al gimnasio, descansás, y hoy me recibí, digamos, y vos en su momento te recibiste. Y es así, yo lo relaciono de esa forma. La diferencia es que en el fútbol no depende 100% de vos, digamos, si vos te sentás a estudiar y lees, vas a aprobar un parcial de diez, seguramente. Ahora, vos podés ser el Messi, podés comer bien, entrenar bien, jugar bien, dormir bien, todo, y si no te está viendo esa persona que te considera como buen jugador, o sea, va a quedar en eso. Que igualmente, creo que obviamente, vas a tener más chances haciendo las cosas bien que haciendo las cosas mal, seguramente. O sea, vas a tener más chances que te vea esa persona (Facundo, entrevista, marzo 2022).

Este fragmento de conversación nos permite ver los sentidos heterogéneos construidos por los jugadores con relación a la posibilidad de llegar a primera. En este caso, Facundo introduce una dimensión relacional de la construcción de la carrera futbolística, señalando el papel de actores centrales para generar las oportunidades, principalmente entrenadores, dirigentes de los clubes o representantes deportivos. Sin embargo, incluso cuando se reconocen estos factores externos, las prácticas cotidianas de cuidado y disciplina sobre el propio cuerpo continúan siendo consideradas

quienes habitaban en la pensión. Este instrumento buscó construir información sobre tres dimensiones: socioeconómicas, educativas y deportivas.

condiciones indispensables para sostener el proyecto de convertirse en futbolista.

En este marco, la construcción de sí aparece fuertemente atravesada por una moral del esfuerzo y la responsabilidad individual. Como expresa Jeremías en otra entrevista, el desafío consiste en mantenerse en una "línea recta" de disciplina y compromiso, evitando desviaciones que puedan poner en riesgo la carrera. No esforzarse o "dejarse estar" implicaría, en sus palabras, convertirse en "un boludo más", es decir, alguien que no hace todo lo necesario para alcanzar aquello que desea (Jeremías, entrevista, marzo 2022).

De la expresión de Jeremías, "no ser un boludo más", destacamos ese "más" añadido, como una búsqueda de ser excepcional, múltiples acciones y maneras de pensar sobre sí mismos que los diferencia de aquello que hacen los boludos/otros. Asimismo, la oposición implícita entre "ser alguien" y "ser un boludo más" remite a una lectura profundamente moralizada de las trayectorias juveniles, en la que el esfuerzo sostenido aparece como criterio legítimo de distinción. En este marco, quienes no logran mantenerse en la "línea recta" son leídos como responsables individuales de su propio fracaso.

De este modo, el cuidado del cuerpo y la regulación de las propias conductas adquieren una dimensión moral que orienta la vida cotidiana de los jugadores. En este proceso, la idea de "invertir en uno mismo" puede comprenderse como una forma de técnica de sí, en la medida en que implica un conjunto de prácticas mediante las cuales los jóvenes futbolistas buscan transformarse a sí mismos y acercarse al ideal de convertirse en profesionales. Así, la construcción del cuerpo como objeto de trabajo permanente se vuelve una dimensión central en los procesos de subjetivación que atraviesan la formación futbolística.

"Aprendí a enfrentar las derrotas": el trabajo mental como técnica de sí

Junto con el trabajo sobre el cuerpo, la formación futbolística también exige un conjunto de prácticas orientadas a comprender y tramitar las emociones, la frustración y la incertidumbre propias de una carrera altamente competitiva. En los relatos de los jugadores aparecen diversos *recursos*

psicológicos (Meccia, 2019b) mediante los cuales elaboran situaciones de sufrimiento o angustia vinculadas a eventos que ponen en riesgo la continuidad de sus trayectorias. Entre estas experiencias, las más significativas mencionadas en las entrevistas son quedar libre[13] de un club y atravesar lesiones deportivas. La primera de estas situaciones aparece en el relato de Agustín al recordar la partida de un compañero con quien compartía habitación.

> Agustín: cuando yo llegué al club me pusieron en una habitación y estaba con un compañero que a fin de año lo dejan libre y yo con ese jugador me había hecho muy amigo, éramos muy cercanos, estábamos todo el día juntos. Y bueno, después tuvo la desgracia de que, a fin de año, le dijeron que se había quedado libre. Estuve mal unos días, traté también de hablarle antes de que se vaya: o sea, que no se tire para abajo, que seguramente en otro club iba a tener la oportunidad; que yo iba a estar siempre, a pesar de que nunca nos vamos a ver, pero una llamada, unos mensajes, siempre iba a estar yo para él. Creo que él fue uno de los que fue muy amigo y se me fue.
> Mariano: esas situaciones suelen ser un poco duras ¿no?
> Agustín: sí, sí, obviamente, aparte el chico lloraba, aparte un pibe muy humilde, la familia también. Que te dejen libre así creo que es lo más feo que te puede pasar, ¿viste? Son cosas del fútbol, también (Agustín, entrevista, marzo 2022).

Quedar libre es representado por los jugadores como uno de los momentos más difíciles de la carrera futbolística, como lo nombra Agustín: "lo más feo que te puede pasar". Sin embargo, estas situaciones también son aceptadas e incorporadas a sus relatos como parte de la dinámica del fútbol. Elegir este camino supone aceptar la posibilidad de decisiones institucionales – que toman los entrenadores o coordinadores deportivos en los clubes – que modifican abruptamente las trayectorias personales. De este modo, los *proyectos de futuro* que parecían consolidados pueden verse interrumpidos, generando incertidumbre y desconcierto. Rápidamente, entonces, los jugadores se ven impulsados a *activarse* (Merklen, 2013) y buscar nuevas oportunidades, asumiendo que estas experiencias, "son cosas del fútbol".

Las lesiones deportivas constituyen otro de los momentos críticos en las trayectorias de los jugadores. En una conversación, Braian relata la angustia profunda y el impacto emocional que le produjo una lesión que lo tuvo varios meses fuera de las canchas. Para él la recuperación implicó no

[13] Quedar libre es el momento en el que el club le informa al jugador que ya no será tenido en cuenta y deberá buscar, por sus propios medios, un nuevo destino para continuar jugando al fútbol.

sólo trabajo físico sino un trabajo de superación. A la continua reflexión sobre sí mismo se le sumaba el desánimo y la angustia de ver interrumpida la carrera.

En el transcurso de esa conversación, Braian relata que la escritura lo ayudó a sobreponerse y le permitió exteriorizar aquellos sentimientos[14] que se fueron acumulando durante ese tiempo. Compartimos un fragmento de su texto:

> […] tuve una charla con el médico, desde ese día mi vida cambió, porque empecé a pensar muchas cosas que no me hacían bien a mí y yo me preguntaba "¿por qué a mí esto?" el doctor me decía "tranquilo". Pasaron los días y el médico me pidió que me haga un estudio, me lo hago y a los cinco días teníamos los resultados para ver qué tenía al fin. Llega el día de los resultados, me llaman, entro al consultorio y estaba mi técnico, los psicólogos y el kinesiólogo, empecé a mirar para todos lados "¿y ahora qué hice?" me empecé a preguntar. Me dijo: acá tenemos los resultados de tu lesión ¿y qué tengo?, le digo; me dice "tenés espondilolisis"; ¿qué es eso?, le pregunté; me dice "tenés una vértebra despegada". En ese momento no sabía qué hacer y le pregunté cuánto voy a tener de recuperación y me dice "entre cinco y seis meses". Me empecé a reír porque no lo podía creer y ese día fue lo peor de mi vida, lloré como un nenito y me preguntaba qué hago yo ahora que no tengo a mi familia que me ayude, nada. Y lloraba y me preguntaba qué hago sin jugar si lo único que quiero es jugar a la pelota. Y desde esos seis meses que tuve entendí muchas cosas y lo dura que es la vida para los jugadores de fútbol que están lejos de su familia, de los amigos/as de las personas especiales que ya se fueron pero que siempre te apoyan desde arriba, también. Aprendí a enfrentar las derrotas.
>
> Y pasaron un par de meses y todo iba evolucionando de a poquito, hasta que llegó el día que volví a entrenar […] ese día fue muy especial, después de seis meses volví a tocar una pelota y lloraba de la emoción […] Llegó el día que me tocó estar citado como suplente […] todo era paso a paso, llega el sábado, estaba muy nervioso antes del partido […] Mi compañero que jugaba en el mismo puesto que yo se lesiona, por dentro decía "poneme, dale, poneme a mí" [como si le hablara al director técnico] y miró como dos veces para donde estábamos calentando y grita "mándalo a Braian", con lágrimas en los ojos fui, me dijo: "llego el día que tanto esperaba, mucha suerte, loco". Entré a la cancha y no lo podía creer que estaba ahí de nuevo […] desde ese día volví a ser lo que era el año pasado, pero con más personalidad y más fuerte de la cabeza (Texto escrito por Braian).

Este relato nos permite observar algunos aspectos relevantes a tener en cuenta en un proceso de recuperación. En primer lugar, la dimensión institucional que rodea estas situaciones: al momento de comunicar el

[14] De acuerdo a diversos comentarios que hemos escuchado durante el trabajo de campo, los jugadores están acostumbrados a "ser mirados cotidianamente", algo que va regulando su comportamiento, incluso hasta sus posibilidades del habla, la profundización de este tema se trabajó en Pussetto (2024).

diagnóstico Braian se encontró acompañado del médico, el entrenador, el kinesiólogo y un psicólogo, lo que da cuenta de un equipo interdisciplinario que se dispone a acompañar todo el proceso de recuperación. Sin embargo, aun con estos acompañamientos y apoyos, los jugadores interpretan el trabajo de recuperación como una disposición y responsabilidad individual.

En segundo lugar, el texto muestra como una lesión puede ser tomada como un quiebre biográfico. La noticia narrada como "el peor día de la vida" pone en suspenso lo que organiza la vida: jugar al fútbol. Al igual que quedar libre, la lesión representa uno de los riesgos más importantes a los que se encuentran expuestos como futbolistas en su carrera deportiva.

Finalmente, el relato pone en evidencia un proceso de aprendizaje que transforma la experiencia de sufrimiento en una instancia de fortalecimiento personal. Como señala Braian, atravesar esta situación le permitió aprender a "enfrentar las derrotas", y volverse "más fuerte de la cabeza". En este sentido, entre los jugadores transformar una situación adversa en un aprendizaje personal, es una manera de forjar un carácter, de ganar "personalidad", una cualidad altamente valorada para adaptarse a las condiciones flexibles que el fútbol les ofrece.

En este punto, las experiencias relatadas por los jugadores dialogan con lo que Sennett (2015) identifica como una estructura de carácter propio de los regímenes laborales contemporáneos, en la que los sujetos deben desarrollar una permanente capacidad de adaptación y recuperación frente a contextos inestables. En sus palabras, "el régimen flexible parece engendrar una estructura de carácter constantemente en «recuperación»" (p. 142).

Estas narrativas vuelven a poner de relieve la responsabilidad individual como eje rector de la construcción de sí y de las trayectorias deportivas. Como plantea Delory-Momberger (2009), "el proceso subjetivo que caracteriza la sociedad individualizada se traduce en una «cultura heroica del sujeto», que lleva a cada uno hacia la construcción y responsabilidad de su propio trayecto" (p. 82). En el caso de los futbolistas en formación, el trabajo mental se torna un punto central para forjar un carácter, una construcción de sí indispensable en el proceso de convertirse en futbolistas profesionales.

Reflexiones finales

A lo largo de este artículo analizamos las experiencias de jóvenes futbolistas en formación con el objetivo de comprender los procesos de subjetivación que atraviesan su trayectoria deportiva. A partir de las herramientas conceptuales provenientes de Michel Foucault abordamos la formación futbolística atendiendo a las *técnicas de sí*, entendidas como un conjunto de prácticas mediante las cuales los sujetos actúan sobre sí mismos con el propósito de transformarse y alcanzar determinados modos de ser.

El análisis de las entrevistas biográficas permitió identificar tres dimensiones centrales en este proceso: el deseo, el cuerpo y el trabajo mental. Cada una de estas dimensiones expresa formas específicas de intervención sobre sí mismos que los jugadores desarrollan en su camino hacia el profesionalismo.

En primer lugar, el deseo de ser futbolista se construye a lo largo de procesos tempranos de socialización en los que la familia, el barrio y los espacios de formación deportiva cumplen un papel fundamental. En estas experiencias iniciales se configura un vínculo afectivo con el fútbol que permite imaginar un proyecto de futuro asociado a la posibilidad de llegar a primera división. La decisión de trasladarse a vivir a la pensión de un club aparece como un punto de inflexión en estas trayectorias, en tanto implica reorganizar la vida cotidiana y asumir nuevas responsabilidades en función de ese proyecto.

En segundo lugar, la formación futbolística supone un trabajo sistemático sobre el cuerpo. Los jugadores describen una serie de prácticas que exceden el entrenamiento formal y que incluyen el cuidado de la alimentación, el descanso, el trabajo físico adicional y la prevención de lesiones. Estas acciones son interpretadas por ellos como formas de "invertir en sí mismos", a través de las cuales buscan optimizar su rendimiento y acercarse al ideal del futbolista profesional.

Finalmente, la tercera dimensión identificada refiere al trabajo mental que los jugadores realizan para enfrentar las incertidumbres propias de la carrera deportiva. Experiencias como las lesiones o la posibilidad de quedar libres de un club generan momentos de angustia que ponen en riesgo la

continuidad de sus trayectorias. En estos contextos, los jugadores desarrollan diversos recursos para procesar esas situaciones y transformar las derrotas o frustraciones en instancias de aprendizaje que fortalecen su carácter.

Consideradas en conjunto, estas dimensiones muestran que la formación futbolística no solo implica la adquisición de habilidades técnicas o físicas, sino también un trabajo permanente sobre uno mismo. Las prácticas de autocontrol, disciplina y reflexión que los jugadores desarrollan en su vida cotidiana constituyen técnicas de sí orientadas a producir las transformaciones necesarias para sostener el proyecto de convertirse en futbolistas profesionales. En el caso de los jóvenes que viven en pensiones deportivas, estas prácticas adquieren una intensidad particular, ya que tienden a extenderse a la totalidad de su vida diaria.

Por último, las narrativas de los jugadores muestran cómo la construcción de la carrera deportiva se organiza en torno a una fuerte responsabilización individual, en la que el éxito o el fracaso aparecen asociados principalmente a las propias decisiones, esfuerzos y disposiciones personales. De este modo, las técnicas de sí, que los jóvenes desarrollan en su formación deportiva, dialogan con transformaciones más amplias de las sociedades contemporáneas, caracterizadas por la creciente centralidad de la autogestión y la responsabilidad individual en contextos laborales marcados por la incertidumbre y la precariedad.

En este sentido, la formación futbolística aparece como un espacio privilegiado para observar cómo se articulan las aspiraciones individuales, las prácticas de autogobierno y las exigencias de mercados laborales altamente competitivos.

Referencias

ALABARCES, Pablo. *Fútbol y Patria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2002.

ACHILLI, Elena. *Investigar en antropología social: los desafíos de transmitir un oficio*. Rosario: Laborde Editor, 2005.

ARCHETTI, Eduardo. *El potrero, la pista y el ring: las patrias del deporte argentino*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.

BERTRAND, Julien. *La fabrique des footballeurs*. Paris: La Dispute, 2012.

BONVILLANI, Andrea. Hacia una comprensión psicosocial de la configuración de las subjetividades. *Quaderns de Psicología*, v. 25, n. 1, e1873, 2023. DOI: https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1873

CZESLI, Federico. "Mi papá dice que sos re bueno". Placer, prestigio y afectos en el fútbol infantil. *AVATARES de la comunicación y la cultura*, n. 27, jun. 2024. DOI: https://doi.org/10.62174/avatares.2024.9483

CZESLI, Federico. *Llegar a Primera: deseos y prácticas en el camino al fútbol profesional*. México. 2016. Disertación (maestría en Ciencias Antropológicas) – Universidad Autónoma Metropolitana, Iztapalapa, 2016.

CZESLI, Federico; MURZI, Diego. Humildes, trabajadores y sacrificados. Treinta años de desplazamientos en las representaciones de ser futbolista en Argentina. *Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología*, n. 30, p. 65-84, 2018. DOI: https://revistas.uniandes.edu.co/index.php/antipoda/article/view/2046

CZESLI, Federico; MURZI, Diego. El "sueño" de ser futbolista. Consideraciones sobre las fantasías, motivaciones e imaginarios en las trayectorias de jugadores de fútbol de categorías formativas en Argentina. *Sociología del Deporte*, v. 4, n. 1, p. 75-86, 2023. DOI: https://doi.org/10.46661/socioldeporte.7488

DAMO, Arlei. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., 2007.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Biografización y socialización. En: *Biografía y educación: figuras del individuo-proyecto*. Buenos Aires: FLACSO; Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2009. p. 73-89.

FOUCAULT, Michel. La ética del cuidado de sí como práctica de la libertad. En: *Estética, ética y hermenéutica*. Buenos Aires: Paidós, 1999.

FOUCAULT, Michel. *El origen de la hermenéutica de sí*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2016.

FRYDENBERG, Julio. *Historia social del fútbol: del amateurismo a la profesionalización*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2011.

GALVANI, Iván; GARRIGA ZUCAL, José. "Ya no soy el mismo". Mutaciones de la subjetividad entre los cadetes de la Escuela de la Policía Federal Argentina. *Oficios Terrestres*, n. 32, p. 24-41, 2015. Disponible en: https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.19222/pr.19222.pdf. Consultado el: 22 de marzo de 2026.

KORNBLIT, Ana Lía. *Metodologías cualitativas: modelos y procedimientos de análisis*. Buenos Aires: Biblos, 2007.

LANDA, María Inés. *Las tramas culturales del fitness: los cuerpos activos del ethos empresarial emergente*. 2011. Tesis (Doctorado en Teoría Literaria y Literatura Comparada) – Universidad Autónoma de Barcelona, 2011. Disponible en: https://www.tdx.cat/handle/10803/42294. Consultado el: 15 de marzo de 2026.

LASCIALANDARE, Natalia. *Fútbol y pensiones*: entre la profesionalización temprana y la protección de los derechos de niños, adolescentes y jóvenes. Tesina (Grado en Trabajo Social) – Universidad Nacional de Rosario, Rosario, Argentina, 2020.

LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre. *La nueva razón del mundo*: ensayo sobre la sociedad neoliberal. Barcelona: Gedisa, 2013.

MAJUL, Débora. Soñar con la gloria: un análisis de las experiencias futbolísticas de varones. *Cuadernos del CLAEH*, segunda serie, v. 40, n. 114, p. 187-202, 2021. Disponible en: https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/208043. Consultado el: 20 mar. 2026.

MAJUL, Débora; HIJÓS, Nemesia. Parque de depresiones. Fútbol, neoliberalismo y salud mental. *Revista Central de Sociología*, v. 16, n. 16, p. 49-69, 2023. Disponible en: https://centraldesociologia.cl/index.php/rcs/article/view/151. Consultado el: 25 mar. 2026.

MECCIA, Ernesto. Introducción: Una ventana al mundo. Investigar biografías y sociedad. *In*: MECCIA, Ernesto (dir.). *Biografías y sociedad: métodos y perspectivas*. Santa Fe: Ediciones UNL – EUDEBA, 2019a. p. 25–62.

MECCIA, Ernesto. Cuéntame tu vida. Análisis socio-biográfico de narrativas del yo. *In*: MECCIA, E. (dir.). *Biografías y sociedad*: métodos y perspectivas. Santa Fe: Ediciones UNL – EUDEBA, 2019b. p. 63–96.

MERKLEN, Denis. Las dinámicas contemporáneas de la individuación. *In*: CASTEL, R. *et al.* (ed.). *Individuación, precariedad, inseguridad*: ¿desinstitucionalización del presente? Buenos Aires: Paidós, 2013. p. 45-86.

PUSSETTO, Mariano. “La escuela es el único lugar donde pueden ser otros”. Experiencias educativas de jugadores de fútbol que viven en la pensión de un club. *Revista Avá*, n. 44, p. 50-68, 2024. https://ojs.ava.unam.edu.ar/index.php/files/article/view/210

REYNA, Franco Damián. La emergencia del profesionalismo en el fútbol de Córdoba (Argentina). *Recorde*, v. 8, n. 1, p. 1-23, 2015. Disponible en: https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/2302. Consultado el: 2 abr. 2026.

RIAL, Carmen. “Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior”. *Horizontes Antropológicos*, v. 14, n. 30, p. 21-65, 2008.

RODERICK, Martin. *The work of professional football*: a labour of love? Londres: Routledge, 2006.

SENNETT, Richard. *La corrosión del carácter*: las consecuencias personales del trabajo en el nuevo capitalismo. Barcelona: Anagrama, 2015.

ULIANA, Santiago. Funcionamiento de los mercados de futbolistas argentinos. Un aporte desde la sociología de los mercados. *Revista Central de Sociología*, n. 16, p. 7-23, 2023. Disponible en: https://www.centraldesociologia.cl/index.php/rcs/article/view/146. Consultado el: 5 abr. 2026.

VÁZQUEZ GARCÍA, Francisco. “Empresarios de nosotros mismos”: biopolítica, mercado y soberanía en la gubernamentalidad neoliberal. *In*: UGARTE PÉREZ, F. J. (coord.). *La administración de la vida*: estudios biopolíticos. Barcelona: Anthropos, 2005. p. 73-103.

Revista Novos Rumos Sociológicos | vol. 14 n. 25 | Jan/Jul/2026
Artigo recebido em 30-05-2026 | Aprovado em 13-07-2026
ISSN: 2318-1966

DOSSIÊ

MIGRACIONES EN UN CAMPO DE PROFESIONALIZACIÓN EMERGENTE Y DESIGUAL: PROYECTOS MIGRATORIOS DE FUTBOLISTAS ARGENTINAS

Migration in an emerging and unequal professional field: the migration experiences of Argentine female footballers

Rita Lorena Arambuena[I]

Resumen

El desarrollo reciente del fútbol practicado por mujeres y los procesos de profesionalización impulsados en distintas regiones del mundo han producido una expansión de las migraciones y una creciente integración de la disciplina a circuitos deportivos transnacionales. Si bien las investigaciones sobre movilidad de futbolistas han privilegiado históricamente los itinerarios de los varones, las trayectorias de las mujeres comenzaron a recibir atención recién en las últimas décadas. A partir de un enfoque cualitativo, basado en entrevistas a jugadoras de dos clubes argentinos de Primera División y agentes vinculados a la representación de futbolistas, este artículo analiza las transformaciones de los flujos migratorios en el fútbol de mujeres a escala global, regional y nacional, así como las motivaciones y sentidos que las jugadoras atribuyen a sus desplazamientos. Los resultados muestran que las migraciones constituyen proyectos mayormente planificados que requieren la movilización de diversos capitales y articulan aspiraciones de desarrollo deportivo con la continuidad de proyectos educativos y/o laborales. Asimismo, se observa que las motivaciones económicas, aun siendo relevantes, suelen aparecer discursivamente subordinadas a expectativas de reconocimiento, experiencia y crecimiento personal. Se concluye que estas trayectorias expresan simultáneamente la expansión del mercado internacional del fútbol de mujeres y la persistencia de desigualdades territoriales, sociales y de género que continúan estructurando las oportunidades de movilidad en el marco de un profesionalismo aún incipiente.

Palabras clave: Fútbol de mujeres; Migraciones deportivas; Profesionalización; Género; Argentina.

Abstract

The recent development of women's football and the professionalization processes promoted in different regions of the world have led to an expansion of migration and a growing integration of the sport into transnational sporting circuits. Although research on footballers' mobility has historically focused on men's trajectories, women's pathways have only begun to receive attention in recent decades. Based on a qualitative approach involving interviews with players from two Argentine First Division clubs and agents involved in football player representation, this article analyzes the transformations of migration flows in women's football at the global, regional, and national levels, as well as the motivations and meanings that players attribute to their movements. The results show that migration is generally a planned project that requires the mobilization of various forms of capital and combines aspirations for

[I] Instituto de Lingüística, Folklore y Arqueología (ILFyA) - Universidad Nacional de Santiago del Estero. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-1881-3352. E-mail: prof.arambuenalorena@gmail.com.

sporting development with the continuation of educational and/or professional projects. Furthermore, it is observed that economic motivations, while relevant, tend to appear discursively subordinate to expectations of recognition, experience, and personal growth. The article concludes that these trajectories simultaneously reflect the expansion of the international women's football market and the persistence of territorial, social, and gender inequalities that continue to structure mobility opportunities within the context of a still-emerging professionalization process.

Keywords: Women's soccer; Sports migration; Professionalization; Gender; Argentina.

Coordenadas para el análisis: migración, género y fútbol

Aproximadamente desde la última década y media e impulsado por una lucha de jugadoras y activistas, el fútbol de mujeres viene experimentado un crecimiento sostenido a escala mundial, que se tradujo en la mediatización de torneos y selecciones, la creación de ligas y divisiones formativas, así como en el aumento de inversiones públicas y privadas que consolidaron un mercado internacional cada vez más dinámico (FIFA…, 2024). En ese contexto, la migración de futbolistas entre países y fronteras constituye una dimensión central que permite observar tanto las nuevas oportunidades abiertas por los procesos de profesionalización más recientes, como las desigualdades que continúan estructurando el desarrollo de la disciplina.

Desde los enfoques inspirados en la teoría del sistema-mundo, las migraciones pueden comprenderse como una parte constitutiva de las desigualdades producidas por el capitalismo global, donde la circulación de personas, bienes y capitales se organiza a partir de relaciones históricas de dependencia entre centros y periferias. Aunque predominantemente se producen por motivos de trabajo y contribuyen a sostener esas relaciones de poder, las decisiones de migrar no pueden explicarse exclusivamente por factores económicos. Estos desplazamientos se encuentran atravesados por proyectos familiares, aspiraciones de movilidad social, deseos de realización personal y afectiva, así como por la existencia de redes y creencias que permiten sostener vínculos con los lugares de origen (Massey *et al.*, 1993). La crítica feminista y decolonial ha puesto la mira en un sesgo de esos estudios, señalando el hecho de que se han basado mayormente en los itinerarios y procesos migratorios de varones, siendo los desplazamientos de las mujeres tratados, en todo caso, como consecuentes y secundarios (Jelin, 1976;

Mallimaci, 2012), aun cuando ellas representan el 48% de la población migrante a nivel mundial (Portal de Datos Mundiales sobre la Migración, 2024).

Estas discusiones adquieren nuevas dimensiones cuando se observan en ámbitos de movilidad específicos como el deporte profesional. Los estudios sobre migraciones deportivas han mostrado que la globalización del fútbol produce sus propios circuitos internacionales de circulación, organizados según dinámicas centros-periferias, en que determinadas regiones operan principalmente como espacios exportadores de futbolistas hacia mercados de mayor desarrollo (Uliana, 2023). En este esquema, Sudamérica – principalmente Brasil y Argentina – ocupa una posición ambivalente: ostenta un mercado robusto y de gran tradición futbolística, mientras que se ha consolidado como una región exportadora de talentos hacia los centros de poder económico, fundamentalmente Europa y, más recientemente, a mercados emergentes en Asia y Norteamérica (Poli, 2010). Algunas de estas investigaciones han advertido que, sin embargo, los futbolistas no debieran ser comprendidos como migrantes convencionales. Al analizar las trayectorias de jugadores brasileños en Europa, Rial (2006) señala que estos sujetos suelen ocupar posiciones de reconocimiento social, prestigio y visibilidad que los diferencian de las representaciones clásicas asociadas a la figura del migrante precarizado y marginal. Sin embargo, también advierte que el prestigio es a veces superficial ya que, fuera del campo de juego, no quedan exentos de padecer dinámicas de racismo y xenofobia. Sus trayectorias están marcadas por el desarraigo y la dependencia de redes de intermediarios que controlan sus destinos laborales, por lo que, aun siendo emigrantes con ciertos privilegios, sus cuerpos y sus vidas siguen operando como mercancías dentro una cadena de valor y división internacional del trabajo deportivo (Rial, 2008).

Como ha sucedido a nivel más general, las migraciones de las mujeres futbolistas también han sufrido desatenciones, vacancia que recién en las últimas décadas comenzó a explorarse, de la mano de los procesos recientes de profesionalización. Algunas investigaciones que observaron estos movimientos desde perspectivas críticas señalan que la migración de

jugadoras se dio históricamente desde las periferias hacia los centros, como una estrategia orientada no sólo a mejorar las condiciones de desarrollo deportivo, sino también sostener proyectos de vida frente a contextos de vulnerabilidad, precariedad estructural e incluso riesgo de la propia vida.[2] Las migraciones de futbolistas de algunos países latinoamericanos y, especialmente, de Sudáfrica hacia Europa estuvieron acompañadas por procesos de negociación identitaria, construcción de lazos transnacionales y experiencias de discriminación y racismo sutil en los países de destino (Tiesler, 2016; Engh *et al.*, 2013), donde las redes de apoyo informales resultan fundamentales para amortizar la otredad y la exclusión (Dhaliwal *et al.*, 2025). En esta línea, otros estudios han destacado la agencia y las estrategias de resistencia de las futbolistas frente a políticas de integración androcéntricas, caracterizadas por la falta protección jurídica y social para las extranjeras y por formas de inclusión más simbólicas que efectivas por parte de las instituciones receptoras (Truskewycz *et al.*, 2022).

Al observar sus experiencias, se advierte además que, a diferencia de los varones, muchas futbolistas son migrantes autónomas (Frid de Silberstein, 1997), tratándose de mujeres que se mueven mayormente solas, impulsadas por sus propias ambiciones profesionales y/o de supervivencia y sin las estructuras familiares ni los sistemas de representación hiperdesarrollados que caracterizan al fútbol masculino. Además, por la particularidad de su actividad – marcada por contratos de corta duración y una profesionalización aún incipiente – las mujeres suelen desplazarse por períodos más bien breves o estacionales. Así, mientras la migración de varones se consolidó como parte de un circuito global de exportación de "talentos" altamente valorizados, la migración de las mujeres aparece más frecuentemente ligada a estrategias de supervivencia, resistencia y búsqueda de condiciones laborales y vitales que los mercados locales todavía no logran garantizarles plenamente.

A partir del análisis de trayectorias de jugadoras pertenecientes a clubes de Primera División de la ciudad de La Plata, este artículo examina las

[2] Un caso paradigmático es el de las futbolistas afganas refugiadas tras el retorno del régimen talibán en 2021. La prohibición de la práctica deportiva para mujeres, junto con las amenazas y persecuciones hacia integrantes de selecciones nacionales, convirtió la migración en una estrategia de supervivencia y asilo político.

relaciones entre movilidad, género y profesionalización en el fútbol de mujeres. En primer lugar, reconstruye las transformaciones de los flujos migratorios en la disciplina a escala global, regional y nacional, prestando especial atención a los cambios producidos antes y después de los recientes procesos de profesionalización. En segundo término, analiza las experiencias migratorias de futbolistas argentinas considerando la articulación entre género, clase social y procedencia geográfica. Se argumenta que, si bien estos desplazamientos comparten rasgos con los observados en otras regiones periféricas del sistema futbolístico mundial, las trayectorias de las jugadoras argentinas presentan particularidades vinculadas con la composición social del universo de futbolistas, el carácter reciente y parcial de la profesionalización local y la necesidad persistente de articular el proyecto deportivo con otras dimensiones de la vida, como los estudios, el trabajo y las expectativas familiares.

Metodología

El artículo se basa en el análisis de trayectorias de mujeres futbolistas pertenecientes a dos clubes de la ciudad de La Plata, provincia de Buenos Aires: Estudiantes de La Plata (EDLP) y Gimnasia y Esgrima La Plata (GELP), instituciones pioneras en la competencia organizada por la Asociación del Fútbol Argentino (AFA) e integrantes de la Primera División durante la etapa inicial del profesionalismo en el fútbol de mujeres. Este texto recupera parte del material empírico producido en el marco de una investigación doctoral desarrollada entre 2021 y 2023 desde un enfoque cualitativo y etnográfico (Guber, 2018). Se retoman entrevistas realizadas a jugadoras, centradas en sus experiencias y proyecciones de movilidad, así como en las articulaciones entre sus trayectorias deportivas, educativas y laborales. La elección de los casos que aquí se analizan procura incluir futbolistas con distintas trayectorias deportivas, edades y lugares de procedencia. Esta diversidad permite reconstruir diferentes modalidades de migración y explorar cómo las desigualdades territoriales, socioeconómicas y etarias inciden en la configuración de sus desplazamientos y oportunidades profesionales.

Transformaciones en los flujos migratorios a nivel mundial y regional

Según datos del CIES Football Observatory (CIES s.f.), las primeras tendencias de movilidad internacional de futbolistas comenzaron a visibilizarse durante la década de 1990, en simultáneo con la expansión global del fútbol de mujeres y su progresiva institucionalización bajo la órbita de Fifa. Los flujos migratorios se intensificaron, entrado el nuevo siglo, junto con la consolidación de ligas que ofrecían mejores condiciones contractuales, salariales y de infraestructura, especialmente la National Women's Soccer League (NWSL) en Norteamérica y la Women's Super League (WSL) en Europa occidental. Desde décadas anteriores, ambas regiones ya contaban con estructuras competitivas oficiales –universitarias y federativas, respectivamente – e incluso con la posibilidad de recibir una paga en tanto la práctica había adquirido un gran interés comercial y prestigio nacional en términos deportivos. Paralelamente, América Latina y África comenzaron a posicionarse progresivamente como regiones exportadoras de futbolistas hacia esos centros. Desde países como Brasil, Colombia, Venezuela y, en menor medida, Argentina, las jugadoras migraban reproduciendo dinámicas históricas ya presentes en el fútbol de varones, aunque bajo condiciones considerablemente más precarias.

En América Latina, la fuerte asociación del fútbol con una práctica "para varones" produjo mayores resistencias a su aceptación social y a su transformación en un espectáculo lucrativo, a diferencia de lo ocurrido en las regiones antes mencionadas. Aun así, hubo procesos tempranos de institucionalización. En el caso brasileño, por ejemplo, el fútbol para mujeres estuvo prohibido por ley entre 1941 y 1979. Sin embargo, gracias a la supervivencia de la práctica en la informalidad, la selección nacional mostró un gran potencial a partir de los años ochenta. Esto abrió en el país una forma de "profesionalización" temprana para las jugadoras – en términos de competiciones oficiales, reconocimiento público y pagos mínimos – aunque aún atravesada por estigmas ligados al género y la raza (Almeida; Pisani, 2015). Brasil se convirtió así en uno de los primeros polos regionales de desarrollo del fútbol femenino latinoamericano y, posteriormente, en uno de los principales exportadores de futbolistas. Actualmente, ocupa una posición

ambivalente dentro del sistema global, funcionando simultáneamente como mercado receptor regional y como periferia exportadora hacia los centros de mayor concentración económica y visibilidad deportiva, particularmente Europa occidental y Estados Unidos.

En otras regiones también se desarrollaron procesos tempranos de institucionalización. Japón, por ejemplo, impulsó desde mediados del siglo XX estructuras competitivas organizadas que desembocaron en la creación de la Japan Ladies Soccer League (JLSL) hacia fines de los años ochenta. Sin embargo, pese a su temprano desarrollo organizativo y competitivo, Asia no logró consolidarse como uno de los principales polos receptores de futbolistas migrantes debido al predominio económico, institucional y simbólico que comenzaron a ejercer las ligas occidentales tras la expansión global promovida por Fifa (Yanai, 2011). Las migraciones internacionales de jugadoras estuvieron estrechamente ligadas al desigual desarrollo comercial de la disciplina y a dinámicas geopolíticas y económicas más amplias. Las posibilidades de movilidad dependieron de la existencia de ligas profesionalizadas, políticas institucionales, visibilidad mediática y capacidad de inversión de los clubes, configurando una estructura jerárquica donde determinados mercados concentraron recursos y capacidad de atracción mientras otros quedaron relegados principalmente a la exportación de deportistas.

Esta dinámica se profundizó a partir de los años 2018-2019, momento en que comenzaron a expandirse mecanismos más formales de profesionalismo a nivel global. En este sentido, la profesionalización del fútbol de mujeres constituyó – y sigue constituyendo – una categoría heterogénea y en disputa. En algunos contextos, implicó simplemente el reconocimiento institucional y la organización de torneos bajo federaciones nacionales; en otros, el pago de salarios sin garantías laborales plenas; y sólo más recientemente comenzó a asociarse con contratos formales, salarios mínimos y derechos laborales relativamente consolidados. El último caso es el de Argentina, donde, incluso bajo dichas condiciones continúa hablándose de "semiprofesionalismo" (Arambuena, 2023). Más allá de las particularidades de cada país, el crecimiento del mercado internacional de transferencias

constituye uno de los principales indicadores de expansión y profesionalización de la disciplina.

Según el último informe de FIFA (Global…, 2026), entre los años 2018 y 2025, las transferencias internacionales pasaron de 696 a 2.440 operaciones anuales, un incremento aproximado del 250%. Paralelamente, el gasto en transferencias aumentó de manera aún más acelerada, alcanzando un récord de 28,6 millones de dólares. Por su parte, el 60,5% de las transferencias realizadas en 2025 ocurrieron dentro de una misma confederación, y casi la mitad del total mundial correspondió a movimientos internos dentro de Union of European Football Associations (UEFA). Los clubes europeos concentraron más de dos tercios del gasto global (67,3%), confirmando el papel central de Europa occidental como principal espacio de valorización económica y deportiva de la disciplina. Junto con ello, la Confederación de Norteamérica, Centroamérica y el Caribe de Fútbol (CONCACAF) – especialmente Estados Unidos – se consolidó como uno de los grandes nodos globales de circulación. De hecho, las futbolistas estadounidenses fueron las más transferidas en 2025 y representaron, además, la nacionalidad con mayor volumen económico en transferencias. Esto es significativo si se considera que décadas atrás Estados Unidos aparecía principalmente como mercado receptor y espacio de consolidación competitiva. Actualmente, con el afianzamiento histórico de la selección estadounidense y la consolidación de la NWSL, el país opera simultáneamente como importador, exportador y centro de valorización global del fútbol de mujeres. No obstante, una cuestión central radica en que el crecimiento acelerado de las transferencias internacionales no implicó necesariamente una consolidación homogénea de condiciones laborales para las jugadoras. Según el mismo informe, gran parte de las trayectorias profesionales continúan desarrollándose bajo la precariedad e inestabilidad: más del 80% de las futbolistas transferidas no tenía contrato previo, los vínculos laborales continúan siendo mayormente cortos – entre seis y doce meses – y los salarios siguen siendo considerablemente inferiores a los del fútbol masculino.

En cuanto a los principales países receptores, se destacaron Inglaterra, Alemania, Estados Unidos, España y Suecia. Inglaterra se consolidó como el

mercado económicamente más dinámico del fútbol de mujeres contemporáneo: en 2025, sus clubes gastaron 11 millones de dólares en transferencias internacionales, superando a Estados Unidos. La Women's Super League se transformó así en el principal polo de atracción de futbolistas de élite a nivel global. Sin embargo, debido a la disparidad en los desarrollos deportivos previos, el escenario de profesionalización posterior a 2018-2019 agudizó la segmentación de las trayectorias de las deportistas. Mientras que las principales potencias comenzaron a exportar e intercambiar jugadoras predominantemente entre sí, las futbolistas provenientes de las periferias – África, América Latina y parte de Asia – experimentaron dinámicas de movilidad diferentes. Por un lado, una mayor circulación dentro de sus propias regiones y, por otro, una inserción en los mercados centrales mayoritariamente fuera de la élite, incorporándose a segundas, terceras e incluso cuartas divisiones que les ofrecen mejores condiciones que las primeras divisiones de sus países de origen.

En América Latina, el crecimiento de la disciplina estuvo fuertemente ligado a la exigencia de la Confederación Sudamericana de Fútbol (Conmebol) establecida en 2019 de incorporar equipos femeninos como condición para competir en torneos oficiales, lo cual fortaleció las competencias nacionales y produjo nuevas dinámicas de circulación en la región. Aunque Brasil continúa siendo el principal exportador hacia Europa y Estados Unidos, también se consolidó junto con México como uno de los principales mercados receptores regionales, especialmente para futbolistas de países sudamericanos con menores niveles de profesionalización como Paraguay, Argentina, Venezuela y Colombia. De este modo, las jerarquías del sistema futbolístico operan de manera relacional y escalonada: incluso las potencias regionales ocupan posiciones periféricas respecto de los grandes centros globales, aunque funcionan simultáneamente como polos de atracción para regiones vecinas.

Al mismo tiempo, la consolidación progresiva de planteles profesionales en la región produjo una particular coexistencia generacional. Mientras en las ligas europeas se intensifica la circulación de futbolistas jóvenes, varios clubes y selecciones sudamericanas conservan una importante presencia de jugadoras veteranas, composición vinculada a que las primeras

camadas de futbolistas profesionalizadas alcanzaron recién en los últimos años condiciones relativamente más estables para desarrollar carreras deportivas prolongadas. En muchos casos se trata de jugadoras que construyeron gran parte de sus trayectorias en contextos *amateurs* o semiprofesionales – como las argentinas –, acumulando experiencia deportiva, pero también organizando sus vidas alrededor de otros trabajos, estudios y vínculos. Así, aunque la profesionalización en la región continúa ofreciendo salarios bajos y condiciones limitadas, para muchas de estas futbolistas representa una mejora suficiente como para priorizar la permanencia en sus países antes que emprender procesos migratorios en etapas avanzadas de sus carreras. A diferencia de las jugadoras más jóvenes – con mayores horizontes temporales y expectativas de movilidad internacional –, las veteranas suelen enfrentar más dificultades materiales y subjetivas para migrar. Esto refleja también el carácter desigual y asincrónico de los procesos de profesionalización a escala global.

Movimientos dentro de Argentina

A partir de la profesionalización parcial iniciada en 2019, la AFA estableció pisos obligatorios de contratos por planteles de Primera División con salarios mínimos, así como la creación de divisiones formativas, la Primera División C y la Copa Federal (un certamen donde se cruzan equipos de la Primera A con ligas del interior). Con ello comenzaron a establecerse condiciones algo más igualitarias entre clubes y nuevas expectativas de las jugadoras respecto de la posibilidad de llegar a Primera División. Estas transformaciones produjeron un importante movimiento en el mercado de pases interno, elevaron la competitividad del torneo local y comenzaron a descentralizar la disputa por los primeros puestos, históricamente ocupados por tres clubes hegemónicos (Sarrabayrouse, 2023). No obstante, las marcadas brechas respecto de ligas más desarrolladas siguieron impulsando la emigración de futbolistas destacadas, especialmente de aquellas que proyectan trayectorias a mediano y largo plazo.

De acuerdo con datos proporcionados por Soccer Dreams Group[3] (en adelante SDG) –la agencia que más futbolistas argentinas representa –, el flujo de jugadoras que migra al extranjero implosionó tras el anuncio de la profesionalización y se dirigió principalmente hacia otros países del continente – especialmente Brasil y México – y, en segundo término, hacia ligas europeas como Italia, España y Francia. Desde allí comenzó a crecer el interés por incorporar futbolistas argentinas mediante contratos formalizados, algo menos frecuente en etapas previas. Las condiciones ofrecidas les permiten, en mayor o menor medida, solventar sus estadías en el exterior y sostener una dedicación exclusiva a la actividad, algo todavía muy difícil de alcanzar en el país. Por su parte, y como otro signo del crecimiento del fútbol local, la agencia remarca que, en los últimos años, comenzaron a registrarse las primeras transferencias internacionales con pagos entre clubes,[4] junto con una mayor intermediación de agencias y representantes. En muchos casos, son las propias futbolistas quienes recurren a estas redes buscando acompañamiento para proyectar una salida al exterior. El contacto suele establecerse mediante vínculos informales entre jugadoras, donde las experiencias migratorias de compañeras o conocidas operan como incentivo.

Dentro de Argentina, el movimiento de futbolistas también tendió a replicar el carácter centralista y desigual históricamente presente en el fútbol de varones, produciendo una migración creciente desde distintos puntos del país hacia clubes ubicados en el área metropolitana. Las dificultades para consolidar un desarrollo más federal del deporte profesional – que condiciona a muchos clubes de provincias extracéntricas a funcionar principalmente como espacios formativos – parecieran reactualizarse en la disciplina de mujeres, concentrándose nuevamente las oportunidades del alto rendimiento en las grandes capitales. Esto se refleja con claridad en la composición del torneo, en el que, en 2026, sólo cinco clubes por fuera de Buenos Aires – dos de Córdoba capital, dos de Santa Fe capital y uno de San Luis – integran la máxima categoría. Sin embargo, a diferencia de lo ocurrido

[3] Los datos fueron recabados a través de una entrevista a Carlos Pascual, representante del Grupo en Argentina. El sitio de la agencia puede verse en el siguiente link: https://www.soccerdreamsgroup.es/
[4] En el año 2022, Rocio Bueno fue la primera futbolista argentina con una transferencia rentada, cedida a préstamo desde Racing Club hacia el Sassuolo de Italia.

históricamente en el fútbol masculino, estos desplazamientos suelen desarrollarse en condiciones de mucha mayor precariedad.

La ausencia de estructuras institucionales de recepción para las futbolistas como pensiones, becas o empleos asociados a los clubes, implica que gran parte de los costos materiales y afectivos del traslado recaigan sobre las propias jugadoras y sus familias. Incluso cuando existen contratos profesionales de por medio – generalmente luego de asistir a pruebas para incorporarse a planteles de Primera División –, los salarios suelen ser insuficientes para garantizarles condiciones autónomas de sostenimiento. A ello se suma la corta duración de los vínculos contractuales que, en la mayoría de los casos, no supera el año, reforzando la inestabilidad que atraviesan las carreras de las futbolistas. Además, gran parte de las migraciones no se realizan mediante mecanismos formalizados o a través de representantes, sino por medio de redes informales de contactos y recomendaciones. En ese sentido, la posibilidad misma de migrar internamente suele estar condicionada por la disponibilidad de recursos económicos familiares que les permitan afrontar el riesgo y la incertidumbre del desplazamiento, restringiendo estas trayectorias a quienes logran contar con algún tipo de soporte previo.

Esta dinámica no se limita a los movimientos interprovinciales hacia Buenos Aires, sino que también se reproduce dentro de las propias provincias que concentran mayores oportunidades deportivas. En áreas metropolitanas de Buenos Aires, Córdoba o Santa Fé, muchas futbolistas provenientes de ciudades periféricas o localidades del interior provincial se ven obligadas a trasladarse hacia los centros urbanos para poder entrenar, competir y sostener una carrera deportiva de mayor nivel, debiendo conciliar el proyecto deportivo con el educativo y/o el laboral. De hecho, tras el inicio de la profesionalización, comenzaron a intensificarse los desplazamientos dentro del propio circuito de clubes de Primera División concentrados en estas metrópolis. Esta mayor circulación de futbolistas contribuyó tanto al mayor equilibrio competitivo entre los equipos como a la consolidación de nuevas expectativas profesionales. Para muchas de ellas, rotar por distintos clubes de prestigio y disputar lugares en planteles competitivos comenzó a asumirse

como parte constitutiva del oficio de "ser futbolista profesional". De este modo, la concentración de los recursos y de las posibilidades de profesionalización produce desplazamientos que reafirman las desigualdades territoriales tanto entre regiones del país como dentro de las propias provincias.

Características y motivaciones de las migraciones

A partir de un trabajo de campo realizado con futbolistas de dos clubes argentinos de Primera División, pudo observarse que las migraciones – tanto internas como internacionales – suelen asociarse a factores que exceden las motivaciones económicas – aquellas que en las estadísticas se señalan como la principal causa de la movilidad de jugadoras – y se vinculan mayormente con la búsqueda y acumulación de reconocimiento, prestigio y crecimiento personal, experiencias y formas de capital altamente valorados dentro del campo deportivo. Si bien es cierto que las desigualdades salariales y de infraestructura entre regiones, países y ligas resultan fundamentales para comprender estos movimientos, en los relatos de las propias protagonistas la dimensión económica tiende a aparecer relativizada frente a esas otras formas de valorización. Y, en este punto, las trayectorias migratorias permiten advertir ciertas especificidades de género que diferencian las experiencias y los sentidos construidos alrededor del fútbol de mujeres respecto de aquellos históricamente asociados al fútbol practicado por varones.

"Hacer experiencia": roce internacional y reconocimiento

La posibilidad de jugar en determinados clubes, disputar competencias de mayor jerarquía o experimentar otros contextos futbolísticos constituye un recurso altamente valorado dentro del campo deportivo. Aunque actualmente entre quince y veinte futbolistas argentinas se desempeñan en la élite del fútbol mundial (Movimientos…, 2026), existe otro flujo que generalmente no se tiene en cuenta en las estadísticas de los traspasos, de jugadoras que se trasladan hacia divisiones inferiores de clubes extranjeros – principalmente europeos – mediante contactos personales, redes familiares u oportunidades surgidas entre compañeras que se fueron antes, muchas veces sin la

intermediación formal de representantes. En estos desplazamientos, lo que suele primar no es necesariamente alcanzar la máxima categoría, sino la posibilidad misma de "hacer la experiencia". Esa expresión aparece reiteradamente en los relatos de las jugadoras para nombrar algo más amplio que el mero desplazamiento geográfico, y supone desde habitar una nueva cultura, hasta probar otros niveles de competencia y conocer diferentes formas de entrenar; esto es, acumular una forma de capital deportivo y simbólico que resulta muy valioso al regresar al país de origen, incluso cuando la estancia en el exterior sea breve o transcurra fuera de la élite.

Giovanna, por ejemplo, una exjugadora del club Estudiantes de La Plata, explica que para muchas argentinas que migran al exterior el camino habitual no se parece a las historias de gloria deportiva generalmente asociadas al fútbol profesional. Ella es oriunda de Pergamino, una ciudad de la provincia de Buenos Aires, y dejó Argentina en 2021 después de pasar por dificultades económicas para sostenerse en La Plata mientras jugaba sin contrato. Gracias al apoyo de un tío italiano – exatleta y pieza clave para gestionar su salida –, logró instalarse en Italia, tramitar su ciudadanía y fichar en un club de Serie C. Tras algunos incumplimientos de la institución, continuó su carrera en una categoría más baja, pero en condiciones laborales mucho mejores que las que tenía en Argentina: con un salario, una vivienda y manutención garantizados. Su testimonio complejiza la idea de migración exitosa asociada al "triunfar en el exterior". Aunque no compite en las principales divisiones, ella valoraba haber podido convertir al fútbol en una actividad capaz de sostener su vida cotidiana, algo que veía como inimaginable en el contexto argentino. Al mismo tiempo, advierte que esa posibilidad dependió de recursos previos (un capital económico mínimo, ciudadanía, redes familiares) sin los cuales el proyecto hubiera sido inviable.

En otros casos, la migración aparece ligada a una aspiración explícita por alcanzar lo que las jugadoras identifican como "el máximo nivel" del fútbol internacional. Julieta, también exfutbolista de Estudiantes, reconstruye su deseo de jugar en el exterior como un proyecto elaborado desde la adolescencia, coincidiendo con el período de creciente visibilidad del fútbol practicado por mujeres en el país. En un primer momento, la posibilidad de

"cobrar por jugar" operaba como una fantasía vinculada al reconocimiento de la actividad. Sin embargo, a medida que avanzó su trayectoria – pasó por un club de Paraguay, participando en Copa Libertadores y en convocatorias a la selección nacional – la motivación comenzó a orientarse hacia otra meta, como la de competir en aquello que consideraba "el verdadero fútbol de élite". Llegar a Europa implicaba para ella acceder a una forma superior de profesionalismo y a la vez adquirir una posición diferencial dentro del propio universo de futbolistas argentinas. En su experiencia, la migración no sólo significó probarse en otro nivel competitivo – en sus palabras, tener *roce internacional* –, sino también adquirir aprendizajes vinculados con la adaptación cultural, los idiomas y la convivencia con otras futbolistas migrantes, capital que adquirió gran valor a su regreso al circuito local. Su club argentino celebraba públicamente su paso por el exterior y, según percibía ella misma, su condición de jugadora internacional modificó el modo en que era reconocida por sus pares, dirigentes y entornos cercanos.

En este sentido, el valor atribuido a irse, transitar el estar "afuera" y regresar con experiencias, contactos y prestigio aparece asociado tanto a procesos de autovaloración (demostrarse a sí mismas que pudieron lograrlo) como a formas de legitimación profesional (como instancia de consagración y transferencia de capital institucional). Al mismo tiempo, lo que puede observarse es que estos proyectos raramente constituyen decisiones improvisadas, sino que suelen ser movimientos planificados, sostenidos por redes de apoyo y por la disponibilidad previa de capitales deportivos, culturales y sociales que habilitan la posibilidad misma de migrar.

El discurso de la movilidad social ascendente y el lugar del dinero

Aunque las diferencias salariales y las condiciones de la práctica ofrecidas por otras ligas constituyen un factor central de movilidad, en los relatos de las futbolistas argentinas el dinero suele aparecer desplazado hacia un segundo plano o formulado con cierta cautela. Esta particularidad puede comprenderse en relación con las características históricas del fútbol en el país y con las formas diferenciales en que las mujeres construyen expectativas en torno a la carrera deportiva.

El fútbol profesional de varones se consolidó como uno de los espacios privilegiados para proyectar salidas posibles frente a contextos de exclusión social, especialmente para jóvenes de sectores populares.[5] La figura del *pibe* de potrero que logra transformar su talento en reconocimiento, dinero y ascenso social es uno de los relatos más potentes de la cultura futbolística argentina contemporánea (Archetti, 2008). En esa dirección, el mercado del fútbol se alimenta de la explotación de ese sueño de llegar a firmar un contrato profesional (Majul, 2021; Czesli; Murzi, 2023). Sin embargo, esa narrativa no operó de la misma manera en el fútbol de mujeres. La profesionalización tardía de la disciplina, la precariedad persistente de las condiciones de la práctica y su falta de legitimidad social hacen que el fútbol difícilmente sea percibido por las jugadoras y sus familias como una vía concreta de ascenso. Como observó Ibarra (2021) en su trabajo con futbolistas de la provincia de Salta – región noroeste del país –, trasladarse hacia Buenos Aires o jugar en determinados clubes aparece mucho más ligado al crecimiento o desarrollo deportivo que a expectativas reales de rédito monetario.

Esto no significa, sin embargo, que el dinero carezca de importancia. Las futbolistas manifiestan una fuerte confianza en el crecimiento reciente del mercado del fútbol de mujeres y en la posibilidad de que, en un futuro próximo, la disciplina genere condiciones económicas más favorables. Entre las generaciones que atravesaron el inicio del profesionalismo, circula la percepción de estar viviendo una etapa de transición histórica y muchas consideran que probablemente ellas no lleguen a vivir plenamente del fútbol, aunque sí podrían hacerlo las generaciones posteriores. En algunos casos, particularmente entre jugadoras provenientes de sectores populares, emerge también el deseo de ayudar económicamente a sus familias a través de la actividad deportiva, reproduciendo parcialmente los imaginarios más asociados al fútbol de varones.[6] Sin embargo, en los relatos recogidos durante

[5] La película *Los tres berretines* del año 1933 (segunda película del cine sonoro argentino), refleja el significado social que adquiere la figura del futbolista para la época, así como la expectativa que se deposita en la práctica del fútbol como posibilidad de salir de la crisis de los años 1930. Está disponible en: https://www.youtube.com/watch?v=hpvmkEJ14uU.

[6] La futbolista Dalila Ippólito, primera argentina en jugar en la Serie A italiana, es un ejemplo conocido de esa aspiración de ascenso tras su proyección internacional (Bellizzi, 2020).

el trabajo de campo, predominaron posiciones más cautelosas respecto de la idea de "vivir del fútbol".

A diferencia de lo que ocurre habitualmente en las trayectorias de futbolistas varones, en que el acceso al alto rendimiento presenta un carácter más transclasista y suele aparecer asociado a expectativas de movilidad social ascendente, una parte significativa de las futbolistas de Primera División proviene de sectores medios y medios-altos. En muchos casos, esa posición social constituyó la condición de posibilidad para sostener trayectorias deportivas prolongadas dentro de una actividad históricamente poco rentable y escasamente profesionalizada.

Para muchas jugadoras jóvenes, especialmente aquellas socializadas desde niñas en los deportes y formadas durante el auge reciente del fútbol de mujeres – entre 2015 y 2020 –, esta práctica apareció tempranamente como una alternativa legítima de desarrollo frente a disciplinas históricamente asociadas a la feminidad o "para mujeres" y con fuerte presencia en sectores altos, como el hockey (Garton; Hijós, 2018). Juana, por ejemplo, una de las futbolistas más jóvenes del plantel de Estudiantes y exjugadora de hockey, relataba que su ingreso al fútbol estuvo acompañado desde el comienzo por el apoyo económico y afectivo de sus padres y por la posibilidad de compatibilizar la práctica deportiva con otros proyectos personales. Mientras su madre la incentivaba a aprovechar el crecimiento que el fútbol femenino estaba teniendo en el país, su padre la acompañaba a realizar las pruebas de ingreso al club en el que luego quedó seleccionada para la reserva y poco tiempo después para Primera División. Paralelamente estudiaba en la Universidad Nacional de La Plata y, aunque aspiraba a firmar su primer contrato profesional y eventualmente migrar para jugar en otros clubes, no contemplaba como posibilidad el abandonar sus estudios. En su caso, la continuidad del proyecto deportivo estaba estrechamente vinculada al sostén económico y emocional de su familia, que le permitía proyectar una carrera futbolística sin depositar sobre ella expectativas inmediatas de autonomía económica.

En este contexto, incluso cuando las migraciones ofrecen mejoras salariales significativas, las jugadoras suelen relativizar el peso del dinero

dentro de sus decisiones. Laura, una futbolista que emigró a la primera división israelí, reconocía que firmar contrato en un club de ese país le había permitido acceder a ingresos considerablemente superiores a los que percibía en Argentina – aproximadamente un 800% más elevados – además de manutención completa. Sin embargo, al reconstruir retrospectivamente esa experiencia, insistía en presentar la migración como una búsqueda de "crecimiento personal" y como una forma de coronar su trayectoria deportiva antes del retiro, más que como una estrategia orientada a ganar dinero. Aunque admitía que "hacía una buena diferencia" en términos económicos, también reflexionaba sobre la fragilidad estructural de este tipo de contratos y sobre la vulnerabilidad que implicaba su condición de migrante: tras sufrir una lesión, el club rescindió el vínculo para reemplazarla inmediatamente por otra extranjera, situación que la obligó a emprender la vuelta. Su testimonio da cuenta no sólo de cómo las deportistas migrantes pueden sentirse como piezas prescindibles dentro del mercado global del fútbol, sino también de que la dimensión económica no siempre aparece como una aspiración fácilmente enunciable.

Como en el caso mencionado, en muchos relatos el dinero ocupa un lugar ambivalente. Aunque constituye una condición reconocida como necesaria para sostener la práctica profesional y proyectar una vida orientada al alto rendimiento, las futbolistas suelen mostrar cierta incomodidad al presentar la cuestión salarial como motivación principal de sus carreras. El dinero, cuando no es omitido, suele quedar subordinado a razones consideradas socialmente más legítimas, como la experiencia, el crecimiento personal, el aprendizaje o la posibilidad de integrar un proyecto colectivo. En un universo como el futbolístico, donde la actividad deportiva suele valorarse casi exclusivamente en términos de rentabilidad, las mujeres sienten todavía la necesidad de justificar públicamente su derecho a percibir ingresos.

En contextos de persistente deslegitimación del fútbol de mujeres – frecuentemente señalado como menos competitivo o incluso impropio para el género – las futbolistas continúan viéndose empujadas a validar el valor de su trabajo y de sus trayectorias (Federici, 2018). Del mismo modo que ocurre con mujeres insertas en otras actividades tradicionalmente masculinas (Godoy,

2023) o en ocupaciones feminizadas y socialmente devaluadas (Beliera; Malleville, 2021), sus discursos aparecen atravesados por expectativas externas acerca de cómo deberían posicionarse frente al dinero, el deseo y el trabajo. En el universo del fútbol juvenil masculino, ser "humilde" constituye un rasgo altamente valorado entre quienes aspiran a profesionalizarse (Czesli; Murzi, 2018). Sin embargo, entre las futbolistas, esa expectativa parece prolongarse incluso después de alcanzar el profesionalismo, en un escenario donde hablar de dinero o expresar ambición económica puede resultar problemático, aun cuando esas mismas conductas suelen ser legitimadas entre futbolistas varones consagrados. En ese marco, minimizar la importancia del dinero puede funcionar como una forma de evitar ser percibidas como "interesadas" o excesivamente "ambiciosas", especialmente entre quienes ya cuentan con reconocimiento o estatus deportivo.

Al mismo tiempo, esta reticencia también se vincula con las características sociales del propio universo de jugadoras. Como se señaló anteriormente, muchas provienen de sectores medios y medios-altos, donde el fútbol no necesariamente fue concebido desde los inicios como una vía de movilidad económica. A ello se suma que, aun cuando acceden a percibir un salario por jugar – algo históricamente novedoso en el contexto argentino –, difícilmente imaginan la posibilidad de que el fútbol se convierta en una actividad principal capaz de organizar ni sostener integralmente sus proyectos de vida.

Así, cuando las futbolistas comparan los salarios disponibles en el exterior con los percibidos en Argentina, la referencia económica no suele aparecer como una exhibición de éxito individual, sino más bien como una forma de señalar, mediante el contraste, la precariedad persistente del fútbol local. Mencionar cuánto ganan o podrían ganar, por ejemplo, en ligas europeas, funciona menos como un gesto de ostentación que como un indicador de las desigualdades estructurales que todavía organizan el desarrollo de la disciplina. Incluso entre quienes lograron acceder a mejores condiciones en otros mercados, la posibilidad de "vivir del fútbol" de manera estable y sostenida continúa apareciendo como una excepción antes que como

una experiencia extendida entre las futbolistas argentinas que llegan a migrar al exterior.

Expectativas familiares y proyecciones de futuro

> *Las expectativas de las familias siempre son las mismas: que cuidemos a las chicas. Después, si llegan o no llegan a firmar contratos, a los papás no les importa tanto. Lo que les importa es que las cuides, por el mero hecho de ser mujeres. En el mundo masculino es al revés: ¿qué le vas a dar a mi hijo?, ¿cuánto va a ganar? Gira todo mucho más en torno a lo económico (Carlos Pascual, representante de SDG en Argentina. Entrevista realizada el 2/11/2023).*

Como muestra la entrevista arriba citada, mientras que en el fútbol de varones las expectativas familiares suelen organizarse en torno de la posibilidad de éxito económico y ascenso social, en las trayectorias de las mujeres la preocupación central gira alrededor del cuidado, la protección y el bienestar integral de las jóvenes. Cuando las familias expresan preocupación por el cuidado – amplía Pascual – no se refieren únicamente a la integridad física o a los riesgos asociados a viajar solas a otros países o ciudades desconocidas, sino también a cuestiones vinculadas con la contención emocional, la continuidad educativa y, a veces, a la posibilidad de llevar una vida relativamente organizada dentro de un ámbito marcado por la incertidumbre.

Desde una perspectiva de género, las mujeres suelen ser asociadas a posiciones de mayor vulnerabilidad y dependencia, como producto de una histórica división sexual del cuidado y de las formas desiguales en que se distribuyen la autonomía y el riesgo (Gilligan, 1982; Butler, 2002). En ese sentido, las futbolistas son percibidas como sujetas que requieren protección y acompañamiento, incluso cuando desarrollan trayectorias deportivas que les demandan mayores niveles de autonomía personal. Esto es particularmente significativo si se considera que el fútbol de mujeres continúa ofreciendo estructuras de sostenimiento más frágiles que las disponibles para los varones, con contratos más breves, menores salarios, escasos dispositivos de acompañamiento y proyectos migratorios más inciertos (New…, 2025).

Pero, además, estas representaciones adquieren esos sentidos específicos debido a que el fútbol ha sido – y continúa siendo – un ámbito muy

hostil con las mujeres, en el que han tenido que enfrentarse y exponerse a distintas formas de abusos y violencias. Los casos del entrenador Diego Guacci en Argentina, denunciado en 2021 por futbolistas por acoso sexual y conducta abusiva en ámbitos formativos y de selección, o de la futbolista española Jennifer Hermoso, quien, en 2023, recibió un beso no consentido por parte del entonces presidente de la Real Federación Española de Fútbol, Luis Rubiales, tras la consagración mundialista de su selección, contribuyeron a visibilizar públicamente estas problemáticas. Asimismo, permitieron poner en discusión los límites de las instituciones deportivas para prevenir, sancionar y acompañar situaciones de violencia de género, incluso dentro de espacios de máxima visibilidad y profesionalización.

Por su parte, desde SDG, señalan que el principal desafío en la representación de futbolistas mujeres no radica tanto en "hacerlas llegar" a determinados clubes o categorías –algo que consideran relativamente accesible dado que trabajan con deportistas "talentosas y comprometidas"– sino en lograr que puedan sostenerse en esos espacios. Según explicaba Carlos Pascual, el objetivo apunta a que las jugadoras puedan decidir regresar a sus países de origen (por lo general, los proyectos migratorios no se piensan como definitivos) una vez cumplidas sus propias metas deportivas y personales, y no como consecuencia de experiencias frustrantes o expulsivas. La adaptación a nuevas normas culturales, la sensación de soledad durante los primeros meses y las presiones propias del alto rendimiento, aparecen entre las principales dificultades que atraviesan quienes migran, motivo por el cual requieren de múltiples estrategias de acompañamiento y redes de contención profesional.

En este sentido, la creciente preocupación por la salud mental al interior del fútbol profesional no constituye un dato menor. Como advierten Majul e Hijós (2023), las dinámicas y sensibilidades contemporáneas del deporte en el contexto del capitalismo neoliberal se encuentran atravesadas por fuertes exigencias de éxito, y por una idea de realización personal ligada al prestigio, el reconocimiento y el rendimiento permanente. Estos idearios impactan sobre las subjetividades de las deportistas, produciendo experiencias de autoexigencia, frustración y temor a fracasar frente a

recorridos mayormente caracterizados por la competencia constante y la incertidumbre. En el caso de las futbolistas migrantes, estas tensiones pueden intensificarse debido a las experiencias de desarraigo, adaptación cultural y en algunos casos aislamiento.

En esa dirección, la agencia registró que las consultas psicológicas son mucho más frecuentes entre futbolistas mujeres que entre varones. Además de las ansiedades vinculadas con los tiempos inciertos de las negociaciones, entre las preocupaciones más recurrentes se expresan inquietudes respecto del "después" de la carrera deportiva y, en ese sentido, por el sostenimiento paralelo de otros proyectos que les permitan construir alguna forma de proyección a futuro. De acuerdo con SDG, una parte importante de las jugadoras que emprenden proyectos migratorios ya cuenta con estudios terciarios o universitarios, o manifiesta la intención de retomarlos una vez finalizada la carrera deportiva. En este punto, las trayectorias de mujeres deportistas han mostrado no sólo una mayor tendencia a articular simultáneamente deporte, estudios y trabajo, sino también un compromiso más marcado con la obtención de credenciales educativas que permitan garantizar una salida laboral y estabilidad económica futura (Harrison *et al.*, 2020).

Este mismo aspecto surgió con fuerza en el trabajo de campo realizado con las futbolistas de los clubes de La Plata. La totalidad de jugadoras que atravesaron alguna experiencia migratoria (seis casos relevados), incluso cuando lograron acceder a mejores condiciones de la práctica y/o a la posibilidad de períodos de dedicación exclusiva – lo que consiguen temporalmente quienes migraron hacia otras ligas en el exterior –, optaron por la continuidad de los estudios y/o por dejar trabajos pausados hasta su regreso al país. Esa tendencia no puede explicarse únicamente por la corta duración de las carreras deportivas, sino también por una forma específica de habitar el profesionalismo, atravesada por la conciencia de la fragilidad de ese mercado y por expectativas de género que históricamente han colocado sobre las mujeres una mayor responsabilidad respecto de la planificación, el cuidado y el sostenimiento de la vida cotidiana (Faur, 2014). De este modo, incluso cuando la migración les permite priorizar

temporalmente la práctica deportiva, las futbolistas procuran no desatender otros proyectos formativos y laborales capaces de garantizarles un después. La experiencia migratoria aparece inserta en trayectorias caracterizadas por una relación previsora con el porvenir. Esta preocupación recae fundamentalmente sobre las propias jugadoras, en un contexto donde todavía existen escasos mecanismos institucionales orientados a acompañar la transición hacia el retiro o a garantizar horizontes laborales posteriores a la práctica profesional.

Por último, estas tensiones aparecen también y de manera determinante en relación con la maternidad. Aunque en los últimos años se impulsaron avances normativos vinculados con licencias y protección de derechos para futbolistas embarazadas, los informes del sindicato FIFPro continúan mostrando que son muy pocas las jugadoras profesionales – menos del 4% – que son madres durante sus carreras deportivas (Culvin; Bowes, 2021). En los testimonios relevados para este trabajo, la maternidad rara vez aparece como un proyecto inmediato y, cuando está presente, suele imaginarse para un futuro posterior al retiro. Las exigencias físicas del alto rendimiento, la precariedad laboral y las dificultades para compatibilizar cuidados con las dinámicas de movilidad dificultan pensar ambas dimensiones como proyectos compatibles. Como señalamos al inicio del artículo, y a diferencia de muchas trayectorias de varones, frecuentemente acompañadas y sostenidas por estructuras familiares más estables, las futbolistas migran habitualmente solas y deben asumir por sus propios medios la gestión integral de sus vidas en períodos de intensificación de la actividad deportiva y desgaste emocional. La preocupación por el futuro, la formación, el trabajo o la maternidad forman parte de una distribución generizada de las responsabilidades de planificación y cuidado, que organiza sus trayectorias incluso en el contexto de un mayor desarrollo de su actividad.

Concluyendo

Las trayectorias migratorias de las futbolistas nos permiten observar tanto las nuevas oportunidades que se abren con la expansión del fútbol de mujeres como las desigualdades que se reactualizan y continúan

organizándolo. Aunque cada vez más jugadoras logran proyectar experiencias en otros países y construir carreras profesionales más visibles y redituables, sus recorridos tienden a seguir dependiendo de redes personales de apoyo, estrategias de sostenimiento individual y formas de articulación entre el fútbol y otros proyectos paralelos. Seguir con atención cómo y por qué se mueven las futbolistas – en la singularidad de sus experiencias y contextos, así como en las regularidades que atraviesan sus trayectorias como mujeres deportistas – permitirá pensar mejor los desafíos en torno a las condiciones de la profesionalización.

Referencias

ALMEIDA, Caroline; PISANI, Marine da S. (2015). Carreiras e profissionalismo de futebolistas brasileiras após a regulamentação do futebol feminino no Brasil. *Labrys Estudos Feministas*, jul./dez., 2015. https://www.labrys.net.br/labrys28/sport/caroline.htm

ARAMBUENA, Lorena. Democratizar el fútbol, trabajar de futbolistas. *Anfibia*, agosto, 2023. https://www.revistaanfibia.com/democratizar-el-futbol-trabajar-de-futbolistas-mundial-femenino/

ARCHETTI, Eduardo P. El potrero y el pibe. Territorio y pertenencia en el imaginario del fútbol argentino. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 14, n. 30 259-282, 2008. https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200013

BELIERA, Anabel; MALLEVILLE. La enfermería y sus tareas invisibles: Revisitando el concepto de precarización laboral. *In*: BUSSO, M; PÉREZ, P. (comps.). *El trabajo degradado: Heterogeneidad ocupacional, precarización y nuevas inserciones laborales durante el gobierno de Cambiemos*. La Plata: Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2021. http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/libros/pm.4707/pm.4707.pdf

BELLIZZI, Germán. Dalila Ippolito: Con el fútbol quiero mejorar la vida de mi familia. *TyC Sports*, 21 ago. 2020. Disponible en: https://www.tycsports.com/al-angulo/dalila-ippolito-con-el-futbol-quiero-mejorar-la-vida-de-mi-familia-20200821.html. Acceso el: 25 de mayo de 2026.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan*: sobre los límites discursivos del sexo. Buenos Aires: Paidós, 2002.

CULVIN, Alex; BOWES, Alli. The incompatibility of motherhood and professional women's football in England. *Frontiers in Sports and Active Living*, v. 3, 29 sep., 2021. DOI: https://doi.org/10.3389/fspor.2021.730151

CZESLI, Federico; MURZI, Diego. El "sueño" de ser futbolista: Consideraciones sobre las fantasías, motivaciones e imaginarios en las trayectorias de jugadores de fútbol de categorías formativas en Argentina. *Sociología Del Deporte*, v. 4, n. 1, 75–86, 2023. DOI: https://doi.org/10.46661/socioldeporte.7488

CZESLI, Federico; MURZI, Diego. Humildes, trabajadores y sacrificados. Treinta años de desplazamientos en las representaciones de ser futbolista en Argentina. *Antípoda Revista de Antropología y Arqueología*, Bogotá, n. 30, p. 65-84, 2018. DOI: https://doi.org/10.7440/antipoda30.2018.04

DHALIWAL, Neha; DARBY, Paul; LISTON, Katie. Sport as migrant work: Transnational athletic migration and belonging in English professional women's football. *Soccer & Society*, v. 27, n. 2-3, p. 312-338, 2025. DOI: https://doi.org/10.1080/14660970.2025.2603765

ENGH, Mari Haugaa; AGERGAARD, Sine; MAGUIRE, Joseph. The ball and the rhythm in her blood: Racialized imaginaries and football migration from Nigeria to Scandinavia. *International Review for the Sociology of Sport*, Londres, v. 48, n. 4, p. 440–456, 2013. DOI: https://doi.org/10.1177/1468796816636084

FAUR, Eleonor. *El cuidado infantil en el siglo XXI*. Mujeres malabaristas en una sociedad desigual. Buenos Aires: Siglo XXI, 2014.

FEDERICI, Silvia. *El patriarcado del salario*. Críticas feministas al marxismo. Madrid: Traficantes de Sueños, 2018.

FIFA Benchmarking Report Women's Football. *FIFA*, ed. 2024. Disponible en: https://digitalhub.fifa.com/m/4e63f61e61a63a93/original/FIFA-Womens-Football-Benchmarking-Report_EN.pdf. Acceso el: 20 de junio de 2026.

FRID DE SILBERSTEIN, Carina. De la estructura agraria a la estructura familiar: mujeres, familia y migración. *In*: DEVOTO, F.; MÍGUEZ, E. (comps.). *Asociacionismo, trabajo e identidad en el mundo ibérico*. Buenos Aires: CEMLA-CSIC, 1997.

GARTON, Gabriela; HIJÓS, Nemesia. "La deportista moderna": género, clase y consumo en el fútbol, running y hockey argentinos. *Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología*, n. 30, p. 23-42, 2018. DOI: https://dx.doi.org/10.7440/antipoda30.2018.02

GILLIGAN, Carol. *In a different voice*: Psychological theory and women's development. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

GLOBAL Transfer Report 2025. *FIFA*, january 2026. Disponible en: https://digitalhub.fifa.com/m/7d27c1b6624706bc/original/FIFA-Global-Transfer-Report-2025.pdf. Acceso el: 20 de junio de 2026.

GODOY, Solange. "Es una familia, te peleás, te odiás, te querés". Sociabilidades desde la perspectiva de las trabajadoras de los ferrocarriles

metropolitanos de Buenos Aires (Argentina). *Trabajo y Sociedad*, n. 41, 2023. https://www.unse.edu.ar/trabajoysociedad/41%20GODOY%20SOLANGE%20TRABAJADORAS%20DE%20FFCC.pdf

GUBER, Rosana. "Volando rasantes" ... etnográficamente hablando. Cuando la reflexividad de los sujetos sociales irrumpe en la reflexividad metodológica y narrativa del investigador. *In*: PIOVANI, J. I.; MUÑIZ TERRA, L. (coords.). *¿Condenados a la reflexividad? Apuntes para pensar el proceso de investigación social*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Biblos. CLACSO, 2018.

HARRISON, Grace E.; VICKERS, Emma; FLETCHER, David; TAYLOR, Guy. Elite female soccer players' dual career plans and the demands they encounter. *Journal of Applied Sport Psychology*, v. 34, n. 1, p. 133-154, 2020. DOI: https://doi.org/10.1080/10413200.2020.1716871

IBARRA, Mariana E. *"Somos futbolistas"*: Disputas de sentidos en torno al fútbol en la ciudad de Salta durante los años 2014-2020. San Salvador de Jujuy. Tesis (Doctorado en Ciencias Sociales) – Universidad Nacional de Jujuy, San Salvador de Jujuy, 2021.

JELIN, Elizabeth. Migración a las ciudades y participación en la fuerza de trabajo de las mujeres latinoamericanas: el caso del servicio doméstico. *Estudios Sociales*, Buenos Aires, n. 4, 1976. https://repositorio.cedes.org/bitstream/123456789/3304/1/Est_s04.pdf

MAJUL, Debora. Entre sueños y gloria. Una aproximación a las experiencias de jóvenes varones jugadores de fútbol. El caso del albergue del club Instituto de Córdoba. Tesis (Maestría en Intervención e Investigación Psicosocial) – Universidad Nacional de Córdoba, Ciudad de Córdoba, 2021.

MAJUL, Débora; HIJÓS, M. Nemesia. Parque de depresiones: Fútbol, neoliberalismo y salud mental. Universidad Central de Chile. Facultad de Ciencias Sociales. *Revista Central de Sociología*, v. 16, n. 16, p. 49-69, 2023. https://centraldesociologia.cl/index.php/rcs/article/view/151

MALLIMACI, Ana Inés. Revisitando la relación entre géneros y migraciones. Resultados de una investigación en Argentina. *Mora*, Buenos Aires, n. 18, p. 151-166, 2012. https://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/mora/article/view/332/309

MASSEY, Douglas S.; ARANGO, Joaquín; HUGO, Graeme; KOUAOUCI, Ali; PELLEGRINO, Adela; TAYLOR, J. Edward. Theories of International Migration: A Review and Appraisal. *Population and Development Review*, v. 19, n. 3, p. 431-466, 1993. https://surl.li/tsvrzb

MOVIMIENTOS en el exterior para las jugadoras argentinas [Online]. *El Femenino*, 26 ene. 2026. Disponible en: https://elfemenino.com.ar/movimientos-en-el-exterior-para-las-jugadoras-argentinas/. Acceso el: 30 mayo 2026.

NEW women's football national team player survey highlights advancements across confederations – but players feel gaps need addressing. *FIFPro*, 17 dic. 2025. Disponible en: https://www.fifpro.org/en/articles/2025/12/new-women-s-football-national-team-player-survey-highlights-advancements-across-confederations-but-players-feel-gaps-need-addressing. Acceso el: 20 de julio de 2026.

POLI, Raffaele. Understanding globalization through football: The new international division of labour, migratory channels and transnational networks. *International Review for the Sociology of Sport*, Londres, v. 45, v. 4, p. 491-506, 2010. DOI: https://doi.org/10.1177/1012690210370640

Portal de Datos Mundiales sobre la Migración. (2024). *International migrant stocks: Overview*. Disponible en: https://www.migrationdataportal.org/themes/international-migrant-stocks-overview. Acceso el: 15 mayo 2026.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65, 2008. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200002

RIAL, Carmen. Jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes porém... *Disparidades. Revista de Antropología*, Madrid, v. 61, n. 2, 163-190, 2006. https://dra.revistas.csic.es/index.php/dra/article/view/20/20

SARRABAYROUSE, Catalina. *¿Cómo se mueve el mercado de pases del fútbol femenino? Olé*, 4 ene. 2023. https://www.ole.com.ar/futbol-femenino/mercado-pases-futbol-femenino_0_8HHrL71pRT.html

TIESLER, Nina C. Three types of transnational players: Differing women's football mobility projects in core and developing countries. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Brasília, v. 38, n. 2, p. 201-210, 2016. DOI: https://doi.org/10.1016/j.rbce.2016.02.015

TRUSKEWYCZ, Hannah; DRUMMOND, Murray & JEANES, Ruth. Negotiating participation: African refugee and migrant women's experiences of football. *Sport in Society*, Londres, v. 25, n. 3, 582-601, 2022. DOI: https://doi.org/10.1080/17430437.2022.2017819

ULIANA, Santiago. Funcionamiento de los mercados de futbolistas argentinos. Un aporte desde la sociología de los mercados. *Revista Central de Sociología*, v. 16, n. 16, p. 7-25, 2023. https://centraldesociologia.cl/index.php/rcs/article/view/146

YANAI, Yumiko. *Nadeshiko Gene*. Tokio: Gakken Publishing, 2011.

Revista Novos Rumos Sociológicos | vol. 14 n. 25 | Jan/Jul/2026
Artigo recebido em 01-05-2025 | Aprovado em 20-03-2026
ISSN: 2318-1966

ARTIGO

A CULPA É DO CHATGPT! UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DE UM CURSO DE ADMINISTRAÇÃO SOBRE O USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

It's ChatGPT's fault! A study on the perception of professors in a Business Administration school regarding the use of artificial intelligence

Giulia Osana Vally Macedo[1]

Errol Fernando Zepka Pereira Junior[2]

Samuel Vinicius Bonato[3]

Resumo

Tendo em vista as potencialidades e nocividades da ferramenta ChatGPT para a atuação do profissional de Administração e considerando que estes profissionais serão formados por professores e suas percepções, este estudo examina como os professores de administração da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) percebem o ChatGPT. A pesquisa, realizada nos *campi* Carreiros e Santo Antônio da Patrulha, utilizou uma abordagem qualitativa por meio de um estudo de caso. Foram realizadas entrevistas em profundidade com oito professores das áreas de *Marketing*, Finanças, Estratégia, Logística, Gestão de Pessoas, Projetos e Empreendedorismo. O grupo entrevistado possui alta qualificação, sendo composto por 6 doutores e 2 mestres, com experiência na docência que varia de 3 a 32 anos. Apesar de ser uma tecnologia recente, todos os entrevistados já tinham algum conhecimento sobre o ChatGPT. Contudo, alguns não tiveram contato direto devido à falta de familiaridade com sua utilização. Os professores concordam que a tecnologia está alterando suas rotinas pessoais e profissionais. O estudo ressalta a importância da conscientização sobre as limitações éticas do ChatGPT e propõe reflexões sobre seu impacto na prática acadêmica e no mercado de trabalho. Este artigo contribui para o entendimento da percepção dos docentes em relação ao ChatGPT, oferecendo *insights* valiosos para pesquisas futuras e orientando uma utilização ética da inteligência artificial dentro do mercado de trabalho.

Palavras-chave: Inteligência artificial; ChatGPT; Tomada de decisão; Negócios; Sociologia digital.

Abstract

Considering the potential and drawbacks of the ChatGPT tool on the professional performance of business administration professionals and considering that these professionals will be trained by teachers and their perceptions, this study examines how the Business Administration professors at the Federal

[1] Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Orcid: https://orcid.org/0009-0002-3485-2562. E-mail: giulia-vally98@gmail.com.
[2] Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4203-0801. E-mail: fernando.zepka@rolante.ifrs.edu.br.
[3] Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2486-4909. E-mail: svbonato@gmail.com.

University of Rio Grande (FURG) perceive ChatGPT. The research, conducted at the Carreiros and Santo Antônio da Patrulha campuses, used a qualitative approach through a case study. In-depth interviews were conducted with 8 professors from the fields of Marketing, Finance, Strategy, Logistics, People Management, Projects, and Entrepreneurship. The group interviewed is highly qualified, consisting of 6 PhDs and 2 Masters, with teaching experience ranging from 3 to 32 years. Despite being a recent technology, all interviewees already had some knowledge about ChatGPT. However, some had not had direct contact due to a lack of familiarity with its use. The professors agree that this technology is altering their personal and professional routines. The study emphasizes the importance of raising awareness about the ethical limitations of ChatGPT and proposes reflections on its impact on academic practice and the job market. This article contributes to understanding the perception of teachers regarding ChatGPT, offering valuable insights for future research and guiding ethical use of artificial intelligence within the job market.

Keywords: Artificial Intelligence; ChatGPT; Decision-Making; Business; Digital Sociology.

Introdução

A inteligência artificial (IA) está sendo cada vez mais usada na área da administração, transformando a forma como as organizações trabalham e tomam as decisões. A utilidade da IA na administração proporciona uma melhora na eficiência e agilidade em diversos processos e atividades administrativas e gerenciais. Dentre as ferramentas de IA mais usadas atualmente está o ChatGPT. Trata-se de um modelo de linguagem baseado em inteligência artificial que tem capacidade de compreender e gerar respostas em linguagem natural. Na administração, pode ser usado para fornecer informações, orientações e até mesmo automatizar processos. Além disso, por ser uma ferramenta que está disponível 24 horas por dia, fornece maior disponibilidade de atendimento à organização e ao cliente (Moretto, 2023).

Há potencialidades para o uso do ChatGPT na administração, como: atendimento ao cliente, produção de conteúdo, análises financeiras, simulações, análise de concorrentes, análise de mercado, otimização, realização de treinamentos, *feedbacks*, planejamento, comunicação e automação de atividades rotineiras no geral. Essas potencialidades oferecem comodidade, redução de custos, integração e redução da demanda, dentre outras vantagens (Maura, 2023).

Todavia, o uso da ferramenta na administração também apresenta nocividades, como a necessidade de análises precisas sobre a atividade exercida, uma vez que a ferramenta não possui compromisso com a verdade, não compreende situações emocionais, exige atenção com questões como

compartilhamento de dados, manipulação, dependência, restrições no conhecimento, instabilidade do sistema, potencialização desemprego, além de dilemas éticos relacionados ao seu uso. Dessa forma, as principais nocividades estão ligadas diretamente à ética, visto que a ferramenta necessita de supervisão para desempenhar as funções (Dwivedi *et al.*, 2023).

Dwivedi *et al.* (2023) realizaram uma pesquisa sobre a Inteligência Artificial Conversacional Generativa (Generative Conversational AI), apresentando uma visão multidisciplinar referente às hipóteses, desafios e encadeamentos que envolvem o uso do ChatGPT. O estudo é segmentado em cinco categorias individuais, são estas: perspectivas amplas sobre IA generativa; impactos organizacionais e sociais; impacto no setor acadêmico; problemas éticos e desafios; oportunidades e direções de pesquisa. As cinco categorias estão divididas em diversas áreas, incluindo sistemas de informação, ciência da computação, ciência de dados, *marketing*, administração, engenharia industrial, enfermagem, educação, política, hotelaria e turismo e publicação. Após diversas colocações, os autores concluem que a IA tem a capacidade de estimular consideravelmente a produtividade em diversos ambientes, porém, o uso desses instrumentos também traz consigo muitos desafios práticos, éticos, morais e políticos.

Diante do exposto, o impacto do ChatGPT pode ser observado através da atuação dos administradores. Quem forma os administradores são os professores de um curso de administração. Ainda há uma lacuna para trabalhos que analisam a percepção de professores de administração sobre as potencialidades e nocividades do uso do *ChatGPT* na administração. Este estudo levanta diversas questões significativas que necessitam ser abordadas para melhorar as rotinas administrativas. O objetivo geral analisar a percepção dos docentes do curso de administração da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) sobre o uso da inteligência artificial ChatGPT dentro das diversas áreas da administração.

2. Embasamento teórico

2. 1. Uso da inteligência artificial na administração

A IA está cada vez mais presente na administração, oferecendo uma série de benefícios e oportunidades para melhorar a eficiência e a tomada de decisões nas organizações. A IA tem impulsionado cada vez mais o sucesso das empresas para lidar com a complexidade dos processos administrativos com o uso da tecnologia e o constante desenvolvimento de algoritmos sofisticados. Com a evolução das empresas, estas estão adquirindo e utilizando a inteligência artificial como uma estratégia para melhorar seus processos, desde análises de dados até automação, melhorando a eficiência operacional, impulsionando inovação e promovendo melhores resultados na organização. Dessa forma, usando da interação entre humanos e máquinas para obter melhores resultados (Pereira, 2021).

Uma das principais aplicações da IA na administração é através de sistemas automação como o ChatGPT. Por meio de algoritmos, é possível automatizar processos, liberando os colaboradores para se concentrarem em atividades mais estratégicas e criativas, aumentando a eficiência e produtividade da equipe. Dessa forma, o uso de IAs como o ChatGPT tem o potencial de trazer diversos benefícios e facilidades para a administração, porém é necessário entender as limitações da ferramenta e aproveitar com prudência as benfeitorias oferecidas (Dwivedi *et al.*, 2023).

2. 2. ChatGPT

Como explica Landim (2023), o ChatGPT é uma inteligência artificial criada pela OpenAI que faz uso da arquitetura GPT (Generative Pre-trained Transformer) para fornecer respostas a partir de perguntas e declarações de usuários com uma linguagem natural. A ferramenta consegue compreender e responder perguntas sobre diversos temas, pois possui um grande banco de dados de linguagem natural, o que permite que as respostas sejam cada vez mais coerentes e significativas ao usuário. A IA utiliza a fusão de treinamentos e ajustes finos para elaborar respostas que se assemelham às de um especialista humano (Dwivedi *et al.*, 2023).

Anteriormente, os *chatbots* e assistentes virtuais precisavam usar regras pré-definidas para entender e responder seus usuários. Com isso, surgiu a necessidade de uma ferramenta mais tecnológica, que possuísse um sistema de diálogo mais natural e avançado: o ChatGPT foi criado para suprir essa demanda. Ele foi elaborado com o propósito de responder questionamentos e solucionar problemas usando a interação da comunicação intuitiva e interativa. Segundo Viswanath (*apud* Dweividi, 2023), a expectativa é que, com a inserção da IA na vida e na existência humana, várias áreas sejam modificadas de alguma forma.

A inteligência artificial foi criada em São Francisco, Califórnia, nos Estados Unidos, onde fica a sede da OpenAI. A instituição possui grandes empresários e pesquisadores como fundadores, incluindo Elon Musk e Sam Altman. Desde sua criação em 2015, a OpenAI tem como objetivo promover pesquisas de ponta em inteligência artificial, sendo considerada uma das líderes no mundo sobre o tema. A organização possui vários projetos sobre a segurança e ética no uso de IA, incluindo o desenvolvimento de um código de conduta para criadores. Segundo Dwivedi *et al.* (2023), com os diversos problemas envolvendo a ferramenta ChatGPT, é de extrema necessidade que haja revisões éticas e uma triagem para riscos como plágio, discriminação e preconceitos.

O ChatGPT foi lançado em 2020, compondo parte da plataforma de inteligência artificial GPT-3, um modelo de processamento de linguagem natural. Porém a primeira versão da ferramenta foi criada em 2018, com objetivo de criar textos de notícias ou roteiros. Desde então, a OpenAI vem lançando diversas versões e atualizando a ferramenta. Atualmente, a ferramenta possui recursos de personalização, onde é possível ajustar a personalidade e o estilo de conversação com o usuário.

Com o lançamento do ChatGPT, diversos acadêmicos e estudantes experimentaram a nova ferramenta e notaram seu alto nível de precisão; contudo, também ocorreram dúvidas sobre a confiabilidade dos textos e dados elaborados (Dwivedi *et al.*, 2023).

O conceito original do GPT foi modificado pelos programadores da OpenAI para produzir o ChatGPT, que permite a interação com o usuário em tempo real. Para implementar o ChatGPT, era necessária uma interface simples, permitindo que os usuários fizessem perguntas ou comentários e recebessem as respostas geradas pelo modelo automaticamente. Para tornar as interações do usuário mais integradas e orgânicas, a equipe de desenvolvimento da OpenAI melhorou significativamente a capacidade do modelo de compreender e responder a questões de linguagem natural. Para Dweividi *et al.* (2023), a ferramenta pode ser considerada uma nova forma de pesquisa simplificada para acessar informações e adquirir conhecimento de maneira rápida, auxiliando na produtividade do usuário.

2. 3. Potencialidades e nocividades atreladas ao ChatGPT

O uso de tecnologias baseadas em inteligência artificial na área da administração tem se mostrado cada vez mais expressivo, e o ChatGPT apresenta-se como uma ferramenta potencialmente útil. Contudo, é necessário compreender tanto as potencialidades quanto as nocividades associadas a esse modelo para garantir um uso adequado e maximizar os benefícios no campo da administração.

2. 3. 1. Marketing

O *marketing*, segundo Kotler e Keller (2013), envolve processos e ações voltados à criação de valor e trocas benéficas entre organização, clientes e sociedade, visando relações lucrativas. Nesse contexto, o ChatGPT se destaca no *marketing* ao melhorar o atendimento ao cliente, tornando-o mais eficiente e reduzindo custos. A ferramenta também analisa o comportamento do consumidor e personaliza experiências com base em dados (Dwivedi *et al.*, 2023). Além disso, a IA pode gerar conteúdos diversos, corrigir textos e identificar dúvidas frequentes dos clientes, ajudando empresas a produzir informações mais claras e relevantes.

Todavia, o uso da ferramenta também pode apresentar alguns problemas. O profissional do *marketing* terá que realizar análises precisas, visto que o ChatGPT não possui compromisso com a verdade, podendo

proliferar informações falsas e uma visão desigual e preconceituosa. Mesmo que a instrução para a ferramenta contenha ideias empáticas, a IA não consegue compreender situações emocionais, podendo gerar campanhas tendenciosas e discriminatórias. Assim, se não houver uma consulta precisa, este erro pode levar à degradação do valor de uma marca (Dwivedi *et al.*, 2023). Além disso, o ChatGPT pode ser usado de forma errada, fornecendo respostas enganosas, manipulando informações ou tentativas de explorar os clientes. Outro ponto importante são as barreiras existentes na compreensão de contexto cultural e regional, podendo dificultar a compreensão do público-alvo. É de suma importância ter uma análise ética, entender as limitações do modelo e garantir que a interação com os clientes seja satisfatória e personalizada (Dwivedi *et al.*, 2023).

2. 3. 2. Administração financeira e investimentos

O conceito de administração financeira pode ser definido como: "maximizar a riqueza dos acionistas por meio da gestão eficiente dos recursos financeiros da empresa, envolvendo planejamento, análise e controle das atividades, visando o crescimento sustentável e geração de valor" (Cherobim; Rigo; Lemes, 2016, p. 2). O ChatGPT funciona como um ótimo *chatbot* para questões do cotidiano, tirando dúvidas de clientes de forma simples e prática. A ferramenta pode auxiliar na escolha do melhor fundo de investimentos e da melhor época para realizar a transação, tirando todas as dúvidas necessárias e, dessa forma, realizando uma demanda que seria mais repetitiva, deixando os funcionários livres para realizarem outras atividades (Dwivedi *et al.*, 2023).

A IA pode auxiliar na identificação de tendências e apoiar a tomada de decisão ao analisar dados financeiros, como relatórios e demonstrações. Também pode ser integrada a sistemas para automatizar tarefas rotineiras, como pagamentos, conciliações e geração de relatórios (Dwivedi *et al.*, 2023). Por outro lado, há riscos relacionados ao compartilhamento de dados com terceiros e à confiabilidade das informações geradas, exigindo que os dados sejam sempre verificados em fontes seguras e atualizadas.

Outro fator relevante é o risco de manipulação, visto que a ferramenta pode ser treinada com diferentes dados retirados da internet, podendo resultar em estratégias de investimento questionáveis. Ao usar a IA para indicação na área financeira e de investimentos, é importante considerar a responsabilidade e os riscos envolvidos. O uso do ChatGPT não substitui a orientação de profissionais qualificados; pelo contrário, para realizar serviços mais específicos com análise fundamental ou técnica, o ser humano ainda é o mais capacitado (Dwivedi *et al.*, 2023).

2. 3. 3. Estratégia

O conceito de estratégia, segundo Thompson, Strickland e Gamble (2008, p. 34), é o modo com que a gerência conduzirá as abordagens administrativas para alcançar os objetivos propostos, como crescimento do negócio e satisfação dos clientes, alcançando um bom desempenho organizacional. A estratégia a partir de cinco forças, considerada historicamente como uma das mais influentes visões nos estudos de estratégia competitiva no âmbito organizacional, identifica as cinco principais e mais comuns ameaças organizacionais enfrentadas no ambiente entre corporações, tendendo a avaliar a atividade industrial produtiva baseando-se na ameaça de novos entrantes e de produtos substitutos, no poder de barganha de fornecedores e clientes e na rivalidade estabelecida entre os concorrentes (Galvão *et al.*, 2025).

A partir deste ponto de vista, a inteligência artificial auxilia a fazer diversas simulações, permitindo que hipóteses sejam testadas, facilitando a identificação de possíveis riscos e oportunidades, contribuindo com os prós e contras de cada opção. Com isso, a ferramenta fornece dados que contribuem para que a tomada de decisão seja feita de maneira estratégica e assertiva. O ChatGPT, poderá ajudar as pessoas a serem mais produtivas e criativas, melhorando a gestão do conhecimento organizacional com o uso de análises automatizadas, obtendo informações e, assim, simplificando o trabalho do colaborador (Dwivedi *et al.*, 2023).

A principal nocividade que ocorre em relação à estratégia é sobre a dependência que o sistema pode causar e a falta de veracidade das

informações, precisando que tenha uma supervisão para toda e qualquer resposta que a ferramenta faça. Com o aumento do uso do ChatGPT em atividades de planejamento e estratégia, haverá maior cobrança e responsabilidade quando a ferramenta cometer algum erro, visto que há a necessidade de conferência humana constante (Dwivedi *et al.*, 2023). Ainda que o *ChatGPT* possua utilidades benéficas para a área estratégica de uma organização, segundo Ramos (2023), existem limitações que precisam ser consideradas antes da implementação, como as restrições ao conhecimento, já que a ferramenta tem uma base de dados disponível até setembro de 2021. Dessa forma, pode ocorrer uma falta de contexto e compreensão, gerando respostas genéricas, podendo não considerar variáveis importantes em determinada função.

2. 3. 4. Logística

O conceito de logística diz respeito a facilitar o fluxo e armazenagem de produtos nos serviços de distribuição aos clientes, utilizando a administração como ferramenta para obter um melhor nível de rentabilidade, através de organização, planejamento e controle efetivo do produto (Ballou, 2014, p. 1). Para Machado, Pereira Junior e Bonato (2023), a logística empresarial envolve as atividades de movimentação, armazenagem e fluxo de informações que garantem a chegada dos produtos desde a origem até o consumidor final, buscando níveis adequados de serviço a custos razoáveis.

Levando em consideração esses aspectos, a ferramenta pode auxiliar a logística de diversas formas, como na otimização de rotas de entrega, na análise de dados de tráfego em tempo real, na consideração das condições climáticas e das limitações de entrega, fazendo com que haja redução no tempo de entrega e minimizando os custos de transporte. Outra função importante e já mencionada é o atendimento automatizado ao cliente, que pode reduzir consideravelmente a demanda e aumentar a eficiência do suporte, respondendo questões comuns sobre serviços, produtos e entregas. Segundo Dwivedi *et al.* (2023), com o aumento do uso da IA, será cada vez

mais comum a existência de equipes híbridas, ou seja, equipes formadas por seres humanos e inteligência artificial.

O ChatGPT pode ser treinado para analisar dados de estoque e realizar uma previsão de quando os produtos precisam ser reabastecidos, realizando Planejamento de Necessidades de Materiais, garantindo que sempre haja estoque para atender às demandas, evitando atrasos na entrega. Dessa forma, a ferramenta também pode ser treinada com o histórico de vendas para prever a demanda futura e garantir que a organização tenha como efetuar o serviço solicitado. A plataforma tem sido vista como transformadora, já que tem a capacidade de ser treinada para realizar funções que facilitam a vida do usuário das organizações (Dwivedi *et al.*, 2023). Por outro lado, as empresas podem se tornar dependentes das ferramentas que a IA disponibiliza, ficando sujeitas a grandes problemas quando o sistema falhar ou ficar indisponível. Além disso, quando o sistema é usado, o aprendizado humano que aconteceria se estivesse realizando determinada atividade acaba sendo inviabilizado, limitando o desenvolvimento pessoal do funcionário (Dwivedi *et al.*, 2023).

Outro ponto a ser considerado é que, como a logística é uma área complexa, a ferramenta pode cometer erros que implicam em diversos problemas para a organização. Por esse motivo, é de extrema importância que algum colaborador esteja atento às funções exercidas pela ferramenta. A melhor forma de usar o ChatGPT é com o uso de equipes híbridas, que combinam o conhecimento humano com as capacidades do modelo, podendo levar a uma melhor aplicação dos conceitos logísticos (Dwivedi *et al.*, 2023).

2. 3. 5. Gestão de Pessoas

A gestão de pessoas se dá pela organização e harmonia dos objetivos e expectativas das empresas e das pessoas, para que estas possam realizar seus deveres e atividades de forma efetiva. Para que essa finalidade seja alcançada, são utilizadas políticas e normas que facilitam o processo (Dutra, 2016). A IA pode ser usada para automatizar a seleção de candidatos para uma vaga, realizando a primeira triagem, verificando quais se enquadram melhor na vaga fornecida, ajudando a diminuir o tempo e esforço para encontrar o melhor candidato. Outra possibilidade é o uso da ferramenta para treinamento e

desenvolvimento dentro das empresas, fornecendo ajuda continuamente e dando *feedback* constante sobre o desempenho do funcionário. Como o ChatGPT possui um grande banco de dados de linguagem natural, com certo treinamento, os *feedbacks* serão cada vez mais precisos, aprofundados e atualizados (Dwivedi *et al.*, 2023).

É importante destacar que o ChatGPT também tem capacidade de ser treinado para realizar a automação do processo de gestão de férias dos colaboradores, reduzindo a carga administrativa das equipes de recursos humanos. A ferramenta também pode ser usada para enviar pesquisas de satisfação para os funcionários, ajudando a identificar a insatisfação destes e, assim, ajustar os pontos negativos e elevar os pontos positivos, melhorando o clima organizacional dentro da empresa. Dessa forma, com funções mais práticas sendo automatizadas, os colaboradores passam a ter mais tempo para tarefas analíticas e/ou criativas, que necessitam de maior foco e concentração (Dwivedi *et al.*, 2023).

Como no caso do *marketing*, nesta área, o funcionário também precisará realizar constantes análises para verificar se a ferramenta realizou o trabalho efetivamente. Outro ponto é o compartilhamento de dados com a ferramenta, visto que a OpenAI não se compromete com a proteção dos dados de terceiros. Atualmente, há advertências contra o uso de empresas que fornecem *software* de IA generativo disponível gratuitamente, como o ChatGPT, para compartilhamento de informações confidenciais (Dwivedi *et al.*, 2023).

É importante, também, discutir a respeito do desemprego causado pela ferramenta, visto que, com a automatização de diversas tarefas, as empresas podem demitir seus funcionários e usar somente o ChatGPT para produção de tarefas. A empresa Buzzfeed reduziu em 12% seu quadro de funcionários e usou a inteligência artificial para suprir a demanda de produção de conteúdo para o *site* (Coutinho, 2023).

2. 3. 6. Gestão de projetos

Segundo o Project Management Institute (2017), o conceito de projeto refere-se a um esforço temporário que possui data para iniciar e terminar o desenvolvimento de um determinado produto ou serviço, ou a entrega de um resultado. Seguindo este pensamento, o ChatGPT pode ser usado como uma ótima ferramenta no planejamento e na programação de projetos, fornecendo etapas, estimando prazos e elaborando um cronograma detalhado. Para que um projeto seja considerado finalizado ou concluído de modo definitivo, ele necessita ter concluído tudo aquilo que foi apresentado em seu escopo, realizando os processos exigidos para garantir a definição e o cumprimento dos prazos pré-estabelecidos (Bastos; Pereira Junior; Pereira, 2025; Fonseca; Pereira Junior; Pereira, 2025).

Uma vez que o projeto esteja sendo realizado, a ferramenta pode ser treinada para otimizar o gerenciamento de recursos, identificando gargalos e trazendo melhorias para maximizar a eficiência. Outra função importante é a comunicação: quando a ferramenta é integrada com outros sistemas, pode facilitar a interação entre membros da equipe do projeto, compartilhando informações e esclarecendo dúvidas, auxiliando na tomada de decisão. Dando continuidade a essa proposta, surge novamente a existência de trabalho híbrido entre ser humano e IA, mostrando que esse método pode ser considerado como uma possível nova forma de trabalho (Dwivedi *et al.*, 2023).

Apesar de todos os benefícios, ainda há a necessidade de um ser humano para verificar todo o desenvolvimento e principalmente o resultado das tarefas, para que não sejam cometidos erros e a empresa seja penalizada. Outro problema que pode ocorrer é a dependência da ferramenta. Apesar de otimizar as tarefas repetitivas do cotidiano, é de extrema importância que as pessoas saibam realizar estes processos se a ferramenta falhar por algum motivo. As pessoas precisam ter a consciência de que a ferramenta é extremamente útil, mas os processos não podem ser deixados de lado por esse motivo, a supervisão é extremamente importante (Dwivedi *et al.*, 2023).

2. 3. 7. Empreendedorismo

Segundo Dornelas (2008), o empreendedorismo se dá pela colaboração de indivíduos e procedimentos que, quando combinados, resultam na transformação de ideias em oportunidades, e a execução eficaz dessas oportunidades totaliza na formação de empreendimentos bem-sucedidos. Pereira Junior e Pereira (2023) descrevem o conceito de empreendedorismo como o mecanismo por meio do qual a sociedade transformaria informações técnicas em produtos e serviços, deslocando o foco para o empreendedor como aquele que conseguiria identificar uma oportunidade, inovar, quebrar a ordem existente até então e criar um mercado. A partir daí, em uma visão econômica, o empreendedor se torna aquele que destrói a ordem econômica existente por meio da introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais.

Desse modo, o uso da ferramenta pode fornecer a área de empreendedorismo grandes benefícios, incluindo alguns listados anteriormente, como atendimento ao cliente com o uso de *chatbots*, realizando toda parte de contato com o cliente, seja vendendo um produto ou explicando um serviço, e oferecendo suporte ininterrupto, ou seja, sete dias por semana e 24h por dia. Além disso, a AI pode auxiliar no envolvimento entre as empresas e os clientes em potencial através de postagens feitas em plataformas digitais e redes sociais (Ausat *et al.* 2023).

Outro ponto a ser citado é o potencial do ChatGPT na comunicação interna dentro das organizações, auxiliando os funcionários a adquirirem informações essenciais para realização de tarefas administrativas, deixando-os focados em tarefas analíticas que necessitem do entendimento humano. Segundo Ausat *et al.,* (2023) as empresas podem se tornar cada vez mais competitivas na era digital com a integração da inteligência artificial, conhecimento e a experiência humana, tendo melhoras significativas quando se trata de eficiência operacional.

Por outro lado, apesar dos benefícios, a ferramenta necessita de supervisão para exercer inúmeras demandas e para que sejam alcançados dados ideais. Outra questão relevante é a veracidade das informações que são

fornecidas, podendo ferir a ética e as pessoas. Dessa forma, torna-se necessária a implementação de um programa de melhoria contínua, envolvendo *feedback* de clientes e funcionários (Ausat *et al.*, 2023).

3. Método

Segundo Gil (2008), a pesquisa descritiva tem o objetivo de abordar as opiniões, atitudes e crenças de uma comunidade. Esta pesquisa está classificada como descritiva, pois visa explorar qual a compreensão dos professores com relação às potencialidades e nocividades do ChatGPT para a área da administração. Quanto à abordagem, este estudo adotou uma abordagem qualitativa, pois tem o objetivo de compreender e explorar as percepções e experiências dos participantes em relação ao tema. Para Gil (2008), o mundo é criado pela consciência humana, logo, as pessoas são de extrema importância para a construção do conhecimento.

Quanto ao método, foi utilizada a estratégia de estudo de caso, visto que essa é a melhor possibilidade quando se busca o entendimento profundo sobre um fenômeno em seu contexto real, explorando suas características e interações. De acordo com Yin (2010), a escolha pelos estudos de caso se dá pela aspiração de compreender com profundidade eventos sociais complexos. Esta pesquisa é um estudo de caso, pois analisou um caso único dos professores da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Quanto à técnica de coleta de dados, foi escolhida a entrevista em profundidade, sendo um método qualitativo que visa obter informações detalhadas e aprofundadas sobre a percepção e opinião dos participantes. De acordo com Hair Junior *et al.* (2005), essa ferramenta proporciona uma discussão aprofundada, focando em uma pessoa de cada vez e com longa duração. As entrevistas em profundidade foram feitas com os professores da FURG entre os dias 18 de outubro e 15 de novembro de 2023, de forma *online*, através da plataforma Google Meet. Os dados foram gravados com a permissão dos professores no próprio navegador da ferramenta, a fim de possibilitar a transcrição e melhora da análise de dados. A pesquisadora realizou as entrevistas diretamente da FURG, e os entrevistados tiveram liberdade para

escolher o local em que estavam durante a entrevista. As entrevistas tiveram duração média de 17 minutos.

Foram convidados todos os professores das áreas de Empreendedorismo, Estratégia, Finanças, Gestão de Pessoas, Logística, Projetos e *Marketing* dos *campi* Carreiros e Santo Antônio da Patrulha; todavia foram entrevistados apenas aqueles que aceitaram e tiveram disponibilidade. Quanto ao instrumento, foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado com perguntas previamente definidas, com intuito de conduzir a pesquisadora durante as entrevistas e realizar uma discussão mais aprofundada. Segundo Gil (2008), a entrevista é a técnica mais flexível de coleta de dados, pois, além de dados, podem surgir objetivos voltados para diagnóstico e orientação.

Foram elencados todos os professores que dão aula no curso de administração organizados por área de conhecimento e disciplinas que ministram, por meio de conversas com a coordenação de curso. A partir disso, entrou-se em contato com os professores através dos *e-mails* e contatos telefônicos divulgados na página do curso. Após este processo, foi escolhido um professor para cada uma das áreas. Os entrevistados (ENT1–ENT8) atuam nas áreas de Empreendedorismo, Estratégia, Finanças, Gestão de Pessoas, Logística/Projetos e *Marketing*. Todos possuem graduação em Administração ou áreas afins, com predominância de mestrado e doutorado. O tempo de docência varia de 3 a 32 anos, indicando diversidade de experiência acadêmica.

Quanto à técnica de análise interpretativa, a pesquisa usou de indicadores resultantes da coleta de dados que permitiram explorar e compreender os padrões presentes nos dados. Para Severino (2007, p. 59), o objetivo da análise interpretativa é compreender e interpretar a realidade estudada através das mensagens fornecidas ao pesquisador.

4. Objeto da pesquisa: O corpo docente do curso de bacharelado em Administração da FURG

A Universidade Federal do Rio Grande (FURG) é uma instituição de ensino superior pública, localizada na cidade de Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. A FURG foi fundada oficialmente na década de 1950 e,

desde 1987, assume a importante função de se dedicar a fortalecer o estudo sobre os ecossistemas costeiros e oceânicos. Atualmente, a universidade conta com estrutura *multicampi*, atuando em Santo Antônio da Patrulha, São Lourenço do Sul, Santa Vitória do Palmar e Rio Grande (FURG, 2023). Como apresenta Alves (2004), o curso de Administração da FURG foi criado em 1970 como parte do processo de expansão e diversificação dos cursos fornecidos pela instituição. A decisão de criar o curso surgiu da necessidade de formar profissionais capacitados para atuar no campo da administração, tanto em empresas públicas quanto privadas. O curso de administração na FURG oferece formação tanto na modalidade presencial quanto na modalidade à distância. O currículo do curso abrange disciplinas teóricas e práticas relacionadas à gestão de empresas e ao setor público, empreendedorismo, *marketing*, gestão de pessoas, entre outras áreas.

O corpo docente do curso de Administração da FURG é composto por profissionais qualificados, que possuem diferentes níveis de titulação acadêmica. Destes, 39 possuem titulação de doutorado, dez possuem titulação de mestrado, um possui titulação de especialista e seis possuem graduação. Referente ao vínculo com a universidade, 45 são funcionários efetivos, sete são funcionários substitutos, três são visitantes e um é colaborador.

É importante ressaltar que os professores desempenham um papel crucial na formação dos futuros profissionais da área de Administração, transmitindo conhecimentos teóricos, práticos e contribuindo para o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias no mercado de trabalho. Com relação à população a ser estudada, são todos professores da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), lotados no Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis (ICEAC), nos *campi* de Rio Grande e Santo Antônio da Patrulha.

5. Análise e discussão

5.1 Sobre o conhecimento do ChatGPT

Quando perguntados sobre o ChatGPT, todos os professores falaram que conhecem minimamente a ferramenta. Dentre estes, o ENT5 destaca que conhece a ferramenta há mais tempo e que já a utilizou para testar alternativas fornecidas em provas de concurso. O entrevistado ENT7 afirmou que conhece e que é uma boa ferramenta, se utilizada de forma adequada e inteligente. O entrevistado ENT4 comentou que já utilizou o ChatGPT como uma ferramenta operacional, resumindo artigos ao limitede palavras necessário, deixando-o livre para tarefas mais analíticas. O entrevistado ENT2 informa que conhece a ferramenta e que ela é válida, quando vinculada com análise do ser humano, acreditando que o conhecimento não pode parar no passado, sendo necessário se manter atualizado junto às tecnologias. O entrevistado ENT8 menciona que conhece a ferramenta pelo que as pessoas comentam e que existem funções simples, como tirar dúvidas sobre qualquer assunto, até aplicações mais específicas na área do ensino e pesquisa, como criação de documentos e textos, porém não utilizou a ferramenta ainda. Já os entrevistados ENT1, ENT3 e ENT6 afirmam que conhecem a ferramenta indiretamente e não fazem uso dela.

5. 2. Potencialidades do ChatGPT na compreensão dos professores

Sobre a área de *marketing*, o ENT8 acredita que a ferramenta tenha um ótimo uso no ramo do *marketing* digital para criação de conteúdos, contribuindo para produção e construção da imagem da marca, podendo também ser uma peça de comunicação, como uma ferramenta de venda. O ENT7 também julga que a ferramenta tenha grandes possibilidades na área de projetos, dando auxílio em toda criação da proposta, fornecendo informações como tempo previsto de projeto, possíveis riscos que podem ocorrer, tempos e custos das ações. O mesmo, cita que, para a área de logística, a ferramenta "[...] é como um humano fazendo *brainstorm*, só que com mais informações, [...] que dificilmente um ser humano teria acesso a

tanto conhecimento quanto o ChatGPT e poucos segundos para montar alguma coisa" (ENT7).

Essa percepção dos docentes converge com a literatura ao posicionar a ferramenta como um suporte estratégico em múltiplas frentes. No *marketing*, a visão de ENT8 sobre a criação de conteúdos e construção de marca ratifica o potencial destacado por Dwivedi *et al.* (2023) para a personalização da experiência do usuário e eficiência na produção de materiais, alinhando-se ao conceito de Kotler e Keller (2013) sobre a entrega de valor ao consumidor. Já as contribuições de ENT7 nas áreas de projetos e logística validam as funções de planejamento, cronograma e previsão de custos previstas pelo PMI (2013) e por Dwivedi *et al.* (2023). Além disso, a analogia do *brainstorm* com acesso massivo a informações dialoga com a proposta de Ballou (2014) sobre o controle efetivo e organização para obtenção de rentabilidade, reforçando que a IA atua como um braço operacional que potencializa a tomada de decisão humana.

Para ENT1, ENT2 e ENT5, professores de empreendedorismo, estratégia e gestão de pessoas, respectivamente, a IA contribui como forma de pesquisa, terceirizando atividades e criando diversas análises sobre os dados fornecidos pelo usuário. O entrevistado ENT3, professor de finanças, acredita que esta é uma área muito quantitativa, e grande parte das atividades já foram automatizadas, mesmo com o humano realizando a programação, é uma IA que realiza toda parte operacional: "O analista virou um apêndice da máquina, infelizmente" (ENT3).

Esse cenário de terceirização de atividades e análises automatizadas mencionado pelos docentes reflete as transformações estruturais previstas na literatura de gestão. No empreendedorismo e estratégia, as percepções de ENT1 e ENT2 ratificam as teses de Dornelas (2008) e Thompson *et al.* (2008) sobre o uso da tecnologia para converter ideias em oportunidades e apoiar a tomada de decisão assertiva. Na gestão de pessoas, a fala de ENT5 dialoga com Dutra (2016), sugerindo que a automação de processos libera o profissional para focar em tarefas analíticas e criativas. Por fim, a contundente observação de ENT3 em finanças, ao descrever o analista como um "apêndice da máquina", exemplifica na prática a busca pela maximização da eficiência

mencionada por Cherobim, Rigo e Lemes (2016), mas também alerta para a dependência tecnológica e a redução do papel humano em atividades estritamente operacionais e quantitativas. Dessa forma, a percepção de que a IA terceiriza atividades operacionais converge com Pereira Junior e Pereira (2023) sobre a evolução do perfil empreendedor, sugerindo que o domínio destas tecnologias de automação e análise de dados torna-se uma competência central para que o gestor deixe de ser um executor técnico e assuma o papel de estrategista na identificação de novas oportunidades.

Já os entrevistados ENT4 e ENT6, professores de finanças e gestão de pessoas respectivamente, não consideram que a ferramenta tenha potencialidades na área de atuação. Porém, ENT4 acrescenta que não conhece muito a ferramenta, desse modo não consegue opinar com propriedade. No que diz respeito à aceitação da ferramenta, a grande maioria dos entrevistados manifestam que a IA é uma realidade e não tem como evitá-la. Já o entrevistado ENT6 tem uma opinião formada sobre o tema, não acreditando que esta ferramenta tenha benefícios, mostrando-se contrário às evoluções propostas.

A resistência ou hesitação manifestada pelos entrevistados ENT4 e ENT6 em relação aos benefícios da ferramenta encontra respaldo nas discussões multidisciplinares de Dwivedi *et al.* (2023). Segundo o referencial, a introdução de IAs conversacionais traz consigo desafios morais e políticos que podem gerar ceticismo ou sentimentos de receio em profissionais mais conservadores. Além disso, a afirmação de que a tecnologia é uma realidade inevitável dialoga com a perspectiva de Viswanath (*apud* Dwivedi, 2023), que prevê a modificação de várias áreas da existência humana pela IA. O posicionamento contrário às evoluções e a falta de familiaridade mencionados reforçam a necessidade de revisões éticas e de uma triagem de riscos, conforme sugere a literatura, para que a transição para equipes híbridas de trabalho ocorra de forma consciente e fundamentada.

Assim como a teoria afirma que o ChatGPT possui a capacidade de criar conteúdo para área de *marketing*, ENT8 cita que a ferramenta pode produzir materiais relevantes para construção da imagem de uma marca.

Outro ponto a ser destacado pelas duas fontes foi a questão de tradução de artigos e textos escritos em outros idiomas, democratizando o acesso a temáticas que são escritas originalmente em outra língua. Bem como o referencial aqui citado, ENT1, ENT2 e ENT5 destacam que a ferramenta auxilia nos estudos acadêmicos, facilitando o meio de pesquisa, criando diversas análises e terceirizando atividades que antes necessitavam de um grande tempo para realização. Convergindo com estudo trazido no referencial teórico, ENT7 destaca funções como planejamento de projetos, auxiliando no fornecimento de etapas, no custo e na duração delas.

Essas convergências demonstram que a percepção dos docentes valida as funcionalidades práticas do ChatGPT descritas por Dwivedi *et al.* (2023) e Ramos (2023). A capacidade de democratizar o acesso ao conhecimento global por meio da tradução e a otimização de rotinas acadêmicas, mencionadas pelos entrevistados, ratificam a visão de que a ferramenta atua como uma forma de pesquisa simplificada que auxilia na produtividade do usuário. Além disso, ao confirmarem o potencial da IA no planejamento de projetos e na construção de imagem de marca, os relatos dos professores dão aplicabilidade empírica aos conceitos de gestão de *marketing* e de projetos previstos na literatura, consolidando a ideia de que a tecnologia, quando bem direcionada, supre demandas por processos mais intuitivos e ágeis nas diversas áreas da administração.

5. 3. Nocividades do ChatGPT na compreensão dos professores

Para a área de estratégia, ENT2 acredita que alguns dos problemas com a ferramenta é como a informação fornecida por ela será utilizada e a necessidade de interpretação humana constante. Já ENT1 expõe a questão do plágio e como isso pode ser problemático no mundo acadêmico, pois as informações produzidas pela IA são vagas e sem referência. ENT4 cita o receio do que alunos e profissionais possam realizar com o uso do ChatGPT. “Medo de como o ser humano vai usar a ferramenta” (ENT5). O professor de finanças, ENT3, acredita que o uso da ferramenta vai trazer muito desemprego, impactando o mercado de trabalho e trazendo diversos males para a saúde mental de profissionais que resistirem às mudanças. “A tendência é que todo

o trabalho mude pro mundo virtual, fazendo com que as pessoas trabalhem o tempo todo" (ENT3).

Essas preocupações manifestadas pelos docentes em relação ao uso inadequado e às consequências socioeconômicas da ferramenta encontram amparo nas discussões éticas de Dwivedi *et al.* (2023). A necessidade de interpretação humana constante e o risco de plágio acadêmico mencionados por ENT1 e ENT2 ratificam a premissa de que o ChatGPT não possui compromisso com a verdade e exige supervisão rigorosa para evitar a proliferação de informações vagas ou sem fundamentação. Além disso, o receio quanto ao desemprego e aos impactos na saúde mental dos profissionais, destacado por ENT3 e ENT5, valida o alerta da literatura sobre a gradual substituição da mão de obra humana e a dependência tecnológica. Tais relatos reforçam que, embora a tecnologia otimize processos operacionais, as incertezas sobre o comportamento humano e a falta de transparência nas bases de dados da IA impõem barreiras significativas que podem comprometer a ética e a integridade, tanto no ambiente acadêmico quanto no mercado de trabalho.

Outra questão importante citada por ENT3 é que existem perfis de trabalhadores e consumidores que são mais conservadores, alegando o sentimento de receio com as mudanças existentes no mundo do trabalho. ENT4, também professor de finanças, comenta sobre a incerteza da capacidade da ferramenta de realizar cálculos e análises financeiras corretamente, visto que existem diversos fatores que podem influenciar o resultado. Para ENT7, a nocividade da IA está atrelada à inabilidade do usuário, o qual, acreditando que o ChatGPT seja uma ferramenta semelhante ao Google, pode não saber direcionar a ferramenta, fazendo com que seja extremamente nocivo, e forneça informações falsas. "As nocividades estão ligadas a não saber usar o ChatGPT". ENT6 também cita que a IA em si não é nociva, o problema é a confiança dada à ferramenta e como os humanos a usam.

Essas percepções sobre a resistência ao novo e a inabilidade técnica dos usuários reforçam os desafios de implementação da IA discutidos por

Dwivedi *et al.* (2023) e Ramos (2023). O sentimento de receio e o perfil conservador mencionados por ENT3 e ENT4 dialogam com a teoria sobre a falta de confiança e a necessidade de que os clientes e profissionais acreditem no novo modo de consulta *online*. A incerteza quanto à precisão de cálculos financeiros e a possibilidade de obter informações falsas devido ao mau direcionamento da ferramenta, apontadas por ENT4 e ENT7, ratificam as limitações descritas por Ramos (2023) sobre a falta de contexto e compreensão da IA, que pode gerar respostas genéricas ou imprecisas. Em suma, ao destacarem que a nocividade reside mais no uso humano e na confiança excessiva do que na tecnologia em si, os docentes corroboram a exigência de uma supervisão constante e de uma análise fundamental que o ser humano, conforme Dwivedi *et al.* (2023), ainda é o mais capacitado para realizar.

ENT8, professor de *marketing*, cita que, além da criação de *fake news*, há também o problema da falta de regulação, permitindo que a IA faça uso de imagens sem autorização, "usando pessoas mortas para fazer propagandas ou até mesmo pessoas vivas que não deram permissão do uso de imagem". Outro problema citado foi a forma com que a ferramenta define algumas etnias, infelizmente seguindo padrões racistas e/ou preconceituosos, como comentado por ENT6. Convergindo com a teoria, a maioria dos entrevistados menciona a questão da ética como uma das principais nocividades do ChatGPT, devido à utilização de um amplo banco de dados, não permitindo ao usuário verificar de onde a informação foi retirada. Apenas um entrevistado não comentou diretamente a questão da ética. A automação dos processos e a gradual substituição da mão de obra humana pela IA é comentada pelo referencial como um dos principais malefícios. Alinhados com esta ideia, ENT3 e ENT8 citam o desemprego dos trabalhadores como um malefício iminente da IA.

Essas evidências empíricas sobre a reprodução de preconceitos e a ausência de marcos regulatórios confirmam as preocupações críticas levantadas por Dwivedi *et al.* (2023) e Ausat *et al.* (2023). O uso não autorizado de imagens e a definição de etnias baseada em padrões racistas, mencionados por ENT8 e ENT6, ratificam a tese de que a falta de pensamento crítico da ferramenta pode levar à proliferação de conteúdos tendenciosos e

discriminatórios. Além disso, o consenso da maioria dos docentes sobre os dilemas éticos da base de dados opaca e a iminência do desemprego estrutural, citados por ENT3 e ENT8, valida o alerta da literatura de que a automação e a gradual substituição da mão de obra humana são malefícios reais da IA generativa. Em conclusão, o receio dos professores diante da falta de transparência e regulação reforça a necessidade de um programa de melhoria contínua e de uma supervisão humana rigorosa, conforme sugerido pela teoria, para assegurar que a integração da inteligência artificial não fira a ética ou a integridade social.

Considerações finais

Este texto teve por objetivo analisar a percepção dos docentes do curso de administração da Universidade Federal do Rio Grande sobre o uso da inteligência artificial ChatGPT dentro das diversas áreas da administração. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa através de um estudo de caso na FURG, nos *campi* Carreiros e Santo Antônio da Patrulha. Foram entrevistados professores das áreas de *marketing*, administração financeira e investimentos, estratégia, logística, gestão de pessoas, gestão de projetos e empreendedorismo. Alinhados com a teoria, os entrevistados ressaltaram o benefício da ferramenta para pesquisa acadêmica, pois, apesar de não haver um filtro para pesquisa somente em material acadêmico, o buscador consegue encontrar resultados em uma ampla gama de fontes, além de conseguir realizar a tradução de artigos em outros idiomas, facilitando o nosso acesso à literatura internacional.

Devido à utilização de um banco de dados já existente, um dos malefícios apresentados pela ferramenta é repetir padrões preconceituosos já enraizados na nossa sociedade, pois, como não há pensamento crítico, apenas uma junção de resultados do banco de dados, pôde-se observar a plataforma entregando resultados preconceituosos, principalmente com relação a grupos sociais historicamente oprimidos. Tal nocividade foi citada como o motivo que fez um entrevistado não querer se aprofundar sobre a plataforma, considerando-a como racista. Percebe-se que, apesar de todos os

entrevistados terem o conhecimento do que é a plataforma, há pouco interesse em utilizá-la e compreendê-la, seja por desconhecimento do modo como ela funciona ou por receio de como ela vai impactar a educação e o mercado de trabalho em um futuro não tão distante. Já há um sentimento de que a tecnologia está influenciando a rotina pessoal e profissional do meio acadêmico.

Destaca-se que uma das limitações deste estudo é o fato de que, apesar de terem sido convidados todos os professores das áreas estudadas, dos dois *campi* escolhidos, nem todos participaram do processo de entrevista, resultando em uma amostra com apenas 8 professores da FURG. Como resultado, os *insights* obtidos podem não refletir totalmente a diversidade de perspectivas presentes em todas as áreas e entre todos os professores da instituição.

A segunda limitação deste trabalho é que, por ser um estudo de caso, não foram analisadas outras instituições de ensino superior públicas, nem privadas. A generalização dos resultados para um contexto mais amplo pode ser comprometida devido à natureza limitada da amostra, sugerindo a necessidade de pesquisas futuras com uma abordagem mais abrangente e representativa, ou seja, com mais professores, podendo estender a novas áreas da administração, ciências contábeis e econômicas. Sugere-se, para as futuras pesquisas, uma maior aplicação do mesmo instrumento, porém buscando conversar com mais professores, de todas as áreas: *marketing*, empreendedorismo, gestão de projetos, logística, estratégia, finanças e gestão de pessoas. Também se sugere uma nova aplicação em outras universidades públicas, a fim de comparar os dados com os obtidos nesta pesquisa, e a aplicação desta pesquisa em universidades privadas, visando comparar e analisar diferenças entre universidades públicas e privadas.

Referências

ALVES, F. D. N. **Fundação Universidade do Rio Grande**: 35 anos a serviço da comunidade. Rio Grande: Ed. Da FURG, 2004.

AUSAT, A. M. A. *et al.* Application of ChatGPT in improving operational efficiency in the context of entrepreneurship. **Jurnal Minfo Polgan,** v. 12, n. 1, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.33395/jmp.v12i1.12667. Acesso em: 24 mar. 2026.

BALLOU, R. H. **Logística empresarial**: transportes, administração de materiais e distribuição física. São Paulo: Atlas, 2014.

BASTOS, I. S. S.; PEREIRA JUNIOR, E. F. Z.; PEREIRA, G. G. B. Gerenciamento de escopo do projeto: estudo de caso da construção de um gasoduto. **Revista Tecnológica da Universidade Santa Úrsula**, v. 8, n. 1, p. 113-127, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.13140/RG.2.2.33139.44324. Acesso em: 24 mar. 2026.

CHEROBIM, A. P.; RIGO, C.; LEMES, J. **Administração Financeira**: Princípios, Fundamentos e Práticas Brasileiras. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 2016.

COUTINHO, F. A origem do ChatGPT: conheça a história da OpenAI. **Tecmundo**, 10 fev. 2023. Disponível em: https://www.tecmundo.com.br/internet/260413-origem-chatgpt-conheca-historia-openai.htm. Acesso em: 10 maio 2023.

DUTRA, J. S. **Gestão de pessoas**: modelo, processos, tendências e perspectivas. São Paulo: Atlas, 2016.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Elsevier Editora LTDA, 2008.

DWIVEDI, Y. K. *et al.* "So what if ChatGPT wrote it?" Multidisciplinary perspectives on opportunities, challenges and implications of generative conversational AI for research, practice and policy. **International Journal of Information Management**, v. 71, art. 102642, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.ijinfomgt.2023.102642. Acesso em: 24 mar. 2026.

FONSECA, D. L.; PEREIRA JUNIOR, E. F. Z.; PEREIRA, G. G. B. Gestão de projetos na organização científica: um estudo com estudantes de pós-graduação. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, v. 11, n. 36, p. 218-233, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.21920/recei.v11i36.6735. Acesso em: 24 mar. 2026.

GALVÃO, C. N.; PEREIRA JUNIOR, E. F. Z.; PEREIRA, G. G. B. Análise estratégica para prestação de serviços de controle de qualidade REBLAS na área farmacêutica. **Colóquio - Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 22,

n. 1, p. 182-202, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.26767/coloquio.222025.3768. Acesso em: 24 mar. 2026.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008

HAIR JUNIOR, J.; BABIN, B.; MONEY, A. H.; SAMOUEL, P. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. 1. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

KOTLER, P; KELLER, K. L. **Marketing Essencial**: conceitos, estratégias e casos. 5. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2013.

LANDIM, W. Chat GPT: o que é, como funciona e como usar. **Portal Mundo Conectado** 3 fev. 2023. Disponível em: https://mundoconectado.com.br/artigos/v/31327/chat-gpt-o-que-e-como-funciona-como-usar. Acesso em: 15 jun. 2023.

MACHADO, C. S. L.; PEREIRA JUNIOR, E. F. Z.; BONATO, S. V. Operações da modalidade Roll-On Roll-Off no modal marítimo: Proknow-C da produção científica mundial. **Revista de Engenharia e Tecnologia**, v. 15, n. 1, p. 1-18, 2023. Disponível em: http://dx.doi.org/10.13140/RG.2.2.31650.61121. Acesso em: 24 mar. 2026.

MAURA, S. Inteligência Artificial: ChatGPT e os impactos para a rotina das empresas e à experiência dos clientes. **Crypto ID**, 6 fev. 2023. Disponível em: https://cryptoid.com.br/inteligencia-artificial/inteligencia-artificial-chatgpt-e-os-impactos-para-a-rotina-das-empresas-e-a-experiencia-dos-clientes/. Acesso em: 10 jun. 2023.

MORETTO, A. L. **Desenvolvimento de modelo conceitual de sistema de IA para formação de empreendedores**. 2023. Dissertação (Mestrado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/32237. Acesso em: 24 mar. 2026

PEREIRA, R. D. R. Do neuromorfismo à percepção cultural: uma teoria cultural da máquina. **Norus: Novos Rumos Sociológicos**, v. 9, n. 15, p. 273-318, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.15210/norus.v9i15.21101. Acesso em: 24 mar. 2026.

PEREIRA JUNIOR, E. F. Z.; PEREIRA, G. G. B. Quem é o empreendedor e como ele surge? A evolução do conceito na literatura científica. **Revista Gestão, Inovação e Negócios**, v. 9, n. 1, p. 14-39, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.37951/2358-9868.2023v9i1.p14-40. Acesso em: 24 mar. 2026.

PMI – PROJECT MANAGEMENT INSTITUTE. **Um guia do conhecimento em gerenciamento de projetos** (Guia PMBOK). 5. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2013.

RAMOS, A. S. M. Generative Artificial Intelligence based on large language models - tools for use in academic research. **SciELO Preprints**, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6105. Acesso em: 24 mar. 2026.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

THOMPSON, A. A.; STRICKLAND, A. J.; GAMBLE, J. E. **Administração Estratégica**. 15. ed. São Paulo: McGraw-Hill Interamericana do Brasil Ltda, 2008.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamentos e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

Revista Novos Rumos Sociológicos | vol. 14 n. 25 | Jan/Jul/2026
Artigo recebido em 07-04-2025 | Aprovado em 15-03-2026
ISSN: 2318-1966

ARTIGO

AS CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL E NA ARGENTINA: INSTITUCIONALIZAÇÃO, RUPTURAS E CONSOLIDAÇÃO

Social Sciences in Brazil and Argentina: institutionalization, ruptures, and consolidation

Amurabi Oliveira[1]

Resumo

O texto propõe uma análise comparativa entre os ensinos das Ciências Sociais na pós-graduação no Brasil e na Argentina. Partindo do reconhecimento das trajetórias distintas de desenvolvimento universitário e científico em ambos os países, o estudo destaca três aspectos centrais: a heterogeneidade histórica das instituições de ensino superior; as diferentes concepções de Ciências Sociais – mais restrita no Brasil (centrada em Sociologia, Antropologia e Ciência Política) e mais ampla na Argentina (com destaque para a Economia); e os impactos distintos das ditaduras militares sobre os sistemas educacionais. O trabalho utiliza como base os programas de pós-graduação filiados ao CLACSO, excluindo cursos de áreas específicas, como História ou Demografia. Observa-se que, enquanto o Brasil tende à disciplinarização das Ciências Sociais, a Argentina mantém uma abordagem mais interdisciplinar. Além disso, destaca-se a maior influência do CLACSO no contexto argentino, bem como o papel das áreas de concentração na organização curricular. O texto também chama atenção para o desconhecimento mútuo entre os países da região quanto às suas histórias intelectuais e ressalta a importância de promover o diálogo e a integração entre os projetos acadêmicos latino-americanos, mesmo dentro de uma condição periférica no sistema global de produção científica.

Palavras-chaves: CLACSO; Ciências Sociais brasileiras; Ciências Sociais argentinas; Sociologia latino-americana.

Abstract

This text proposes a comparative analysis of postgraduate Social Sciences education in Brazil and Argentina. Starting from the acknowledgment of the distinct trajectories of university and scientific development in both countries, the study highlights three central aspects: the historical heterogeneity of higher education institutions; the different conceptions of Social Sciences—more restricted in Brazil (focused on Sociology, Anthropology, and Political Science) and broader in Argentina (with an emphasis on Economics); and the distinct impacts of military dictatorships on educational systems. The analysis is based on postgraduate programs affiliated with CLACSO, excluding those in specific fields such as History or Demography. The study observes that while Brazil tends toward the segmentation disciplinarization of Social Sciences into specific disciplines, Argentina maintains a more interdisciplinary approach. Additionally, it underscores CLACSO's greater influence in the Argentine context, as well as the role of areas of concentration in shaping curricular organization. The text also draws attention to the mutual lack of knowledge between Latin American countries regarding their intellectual histories

[1] Professor do Departamento de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina, membro afiliado da Academia Brasileira de Ciências, membro afiliado da Global Young Academy, pesquisador do CNPq. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7856-1196. E-mail: amurabi.oliveira@ufsc.br.

and highlights the importance of fostering dialogue and integration among academic projects in the region—even from within a peripheral position in the global scientific system.

Keywords: CLACSO; Brazilian Social Sciences; Argentine Social Sciences; Latin American Sociology.

Introdução

A história das Ciências Sociais na América Latina encontra sua gênese ainda no final do século XIX, quando ocorreram de forma relativamente difusa as primeiras experiências de ensino e pesquisa nessa área. É bem verdade que a heterogeneidade dos sistemas de ensino nos diversos países da região implicou também a existência de percursos demasiadamente singulares em cada país, porém, isso não nos impossibilita de realizarmos um exercício comparativo entre o desenvolvimento das Ciências Sociais nos diferentes países latino-americanos. Essas diferenças levaram a implicações não apenas sobre a configuração das Ciências Sociais no ensino superior, como também na educação básica, uma vez que cada país passou a agregar um conjunto distinto de disciplinas dentro desse conjunto.

Antes de adentrarmos em um debate histórico sobre as Ciências Sociais no Ensino Superior do Brasil e da Argentina, é importante reconhecer três pontos: a) há uma profunda heterogeneidade em relação ao desenvolvimento das universidades nestes dois países, uma vez que, ainda em 1613, foi fundada a Universidade Nacional de Córdoba e, em 1812, a Universidade de Buenos Aires na Argentina, ao passo que, no Brasil, as primeiras experiências de ensino superior iniciam-se com as Faculdades de Cirurgia da Bahia e de Medicina do Rio de Janeiro, ambas fundadas em 1808, tendo sido criadas as primeiras universidades apenas no século XX; b) as concepções de Ciências Sociais nestes dois países também são sensivelmente distintas, uma vez que, no Brasil, cristalizou-se uma concepção centrada na Antropologia, Ciência Política e Sociologia (Oliveira, 2023), ao passo que, na Argentina, há uma delimitação mais ampla, que inclui recorrentemente disciplinas correlatastas, atentando-se ainda para o fato de que a Antropologia recorrentemente com frequência situa-se na Faculdade de Humanidades, e não na de Ciências Sociais; c) as ditaduras

militares ocorridas nos dois países no século XX afetaram de formas distintas seus respectivos sistemas de ensino, assim como as próprias Ciências Sociais.

Essas três questões serão exploradas neste trabalho, de modo que o leitor possa se situar melhor com relação à discussão que estamos propondo sobre o ensino das Ciências Sociais na pós-graduação argentina e brasileira. Todavia, apesar das diferenças, há de se ressaltar que é possível produzir uma análise macro das Ciências Sociais latino-americanas, situando-as em termos de marcos institucionais, assim como de tentativas de integração e de produção de diálogos, de modo que, para além dos pontos de distanciamento, buscarei também ressaltar os pontos de aproximações.

Outra questão bastante relevante de ser dita é que há uma relativa ignorância mútua acerca das histórias nacionais das Ciências Sociais. Na complexa relação que se estabelece entre o norte e o sul global, recorrentemente conhecemos mais dos autores e obras produzidas nos Estados Unidos e Europa que daqueles da América Latina.

Em termos metodológicos, nossa amostra é constituída a partir dos programas de pós-graduação filiados ao Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO), e que oferecem de forma estrita cursos de mestrado e/ou doutorado em Ciências Sociais. Portanto, não consideramos aquelas instituições que possuam mestrados e doutorados em disciplinas específicas como Demografia, Economia, História, Sociologia etc., ainda que sejam cursos considerados dentro do âmbito das Ciências Sociais. Esse recorte nos possibilita uma melhor delimitação da amostra, ainda que não abarque a totalidade de cursos de mestrado e doutorado nos dois países.

Desse modo, o presente artigo busca iluminar o debate sobre as Ciências Sociais na América Latina a partir do caso de dois dos principais países na América do Sul, considerando aqui a estrutura de pesquisa e de formação de quadros na graduação e na pós-graduação. Tomando esses dois casos, buscamos responder a seguinte pergunta: quais as distintas concepções de Ciências Sociais que encontramos na América Latina? Como poderá ser observado ao longo do trabalho, pudemos encontrar uma concepção mais restrita no Brasil, que foi sendo sedimentada ao longo dos

anos, na qual as Ciências Sociais se restringem ao conjunto formado pela Antropologia, Ciência Política e Sociologia, ao passo que, na Argentina, encontramos uma concepção mais ampla, que reflete outra visão acerca dessas ciências.

Ciências Sociais no Brasil e Argentina: um Breve Histórico

Argentina e Brasil, apesar de serem países próximos em termos geográficos e históricos, representando ainda as duas principais economias do Mercosul, tiveram percursos sensivelmente distintos no campo acadêmico[2]. Trindade (2021), ao realizar uma análise da história institucional das Ciências Sociais na América Latina, assume como um dos marcos fundacionais a criação do Instituto de Ciências Sociais na Universidade Central da Venezuela em 1877, seguido da criação do curso de Sociologia, em 1882, na Universidade de Bogotá. Segue-se a esse período a criação de cátedras em diferentes universidades e países, passando pela década de 1930, quando são fundados o Instituto de Pesquisas Sociais, no México (1930), o Colégio Livre de Estudos Superiores, na Argentina (1931), e a Escola Livre de Sociologia e Política, no Brasil (1933), que se distinguem como experiências pioneiras relevantes na região[3].

Realizando uma análise comparativa sobre a institucionalização das Ciências Sociais na Argentina, Brasil, Chile, México e Uruguai, Garretón *et al.* (2005, p. 558) indicam o seguinte:

> Seguindo a periodização em três fases adotada neste estudo, podemos observar que, na primeira etapa, que denominamos fase fundacional, em casos como os do Chile, Uruguai e Brasil, as ciências sociais se desenvolveram em um contexto basicamente democrático, sem serem prejudicadas pelas crescentes tensões sociais e políticas geradas pela crise do modelo de desenvolvimento – geralmente denominado "substituição de importações" – e pelo consequente contexto de crescente mobilização social. A disputa em torno dos projetos de desenvolvimento marcou, sem dúvida, os

[2] Cabe destacar aqui que nossa análise se centra no processo de institucionalização das Ciências Sociais na América Latina, todavia, é importante reconhecer que a formação de tais ciências antecede seu processo institucional. No entanto, também é importante ressaltar que essas demarcações são também objeto contínuo de disputas, sendo significativa a postura de agentes como Gino Germani (1911-1979), na Argentina, e Florestan Fernandes (1920-1995), no Brasil, que buscaram demarcar a existência de uma Sociologia pré-científica em oposição a uma sociologia científica em seus países, ainda que tal divisão possa ser tensionada e problematizada.

[3] Importante mencionar que, no Brasil, houve a criação de cátedras de sociologia na educação secundária no Brasil, algo que foi consolidado a partir das décadas de 1920 e 1930 (Oliveira, 2013).

> caminhos das ciências sociais nesses países, mas dentro de um quadro de liberdades políticas significativas.
> No caso da Argentina, por outro lado, encontramos o paradoxo de que o impulso crucial de afirmação das ciências sociais ocorreu não apenas em um contexto de esgotamento do modelo de "substituição de importações", mas também sob o regime ditatorial da chamada "Revolução Libertadora", que depôs Juan Perón. A particularidade desse período foi que a ditadura estabeleceu um pacto relativamente neutro com os cientistas e concedeu uma autonomia bastante significativa à Universidad de Buenos Aires. Foi nesse momento que José Luis Romero, historiador socialista, assumiu a presidência da universidade e Gino Germani passou a exercer grande influência sobre a sociologia.[4]

Todavia, é importante mencionar que, quando os cursos de graduação em Ciências Sociais haviam sido criados no Brasil na década de 1930, já havia começado o período da chamada Era Vargas, que chegou ao poder em 1930 e deu início a um período ditatorial em 1937 que perdurou até 1945, o chamado "Estado Novo". Neste sentido, podemos afirmar que o processo de autonomização das Ciências Sociais em ambos os países esteve atrelado diretamente às suas transformações políticas, e às relações estabelecidas entre as Ciências Sociais e o Estado, especialmente em momentos de inflexão democrática. Como pondera Beigel (2016), esses acontecimentos tiveram um impacto decisivo sobre o processo de autonomização acadêmica na América Latina.

Outro ponto em comum relevante entre os dois países foi a criação, na década de 1950, de instituições de promoção e financiamento da pesquisa científica, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), criado em 1951, no Brasil, e o Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), criado em 1958, na

[4] Tradução do autor: "Following the three-phase periodization adopted in this study, we can see that, in the first step, which we have called the foundational phase, in cases such as Chile, Uruguay and Brazil, social sciences developed in a basically democratic context, without being hampered by the growing social and political tensions produced by the mounting crisis of the development model, usually called "import replacement", and the resulting context of growing social mobilization. The dispute over development projects undoubtedly marked the pathways of social sciences in these countries, but in a framework of significant political liberties.
In the case of Argentina, on the other hand, we find the paradox that the crucial thrust of affirmation of the social sciences took place in a context not only of depletion of the "import replacement" model, but also in the dictatorial framework of the so-called "Liberating Revolution" that removed Juan Pero´n from power. The unique feature of this period was that the dictatorship made a relatively neutral pact with scientists and granted a very significant autonomy to the Universidad de Buenos Aires. This was the time when José Luis Romero, a socialist historian, was the university president and Gino Germani exerted an influence on sociology" (GARRETÓN *et al.*, 2005, p. 558).

Argentina (Emiliozzi; Unzué, 2021). Ainda que possuam estruturas sensivelmente distintas – o CONICET possui uma estrutura de cargos e carreira própria para pesquisadores, algo que não ocorre com o CNPq –, essas instituições são consideradas centrais no desenvolvimento científico de ambos os países, e sua criação é compreendida como uma guinada na institucionalização da pesquisa em Ciências Sociais (Beigel, 2014; Oliveira *at elet al.*, 2022).

Tanto o Brasil como a Argentina vivenciaram outros períodos ditatoriais, que também impactaram o processo de consolidação das Ciências Sociais, porém de distintas formas. Primeiramente, é importante mencionar que, na Argentina, houve duas ditaduras militares a partir da década de 1960, uma entre 1966 e 1973 e outra entre 1976 e 1982, ao passo que, no Brasil, houve uma ditadura civil-militar entre 1964 e 1985. Na Argentina, houve uma repressão de Estado mais direta e massiva sobre as Ciências Sociais, reorientando a institucionalização destas ciências para centros independentes, que contaram com um importante financiamento externo; já no Brasil, apesar da repressão política e ideológica, houve o desenvolvimento dos cursos de graduação e pós-graduação em Ciências Sociais durante a ditadura militar (Liedke Filho, 2005), havendo ainda um importante estímulo para a formação pós-graduada no exterior, além do financiamento de instituições estrangeiras, como a Fundação Ford .

Sintetizando o cenário existente nas Ciências Sociais latino-americanas, Trindade (2021) indica que:

> Ao longo do seu percurso, as ciências sociais da América Latina estiveram sempre fortemente ligadas à análise dos problemas concretos – macro ou micro, segundo os períodos e países – assim como à vontade dos cientistas sociais de incidir sobre tais problemas. Isso propiciou quase sempre uma maior incidência relativa na academia dos níveis ideológicos do discurso, assim como uma tendência a uma importante vinculação – afirmativa ou contestatória – do trabalho das ciências sociais e seus cultivadores com a política, os partidos e os governos. (Trindade, 2021, p. 10).

Essa interpretação é interessante, pois distancia-se daquela consagrada por Miceli (1989), que defende que o processo de autonomização das Ciências Sociais demanda um maior distanciamento do campo político. Analisando o caso brasileiro, Miceli (1989) compara o desenvolvimento das

Ciências Sociais em São Paulo e no Rio de Janeiro, indicando que, no Rio de Janeiro – que era a capital no Brasil na época da fundação dos primeiros cursos de Ciências Sociais –, havia uma maior aproximação com o campo político, de modo que as Ciências Sociais teriam menos autonomia nesse contexto, tendo florescido plenamente apenas em São Paulo, em um primeiro momento. Essa interpretação de Miceli (1989) distancia-se também da posição de Jimeno (2000, 2005), que, ao refletir sobre a história da antropologia latino-americana, faz referência à sua vocação crítica, bem como à existência do "pesquisador cidadão", considerando que os cientistas sociais latino-americanos estão inseridos nas lutas sociais, sendo esta uma característica constitutiva do desenvolvimento das Ciências Sociais na região.

Notadamente, devemos reconhecer que essa relação de autonomia e heteronomia das Ciências Sociais latino-americanas assumiu contornos particulares em cada configuração social, tanto se pensarmos as diferenças dentro da mesma tradição nacional – como na comparação entre Rio de Janeiro e São Paulo realizada por Miceli (1989), no caso brasileiro – quanto se pensarmos de forma comparativa entre diferentes países. Blois (2015) nos chama a atenção para como os sociólogos no Brasil e na Argentina têm relações distintas com o Estado, havendo no Brasil uma maior aproximação em comparação com a Argentina, o que implicou também a elaboração de diferentes desafios para o processo de institucionalização desta ciência nos países vizinhos.

> Os rumos da sociologia no Brasil e na Argentina não podem ser dissociados das relações particulares que a disciplina estabeleceu, em cada caso, com o Estado. No Brasil, embora esse vínculo não tenha estado isento de fortes tensões e conflitos, os sociólogos – em momentos e conjunturas sociais e políticas certamente distintos – conseguiram aproveitar a receptividade que, sob diversas modalidades, essa instituição demonstrou em relação à disciplina, legitimando assim a pertinência de suas atividades. Se isso garantiu um apoio material significativo para a sociologia, também gerou uma ampla expectativa sobre seu papel na resolução dos problemas e desafios que o Estado – e aqueles que o controlavam – reconheciam como mais urgentes (Carvalho, 2007). [5]

[5] Tradução do autor: "Los derroteros de la sociología en Brasil y Argentina no pueden estar desvinculados de las particulares relaciones que la disciplina tejió en cada caso con el Estado. En Brasil, aun cuando ese vínculo no estuvo exento de fuertes tensiones y conflictos, los sociólogos, en momentos y coyunturas sociales y políticas ciertamente diferentes, pudieron aprovechar la

> Esse vínculo se inseria na relação mais ampla entre intelectuais e elites políticas que, desde a própria constituição do Estado brasileiro, conferiu um protagonismo marcante à ciência e ao saber especializado – fosse qual fosse sua definição – na orientação das iniciativas políticas e dos horizontes de ação. [...] O quadro contrasta fortemente com o ocorrido na Argentina, onde a relação entre intelectuais, elites e Estado foi notoriamente problemática, como expressam tanto a relação conflituosa das autoridades políticas com as universidades públicas quanto o simultâneo florescimento de circuitos intelectuais alternativos e em disputa com os espaços oficiais. A relação tampouco foi diferente com outras instituições da sociedade civil (como sindicatos, organizações empresariais ou partidos políticos majoritários), nas quais os intelectuais raramente conseguiram se incorporar ou ser reconhecidos como vozes influentes. Entre essas instituições e os intelectuais, predominou uma persistente desconfiança (Sarlo, 2022). Os intelectuais – e entre eles, os próprios sociólogos – tenderam a definir sua intervenção e identidade "em oposição" ao Estado. Este, por sua vez, tendeu a ignorá-los (Blois, 2015, p. 638-639).[6]

Este exemplo nos possibilita visibilizar que, apesar das semelhanças existentes na formação do campo das Ciências Sociais na América Latina, encontramos diferenças substantivas. Não obstante, é necessário destacar que a inserção profissional dos doutores em Ciências Sociais nos dois países ainda é principalmente através da atividade acadêmica (Dwyer *et al.*, 2013; Emiliozzi, 2021). O desafio da análise comparativa reside, portanto, na busca por uma compreensão acerca das configurações singulares assumidas em cada contexto e em como a tradição latino-americana incidiu sobre cada percurso.

Por fim, cabe destacar que os programas de pós-graduação em Ciências Sociais passam a se institucionalizar no Brasil a partir do final dos anos de 1960, como reflexo da reforma universitária, ocorrendo a partir dos anos 2000 uma expansão mais significativa, consolidando a presença desses

receptividad que, bajo diversas modalidades, esa institución tuvo hacia la disciplina y legitimar de ese modo la pertinencia de sus labores. Si ello pudo asegurar un significativo apoyo material para la disciplina, produjo también una amplia expectativa sobre su papel o rol en la resolución de los problemas y desafíos que el Estado, y quienes lo controlaban, reconocían como más apremiantes".

[6] Tradução do autor: "Esa vinculación se inscribía en la relación más amplia entre intelectuales y élites políticas que, desde la propia constitución del Estado brasileño había dado un marcado protagonismo a la ciencia y al saber especializado -como sea que se lo definiera- a la hora de orientar las iniciativas políticas y los horizontes de acción. [...] Lo anterior contrasta de manera marcada con lo ocurrido en Argentina, donde la vinculación entre intelectuales, élites y Estado fue ciertamente problemática, como lo expresan la relación conflictiva de las autoridades políticas con las universidades públicas y el paralelo florecimiento de circuitos intelectuales alternativos y en disputa con los oficiales.[7] El vínculo no fue distinto con otras instituciones de la sociedad civil (como los sindicatos, las organizaciones empresarias o los partidos políticos mayoritarios), donde raramente los intelectuales pudieron incorporarse o ser reconocidos como voces de peso. Entre esas instituciones y los intelectuales tendió a predominar una persistente desconfianza (Sarlo, 2022). Los intelectuales, y entre ellos los propios sociólogos, tendieron a definir su intervención e identidad "en contra" del Estado. Éste, como contrapartida, tendió a ignorarlos" (Blois, 2015, p. 638-639).

programas em centros distantes do eixo Rio-São Paulo (Barreira *et al.*, 2018). Por outro lado, a consolidação dos programas de pós-graduação em Ciências Sociais na Argentina acelera-se nos anos de 1990, de modo que os bacharelados deixaram de ser considerados a etapa final de formação acadêmica nessa área (Unzué, Rovelli, 2020).

As Ciências Sociais na Argentina e no Brasil: integração e circulação

O cenário do pós-guerra estimulou a criação de diversas instituições que visavam fomentar as Ciências Sociais, não apenas no Norte Global como também no Sul Global, destacando-se a fundação do Departamento de Ciências Sociais na UNESCO, que teve como primeiro presidente o antropólogo brasileiro Arthur Ramos (1903-1949), o qual veio a falecer poucos meses após assumir o cargo (Maio, 2001; Oliveira, 2019a). Neste período, o diretor-geral da UNESCO era o mexicano Jaime Torres Bodet (1902-1974), que esteve à frente da instituição entre 1948 e 1952. Destaca-se ainda a criação da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) em 1948, fundada aos auspícios do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas.

De forma concomitante a esse processo, as Ciências Sociais passam a se institucionalizar também regionalmente, o que reflete também o que estava ocorrendo em maior escala através da articulação de diferentes regiões. Um exemplo desse processo foi a fundação, em 1950, da Associação Latino-americana de Sociologia, cuja criação se deu durante o primeiro congresso mundial da Associação Internacional de Sociologia (ISA), fundada em 1949.

São também marcos significativos deste processo a fundação, em 1957 no Rio de Janeiro, do Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS) e da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO), em Santiago, Chile. Tais instituições constituíram espaços privilegiados de formação e circulação de pesquisadores na América Latina, sendo marcos significativos para a institucionalização das Ciências Sociais na região (Beigel, 2009; Lippi Oliveira, 2005), inclusive com fortes relações com a UNESCO (Cutroni, 2018). Deve-se destacar que, no caso da CLAPCS,

houve um forte apoio financeiro da UNESCO inicialmente; no entanto, o centro passou a depender cada vez mais do financiamento nacional, de modo que isso também teve impacto sobre sua agenda, que se tornou menos regional e mais local, focada no Brasil (Blois, 2022).

Apesar de o CLAPCS ter encerrado suas atividades ainda na década de 1970 (Blois, 2022), a FLACSO continuou suas atividades, destacando-se seu papel em termos de pesquisa e formação na América Latina. Do mesmo modo, as associações acadêmicas latino-americanas perduram como importantes *loci* de produção e consolidação de uma agenda de pesquisa.

Nesta mesma direção, o CLACSO também assumiu um papel relevante, tendo sido criado em 1967 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), cuja sede encontra-se em Buenos Aires, na Argentina. Atualmente, este conselho possui como membros associados cerca de 680 centros de investigação científica e programas de pós-graduação em diversos campos das Ciências Sociais, distribuídos por 51 países da América Latina e do Caribe, assim como os Estados Unidos e países da África e Europa, o que demonstra sua envergadura e relevância nesse campo. Como bem destaca Stavenhagen (2014), tanto o CLACSO quanto a FLACSO constituem marcos significativos para a institucionalização das Ciências Sociais na região. Ainda segundo o autor:

> Embora logo também se fizesse sentir a influência da sociologia e da ciência política norte-americanas nos estudos dessas duas instituições, um fio condutor propriamente "latino-americanista" acompanhou suas atividades desde o início. Embora, em diversas instituições nacionais de ciências sociais, realizassem-se trabalhos importantes, à época, era escassa a comunicação entre pesquisadores de diferentes países da região e de distintas disciplinas. Lembro-me de que "descobri" meus colegas latino-americanos durante os três anos em que realizei meus estudos de doutorado na Universidade de Paris, no começo da década de 1960. CLACSO e FLACSO nasceram para a vida institucional com uma vocação latino-americanista que se refletiu tanto na composição dos grupos de trabalho e dos programas regionais da CLACSO, quanto no corpo docente, no corpo discente e nos programas acadêmicos das diferentes sedes da FLACSO.
>
> Dessa forma, em diversos grupos de trabalho criados pela CLACSO, foi possível organizar simpósios e encontros regionais e sub-regionais, além de produzir pesquisas colaborativas e comparativas sobre temas de interesse compartilhado, que, após alguns anos, consolidaram uma personalidade propriamente latino-americana no

> fazer científico de diversas áreas do conhecimento. Como membro do Comitê Diretor da CLACSO durante alguns anos, coube-me incentivar a criação dos grupos de trabalho sobre estudos rurais e estudos laborais, aos quais aderiram diversas instituições e pesquisadores de vários países (Stavenhagen, 2014, p. 10).[7]

No bojo desse debate, é importante destacar que o CLACSO se organiza a partir de grupos de trabalho, congregando diversos pesquisadores de diferentes áreas de pesquisa. Além dessas atividades, o CLACSO também oferta cursos acadêmicos, principalmente cursos de especialização que contam com a participação de professores de diferentes países, não apenas da América Latina. Tanto a FLACSO quanto o CLACSO assumiram um papel central na possibilidade de organização de uma agenda de pesquisa na região, contribuindo para a consolidação da formação de quadros.

Mapeando os Mestrados e Doutorados em Ciências Sociais na Argentina e no Brasil

Na plataforma de promoção de programas de pós-graduação disponível no *site* do CLACSO, há 837 cursos em 281 instituições de 25 países. Destes, 167 localizam-se na Argentina e 85 no Brasil, incluindo-se aí não apenas cursos que oferecem a titulação estrita em Ciências Sociais como também em campos disciplinares específicos. No quadro abaixo, sintetizei os cursos de Ciências Sociais de ambos os países disponíveis na plataforma do CLACSO (https://www.clacso.org/institucional/centros-asociados/):

[7] Tradução do autor: “Aunque pronto también se hizo sentir la influencia de la sociología y la ciencia política norteamericanas en los estudios de estas dos instituciones, un hilo conductor propiamente "latinoamericanista" acompañó sus actividades desde el principio. Si bien en distintas instituciones nacionales de ciencias sociales se realizaban trabajos importantes, en aquellos años la comunicación entre investigadores de distintos países de la región y de distintas disciplinas era escasa. Recuerdo que "descubrí" a mis colegas latinoamericanos durante los tres años que hice mis estudios de doctorado en la Universidad de Paris a principios de la década de los sesentas. CLACSO y FLACSO nacieron a la vida institucional con una vocación latinoamericanista que se ha ido reflejando en la composición de los grupos de trabajo y programas regionales de CLACSO y en la composición del profesorado y alumnado, así como en los programas académicos en las distintas sedes de FLACSO.
De esta manera, en diversos grupos de trabajo establecidos por CLACSO se pudieron organizar simposios y encuentros regionales y subregionales y producir investigaciones colaborativas y comparativas sobre temas de interés compartido que después de algunos años consolidaron una personalidad propiamente latinoamericana en el quehacer de diversas áreas del conocimiento. Como miembro del Comité Directivo de CLACSO durante algunos años me tocó fomentar la creación de los grupos de trabajo sobre estudios rurales y estudios laborales a los que se sumaron diversas instituciones e investigadores de varios países”.

QUADRO 1 - CURSOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS (MESTRADO E DOUTORADO) NO BRASIL VINCULADOS AO CLACSO

Titulação	Universidade	Fundação
Mestrado e Doutorado (área de concentração em Estudos Comparados sobre as Américas)	Universidade de Brasília (UnB)	2002
Mestrado e Doutorado	Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	1996
Mestrado e Doutorado	Universidade Estadual Paulista (UNESP)	1999
Mestrado e Doutorado (Ciências Sociais, Agricultura e Sociedade)	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)	1976
Doutorado	Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)	1985
Mestrado e Doutorado	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)	1973
Mestrado e Doutorado (Concentração em Cidades: Cultura, Trabalho e Políticas Públicas)	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas)	1999
Mestrado e Doutorado	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS)	2004

Fonte: Autor (2025).

No Brasil, há 22 programas de pós-graduação (mestrado e/ou doutorado) em ciências sociais, porém, apenas 8 estão filiados ao CLACSO. Isso, em parte, reflete o fato de que há no Brasil a Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), fundada em 1977. Essa associação nacional possui um papel relevante na articulação das Ciências Sociais brasileiras, articulando também os programas de pós-graduação em sociologia, antropologia e ciência política, além de centros de pesquisa nesta área.

QUADRO 2 - CURSOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS (MESTRADO E DOUTORADO) NA ARGENTINA VINCULADOS AO CLACSO

Titulação	Universidade	Fundação
Doutorado	FLACSO	2004
Mestrado (menção em Estudos Sociais Agrários)	FLACSO	1986
Mestrado (orientação em Educação)	FLACSO	1993
Mestrado (menção em Políticas Sociais e Metodologia da Pesquisa)	Universidade Nacional de Córdoba (UNC)	1995
Doutorado	Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social (IDES)/Universidad Nacional General Sarmiento	2004
Doutorado	Universidade Nacional doe Cuyo (UNCUYO)	1996
Doutorado	Universidade de Buenos Aires (UBA)	1996
Doutorado (Ciências Sociais e Humanas)	Universidade Nacional de Quilmes (UNQ)	
Doutorado (Direito e Ciências Sociais)	Universidade Nacional de Córdoba (UNC)	
Mestrado	Universidad Nacional de la Plata (UNLP)	
Doutorado	Universidad Nacional de Entre Ríos (UNER)	
Doutorado	Universidad Nacional de San Juan (UNSJ)	2016
Mestrado	Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires (UNICEN)	

Fonte: Autor (2025)

No caso argentino, podemos observar uma presença mais enfática dos programas de Ciências Sociais vinculados ao CLACSO, o que também reflete uma inserção maior desse conselho nos países hispanófonos. Pode-se observar também que há alguma diferença em relação aos programas brasileiros devido à existência de áreas particulares de especialização (menção/orientação), o que dá maior especificidade à formação ofertada. É importante considerar, como já indicado anteriormente, que os programas em Ciências Sociais na Argentina abarcam um número maior de disciplinas, o que também pode ajudar a explicar o maior número de programas

vinculados ao CLACSO.

Também é relevante enfatizar novamente que as Ciências Sociais no Brasil se marcam por uma interdisciplinaridade mais restrita, ainda que tenha havido um crescente número de programas de pós-graduação que têm expandido essa fronteira, incorporando outras disciplinas além da Antropologia, Ciência Política e Sociologia. Como indicam Lima e Cortes (2013, p. 427-428):

> A criação de programas de pós-graduação em Ciências Sociais ou com composições envolvendo duas das disciplinas básicas, ou mesmo organizados em "temas" intensificou-se ao longo das duas últimas décadas. O modelo mais clássico pode envolver formação teórico-metodológica nas três disciplinas, e formação específica em uma das três áreas, através de engajamento em áreas de concentração ou linhas de pesquisa voltadas para uma das disciplinas básicas, as quais geralmente tratam da "cultura", no caso da Antropologia, de "sociedade, organização social, mudança social", quando se referem à Sociologia, ou de "política, participação e movimentos sociais", ao abordarem temas da Ciência Política. Outro modelo de Programa de Ciências Sociais, organizado ora em uma perspectiva mais interdisciplinar, ora mais disciplinar, é aquele que se estrutura em torno de temas, tais como a violência, defesa da cidadania, questão racial, gênero, sexualidade, entre outros.

Essa tendência se encontra consolidada na Argentina, uma vez que os programas de Ciências Sociais possuem um forte diálogo interdisciplinar com diferentes áreas do saber, principalmente com disciplinas afins como história, geografia, demografia etc. Ademais, também no contexto argentino, encontramos de forma mais recorrente programas de Ciências Sociais com áreas de concentração claramente delimitadas.

Um elemento importante que deve ser considerado na comparação entre os dois países é o fato de que, no Brasil, predominam as graduações interdisciplinares em Ciências Sociais e as pós-graduações disciplinares, ao passo que, na Argentina, as graduações tendem a ser disciplinares, havendo de forma recorrente programas (especialmente de doutorado) interdisciplinares. Essas distintas formas de organização dos cursos em Ciências Sociais explicam, em parte, por que há mais pós-graduações argentinas vinculadas ao CLACSO, uma vez que, na Argentina, predominam programas de pós-graduação em Ciências Sociais, ao invés de programas específicos como Sociologia, Antropologia etc.

Ainda com relação aos cursos de graduação interdisciplinares em

Ciências Sociais no Brasil, efetivamente, esses cursos historicamente possuem uma forte proximidade com outras disciplinas, tais como história e geografia, porém, ao longo do tempo, houve uma crescente especialização a partir da Antropologia, da Ciência Política e da Sociologia. Um dado significativo desse distanciamento é que os licenciados em Ciências Sociais, até o final dos anos de 1990, poderiam ensinar História e Geografia no ensino fundamental; atualmente, eles são habilitados para lecionar exclusivamente sociologia.

O ensino de Ciências Sociais na pós-graduação

Para compreendermos melhor esse mapeamento da formação pós-graduada em Ciências Sociais na Argentina e no Brasil, é relevante compreendermos também como esses cursos se organizam internamente. Notadamente, além de disciplinas obrigatórias, há também cursos optativos, que se vinculam normalmente às áreas de especialização dos estudantes. Porém, para este trabalho, examinaremos apenas quais as disciplinas obrigatórias que constam nos currículos dos cursos de mestrado e doutorado em Ciências Sociais.

É importante considerar que é através do ensino que ocorre o processo de rotinização do conhecimento acadêmico, portanto, compreendo que, ao examinarmos o ensino dessas ciências, também estamos examinando as dinâmicas e hierarquias existentes em determinado campo acadêmico (Oliveira, 2019b). As disciplinas obrigatórias de cada curso de pós-graduação refletem, portanto, determinadas concepções sobre quais os conhecimentos são considerados fundamentais para a formação avançada de pesquisadores nas Ciências Sociais.

Abaixo, apresentarei sinteticamente as disciplinas indicadas como obrigatórias nos cursos pós-graduados de Ciências Sociais no Brasil e na Argentina[8].

[8] As informações abaixo resultam de consulta realizada nos *sites* desses cursos entre setembro e outubro de 2022.

QUADRO 3 - DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS EM PROGRAMAS DE CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL

Instituição	Disciplinas obrigatórias
Unb	Sociedade, cultura e política nas Américas Paradigmas em Ciências Sociais Teoria e métodos em Ciências Sociais (4 créditos) Seminário de Elaboração de Dissertação I Seminário de Elaboração de Dissertação II
UERJ	Teoria Social I, II, III ou IV; Metodologia de Pesquisa: Metodologia I ou Metodologia II
UNESP	Não há disciplinas obrigatórias
UFRRJ	Teorias e Metodologias das Ciências Sociais Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais Epistemologia das Ciências Sociais Seminários de Doutorado
UNICAMP	Não há disciplinas obrigatórias;
PUC São Paulo	Antropologia Política Sociologia Seminário de Pesquisa
PUC Minas	Teoria Antropológica Teoria Política Teoria Sociológica Metodologia da Pesquisa Científica Espaço e Sociedade Metodologia das Ciências Sociais Seminário de Tese;
PUC RS (Organizações, Cultura e Democracia)	Não há disciplinas obrigatórias

Fonte: Autor (2025).

Um primeiro elemento que é possível perceber da estrutura curricular dos cursos de Ciências Sociais brasileiros é que eles replicam a articulação entre Antropologia, Ciência Política e Sociologia, ainda que possa haver disciplinas mais amplas que recorrem à nomenclatura de Ciências Sociais ou de Teoria Social. Outra questão relevante diz respeito ao fato de que, mesmo quando os programas indicam possuir uma área de concentração, isso não significa que as disciplinas obrigatórias sejam mais específicas, elas continuam voltadas para uma formação teórica e metodológica mais geral.

Mesmo no caso da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, que

possui um programa de pós-graduação em Ciências Sociais, Agricultura e Sociedade, não há disciplinas específicas obrigatórias voltadas para essa temática. Notadamente, há disciplinas eletivas voltadas para os estudos rurais, assim como áreas de pesquisa no programa que tendem a articular os projetos de pesquisa nesta temática. Com isso, quero dizer que, tendencialmente, observamos que os programas de pós-graduação em Ciências Sociais brasileiros articulam suas áreas de concentração a partir de disciplinas eletivas e áreas de pesquisa, produzindo uma agenda de pesquisa a partir desses recursos.

Lima e Cortes (2013) chamam a atenção para o fato de que há uma significativa diversidade de áreas de pesquisa nos programas de pós-graduação brasileiros e que, nestas áreas de pesquisa, pode haver ainda um amplo número de temáticas. Ainda segundo estes autores, a interdisciplinaridade existente nas Ciências Sociais brasileiras pode ser demonstrada pelo fato de que a maior parte das áreas de pesquisa poderia ser classificada como pertencente a diferentes grupos temáticos, ainda que alguns sejam mais recorrentes, como "estado, políticas, instituições e democracia", "identidade, raça, gênero, nacionalidade, migrações" e "cultura".

QUADRO 4 - DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS EM PROGRAMAS DE CIÊNCIAS SOCIAIS NA ARGENTINA

Instituição	Fundação
FLACSO	Taller de Tesis I, II e III Seminario de actualización metodológica Seminario obligatorio de actualización teórica y de investigación
FLACSO	Historia agraria Sociología rural Economia agraria Metodología de la investigación Taller de tesis
FLACSO	El contexto socio-político y los aportes de las ciencias sociales para su análisis; Los sistemas educativos en la modernidad Aspectos metodológicos y recursos para la investigación social y educativa Sociología de la Educación

	Políticas educativas en Argentina y América Latina Curriculum Economía y planeamiento educativo
Universidade Nacional de Córdoba (UNC)	Teoría Sociológica I Teoría Política I Metodología de la Investigación Social I Economía Política I Teoría Sociológica II Teoría Política II Metodología de la Investigación Social II Economía Política II
Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social (IDES)/Universidade Nacional General Sarmiento	Lecturas en Ciencias Sociales I, II, III y IV; Tres Talleres de Investigación
Universidade Nacional do Cuyo (UNCUYO)	Taller doctoral I Taller doctoral II Taller de producción escrita; Taller de investigación inicial; Taller de investigación avanzado;
Universidade de Buenos Aires (UBA)	Taller de tesis Seminarios de epistemologías y metodologías Seminarios de teoría política y social
Universidade Nacional de Quilmes (UNQ)	Teorías Contemporáneas de la Cultura Historiografía Teorías de la Comunicación Teoría Social Contemporánea Filosofía Política Contemporánea Taller I y II
Universidade Nacional de Córdoba (UNC)	Teoría Sociológica I Teoría Política I Metodología de la Investigación Social I Economía Política I Teoría Sociológica II Teoría Política II Metodología de la Investigación Social II Economía Política II
Universidade Nacional de la Plata (UNLP)	Teoría social contemporánea (36 horas) Análisis de la política contemporánea (36 horas) Estudios culturales (36 horas) Economía (36 horas) Territorio y sociedad (36 horas) Seminario de Tesis (36 horas) Metodología y técnicas de la investigación social (52 horas) Taller de Tesis

Universidade Nacional de Entre Rios (UNER)	Sistemas políticos comparados en América Latina Estructura social en América Latina Corrientes epistemológicas clásicas y contemporáneas en Ciencias Sociales Problemas de la historia sociopolítica y económica de América Latina Problemáticas actuales de las Ciencias Sociales Seminario de tesis
Universidade Nacional de San Juan (UNSJ)	Não tem cursos obrigatórios
Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires (UNICEN)	Teoría y práctica de la política Fundamentos de Economía Teoría Social Análisis de las organizaciones Problemas políticos y económicos de la Argentina Contemporánea Metodología de la Investigación

Fonte: Autor (2022).

No caso dos programas argentinos, há uma maior diversidade interna das disciplinas obrigatórias para a formação de mestres e doutores em Ciências Sociais. Inclui-se nessa formação um rol de disciplinas teóricas e metodológicas, tal como existem nos programas brasileiros. Há um dado interessante que deve ser destacado: a Antropologia não consta como disciplina obrigatória em nenhum desses programas, o que reflete uma organização departamental recorrente na Argentina, na qual a Antropologia situa-se nas Faculdades de Letras e Humanidades. Por outro lado, a Economia, que não consta em nenhum programa de pós-graduação brasileiro como disciplina obrigatória, surge recorrentemente como disciplina considerada básica para a formação avançada de pesquisa nas Ciências Sociais argentinas.

Um fator relevante a ser considerado é a forma como as Faculdades de Ciências Sociais se organizam na Argentina, agregando não apenas a Sociologia e a Ciência Política, como também o que no Brasil é considerado do campo das Ciências Sociais aplicadas, como a Economia, Ciências da Comunicação e Serviço Social. Essa diferença organizativa implica a elaboração de diferentes arranjos institucionais, assim como um alargamento não apenas do que se considera como Ciências Sociais, mas também do que se considera teoria social, uma vez que as disciplinas de

teoria social no Brasil restringem-se à Antropologia, Ciência Política e Sociologia.

Deve-se destacar também que, entre os cursos argentinos, há uma maior presença de disciplinas que desenvolvem um conjunto de reflexões situadas no contexto nacional e latino-americano, algo que não ocorre nos cursos brasileiros, à exceção do curso da UnB, cuja área de concentração é "Estudos comparados sobre as Américas". Isso pode refletir a existência de uma maior integração da pesquisa nas Ciências Sociais argentinas com a agenda de pesquisa desenvolvida nos demais países latino-americanos, o que é facilitado pela questão linguística.

Por fim, cabe mencionar que, no caso dos programas que possuem uma área definida, como estudos rurais ou educação, além de disciplinas teóricas mais gerais, há também disciplinas específicas que são consideradas de formação básica, tais como sociologia rural e sociologia da educação. Isso significa que, no caso de cursos com áreas de concentração, há uma formação mais específica que no caso brasileiro, ao menos se considerarmos as disciplinas obrigatórias.

Considerações finais

Este trabalho buscou realizar algumas aproximações iniciais na comparação entre a formação pós-graduada em Ciências Sociais na Argentina e no Brasil, buscando captar singularidades de cada caso e elementos em comum. Observou-se que, enquanto, no caso brasileiro, há uma concepção mais restrita de Ciências Sociais, que se reflete também na organização curricular dos cursos, na Argentina, existe uma concepção mais ampla de tais ciências, ainda que a Antropologia ganha um menor espaço em relação à realidade acadêmica no Brasil, o que pode indicar um reconhecimento mais consolidado da Antropologia como ciência social no Brasil (Peirano, 2000). Do mesmo modo, considerando a formação disciplinar ofertada pelos cursos argentinos, a Economia se destaca como uma ciência social central na formação de pesquisadores nesta área.

O maior número de programas de Ciências Sociais argentinos utilizados nessa pesquisa reflete tanto o recorte utilizado nesta pesquisa,

uma vez que o CLACSO possui uma presença acadêmica mais significativa na Argentina e nos países hispanofalantes de modo geral, como também o fato de que a formação pós-graduada interdisciplinar também é mais presente nesse país. No Brasil, por sua vez, observou-se nos últimos anos um movimento de disciplinarização dos programas de Ciências Sociais, em muitos casos, extinguindo-se cursos de pós-graduação em Ciências Sociais e dando origem a novos cursos em antropologia, sociologia e ciência política, o que reflete o próprio processo de autonomização dessas disciplinas (Oliveira *et al.*, 2021).

Também observou-se que, no caso brasileiro, a existência de áreas de concentração não implica necessariamente em alterações significativas no currículo considerado básico para a formação pós-graduada em Ciências Sociais, ao passo que, na Argentina, as áreas de concentração possuem um peso mais significativo, refletindo-se sobre quais disciplinas são consideradas fundamentais.

A trajetória das Ciências Sociais nos dois países encontra diversas características singulares, apesar da proximidade e da circulação de pesquisadores. Esse exercício comparativo nos ajuda a destacar a diversidade das Ciências Sociais na região, demonstrando que, mesmo em periferias acadêmicas (como a América Latina é compreendida), há movimento intenso de pesquisadores e instituições que as dinamizam.

Referências

BARREIRA, Irlys; CORTES, Soraya Maria V.; LIMA, Jacob Carlos. A sociologia fora do eixo: diversidades regionais e campo da pós-graduação no Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 6, n. 13, p. 76-103, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.20336/rbs.259

BEIGEL, Fernanda. (ed.). **The politics of academic autonomy in Latin America**. Londreson: Routledge, 2016.

BEIGEL, Fernanda. Publishing from the periphery: Structural heterogeneity and segmented circuits. The evaluation of scientific publications for tenure in Argentina's CONICET. **Current sociology**, v. 62, n. 5, p. 743-765, 2014.

BEIGEL, Fernanda. La Flacso chilena y la regionalización de las ciencias sociales en América Latina (1957-1973). **Revista Mexicana de Sociología**, v. 71, n. 2, p. 319-349, 2009.

BLOIS, Juan Pedro. La institucionalización y profesionalización de la sociología en Brasil y Argentina. Formación, organización e intervención de los sociólogos. **Estudios Sociológicos**, v. 33, n. 99, p. 633-658, 2015.

BLOIS, Juan Pedro. O CLAPCS e o desenvolvimento das ciências no Rio de Janeiro. **Caderno CRH**, v. 34, p. 1-18, 2022.

CUTRONI, Anabella A. El poder simbólico de la UNESCO en América Latina sobre el vínculo FLACSO-UNESCO. **História da Educação**, v. 22, p. 244-259, 2018.

DWYER, Tom; OLIVEIRA BARBOSA, Maria Ligia; BRAGA, Eugenio. Esboço de uma morfologia da sociologia brasileira: perfil, recrutamento, produção e ideologia. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 1, n. 2, p. 147-178, 2013. Disponível em: https://doi.org/10.20336/rbs.46

EMILIOZZI, Sergio. La inserción laboral de los y las profesionales con doctorado en Ciencias Sociales en Argentina. **RevIISE: Revista de Ciencias Sociales y Humanas**, v. 17, n. 17, p. 159-178, 2021. Disponível em: https://ojs.unsj.edu.ar/index.php/reviise/article/view/550

EMILIOZZI, Sergio; UNZUÉ, Martin. Mercado laboral local y demandas de internacionalización de doctores (as) en ciencias sociales en Argentina. **Revista mexicana de investigación educativa**, v. 26, n. 91, p. 1143-1166, 2021.

GARRETÓN, Manuel Antonio; MURMIS, Martín; DE SIERRA, Gonzalo; TRINDADE, Helgio. Social sciences in Latin America: a comparative perspective – Argentina, Brazil, Chile, Mexico and Uruguay. **Social Science Information**, v. 44, n. 2-3, p. 557-593, 2005.

JIMENO, Myriam. La emergencia del investigador ciudadano: estilos de antropología y crisis de modelos en la antropología colombiana. *In*: Tocancipá, J. (ed.). **La formación del Estado Nación y las disciplinas sociales en Colombia**. Popayán: Taller editorial; Universidad del Cauca, 2000. p. 157-190.

JIMENO, Myriam. La vocación crítica de la antropología en Latinoamérica. **Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología**, n. 1, p. 43-65, 2005. Disponível em: https://doi.org/10.7440/antipoda1.2005.03

LIEDKE FILHO, Enno D. A sociologia no Brasil: história, teorias e desafios. **Sociologias**, v. 7, n. 14, p. 376-437, 2005. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1517-45222005000200014

LIMA, Jacob Carlos; CORTES, Soraya Maria V. A sociologia no Brasil e a interdisciplinaridade nas ciências sociais. **Civitas-Revista de Ciências**

Sociais, v. 13, n. 3, p. 416-435, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.15448/1984-7289.2013.3.16522

LIPPI OLIVEIRA, Lúcia. Diálogos intermitentes: relações entre Brasil e América Latina. **Sociologias**, v. 7, n. 14, p. 110-129, 2005. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1517-45222005000200006

MAIO, Marcos C. UNESCO and the study of race relations in Brazil: regional or national issue?. **Latin American Research Review**, v. 36, n. 2, p. 118-136, 2001. Disponível em: https://doi.org/10.1017/S0023879100019014

MICELI, Sérgio. Condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais. In: MICELI, Sergio (Org.). **História das Ciências Sociais no Brasil Vol. 1**, São Paulo: Editora Sumaré.

OLIVEIRA, Amurabi. Arthur Ramos (1903-1949): chefe do Departamento de Ciências Sociais da Unesco. **Antropolítica**, n. 47, p. 371-189, 2019a. Disponível em: http://dx.doi.org/10.22409/antropolitica2019.0i47.a42068

OLIVEIRA, Amurabi. Arthur Ramos e a rotinização da Antropologia através de seu ensino. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, v. 19, n. 3, p. 659-674, 2019b. Disponível em: https://doi.org/10.15448/1984-7289.2019.3.28480

OLIVEIRA, Amurabi. Revisitando a história do ensino de Sociologia na Educação Básica. **Acta Scientiarum. Education**, v. 35, n. 2, p. 179-189, 2013. Disponível em: https://doi.org/10.4025/actascieduc.v35i2.20222

OLIVEIRA, Amurabi. Social Sciences in Brazil: From a Broad Interdisciplinarity to a Restricted Interdisciplinarity. **Global Perspectives**, v. 4, n. 1, p. 1-16, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1525/gp.2023.87794

OLIVEIRA, Amurabi; ENGERROFF, Ana Martina; SILVA, Camila Ferreira; SANTOS, Beatriz M. A trajetória da ciência política no Brasil e a sua autonomização: uma análise a partir dos programas de pós-graduação. **Pro-Posições**, v. 32, e20190059, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1980-6248-2019-0059

OLIVEIRA, Amurabi; MELO, Marina F.; PEQUENO, Mayres; RODRIGUES, Quemuel. O perfil dos bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq em Sociologia. **Sociologias**, v. 24, n. 59, p. 170-198, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1590/15174522-106022

PEIRANO, Mariza. A antropologia como ciência social no Brasil. **Etnográfica**, v. 4, n. 2, p. 219-232, 2000.

STAVENHAGEN, Rodolfo. FLACSO, CLACSO y la búsqueda de una sociología latinoamericana. **Perfiles latinoamericanos**, v. 22, n. 43, p. 7-17, 2014.

TRINDADE, Hélgio. **Uma longa viagem pela América Latina:** invenção, reprodução e fundadores das ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2021.

UNZUÉ, Martín; ROVELLI, Laura Ines. Expectativas laborales, movilidad e inserción de personas recientemente doctoradas en el área de Ciencias Sociales en Argentina. **Pensamiento Universitario**, n. 19, p. 38-51 2020.

Revista Novos Rumos Sociológicos | vol. 14 n. 25 | Jan/Jul/2026
Artigo recebido em 24-03-2025 | Aprovado em 26-02-2026
ISSN: 2318-1966

ARTIGO

CUT: PANORAMA DO SETOR PÚBLICO MUNICIPAL E DESAFIOS DE RENOVAÇÃO SINDICAL

CUT: An overview of the Municipal Public Sector and union renewal challenges

Fernanda Forte de Carvalho[1]

Jonas Tomazi Bicev[2]

Resumo

Neste artigo, apresentamos um panorama sindical a respeito da inclusão do setor público na Central Única dos Trabalhadores (CUT), com ênfase no setor municipal, mais especificamente dos sindicatos da Confederação dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal (CONFETAM/CUT). Para tanto, recuperamos aspectos da história e os principais momentos de atuação sindical dos servidores públicos municipais. Além disso, o estudo se utiliza dos resultados de um *survey* setorial online realizado com 215 lideranças da CONFETAM no ano de 2021. Considerando a diversidade ocupacional das categorias representadas, o estudo revelou uma dificuldade da entidade em representar os trabalhadores celetistas e temporários do setor público, ampliar o engajamento dos jovens e superar a crise sindical, agravada com a Reforma Trabalhista de 2017. Na conclusão, apresentamos alguns desafios de renovação direcionados ao sindicalismo Municipal ligado a CUT.

Palavras-chave: CUT; Setor público; Sindicalismo municipal.

Abstract

In this article, we present a trade union overview regarding the inclusion of the public sector in the Central Única dos Trabalhadores – CUT (Unified Workers Central in Brazil) with an emphasis on the municipal sector, more specifically the unions in the Confederation of Municipal Public Service Workers (CONFETAM/CUT). For this purpose, we recover aspects of the history and the main moments of union activity by municipal public workers. Furthermore, the study uses the results of an online sector survey conducted with 215 CONFETAM leaders in 2021. Considering the occupational diversity of the categories represented, the study revealed the entity's difficulty in representing workers under CLT and temporary workers, increasing youth engagement, and overcoming the union crisis, which was aggravated by the 2017 Labor Reform. In conclusion, we present some challenges for renewal directed at municipal unionism linked to the CUT.

Keywords: CUT; Public sector; Municipal unionism.

[1] Professora Adjunta, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Londrina (UEL). Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7662-8502. E-mail: fernandaforte@uel.br.

[2] Sociólogo e pesquisador do Núcleo do Desenvolvimento e Núcleo de Etnografias Urbanas do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap). Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7449087X. E-mail: jonasbicev@gmail.com.

Introdução

As mudanças na conjuntura político-econômica brasileira e no arcabouço legal ou jurídico trabalhista têm gerado dificuldades à mobilização e à organização coletiva promovida pelos sindicatos. Essa fragilidade, que se expressa de forma mais tardia no sindicalismo brasileiro, nos países centrais, teve início a partir do final dos anos 1960, resultante da decomposição dos esquemas ideológicos – respaldados, em grande medida, numa representação da sociedade em termos de classes sociais – e das contínuas renovações do capitalismo, que foram acompanhadas por transformações profundas no tecido produtivo, novas formas de gestão da produção e da força de trabalho, transferência do emprego para o setor de serviços, dentre outras ações que atingiram segmentos com tradição em sindicalização, com tendência de precarização das relações de trabalho e de suas instituições (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2020). Essa visão é corroborada por Bernaciak *et al.* (2014), que agregam aos fatores de crise sindical a escassez de recursos financeiros próprios, a carência de legitimidade pública, a ausência de um quadro de sócios comprometidos com os sindicatos e o envelhecimento das bases sindicais, que, em seu conjunto, têm como principal consequência a fragilização dos sindicatos, que se encontram com dificuldades para desafiar os rumos das políticas neoliberais e agir em defesa dos direitos dos trabalhadores.

No país, em 2016, a partir da aprovação do *impeachment* que destituiu Dilma Rousseff da Presidência da República, foram aprovadas pelos Governos de Michel Temer (2016-18) e de Jair Bolsonaro (2019-22) importantes medidas, tais como: a Emenda Constitucional nº 95, responsável pelo congelamento dos gastos públicos não financeiros por 20 anos; a Reforma Trabalhista (Lei 13.467 de 2017); a liberalização da terceirização (Lei 13.429/2017); e a Reforma da Previdência (EC 103/2019). Ampliaram-se as modalidades flexíveis e temporárias de contratação de trabalho, desconstruindo direitos e a proteção social, instituindo um padrão de regulação social do trabalho de viés liberal (DIEESE, 2017; GALVÃO *et al.*, 2017; KREIN, 2018; OLIVEIRA *et al.*, 2019). Além disso, com a pandemia de Covid-19, houve redução das atividades econômicas e ampliaram-se as ações

sindicais defensivas (como o apoio às políticas de redução da jornada e salários e ao Auxílio Emergencial aos desempregados), evidenciando as fragilidades do movimento sindical brasileiro.

Em resposta à crise sindical, cresce entre as lideranças da CUT o discurso voltado a *revitalização*, *renovação* ou *reorganização* da estrutura organizativa por meio da inclusão de trabalhadores jovens, LGBTQIA+, precários, terceirizados etc. Tal postura corresponde a tentativas de reagir não apenas às reformas, como também ao enfraquecimento da capacidade de regulação sindical no país. Nesse sentido, uma mediação possível que visa apreender os contextos de crise e as respostas sindicais emergentes provém dos estudos sobre revitalização do trabalho (*Labour Revitalization Studies*), mais especificamente das abordagens sobre os recursos de poder sindical (*Power resources approuch*), dentre as quais citamos: Behrens *et al.* (2004), Costa *et al.* (2020), Fichter *et al.* (2018), Frege e Kelly (2004), Korpi (1983).

De maneira sintética, para esses autores, o sindicalismo no Sul e Norte global vem acionando os seus recursos de poder a fim de responder estrategicamente às mudanças no mundo do trabalho. Entretanto, fatores como as competências sindicais, os arranjos institucionais e as oportunidades econômicas, políticas e organizacionais em cada país exercem influência sobre a capacidade dos sindicatos de transformar ameaças em oportunidades (KLOOSTERBOER, 2008). No Brasil, a abordagem dos recursos de poder vem sendo aplicada, por exemplo, em análises sobre a ação da CUT no período dos governos do PT (2003-16) (KREIN; DIAS; 2018; SILVA, 2023) e em setores de vanguarda da CUT, como na pesquisa sobre a ação do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC (SMABC) no que tange aos efeitos das mudanças introduzidas pela Indústria 4.0 (ARAUJO, 2020).

O objetivo deste artigo é, portanto, destacar o efeito de algumas dessas transformações no sindicalismo do setor público municipal brasileiro, a partir de um estudo de caso: uma análise das percepções de 215 lideranças sindicais sobre os desafios recentes e as estratégias adotadas. Nesse sentido, considerando algumas similaridades e aproximações possíveis entre os

modelos de sindicalismo presentes nos países do sul da Europa[3] (ênfase no caso português) e no Brasil, ao analisar o perfil setorial desse segmento, na medida do possível, abordaremos a tipologia dos *recursos de poder* de Costa *et al.* (2020), que se embasa no reforço do *poder estrutural* associado à capacidade dos sindicatos de restringir a valorização do capital, o qual está relacionado à posição que os trabalhadores ocupam no mercado de trabalho ou no processo produtivo; *poder associativo*, associado a eficiência organizativa, participação, coesão interna, novas filiações (organizações e sócios); *poder institucional*, associado à capacidade de representação dos trabalhadores nas negociações coletivas e na arena política, sendo influenciado pelas condições econômicas, jurídicas e o quadro político em vigor; *poder societal*, que remete à cooperação com outros movimentos sociais e organizações e está ligado à capacidade dos sindicatos de influenciarem com algum sucesso o discurso público e agendas estratégicas.

A ação do ramo municipal ligado à Confederação dos Trabalhadores do Serviço Municipal da CUT (CONFETAM) tem sido pouco pesquisada, pois têm tido mais predominância as análises sobre o conjunto do macrossetor serviço público[4], que, além dessa entidade, na CUT, também é constituído pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), Confederação Nacional dos Trabalhadores em Seguridade Social (CNTSS), Confederação dos Trabalhadores no Serviço Público Federal (CONDSEF), reunindo trabalhadores da administração direta, indireta do serviço público nas esferas Federal, Estadual e Municipal.

A atuação dos servidores públicos filiados à CUT tem sido objeto de pesquisas no campo da Sociologia do Trabalho. Nesse sentido, vale citar Silva (2001, 2018), Gindin (2013), Nogueira (2005) e Pina *et al.* (2006). Esses autores abordam desde a incorporação desse segmento à central a partir dos anos de 1980 e, em especial a partir da década de 1990, os seus avanços nas instâncias decisórias e nas ações de resistência; à reforma administrativa no

[3] Principais características dos países do sul da Europa: industrialização tardia, setor agrícola forte, alto percentual de trabalhadores por conta própria, práticas antissindicais, passaram por ditaduras, movimento operário ideologicamente dividido, primado do legislado sobre o negociado, baixa sindicalização (COSTA *et al*., 2020).
[4] Atualmente, na CUT, vigoram estratégias organizativas por ramos de atividade econômica (total de 17 ramos) e por macrossetores, a saber: Indústria; Comércio, Serviços e Logística; Rural e Serviço Público (CUT, 2012).

governo FHC (1995-2002); à reforma da previdência no governo Lula (2003-2010); à criação da Funpresp no governo Dilma (2011-2016); à reforma trabalhista no governo Temer (2016-2018); à reforma da Previdência aprovada no governo Bolsonaro (2019-2022). Nos congressos CUT (CONCUT), a participação do macrossetor do serviço público[5] saltou de 42,6% em 2009 para 46,9% em 2019 (CUT, 2010a, 2020).

Contudo, neste artigo, prioriza-se a análise do segmento Municipal[6], que é o segundo maior em número de sindicatos e o terceiro em número de sócios da central, possuindo uma taxa média de sindicalização de 31% (ou seja, 31% de sindicalizados em relação ao total de servidores municipais) (CUT, 2017). O reconhecimento formal desse ramo ocorreu no 9º CONCUT (2006), momento em que, "a CUT reconhece, no âmbito municipal, a equivalência entre o ramo de atividade e a esfera de contratação nos serviços públicos e garante a liberdade de opção do servidor municipal quanto à sua representação e organização" (CUT, 2006, p. 82). Desde então, a central vem expondo um discurso de superação das disputas internas envolvendo as representações de servidores públicos das três esferas. Em suas teses, aparentemente, a CUT reconhece a necessidade de organização e reforço dos atuais e novos sindicatos municipais como parte de um processo de *renovação sindical*, na medida em que tais entidades podem intervir nas eleições, nos orçamentos municipais, nas mídias locais e nas redes sociais dialogando com a sociedade e cobrando a valorização da categoria, como meio estratégico para a efetividade das políticas públicas defendidas pela CUT (CUT, 2006, 2012, 2015, 2019).

Na primeira seção, apresentamos algumas notas sobre a inclusão e o peso do setor público na CUT, com ênfase no setor municipal, bem como identificamos as suas principais pautas. Na segunda seção, discutimos aspectos da composição setorial e do vínculo de trabalho dos servidores da

[5] No 13º Congresso da CUT, os delegados (excluindo aposentados e a opção "sem resposta") distribuíram-se nos demais macrossetores da seguinte forma: Rural (12,3%), Comércio, Serviços e Logística (25,1%) e Indústria (12,6%) (CUT, 2020).

[6] Os dois maiores ramos da CUT em número de sindicatos são o Rural e o Municipal (1487 e 833 sindicatos, respectivamente), contudo quando se trata do número de sócios (base sindicalizada), o ramo rural mantém-se na dianteira com 3.775.744 sócios (35% taxa média de sindicalização), seguido pela educação, com 136 sindicatos concentrando 928.801 sócios (49% taxa média de sindicalização), e pelo ramo municipal, que figura em terceiro lugar com 441.335 sócios (30% taxa média de sindicalização) (CUT, 2017).

Administração Pública, Defesa e Seguridade Social do Estado brasileiro, comparando as informações extraídas dos Relatórios Anuais de Informações Sociais, do Ministério do Trabalho e do Emprego (RAIS-MTE) com as informações extraídas de um *survey* setorial *online*, realizado entre 29 de março e 20 de maio de 2021, com 215 lideranças da CONFETAM. A partir deste *survey*, conduzido pelos autores com a colaboração dos sindicalistas de 21 Unidades da Federação, identificam-se as características organizacionais dos sindicatos da CONFETAM e o posicionamento de suas lideranças em relação às mudanças introduzidas pela Reforma Trabalhista de 2017 e as perspectivas de aprovação de uma Reforma Administrativa. Por fim, na conclusão deste artigo, indicamos alguns desafios direcionados ao sindicalismo Municipal ligado a CUT.

O setor público municipal na trajetória da CUT

Dentre as mobilizações pela abertura democrática, exigindo o fim do regime militar e ditatorial (1964 a 1985), o ano de 1978 foi um marco no processo de organização do novo sindicalismo oriundo do campo e da cidade (setor público e privado). Vale dizer que, nesse período, houve uma explosão grevista sem precedentes na história das lutas sociais em nosso país, sendo que a greve ocorrida na fábrica Saab Scania do Brasil, em maio de 1978, é considerada o momento em que o novo sindicalismo (agrupamento de sindicalistas responsáveis pela criação da CUT) emerge na cena política do país, principalmente por meio da ação do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo.

Nascimento *et al.* (2023) destacam como fatos decisivos para a criação da CUT o crescimento dos movimentos sociais; o surgimento das oposições sindicais com ênfase no papel da Oposição Sindical dos Metalúrgicos de São Paulo; a anistia em 1979 e a articulação com o sindicalismo europeu por meio do retorno dos exilados; a realização, em 1980, do Encontro Nacional dos Trabalhadores em Oposição à Estrutura Sindical (ENTOES) com o apoio da Igreja Católica e das Pastorais; e a realização da Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras (CONCLAT) em 1981. Daí, criaram-se as bases para o exercício da democracia no país e a fundação de instituições como o Partido

dos Trabalhadores (PT), em 1980, a Central Única dos Trabalhadores (CUT), em 1983, e o Movimento Sem Terra (MST), em 1984.

Na esteira dessas mobilizações, Nogueira (2005) destaca a emergência do sindicalismo no Estado (1978-1988), período em que as representações dos servidores públicos deram início a uma importante transição de forma, ou seja, era a passagem das associações tradicionais (assistenciais e prestadoras de serviços jurídicos e financeiros) para associações de caráter sindical, combativas e de oposição política ao regime militar. No final dos anos 1970, as grandes greves de professores paralisaram as redes estaduais de ensino nos estados de São Paulo, Paraná, Brasília, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Logo, essas ações são consideradas um marco no movimento de expansão de assalariados da classe média no setor público, que possui a especificidade de manter organizações sindicais com relativa autonomia organizativa frente aos pilares da estrutura sindical oficial (NOGUEIRA, 2005). Recorde-se de que a estrutura sindical brasileira, desde a década de 1940, convive com a integração do sindicato marginal ao Estado para o sindicato integrado na própria instituição do Estado (SIMÃO, 2012), assentando-se na recolha do imposto sindical (extinto com a reforma trabalhista em 2017), na unicidade (que veda a criação de mais de uma entidade na mesma base territorial) e no reconhecimento legal, cujas regras atuais constam na Portaria nº 3.472, que institui os procedimentos para o registro das entidades sindicais no Ministério do Trabalho.

No caso brasileiro, o nítido crescimento do movimento grevista e sindical pôs em xeque a ordem de obediência e as suas regras relativamente estáveis que, periodicamente, disciplinam os funcionários públicos a prestar contas aos membros superiores ocupantes dos cargos da administração burocrática (WEBER, 1982). Isso era visível a partir da transição servidor-trabalhador (NOGUEIRA, 2005), que, em um contexto de crise política e econômica, experimentou a prática da liberdade sindical, ainda que o direito de greve e de formar sindicatos oficiais tenha sido reconhecido somente com a aprovação da Constituição de 1988.

Em meio às greves e às lutas pela democratização do país, houve a articulação das lutas dos funcionários públicos na sociedade e no interior da

CUT a partir da ação das categorias profissionais (professores, médicos, funcionários da administração pública em geral etc.), e não pela consolidação de um ramo exclusivo dos trabalhadores do setor público reunindo as esferas municipal, estadual e federal, conforme propugnado nas resoluções do 2º CONCUT (1986). Esse resultado pode estar associado à própria trajetória do sindicalismo no setor público brasileiro, que, após a Constituição de 1988, conquistou o direito à livre associação sindical e deu vida a um tipo de pluralidade organizatória com o qual convivem categorias heterogêneas nas suas formas de contratação (estatutário, celetista, comissionado etc.) e em seus regimes de previdência, pulverizados entre as velhas associações e os novos sindicatos (NOGUEIRA, 2005). A composição social interna, porém, revelava o perfil de classe média das lideranças do novo sindicalismo ligado à CUT (RODRIGUES, 1990), que encontrou nessa central uma liga de sustentação dessas lutas sociais oriundas dos setores público, privado e do meio rural (ANTUNES, 1995; NOGUEIRA, 2005).

Vale lembrar que, a partir da abertura democrática nos anos 1980, consagrada pela Constituição de 1988, reconstruíram-se as bases dos Estados federativos no Brasil, dando início a um processo descentralização das políticas sociais (saúde, habitação, saneamento básico, assistência social e educação fundamental), transferindo a gestão para os níveis estaduais e/ou municipais de governo (ARRETCHE, 1998). Para isso, a aprovação da Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS), em 1993, foi de fundamental importância para que, a partir de 1995, o Governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC) adotasse uma orientação decisiva para a municipalização das políticas e serviços de bem-estar social. Embora esse movimento tenha recebido o apoio dos executivos estaduais, de acordo com Arretche (1998), a situação do país era marcada pela existência de uma "esmagadora maioria de municípios pequenos, com reduzida densidade econômica, dependentes de transferências fiscais e sem tradição administrativa e burocrática" (ARRETCHE, 1998, p. 5).

Em resposta a esse contexto de crise fiscal e dificuldade de financiamento das prefeituras, a partir de meados dos anos de 1990, viu-se a ascensão do segmento municipal na CUT. Como resultado desse movimento,

em novembro de 1995, ocorreu o 1º Encontro Nacional dos Servidores Públicos Municipais, com a participação de 62 delegados, representando 22 sindicatos filiados à CUT (CUT, 2002). Dentre as suas deliberações, constou a criação da CONFETAM, que ganhou forma (estatuto) na ocasião de um Encontro Sindical em Florianópolis, em setembro de 1999, a partir de uma ação impulsionada de fora para dentro da CUT pelas mãos da central sindical Internacional de Serviços Públicos (ISP). Na ocasião, a relação sindicalismo e política se entrelaçou, e estiveram em pauta temas como: Lei de Responsabilidade Fiscal, Educação, Reforma da Previdência, Reforma Administrativa e, de maneira geral, o combate ao projeto neoliberal na América Latina. Desta forma, a CONFETAM pretendia marcar a sua posição de oposição ao governo FHC e, principalmente, a proposta de pacto federativo que, na visão dessa entidade sindical, era marcada por forte centralização fiscal e repasse de prestação de serviços aos já combalidos orçamentos da maior parte dos estados e municípios, com concessão de vantagens aos redutos eleitorais apoiadores de FHC (CONFETAM, 1999).

A inauguração oficial das atividades da CONFETAM– CUT, portanto, ocorre em junho de 2000, com a realização de seu 1º Congresso, no município de Corumbá de Goiás – MG (CUT, 2002). Desde então, na mesma linha da CUT, vem desenvolvendo ações que se direcionam a intervir nos espaços da produção e cidadania (SANTOS, 2001), sendo exemplos disso: Campanha Salarial Unificada dos Servidores Municipais, lutas pelo cumprimento do direito constitucional ao Salário Mínimo, Piso Nacional do Magistério e pelo Piso dos Agentes de Saúde e Endemias; além da participação em espaços tripartites, tais como Conferências de Saúde, Assistência Social, Comunicação, Educação, Mesa do Sistema Único de Saúde (SUS) e do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) etc.

Considerando o período de conformação dessa Confederação (meados dos anos de 1990) até os dias atuais, assim como a CUT, essa entidade sindical tende a adotar uma postura menos conflitiva ou confrontacionista em relação aos empresários e governos (RODRIGUES, 1995; OLIVEIRA, 2002). Em suma, tendo como baliza a inserção do conceito de sindicato cidadão, procurou seguir o padrão de ação sindical vigente a partir da década de 1990,

privilegiando a negociação, sendo a Articulação Sindical (grupo político majoritário) o principal propagador desse tipo de ação sindical marcada pela resistência propositiva e disputa de hegemonia na sociedade (CARVALHO, 2013). Essa estratégia foi alargada, principalmente, no período dos governos do PT (2003-16), por meio da participação na governança pública e das amplas relações com a sociedade civil, realidade que veio a reforçar a luta pela ampliação de direitos para além do espaço da produção (CARVALHO, 2013; ANTUNES; SILVA, 2015; LADOSKY; RODRIGUES, 2018; KREIN; DIAS, 2018; CARVALHO; COSTA, 2019; RODRIGUES *et al.*, 2019).

Em 2021, ao obter o registro sindical, essa confederação passou a designar-se Confederação Nacional dos Trabalhadores Municipais (CONATRAM-CUT). Aliás, essa aprovação ocorreu em um congresso totalmente *online*, já no contexto da pandemia, momento em que as tecnologias de comunicação digital e as mídias sociais se apresentavam como uma oportunidade de renovação sindical, de transformação de engajamento *online* em mobilização *offline* (CARNEIRO; COSTA, 2020). Vimos, contudo, que o congresso manteve regras de participação muito similares às regras de seu formato tradicional (presencial). Participaram, por exemplo, somente as entidades sindicais sem débitos financeiros. Essa dinâmica privilegiou o eixo economicamente mais desenvolvido e, consequentemente, com maior peso político na entidade. Vale dizer que, de um total de 290 dirigentes participantes, aproximadamente 60% dos delegados (com poder de voto) eram de São Paulo, seguido por Santa Catarina, ou seja, apesar de nacional, as instâncias de poder foram majoritariamente preenchidas por trabalhadores dos grandes municípios do Sudeste e do Sul do país.

Na ocasião, foi aprovado um novo estatuto com a proposta de representar "todos os trabalhadores nos serviços públicos municipais independentemente do regime jurídico, contratados pela Administração Pública Direta, Indireta e Câmara Municipal" (CONATRAM, 2021a, p. 1). A nosso ver, a resolução aprovada correspondeu a uma tentativa de responder às mudanças em curso nas relações de trabalho no setor público e que, à

época, sob o risco da aprovação de uma reforma administrativa[7] (PEC 32/2020), poderia implicar em propostas voltadas à alteração de direitos já consagrados para os atuais servidores, como, por exemplo, a flexibilização da estabilidade, consequentemente, dificultando as greves e diminuindo o poder de barganha dos sindicatos nas negociações coletivas.

Além disso, ao estipular vínculos de contratação de caráter precário e reduzir as equipes da administração pública, eventualmente, a aprovação de uma reforma administrativa trará prejuízos para os Regimes Próprios de Previdência Social e problemas típicos do setor privado, notadamente, a rotatividade (DIEESE, 2020, 2021). Uma vez que os servidores públicos sejam expostos a maior insegurança, estando à mercê das chefias e dos governos que os contratam, dificultam-se o combate à corrupção e a permanência de um corpo burocrático, técnico e profissional, composto por trabalhadores essenciais para o Estado levar a cabo suas políticas públicas de desenvolvimento sustentável, com redução das desigualdades (BRAUNERT *et al.*, 2021).

Vale destacar que, em 2022, fatores como a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) ao cargo de presidente da república e a contínua pressão das representações sindicais contra a reforma administrativa contribuíram para o não andamento da proposta no Congresso Nacional. Entretanto, esse é um debate que deve permanecer na pauta em razão da recente decisão do Supremo Tribunal Federal, que deliberou pelo fim da obrigatoriedade do Regime Jurídico Único para contratação de servidores públicos. Em síntese, com a decisão, a União, os estados e os municípios passam a ter a liberdade de contratar os futuros servidores públicos fora do regime estatutário. Um dos impactos, além da insegurança jurídica, é a quebra de isonomia entre as pessoas que desempenham as mesmas atividades para o estado e o risco à estabilidade (LBS, 2024). Como se vê, no horizonte do sindicalismo ligado ao setor público, o que se avizinha é o aprofundamento da crise sindical, cujas consequências sobre o poder associativo desses sindicatos (tradicionalmente

[7] A PEC 38/2025, apresentada em 2025, retoma os elementos contidos na PEC 32/2020. Para uma atualização dessa discussão, ver: www.dieese.org.br/notatecnica/2025/notaTec288reformaAdm.html. Acesso em: 4 fev. 26.

mais fortes) e as dimensões da sua representatividade[8] ainda são difíceis de se prever.

Por enquanto, apresentamos alguns resultados que se referem ao *survey online* Pesquisa Base Sindical – CONFETAM/CONATRAM CUT, realizada entre 29 de março e 20 de maio de 2021, contando com a participação de 215 delegados sindicais (de um universo de 842, ou seja, uma taxa de participação de 26%), residentes em 21 Unidades da Federação. Na análise, privilegiamos revelar a percepção dos delegados da CUT sobre as categorias ocupacionais e vínculos de trabalho dos servidores que representam, as transformações percebidas em seu trabalho no setor público, a importância atribuída ao sindicato e às ações que devem privilegiar, considerando a eleição de uma nova gestão nessa Confederação, compreendendo o período 2021-25.

O método de coleta envolveu o disparo de *link* para *e-mail* e *whatsapp* dos delegados sindicais, com reforços semanais, realizados pela assessoria técnica da Confederação, sobre a importância da participação na pesquisa. O instrumento da pesquisa consistiu em um questionário com um total de 11 questões objetivas: sendo 3 questões com resposta única, fechada; 4 questões com respostas múltiplas, fechadas; e 4 questões com respostas múltiplas e uma opção aberta, na categoria "outros". Neste artigo, privilegiamos a análise dos dados de 6 questões. Duas sobre a estrutura organizacional do sindicato (Atividade e Vínculo dos trabalhadores representados pela CONFETAM/CONATRAM); outra sobre o grau de participação ou ativismo sindical (Participação dos Jovens); duas sobre as consequências e ações voltadas a conter os efeitos da Reforma Trabalhista; e uma última sobre ações adotadas para manter a comunicação e atividade sindical durante a pandemia.

Dado o limite amostral de nossa pesquisa (215 casos), parte dos resultados foi analisada em diálogo com os dados sobre servidores públicos municipais, contidos nos Relatórios Anuais de Informações Sociais, do

[8] Para Costa e Rego (2021), a compreensão da representatividade passa por analisar a espessura da sua definição, o processo da sua medição, o (necessário) alargamento do seu âmbito e pela identificação de possíveis implicações decorrentes da falta de representatividade.

Ministério do Trabalho e do Emprego (RAIS, MTE), dos Registros de Delegados dos Congressos da CUT, do período 2010 e 2019, e da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios, Contínua, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PnadC, IBGE).

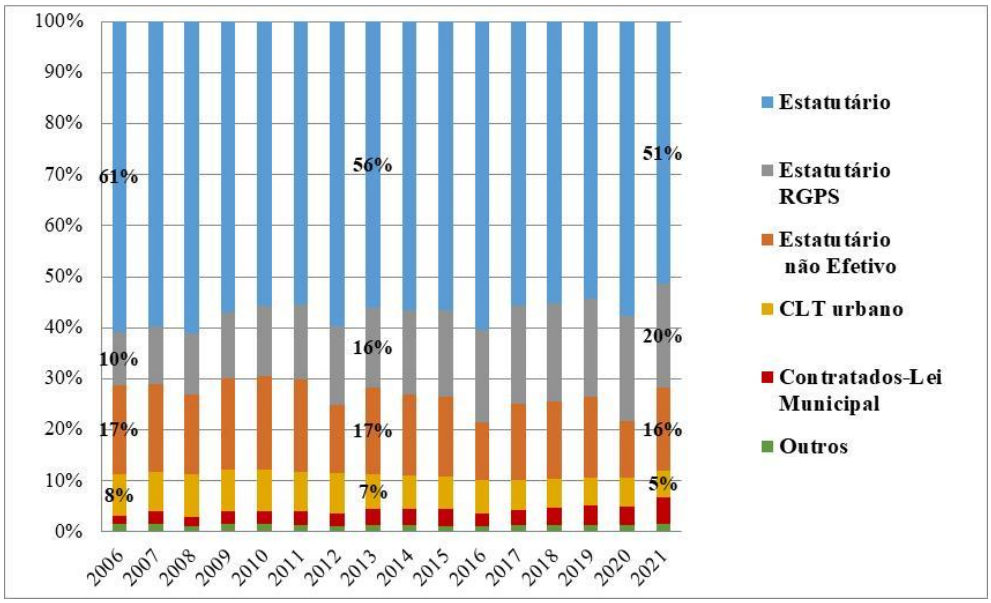
O perfil do setor público municipal

Antes de avançarmos na análise dos dados do *survey* com delegados da CONFETAM/CONATRAM CUT, destacaremos algumas informações sobre a dimensão e características do funcionalismo público no país. Tomando como ponto de partida os dados dos registros administrativos da RAIS (MTE) – devido a sua periodicidade anual, cobertura nacional e por se aproximar de um verdadeiro censo do mercado de trabalho formal brasileiro –, notamos que, no ano de 2021, mesmo ano em que foi realizado o *survey* da CONFETAM/CONATRAM, os servidores públicos municipais da divisão "Administração Pública, Defesa e Seguridade Social" da Classificação Nacional de Atividades (CNAE 2.0) representavam cerca de 5,6 milhões de vínculos de trabalho ativos na RAIS, dentre os quais 2,9 milhões eram estatutários (51%)[9].

O vínculo Estatutário, portanto, continuava predominante entre os servidores municipais. Contudo, ao se observar o tipo de vínculo de trabalho em um intervalo de tempo mais longo, de 2006 a 2021, nota-se um crescimento dos Estatutários regidos pelo Regime Geral de Previdência Social, os quais já não possuem os mesmos benefícios previdenciários dos "antigos" Estatutários regidos por Regime próprio de Previdência. Estes "novos" Estatutários, que possuem o mesmo piso e o teto de aposentadoria dos trabalhadores do setor privado, passaram de 10% para 20% dos vínculos dos servidores municipais em 2021.

[9] A seleção de vínculos de trabalho ativos na RAIS de 2021 seguiu os seguintes procedimentos: a. Vínculo Ativo em 31/12/21 = Sim; b. Natureza Jurídica Especial do Estabelecimento = Setor Público Municipal; c. Divisão da CNAE 2.0 = Administração Pública, Defesa e Seguridade Social. Os acesso às bases de dados do Ministério do Trabalho e do Emprego está disponível no link https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/assuntos/estatisticas-trabalho/acesso-online. Acesso em 24 out. 2024.

GRÁFICO 1 - TIPO DE VÍNCULO DOS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS MUNICIPAIS, BRASIL (2006-2021)



Fonte: BRASIL, Ministério do Trabalho e Emprego, Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS-Vínculos). Anos selecionados. Elaboração própria.

Essa maior diversidade e dualidade de estatuto verificada entre os funcionários públicos nos registros do Ministério do Trabalho e do Emprego serviram tanto como estímulo quanto ponto de partida para a análise dos resultados no *survey* setorial com o foco no tipo de trabalhador representado pelos sindicatos da CONFETAM/CONATRAM. Ao indagarmos aos delegados sindicais sobre a composição social de seus sindicatos, quase a totalidade (94%) indicou representar principalmente os trabalhadores Estatutários Permanentes (sob Regime Próprio ou Regime Geral de Previdência Social); 46% indicaram representar também os Estatutários Temporários; 8% os Celetistas; 6% Outros e 3% Sem Respostas (CONFETAM, 2021 *apud* BICEV, 2021).

Cerca de metade dos sindicatos, portanto, ainda conta com um número reduzido de filiados submetidos aos contratos temporários ou em contratos de trabalho, mais comumente encontrados no setor privado (como o CLT, PJs, MEIs, além dos informais). Com o objetivo de ampliar o escopo da base sindical, seja em relação ao setor, seja em relação ao tipo de contrato e à esfera de atuação política, no ano de 2021, o ramo municipal da CUT aprovou uma mudança em seu estatuto que permite à CONFETAM/CONATRAM representar diferentes categorias (trabalhadores em saúde, educação, administração pública em geral etc.), independentemente de

regime jurídico ou local de atuação: Administração Pública Direta, Indireta e Câmara Municipal (CONATRAM, 2021).

De acordo com os dados do *survey*, essa mudança corresponde a uma prática já existente nos sindicatos da CONFETAM/CONATRAM que tende a favorecê-la no universo sindical da CUT. Nesse sentido, de um total de 215 delegados que participaram da pesquisa, 81% eram parte de sindicatos que representavam mais de uma categoria ocupacional de trabalhadores, sendo que, em média, os sindicatos representavam 5,4 categorias. Assim, a tabela 1 nos indica que os trabalhadores da área da Educação (17% das menções), ao lado da Saúde e Administração Pública (ambas com 16%), eram os principais grupos de atuação da CONFETAM/CONATRAM. Em seguida, havia um segundo grupo composto por trabalhadores das áreas de Assistência Social e Limpeza Urbana (com 12% e 11%, respectivamente), que se completava pelo menor número de menções às áreas de Pavimentação de Vias e Zeladoria; Segurança Pública e Seguridade Social (entre 8% e 6% de menções).

TABELA 1 – ATIVIDADES DO SETOR PÚBLICO MUNICIPAL EM QUE SEU SINDICATO ATUA (RESPOSTA MÚLTIPLA)

Atividades	N	%
Educação	193	17%
Saúde pública	180	16%
Administração pública	177	16%
Assistência Social	140	12%
Limpeza Urbana	126	11%
Pavimentação de vias e zeladoria	90	8%
Segurança pública	89	8%
Seguridade social	69	6%
Outros serviços	75	7%
Sem resposta	1	0%
Total	1.140	100%

Fonte: CONFETAM-CUT, Pesquisa Base Sindical, 2021. Elaboração própria

Se, por um lado, portanto, o poder associativo da CONFETAM pode estar limitado, devido à sua dificuldade em representar os servidores municipais celetistas e temporários, por outro, seu poder societal (no sentido de influenciar o debate público) e estrutural (devido ao impacto que uma greve,

por exemplo, pode provocar nos serviços públicos) se fortalece em razão dessa agregação de interesses e diversidade ocupacional dos trabalhadores de sua base sindical (COSTA *et al.*, 2020)

A Tabela 2 mostra os dados das últimas quatro pesquisas realizadas em congressos da CUT. As confederações do setor público representavam, em seu conjunto, mais de 40% dos delegados participantes dos congressos, os quais, em um período de uma década, aumentaram sua participação em 4,3 pontos percentuais, chegando a representar 47% dos delegados com direito a voto em 2019 (CUT, 2020).

TABELA 2 – RAMO SETORIAL DOS DELEGADOS PRESENTES NOS CONGRESSOS DA CUT

Ramo Setorial	10º Concut (2009)	11º Concut (2012)	12º Concut (2015)	13º Concut (2019)
Educação (CNTE)	25,2	26,5	30,3	29,9
Administração Pública (CONDSEF)	8,1	7,2	6,4	7,0
Seguridade Social (CNTSS)	5,1	4,8	6,0	5,5
Municipal (CONFETAM)	4,2	4,7	5,7	4,5
Total	42,6	43,2	48,4	46,9

Fonte: CUT (2010a, 2013, 2016, 2020). Elaboração própria.

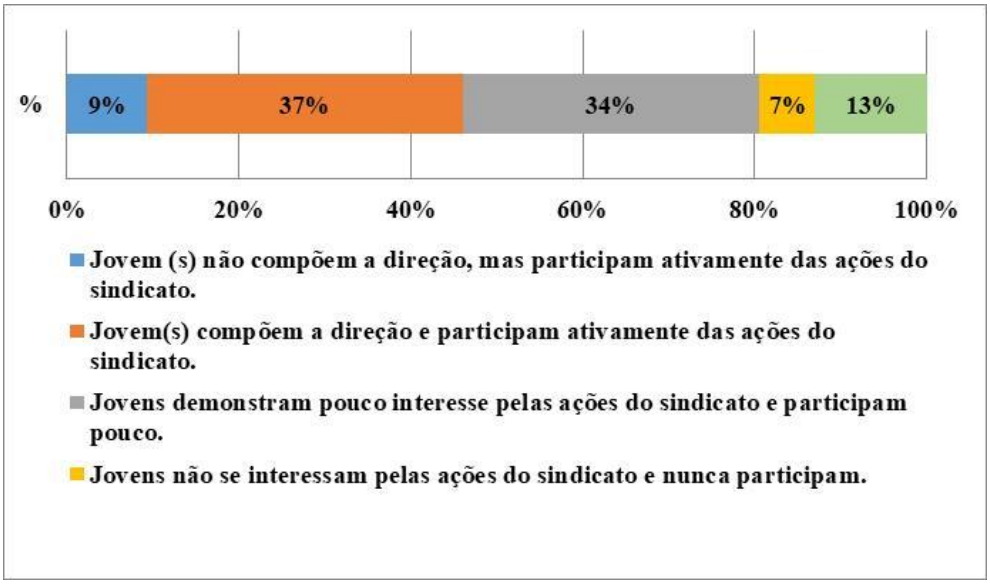
Esses números podem ser traduzidos em poder político, pois juntamente com o ramo metalúrgico e bancário, o setor público, mais especificamente o ramo da educação, tem tido um papel decisivo em situações de conflito e nas disputas por cargos decisórios, por exemplo, envolvendo a composição das Direções Executivas da CUT (CARVALHO, 2013). Parte da explicação do peso significativo do ramo Educação no interior da CUT passa pelo volume elevado de trabalhadores de sua base, o que está relacionado ao fato de ter conseguido avançar com sindicatos cuja representação é de base estadual, com um percentual de sindicalização de aproximadamente 50% (CUT, 2017). Isso lhe confere maior recurso de poder associativo e institucional (COSTA *et al.*, 2020), no caso em tela, contribuindo para

fortalecer a sua capacidade de recrutar novos membros e influenciar nas políticas públicas em educação.

Já em relação à CONFETAM/CONATRAM, notamos uma maior dificuldade em traduzir volume de filiados em poder político, pois, de um total de 853 sindicatos filiados, apenas 34% tinham registro sindical ativo em 2017. Esse resultado indica que, durante muito tempo, predominou no sindicalismo do setor público municipal uma cultura em que a questão do registro e os ajustes às exigências da estrutura oficial não estavam no centro da agenda (CARVALHO; COSTA, 2019). Isso afetou negativamente os recursos financeiros dos sindicatos dos servidores municipais, o que reduz a capacidade de reforço dos seus poderes institucional, associativo e societal (COSTA *et al.*, 2020).

Quanto à participação da juventude – isto é, membros do sindicato de até 35 anos – nas atividades sindicais, a pesquisa setorial da CONFETAM/CONATRAM (2021) indicou que 37% dos jovens compõem a direção e participam ativamente dos sindicatos; outros 9% disseram participar, sem compor a direção. Os percentuais de pouco interesse e inexistência de participação, contudo, são também elevados e, somados, alcançam 41% das respostas. Outros 13% recusaram-se a responder à questão (BICEV, 2021), conforme mostra o gráfico 2.

GRÁFICO 2 – PERCENTUAL DE JOVENS QUE COMPÕEM E PARTICIPAM DA DIREÇÃO



Fonte: CONFETAM-CUT, Pesquisa Base Sindical, 2021 *apud* BICEV, 2021, p. 16.

O desinteresse e a ausência de participação dos jovens, principalmente nas direções do sindicato, é um dos maiores desafios de renovação sindical. Aliás, essa é uma questão atinente à totalidade do sindicalismo ligado a CUT. De acordo com os registros de delegados dos últimos Congressos da central (CONCUT), enquanto o grupo de 55 a 64 anos cresce de forma contínua desde o 10º Congresso (CARVALHO, 2014), saltando de 15% em 2009 para 25,6% em 2019, a presença de jovens (até 35 anos) continua diminuindo, passando de 17,2% em 2009 para 9,5% em 2019 (CARVALHO; BICEV, 2021).

Quanto aos desafios atuais, sentidos após a reforma trabalhista, 64% dos delegados da CONFETAM/CONATRAM indicaram a perda de receita financeira. Outros 60% indicaram a dificuldade em mobilizar a base sindical no momento das campanhas salariais e de negociação coletiva. A mobilização de sócios é algo que preocupa 53% dos respondentes, seguida do aumento das contratações flexíveis, cerca de 50% dos delegados. Outros problemas, como a perda de filiados, aumento dos trabalhadores informais e alterações nas relações de trabalho, foram menos mencionados pelos delegados, variando entre 33% e 28% das respostas (gráfico 3).

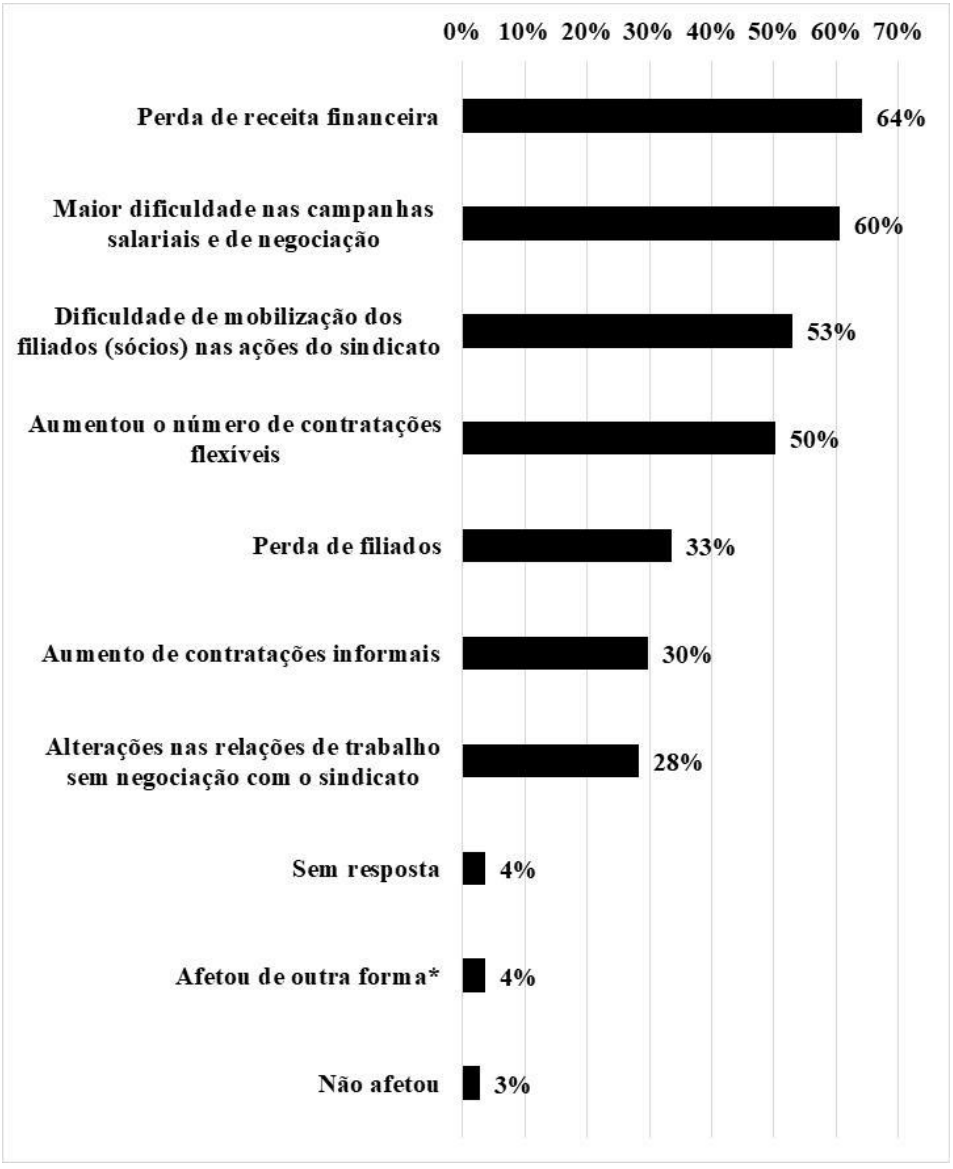
Esses resultados relacionam-se tanto com os efeitos da extensão do imposto sindical aos sindicatos do setor público (prática que perdurou entre 2008 e 2017) quanto com a própria dependência do imposto sindical, que era repassado pela CUT ao ramo municipal (confederação) com o pretenso objetivo de potencializar a representatividade desse segmento frente à concorrência com as demais centrais sindicais (CUT, 2010b). Vale ressaltar, entretanto, que a perda de receita após a reforma trabalhista atingiu todo o universo sindical brasileiro, e, na CUT (em seus ramos e estaduais), não foi diferente.

Com o fim da obrigatoriedade do imposto, quando se compara a contribuição sindical arrecadada do mês de abril de 2018 à de abril de 2017, verifica-se uma queda da ordem de 90% nos valores repassados às centrais. Entre elas, a CUT[10] foi a que registrou a maior redução da receita (queda de

[10] Em 2017, a CUT arrecadou 62,2 milhões e, em 2018, 3,4 milhões. Fonte: https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/10/17/reforma-sindical-e-debate-fora-de-hora-afirma-presidente-da-cut.ghtml. Acesso em: 17 out. 2019.

94%), e a CSB, a menor (queda de 85%)" (DIEESE, 2018). Isso se refletiu na preocupação dos delegados presentes no 13º CONCUT. Na ocasião, 70% dos delegados indicaram a perda de receita como o principal impacto da reforma trabalhista (CUT, 2020). Como se vê, a CUT e os seus sindicatos se confrontaram com um problema, já alertado por Carvalho e Costa (2019), que está associado ao uso do imposto para ampliação e manutenção da sua estrutura, sem o necessário aumento da representatividade sindical pela base.

GRÁFICO 3 – AS CINCO MAIORES DIFICULDADES ENFRENTADAS APÓS A REFORMA TRABALHISTA (RESPOSTA MÚLTIPLA)



Fonte: CONFETAM-CUT, Pesquisa Base Sindical, 2021 *apud* BICEV, 2021, p. 19.

Em relação aos demais desafios enfrentados pela CONFETAM/CONATRAM (desde as dificuldades de negociação coletiva até as alterações nas relações de trabalho), entendemos que estes refletem um momento de crise fiscal dos Estados e de correlação de forças adversa ao sindicalismo, em especial do sindicalismo dos servidores públicos. Este segmento foi fragilizado pelo avanço das contratações temporárias e da terceirização e pela política de Teto de Gastos de 2016, que impôs limites às despesas públicas.

Em 2021, o congresso da CONFETAM/CONATRAM aprovou as seguintes pautas: construir uma luta nacional pela não criminalização dos movimentos sociais, rechaçar as ações coletivas dos empregadores contra a classe trabalhadora, derrotar a Reforma Administrativa – PEC 32/2020, lutar contra a privatização de serviços essenciais, pela regulamentação da Convenção 151 da OIT e incluir as cláusulas de gênero nas mesas de negociações para ampliar a presença das mulheres nesses espaços (CONATRAM, 2021b). O êxito dessa agenda, contudo, depende, em grande parte, da capacidade de junção dos sindicatos do setor público com as bases sindicais mais dinâmicas e mobilizadas na ação coletiva (indústria e sistema bancário), os quais também se encontram fragilizados, sofrendo por décadas com o desemprego tecnológico, ampliação da contratação de PJs e dos trabalhadores informais.

Para lidar, assim, com esse contexto adverso aos servidores municipais e aproximar os sindicalistas de sua base de trabalhadores, as ações mais citadas pelos delegados da CONFETAM/CONATRAM foram: 1º) campanha de sindicalização (61%), 2º) organização de greves e assessoria jurídica (ambas com 60%), 3º) reforço das campanhas salariais e instauração de mesas de negociação permanente (58%), 4º) participação em espaços institucionais debatendo as políticas públicas no município (52%) e 5º) uso da tecnologia como forma de acessar novos públicos e divulgar ações (44%) (CONFETAM, 2021 *apud* BICEV, 2021).

A ação mais mencionada, ou seja, as campanhas de sindicalização, tem como suas principais motivações ou justificativa aumentar as fontes de receitas dos seus sindicatos através das contribuições voluntárias dos

trabalhadores, visto que, após a reforma trabalhista, a CUT interrompeu os repasses anuais de recursos ao ramo municipal. Ainda que a reaproximação das bases consista em uma inquietação do sindicalismo em geral, no caso do setor público, ela é ainda maior, pois, conforme o relatório da PNAD-Contínua do IBGE, de 2019, naquele ano, pela primeira vez desde o início da série histórica, a taxa de sindicalização entre os trabalhadores do agrupamento composto por Administração pública, defesa, seguridade, educação e saúde humana (que representa 17,4% da população ocupada) esteve abaixo do grupo Agricultura, Pecuária e Produção Florestal, com uma queda na taxa de sindicalização de 22,0% em 2018 para 18,4% em 2019. Os trabalhadores do setor público deixaram de ser, assim, a categoria proporcionalmente mais sindicalizada dentre os ocupados[11].

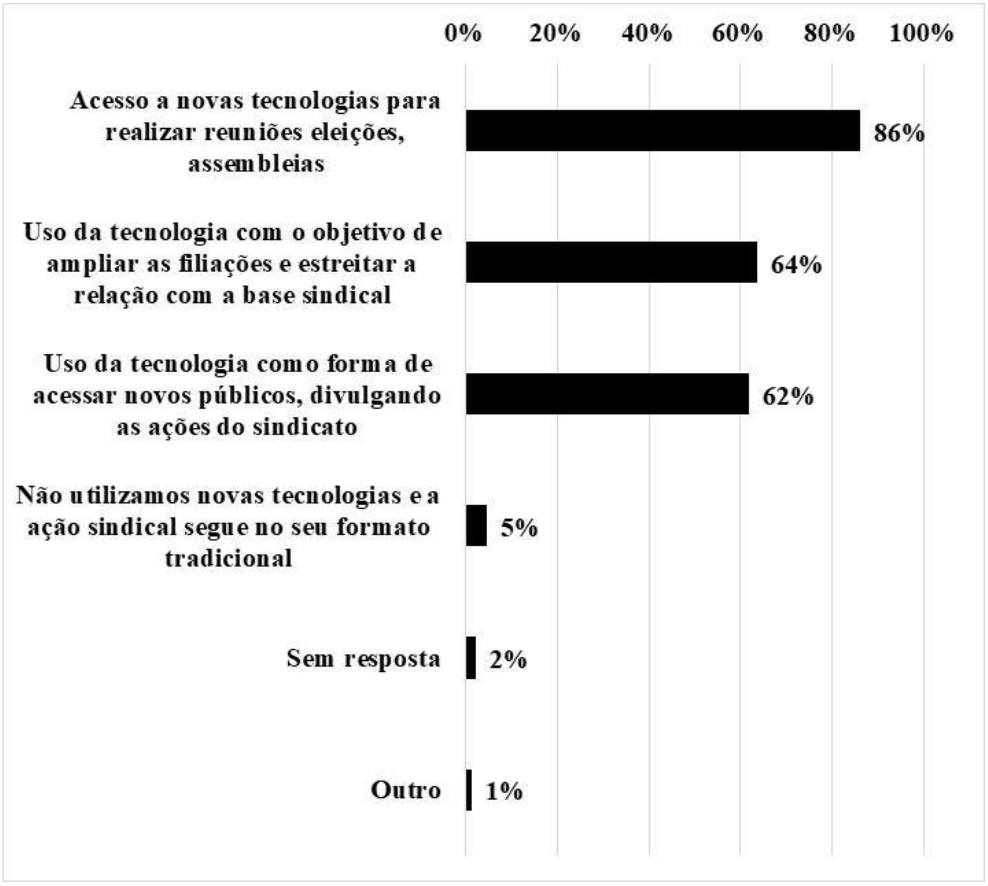
Outras ações tradicionais, como as greves, apoio jurídico e reforço às campanhas salariais, comuns em outros setores do sindicalismo, envolvem desafios e dilemas adicionais aos servidores públicos municipais, pois a interrupção de suas atividades muitas vezes pode implicar na paralisação de serviços e atividades essenciais à população. Por isso, estudar o momento e apresentar um discurso político coerente e bem estruturado é tão importante quanto a greve em si, pois o sucesso do movimento depende da conquista da opinião pública (ou de grande parte dela) e da pressão ou desgaste político gerado sob os representantes do poder público.

A comunicação *online*, a produção de conteúdo digital e seu compartilhamento nas redes sociais já são hoje fundamentais para o combate à desinformação e tendem a se tornar uma estratégia de mobilização cada mais empregada pelos movimentos sociais. Grande parte dessas tecnologias tiveram o seu uso disseminado na vida social durante a pandemia de Covid-19. Conforme mostra o gráfico 4, 86% dos delegados indicaram o uso de tecnologias (como o Meet, Zoom, Teams etc.) para a realização de reuniões e assembleias no período, ou seja, ações rotineiras no cotidiano de um sindicato. Outros 64% recorreram à tecnologia na tentativa de aumentar a

[11] Ao somar os trabalhadores de Administração Pública, Defesa e Seguridade Social e de Educação, Saúde e Serviços Sociais, sem fazer o recorte por posição na ocupação ou tipo de vínculo, o IBGE junta trabalhadores do setor público e privado.

filiação sindical, percentual este próximo dos 62% que buscaram disseminar conteúdo e atingir novos públicos. Desse modo, apenas 5% dos delegados se mostraram refratários às dinâmicas *online* (BICEV, 2021).

GRÁFICO 4 - TRÊS AÇÕES ADOTADAS PARA MANTER A COMUNICAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 (RESPOSTA MÚLTIPLA)



Fonte: CONFETAM-CUT, Pesquisa Base Sindical, 2021 *apud* BICEV, 2021, p. 22.

Estes resultados indicam que os sindicatos do ramo municipal têm buscado se apropriar também dos recursos digitais. Contudo, recomenda-se cautela na interpretação dos resultados, pois, conforme citado na seção 2 deste artigo, as evidências existentes até agora revelam que a realização de um congresso nacional do Ramo Municipal totalmente *online*, por exemplo, não se mostrou capaz de superar as verticalidades porventura presentes na relação social desta entidade sindical com a sua base social.

Considerações finais

Os resultados apresentados neste artigo revelam que os sindicatos filiados à CONFETAM/CONATRAM reconhecem que seus filiados são quase que exclusivamente servidores públicos municipais estatutários (vinculados ao Regime Próprio ou Regime Geral de Previdência Social). Representar trabalhadores submetidos a outros regimes – como estatutários temporários, celetistas e comissionados – ainda é um desafio. À luz da literatura sobre os recursos de poder sindical (COSTA *et al.*, 2020), essa identificação dos sindicatos com o segmento mais estável e com mais direitos adquiridos do funcionalismo revela um limite de seu *poder associativo*, na medida em que a ampliação da filiação para as novas categorias de trabalhadores do serviço público municipal (como terceirizados e celetistas) ainda não repercutiu em uma alteração significativa na base de trabalhadores e nas representações (delegados sindicais) que participam de instâncias decisórias, como os congressos da entidade sindical.

A participação dos jovens, fundamental para os esforços de renovação sindical, mostrou-se dividida. Cerca de 46% dos jovens até 35 anos participam ativamente das atividades sindicais, mas outros 54% apresentaram baixo interesse ou se recusaram a responder à questão. Isso revela tanto outra faceta da fragilidade do *poder associativo* dos sindicatos quanto uma fragilidade de seu *poder societal*, pois relaciona-se às dificuldades das lideranças em aumentar a participação do público mais jovem, atrair novos sócios, adeptos de jornadas e regimes de trabalho mais flexíveis, mas que reconhecem a importância do sindicato para a conquista de aumentos salariais e ampliação dos benefícios. De maneira geral, a participação ocorre de modo pontual nos períodos de campanha salarial, sem se transformar em um engajamento contínuo.

Há uma forte tendência dos delegados sindicais a valorizar as greves, a assistência jurídica e as campanhas salariais dos servidores públicos como momentos que geram uma solidariedade e uma maior aproximação entre lideranças e base de trabalhadores. Dada a posição estratégica que muitos dos servidores municipais possuem no funcionamento dos serviços públicos – ou seja, o seu *poder estrutural* –, tais ações, quando bem trabalhadas e

socialmente construídas, podem, de fato, gerar ganhos salariais imediatos e ampliar o poder institucional dos sindicatos, seja no desenho, seja na transformação das políticas públicas. O inverso, contudo, é também verdadeiro, pois ausência de foco nas negociações ou greves duradouras podem se reverter em perda da legitimidade social dos sindicatos e do apoio da população afetada pela interrupção dos serviços.

Por fim, tanto em relação aos efeitos da Reforma Trabalhista de 2017 quanto aos desafios atuais do sindicalismo da CONFETAM/CONATRAM, emerge a questão da queda de arrecadação e a sobrevivência financeira dos sindicatos. Essa preocupação não é exclusiva dos servidores públicos municipais, mas considerando no horizonte a perspectiva de realização de uma reforma administrativa (PEC 38/2025), associada ao contexto de digitalização dos serviços públicos, crescimento de parcerias público-privadas, privatização de parques e outros espaços municipais etc., o número de servidores estatutários tende a diminuir, e isso pode dificultar a filiação de novos trabalhadores nesse segmento.

É, portanto, necessário um esforço de aproximação das categorias que representam os servidores públicos municipais. Nesse sentido, salientamos que é um desafio para a instituição sindical em questão alterar lógicas de reprodução do poder no seu interior e abrir-se de fato para processos de *renovação* que podem partir, por exemplo, pela feitura de composições políticas com a participação de jovens, mulheres, LGBTQIA+ etc., ou seja, trabalhadores que, independentemente da sua região, setor ou tipo de vínculo com as prefeituras, ainda apostam na ação sindical como meio para alcançar melhores relações de trabalho e construir uma sociedade mais justa.

Referências

ANTUNES, Ricardo. **O novo sindicalismo no Brasil**. Campinas: Pontes, 1995.

ANTUNES, Ricardo; SILVA, Jair Batista. Para onde foram os sindicatos? Do sindicalismo de confronto ao sindicalismo negocial. **Caderno CRH,** Salvador, v. 28, n. 75, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-49792015000300005. Acesso em: 20 set. 2024.

ARAUJO, Ariella S. **Mobilizar força histórica para moldar o futuro**: SMABC e Indústria 4.0 no setor automotivo brasileiro. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert (FES), set. 2020. Disponível em: https://library.fes.de/pdf-files/iez/16699.pdf. Acesso em: 7 fev. 2026.

ARRETCHE, Marta. **O processo de descentralização das políticas sociais no Brasil e seus determinantes**. Campinas. 1998. Tese (Doutorado em Ciência Política) –Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

BEHRENS, Martin; HAMANN, Kerstin; HURD, Richard W. Conceptualizing labour union revitalization. *In*: FREGE, C.; KELLY, J. (org.). **Varieties of unionism**: Strategies for union revitalization in a globalizing economy. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 11-29.

BERNACIAK, Magdalena; GUMBRELL-MCCORMICK, Rebecca; HYMAN, Richard. **European trade unionism**: from crisis to renewal? (report 133). Bruxelas: European Trade Union Institute, 2014. Disponível em: https://www.etui.org/publications/reports/european-trade-unionism-from-crisis-to-renewal. Acesso em: 20 set. 2024.

BICEV, Jonas T. **Panorama dos Servidores Municipais no Brasil e Pesquisa CONFETAM**. Comparação dos resultados das pesquisas amostrais, dos registros governamentais (BRASIL, MTE) e survey setorial (CONFETAM). Comunicação apresentada à equipe do projeto A Reforma Trabalhista e a Pandemia do Coronavírus – Covid 19: Impactos sobre a ação coletiva da CUT (Universidade Estadual de Londrina, Nº 12571), coord. CARVALHO, F. F. de, São Paulo, 22 de jun. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.5281/zenodo.18840974. Acesso em: 2 mar. 2026.

BRAUNERT, Mariana B.; BERNARDO, Kelen Aparecida da S.; BRIDI, Maria Aparecida da C. Impactos da reforma administrativa sobre as formas de contratação e a estabilidade no setor público. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, São Paulo, v. 26, n. 84, e-83056, 2021. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/cgpc/article/view/83056. Acesso em: 2 mar. 2026.

CARNEIRO, Bia; COSTA, Hermes Augusto. Digital unionism as a renewal strategy? Social media use by trade union confederations. **Journal of Industrial Relations**, v. 64, n. 1, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1177/0022185620979337. Acesso em: 20 set. 2024.

CARVALHO, Fernanda Forte de. **Os dilemas da CUT no início do século XXI**: rumo a uma nova institucionalização sindical? 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Coimbra, 2013. Disponível em: https://hdl.handle.net/10316/23932. Acesso em: 27 fev. 2026.

CARVALHO, Fernanda F. de. A CUT no início do século XXI: perfil dos dirigentes e desafios da ação sindical. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 2, n. 4, p. 135-158, 2014. Disponível em:

https://rbs.sbsociologia.com.br/rbs/article/view/122. Acesso em: 27 fev. 2026.

CARVALHO, Fernanda F. de; BICEV, Jonas T. CUT: Perfil dos dirigentes e resposta sindical frente à reforma trabalhista **Sociologias**, v. 23, n. 58, p. 268-294, 2021. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/110760. Acesso em: 27 fev. 2026.

CARVALHO, Fernanda F. de; COSTA, Hermes Augusto. A relação do sindicalismo CUT com o governo: dilemas e perspectivas (2003-2016). **Política & Trabalho**, v. 1, n. 49, p. 170-187, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/34995. Acesso em: 27 fev. 2026.

CONFETAM – Confederação dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal. **Resoluções do 1º Congresso Nacional dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal**. São Paulo: CONFETAM, 1999.

CONATRAM – CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NO SERVIÇO PÚBLICO MUNICIPAL. **Estatuto da Conatram/CUT**. Brasília: CONATRAM, 2021a.

CONATRAM – CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NO SERVIÇO PÚBLICO MUNICIPAL. **Resoluções do 2º Congresso da Conatram**. Brasília: CONATRAM, 2021b.

COSTA, Hermes Augusto; ESTANQUE, Elísio; FONSECA, Dora; SILVA, Manuel C. **Sindicais em debate**: desafios e oportunidades na Autoeuropa, TAP e PT/Altice. Coimbra: Almedina, 2020.

COSTA, Hermes Augusto; REGO, Raquel. (Re)pensar a representatividade no campo laboral. **Ensino Superior – SNESUP**, n. 72-73, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.26329/2021.72/73.3. Acesso em: 20 set. 2024.

CUT – CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES. **Resoluções do 2º CONCUT**. São Paulo: CUT, 1986. Disponível em: https://cedoc.cut.org.br/cedoc/resolucoes-de-congressos/115. Acesso em: 20 set. 2024.

CUT – CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES. **Panorama dos Ramos da CUT**. São Paulo: CUT, 2002. Disponível em: https://cedoc.cut.org.br/cedoc/livros-e-folhetos/497. Acesso em: 20 set. 2024.

CUT – Central Única dos Trabalhadores. **Resoluções do 9º CONCUT**. São Paulo: **CUT**, 2006. Disponível em: https://cedoc.cut.org.br/cedoc/resolucoes-de-congressos/122. Acesso em: 20 set. 2024.

CUT – CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES. **Quem são e o que pensam os Delegados do 10º CONCUT**. São Paulo: CUT, 2010a.

CUT – CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES. **Resoluções da Conferência Nacional de Finanças**. São Paulo: CUT, 2010b.

CUT – CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES. **Resoluções do 11º CONCUT**. São Paulo: CUT, 2012. Disponível em: https://cedoc.cut.org.br/cedoc/resolucoes-de-congressos/124. Acesso em: 20 set. 2024.

CUT – Central Única dos Trabalhadores. **Perfil dos Delegados e das Delegadas do 11º CONCUT**. São Paulo: CUT, 2013.

CUT – CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES. **Quem são e o que pensam os Delegados do 12º CONCUT**. São Paulo: CUT, 2016.

CUT – CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES. **Panorama dos ramos da CUT e estratégias de fortalecimento do projeto político organizativo**. Macrossetor Serviço Público. São Paulo: CUT, 2017.

CUT – CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES. **Resoluções do 13º CONCUT**. São Paulo: CUT, 2019.

Disponível em: https://cedoc.cut.org.br/cedoc/resolucoes-de-congressos/126. Acesso em: 20.09.2024.

CUT – CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES. Relatório da Pesquisa Perfil dos Delegados das Entidades Filiadas à CUT. *In*: CONCUT, 13., 2019, Praia Grande. **Anais** [...]. São Paulo: CUT, 2020.

CUT – CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES. 18 motivos para os brasileiros serem contra a privatização dos Correios. **CUT**, 6 ago. 2021. Disponível em: https://www.cut.org.br/noticias/18-motivos-para-os-brasileiros-serem-contra-a-privatizacao-dos-correios-fc74. Acesso em: 9 set. 2024.

DIEESE – DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **A Reforma Trabalhista e os impactos para as relações de trabalho no Brasil**. Nota Técnica n. 178. São Paulo: Dieese, 2017. Disponível em: https://www.dieese.org.br/notatecnica/2017/notaTec178reformaTrabalhista.html. Acesso em: 1 set. 2024.

DIEESE – DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **Subsídios para o debate sobre a questão do Financiamento Sindical**. Nota técnica nº 200. São Paulo: Dieese, 2018. Disponível em: https://www.dieese.org.br/notatecnica/2018/notaTec200financiamentoSindical/index.html?page=1. Acesso em: 1 set. 2024.

DIEESE – DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **Impactos da reforma administrativa sobre os atuais servidores públicos**. Nota técnica nº 247. São Paulo: Dieese, 2020. Disponível em: https://www.dieese.org.br/notatecnica/2020/notaTEc247reformaAdministrativa.pdf. Acesso em: 1 set. 2024.

DIEESE – DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **Os novos vínculos de contratação no serviço público propostos na PEC 32/2020**. Nota técnica nº 250. São Paulo: Dieese, 2021. Disponível em: https://www.dieese.org.br/notatecnica/2021/notaTec250reformaAdministrativa.html. Acesso em: 1 set. 2024.

FICHTER, Michael; LUDWIG, Carmen; SCHMALZ, Stefan; SCHULZ, Bastian; STEINFELDT, Hannah. **The transformation of organised labour**: mobilising power resources to confront 21st Century capitalism. Berlim: Friedrich-Ebert-Stiftung, 2018. Disponível em: https://collections.fes.de/publikationen/ident/fes/14589. Acesso em: 7 fev. 2026.

FREGE, Carola; KELLY, John (org.). **Varieties of unionism**: strategies for union revitalization in a globalizing economy. Oxford: Oxford University Press, 2004.

GALVÃO, Andreia; KREIN, José Dari; BIAVASCHI, Magda B.; TEIXEIRA, Marilane O. (org.). Dossiê reforma trabalhista. **Cesit/ie/Unicamp**, Campinas, 2017. Disponível em: https://www.cesit.net.br/dossie-reforma-trabalhista/. Acesso em: 20 set. 2024.

GINDIN, Julián. Sindicalismo dos trabalhadores em Educação: tendências políticas e organizacionais (1978-2011). **Educar em Revista**, Curitiba, n. 48, p. 75-92, abr./jun. 2013. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-40602013000200006. Acesso em: 7 fev. 2026.

KLOOSTERBOER, Dirk. **Estratégias sindicais inovadoras**. Lisboa: Instituto Ruben Rolo, 2008.

KORPI, Walter. **The democratic class struggle**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1983.

KREIN, José Dari. O desmonte dos direitos, as novas configurações do trabalho e o esvaziamento da ação coletiva: consequências da reforma trabalhista. **Tempo Social**, v. 30, n. 1, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.138082. Acesso em: 20 set. 2024.

KREIN, José Dari; DIAS, Hugo. The CUT's Experience during the Workers' Party Governments in Brazil (2003–2016). **Global Labour Journal**, v. 9, n. 2, 2018. Disponível em:

https://mulpress.mcmaster.ca/globallabour/issue/view/335. Acesso em: 20 set. 2024.
LADOSKY, Mario Henrique; RODRIGUES, Iram Jácome. A CUT e o sindicalismo brasileiro nos anos recentes: Limites e possibilidades. **Tempo Social**, v. 30, n. 1, p. 53-76, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.138079. Acesso em: 20 set. 2024.

LBS Advogadas e Advogados. STF decide pelo fim da obrigatoriedade do Regime Jurídico Único para contratação de servidores públicos. Nota técnica. Brasília, 6 nov. 2024. Disponível em: https://www.condsef.org.br/documentos/nota-nossa-assessoria-juridica-referente-adi-2-135. Acesso em: 10 mar. 2025.

NASCIMENTO, Claudio; RODRIGUES, Iram Jácome; SANTOS, João Marcelo P.; CASTRO, Maria Silvia P.; SILVA, Sandra O. C. **A geração que criou a CUT**: a história contada por quem a faz. São Paulo: Annablume, 2023.

NOGUEIRA, Arnaldo José. **A liberdade desfigurada**: a trajetória do sindicalismo no setor público brasileiro. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

OLIVEIRA, Carlindo; JÚNIOR, Fausto Augusto; COSTA, Luís Augusto. Sistema Brasileiro de Relações de Trabalho: das origens à reforma (anti) trabalhista de 2017 e seus primeiros impactos. *In*: RODRIGUES, I. J. (org.). **Trabalho e ação coletiva no Brasil**: contradições, impasses e perspectivas (1978-2018). São Paulo: Annablume, 2019.

OLIVEIRA, Roberto V. **Sindicalismo e democracia no Brasil**: atualizações – do Novo Sindicalismo ao Sindicato Cidadão. 2002. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

PINA, José Augusto; CASTRO, Hermano A.; ANDREAZZI, Maria de Fátima A. Sindicalismo, SUS e planos de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 855-864, set. 2006. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000300031. Acesso em: 7 fev. 2026.

RODRIGUES, Eduardo M.; SILVA, Gerardo Alberto; SILVA, Sidney Jard. 40 anos do novo sindicalismo no ABC Paulista: da lógica do confronto à lógica da rede. *In*: RODRIGUES, I. J. (org.). **Trabalho e ação coletiva no Brasil**: contradições, impasses e perspectivas (1978-2018). São Paulo: Annablume, 2019.

RODRIGUES, Iram Jácome. O sindicalismo brasileiro: da confrontação à cooperação conflitiva. **São Paulo em Perspectiva**, v. 9, n. 3, 1995. Disponível em: http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v09n03/v09n03_15.pdf. Acesso em: 20 set. 2024.

RODRIGUES, Leôncio M. **CUT**: os militantes e a ideologia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
RODRIGUES, Leôncio M. **Destino do Sindicalismo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
SANTOS, Boaventura de S. Os processos da globalização. *In*: SANTOS, B. S. (org.). **Globalização**: fatalidade ou utopia? Porto: Edições Afrontamento, 2001.

SILVA, Sidney Jard da. Companheiros servidores: o avanço do sindicalismo do setor público na CUT. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 46, p. 130-146, jun. 2001. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0102-69092001000200007. Acesso em: 7 fev. 2026.

SILVA, Sidney Jard da. Bancada sindical, política previdenciária e processo decisório no governo Dilma. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 33, n. 98, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1590/339810/2018. Acesso em: 7 fev. 2026.

SILVA, Thamires Cristina da. **Somos Governo!**: uma análise do sindicalismo brasileiro de 2003 a 2016. 2023. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.11606/T.8.2023.tde-22052023-152630. Acesso em: 7 fev. 2026.

SIMÃO, Azis. **Sindicato e Estado:** suas relações na formação do proletariado de São Paulo. São Paulo: Hucitec, 2012.
WEBER, Max. **Ensaios de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

Revista Novos Rumos Sociológicos | vol. 14 n. 25 | Jan/Jul/2026
Artigo recebido em 28-12-2025 | Aprovado em 08-06-2026
ISSN: 2318-1966

RESENHA

SOCIOLOGIA DA AÇÃO PÚBLICA TERRITORIAL

TEISSERENC, Maria José da Silva Aquino; TEISSERENC, Pierre. Sociologia da ação pública territorial. Belém: Editora UFPA, 2024.

Marlon Kauã Silva Cardoso[1]

A obra *Sociologia da ação pública territorial* consolida a expressiva trajetória acadêmica e a sinergia intelectual de seus autores, Pierre Teisserenc e Maria José da Silva Aquino Teisserenc, referências nos estudos sobre dinâmicas territoriais e ambientais. Pierre Teisserenc, Professor Emérito da Universidade Paris 13 – onde fundou o *Centre de Recherches sur l'Action Locale* – e Professor Visitante da Universidade Federal do Pará (UFPA), traz uma sólida formação construída sob a orientação de grandes nomes da sociologia francesa como Georges Balandier e Renaud Sainsaulieu (HDR), dedicando suas pesquisas às recomposições territoriais frente às crises produtivas, à descentralização e aos desafios políticos e institucionais do meio ambiente. Soma-se a essa perspectiva a *expertise* de Maria José da Silva Aquino Teisserenc, professora titular aposentada e integrante do quadro permanente da Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFPA. Com doutorado pela UFRJ, pós-doutorado pela *Université Paris 13* e ativa participação em redes como a ANPPAS e a SBS, ela aporta uma densa experiência em sociologia política voltada para a Amazônia. Juntos, os autores oferecem um olhar apurado e interinstitucional sobre como as políticas públicas, as unidades de conservação (como as RESEX) e a governança local moldam e ressignificam o território e o ambiente na contemporaneidade.

O livro surge de três experiências fundamentais: a primeira refere-se à atividade de ensino realizada por Pierre Teisserenc, há mais de duas décadas, no mestrado profissional da Universidade de Paris 13; a segunda, por sua vez,

[1] Professor na Seduc-PA e doutorando pelo PPGSA/UFPA. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2019-5119. E-mail: marlonka.mk@gmail.com.

vincula os dois pesquisadores em suas buscas pelo entendimento dos dilemas do desenvolvimento do território *vis-à-vis* a globalização; e, por fim, a necessidade de revisões e atualizações de conteúdo dos seminários conduzidos na França, à luz de reflexões e provocações realizadas em turmas de mestrado e doutorado no Brasil, especialmente no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, da Universidade Federal do Pará, onde são professores (Teisserenc; Teisserenc, 2024, pp. 17-19).

Para abordar as múltiplas questões envolvidas na elaboração do trabalho, *Sociologia da Ação Pública Territorial* é estruturado em doze capítulos. No capítulo 1, apresenta-se a ação pública local e o território em recomposição a partir de discussões e conceitos complementares. O território é entendido pelos autores como o espaço geográfico atravessado pelos desafios do desenvolvimento sustentável, econômico e ambiental, que coloca sob sua gestão a administração dos problemas locais (p. 41-71). A recomposição territorial, por outro lado, é o resultado do engajamento e acordo entre decisores locais na realização de um projeto para determinado território (p. 258).

No capítulo 2, os autores definem os conceitos sociológicos de ação pública e desenvolvimento local. As ações públicas territoriais, segundo o livro, são locais, na medida em que são produzidas pelos acordos estabelecidos entre os atores locais, as autoridades públicas eleitas e os parceiros; seu êxito depende da capacidade dos atores em responder às exigências do desenvolvimento local por meio da recomposição territorial (p. 71-73). O desenvolvimento local é compreendido pelos autores como um processo – não um modelo a ser seguido – que afeta o território, diversificando e enriquecendo suas atividades através da mobilização de seus recursos e permitindo, como resposta, a decomposição territorial produzida pela lógica capitalista, sua recomposição territorial (p. 82-93). Exemplos desses territórios de recomposição territorial, lembrados no capítulo 10 pelos autores, são as Reservas extrativistas, na Amazônia Brasileira, e as Entidades Intercomunais (os EPCI), na França (p. 351-365).

No capítulo 3, os autores realizam a discussão sobre o ator do desenvolvimento do território (p. 111-143). Este é visualizado como aquele que

consegue se engajar coletivamente, partilhando o desejo da participação que, como aludido no capítulo 6, busca atender as exigências do desenvolvimento sustentável e a inovação do redesenvolvimento dos territórios, mobilizando seus recursos patrimoniais e suas inovações (p. 203-241).

No capítulo 4, por outro lado, os autores discutem os espaços públicos e a ação coletiva, como a comuna Parthenay, na França, e o assentamento Santa Maria, na cidade Paranacity, no estado do Paraná, sul do Brasil (p. 143-165). Aliado a isso, nos capítulos 7, 11, 12 e 13, refletem sobre as formas de organização institucional, de organização da democracia local, de gestão e governanças territoriais.

Os autores possuem uma abordagem própria da criação institucional. Para eles, a criação institucional depende, assim como em uma empresa, fundamentalmente do surgimento de novos atores, com suas próprias lógicas, valores, identidades, bem como, de novas modalidades de cooperação entre eles para criar um novo sistema social (241-269). Por outro lado, a gestão do território através do projeto destaca-se, na discussão dos autores, por ser um processo de mudanças conduzido pela experimentação, pela inovação, e pela mobilização dos recursos e das competências dos atores em referência ao lugar (p. 390-393). Já o governo do novo território, como mencionado no livro, baseia-se na governança encadeada entre os polos sociais (atores engajados), os políticos (representantes eleitos) e os técnicos (parceiros, privados e públicos, prestadores de serviços) (p. 395-403).

No capítulo 5, os autores propõem-se a realizar uma discussão sobre as formas de mobilização que podem ser observadas em um contexto territorial e uma síntese das aquisições sociológicas em termos de engajamentos e mobilização dos atores (p. 165). Segundo os autores, a práxis marxista vinculada à luta de classes não resistiu a mudanças, na Europa, iniciadas em meados de 1970 e 1980 (p. 166). Os autores amparam-se nas teses de Alain Touraine, para afirmar que as classes sociais deram lugar ao engajamento do ator coletivo ou ator classes, que exprimem distintas maneiras de vida em sociedade (p. 168).

Levando em consideração esta discussão, os autores distinguem duas características fundamentais de mobilização do ator, presentes na França e

na Amazônia brasileira. Em primeiro lugar, os desafios e as discussões locais. Em segundo lugar, o fato de que as mobilizações nos territórios se relacionam com as respostas colocadas pelo desenvolvimento sustentável (p. 166- 174). A análise sociológica dos autores interpreta a mobilização dos atores na ação coletiva local como produto de novas maneiras de conceber as relações locais, chamadas de comunitárias, baseadas na dinâmica do desenvolvimento do território e nos efeitos de transformação no sistema local de atores. Essa análise sociológica entende a mobilização como resultado dos engajamentos, dos cálculos, das estratégias, das interações, e dos confrontos gestados nos espaços públicos (p. 183-187).

Do ponto de vista da literatura dos movimentos sociais, a sociologia da ação pública territorial de Teisserenc e Teisserenc (2021) e os estudos de ação coletiva de Silva e Oliveira (2019) e de Abers e Silva (2015) aproximam-se na superação da dicotomia entre Estado e sociedade civil. Ambas as perspectivas adotam uma abordagem relacional e interacionista, focando em como os atores locais e os movimentos sociais constroem a ação pública por meio de redes, conflitos e negociações diretas.

O capítulo 8, por sua vez, dialoga com essa discussão sobre a mobilização dos atores e é de fundamental importância para o entendimento da Amazônia brasileira sob influência da territorialização das ações públicas e do que o antropólogo José de Leite Lopes chama de ambientalização. No capítulo, os autores analisam as exigências do desenvolvimento sustentável – ambientalização – e seus efeitos no território, em contexto de relocalização das competências na Amazônia brasileira (p. 269-273). A discussão sobre a ambientalização é lembrada no livro como a grande transformação, aludida pelo Karl Polanyi, que inserta novas maneiras de controle do desenvolvimento das mudanças históricas pelo capital. Na Amazônia, porém, a ambientalização expressa-se no ambientalismo social manifesto na luta engajada dos atores, das populações tradicionais, pelos recursos naturais, pela terra, por novas práticas sociais e econômicas e por políticas públicas (p. 273-278).

Na Amazônia brasileira, segundo os autores, a ambientalização reflete-se em dimensões ambientais, sociais, econômicas, e, sobretudo, políticas, ao descentralizar para os atores, quilombolas, indígenas, populações sob

influência das rexes e seringueiros (que estão na origem do conceito de Unidades de Conservação) o agenciamento, entre pensamento e ação, dos recursos naturais (p. 278-282). Todavia, existe uma diferença, mencionada pelo livro, entre a ambientalização marrom, marcada pelas lutas salariais nas empresas ou em seus entornos urbanos, decorrentes de problemas ambientais como a poluição – e a ambientalização verde, cujas lutas socioambientais gravitam ao redor do território em oposição à expropriação e à exclusão de grupos sociais, como no caso das reservas extrativistas (p. 294-300).

O capítulo 9 trata da discussão realizada pelos autores sobre o reconhecimento de saberes locais em contexto da ambientalização, propostos na constituição de 1988 e regulamentados por outros textos legislativos, como o Sistema Nacional de Unidades de Conservação, que entrou em vigência nos anos 2000 (p. 301-305). Segundo os autores, antes de 1980, grande parte das agendas políticas dos movimentos sociais na Amazônia eram atravessadas pela gestão da terra. Posteriormente, por conta dos diversos modelos de desenvolvimento econômico erigidos por propostas desenvolvimentistas, a gestão ambiental se impõe, atravessada pelos dilemas territoriais e étnicos dos atores heterogêneos (associações locais, novos sindicatos, indígenas, quilombolas, cooperativas agroextrativistas, assentamentos sociais, organizações nacionais e internacionais, ONGs etc) (p. 305-309). Em diálogo com Edna Castro, Enrique Leff e Berno de Almeida, os autores colocam como desafio para o reconhecimento desses saberes locais a sua valorização como parte da relação dialética entre saberes e saber-fazeres, de modo imaterial, inscritos na cultura e no engajamento dos atores (p. 309-314).

Ademais, é proposta no livro uma forma original para se pensar as relações entre ser humano e natureza. Trata-se da complexificação da questão ambiental, tratando-a em articulação com as ciências naturais e as ciências sociais, com vistas a abranger as dimensões da física, da biologia, das tecnologias, da vida cotidiana e dos marcos simbólicos das populações tradicionais, para dar conta das crises climáticas e dos efeitos perversos do desenvolvimento sustentável (p. 314-321). Para os autores, essa forma complexa de tratar a questão ambiental, na verdade, produz um novo paradigma no qual a Resex é uma utopia (p. 321-322). Reservas Extrativistas

(RESEX) são Unidades de Conservação que protegem os meios de vida e a cultura de populações tradicionais (como ribeirinhos e seringueiros), cuja subsistência baseia-se no extrativismo sustentável e na agricultura de subsistência. Sob a regência de um contrato de concessão de uso, a terra permanece como bem público, aliando a preservação da biodiversidade à garantia do direito territorial e social dessas comunidades.

Nesse sentido, em que pese as dificuldades para a concertação, segundo os autores, as Resexs aparecem como instrumentos de políticas públicas, atravessadas por uma história singular, sendo laboratório vivo, em território, de um modo de desenvolvimento em sintonia com a ambientalização e com os saberes e os saber-fazeres das populações tradicionais. Sua utopia contesta a desigual estrutura fundiária do país, tendo "modificando também, com base em uma nova concepção da gestão dos recursos do território, as relações econômicas e sociais" (p. 324).

No mais, para os autores, em contexto de crises universalizadas no Brasil e na França, coloca-se o fato de que o funcionamento das instituições depende da atuação dos seus agentes na defesa das causas coletivas para produzir a ação pública e os serviços do interesse geral. Os autores, nesse sentido, à luz do impulso democrático experimentado no Brasil com a terceira gestão do presidente Luís Inácio Lula da Silva, terminam o livro fazendo o seguinte apelo: "que as instituições ganhem em eficiência, observando e agindo em sinergia pelos direitos sociais combinados às exigências ambientais e que os atores humanos e não humanos concernidos ganhem em legitimidade e consideração!" (p. 466).

A sociologia da ação pública territorial toca, conforme pensamos, na pedra angular da dominação burguesa no Brasil: o território. Essa dimensão da realidade concreta é inexistente em trabalhos clássicos sobre a burguesia brasileira, escritos por autores como Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Holanda, Nelson Werneck Sodré, Caio Prado Júnior, com exceção do seminal texto de Vitor Nunes Leal, intitulado "Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil".

Em conclusão, a sociologia da ação pública territorial de Teisserenc e Teisserenc (2024) demonstra que a disputa territorial constitui uma dimensão

central do domínio de classes no Brasil, conectando dialeticamente as práticas de poder local — historicamente clientelistas — a dinâmicas globais. No entanto, o limite teórico dessa abordagem reside no desafio de balancear o peso explicativo entre as estruturas macroeconômicas da luta de classes e a agência dos atores locais nas mediações com o Estado. Assim, o olhar para essa dimensão territorial abre possibilidades analíticas promissoras para investigações futuras, permitindo decodificar como as assimetrias de poder são materialmente reconfiguradas no espaço e de que maneira os arranjos locais de governança conseguem reter ou perder capacidade de resistência frente às pressões do capital global.

Referências

ABERS, Rebecca Neaera; SILVA, Marcelo Kunrath. **Movimentos sociais e políticas públicas:** repensando atores e oportunidades políticas. Lua Nova, São Paulo, n. 96, p. 15-46, 2015.

SILVA, Marcelo Kunrath; OLIVEIRA, Gerson de Lima. **Ação coletiva e políticas públicas:** uma abordagem relacional e pragmatista. Política & Sociedade, Florianópolis, v. 18, n. 41, p. 76-103, 2019.

TEISSERENC, Maria José da Silva Aquino; TEISSERENC, Pierre. **Sociologia da ação pública territorial.** Belém: Editora UFPA, 2024.